

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Filipe Queiroz de Campos**

**Bastidores da política externa brasileira (1930-1945).  
Getúlio Vargas e seus informantes**

Juiz de Fora

2023

**Filipe Queiroz de Campos**

**Bastidores da política externa brasileira (1930-1945). Getúlio Vargas e seus informantes**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: Política, Cultura e Poder.

**Aprovada em 17 de agosto de 2023.**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Luiz Ferreira - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Maria Ribeiro Viscardi  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Maria de Castro Gomes  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ismara Izepe de Souza  
Universidade Federal de São Paulo

**Juiz de Fora, 30/06/2023.**



Documento assinado eletronicamente por Jorge Luiz Ferreira, Usuário Externo, em 18/08/2023, às 13:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Ismara Izepe de Souza, Usuário Externo, em 21/08/2023, às 14:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Angela Maria de Castro Gomes, Usuário Externo, em 21/08/2023, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1346649 e o código CRC 86DD822C.

---

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Queiroz de Campos, Filipe.

Bastidores da política externa brasileira (1930-1945).: Getúlio Vargas e seus informantes / Filipe Queiroz de Campos. -- 2023. 325 p.

Orientador: Jorge Ferreira

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2023.

1. História do Brasil Republicano. 2. História das Relações Internacionais. 3. Getúlio Vargas. 4. política externa de Getúlio Vargas. 5. diplomacia de Vargas. I. Ferreira, Jorge, orient. II. Título.

Dedico este trabalho a todos que se deslumbram com o interesse humano por conhecer a si mesmo, bem como aos amores da minha vida: Noel, Simone e Vitor.

## AGRADECIMENTOS

Minha mãe Simone ensinou-me que ler o mundo era um ato de deslumbre. Ela me deixava datilografar na máquina do meu pai, que era corretor de imóveis, à época, e me incentivava a criar minhas próprias histórias. Logo cedo, este estímulo fez apaixonar-me pelo fato de que somos capazes de criar a nossa própria realidade brincando com nossa habilidade de acreditar naquilo que decidimos ser real.

Pelas palavras de meu pai, Noel, desde cedo, passei a valorizar o poder transformador das palavras e nossa vocação social como animais políticos. Meu pai, Noel, que, desde o nome, sempre foi um portador de presentes na minha vida, ensinou-me a observar, com estranheza, que o mundo humano respeita regras inventadas por nós mesmos e, com o passar do tempo, estas regras se naturalizam e passam a ser vistas como tão certas como o nascer do Sol. Assim, desde cedo, meu pai e minha mãe foram imensos incentivadores da minha curiosidade pela realidade que nós mesmos criamos. Agradeço a eles pela insaciável vontade de perguntar sobre tudo e sobre todos que jamais deixei de ter.

Agradeço ao meu irmão Vitor, que é meu irmão de alma e de sangue, meu companheiro de vida e meu mais próximo amigo. Sem nossas reflexões e seu ombro de gigante, eu jamais teria chegado até aqui.

Aos amigos do peito, Ivan Bilheiro, Jodenir e Thiago Chisnandes, agradeço pela paciência, amizade, reflexões, cervejas, vinhos, apoio moral e intelectual na incrível, árdua e valorosa jornada pela qual passa o doutorando. Sem os amigos, eu não teria conseguido costurar o ânimo, a coragem e o frescor à determinação e ao profissionalismo necessários ao pesquisador.

Agradeço a minha namorada, Marina da Silva Sodré, pela força, companheirismo, amor, compreensão e paciência em todos os momentos.

Agradeço ao meu orientador Jorge Ferreira, que, sempre muito gentil, inspirador e esclarecedor, guiou-me pelos caminhos da pesquisa histórica em um processo rico de aprendizagem do qual nunca mais esquecerei. Jorge auxiliou-me não apenas no processo de pesquisa, mas no aprendizado de habilidades e competências humanas essenciais para o posicionamento cuidadoso e proativo que um historiador e pesquisador precisa ter.

Agradeço a professora e eterna guia acadêmica Cláudia Maria Ribeiro Viscardi, quem me inspirou desde o segundo período de minha graduação, passando pelo processo de Iniciação Científica até o mestrado com suas palavras assertivas e demonstrações de afeto, profissionalismo e amizade. Cláudia foi fundamental para que eu me enveredasse em investigações que unem a História e as Relações Internacionais.

Agradeço ao professor Rodrigo Christofolletti, que, desde minha graduação e mestrado, orienta-me nos caminhos da reflexão acadêmica, sendo essencial para uma série de decisões que precisei tomar seja no processo de ida aos arquivos até a minha qualificação. Rodrigo sempre foi meio porto seguro para reflexões entre História e Relações Internacionais. Ao professor e amigo Rodrigo, minha gratidão!

Agradeço a professora Angela de Castro Gomes, que aceitou gentilmente compor a banca de defesa desta tese e que sempre esteve presente em toda a minha formação nas leituras e reflexões que fiz da graduação ao doutorado.

Agradeço a professora Ismara Izepe de Souza, que desde nosso encontro na ANPUH, proporcionou valiosas observações sobre meu trabalho, me encorajando e incentivando. Agradeço a professora por ter gentilmente aceitado participar da banca e continuar contribuindo com a minha caminhada.

Agradeço ao professor Fábio Koifman, que foi essencial em suas contribuições para que eu chegasse à defesa desse trabalho.

Por fim, agradeço a todo o Departamento de História que marcou indelevelmente toda a minha jornada rumo à pesquisa e à produção científica, agradeço ao apoio incontornável que a universidade pública, gratuita e de qualidade teve em minha vida, sendo a Universidade Federal de Juiz de Fora um grande diferencial na minha formação profissional. Logo, agradeço muitíssimo a todo o financiamento desta pesquisa feito pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

"O homem só pode ser compreendido a partir da História, pois só a História lhe confere a possibilidade de ser homem" (HEIDEGGER, 1950, p.23)



## **RESUMO**

A historiografia a respeito da política externa de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945, já explorou bastante a reconstrução cronológica de eventos, a diplomacia presidencial, as estratégias do presidente e a atuação de certos ministros das Relações Exteriores. O que esta tese vem fazer nesta seara é apresentar a atuação dos informantes de Vargas no processo de tomada de decisões quanto à política externa, identificando que Getúlio gestou e incentivou a atividade de atores mais próximos, inclusive sem qualquer ciência de seus ministros, construindo uma rede de informantes que foi essencial para suas decisões nos mais diversos contextos das relações internacionais. A investigação sobre esta rede de informantes, composta por jornalistas, diplomatas e políticos, lança novas interpretações sobre as relações políticas entre Vargas e seus ministros e sobre a própria política externa brasileira para o período.

Palavras-chave: Getúlio Vargas, diplomacia, política externa, relações internacionais, informantes.

## **ABSTRACT**

The historiography of Getúlio Vargas' foreign policy between 1930 and 1945 has already explored the chronological reconstruction of events, presidential diplomacy, the president's strategies and the actions of certain ministers of foreign affairs. What this thesis does in this area is to present the performance of Vargas's informants in the decision-making process regarding foreign policy, identifying that Getúlio managed and encouraged the activity of closer actors, even without any awareness of his ministers, building a network of informants that was essential for his decisions in the most diverse contexts of international relations. The investigation into this network of informants, made up of journalists, diplomats and politicians, sheds light on the political relations between Vargas and his ministers and on Brazilian foreign policy for the period.

Keywords: Getúlio Vargas, diplomacy, foreign policy, international relations, informants.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
CNC	Conselho Nacional do Café
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DNC	Departamento Nacional do Café
EUA	Estados Unidos da América
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FGV	Fundação Getúlio Vargas
Gestapo	<i>Geheime Staatspolizei</i>
GV	Getúlio Vargas
NARA	<i>National Archives</i>
NSDAP	Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães
ONU	Organização das Nações Unidas
PD	Partido Democrático de São Paulo
PRM	Partido Republicano Mineiro
PRP	Partido Republicano Progressista
PRR	Partido Republicano Riograndense
PSN	Partido Social Nacionalista

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 A POLÍTICA EXTERNA DOS REVOLUCIONÁRIOS DE 1930 A 1933</b> .....	31
2.1 Europa e Brasil nos pós-Primeira Guerra: nacionalismos e a crise do liberalismo .....	31
2.2 Afrânio de Melo Franco, Macedo Soares e Oswaldo Aranha: da Aliança Liberal ao Ministério das Relações Exteriores.....	37
2.3 As dimensões internacionais da Revolução de 1930.....	41
2.4 A política externa do Governo Provisório: rupturas ou continuidades?.....	50
<b>3 O MINISTÉRIO DE AFRÂNIO DE MELO FRANCO E A REDE DE INFORMANTES DE VARGAS</b> .....	64
3.1 1931: os primeiros movimentos da política externa do Governo Provisório.....	64
3.2 1932: uma rede de informantes.....	73
3.3 1933: Afrânio de Melo Franco deixa o ministério.....	92
<b>4 INFORMANTES E CONFLITOS NA GESTÃO DE JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES (1934-1936)</b> .....	109
4.1 1934: o Governo Constitucional e os informantes do presidente.....	109
4.2 O protagonismo de Oswaldo Aranha e seus embates com Macedo Soares.....	127
4.3 José Carlos de Macedo Soares deixa o ministério.....	149
4.4 A atuação de Macedo Soares e os informantes do presidente.....	160
<b>5 ENTRE O ESTADO NOVO E A ECLOSÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – A GESTÃO DE OSWALDO ARANHA (1938-1944)</b> .....	164
5.1 A atuação dos informantes nos embates entre Vargas e Flores da Cunha.....	164
5.2 Muito além de embaixador: Oswaldo Aranha.....	172
5.3 Oswaldo Aranha: Ministro das Relações Exteriores.....	187
5.4 Os informantes do Estado Novo na América Latina.....	192
5.5 Os inimigos do Estado Novo.....	201
5.6 Os informantes na Europa e o início da Segunda Guerra Mundial.....	209
<b>6 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – VARGAS E SEUS INFORMANTES</b> ...218	
6.1 Em busca da neutralidade.....	218
6.2 A luta pela siderúrgica.....	226
6.3 América do Sul: a guerra e a geopolítica.....	237

6.4 O fim da equidistância e a continuidade do pragmatismo.....	243
6.5 A ruptura das relações diplomáticas entre Brasil e o Eixo – os informantes de Vargas .....	259
6.6 A demissão de Oswaldo Aranha e o fim do governo Vargas.....	264
6.7 Quadro geral dos informantes de Getúlio Vargas.....	268
<b>7 REFLEXÕES FINAIS.....</b>	<b>278</b>
<b>Referências.....</b>	<b>283</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os interessados em buscar compreender o mundo em que vivem, costumam sentir-se atraídos pela História. Quem nunca se perguntou como foi decidido que os EUA realmente lançariam bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki? Como uma guerra europeia acabou tornando-se a Grande Guerra, ceifando a vida de 9 a 10 milhões de pessoas? Ou como mesmo após essa Primeira Guerra Mundial, uma segunda foi possível, assassinando quase 80 milhões de vidas humanas?<sup>1</sup>

O que farei nesta investida acadêmica é inspirado nessas perguntas. Investigarei como ocorreram os processos de decisão de Getúlio Vargas sobre importantes passos da política externa brasileira entre 1930 e 1945. Como o Brasil de Vargas lidou com o fascismo e o nazismo? Como acabou decidindo participar da Segunda Guerra Mundial? A política externa de Vargas ajudou-o a permanecer no poder por tanto tempo? Como? Sobre os assuntos da política externa, Vargas decidia sozinho? Tinha confidentes? Informantes?

O objeto desta pesquisa é o papel da rede de informantes de Getúlio Vargas na condução da sua política externa, ou seja, um serviço de informação da presidência.

Destarte, vale esclarecer o que esta pesquisa entende por informantes do presidente. Na gestão da política externa, Vargas lidou com várias pessoas que lhe conferiram informações para a gestão de seu governo. Não obstante, alguns atores recebiam dele atenção diferenciada, atuando em missões secretas, atividades de informação, extrapolando a hierarquia de seu cargo ou o que era esperado da burocracia oficial do Estado. Não quer dizer que Vargas se aproximar dessas pessoas era ilegal, mas, sim, pouco usual, o que denota que o ator em questão tinha valor estratégico para o presidente.

Para conduzir a pesquisa, utilizei três critérios para definir um ator histórico como informante: 1) comunicava-se diretamente com Vargas, extrapolando a hierarquia de seu cargo ou recebendo atenção especial que o diferenciava de outros funcionários com a mesma função, combinando serviços de informações secretas e missões extras. 2) Recebia respostas ou autorizações para realizar suas atividades específicas conectadas à

---

<sup>1</sup> Diffen. World War I vs World War II. Disponível em: [https://www.diffen.com/difference/World\\_War\\_I\\_vs\\_World\\_War\\_II#:~:text=Estimated%20to%20be%2010%20million,range%20from%2050%2D80%20million](https://www.diffen.com/difference/World_War_I_vs_World_War_II#:~:text=Estimated%20to%20be%2010%20million,range%20from%2050%2D80%20million). Acessado em 30/06/2022.

política externa, tendo a atenção de Vargas, e não apenas buscando se aproximar dele. Afinal, muitos personagens apenas se aproximavam do presidente em busca de melhores posições profissionais ou outras vantagens pessoais. Atores que executaram exclusivamente essas atividades não foram considerados na análise. 3) Atuaram no processo que contribuiu para a formulação da política externa de Vargas. Mesmo que o ator estivesse vinculado a interesses referentes à política interna, ele foi analisado quanto à sua contribuição para o processo de tomada de decisões do presidente quanto à externa.

Esta pesquisa valeu-se, sobretudo, dos arquivos privados de Getúlio Vargas e de Luís Fernandes Vergara, seu secretário, presentes no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, CPDOC. As fontes dos arquivos pessoais são cartas, telegramas e bilhetes. A maior parte das cartas são de cunho pessoal, passando de assuntos de amizade, familiares a missões secretas que Vargas pedia a seus informantes. A maior parte delas vem com o título “confidencial” outras com “secreto” outras ainda com cifras e códigos. Elas foram majoritariamente escritas à mão, o que exigiu delicado trabalho de paleografia para compreendê-las.

Além disso, a pesquisa valeu-se dos arquivos do Itamaraty, presentes no Rio de Janeiro, do NARA, *National Archives*, nos Estados Unidos e dos diários de Getúlio Vargas, publicados pela editora Siciliano em 1995, do arquivo pessoal de José Carlos de Macedo Soares, no Arquivo Estadual de São Paulo e do arquivo pessoal de Afrânio de Melo Franco disponível na Biblioteca Nacional.

Ao pesquisar o arquivo pessoal do presidente, pelo CPDOC, passei a ter um novo olhar sobre o processo de condução da política externa varguista: ela ultrapassava, e muito, os limites do Itamaraty, criando processos de decisão com a área militar, com órgãos comerciais, estabelecendo relações mais próximas e mais informais com este ou aquele embaixador, diplomata, jornalista e outros políticos, no sentido de extrair deles informações e até estabelecer, junto a eles, decisões finais.

Estudei mais de 15 anos de correspondências, telegramas, notas pessoais e discursos, totalizando mais 2.750 documentos. O que o leitor acompanhará é resultado do cruzamento de relações e reflexões a respeito desse vasto aporte documental que, sendo analisado em seu conjunto, permitiu-me perscrutar sobre tendências e padrões de comportamento do presidente quanto ao processo que o conduzia a decisões sobre a política externa brasileira.

Malgrado a importância da documentação e dos arquivos é preciso fazer uma reflexão fundamental: os arquivos já são em si mesmos recortes da realidade, não são

repositórios fidedignos do que “realmente” aconteceu. Essa investigação não almeja encontrar a “verdade” ou tratar as fontes aqui analisadas como “grandes descobertas”. Inclusive, a prática política brasileira dos anos de 1930 e 1940 envolvia a estratégia de se ter informantes. Vargas não desenvolveu nenhuma estratégia inédita ao ter suas próprias redes. Logo, a pesquisa oferece a originalidade da abordagem, ou seja, debruça-se sobre a rede de informantes de Vargas quanto ao uso dela para os processos de tomada de decisão para a política externa.

Diante dessas ponderações, é necessário registrar que, apesar de muitas perguntas que auxiliam na problematização que aqui se fará, apenas duas guiam toda essa investigação: ter informantes era comum no meio político da época, mas como especificamente a rede de informantes de Getúlio Vargas o auxiliou na construção de sua política externa? E a segunda: como essa rede de informantes foi utilizada por Vargas no seu relacionamento político com seus ministros das Relações Exteriores? São essas as perguntas-guia da pesquisa.

Analiso, a seguir, como a historiografia tem se posicionado a respeito da política externa de Vargas e o papel de seus ministros à frente do Itamaraty, para que se possa construir um panorama sobre as principais discussões pelas quais esta pesquisa percorrerá.

Nos estudos de Pierre Renouvin,<sup>2</sup> José Flávio Sombra Saraiva<sup>3</sup> e René Rémond<sup>4</sup> um dos eixos mais importantes que está por trás dos grandes eventos internacionais, mas também, dos menos impactantes, como acordos comerciais ou acordos ortográficos, é a relação entre a política interna e a externa. Essa complexa relação ajuda-nos a compreender como as decisões políticas são tomadas em nome de um país inteiro frente a comunidade internacional. Julgo que ela seja fundamental, portanto, para compreender o período histórico a que irei dedicar-me.

A relação entre a política interna e externa é alvo de um antigo debate entre os estudiosos da História e das Relações Internacionais. Pierre Milza, em *Política Interna e*

---

<sup>2</sup> RENOUVIN, Pierre & DUROSELLE, Jean Baptiste. *Uma introdução à História das Relações Internacionais*. São Paulo: Difel, 1974.

<sup>3</sup> SARAIVA, José Flávio Sombra. *História das Relações Internacionais Contemporâneas*. São Paulo: Saraiva, 2006.

<sup>4</sup> RÉMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1974.p.37.

<sup>4</sup> Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2022. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-dornelles-vargas>. Acesso em: 13/07/2022.

*Política Externa*,<sup>5</sup> explicou que até a década de 1960, a tendência entre os estudiosos do processo de formulação da política externa era a crença de que esta última tinha uma natureza totalmente distinta daquela da política interna, dogma que remonta os estudos de Thomas Hobbes. Assim, os “assuntos de dentro” de um país deveriam ser entendidos pelo contexto nacional e os “assuntos de fora” deveriam ser estudados apenas de acordo com o contexto internacional. Além disso, a história da diplomacia era, até então, muito factual, jurídica, pouco analítica e, sobretudo, voltada para a “história dos grandes homens”, ou seja, apenas os grandes estadistas importavam para se entender a política internacional.

O artigo *Decision-Making as an Approach to the Study of International Politics* seminal de Richard Snyder, Henry W. Bruck e Burton Sapin<sup>6</sup> ajudou a marcar o início da mudança destas tendências. Ele apontava que a formulação da política externa é um processo de decisão. Há vários elementos que constituem esse processo. Há vários atores envolvidos na formulação da decisão. Além disso, o modo com que essas decisões são tomadas afeta os resultados. Os autores chamavam a atenção de que os decisores, um indivíduo ou grupo deles, não consideram apenas os “fatores externos” para tomar as decisões da política externa, muito pelo contrário, consideram um equilíbrio entre os interesses políticos do âmbito nacional com a configuração das peças do tabuleiro das relações internacionais. Por isso, Estados com posições similares no sistema internacional, por exemplo, podem se comportar de maneira distinta.

Outro trabalho que seguiu no mesmo sentido, reforçando a necessidade de se perceber a importância da relação entre a política interna e externa foi o de Pierre Renouvin e Jean Bepstiste Duroselle, de 1974, *Uma introdução à História das Relações Internacionais*, já citado, que buscou chamar a atenção para a reflexão de que o que se passa dentro do ambiente nacional é tão importante quanto as relações internacionais, para que um país formule sua política externa.

Toda essa renovação, na verdade, faz parte de um movimento ainda maior: a renovação da própria História Política, a partir dos esforços de René Remond, Philippe Levillain, Jean-Pierre Azém, entre outros, que trouxeram a perspectiva de se enxergar a História Política para além dos “heróis nacionais”, grandes eventos, grandes nomes. A

---

<sup>5</sup> MILZA, Pierre. Política Interna e Política Externa. In: RENÉ, Remond. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 364.

<sup>6</sup> SNYDER, Richard C.; BRUCK, Henry W.; SAPIN, Burton. *Decision-making as an approach to the study of international politics*. Foreign Policy Analysis Series No. 3, 1954.



História Política ganhou fôlego mais analítico ao demonstrar que o fenômeno do político se encontra em todas as dimensões da vida social, e não apenas à atividade política propriamente dita e que, por fim, a História Política tem o fim último de analisar as mais variadas relações de poder. As relações de poder entre os indivíduos e como essas relações ajudam-nos, afinal, a compreender como chegamos aos resultados que chegamos constitui um dos principais objetos dessa História Política renovada.

Busco investigar a política externa brasileira entre 1930 e 1945, por meio das preocupações que essa História Política renovada apresenta. Por isso, identifico que não apenas o estudo das relações entre a política interna e a externa interessa, mas também, as relações entre os tomadores de decisão da diplomacia brasileira desse período, ou seja, os ministros das Relações Exteriores e o presidente.

Ao pesquisar sobre a rede de informantes do presidente, entendo que o papel dos ministros das Relações Exteriores passa a ser importante, cabendo-me, para efeitos de orientação, questionamentos como: os ministros das Relações Exteriores de Vargas tinham mais ou menos autonomia no processo de condução da política externa? Buscaram atingir projetos políticos pessoais, por meio da política externa? Quais? Ver-se-á que a rede de informantes do presidente esteve envolvida com a atuação desses ministros, por isso, esse envolvimento será também uma das bases desta investigação.

Nesse sentido, é interessante retomar a historiografia que se debruçou sobre a política externa de Getúlio Vargas entre 1930 e 1945, dando atenção a como ela vem enxergando as relações entre ele e seus ministros das Relações Exteriores.

Maria Celina D'Araújo (2000, p.41), ao estudar o processo de desenvolvimento econômico e social do Brasil, durante o Estado Novo, demonstrou que “esse processo não pode ser creditado apenas ao ‘gênio’ de Vargas; contou ao seu favor uma conjuntura internacional que impôs uma marcha forçada para o desenvolvimento interno”,<sup>7</sup> reconhecendo a importância da relação entre a política interna e externa para os resultados desse desenvolvimento.

Já José Sombra Saraiva (2003, p.2), importante estudioso da História das Relações Internacionais, afirmou “regimes políticos não existem somente em função da esfera doméstica, mas existem eles próprios em função da arena internacional”.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> D'ARAUJO, Maria Celina. *O Estado novo*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2000, p. 41.

<sup>8</sup> SARAIVA, José Flávio Sombra. Is it Possible to Establish a Casual Nexus Between Foreign Policy and Political Regime? In: SARAIVA, José Sombra (Ed.) *Foreign and Political Regime*. Brasília: IBRI, 2003, p.2.

Também, nesse sentido, Ricardo Seitenfus (2004, p, 84), sobre a formulação da política externa, defendeu que: “a política externa pode ser considerada como a resultante entre as necessidades internas e os constrangimentos externos”.<sup>9</sup>

Boris Fausto, em *O Estado Novo no contexto internacional*<sup>10</sup>, e estudos ainda mais recentes como o de Jônatan Coutinho da Silva<sup>11</sup> já demonstram a preocupação de se valorizar as relações entre a política externa e interna na compreensão do processo de tomada de decisões para o período de 1930 a 1945. Pode-se concluir que as análises mais atuais sobre o período valorizam a importância de se enxergar que o âmbito nacional está diretamente conectado com os acontecimentos do internacional e vice-versa, corroborando com uma das preocupações da História Política.

Um movimento organizado de compreensão da política externa de Getúlio Vargas pode ser identificado a partir da década de 1970, pelo livro *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, de Luiz Alberto Moniz Bandeira. Bandeira pesquisou, principalmente, nos arquivos do Itamaraty, no Rio de Janeiro. Sua obra, apesar de iniciar ainda nos tempos coloniais e tratar das relações entre Brasil e EUA, abordou a política externa da, convencionalmente chamada, “Era Vargas”. Moniz traça um plano que demonstra que Vargas, praticamente, não inovou em termos de política externa até o Estado Novo. As principais mudanças foram apenas no sentido comercial, em busca de expandir os parceiros comerciais do Brasil e adquirir empréstimos juntos aos EUA. A grande contribuição teria sido, segundo ele, durante o Estado Novo, quando, graças às figuras dos diplomatas, o Brasil acabou não pendendo para a extrema-direita. Moniz atribuiu a Oswaldo Aranha um papel crucial na aquisição do financiamento da construção de uma usina siderúrgica para o Brasil, na aproximação junto aos EUA e, principalmente, para o encaminhamento do Brasil para o lado dos aliados. Para Moniz, Aranha foi a frente política que evitou que “os setores nazifascistas do governo se fortalecessem”.<sup>12</sup>

O trabalho de Moniz apresentou a tese de que Aranha fora o verdadeiro continuador da política do Barão de Rio Branco, no sentido de que, apesar de americanófilo, soube exigir que os EUA dessem retornos ao Brasil. Salientou que quando houve, na questão

---

<sup>9</sup> SEITENFUS, Ricardo. *Relações Internacionais*. Editora Manole Ltda, 2004, p. 84.

<sup>10</sup> FAUSTO, Boris. *O Estado Novo no contexto internacional. Repensando o Estado Novo*, p. 17-20, 1999.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Jônatan Coutinho da Silva. *Oswaldo Aranha e a Política Externa Brasileira (1938-1944): o chanceler de Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

<sup>12</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos EUA no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.373.

do Chaco, um mal-entendido com o Departamento de Estado, Aranha afirmou “que nada explica o nosso apoio aos Estados Unidos em suas questões na América Central e nas mundiais, sem a atitude recíproca de apoio ao Brasil na América” (BANDEIRA, 2007, p.356),<sup>13</sup> logo o autor atribui à Aranha a conquista do prestígio brasileiro diante do panamericanismo e de uma diplomacia equilibrada e independente.

Um trabalho contemporâneo ao de Moniz foi o de Frank McCann Júnior, publicado em 1970, chegando ao Brasil em 1995. O autor é o que se chama de brasilianista, um estudioso estrangeiro sobre a História do Brasil. Em *Aliança Brasil-Estados Unidos*,<sup>14</sup> o autor também se concentrou na diplomacia brasileira do Estado Novo, dissertando pouco sobre a política externa entre 30 e 37. Para ele, Oswaldo Aranha foi o principal responsável pelo entendimento renovado entre Brasil e EUA, fazendo com que os EUA dessem maior apreço ao Brasil.

Foi McCann que inaugurou a análise de que a Vargas teve papel fundamental na política externa do Estado Novo, em busca de extração de benefícios ao Brasil, ao explorar a disputa por influência entre os EUA e a Alemanha. O autor salienta que Vargas buscou se inclinar para a Alemanha nazista, para aumentar o poder de barganha do Brasil, como foi o que fez em seu discurso de 11 de junho de 1940, a bordo do encouraçado Minas Gerais, quando “usou quantidade de fraseologia fascista, mas incluindo um cerne suficiente de pensamento democrático para aplacar Washington” (MCCANN JUNIOR, 1995, p.154).<sup>15</sup> McCann chamou essa estratégia de “política de cima do muro”, demonstrando que o Brasil não estava em posição apenas de “dominado” em relações com os EUA.

A percepção de que a política externa de Vargas foi marcada por uma barganha habilmente conduzida por Vargas foi consolidada pelo livro de Roberto Gambini, *O Duplo jogo de Getúlio Vargas*.<sup>16</sup> O estudioso identifica o período de 1936 a 1941 como o mais propício para o que chamou de “jogo duplo” de Vargas, ou seja, fechar acordos com a Alemanha e com os EUA, usando do interesse de ambos no sentido de influenciar o destino do Brasil, para extrair benefícios comerciais e militares. O autor chamou este movimento de “política pendular”, pois o Brasil oscilou, propositadamente, entre seus

---

<sup>13</sup>Idem, 356.

<sup>14</sup> MCCANN JUNIOR, Frank D.. *A Aliança brasil-estados unidos 1937-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

<sup>15</sup> Idem, p.154.

<sup>16</sup> GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. Edições Símbolo, 1977.

principais parceiros comerciais, para fechar, principalmente, acordos de compra de equipamento bélico e adquirir o financiamento de uma usina siderúrgica. O autor dedicou sua análise à personalidade de Vargas, assim, outros personagens acabam não aparecendo, como o próprio Oswaldo Aranha, como salienta Jônatan Coutinho.<sup>17</sup> O poder de negociação pessoal de Vargas passa a ser o grande enfoque de análise de sua política externa.

Os anos de 1970 também receberam as primeiras publicações de um outro brasilianista: Stanley Hilton. Em *O Brasil e a Crise Internacional (1930-1945)*<sup>18</sup> e *O Brasil e as Grandes Potências (1930-1939)*,<sup>19</sup> Hilton construiu um importante trabalho de organização cronológica dos eventos que se relacionaram à formulação da política externa brasileira de 1930 a 1945. Datou, por exemplo, de 1934 o ano em que se iniciou verdadeira batalha comercial entre EUA e Alemanha por maior presença no Brasil. Chamou a atenção para que a principal estratégia de Vargas para a construção de uma diplomacia pendular foi o adiamento de qualquer compromisso com qualquer um dos lados, para extrair vantagens.

Mais especificamente sobre a relação entre o presidente e seus ministros das Relações Exteriores na construção da política externa, Oswaldo Aranha é quem aparece com maior peso político. Hilton enfatizou que, na relação entre Vargas e Aranha, “Vargas fazia questão de manter, em suas próprias mãos, as rédeas da política externa”.<sup>20</sup> Enquanto Aranha, salientou Hilton (1977, p.374), tinha um apego sentimental e moral pelos EUA, Vargas era alguém extremamente prático, por isso “inclinava-se para o lado que oferecesse maiores vantagens materiais ao Brasil”.<sup>21</sup>

Os estudos sobre a política externa brasileira dos anos 30-40 ganham novas reflexões com Gerson Moura, um dos fundadores do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio e autor de *Autonomia na Dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*.<sup>22</sup>

---

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Jônatan Coutinho da Silva. *Oswaldo Aranha e a Política Externa Brasileira (1938-1944): o chanceler de Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020, p.34.

<sup>18</sup> HILTON, Stanley. Ação integralista Brasileira: o fascismo no Brasil, 1932-1938. In: *O Brasil e a crise internacional: 1930-1945*. (Cinco estudos). São Paulo: Nova Fronteira, 1983.

<sup>19</sup> HILTON, Stanley. *O Brasil e as Grandes Potências: os aspectos políticos da rivalidade comercial (1930-1939)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

<sup>20</sup> HILTON, Stanley. *O Brasil e as Grandes Potências: os aspectos políticos da rivalidade comercial (1930-1939)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.p.374.

<sup>21</sup> Idem, p.374.

<sup>22</sup> MOURA, Gerson. Neutralidade dependente: o caso do Brasil, 1939-4. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 6, n. 12, 1993.

Os anos iniciais do governo de Vargas não são contemplados na análise de Moura, visto que sua abordagem é, justamente, as manobras brasileiras em um processo de barganha frente os interesses conflitantes dos EUA e da Alemanha. Moura diverge de Gambini ao não utilizar o conceito de pêndulo para compreender a política externa, pois o pêndulo passa a ideia de ora estar em um lugar e ora em outro. O que o autor quis demonstrar é que, enquanto foi possível, Vargas buscou uma equidistância estratégica entre EUA e Alemanha, para não se comprometer formalmente com nenhum dos lados, sendo capaz de, por isso mesmo, fazer ambos os lados se interessarem mais pelo Brasil.

Gerson Moura deixou a Oswaldo Aranha o papel de um Ministro que contou com certa autonomia e independência, mas o cerne de sua análise foi o papel de Getúlio Vargas.<sup>23</sup> Moura explica que dada a conjuntura de disputa por influências, houve um período determinado em que o Brasil, mesmo sendo um país dependente dos EUA, pôde exercer certa independência ao negociar termos melhores para sua parceria junto aos aliados. Destarte, Moura cunhou os termos “autonomia na dependência”, “equidistância pragmática” e “neutralidade dependente”, para expressar as estratégias de política externa de Vargas.

Uma última obra do século XX que posso citar por fazer importantes avanços em termos dos eventos, datas, acordos e, sobretudo, sobre a relação entre Vargas e Aranha é a de Ricardo Seitenfus. Falarei mais sobre esta obra à frente, mas, basta dizer que Seitenfus, em *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos (1930-1942)*, desenvolve a tese de que Oswaldo Aranha foi a grande resistência ao processo de aproximação do Brasil em relação à Alemanha. Aranha teria sido a inflexão que o Brasil precisava para se aproximar dos EUA. A política externa de Vargas refletia as disputas da política interna entre os “americanófilos” e “germanófilos”, ou seja, aqueles que eram a favor de maior aproximação do Brasil em relação aos EUA e à Alemanha, respectivamente.<sup>24</sup>

Além disso, o autor apresentou a tese de que a política externa ficou sobre a responsabilidade de Aranha e a interna sobre os cuidados de Vargas. Explicou Seitenfus (1958, p.129) que logo que Oswaldo Aranha assumiu o cargo de Ministro, “fica claro

---

<sup>23</sup> MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Vol. 20. Editora Nova Fronteira, 1980, p. 177-189.

<sup>24</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985.

entre os dois homens que cada um deles se ocupará exclusivamente de uma única face da política brasileira: a externa cabe a Aranha e a interna cabe a Vargas”.<sup>25</sup>

O autor Jônatan Coutinho posiciona Seitenfus entre os autores “clássicos” da historiografia brasileira sobre o período aqui tratado.<sup>26</sup> Entendo, contudo, que Seitenfus se difere bastante dos autores anteriores em três sentidos: 1) A disputa entre “americanófilos” e “germanófilos” é fundamental para a formulação da política externa, para este autor. 2) Aranha foi fundamental para esta formulação, pois esteve “com as mãos livres” em uma espécie de “acordo tácito” entre ele e Vargas, sendo a peça-chave para a aproximação entre Brasil e EUA. 3) A política externa do Brasil, na verdade, foi muito mais influenciada pelos EUA, por ser o Brasil um país fraco, que, de fato, marcada por manobras de barganha.

Sobre este último ponto, Seitenfus escreve:

O Brasil não teve uma política externa independente e autônoma durante o período 1930-1942. O grande, mas fraco Brasil não pôde permitir-se alçar a voz e teve de forçosamente buscar a composição. Portanto, ele sofre sua política externa, na medida em que não a faz (SEITENFUS, 1985, p.430)<sup>27</sup>

Encerco, assim, um sobrevoo sobre os principais estudos sobre a política externa brasileira para o século XX. Vê-se interpretações conflitantes: há a “equidistância pragmática” de um Vargas que soube jogar com os interesses internacionais e há a “diplomacia da fraqueza”, que assim denomina-se para os estudos de Seitenfus, no sentido de que o Brasil foi muito mais a reboque dos acontecimentos e de sua dependência para com os EUA.

Os estudos do século XXI são muito numerosos, sendo assim, escreverei muito mais sobre as tendências que sobre os trabalhos em específico. Pode-se dizer que a maior parte dos trabalhos que se dedicam aos estudos sobre a política externa brasileira buscam enxergar paradigmas ou tendências gerais para todo o período dos anos 30-40, por meio de conceitos gerais das Relações Internacionais.

---

<sup>25</sup>Idem, p.129.

<sup>26</sup>OLIVEIRA, Jônatan Coutinho da Silva. *Oswaldo Aranha e a Política Externa Brasileira (1938-1944): o chanceler de Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020, p.41.

<sup>27</sup>SEITENFUS, Ricardo Antônio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985, p.430.

Amado Luiz Cervo buscou, na ideia weberiana dos “tipos ideais”, formular paradigmas que explicassem as decisões brasileiras na política externa.<sup>28</sup> Os conceitos de Cervo são o que ele chama de “forças profundas”, “ideias-força” que explicam a linearidade da política exterior mesmo em momentos de transição.<sup>29</sup> Isso seria possível, pois o Itamaraty funciona como o “guardião” de uma política de Estado que repassa diretrizes históricas, como o não-confrontacionismo, o universalismo ou o pacifismo aos mais diversos governos, como explica Marcelo Passini Mariano.<sup>30</sup>

Para essa tendência interpretativa, a política externa de Vargas foi muito mais uma política de Estado, que uma política de governo, ou seja, buscou os interesses do país, e não projetos políticos personalistas.<sup>31</sup> Assim, Vargas valeu-se da política externa para empreender o desenvolvimento nacional. Os autores chamam este movimento de “diplomacia do desenvolvimento” ou “diplomacia do interesse nacional”.<sup>32</sup> Passini Mariano demonstra que há a construção de uma “cultura política” própria do Itamaraty, no sentido de compreender a história da política externa brasileira mais pelo viés das continuidades e permanências, por meio do legado destes “princípios e paradigmas gerais” que guiam a diplomacia brasileira.<sup>33</sup>

Celso Lafer apresenta a política externa de Vargas como herdeira destes princípios gerais do “legado de Rio Branco”. Diz: “foi assim que a diplomacia brasileira, durante a presidência Getúlio Vargas, explorou as ambiguidades do sistema internacional – antes e durante a Segunda Guerra Mundial – para favorecer a industrialização do Brasil.” (LAFER, 2018, p.160).<sup>34</sup> Há uma “diplomacia” que aparece antes do próprio Vargas, quase como autônoma aos interesses do governo. Afirma também: “estou convencido de

---

<sup>28</sup> CERVO, Amado Luiz. Eixos conceituais da política exterior do Brasil. *Revista Brasileira de Política Internacional* [online]. 1998, v. 41, n. spe. Acessado em 12 Outubro 2022 , pp. 66-84. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-73291998000300005>>

<sup>29</sup> CERVO, Amado Luiz. Tendências da política exterior do Brasil. In: CERVO, A. L. (Org.). *O desafio internacional: a política exterior do Brasil de 1930 a nossos dias*. Brasília: Editora UnB, 1994.

<sup>30</sup> Ver, por exemplo, a análise de Amado Cervo sobre o paradigma desenvolvimentista na política externa de Vargas em CERVO, Amado Luiz. Eixos conceituais da política exterior do Brasil. *Revista Brasileira de Política Internacional* [online]. 1998, v. 41, n. spe, p.66-84. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-73291998000300005> Acesso em: 12/10/2022.

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> MARIANO, M.P. A diplomacia e a continuidade na política externa brasileira. In: *A política externa brasileira e a integração regional: uma análise a partir do Mercosul* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 15-36. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/2f3jk/pdf/mariano-9788568334638.pdf>

<sup>33</sup> Idem, p.34.

<sup>34</sup> LAFER, Celso. *Relações internacionais, política externa e diplomacia brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2018. p. 160.

que o Itamaraty é uma das poucas instituições que, no sistema político brasileiro, tem autoridade” (LAFER, 2018, p.152).<sup>35</sup>

Conclui-se que poucos autores se dedicaram às relações mais políticas entre ministros e o presidente, ou seja, as relações de poder entre o executivo e seus chanceleres é um foco pouco explorado. Nesse âmbito, o ator que recebeu mais atenção entre os citados estudiosos foi Oswaldo Aranha. Para Amado Cervo e Clodoaldo Bueno, Aranha “pôde conduzir os negócios exteriores com mais liberdade do que poderia se supor”. (CERVO, BUENO, 2002, p.246)<sup>36</sup>. Para Fernando de Mello Barreto (2001, p.111), em *Os sucessores do Barão*, Aranha “exerceu relevante e decisiva influência sobre Vargas nas decisões tomadas pelo Brasil”.<sup>37</sup> O título da obra, inclusive, é bem sugestivo sobre a perspectiva do autor, ou seja, a valorização dos ministros como chanceleres mais “técnicos” que deram continuidade aos princípios gerais do Itamaraty.

No século XXI, também há a tendência daqueles que passaram a enxergar a diplomacia de Vargas como uma “diplomacia da fraqueza”, ou seja, aqueles que acreditam que, na verdade, não houve “jogo duplo”, nem mesmo barganhas, pois o Brasil não estava em condição de fazê-las como um país periférico. Vargas pôde ter lançado mão de artifícios políticos, mas o interesse dos EUA no Brasil já estava declarado e o Brasil, inevitavelmente, por questões racionais, terminaria ao lado dos EUA. Os estadunidenses não viam, para estes autores, as manobras de Vargas como verdadeiras ameaças. Estou falando de Rubens Ricupero,<sup>38</sup> Dennison de Oliveira<sup>39</sup> e Marcelo Abreu.<sup>40</sup> Diz Abreu:

Creditar a liberdade de manobra à capacidade negociadora de Vargas sem menção à determinante anuência tácita norte-americana, definida pelos compromissos maiores de sua política econômica externa, como sugerido pelo uso de expressões como “jogo duplo”, corresponde a uma visão distorcida das origens da margem de manobra disponível para exercício das habilidades negociadoras de Vargas. A tese relativa à alegada “equidistância pragmática do Brasil e relação aos EUA e à

---

<sup>35</sup> Idem, p.152.

<sup>36</sup> CERVO, Amado, BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior Brasileira*. Brasília: UNB, 2002, p.246

<sup>37</sup> BARRETO, Fernando de Mello. *Os Sucessores do Barão (1912-1964)*. Relações Exteriores do Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p. 111.

<sup>38</sup> RICUPERO, Rubens. *A Diplomacia na Construção do Brasil 1750-2016*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017.p.342.

<sup>39</sup> DE OLIVEIRA, Dennison. Dilemas estratégicos do Brasil na Segunda Guerra Mundial. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 26, p. 50-73, 2015.

<sup>40</sup> ABREU, Marcelo de Paiva. *A ordem do Progresso: Cem anos de Política Econômica Republicana, 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.



Alemanha, proposta, entre outros por Moura exagera de modo quase caricatural o real poder de barganha do Brasil (ABREU, 1995, p.88).<sup>41</sup>

Rubens Ricupero (2017), por sua vez, afirmou que a diplomacia de Getúlio Vargas teria sido, na verdade, uma “diplomacia da fraqueza”. Ricupero defende que o interesse brasileiro em se associar com o comércio alemão foi pela pura necessidade de diversificação comercial, e não propositadamente para suscitar o interesse dos EUA: “alguns intérpretes quiseram ver nessa ‘diplomacia da fraqueza’, desde os primórdios da diplomacia lusitana, uma espécie de novidade, o ‘jogo duplo’ consagrador do maquiavelismo de Getúlio” (RICUPERO, 2017, p.342).<sup>42</sup>

Por fim, cito uma última tendência. Ela é representada por esforços que se coadunam. Cito Jônatan Coutinho Oliveira,<sup>43</sup> Vágner Camilo Alves,<sup>44</sup> Jorge Luiz Pereira Ferrer,<sup>45</sup> Fábio Koifman,<sup>46</sup> Antônio Manoel Elíbio Júnior,<sup>47</sup> que apresentam um renovado esforço de visitar as tendências que aqui elenquei.

Coutinho Oliveira<sup>48</sup>, Camilo Alves<sup>49</sup> e Ferrer<sup>50</sup> determinam alguns pontos: Getúlio Vargas era um político muito mais pragmático que um ator que efetivamente “flertava” com esta ou aquela ideologia. Ele buscou, pragmaticamente, estar ao lado dos países que mais ofertassem vantagens, não aderindo a nenhuma ideologia em específico, portanto,

---

<sup>41</sup> Idem, p.88.

<sup>42</sup> RICUPERO, Rubens. *A Diplomacia na Construção do Brasil 1750-2016*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017, 342.

<sup>43</sup> OLIVEIRA, Jônatan Coutinho da Silva. *Oswaldo Aranha e a Política Externa Brasileira (1938-1944): o chanceler de Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

<sup>44</sup> ALVES, Vágner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola. 2002.

<sup>45</sup> FERRER, Jorge Luiz Pereira; Zhebit, Alexander, orient. *Análise das políticas externas da Argentina e do Brasil em realção à Alemanha, à Itália e aos Estados Unidos da América durante a segunda guerra mundial (1939-1945)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013

<sup>46</sup> KOIFMAN, Fábio. "O governo Vargas e a política externa brasileira (1930-1945). In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945*. Segunda República 1930-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

<sup>47</sup> JÚNIOR, Antônio Manoel Elíbio. O Diplomata e a Guerra: Política Externa Brasileira na gestão do Embaixador José de Paula Rodrigues Alves (Buenos Aires-1938-1944). *Cadernos do Tempo Presente*, n. 04, 2011.

<sup>48</sup> OLIVEIRA, Jônatan Coutinho da Silva. *Oswaldo Aranha e a Política Externa Brasileira (1938-1944): o chanceler de Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020, p. 191.

<sup>49</sup> ALVES, Vágner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola. 2002, p. 188-189.

<sup>50</sup> FERRER, Jorge Luiz Pereira; Zhebit, Alexander, orient. *Análise das políticas externas da Argentina e do Brasil em realção à Alemanha, à Itália e aos Estados Unidos da América durante a segunda guerra mundial (1939-1945)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013, p. 165-166.

ele era, antes de tudo, “varguista”, ou seja, buscava perpetuar-se no poder, equilibrando-se entre os interesses, sem compromissar-se com rótulos como “americanófilo” ou “germanófilo”.

Outra questão é a de que esses autores não encontraram evidências documentais que autorizem a perspectiva de que Oswaldo Aranha tinha autonomia na condução da política externa, contestando, sobretudo, a abordagem de Seitenfus<sup>51</sup>. Os autores compreenderam que, na verdade, Vargas esteve “com as rédeas”<sup>52</sup> da política externa nas mãos e intervinha muito mais na pasta de Aranha do que se supunha.

Fábio Koifman<sup>53</sup> demonstrou que a rígida divisão entre “americanófilos” e “germanófilos” merece ser revisitada, visto que a cúpula militar de Vargas não necessariamente flertava com a doutrina nazista, mas era, na verdade, guiada pelos receios típicos de um país militarmente desguarnecido em tempos de guerra, como o Brasil:

Vargas e Aranha não eram os únicos profundamente contrariados com a demora por parte dos Estados Unidos. Boa parte da cúpula militar, dita simpatizante do nazismo – quando na realidade, era essencialmente entusiasta da eficiência da máquina de guerra alemã – percebia, no contexto de conflito em que o mundo se encontrava, um risco expressivo para um país cujas forças militares eles julgavam não contar com as mínimas condições de defender o Brasil (KOIFMAN, 2019, p.22)<sup>54</sup>.

Além disso, o autor chamou atenção para o papel do diplomata Ciro Freitas Vale, que atuou diretamente junto a Vargas, trocando cartas confidenciais com o presidente, desrespeitando a hierarquia de seu cargo,<sup>55</sup> bem como reavaliou a preponderância que se vinha dando ao poder de decisão do próprio Ministério das Relações Exteriores ao menos quanto aos assuntos migratórios, no processo de formulação da política externa de

<sup>51</sup> Esses autores referem-se à atuação de Aranha enquanto ministro das relações exteriores e as páginas que referenciam essa perspectiva estão na nota anterior.

<sup>52</sup> Defesa também de Stanley Hilton, como vimos anteriormente.

<sup>53</sup> KOIFMAN, Fábio. "O governo Vargas e a política externa brasileira (1930-1945). In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945. Segunda República 1930-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

<sup>54</sup>KOIFMAN, Fábio. "O governo Vargas e a política externa brasileira (1930-1945). In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945. Segunda República 1930-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, p.22.

<sup>55</sup>KOIFMAN, F. O Estado Novo e as restrições à entrada de refugiados: história e construção de memória. Acervo, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 71–88, 2017. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/839>. Acesso em: 11 out. 2022, p. 78.

Vargas.<sup>56</sup> Koifman investigou a atuação do embaixador brasileiro na França, Luiz Martins de Souza Dantas e do Ministério da Justiça e Negócios Interiores na “implementação de critérios que possibilitassem um controle seletivo e rígido de imigrantes desejáveis” (KOIFMAN, 2002, p.419)<sup>57</sup> de acordo com a política de imigração do Estado Novo, pautada pelas diretrizes de aprimoramento eugênico da composição da população brasileira.

Os trabalhos de Fábio Koifman denotam que Francisco Campos, Ministro da Justiça contava, na verdade, com mais poder e prestígio que Oswaldo Aranha junto a Vargas em termos de políticas migratórias. Campos era um desafeto político de Aranha e este último assistiu o primeiro a realizar intervenções diretas em assuntos próprios da pasta do Ministério das Relações Exteriores.<sup>58</sup>

Já Jônatan Coutinho Oliveira, reforçou que Oswaldo Aranha precisou conviver com uma prática de “ingerência política” por parte de Getúlio Vargas quanto à autoridade do chefe do Itamaraty durante a Segunda Guerra Mundial e concluiu que Aranha “não foi tão decisivo ou autônomo em relação ao presidente” (OLIVEIRA, 2020, p. 191).<sup>59</sup>

Por fim, um último esforço, que também vai nessa direção, é o trabalho de Antônio Manoel Elíbio Júnior. Ao investigar a troca de cartas entre o embaixador brasileiro Rodrigues Alves e Getúlio Vargas, o estudioso acabou identificando muito mais. Percebeu que:

Ao que tudo indica, perfazia as fontes de informações do Governo Federal de Getúlio Vargas, além dos relatórios diplomáticos, também ofícios e memorandos militares. O Ministério da Guerra contava com uma rede de informantes e adidos militares em diversas capitais no continente americano, que enviavam farta correspondência à Chefia do Estado Maior do Exército sediada no Rio de Janeiro (EBLÍBIO JÚNIOR, 2011, p. 5).<sup>60</sup>

---

<sup>56</sup>Idem, p. 76.

<sup>57</sup>KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 419.

<sup>58</sup>KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 169.

<sup>59</sup>OLIVEIRA, Jônatan Coutinho da Silva. *Oswaldo Aranha e a Política Externa Brasileira (1938-1944): o chanceler de Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020, p. 191.

<sup>60</sup>ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. O Diplomata e a Guerra: Política Externa Brasileira na gestão do Embaixador José de Paula Rodrigues Alves (Buenos Aires-1938-1944). *Cadernos do Tempo Presente* 04 (2011), p.5.

Júnior não apenas percebeu que, para se compreender o processo de formulação da política externa de Getúlio Vargas seria necessário ir além da relação entre Vargas e o Itamaraty, como já salientado pelo professor Koifman, mas, também, demonstrou que “ao que tudo indica”, Vargas lidava com certos diplomatas de maneira muito mais política que, de fato, imparcial ou técnico-descritiva, como se pressupõe sobre o trabalho da “diplomacia profissional”.<sup>61</sup>

Elíbio Júnior defende uma análise que amenize as fronteiras entre o fazer diplomático e o campo do político, para se compreender a política externa de Vargas, no caso da Argentina e da gestão do embaixador Rodrigues Alves, em específico. Ao investigar a farta troca de correspondências entre Vargas e o embaixador Alves, Elíbio concluiu:

Se por um lado Rodrigues Alves desempenhava um papel relevante como informante do Governo Brasileiro alertando-o para reforçar os contingentes militares na região lindeira; por outro, tentava dirimir os acirramentos políticos e militares entre os dois países. Nesse sentido, o que se percebe é que o campo político e diplomático o domínio do político não tinha fronteiras fixas ou predeterminadas na gestão de Rodrigues Alves. Em outras palavras, a burocracia diplomática em Buenos Aires, sob o comando do Embaixador José Rodrigues Alves, ultrapassava as delimitações administrativas e protocolares (ELÍBIO JÚNIOR, 2011, p. 2).<sup>62</sup>

Termino esta análise das principais tendências historiográficas sobre o período em tela em busca de elucidar o “estado geral da arte”, para que se possa demonstrar uma preocupação central dessa investigação: a relação entre os ministros das Relações Exteriores e o presidente.

Quando José Serra assumiu o Ministério das Relações Exteriores, disse: “A nossa política externa será regida pelos valores do Estado e da nação, não do governo e jamais de um partido. Essa nova política não romperá com as boas tradições do Itamaraty e da diplomacia brasileira, mas, ao contrário, as colocará em uso muito melhor”. (SERRA,

---

<sup>61</sup>Expressão de DANESE, Sérgio. *Diplomacia Presidencial: história e crítica*. Brasília: FUNAG, 2017, p.339.

<sup>62</sup>ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. O Diplomata e a Guerra: Política Externa Brasileira na gestão do Embaixador José de Paula Rodrigues Alves (Buenos Aires-1938-1944). *Cadernos do Tempo Presente* 04 (2011), p.2.

2016)<sup>63</sup> Quando José Carlos de Macedo Soares assumiu, em 1934, o cargo de Ministro das Relações Exteriores de Vargas, anunciou: “sobre a política exterior, (...) seu caráter essencial é a continuidade acima dos partidos e até mesmo dos regimes” (PIMENTEL, 2013, p.762).<sup>64</sup>

A semelhança entre o discurso de Serra e o de Macedo Soares em 1936 chama a atenção. A estratégia da neutralidade escamoteia os interesses naturalmente políticos na formulação da política externa. A valorização dos chanceleres como “continuadores de Rio Branco” pode conduzir a certos perigos, ou seja, a de ter como fonte a justificativa dos próprios atores históricos de que suas atuações foram imparciais, técnicas e politicamente desinteressadas.

Na obra *Pensamento Diplomático Brasileiro*, por exemplo, há o enfoque da atuação mais técnica e diplomática dos três ministros, demonstrando muito mais a continuidade deste legado, do legado do Barão de Rio Branco.<sup>65</sup> Franco aparece com relativa autonomia na condução da política externa, sendo capaz de convencer Vargas dos rumos certos da diplomacia.<sup>66</sup> José Carlos de Macedo Soares aparece como um liberal e defensor da democracia.<sup>67</sup> Oswaldo Aranha aparece como “sucessor do Barão de Rio Branco”. Os autores da obra afirmam:

durante a tormentosa década que se estende de 1934 a 1944, que se deve efetuar a avaliação de uma gestão que pode ser colocada na continuidade intelectual e prática do Barão de Rio Branco, ao defender Oswaldo Aranha a soberania e os interesses brasileiros, no contexto da aliança não escrita, mas real, com os Estados Unidos (PIMENTEL, 2013, p.674).<sup>68</sup>

Nessa produção, João Hermes Pereira de Araújo reforça a interpretação de Ricardo Seitenfus já aqui demonstrada. Afirma que, a Oswaldo Aranha, “o convite para o

---

<sup>63</sup>BRASIL. Ministro das Relações Exteriores (José Serra). *Diretrizes da Política Exterior Brasileira (Ministro José Serra)*. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/ipri/images/repertorio/diretrizes-governo-Temer-Ministro-Serra.pdf>

<sup>64</sup>PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento Diplomático Brasileiro: formuladores e agentes da política externa*. 3v. Brasília: FUNAG, 2013, p. 762.

<sup>65</sup> Idem, p.678

<sup>66</sup>PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento Diplomático Brasileiro: formuladores e agentes da política externa*. 3v. Brasília: FUNAG, 2013, p. 462.

<sup>67</sup> Idem, p.783.

<sup>68</sup>Idem, p.674.

Itamaraty foi aceito segundo um entendimento claro: a política interna ficaria com Vargas, a externa com Aranha” (PIMENTEL, 2013, p.678).<sup>69</sup>

Retomo Fernando Barreto (2001), para demonstrar como há importante tendência, na historiografia, de se explorar as “continuidades e permanências” na condução da política externa, bem como a de se atribuir maior autonomia ao Itamaraty e a seus chanceleres na condução desta política. Afirma o autor:

O Itamaraty tem gozado de relativa autonomia na condução da política externa. Com exceção de alguns governos, em que o presidente exerceu sua influência direta, mesmo assim esporádica (Epitácio Pessoa, Arthur Bernardes, Getúlio Vargas), verifica-se que, frequentemente, a Casa do Barão tomava decisões sem interferências de outros ministérios, mesmo os militares (BARRETO, 2001, p.285).<sup>70</sup>

Logo, se por um lado, há a tese de que os chanceleres tiveram mais autonomia e liberdade e Vargas concentrou-se mais na política interna<sup>71</sup>, e, mesmo ele, teve uma interferência apenas “esporádica”, há a defesa da “diplomacia presidencial” de Sérgio Danese, no sentido de que Vargas é quem assumiu a dianteira da política externa, como um “presidente-chanceler”.<sup>72</sup> Qual das duas teria razão?

As relações entre o presidente e seus três ministros, Afrânio de Melo Franco, José Carlos de Macedo Soares e Oswaldo Aranha, serão importantes para que se compreenda o papel da rede de informantes de Vargas em sua política externa. Identifico esse contraste entre os estudiosos para inserir a proposta de análise desta pesquisa. Ao investigar a rede de informantes de Getúlio Vargas, passarei por diplomatas, embaixadores, jornalistas, políticos e militares. Essa rede evidenciará como o presidente administrava a autoridade e os projetos de seus ministros das Relações Exteriores, envolvendo interesses tanto da política externa quanto da interna.

O estudo dessa rede contribuirá para elucidar a respeito das relações políticas entre Vargas e seus ministros, tomando o cuidado para não confundir fontes e discursos de época como intenções isentas de interesses políticos. Defendo, assim, que as relações entre Vargas, seus chanceleres e informantes lançará luz sobre a própria relação entre o

---

<sup>69</sup>Idem, p.678.

<sup>70</sup>BARRETO, Fernando de Melo. *Os sucessores do Barão (1912-1964)*. Relações Exteriores do Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p.285.

<sup>71</sup>Demonstrei os diversos autores que atribuem maior autonomia de Melo Franco e Aranha em relação a Vargas ainda nesta introdução.

<sup>72</sup> DANESE, Sérgio. *Diplomacia Presidencial: história e crítica*. Brasília: FUNAG, 2017. p. 340.

político, o diplomático e a formulação da política interna e externa, contribuindo para responder as perguntas-problema levantadas nesta introdução.

## 2 A POLÍTICA EXTERNA DOS REVOLUCIONÁRIOS DE 1930 A 1933

### 2.1 Europa e Brasil nos pós-Primeira Guerra: nacionalismos e a crise do liberalismo

Quem viveu os anos entre 2020 e 2022 experienciou uma tragédia histórica: a pandemia do novo coronavírus, que paralisou a humanidade. Segundo a Organização Mundial da Saúde, até 5 de maio de 2022,<sup>73</sup> o número de falecimentos, devido à pandemia, chegava a até 15 milhões de mortes. Além desta tragédia, em 2022, vê-se o exacerbamento no nacionalismo, do isolacionismo, do enfraquecimento da ONU, o que alguns especialistas chamam de “desglobalização”<sup>74</sup> e o conflito russo-ucraniano. Esses grandes eventos internacionais fazem-nos refletir sobre o nosso tempo histórico.

Momentos assim, são importantes para que se também reflita sobre o passado. Ao sentir-se os impactos de grandes eventos internacionais, diariamente, pode-se imaginar como foi viver os tempos históricos da geração do principal ator estudado neste trabalho, Getúlio Dornelles Vargas. Ele nasceu em 19 de abril de 1882. Sua geração experimentou imensas transformações. Vargas vivenciou, apenas para citar grandes eventos, a Grande Guerra Mundial, a pandemia da Gripe Espanhola, que levou entre 50 e 100 milhões de vidas até 1919<sup>75</sup>, o cataclisma na economia mundial desencadeado pela Crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial. O ambiente internacional tinha, portanto, imenso peso na realidade da política interna brasileira, na vida pública e privada.

O estudo sobre a história humana não é apenas um estudo sobre o passado. Ensina-nos Marc Bloch:

A incompreensão do presente nasce, fatalmente, da ignorância do passado. Mas, talvez, não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente (...) se eu fosse antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas eu sou historiador. É por isso que eu amo a vida. Essa faculdade de apreensão do que é vivo, eis justamente, a qualidade mestra do historiador (BLOCH, 2001, p.65).<sup>76</sup>

<sup>73</sup>BBC. Desglobalização: o que é e como ela pode mudar o mundo. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150605\\_desglobalizacao\\_economia\\_mundo\\_rb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150605_desglobalizacao_economia_mundo_rb). Acesso em: 09 jul. 2022.

<sup>74</sup>Para mais sobre este conceito, ver: CNN Brasil. O que a pandemia de gripe espanhola de 1918 pode nos ensinar sobre a Covid-19. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/o-que-a-pandemia-de-gripe-espanhola-de-1918-pode-nos-ensinar-sobre-a-covid-19/>. Acesso em: 09 jul. 2022.

<sup>75</sup>Idem.

<sup>76</sup> Marc Bloch. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 65.



O nacionalismo, as crises, as guerras, as pandemias, os autoritarismos continuam assolando a nossa realidade. Por isso, é sempre válido iniciar-se uma pesquisa histórica refletindo sobre as conexões entre o passado e o presente. Essas conexões podem inspirar a leitura que se segue a respeito do próprio contexto em que se desenvolveu a política externa dos revolucionários de 1930.

Eric Hobsbawm explica-nos que os anos entre 1870 e 1914 foram marcados por altas esperanças no progresso, na paz mundial e no avanço econômico com a crença no liberalismo econômico, sobretudo, entre os países desenvolvidos. Houve a expansão internacional de grandes monopólios financeiros, bancários, da indústria, da alta burguesia e das experiências democráticas. Não é sem razão que o contexto europeu foi chamado de *Belle Époque*.<sup>77</sup>

A Grande Guerra interrompeu brutalmente essa euforia dos primeiros anos do século XX. O professor George Mosse descreve que a Guerra exigiu uma experiência totalmente inédita de estímulo ao nacionalismo, ao ódio a outras nações e, devido à sensação de que as relações internacionais passariam a funcionar em um “vale tudo”,<sup>78</sup> houve um alongado período de naturalização da morte de civis e invasão de todas as dimensões da vida privada pelo clima de guerra, o que Jay Winter identifica com o conceito de “guerra total”.<sup>79</sup> A guerra era total, pois invadia todas as dimensões da vida humana.

Segundo Stuart Hall,<sup>80</sup> avaliar o ambiente político de um país, no século XX é um exercício que exige que se perceba a importância do nacionalismo e de toda a realidade que essa força criou. Os hinos, as bandeiras, a língua nacional, a busca pelo sentimento de “um só povo” e “uma só cultura”, a defesa da indústria e da economia nacional. Havia, completa o professor Jean Carlos Moreno<sup>81</sup>, uma direta relação entre um nacionalismo, um Estado, um líder forte e os projetos de modernidade, no início do século XX. O

---

<sup>77</sup> HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.

<sup>78</sup> MOSSE, George L. Two World Wars and the Myth of the War Experience. *Journal of Contemporary History*, v. 21, n. 4, p. 492, 1986. Mulligan, William.

<sup>79</sup> WINTER, Jay. *Sites of war, sites of mourning: The Great War in the European Cultural History*. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1995.

<sup>80</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<sup>81</sup> MORENO, Jean Carlos. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. *Identidades brasileiras: composições e recomposições* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, pp. 7-29. Disponível em <https://books.scielo.org/id/h5jt2/pdf/rodrigues-9788579835155-03.pdf>

ambiente de fortes nacionalismos, a defesa de uma só cultura e uma só história, criando verdadeiras “comunidades imaginadas”.<sup>82</sup>

Após a Primeira Guerra Mundial, instalou-se a chamada “paz dos vencedores”. À Alemanha, foram impostas pesadas indenizações, limitações e culpa por toda a guerra. O medo de um novo conflito engendrou a criação da Liga das Nações,<sup>83</sup> um órgão feito para que se evitasse novas guerras sob o signo da igualdade entre os povos.

Mesmo assim, o mundo não parecia mais seguro que antes da Grande Guerra. Apesar das tentativas de se pregar a igualdade entre os países, a força da Liga das Nações foi imediatamente questionada, devido à ausência do próprio EUA no órgão. O que vigorava era um receio generalizado de novas guerras, de revanchismo por parte dos então denominados “perdedores de 1918” e de novos esforços de investimento bélico.

O início do século XX foi um momento histórico de constatação flagrante dos fracassos das promessas do liberalismo econômico e político feitas no fim do século anterior. Assim, a associação entre nacionalismo e modernidade passava a ser a tônica de combate ao liberalismo, tantas vezes associado às causas das crises. René Remond descreve o ódio dos grandes líderes europeus, no início do século XX, aos interesses dos grandes monopólios financeiros, bancos e investidores que sobrepujavam o interesse nacional. Havia uma ânsia por mais controle estatal do capital e um sentimento de revolta contra o liberalismo que teria permitido o alastramento do comunismo.<sup>84</sup>

Difícilmente, um político mais atento aos acontecimentos conseguia escapar desse ambiente de nacionalismos exacerbados. Pode-se citar, por exemplo, sobre como esse contexto esteve vinculado ao próprio comportamento político de Getúlio Vargas. Enquanto líder do Partido Republicano Riograndense, em 1917, Vargas usou as ameaças da Primeira Guerra Mundial, para defender que os políticos gaúchos deveriam superar suas divergências e “ante o sentimento de perigo comum unirem-se sob a mesma bandeira”.<sup>85</sup> Vargas culpou a arrogância prussiana pela Grande Guerra e enunciou que se adentrava em novos tempos. Para ele, os tempos que se seguiriam, após a Grande Guerra, eram aqueles que provariam a inépcia dos parlamentares e da política tradicional para

---

<sup>82</sup>ANDERSON, Benedict Richard O.'Gorman. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

<sup>83</sup> Para um bom aprofundamento a respeito do que foi a Liga das Nações, ver CAMPOS, Filipe Queiroz de. *Diplomacias Secretas: o Brasil na Liga das Nações*. Curitiba: Editora Appris, 2020.

<sup>84</sup> RÉMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1974.p.37.

<sup>85</sup> Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2022. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-dornelles-vargas> Acesso em: 13 jul. 2022.

tomar decisões mediante crises tão graves como uma guerra mundial.<sup>86</sup> Vê-se como a política internacional era fundamental para a política interna, neste momento. Havia um Vargas que já usava da decepção contra o liberalismo, para fazer política e defender um Estado forte e a centralização das decisões. É assim que volto os olhos à realidade do Brasil para este contexto.

Sobre o fenômeno do nacionalismo e a construção do sentimento de nacionalidade, no Brasil, Angela de Castro Gomes (1996, p.20), afirma “já se tornou um ponto praticamente consensual assinalar os anos do pós-Primeira Guerra Mundial como um período de intenso nacionalismo militante”.<sup>87</sup> Helena Lorenzo<sup>88</sup> corrobora com essa perspectiva ao apontar que, durante a década de 1920, uma grande efervescência cultural desencadeou importantes mudanças no cenário da política. Um exemplo dessa movimentação nacionalista era o tenentismo. Os “tenentes” eram jovens oficiais do Exército que buscavam derrubar o governo, acusando-o de corrupto e inepto. Propunham pautas como reforma agrária, o voto secreto, educação pública obrigatória e a atuação do Exército na política, como explica Mário Cleber Lanna.<sup>89</sup>

Os “tenentes” não estavam sozinhos na crítica ao sistema político; eram acompanhados por uma série de movimentos que refletiam sobre o que era, afinal, o Brasil e o nacionalismo brasileiro. Houve diversos projetos de nação para o país. Nos anos 20, aconteceu a fundação da Liga de Defesa Nacional, Liga Pró-Saneamento, Liga contra o Analfabetismo. Apenas entre 1919 e 1926, a título de ilustração, ocorreu a fundação do Partido Comunista, a ocorrência de muitos movimentos grevistas, anarquistas, a Semana de Arte Moderna. O debate sobre o que significava ser moderno passava, sobretudo, pelo questionamento do *status quo*, por isso, questionava-se a dependência econômica brasileira dos ingleses, buscava-se aproximar dos EUA e buscava-se, principalmente, questionar o modelo oligárquico de política.

Minas Gerais e São Paulo, como os principais responsáveis pela produção do mais lucrativo produto de exportação do Brasil, no início do século XX, o café, acabaram dominando, também o cenário político. A pretensa “política do café com leite” era, na

---

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> GOMES, Ângela Maria de Castro. *História e historiadores*. Editora FGV, 1996, p.20.

<sup>88</sup> LORENZO, Helena Carvalho de. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997, p.186.

<sup>89</sup> LANNA JR., Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*. Volume 1. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2003, p. 313 a 350.

verdade, muito mais uma disputa entre os dois estados pelos principais cargos de decisão do país, sobretudo, a cadeira de presidente que, de fato, uma aliança, como demonstrou a professora Cláudia Viscardi.<sup>90</sup> Essa acirrada relação de poder recebia, constantemente, a crítica de todos os insatisfeitos fosse com o ambiente de corrupção, com a economia, fosse com a exclusão dos demais estados do jogo político.

Como explicado por Lanna Júnior,<sup>91</sup> o sistema oligárquico já vinha apresentando sinais de esgarçamento aos fins da década de 1920. Para compreender isso, volto aos “tenentes”. Em 1922, no Forte de Copacabana, jovens oficiais do Exército revoltaram-se contra o sistema político oligárquico e encontraram violenta reação por parte do governo de Arthur Bernardes. Dos 18 tenentes envolvidos no movimento, restaram apenas dois. Em 1924, eles voltaram a se organizar, agora, no próprio aniversário do movimento de 1922, gerando movimento de revolta em São Paulo. O governo respondeu com nada menos que bombardeios diretos da cidade. Assim, Bernardes governou sob estado de sítio durante a maior parte de seu governo, intensificando as disputas entre Minas Gerais, São Paulo e os estados excluídos do acesso ao poder.

Identifica-se o ápice desses confrontos em 1928. Quando o governo do paulista Washington Luís indicou, para a sua sucessão, Júlio Prestes, do mesmo partido do presidente, o Partido Republicano Paulista. Minas Gerais e Rio Grande do Sul reagiram em um processo de conformação de uma chapa de oposição a Júlio Prestes, criando um ambiente de embates entre os estados mais politicamente fortes do país. Os opositores às oligarquias juntaram-se em uma coligação formada em agosto de 1929 com o objetivo de apoiar as candidaturas de Getúlio Vargas, para presidente, e João Pessoa, para vice, contra Júlio Prestes. Esta coligação chamou-se Aliança Liberal, como explicam Marieta Ferreira e Surama Conde.<sup>92</sup> Os envolvidos na Aliança Liberal constituíram, em 1930, um movimento que levou à retirada de Washington Luís do poder, instaurando o Governo Provisório de Getúlio Vargas. Muitos desses envolvidos compuseram o governo de Vargas, inclusive ocuparam cargos de diplomatas e chanceleres.

---

<sup>90</sup> VISCARDI, Cláudia. O teatro das oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

<sup>91</sup> LANNA JR., Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*. Volume 1. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2003, p. 313 a 350.

<sup>92</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. *A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 26f, p.15.

O objetivo deste capítulo é o de demonstrar como chanceleres e grande parte dos informantes de Vargas, que atuaram, ao longo dos anos de 1930 e 1940, já estavam envolvidos com o movimento revolucionário de 1930. Por isso, os caminhos que esses atores desenvolveram, no processo da Revolução de 1930, importam muito para esta investigação. Sendo assim, passarei à análise de como a trajetória desses atores envolveram-se com o contexto histórico.

A Aliança Liberal incluía atores que participaram diretamente do processo de formulação da política externa do Brasil nos anos de 1930. Estou falando de Afrânio de Melo Franco, José Carlos de Macedo Soares e Oswaldo Aranha. Todos os três foram Ministros das Relações Exteriores. Antes de serem ministros, relacionaram-se com os projetos políticos da Aliança Liberal e do movimento de 1930.

Como pôde ser visto, a historiografia especializada na investigação da política externa do Brasil dedicou-se a apresentar que, na gestão dos três chanceleres de Vargas, Franco, Macedo Soares e Aranha, houve cisão entre a política interna e externa, ou seja, Vargas ocupou-se mais da política interna e seus chanceleres da externa. Alzira de Abreu afirma sobre a atuação de Vargas na política externa: “Getúlio e seus companheiros gaúchos pouco entendiam de política internacional e pouco se interessavam por ela. Deixavam as mãos livres ao ocupante do Itamaraty” (ABREU, 2015, p.2335-39).<sup>93</sup> Essa mesma posição é reforçada por Ricardo Seitenfus. Ele diz:

O desinteresse manifestado pela AL em relação às questões internacionais é explicado pela atitude individual dos novos dirigentes e, em particular, pela de Vargas. De fato, o chefe do Governo Provisório jamais se mostrou, no correr de sua jovem carreira política, atraído pelas questões de política externa. Aliás, os vencedores de outubro de 1930 têm muito que se ocupar com as questões internas e com a consolidação de seu poder para poderem, além do mais se ocuparem com o esboço de uma nova política externa (SEITENFUS, 1985, p.63).<sup>94</sup>

As duas teses apresentadas aqui são fundamentais para esta investigação: a de que Vargas não tinha interesse e não se relacionava com a política externa durante o governo provisório e a de que, devido a essa questão ou ao fato de estar absorto pela política interna, não ter se interessado pelos assuntos externos, deixando a condução da dimensão

<sup>93</sup>ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)*. Editora FGV, 2015, p.2335-2.339.

<sup>94</sup>SEITENFUS, Ricardo Antônio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985, p. 63.

externa de sua política às “mãos livres” de Melo Franco. Essas questões importam-nos, pois, ao investigar a atuação de Vargas e de seus informantes durante a revolução de 1930, buscarei novas interpretações.

## 2.2 Afrânio de Melo Franco, Macedo Soares e Oswaldo Aranha: da Aliança Liberal ao Ministério das Relações Exteriores

Sobre a Aliança Liberal, Dulce Pandolfi<sup>95</sup> descreve-a como um grupo bastante heterogêneo. Havia aqueles que se opunham a todo o regime político brasileiro e aqueles que buscavam resistir às investidas de perpetuação paulista de Washington Luís. Entre os primeiros, havia Miguel Costa, João Alberto, Siqueira Campos, lideranças tenentistas. No segundo grupo, pode-se citar os próprios oligarcas insatisfeitos com a situação política de estarem mais afastados do poder central. Entre eles, havia até mesmo ex-presidentes, como Epitácio Pessoa, Arthur Bernardes, Venceslau Brás e governadores e ex-governadores como Getúlio Vargas, Olegário Maciel e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada.

As propostas que uniam os aliancistas eram conectadas com o desejo de mudança do regime político, como voto secreto, fim das fraudes eleitorais, mas, também, com a reorganização econômica, propondo salário-mínimo regulamentação do trabalho feminino e infantil, jornada de trabalho de oito horas, a diversificação da pauta de exportações, em uma saída para a dependência da exportação do café e até se discutia a necessidade de redução das disparidades econômicas regionais.

Nesse contexto, onde estavam os atores que seriam os futuros ministros das Relações Exteriores? De acordo com Mário Henrique Simonsen,<sup>96</sup> Oswaldo Euclides de Souza Aranha esteve muito envolvido com o contexto de criação da Aliança Liberal. A família do gaúcho era historicamente relacionada com a política do Rio Grande do Sul. Seu pai, por exemplo, era chefe do Partido Republicano Riograndense na cidade de Itaqui, sendo sempre um aliado do político Borges de Medeiros. Aranha, desde 1924, liderava a subchefia de polícia do Rio Grande do Sul, para cuidar das fronteiras do Estado. Nesse

---

<sup>95</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945. Segunda República 1930-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, p. 12.

<sup>96</sup> SIMONSEN, Mário Henrique. *Oswaldo Aranha: a estrela da revolução*. São Paulo: Mandarim, 1996, p. 105.

momento, envolveu-se no combate ao movimento tenentista de Luiz Carlos Prestes, capitão das guarnições federais no Rio Grande do Sul. Prestes liderou a conspiração contra as oligarquias e Aranha lutou contra esta movimentação.<sup>97</sup>

Desse embate, Oswaldo Aranha saiu politicamente fortalecido. Em 1927, ele tornou-se Secretário do Interior e da Justiça do governo de Getúlio Vargas, outro político gaúcho, que já se envolvia no processo de conciliação entre as forças do governador Borges de Medeiros e seus opositores, como indica Hilton.<sup>98</sup>

Como demonstra Hélio Silva, Getúlio Vargas foi indicado pelo próprio Borges de Medeiros como próximo presidente<sup>99</sup> do Rio Grande do Sul e João Neves da Fontoura como vice-presidente. Borges de Medeiros escolheu Vargas devido à sua capacidade de conciliação.<sup>100</sup> Ele era considerado um liberal dentro do PRR, mas que sabia conciliar com os interesses conservadores. Era, então, Ministro da Fazenda de Washington Luís, e, ao se eleger presidente do Rio Grande do Sul, exonerou-se do cargo. No governo, acordou com Borges de Medeiros que teria autonomia política, mesmo sendo Medeiros o maior influenciador do PRR. Prova desta autonomia foi a própria nomeação de Oswaldo Aranha para Secretário do Interior, um antigo opositor de Medeiros e considerado muito combativo.<sup>101</sup>

Como indicam Mros<sup>102</sup> e Alzira Abreu,<sup>103</sup> a amizade entre Vargas e Aranha tornou-se importante para os planos políticos do governo de Vargas como presidente do Rio Grande. Nesse governo, ele reorientou a economia do estado, fez acordos de liberação comercial junto ao Uruguai, diminuiu os custos do frete, criou subsídio estadual para a exportação de charque e de arroz e estimulou a criação de um sistema de sindicatos, sobre o qual disse “ao Estado cabe estimular o surgimento desta mentalidade associativa”.<sup>104</sup>

---

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha: uma biografia*. Rio de Janeiro: editora Objetiva, 1994, p. 2.

<sup>99</sup> Naquele tempo, os governadores eram chamados de presidentes.

<sup>100</sup> SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *Vargas*. Porto Alegre: L & PM Editores, 1980, p.36-45.

<sup>101</sup> SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *Vargas*. Porto Alegre: L & PM Editores, 1980, p.36-45.

<sup>102</sup> MROS, Günther Richter. *Origens do paradigma desenvolvimentista: as contribuições de Oswaldo Aranha e dos militares (1931-1935)*. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado)- Curso de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2011, p. 51.

<sup>103</sup> ABREU, Alzira de; LAMARAO, Sérgio (orgs). *Personalidades da política externa brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007, p.19.

<sup>104</sup> SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *Vargas*. Porto Alegre: L & PM Editores, 1980, p.38-45.

A atuação de Aranha, durante o governo de Vargas, foi fundamental no processo de criação de sindicatos, criando a sindicalização dos produtores de vinho, banha e charque que teve muito sucesso na melhora da economia da região, mas os esforços foram logo interrompidos pelos projetos políticos de formação da Aliança Liberal.<sup>105</sup>

Falo, agora, de outro personagem vinculado à organização da Aliança Liberal e fundamental para esta investigação: Afrânio de Melo Franco. O brasileiro Stanley Hilton foi quem mais estudou a atuação de Afrânio de Melo Franco no processo de construção da Aliança Liberal, bem como sua atuação na política externa. Segundo Hilton, Franco gozava de “imenso prestígio no meio revolucionário, por ter sido o principal elemento na negociação da aliança política entre Minas Gerais e Rio Grande do Sul” (HILTON, 2013, p.453).<sup>106</sup> Como foi essa negociação?

O plano do presidente de Minas, Antônio Carlos Ribeiro, era sondar o líder do partido republicano rio-grandense, João Neves da Fontoura, sobre a candidatura à presidência do país. Melo Franco enviou essa proposta a Neves da Fontoura e a João Daudt d’Oliveira, industrialista do rio-grandense, que, em janeiro de 1929, comunicou-se com Getúlio Vargas, informando os planos de Minas sobre candidatura gaúcha à presidência.

Vargas, na verdade, ficou muito reticente com a situação. Fazia sentido, uma vez que, ele não era tão distante dos poderes de São Paulo, como demonstrado, ele havia sido Ministro da Fazenda de Washington Luís entre 1926 e 1928. Assim, o grande receio de Minas era acabar isolada. E se o Rio Grande não aceitasse a proposta de aliança? Minas precisava reforçar o apoio à sua causa.

A ideia ganhou corpo em 17 de junho de 1929 quando José Bonifácio de Andrada e Silva, que era irmão de Antônio Carlos, juntou-se com Francisco Campos (secretário do Interior em Minas Gerais) e fizeram um pacto em nome desse plano, tendo apoio de João Neves da Fontoura. Pronto. Uma base estava formada. Era a Aliança Liberal da qual falei.

A partir da formação da Aliança, é Melo Franco quem conduziu um processo importante: avisar Washington Luís, oficialmente, sobre o apoio de Minas à candidatura de Getúlio Vargas, bem como conseguir o consentimento de Epitácio Pessoa, ex-presidente do Brasil, que estava no exterior, para indicar João Pessoa, da Paraíba a ser o

---

<sup>105</sup>Informar-se desse contexto é importante para que se compreenda que Vargas e Aranha desenvolveram uma duradoura amizade e experiências compartilhadas na administração do Rio Grande do Sul, inclusive quanto às exportações e relações desse estado com outros países.

<sup>106</sup>HILTON, Stanley. Afrânio de Melo Franco: a consolidação da estratégia de política externa. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento diplomático brasileiro: formuladores e agentes da política externa (1750-1950)*. Brasília: FUNAG, 2013, p. 453.



vice na chapa com Vargas, como demonstra Alzira Abreu.<sup>107</sup> É com a adesão de João Pessoa que a Aliança Liberal se constituiu uma frente com Minas, Paraíba e com Rio Grande do Sul.

As articulações políticas de Melo Franco foram, portanto, fundamentais para a constituição dessa oposição a São Paulo. Vargas ainda tentou uma última conciliação: enviou Oswaldo Aranha para conversar com Washington Luís em nome de um acordo. O presidente paulista foi inflexível. Foi assim que, em agosto de 1929, a candidatura oficial de Getúlio Vargas e João Pessoa foi lançada. O acordo entre Minas e Rio Grande ficou conhecido como Pacto do Hotel Glória, local onde foi firmado, como explica Geraldo Alcyr.<sup>108</sup>

A partir de então, Melo Franco diminuiu sua atuação direta, pois viajou ao exterior em busca de um empréstimo, em Paris e em Londres, para o governo de Minas e perdeu a possibilidade de ser reeleito na Câmara dos Deputados, com sua reeleição impugnada pela Comissão Legislativa de Reconhecimento de Poderes. Franco então retorna ao Brasil sem boas notícias sobre o empréstimo e sem a possibilidade de continuar no congresso. Não participou ativamente do movimento armado da Revolução de 1930, pois ficou exilado na Embaixada do Peru, para se resguardar de perseguições políticas por parte do governo federal.<sup>109</sup>

Nesse contexto, onde estava José Carlos de Macedo Soares, também futuro ministro das relações exteriores de Vargas?

Como demonstra Enéas Martins Filho<sup>110</sup>, nos embates entre o governo federal de Arthur Bernardes e os levantes em São Paulo contra este governo, Soares saiu acusado de envolvimento ao lado dos manifestantes e chegou a ser preso. Desde então, refugiou-se na Europa, onde escreveu o livro sobre a Liga das Nações, concluindo que o grande culpado para a saída do Brasil do órgão foi o próprio presidente Bernardes, em expresso desgosto pela administração Bernardes e pelas oligarquias.

---

<sup>107</sup>ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p.2335-2.339.

<sup>108</sup>GERALDO, Alcyr Lintz. A Aliança Liberal e a Revolução de 1930. *A Defesa Nacional*, v. 94, n. 812, 2008, p.15.

<sup>109</sup>HILTON, Stanley. Afrânio de Melo Franco: a consolidação da estratégia de política externa. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento diplomático brasileiro: formuladores e agentes da política externa (1750-1950)*. Brasília: FUNAG, 2013, p. 455.

<sup>110</sup>MARTINS FILHO, Enéas. Resenha Biográfica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 279, n.6. abr./jun., 1968. p.47.

Soares passou a se opor às forças oligarcas paulistas. Ele era um dos líderes no Partido Democrático, que se opunha ao PRP, de Washington Luís. Ele recebeu Vargas, em sua casa, em janeiro de 1929, para fazer propaganda da Aliança Liberal em São Paulo. Desde então, passou a ser o principal articulador das forças paulistas em acordo com a chapa aliancista.<sup>111</sup>

As eleições presidenciais ocorreram em março de 1930 e a chapa de Vargas perdeu. Parte da Aliança Liberal desistiu de um confronto, mas, principalmente, Virgílio de Melo Franco, filho de Afrânio e político mineiro, João Neves da Fontoura, Oswaldo Aranha e Pedro Ernesto eram a favor de um movimento armado, como indica Dulce Pandolfi.<sup>112</sup> Por serem civis, mas se envolverem com o movimento militar, ficaram conhecidos como “tenentes civis”.

Luís Carlos Prestes negociou a participação dos tenentes junto a Vargas. Até mesmo militares que já haviam combatido o próprio tenentismo passaram a atuar junto ao movimento revolucionário, como foi o caso de Pedro Aurélio de Góis Monteiro, importante personagem que também atuará na conformação da política externa de Vargas.

É nesse momento que chamo a atenção para o aspecto internacional do movimento revolucionário. Busco demonstrar como os futuros ocupantes do cargo de Ministro das Relações Exteriores estiveram envolvidos com o movimento da Aliança Liberal e, logo depois, com o movimento revolucionário. Essa costura entre o histórico de atuação política destes atores com o que farei a seguir, ou seja, estudar a política externa da década de 1930, é muito relevante, pois servirá à minha principal problemática: as relações de poder entre os chanceleres de Getúlio Vargas e sua rede de informantes.

### 2.3 As dimensões internacionais da Revolução de 1930

“Em plena campanha eleitoral, abriu-se a crise mundial de outubro de 1929”, narrou Boris Fausto (1970, p.97)<sup>113</sup>, explicando que, a crise de 1929 não produziu a Revolução de 1930, ou seja, provavelmente, o evento teria ainda acontecido mesmo sem a Grande Crise, mas é verdade que ela foi elemento de aceleração e intensificação das

---

<sup>111</sup> Idem, p.50.

<sup>112</sup>PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945. Segunda República 1930-1945.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, p. 13.

<sup>113</sup>FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. *Historiografia e história*, v. 7, p. 157-158, 1970, p.97

discordâncias. Isso, pois a reação de Washington Luís à crise, explica Boris Fausto, foi a de abandonar, temporariamente, as políticas de proteção do preço do café, fazendo o valor do produto cair consideravelmente, no intuito de, ao menos, manter as vendas. A queda no preço do produto colocou a maior parte das associações rurais contra o presidente, enfraquecendo-o.

Outro evento esteve ligado ao ambiente internacional: a conspiração de um movimento armado. A reação armada, ou seja, a movimentação que se autoproclamava revolucionária começou, na verdade, antes dos resultados eleitorais. Alguns “tenentes” eram oficiais do Exército que se encontravam exilados em Buenos Aires e Uruguai e, de lá, continuavam alimentando o desejo de transformar o cenário político e econômico do Brasil.

O principal deles era Luís Carlos Prestes, que se encontrava em Buenos Aires, defendendo que apenas uma revolução política, social e agrária seria o suficiente para o Brasil. Segundo Daniel Aarão Reis<sup>114</sup>, em janeiro de 1930, Vargas chegou a se encontrar pessoalmente com Prestes sem acordar, em definitivo, a revolução, mas dizendo a Carlos Prestes que estaria pronto para financiar o movimento. Enquanto Vargas continuava buscando dar mostras a Washington Luís de que os resultados das eleições seriam aceitos, os “tenentes civis”, Virgílio de Melo Franco e Batista Luzardo, a favor da revolta, alcançaram concordância de Minas, por meio de Antônio Carlos, de que uma revolução armada seria possível.

Ao buscar acompanhar o desencadeamento do dia a dia do movimento revolucionário, é possível compreender o quanto a dimensão internacional da conspiração foi fundamental. A primeira importante constatação já é de largo conhecimento da historiografia sobre o assunto: Oswaldo Aranha foi um grande articulador do financiamento da Revolução<sup>115</sup>, liderando a arrecadação de dinheiro e compra internacional de armamentos.<sup>116</sup>

Em 25 de fevereiro, ainda antes dos resultados das eleições, Aranha escreveu a seu amigo: “considero perdida as possibilidades da vitória”.<sup>117</sup> Combinou com Vargas, junto

---

<sup>114</sup>REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2014, p.163.

<sup>115</sup>DE ALMEIDA, Paulo Roberto; DE ARAÚJO, João Hermes Pereira. Oswaldo Aranha: na continuidade do estadismo de Rio Branco. In: *Pensamento Diplomático Brasileiro: Formuladores e Agentes da Política Externa (1750- 1964)*. Brasília: FUNAG, 2013, p.2.

<sup>116</sup>ABREU, Alzira de; LAMARAO, Sérgio (orgs). *Personalidades da política externa brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007, p.20.

<sup>117</sup>Idem.p.1.

a Aranha, para que o maior número de estados mandasse os resultados das eleições presidenciais de cada um, para já se prepararem, em suas palavras, “contra possíveis mentiras”.<sup>118</sup> Por fim, no dia 25 de fevereiro, Aranha combinou, junto a Vargas, que as articulações para a revolução deveriam ser conduzidas por ele, Aranha, sem se envolver Getúlio Vargas diretamente.<sup>119</sup> Assim, a estratégia era de que Vargas manteria uma participação muito confidencial nas tramas, para que o “elemento surpresa” não fosse inviabilizado.

A partir das primeiras trocas de cartas entre Vargas e os revolucionários, em 1930, é possível iniciar a reflexão a respeito de um maior afastamento de Getúlio das questões internacionais apontada por Seitenfus e Alizra Abreu, como demonstrado. Entre 28 de março a 5 de maio de 1930, Vargas contou com documentos provenientes do Itamaraty.<sup>120</sup> Para fins dessa investigação, é importante perceber que ele já estava estudando com afinco a natureza do comércio internacional do Brasil e alguém o ajudou a dar conta destes estudos com relatórios do Ministério das Relações Exteriores.

Um dos relatórios, de 14 páginas<sup>121</sup>, dava conta de todo o panorama comercial dos seguintes temas para o ano de 1929: o mercado italiano de carnes, importação de banha na Áustria; exportação brasileira de carne, algodão e milho; intercâmbio comercial entre Brasil e Alemanha e exportações gerais. O documento denota o interesse do gaúcho pelos assuntos do comércio internacional ainda antes de assumir o governo, contribuindo para se repensar a tese de que Vargas “jamais se mostrou, no correr de sua jovem carreira política, atraído pelas questões de política externa” (SEITENFUS, 1985, p.63).<sup>122</sup>

As eleições que deram vitória ao paulista Júlio Prestes ocorreram em primeiro de março, logo o acesso a tais documentos não serviu para uma possível preparação de campanha, mas sim para os planos de Vargas para um futuro governo revolucionário.

---

<sup>118</sup>Idem.p.1-2.

<sup>119</sup>Idem.p.1-2.

<sup>120</sup> ITAMARATY. Fundação Getúlio Vargas, PEB c 1930.03.28. (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) *Informações do Ministério das Relações Exteriores, para o Brasil e o exterior, sobre: o mercado italiano de carnes, importação de banha na Áustria; exportação brasileira de carne, algodão e milho; intercâmbio comercial entre Brasil e Alemanha; e exportação do Brasil em 1929.* 28 mar. 1930.

<sup>121</sup> Idem.

<sup>122</sup>SEITENFUS, Ricardo Antônio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial.* São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985, p.63.

Mesmo no calor da implementação do movimento, ele buscava se informar sobre os aspectos internacionais do Brasil.<sup>123</sup>

Sobre o financiamento internacional da revolução, Gunther Mros<sup>124</sup> explica que Aranha conseguiu encomendar armamentos da Tchecoslováquia no valor de 16 mil contos. Os três estados líderes do movimento dividiram a despesa. Oito para o Rio Grande, oito para Minas e dois para a Paraíba. Combinava-se que o movimento deveria eclodir ao mesmo tempo em todo o território nacional e para isso era necessária toda a ajuda militar possível. O financiamento, inclusive, foi uma das maiores dificuldades.

Entre junho e julho, os preparativos vinham esfriando, mas o vice de Getúlio na chapa da Aliança Liberal, João Pessoa, foi assassinado. Apesar de o assassinato ter sido cometido por razões privadas e por disputas regionais, o evento foi utilizado politicamente contra o governo federal. Vargas já havia, em junho, feito um discurso contra a violência política de Washington Luís contra aliancistas, e, logo depois, veio o assassinato. Nesse momento, o oficial do Exército Pedro Aurélio de Góis Monteiro assumiu a chefia militar do movimento.

A preparação internacional dos recursos contou com um número relevante de pessoas no exterior. Construiu-se um sistema de informantes fora do Brasil, para auxiliar o movimento.

Nesse processo de preparação, um elemento chama a atenção: o fato de que um importante membro do governo da Argentina ajudou a financiar e a facilitar as movimentações de equipamentos e armas dos revolucionários aliancistas: o chefe do Estado Maior da Argentina. Em 16 de outubro, identifiquei que as articulações para se fazer a revolução contaram com o apoio velado da Argentina. É o que demonstra o documento de Lindolfo Collor a Oswaldo Aranha informando que “o chefe do Estado

---

<sup>123</sup>Este documento também é importante, pois demonstra o contrário do que vem apontando a literatura especializada, no sentido de que Getúlio Vargas não tinha interesses pelos negócios internacionais do Brasil ainda durante o movimento revolucionário e, sobretudo, durante o Governo Provisório, por estar muito ocupado com as questões da política interna. O que se nota é bem o contrário: o interesse do gaúcho pelas questões internacionais, sobretudo aquelas ligadas à economia e ao comércio acompanharam-no desde o início da sua vida política e se intensificaram a partir do movimento de 1930. Dedicar-me-ei a essa questão, mais detidamente, no capítulo 2.

<sup>124</sup>MROS, Günther Richter. *Origens do paradigma desenvolvimentista: as contribuições de Oswaldo Aranha e dos militares (1931-1935)*. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado)- Curso de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2011, p.53.

Maior da Argentina está disposto em auxiliar a revolução”.<sup>125</sup> O auxílio viria por meio, de deixar passar pela Argentina, encomendas da Europa. Ainda se afirma que “outra solução seria impossível”, demonstrando a importância desse auxílio.

O que acontecia na Argentina nesta época? Como explica-nos Donald Castro<sup>126</sup> e Marvin Goldwert,<sup>127</sup> estudiosos da Revolução de 1930, não do Brasil, mas sim da Argentina, o até então, relativamente popular presidente argentino, Hipólito Yrigoyen, passou a contar com forte oposição de militares que se inspiraram em líderes autoritários, como Primo de Rivera na Espanha, e sobretudo no fascismo de Benito Mussolini, para aplicar um golpe e instalar um governo autoritário. Foi o que ocorreu com a entrada do general José Félix Uriburu. Os militares ficaram no governo até fevereiro de 1932. O movimento chegou ao poder, explicam os autores, principalmente devido à insatisfação com a democracia, a corrupção e as pesadas repercussões econômicas da crise de 1929 no país. É esse governo militar que cooperou com a Revolução de 1930 do Brasil, por meio da figura do Ministro da Guerra General Francisco Medina.

Um segundo aspecto foi a robusta rede internacional de financiamento do movimento de 1930. Por meio da documentação que pesquisei,<sup>128</sup> é possível compreender o esquema logístico dos revolucionários: o dinheiro saía do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e da Paraíba. Também havia aqueles que contribuía do exterior, sobretudo militares exilados na Argentina e no Uruguai interessados em ajudar. Os armamentos e equipamentos eram comprados na Europa. Identifiquei que o principal responsável pela movimentação deles em direção ao Brasil foi José Carlos de Macedo Soares, que retornou à Europa para auxiliar a movimentação.<sup>129</sup>

No dia 17 de outubro, Aranha escreveu a Vargas: “Estamos em contato com o Macedo na Europa. Munição chegará em breve”<sup>130</sup> e completou: “Ministro da Guerra da

---

<sup>125</sup> COLLOR, Lindolfo Leopoldo Boeckel [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 16 out. 1930. Informando sobre a disposição do chefe do Estado Maior argentino em auxiliar a revolução. Arquivo de Getúlio Vargas (GV c 1930.10.16/2). CPDOC/FGV.

<sup>126</sup>CASTRO, Donald. The Argentine Revista and the Uriburu Revolution, 1930-1032. *Latin American Theatre Review* (1997): 43-58.

<sup>127</sup>GOLDWERT, Marvin. *The Argentine Revolution of 1930: the rise of modern militarism and ultra-nationalism in Argentina*. The University of Texas at Austin, 1962.

<sup>128</sup>ARANHA, Oswaldo Euclides de Sousa. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 17 out. 1930. Informando sobre providências para aquisição e fabricação de armamentos, e sobre o andamento da revolução em Santa Catarina. (GV c 1930.10.17/4). CPDOC-FGV.

<sup>129</sup>Idem.

<sup>130</sup>Idem.

Argentina deixará passar”<sup>131</sup>. Aranha informou, também, que estava providenciando a aquisição de munição no Uruguai, concluindo: “em 30 dias tudo está em nosso poder”<sup>132</sup>. Também informou que a fabricação no Brasil ia muito bem: “estamos fabricando 10 tanques, lanças, minas, stocklers, granadas”.<sup>133</sup> Mais armas, incluindo tanques de guerra também estavam sendo produzidas em Minas Gerais sob o comando do mineiro Cristiano Machado, que matinha Aranha informado de tudo.<sup>134</sup>

Conclui-se, assim, que os revolucionários montaram um esquema de financiamento e logística que viabilizou toda a movimentação. Este esquema foi fundamental não apenas para a instalação do movimento, mas, também, para a organização do próprio governo provisório de Vargas, como se verá adiante.

No mesmo dia 17 de outubro, o próprio Vargas escreveu a Aranha, pedindo que os contatos confidenciais feitos junto ao Ministro da Guerra da Argentina, General Francisco Medina, por meio de Lindolfo Collor, fossem apressados, devido à falta de munição no Brasil.<sup>135</sup> Por outro lado, eles buscavam impedir que armas que alimentavam as tropas federais chegassem a Rio de Janeiro. O bloqueio dos revolucionários deixou alguns registros de sucesso. Em outubro, Aranha combinou, com o Secretário do Interior da Paraíba, o aprisionamento de um vapor chamado Rui Barbosa que vinha da Europa com armamentos para o governo federal.<sup>136</sup>

No fim de outubro, Aranha passou a trocar cartas com um contato chamado apenas de “Labastille” para que aviões chegassem ao Brasil e informou a Vargas: “nossos aviões contam com uma listra branca entre duas vermelhas” para distinguir os veículos da Revolução.<sup>137</sup>

Entre 22 e 24 de outubro, Lindolfo Collor articulou vários contatos para que se arrecadasse dinheiro na Argentina e se comprasse, em suas palavras, “o máximo de

---

<sup>131</sup>ARANHA, Oswaldo Euclides de Sousa. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 17 out. 1930. Informando sobre providências para aquisição e fabricação de armamentos, e sobre o andamento da revolução em Santa Catarina. (GV c 1930.10.17/4) CPDOC-FGV.

<sup>132</sup>Idem.

<sup>133</sup>Idem.

<sup>134</sup>ARANHA, Oswaldo Euclides de Souza. [Telegrama]. Destinatário: Cristiano Machado. 22 out. 1930. (GV c 1930.10.22/1). CPDOC-FGV.

<sup>135</sup>VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Euclides de Sousa Aranha. (GV c 1930.10.17/2). CPDOC-FGV.

<sup>136</sup>ARANHA, Oswaldo Euclides de Souza. [Telegrama]. Destinatário: Secretário do Interior da Paraíba. 17 out. 1930. Recomendando o aprisionamento de vapor, vindo da Europa, com armamento, e informando sobre o andamento da revolução. (GV c 1930.10.17/5). CPDOC-FGV.

<sup>137</sup>ARANHA, Oswaldo Euclides de Sousa. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 19 out. 1930. (GV c 1930.10.19/2). CPDOC-FGV.

munição sete milímetros para carabina Mauser”. Disse que conseguiu 135 mil libras, quantia que iria dividir em depósitos na conta de seu contato, em bancos nas cidades de Montevideo e Buenos Aires. Reunida essa quantia, ela seria enviada para Macedo Soares, na Europa. Disse que estava prestes a conseguir mais mil libras e que seu contato deveria fazer um empréstimo, no Canadá, de vinte mil libras. Collor sugeriu, então, que a exportação de matéria prima do Rio Grande fosse interrompida para que gerasse mais comércio local e arrecadasse dinheiro.<sup>138</sup>

A organização dos revolucionários cresceu em número de militares brasileiros no exterior que passaram a auxiliá-la. No dia 23 de outubro, Lindolfo Collor informou a Vargas de que o capitão Orlando Leite Ribeiro embarcou em missão revolucionária em Buenos Aires envolvida com a arrecadação de dinheiro. Esse personagem já tinha larga experiência militar junto aos tenentistas. Quando se iniciara o movimento da Coluna Prestes, em 1927, que congregou os movimentos tenentistas anteriores em um só esforço contra o governo federal, Orlando Leite exilara-se em Buenos Aires servindo de ligação internacional para o movimento dos “tenentes”. Ele havia sido condenado à prisão. Até a vitória do movimento revolucionário, Ribeiro atuou na coordenação do financiamento do movimento na Argentina.

A presença dos revolucionários, no exterior, movimentou tantos recursos que Vargas alertou Aranha, no dia 24 de outubro, de que havia algumas pessoas se passando por representantes oficiais da revolução para captar recursos e “fazer disso um meio de vida”, pedindo ao amigo para que se tomasse cuidado com os “aproveitadores”.<sup>139</sup>

Apesar de a historiografia especializada na investigação do movimento atestar que ele foi vitorioso em 24 de outubro, pois, de fato, foi quando uma junta militar assumiu o poder no Rio de Janeiro, vale registrar que Aranha ainda cuidou de uma última cidade resistente à adesão de Minas Gerais à Revolução, dias depois de 24 de outubro. Refiro-me à cidade de Juiz de Fora.<sup>140</sup> A resistência demonstra que, mesmo após a tomada oficial

---

<sup>138</sup>ARANHA, Oswaldo Euclides de Sousa. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 22 out. 1930. GV c 1930.10.22/4. Informando sobre a organização das tropas revolucionárias no Rio Grande do Sul e sobre compra de material bélico na Argentina. (GV c 1930.10.22/4). CPDOC-FGV.

<sup>139</sup>VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 24 out. 1930. (GV c 1930.10.24/1). CPDOC-FGV.

<sup>140</sup>ARANHA, Oswaldo Euclides de Sousa. [Telegrama]. Destinatário: Olegário Maciel. 25 out. 1930. Instruções relativas à continuidade do movimento revolucionário caso a Junta Governativa não aceite imposições feitas. (GV c 1930.10.25/1). CPDOC-FGV.



do poder, Aranha não baixou a guarda contra as resistências remanescentes, fazendo, aos poucos, todas elas perderam força.

Em seu diário pessoal, fonte importante que utilizarei para essas investigações, Getúlio Vargas registrou, em 3 de outubro de 1930, que o assalto ao quartel general do Rio de Janeiro, finalmente, foi executado: “guardas civis e populares capitaneados por Oswaldo Aranha, Flores Cunha e Adalberto Correa”. Vargas escreveu: “foi uns vinte minutos de luta (...) um fogo vivo de fuzil e metralhadora (...) Foi um lance épico”. (1995, v.1, p.5)<sup>141</sup>

Quando as tropas gaúchas partiam para o Rio de Janeiro, Vargas trocou com Aranha, o deixou no cargo de presidente do Rio Grande e assumiu o comando das tropas em direção à capital. Feita a deposição de Washington Luís, ainda pairou a dúvida: a junta governativa entregaria o poder a Vargas? A junta acabou cedendo a entrega total do poder a Getúlio Vargas em 3 de novembro de 1930, graças às investidas dos “tenentes civis”.

Estava instalado o governo provisório de Getúlio Vargas. O que se acompanhou, até aqui, é de alta relevância para a compreensão do futuro serviço de informação da presidência, pois percebe-se que, desde o início do movimento, Vargas desenvolveu muitos contatos internacionais. Muitos dos seus adeptos estiveram ou até permaneceram no exterior após a vitória. Nota-se que o apoio do governo argentino foi fundamental e que o financiamento contou com uma complexa rede de informantes. É importante dizer que esta rede de informantes não apenas informava, mas atuava junto a Vargas na tomada de decisões.

Atingida a vitória, essa rede internacional de aliados do movimento não se desfez. Muito pelo contrário. Desde o início, Vargas valeu-se dos recursos e cargos internacionais para gestar os diversos interesses de sua política interna, conectando-a diretamente à externa. Ofereceu, por exemplo, o estratégico cargo de Embaixador do Brasil em Buenos Aires ao político Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. A estratégia não apenas agradaria o político, mas, também, daria a Vargas um Embaixador “revolucionário”, construindo um contato diferenciado, pois não seria apenas um diplomata seguindo ordens, mas um político interessado na agenda do movimento. Além disso, Vargas poderia neutralizar as pretensões de poder político de Antônio Carlos, isolando-o na Argentina. O mineiro, contudo, não aceitou o cargo.

---

<sup>141</sup>VARGAS, Getúlio. Diário (1930-1942). São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1, p.5.

Pode-se compreender, ao acompanhar o processo que levou Vargas ao poder, que uma rede de informantes, sobretudo, na Argentina, Paraguai e Uruguai já estava construída e vinculada ao projeto dos revolucionários. Outro ponto é o de que todos os futuros ministros das Relações Exteriores participaram desse processo, inclusive com articulações internacionais antes de serem ministros. Soares esteve na Europa, Aranha, na Argentina e Franco articulando o financiamento do movimento. Mesmo após terem alcançado vitória, já como chanceleres, eles continuaram agindo para a garantia do que acreditavam ser uma revolução.

Para exemplificar, é possível relatar que, ao pesquisar-se o arquivo pessoal de Afrânio de Melo Franco, nota-se que ele foi alertado pelo diplomata Valentim Fernandes Bouças, que estava em Nova York, no dia 19 de fevereiro de 1933, de que os opositores do governo Vargas buscavam abrir inquéritos nos EUA contra o movimento revolucionário. Bouças o informou de que os opositores ao governo buscavam pedir ao Senado dos EUA que se abrisse uma investigação contra empréstimos que o governo de Minas Gerais fez aos EUA, pois o dinheiro foi usado, para financiar a revolução. Franco, já como chanceler, enviou uma carta a Vargas informando-o do ocorrido.<sup>142</sup>

Ao investigar-se o sistema de arquivos dos EUA, o *The National Archives Museum in Washington*, não se encontra vestígio desse inquérito, registrado por Melo Franco como secreto. A importância do documento, contudo, não está, para esta análise, na abertura do inquérito ou não, mas sim na atuação do Ministro, que criou constante vigilância dos opositores do governo Vargas.

Destarte, os estudos mais tradicionais sobre a diplomacia brasileira<sup>143</sup> desenvolveram a tendência de se investigar a política externa do governo Vargas a partir do Governo Provisório já estabelecido. No entanto, entendo que é relevante que se compreenda que as bases de parte dessa política externa já estavam sendo gestadas durante o próprio movimento revolucionário, devido à importância que a rede de informantes do presidente terá em seu governo.

---

<sup>142</sup> FRANCO, Afrânio de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Dornelles Vargas. Informando sobre a abertura pelo Senado norte-americano, de um inquérito secreto sobre empréstimos ao governo de Minas Gerais (1920), inquérito originado possivelmente por denúncia de fora, de que este empréstimo e outro feito pelo Rio Grande do Sul, foram levados a efeito para fazer a revolução (1930). (73,1,002 n° 102). Arquivo da Biblioteca Nacional.

<sup>143</sup> Refiro-me à variada bibliografia elencada na introdução desta pesquisa, como Stanley Hilton, Amado Cervo, Paulo Fagundes Visentini e Rubens Ricupero, por exemplo.

Como será visto nos capítulos que se seguem, os indivíduos que desenvolveram cooperação com movimento de 1930, sobretudo como informantes secretos, não foram necessariamente aliados de Vargas durante o Governo Provisório. Alguns deles passaram a discordar dos rumos do governo e se tornaram opositores com atuação, recursos e contatos internacionais. Essa realidade levou Vargas a estar ainda mais atento ao cenário internacional, não apenas para executar a política externa que já se conhece, e já é, fartamente, bem documentada, mas, também, para se manter no poder, atividade ainda pouco investigada.

Destarte, as dimensões internacionais do movimento de 1930 legaram ao Governo Provisório uma rede de atores no ambiente internacional que Vargas passou ora a alimentar, para se instruir sobre informações sigilosas, ora a combater, para controlar opositores que conspiravam em outros países.

#### 2.4 A política externa do Governo Provisório: rupturas ou continuidades?

O governo provisório de Getúlio Vargas não encontrou dificuldades de ser reconhecido por outros países. O mundo estava em crise e vários países passavam por convulsões políticas internas. Não era muito surpreendente, para a comunidade internacional que algumas dessas convulsões levassem a revoluções, como foi o caso da Argentina, Brasil e, posteriormente, o Uruguai. O primeiro país a reconhecer o novo regime foi o Peru, seguido de Portugal, Estados Unidos, ainda no dia 8 de novembro, e, logo mais, Inglaterra, Bélgica, Argentina, Vaticano, Paraguai, Cuba e México.<sup>144</sup>

É possível perceber que a política externa deste governo recebeu menor quantidade de estudiosos ao longo do tempo se comparada àquela do Estado Novo, que já contou com uma ampla discussão acadêmica para, sobretudo, o período da Segunda Guerra Mundial. Ainda assim, cabe, para iniciar-se os estudos sobre esse período, uma pergunta: como os estudiosos têm interpretado a política externa do Governo Provisório?

Paulo Fagundes Visentini (2013, p.3) escreve: “O período de 1930-33 representa, superficialmente, certa continuidade em relação à política exterior da República Velha”<sup>145</sup>. Salienta que a principal preocupação dessa política foi a necessidade comercial, afinal, entre 31 e 35, a renda das exportações de café caiu 56%, logo Vargas, segundo o autor, dedicou-se mais ao comércio internacional como diretriz.

---

<sup>144</sup>VARGAS, Getúlio. *Diário (1930-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1, p.22.

<sup>145</sup>VISENTINI, Paulo Fagundes. *A Projeção Internacional do Brasil: 1930-2012*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013, p.3

Esse autor apontou que o maior desafio internacional desse momento foi a movimentação rebelde em São Paulo, chamada pelos atores da época de Revolução Constitucionalista. Isto pois, em 1932, os paulistas rebeldes buscaram legitimidade internacional para seu movimento, como a tentativa de que alguns países reconhecessem o estado de beligerância no Brasil. Segundo o autor, foi graças à iniciativa “hábil e decisiva do Chanceler” (VISENTINI, 2013, p.) Melo Franco que o governo federal conseguiu impedir este reconhecimento.<sup>146</sup>

Além disso, Visentini menciona a Guerra do Chaco, que também eclodiu em 1932, entre Paraguai e Bolívia, sobre a qual apenas cita que o Brasil procurou manter neutralidade.

Para o autor, apesar de ser possível notar tendências, como a centralização das decisões do governo na figura do presidente, a maximização das vantagens de um país periférico e a tendência industrializante, a partir de 1934, toda a política externa brasileira entre 30 e 45 demonstrou, aparentemente, “falta de rumo definido por parte de Vargas”.<sup>147</sup>

Já para o historiador Ricardo Seitenfus:

Considerando-se o conjunto das medidas adotadas pelo novo governo, sobretudo no plano econômico, constata-se que, com exceção da criação de novos ministérios, símbolo de certas preocupações sociais – o Governo Provisório faz obra de espantosa continuidade. (SEITENFUS, 1985, p.41)<sup>148</sup>

Continua o autor em sua análise:

O lugar que o Brasil revolucionário deve ocupar no sistema internacional bem como a atitude do Rio de Janeiro perante problemas tão fundamentais quanto o panamericanismo, as relações com os Estados Unidos e com a Europa, não são abordados pelos dirigentes revolucionários; a política interna é a única preocupação dos vencedores de outubro de 1930. (SEITENFUS, 1985, p. 67)<sup>149</sup>

Como visto a posição desse autor para a política externa do Governo Provisório é categórica: “Em suma, a política externa brasileira sob o Governo Provisório demonstra

---

<sup>146</sup>Idem, p.3.10.

<sup>147</sup>Idem, p.4.

<sup>148</sup>SEITENFUS, Ricardo Antônio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985, p.41.

<sup>149</sup>Idem, p.67

uma espantosa continuidade e uma grande ausência de imaginação. Contudo, a partir de 1934, tanto por razões internas quanto internacionais, ela será bem mais interessante”. (SEITENFUS, 1985, p. 67)<sup>150</sup>

Um dos trabalhos mais influentes para os estudiosos da história das relações internacionais e da política externa brasileira é o trabalho de Amado Luiz Cervo e Clodoaldo Bueno, *História da Política Exterior do Brasil*. A obra tornou-se muito influente por ser uma das mais indicadas para a preparação para o concurso de admissão à carreira de diplomatas.

A interpretação desses autores a respeito da condução da política externa consolidou, como apresentou-se na Introdução desta obra, a tendência de se analisar a política externa brasileira de Vargas como continuação do legado do Barão de Rio Branco, no sentido de que os diplomatas conduziram uma diplomacia mais técnica expressa, sobretudo, pela personalidade humanista e pelo apego ao direito internacional de Afrânio de Melo Franco e pelo panamericanismo e apego aos valores do pacifismo na pessoa de Oswaldo Aranha. Já Vargas aparece como uma figura legitimamente política e interessada nas relações de poder que, contudo, volta-se muito mais para a política interna, deixando a externa à condução de seus diplomatas.<sup>151</sup>

Sobre a política externa do governo provisório, afirmam os autores: “o novo chanceler, Afrânio de Melo Franco, político e diplomata mineiro, experiente até mesmo na Liga das Nações, ficou no posto até 1933 e não promoveu significativas alterações de rumos na política exterior que o Brasil vinha desenvolvendo” (CERVO, BUENO, 2002, p.251).<sup>152</sup>

O mais recente trabalho sobre a política externa brasileira a estudar a política externa do Governo Provisório é o do professor Rubens Ricupero em *A diplomacia na construção do Brasil*, de 2017. Já apresentei que o autor tem uma análise que destoa de Clodoaldo Bueno e Cervo, no sentido de que a diplomacia de Vargas foi muito mais construída a reboque da hegemonia estadunidense que, de fato, expressão da habilidade política de

---

<sup>150</sup>Idem, p.67.

<sup>151</sup>Os autores que corroboram com esta interpretação já foram apresentados até aqui, mas, para fins de organização, retomo BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos EUA no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 373. PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento Diplomático Brasileiro: formuladores e agentes da política externa*. 3v. Brasília: FUNAG, 2013, p.672. ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)*. Editora FGV, 2015, p.2335-2339. JUNIOR, Frank D. *Mccann. A Aliança brasil-estados unidos 1937-1945*. Biblioteca do Exército, 1995, p, 154.

<sup>152</sup>CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais/Editora da Universidade de Brasília, 2002 p. 251.

Vargas. O autor chama esse comportamento de “diplomacia da fraqueza”.<sup>153</sup> Além disso, apresenta que as atuações do Ministro das Relações Exteriores e dos diplomatas foram os condutores da política externa. Sobre Aranha ele expressa “Oswaldo Aranha foi o principal artífice da estratégia brasileira na esfera diplomática” (RICUPERO, 2017, p.362).

Sobre o Governo Provisório, o autor argumenta:

Do ponto de vista da diplomacia em sentido estrito, talvez se possa identificar, na fase inicial de 1930 a 1937, um momento de básica continuidade com seu passado recente tanto no conteúdo da agenda de problemas externos quanto na forma de resolvê-los (...) Entre Otávio Mangabeira, último ministro do Exterior da Primeira República, Afrânio de Melo Franco, primeiro da nova era e seu sucessor, José Carlos de Macedo Soares é quase impossível discernir diferenças de relevo, salvo as de personalidade. São todos homens vindos do antigo regime (...) pertenciam à mesma classe social, haviam recebido idêntica formação política e intelectual, ostentavam crenças e valores quase intercambiáveis. (RICUPERO, 2017, p.344)<sup>154</sup>

É possível notar algo em comum entre autores que construíram esta tendência de interpretação: são, de alguma maneira, conectados à interpretação do próprio Itamaraty, enquanto instituição, sobre a história da diplomacia: uma história de tradições e de continuidades que tende, justamente por isso, a valorizar o papel do órgão na construção de estabilidade e confiabilidade ao Brasil, no sentido de que a política externa brasileira é sempre uma política de Estado, e não uma política de governo atrelada a interesses políticos e a relações de poder.

Os trabalhos desses autores são fundamentais para que hoje se possa, de fato, conhecer e aprender sobre a política externa brasileira. Não obstante, devido a essa relação com a maneira de se interpretar a História vinda do próprio Ministério das Relações Exteriores, defendo que ainda há lacunas a respeito das relações entre diplomatas, ministros e o poder Executivo.

Um trabalho que avançou sobre a atuação de um dos ministros de Vargas foi o do brasilianista Stanley Hilton, quem mais se debruçou especificamente sobre a diplomacia de Afrânio de Melo Franco entre 1930 e 1933. Para este autor, Franco era um jurista

---

<sup>153</sup>RICUPERO, Rubens. *A Diplomacia na Construção do Brasil 1750-2016*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017, p. 349.

<sup>154</sup>RICUPERO, Rubens. *A Diplomacia na Construção do Brasil 1750-2016*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017, p. 344.

apaixonado pela paz e pela diplomacia. Apresentando longa experiência nas conferências de paz e naqueles da Liga das Nações durante o governo de Arthur Bernardes, Afrânio de Melo Franco conduziu o Itamaraty “com grande integridade moral”,<sup>155</sup> afirma Hilton (2013, p.440-45), negando, inclusive, que seus filhos fossem beneficiados pela instituição.

Uma das maiores preocupações de Franco era com a reforma da carreira de diplomatas, para que o Brasil realmente contasse com uma atuação de funcionários eficientes no exterior. Franco era um crítico da “diplomacia excessivamente burocrática”. Hilton aponta que Franco buscava uma reforma administrativa no Itamaraty desde sua experiência em Genebra, escrevendo, então, o diplomata em 1925: “É indispensável uma reforma fundamental no serviço diplomático, para que as funções não sejam um simples elemento decorativo e de gozo individual” (HILTON, 2013, p.445).<sup>156</sup>

O Melo Franco de Hilton foi o condutor da política externa brasileira. Durante a atuação do ministro, Vargas aparece sempre como alguém a ser persuadido sobre “os interesses nacionais”. O autor cita sobre os trabalhos de Franco na Argentina:

Deu pleno apoio, assim, à ideia de realizar uma exposição industrial brasileira em Buenos Aires, mandou negociar um novo convênio comercial bilateral, e persuadiu Vargas a convidar o general Agustín Justo, presidente da Argentina, a visitar o Brasil. Melo Franco cogitava desta iniciativa algum tempo para “ajudar a dissipar suspeitas mútuas” – palavras suas em carta particular. (HILTON, 2013, p.462)<sup>157</sup>

Além disso, Hilton afirma que foi Franco quem convenceu Vargas a permitir que o Brasil realmente tivesse uma representação na Conferência de Desarmamento, de 1932, em Genebra. Hilton também investigou as causas para que Melo Franco tenha pedido demissão em dezembro de 1933. Segundo ele, foi tudo muito inesperado

no entender do chanceler, Vargas assumira o compromisso de nomear seu filho. Por isso ficou ultrajado quando Vargas inesperadamente nomeou um político de pouca projeção naquele momento. Sentindo-se desmoralizado, o chanceler deixou a Conferência, voltou ao Rio de

---

<sup>155</sup>HILTON, Stanley. Afrânio de Melo Franco: a consolidação da estratégia de política externa. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento diplomático brasileiro: formuladores e agentes da política externa (1750-1950)*. Brasília: FUNAG, 2013, p.440-445.

<sup>156</sup>Idem, p.445.

<sup>157</sup>Idem, p.462.

Janeiro, e apresentou seu pedido de demissão. Vargas tentou dissuadi-lo, mas Melo Franco não cedeu. (HILTON, 2013, p.470)<sup>158</sup>

Por fim, o autor explica que, durante a atuação de Melo Franco, a Argentina passou a ser um foco ainda mais visado pela diplomacia brasileira. Franco conduziu cordial aproximação do Brasil em relação à Argentina e, concomitantemente, fez aproximações da Bolívia e do Paraguai, para que se contivesse a influência portenha, bem como buscou driblar as iniciativas argentinas de prejudicar os projetos militares e comerciais brasileiros.

Segundo Hilton, Franco identificava que o grande objetivo da política externa do Brasil seria dedicar-se às suas relações com seus países vizinhos, para que o Brasil não permanecesse tão isolado das forças geopolíticas regionais e, ao mesmo tempo, se construísse como hegemonia regional. Sobre essa estratégia, concluiu: “durante 1930-1933, investido de autonomia em grau desusado na tomada de decisões, Melo Franco pôde aplicar essa estratégia em todo seu vigor, entregando-a consolidada a seus sucessores” (HILTON, 2013, p.475).<sup>159</sup>

Além disso: “O chanceler cumpriu muito bem uma das mais indispensáveis estratégias da política externa brasileira do início do século XX: cultivar um relacionamento cordial com a Argentina como meio de manter os atritos dentro de limites manejáveis” (HILTON, 2013, p.477).<sup>160</sup>

Em dezembro de 1933, Afrânio de Melo Franco pediu demissão do cargo de Ministro das Relações Exteriores. Hilton corrobora com a interpretação de que a demissão de Melo Franco se deveu a uma questão de política interna, Vargas assumira o compromisso de nomear Virgílio de Melo Franco, filho do chanceler, para interventor no estado de Minas Gerais “quando Vargas, inesperadamente, nomeou um político de pouca projeção naquele momento. Sentindo-se desmoralizado, o chanceler deixou a Conferência, voltou ao Rio de Janeiro, e apresentou seu pedido de demissão. Vargas tentou dissuadi-lo, mas Melo Franco não cedeu” (HILTON, 2013, p.470).<sup>161</sup> Naquele momento, o Ministro encontrava-se na VIII Conferência Interamericana. Segundo Hilton, foi tudo muito inesperado.

---

<sup>158</sup>Idem, p.470.

<sup>159</sup>Idem, p.475.

<sup>160</sup>Idem, p.477.

<sup>161</sup>Idem, p.470.



Termino, assim, uma exposição a respeito das principais interpretações que legam aos ministros de Vargas e a condução da diplomacia do Governo Provisório. Costurarei, a seguir, a defesa de uma nova abordagem: a interpretação de que, na verdade, Getúlio Vargas não apenas esteve intimamente ligado à formulação da política externa brasileira, como exerceu um protagonismo atípico e informal junto a diversos diplomatas na condução de uma política externa confidencial, pela qual se informava e fazia executar muito do que acabava tornando-se a política externa oficial. Essa abordagem coaduna-se com o que um outro diplomata passou, recentemente, a apresentar: a interpretação de que Vargas conduziu uma diplomacia presidencial, desde o Governo Provisório, interpretação de Sérgio Danese.<sup>162</sup>

O diplomata Sérgio Danese, apontou que desde a década de 1930, Vargas inaugurou uma nova forma de se conduzir a política externa brasileira, por meio da diplomacia presidencial, um fenômeno político-diplomático caracterizado pela condução da diplomacia pelo presidente, indo além das funções oficiais do poder executivo. Danese elencou a ativa participação de Vargas na Conferência de Paz do Chaco, em Buenos Aires, em combinação com a sua visita bilateral à Argentina, em maio de 1935 e sua passagem pelo Uruguai,<sup>163</sup> criando laços diplomáticos; a participação brasileira – ainda que residual – no sistema de Conferências – da Segunda Guerra, com a Conferência de Natal, entre Vargas e Franklin Roosevelt. Enfim, uma nova lógica de atuação na política externa para o poder executivo.<sup>164</sup>

A essas novas dimensões de atuação, soma-se a prática do presidente de manifestar-se em discursos de grande repercussão, explicitando o seu comando da política externa. Assim, Getúlio Vargas inaugurou uma nova forma de conduzir a diplomacia brasileira na qual ele era o protagonista, e seus chanceleres perdiam poder de decisão.

Sérgio Danese explica:

No governo Vargas, portanto, uniram-se duas vertentes que necessariamente apontariam para um fortalecimento inédito do papel pessoal do presidente da República na condução da política externa: a concentração do poder no chefe do Executivo e a dimensão econômica e de política interna de um número crescente de temas das relações exteriores (DANESE, 2017, p.340).<sup>165</sup>

<sup>162</sup>DANESE, Sérgio. *Diplomacia Presidencial: história e crítica*. Brasília: FUNAG, 2017.

<sup>163</sup>GARCIA, Eugênio Vargas. *Cronologia das relações internacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p.147.

<sup>164</sup> DANESE, Sérgio. *Diplomacia Presidencial: história e crítica*. Brasília: FUNAG, 2017, p.352.

<sup>165</sup> Idem, p.340.

A interpretação que Danese fornece à política externa de Vargas surpreende pelo contraste com os outros observadores desta política que aponte até aqui. Danese (2017, p.341) registra: “Que diferença em relação à época de Rio Branco, em que o presidente, modestamente, confiava no conhecimento, na experiência e no tato do seu chanceler! Aqui, Vargas é o diplomata, que se permite tecer reparos graves à linha adotada por seu chanceler”.<sup>166</sup>

O que defendo é não apenas que Danese está correto ao demonstrar que Vargas desempenhou comportamento ativo e vigoroso na condução da política externa, mas, também, dois outros pontos: 1) O Governo Provisório, seja por meio de iniciativas de Afrânio de Melo Franco, seja devido à condução de Vargas, independentemente do protagonismo deste ou daquele ator, não deve ser compreendido como um período de “falta de imaginação política”, em termos diplomáticos ou como apenas uma continuidade da política externa da Primeira República. 2) A rede de informantes, que Getúlio Vargas construiu, a partir do movimento revolucionário de 1930, não apenas serviu-lhe para governar, como foi ampliando-se e aperfeiçoando-se com o tempo. Ela foi uma ferramenta de administração, concomitantemente, da política interna e externa, e fundamental para que se entenda as potencialidades e os limites da própria diplomacia presidencial de Vargas.

Destarte, justificarei a posição sobre o item, apresentado acima, ainda neste segundo capítulo.

Primeiramente, nota-se que o Governo Provisório iniciou um esforço de reformular todo o Itamaraty institucionalmente. Isso já foi capaz de gerar impactos na percepção e rotina de todos os diplomatas brasileiros.

Investigando uma fonte privilegiada para esse período, o diário do diplomata Maurício Nabuco, intitulada: *Maurício Nabuco e o diário secreto da diplomacia brasileira (1919-1977)*, pode-se acompanhar o dia a dia dos primeiros passos do Governo Provisório. Referindo-se ao antigo Ministro das Relações Exteriores, Otávio Mangabeira, Nabuco escreveu que em 24 de outubro de 1930, ocorreu o levante que tomou o poder. Em 23, sabia-se que Otávio Mangabeira abandonou seu posto no Itamaraty, deixando o Ministério das Relações Exteriores acéfalo.

Nabuco escreveu que ele temia que fossem a público as informações de que o Itamaraty subvencionava notícias no exterior com dinheiro público, mas foi inevitável.

---

<sup>166</sup>Idem, p.341.

Vieram várias exposições de corrupção e endividamento do período republicano. Houve rápida campanha de descrédito sobre a política exterior conduzida até ali. Nabuco escreveu que nunca esteve de acordo com o movimento de uso do dinheiro público para propagandas no exterior, mas confessou, em seus diários, que queria aproveitar o momento para que o Itamaraty se aperfeiçoasse. Ele então passou a buscar a atuar, no novo governo, espalhando suas ideias, por meio de artigos que eram lidos pelo próprio Vargas, como relata.<sup>167</sup>

As reformas do Itamaraty fizeram parte do esforço de renovação maior gestado pelo Estado Novo, mas iniciadas no Governo Provisório. Em 1931, Vargas criou o Conselho Nacional do Café (CNC), permitindo o governo federal exercer maior controle sobre a produção e comercialização do produto, retirando das mãos de São Paulo seu controle absoluto. O CNC foi transformado, em 1933, em Departamento Nacional do Café (DNC) dando ainda mais força à estratégia original. Em 32, foi criado o Instituto do Cacau, para defesa nacional da exportação do produto, em 1933, veio o Instituto do Açúcar e do Alcool. Em 1934, como resultado das experiências da diplomacia comercial até 1933, foi criado um importante órgão da diplomacia comercial varguista: o Conselho Federal de Comércio Exterior, que retirou muitas prerrogativas de decisão antes administradas pelo Itamaraty. Este órgão, explica-nos a professora Dulce Pandolfi (2019, p.17) “além de centralizar a política do comércio exterior, se tornou um órgão de assessoramento do governo nas diversas questões econômicas”.<sup>168</sup>

Sérgio Danese lembra, inclusive, que Vargas acompanhava pessoalmente o órgão e suas decisões sempre passavam diretamente pela sua pessoa.<sup>169</sup> Descortinava-se, portanto, uma completa nova estrutura de gestão da diplomacia comercial brasileira, passando, toda ela, pela pessoa do presidente.

Vale lembrar que, ainda em novembro de 1930, foram criados o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, denominado, à época, de Ministério da Revolução e o Ministério da Educação e Saúde Pública. Além disso, entre 31 e 34, houve a promulgação

---

<sup>167</sup>FARIAS, Rogério de Souza. *Maurício Nabuco e o diário secreto da diplomacia brasileira (1919-1977)*. Manuscrito, 2020. p. 44.

<sup>168</sup>PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945. Segunda República 1930-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, p. 17.

<sup>169</sup>DANESE, Sérgio. *Diplomacia Presidencial: história e crítica*. Brasília: FUNAG, 2017, p.352.

<sup>169</sup>Idem, p. 345.

de uma série de decretos e leis para a proteção do trabalhador, com ganhos reais para o proletário, com, por exemplo, a fixação da jornada de trabalho em oito horas.

Uma mudança na política externa brasileira, logo no início do Governo Provisório, foi a estratégia de Melo Franco de estabelecer acordos bilaterais com trinta e um países, entre 31 e 33,<sup>170</sup> por meio da chamada cláusula da nação mais favorecida, ou seja, se o Brasil assinasse um acordo com outro país, ambos firmariam o compromisso de não apresentarem acordos comerciais com mais benéficos para países fora deste acordo, mantendo assim as melhores condições para comércio externo ofertada entre os dois. A iniciativa de Franco foi ao encontro das perspectivas da Revolução de 1930, ou seja, diversificar o comércio externo do Brasil.

O que essa política não previa era que a crise internacional, iniciada em 1929, criou um ambiente de profundo isolacionismo. Como explica o professor Fábio Koifman (2019, p.275), devido à crise internacional, “os Estados tentaram enfrentar a situação, por meio da proteção dos respectivos mercados internos”.<sup>171</sup> O sistema de comércio internacional não era mais aquele da era dos liberais e das cláusulas de nações mais favorecidas. As potências que tinham áreas de influência política e comercial, como os EUA ou a Inglaterra com suas colônias, buscaram se proteger da crise, por meio de melhores acordos comerciais junto às suas respectivas áreas. Não obstante, “potências que não dispunham de blocos ou áreas de influência asseguradas, como era o caso da Alemanha, da Itália e do Japão, passaram a demandar uma revisão do sistema internacional” (KOIFMAN 2019, p275).

Os acordos de Melo Franco inovaram as diretrizes da diplomacia comercial brasileira, mas pecaram na leitura do momento. O chanceler José Carlos de Macedo Soares apresentou uma outra interpretação sobre o sistema internacional de comércio. Será visto a seguir, inclusive, que as perspectivas de política externa de Macedo Soares eram diferentes daquelas de Melo Franco. Em 1935, todos os acordos bilaterais firmados por Melo Franco foram denunciados. A perspectiva, inclusive, de que o Brasil precisava reagir à crise do liberalismo, denunciado esses acordos que não receberem reciprocidade,

---

<sup>170</sup>HILTON, Stanley. Afrânio de Melo Franco: a consolidação da estratégia de política externa. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento diplomático brasileiro: formuladores e agentes da política externa (1750-1950)*. Brasília: FUNAG, 2013, p.460.

<sup>171</sup>KOIFMAN, Fábio. "O governo Vargas e a política externa brasileira (1930-1945). In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945. Segunda República 1930-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, p.275.

nem aumentaram as exportações brasileiras no geral, coaduna-se com o esforço do já citado Conselho Federal de Comércio Exterior, em 34.

Durante a Conferência de Desarmamento de 1932, apesar de o pacifismo ser a prerrogativa máxima da política externa brasileira, Melo Franco e Macedo Soares, à época, representante do Brasil em Genebra, na conferência, combinaram, juntos, uma maneira de se fazer com que a tonelagem mínima de equipamentos e navios para os países da Conferência fosse alta o bastante para não prejudicar o rearmamento do Brasil. Ao investigar, no Arquivo Estado de São Paulo, o arquivo pessoal de Macedo Soares, percebi que Soares e Franco trocaram cartas inclusive fora do Itamaraty, usando o residência de Franco como endereço final das cartas de Soares.<sup>172</sup>

Nessas conversas, o Ministro Franco concordou com Soares de que era tolerável aceitar a proposta da Argentina, de que a tonelagem máxima de 86.000, para a Marinha, poderia ser o acordo final de desarmamento. O Brasil poderia estar de acordo, pois, segundo Macedo, o número era alto se comparado à tonelagem que Brasil possuía, portanto, não estaria fazendo sacrifício algum quanto a um real desarmamento. A marinha brasileira respondeu que concordava, mas pediu que não se incluísse na conta os navios auxiliares e fluviais. Nessas conversas, também é possível observar que Macedo Soares buscou auxílio de Mussolini para armar o Brasil e estabelecer acordos comerciais, bem como recebeu um convite especial dos EUA, para que renovassem os esforços de aproximação comercial entre os dois países.<sup>173</sup>

Estudarei, mais detalhadamente, a atuação de Soares nesta Conferência, no capítulo 2, mas é importante citá-la, para que o leitor compreenda que uma miríade de novas pautas estava em jogo na administração de Melo Franco, entre elas, o objetivo de rearmar o Brasil, respeitando a conciliação com os países vizinhos e diversificar as parcerias do Brasil, incluindo, inclusive, a Itália de Mussolini.

A reforma no Itamaraty esteve vinculada a um renovado desejo do Governo Provisório de fazer com que os gastos no exterior fossem controlados, que os diplomatas fossem mais eficientes e que o interesse nacional estivesse acima de tudo. Um dos seus mais importantes aspectos foi a fusão de cargos. Os funcionários da Secretaria de Estado, os do consulado e os dos postos diplomáticos foram fundidos em uma só carreira. Um

---

<sup>172</sup>Dossiê Conferência do Desarmamento. Cópias de telegramas emitidos e recebidos pelo Ministério das Relações Exteriores na Conferência de Desarmamento. (AP TXT MS 157.02.001). Arquivo Macedo Soares.

<sup>173</sup>Idem.

outro importante passo da reforma foi o de obrigar que todos os funcionários fizessem uma rotatividade entre a Secretaria de Estado, trabalhando no Brasil, e postos no exterior.

Segundo um levantamento feito pelo secretário-geral do Itamaraty, à época, 63%<sup>174</sup> dos funcionários não estavam em seus postos quando Melo Franco assumiu a pasta Franco queria, porquanto, criar, com a reforma, “uma sementeira de chefes de missão para o futuro – chefes formados na escola realista da competição industrial, econômica e comercial dos nossos dias” (HILTON, 2013, p.457).<sup>175</sup>

Uma outra frente que Franco atuou foi no combate internacional ao comunismo. Durante sua gestão como Ministro, Luís Carlos Prestes estava em Moscou e esse fato apenas fez intensificar o interesse do Itamaraty em colher informações das embaixadas em vários países. O chanceler desenvolveu constantes trocas de informações com a Política do Distrito Federal e buscou vetar fluxos migratórios da URSS para o Brasil. Franco buscou despertar o interesse de Montevideo em também ingressar na cooperação de combate internacional ao comunismo, bem como se recusou à possibilidade de reatar relações diplomáticas com Moscou, então rompidas desde 1918.<sup>176</sup>

Demonstrarei, a seguir, que o Itamaraty, sobretudo sob a gestão de José Carlos de Macedo Soares, funcionou como observatório das atividades comunistas internacionais, treinando diplomatas a identificar e investigar estas atividades. Esse esforço começou na gestão de Melo Franco.

Por fim, pode-se citar as inovações quanto ao panamericanismo. Diante dos entraves internacionais de comércio e as ameaças de um mundo mais belicoso, o Brasil de Vargas, ainda durante o Governo Provisório, buscou estreitar suas relações com os vizinhos. Primeiramente, cito os pactos de paz. Em 1933, o Brasil assinou a proposta da Argentina de não agressão e conciliação, o Pacto Saavedra Lamas. Na esteira de grandes tratados pela paz, Macedo Soares conduziu a Vargas o pedido de ratificação do Pacto Briand-Kellog, firmado ainda em 1928, que determinada a solução pacífica de controvérsias como único meio para solução de conflitos, em busca de ilegalizar as guerras. O processo foi iniciado na gestão de Melo Franco, em fins de 1933. Por meio destes, de discursos do

---

<sup>174</sup>FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Um estadista da República*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995, volume 3, p. 1374.

<sup>175</sup>HILTON, Stanley. Afrânio de Melo Franco: a consolidação da estratégia de política externa. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento diplomático brasileiro: formuladores e agentes da política externa (1750-1950)*. Brasília: FUNAG, 2013, p. 457.

<sup>176</sup>Idem, p. 460.

presidente e de seus ministros em elogio às parcerias entre vizinhos, Vargas dava mostras de que pretendia avançar na integração entre os países da América do Sul.

Já no campo logístico, a política externa de Vargas também ofereceu avanços: houve o processo iniciado na gestão de Melo Franco, segundo Stanley Hilton, de um projeto que defendia a perspectiva de que São Paulo seria, no futuro, centro abastecedor de produtos industriais e matéria-prima para Bolívia e Paraguai, por meio de estradas de ferro. Essa aproximação reforçaria a influência brasileira na região, diminuindo o poder argentino. Já havia um tratado com a Bolívia, desde 1928, sobre o financiamento da construção de uma via férrea. Complementando esse plano, Franco aproveitou a VII Conferência Interamericana, em Montevideo, para propor o projeto de linha férrea, agora, com o Paraguai. Esses esforços prepararam o terreno para o fechamento de acordos que se concretizaram em fins da década de 1930.<sup>177</sup>

No que diz respeito aos conflitos regionais, o Itamaraty de Melo Franco ofereceu seus préstimos, para negociar a paz no conflito entre Peru e Colômbia, que disputaram o território de Letícia, entre 32 e 33, e também, se envolveu com as negociações do completo conflito que foi a Guerra do Chaco.

Nesse campo das demonstrações práticas, também não se pode esquecer as visitas presidenciais, símbolo máximo do que Sérgio Danese chamou de diplomacia presidencial, afinal, por meio delas, Vargas criava todo um clima de concordância, amenidades e usava as visitas para conversas particulares e confidenciais com presidentes, para fechar pontos mais sensíveis.

É dessa maneira que defendo uma nova perspectiva a respeito da política externa do Governo Provisório: se é possível notar continuidades, como a defesa do panamericanismo, a busca pela aproximação dos EUA e a defesa do pacifismo, vê-se inclusive, em cada uma destas pautas, inovações. É possível observar, também, um esforço geral de se renovar o corpo diplomático, a atuação externa do Brasil, o combate à corrupção no Ministério, um inédito enfoque na diplomacia comercial, enfim, não se enxergar apenas continuidades, bem pelo contrário.

Aliás, cabe, ainda, uma reflexão: volto ao diário do diplomata Maurício Nabuco. O diplomata acabou, apesar de sua amizade e admiração pessoal pelo Chanceler, confessando suas desavenças com Melo Franco, justamente devido a questões que ele interpretou como de “auto interesse”: “O Mello Franco continua a nomear vagabundos e

---

<sup>177</sup> Idem, p. 458.

sem preparo para cônsules de 3a [classe]. Já na Secretaria [de Estado] não temos elementos capazes em número suficiente e não sei onde iremos parar” (NABUCO,1933).<sup>178</sup> Para o diplomata, o fato de Franco ter um irmão, dois filhos e dois genros na carreira de diplomata o incomodava, pois todos entraram no Itamaraty, por meio de nomeações políticas. Cabe ressaltar, porém, que tais nomeações eram o meio regular de entrada na carreira diplomática.

As impressões de Nabuco são importantes para esta investigação, pois auxiliam no esforço de uma releitura: Franco não desfrutou de “plena liberdade”, como defendido pela literatura especializada até aqui, e não necessariamente foi completamente livre de interesses pessoais em sua gestão. Na verdade, é justamente as relações de poder que ministros desempenharam que mais interessa a este trabalho. A relação que Vargas estabelecia com seus informantes sobre as relações internacionais fazia driblar a autoridade de seu ministro Melo Franco e isso é o que estudarei a seguir.

Se já demonstrei que, no próprio processo revolucionário, Vargas contou com importantes informantes e atores no exterior, para garantir a viabilidade da revolução, passarei, agora, a introduzir as principais ações de seu primeiro Ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco, para contextualizar o leitor sobre como a atuação destes informantes será importante para a condução da política externa brasileira durante a gestão deste ministro.

---

<sup>178</sup>NABUCO, Maurício. [Correspondência]. Destinatário: Hildebrando Accioly. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1933. (H.A. 123-03-02). AHI-RJ.



### 3 O MINISTÉRIO DE AFRÂNIO DE MELO FRANCO E A REDE DE INFORMANTES DE VARGAS

#### 3.1 1931: os primeiros movimentos da política externa do Governo Provisório

Ao pesquisar o arquivo pessoal de Getúlio Vargas, identifiquei que ele contava com diferentes privilegiados tipos de informações e informantes. Destacarei, aqui, apenas um deles, para introduzir o leitor à rede de informantes do presidente. Refiro-me a fontes nada ou muito pouco exploradas, que nos ajudam a compreender o quanto Vargas detinha um poder sigiloso sobre seus aliados e inimigos políticos: a transcrição de conversas telefônicas.

A primeira conversa telefônica transcrita de que se tem registro é de 29 de setembro de 1931.<sup>179</sup> É uma transcrição da conversa entre o Secretário de Justiça de São Paulo e o Coronel João Alberto. Ambos conversam sobre a proibição de certos assuntos políticos em jornais de São Paulo, bem como sobre o controle de atividades políticas contra o governo em São Paulo. Conversaram sobre a atuação política de Oswaldo Aranha e de João Alberto, que estava saindo do cargo de interventor de São Paulo.

Em 1931, encontra-se novos registros de transcrição de conversas telefônicas enviados a Vargas pelo coronel Pantaleão da Silva Pessoa ligado à censura policial do Rio de Janeiro.<sup>180</sup> Pessoa esteve vinculado às forças do governo para que se evitasse embates entre o poder federal e o do Estado de São Paulo. Ele era chefe do Estado Maior da Presidência. O documento é uma transcrição literal de conversas telefônicas datilografadas e sem nenhuma assinatura para que se saiba quem foi o datilógrafo. A transcrição demonstra que as forças do governo investigaram as conversas telefônicas dos irmãos José Carlos e José Eduardo de Macedo Soares, forças políticas no Estado de São Paulo. O primeiro, inclusive, tornar-se-ia, futuramente, Ministro das Relações Exteriores. Ambos apesar de se demonstrarem aliados do governo, à época, conspiravam contra o interventor de São Paulo, aliado de Vargas, Valdomiro Castilho de Lima.

---

<sup>179</sup>RODRIGUES, Miguel Alberto Crispim da Costa. [Correspondência]. Destinatário: João Alberto. São Paulo, 29 jul. 1931. Carta de Miguel Alberto Crispim da Costa Rodrigues a João Alberto enviando cópias de cartas remetidas a Getúlio Vargas, Laudo de Camargo e Oswaldo Aranha solicitando exoneração do comando e reforma como oficial da Força Pública de São Paulo e narrando as razões destes pedidos. Inclui também, cópia de palestras telefônicas interceptadas pela censura policial, durante sua gestão como Secretário de Segurança Pública. (GV c 1931.07.29). (Vol. III/16, 13, 14, 15, e 2).

<sup>180</sup> Idem.

Os irmãos Macedo tiveram uma série de conversas transcritas, nelas, acompanhavam os movimentos políticos de outros opositores de Vargas, como Armando Salles.<sup>181</sup> Em 16 de maio de 1933, por exemplo, houve novas conversas telefônicas secretamente transcritas a Vargas e enviadas, mais uma vez pelo coronel Pantaleão Pessoa da Silva. Elas demonstravam opiniões e planos confidenciais dos atores envolvidos na crise política que levou à demissão do Ministro das Relações Exteriores Afrânio de Melo Franco.

Vargas não se valeu apenas das transcrições de telefonemas, mas, sobretudo, de informantes secretos em diversas localidades do mundo, como Japão, Itália, Argentina, Peru, Alemanha, Estados Unidos entre outros. Ele contou com o cruzamento de uma robusta rede de informações que passavam por fora do Itamaraty ou de qualquer ministério. Quem eram esses informantes? Por que esses homens tinham mais proximidade do poder? Vargas realmente confiava neles? De alguma forma, eles influenciaram o processo de formulação da política externa? São algumas das perguntas que procurarei responder.

Ainda devo registrar sobre a organização da investigação neste capítulo: dedicarme-ei a cada ano do período investigado, iniciando por 1931, seguindo até 1933, com a renúncia do Ministro Melo Franco. Essa estratégia de escrita deve-se ao fato de que notei que o “sistema” de informantes de Vargas foi construindo-se aos poucos e de acordo com o contexto. É impossível desconectar o contexto do processo de formulação de decisões do presidente. Por isso, opções como a análise de informante a informante ou exposições temáticas foram julgadas como menos enriquecedoras, por distanciarem-se do próprio dia a dia dos personagens. Entendo que o “calor do momento”, o contexto histórico, é tão importante quanto o que foi feito e por quem foi feito. Concordo, pois, com Marc Bloch (2001, p.56) ao afirmar que “nunca se explica um fenômeno histórico plenamente fora do estudo de seu momento”.<sup>182</sup>

Essa investigação, ao se dedicar à política externa de Vargas, considerará que o ele acreditava que estava fazendo com o movimento de 1930 como um elemento importante, para entender-se por que ele fez o que fez neste campo. Assim, convido que o leitor a

---

<sup>181</sup>PESSOA, Pantaleão da Silva. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 16 mai. 1933. (GV c 1933.05.16/1). CPDOC-FGV.

<sup>182</sup>BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, v. 200, p. 1, 2001, p. 56.

apreciar o que Vargas escreveu em seu diário no dia 20 de novembro de 1930 em se sentir triunfante com seu movimento:

Quantas vezes desejei a morte como solução da vida. E, afinal, depois de humilhar-me e quase suplicar para que os outros nada sofressem, sentindo que tudo era inútil, decidi-me pela revolução, eu, o mais pacífico dos homens, decidido a morrer. E venci, vencemos todos, triunfou a revolução! Não permitirá que o povo se manifestar para votar, e inverteram-se as cenas. Em vez de o sr. Júlio Prestes sair dos Campos Elísios para ocupar o Catete, entre as cerimônias oficiais e o cortejo dos bajuladores, eu entrei de botas e esporas nos Campos Elísios, onde acampeei como soldado, para vir, no outro dia, tomar posse do governo no Catete com poderes ditatoriais. O sr. Washington Luís provocou a tormenta, e esta o abateu. Dizem que o destino é cego. Deve haver alguém que o guie pela mão! (1995, v.1, p.27)<sup>183</sup>

Analisar-se-á, portanto, um Vargas que se sentia heroico e revolucionário. Estava ali para efetivamente cumprir a revolução. Sentia-se governando com poderes ditatoriais, para conduzir o destino do Brasil pelas mãos, almejava grandes feitos. Compreendo que a política externa do presidente, que desrespeitou protocolos, hierarquias, firmou um sistema de informantes fora do país e construiu métodos de investigação sobre seus opositores está ligada com o próprio espírito de revolução, exceção e rédeas fortes em que Vargas, desde o início, acreditou.

Ao acompanhar os diários de Vargas para os últimos meses de 1930, vê-se uma série de registros em que ele esteve em encontros como o Ministro das Relações Exteriores, despachando assuntos de política externa. Inclusive, no dia 30 de dezembro de 1930, o presidente registrou que tratou, junto a Franco, dos detalhes da reforma do Itamaraty.<sup>184</sup> Ainda em 1930, ele cuidou, pessoalmente, do processo de exílio dos envolvidos no governo de Washington Luís, mesmo com Melo Franco tendo discordado dessa atitude, e registrou que acompanhava os movimentos desses políticos fora do país.<sup>185</sup> Assim, ainda em 1930, não se enxerga a ausência de participação do presidente nas questões de política externa, pelo contrário.

Já o ano de 1931, inicia-se com uma série de visitas de autoridades importantes ao Brasil. A Inglaterra enviou um alto funcionário do Banco da Inglaterra, para analisar a

<sup>183</sup>VARGAS, Getúlio. Diário (1930-1942). São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1, p. 27.

<sup>184</sup>VARGAS, Getúlio. Diário (1930-1942). São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1, p. 36.

<sup>185</sup> Idem, p.24.

situação financeira do país, em fevereiro, o Brasil enfrentava dificuldades para honrar os pagamentos de seus compromissos externos. Por isso, o corte de gastos foi uma máxima do Governo Provisório. Vargas acompanhou as negociações e o Brasil logrou a concessão de novo empréstimo de consolidação.<sup>186</sup> Melo Franco registrou, logo no início de 1931, que Vargas estava irredutível quanto ao cancelamento de uma missão naval que o Brasil tinha junto aos EUA, por exemplo, como política de corte de gastos. Os apertos de um governo que pretendia fazer uma revolução, mas precisava enfrentar altos endividamentos externos e um comércio internacional periclitante é o contexto do ano de 1931 do Governo Provisório.

Vargas iniciou o ano de 1931 negociando um acordo comercial entre Brasil e EUA para troca de trigo por café.

Em 22 de fevereiro de 1931, os Estados Unidos propuseram a “primeira sugestão de transação de troca de trigo por café”.<sup>187</sup> Durante três anos, haveria a troca de 11 milhões de sacas de café por 60 milhões de *bushels*<sup>188</sup> de trigo. As negociações se dificultaram e, em março, a proposta de troca foi de 8,5 milhões de sacas de café por 40 milhões de *bushels* de trigo. Em 2 de abril, um representante da empresa *Grain Stablishment Corporation* veio ao Brasil autorizado pelo presidente dos EUA conversar diretamente sobre o assunto. O governo brasileiro, por fim, não aceitou a negociação via trocas, sentindo-se lesado. Vargas propôs que o comércio fosse de 50 cents por *bushel*. O representante da *Grain Stablishment* voltou aos EUA com a proposta brasileira e cedeu ao pedido de venda de trigo por 50 cents, em troca do combinado de o Brasil vender, aos estadunidenses, café mais barato. O acordo finalizou com a venda combinada de um milhão trezentos e quinze sacas de café contra 1.562.500 *bushels* de trigo. Foi o primeiro acordo do Governo Provisório e totalmente acompanhado pelo presidente.

Esse acordo é importante, pois demonstra a primeira iniciativa comercial de Vargas para o ano de 31 vinculada a uma estratégia geopolítica e comercial: o Brasil precisava melhorar sua balança comercial, visto que a renda da agricultura cafeeira apenas decaía, mas precisava também diminuir sua dependência do trigo argentino, um dos principais produtos que o Brasil comprava do país vizinho. Vê-se que uma das preocupações de Vargas, logo no início do Governo Provisório, era justamente criar maior independência

---

<sup>186</sup>GARCIA, Eugênio Vargas. *Cronologia das relações internacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 142.

<sup>187</sup> Exposição sobre a operação trigo-café, entre Brasil e Estados Unidos. (GV c 1931.00.00/7). CPDOC-FGV.

<sup>188</sup>Um *bushel* de trigo equivale a 27,216 kg.

comercial do Brasil frente os argentinos, bem como construir maior presença geopolítica do Brasil na região. Prova disso são os próximos passos do presidente. Devo ressaltar que acompanhar esses primeiros passos de Vargas é reforçar o oposto da tese de que ele não se interessava por política externa ou que o Governo Provisório não buscou se dedicar a ela, deixando a condução da mesma nas mãos de seus ministros.<sup>189</sup>

Em 22 de julho, Vargas recebeu um documento rotulado de secreto a respeito das ligações ferroviárias entre Brasil e Bolívia. O documento entregava ao presidente uma retomada da história do processo de construção das ligações ferroviárias entre o Brasil e a Bolívia. Também trazia trechos do tratado de Petrópolis que firmou o acordo do Acre. O documento foi escrito exclusivamente para a leitura do presidente.<sup>190</sup>

A narrativa desse documento chegou em dezembro de 1928, quando o Ministro das Relações Exteriores, Otávio Mangabeira, assinou o chamado Acordo de Natal que determinava que o Brasil se responsabilizava por investir um milhão de libras esterlinas para construção de um ramal ferroviário entre Brasil e Bolívia. Apesar disso, o autor do documento demonstrou que a construção das obras do ramal ferroviário, que deveriam estar acontecendo, por meio da Madeira-Mamoré Railway, não tinham nem mesmo iniciado. O autor do documento expressou sua opinião de que o Tratado de Petrópolis “não foi cumprido textualmente” e “contra ele, se levantam muitas vozes na Bolívia”. Para o autor, havia chances de as questões sobre a retomada do Acre poderem ser levantadas.<sup>191</sup> O documento denota certa urgência de que Vargas deveria agir sobre este assunto.

O relatório denunciou que a Argentina tinha planos para drenar as exportações e importações da Bolívia para o Rio da Prata, e o Brasil apenas poderia impedir isso, aumentando a presença de ferrovias na área de Santa Cruz de la Sierra. A Bolívia aceitaria

---

<sup>189</sup>Teses que já referenciei no capítulo 1, mas reapresento, nesta nota, a título de organização: ABREU, Alzira Alves de (Coord.). *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p.2335-2.339.

<sup>189</sup>SEITENFUS, Ricardo Antônio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985, p. 63.

<sup>190</sup>DOCUMENTO. Documento sobre Ligações Ferroviárias com a Bolívia, acompanhado de mapas, historiando os vários acordos e tratados entre o Brasil e a Bolívia sobre delimitação de fronteiras e construção de ferrovias entre os dois países. Rio de Janeiro. (GV c 1931.07.22) CPDOC-FGV. 22 jul. 1931.

<sup>191</sup>DOCUMENTO. Documento sobre Ligações Ferroviárias com a Bolívia, acompanhado de mapas, historiando os vários acordos e tratados entre o Brasil e a Bolívia sobre delimitação de fronteiras e construção de ferrovias entre os dois países. Rio de Janeiro. (GV c 1931.07.22) CPDOC-FGV. 22 jul. 1931.

investir em ferrovias nessa região, porque tinha interesse em se deslocar da zona de influência argentina. Assim termina o documento confidencial entregue ao presidente, demonstrando que Vargas já investigava sobre a delicada geopolítica do Rio da Prata logo em seu primeiro ano de atuação

Esse esforço de Vargas coincide com os feitos de Melo Franco narrados por Stanley Hilton. Já abordei, no capítulo anterior, o fato de que Franco apostava em projetos que ligassem o Brasil à Bolívia e ao Paraguai e que, de fato, no fim da década de 1930, foram efetivados na construção de ferrovias. A intenção dos projetos eram não apenas de aumentar o comércio brasileiro, mas de aumentar a presença logística do Brasil entre os vizinhos, para compensar as forças argentinas.<sup>192</sup>

O que se vê aqui é que esse esforço não foi uma exclusividade de Melo Franco, pois Vargas, desde o início de 1931, já estava estudando as questões do Acre e o histórico diplomático entre Brasil, Bolívia e Paraguai. Ao contrário do que se supunha, portanto, o presidente estava muito bem envolvido com projetos de política externa, inclusive contou com serviços de informação internacional não proveniente do Itamaraty e, aparentemente, de nenhum ministério em específico, mas sim de algum informante em que confiava, visto que o documento mencionado acima é totalmente confidencial e não corresponde aos meios oficiais da burocracia de Estado.<sup>193</sup>

Acompanhando o arquivo pessoal de Vargas é possível perceber que muitos dos planos feitos para a política externa não passavam pela alçada do Ministro das Relações Exteriores. Um exemplo é uma viagem que ele estava planejando junto a Bertoldo Kingler. Kingler era militar que, em início do movimento revolucionário, permaneceu fiel ao governo federal, mas acabou aderindo, por fim, ao novo governo revolucionário. Apesar disso, instalado o Governo Provisório, ele, lotado no comando da Circunscrição Militar do Mato Grosso continuou sendo contra o poder político dos “tenentes”. Não por isso deixou de ser importante na política e Vargas manteve-se em contato direto com Kingler

---

<sup>192</sup>HILTON, Stanley. Afrânio de Melo Franco: a consolidação da estratégia de política externa. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento diplomático brasileiro: formuladores e agentes da política externa (1750-1950)*. Brasília: FUNAG, 2013, 458.

<sup>193</sup>DOCUMENTO. Documento sobre Ligações Ferroviárias com a Bolívia, acompanhado de mapas, historiando os vários acordos e tratados entre o Brasil e a Bolívia sobre delimitação de fronteiras e construção de ferrovias entre os dois países. Rio de Janeiro. (GV c 1931.07.22) CPDOC-FGV. 22 jul. 1931.

Em 26 de julho, esse militar informou Vargas sobre os preparativos da viagem do presidente ao Mato Grosso, esclarecendo que a intenção da viagem deveria ser: esvaziar rumores de uma “desconfiada diplomacia” sobre a vinda de aviões, um paraguaio e um boliviano, sobrevoando os céus do Mato Grosso. Havia, segundo ele, riscos de disputas fronteiriças. Ele planejou a presença de aviões e hidroaviões, para que Vargas chegasse lá e, de lá, fizesse visitas ao Paraguai e, talvez, à Bolívia. Falou sobre a importância de se fazer presente em países vizinhos como parte de uma nova geopolítica para o Governo Provisório.<sup>194</sup>

O plano era que Vargas, justamente no 07 de setembro, fosse ao Norte, para demonstrar que se importava “com esse outro Brasil”, mas que também aproveitasse a situação para visitar o Paraguai, em um movimento só, demonstrando que o Brasil tinha renovado interesse por áreas antes relegadas. Kingler traçou o itinerário para Vargas, no qual ele sairia de sua visita ao Mato Grosso e já embarcaria para o Paraguai e, lá, embarcações da Marinha já o estariam esperando, no sentido de se construir uma demonstração de poder do chefe da nação.

Importante dizer que Kingler e Vargas combinaram que os preparativos para esse movimento deixariam a atuação do Itamaraty por último, não alertando o órgão enquanto tudo não estivesse preparado, para que não se escapasse informações para a imprensa ou outros países, como a própria Argentina.<sup>195</sup> Os planos não foram adiante, muito provavelmente, devido às dificuldades impostas pelas complicações da política interna. Apesar disso, servem para demonstrar que o presidente nem sempre organizava suas estratégias de política externa por meio do Itamaraty.

Nesse momento, Vargas passou a ter dificuldades com o estado de Minas Gerais, na figura, principalmente, de Arthur Bernardes. Os poderes, em Minas, estavam cindidos. De um lado, havia a Legião de Outubro, frente chefiada por Francisco Franco e, de outro, o Partido Republicano Mineiro, uma numerosa facção do antigo partido que obedecia à orientação de Artur Bernardes e disputava por mais lugar no poder.

No dia 28 de dezembro de 1930, Vargas ofereceu a Bernardes o cargo de Embaixador em Paris. Buscava ele afastar o mineiro da política nacional, vincular o cargo de Embaixador a um político com quem tinha mais contato, agradando Bernardes, mas

---

<sup>194</sup>KLINGER, Bertoldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Campo Grande, 26 jul. 1931. Tratando do seu (GV) projeto de viagem ao Paraguai e Mato Grosso. (GV c 1931.07.26). CPDOC-FGV.

<sup>195</sup>Idem, p. 2

isolando-o. Não funcionou, pois o mineiro não aceitou. O que Bernardes queria era enfraquecer a ala militar do governo e promover maior poder ao PRM.

É nesse ponto que as dificuldades da política interna atingiram Afrânio de Melo Franco. No dia 26 de junho, Arthur Bernardes informou Vargas de que, a partir dali, Afrânio de Melo Franco seria o único representante dos interesses do PRM no governo.<sup>196</sup> A Legião de outubro passou a ser denominada Legião Liberal Mineira, com Virgílio de Melo Franco no poder do estado, filho de Afrânio de Melo Franco e amigo de Aranha.

Nesse momento, Afrânio de Melo Franco pediu sua demissão a Vargas pela primeira vez, alegando que estava insatisfeito com seu envolvimento político, devido ao conflito mineiro. Além disso, Franco disse que saía em solidariedade aos demissionários mineiros Francisco Campos, Ministro da Educação, e de Mário Brant e Affonso Pena, do Banco do Brasil, Vargas respondeu o pedido de demissão de Franco nos seguintes termos:

desde Rio Branco, constitui tradição, fielmente observada, na vida administrativa do país, não se envolver o Ministro do Exterior em questões de política nacional. Por esta forte razão, as dissensões da política interna de Minas nunca refletiram ou tiveram influência sobre o valor da sua colaboração no governo. A saída do Dr. Francisco Campos do Ministério da Educação, bem como a dos doutores Mario Brant e Affonso Penna do Banco do Brasil, em nada afetaram a sua permanência como Ministro, nem o amigo, de qualquer forma, influi para a realização desses atos. A recíproca parece-me legítima: a volta de qualquer deles aos antigos cargos, de maneira idêntica, em coisa alguma afeta a sua situação de Ministro (VARGAS, 1931)<sup>197</sup>

Com essa resposta de Vargas, pretendo chamar a atenção para o fato de que a “tradição do Barão de Rio Branco” servia de instrumento político, e não apenas como diretrizes para a política externa. Vargas fazia bom uso político da ideia de que o cargo de Ministro das Relações Exteriores, bem como aqueles que representavam o Brasil, assim como Rio Branco, não deveriam se envolver com assuntos da política externa. Vê-se o presidente usar da estratégia de buscar isolar políticos dissidentes, oferecendo cargos no exterior e se valendo do “legado de Rio Branco”, para isolar Melo Franco das disputas mineiras, impedindo a sua demissão.

<sup>196</sup>BERNARDES, Arthur da Silva. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Dornelles Vargas. 26 jun. 1931. (GV c 1931.06.26). CPDOC-FGV.

<sup>197</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Afrânio de Melo Franco. 14 dez. 1931. Recusando seu pedido de demissão do cargo de Ministro do Exterior e afirmando não haver qualquer influência da crise política mineira sobre sua gestão naquele Ministério. (GV c 1931.12.14/2). CPDOC-FGV.



Vargas não apenas usou dos argumentos para dissuadir Franco. A partir desse conflito, passou a inspirar um movimento de fusão entre o PRM, de Bernardes, e a Legião Liberal em um só partido, o que resultou, em 1932, no Partido Social Nacionalista (PSN), com Bernardes, Virgílio de Melo Franco, Venceslau Brás e Antônio Carlos, na comissão diretora. Franco se acomodara sabendo que seu filho era um dos nomes cotados para o próximo interventor de Minas e que Oswaldo Aranha, amigos de Virgílio, mas também amigo muito próximo do próprio Vargas, defendia essa solução.

Esse evento é importante para que se compreenda a relação entre a política interna e externa, mas, principalmente, para que se observe as relações políticas de Melo Franco. O “legado do Barão de Rio Branco” também pode ser visto como um recurso político. Vargas soube usar deste recurso não apenas com Franco.

Estudando as relações de poder entre o Executivo e seus ministros, percebe-se que o cargo de Ministro das Relações Exteriores teve uma importância política ainda pouco investigada para o governo Vargas: o presidente pôde premiar um político importante de algum estado mais poderoso ao investir este indivíduo da alta autoridade que um Ministro pode ter, mas também o isolava da política nacional, revestindo-o do “legado do Barão de Rio Branco”. Ter esse legado como responsabilidade significava atuar em um cargo técnico, que apenas buscava o interesse nacional e não possíveis projetos políticos pessoais. O Ministro das Relações Exteriores deveria seguir uma política de Estado, e não de governo. Isso foi útil a Vargas para isolar Melo Franco, mas também o paulista Macedo Soares e seu próprio amigo Oswaldo Aranha, próximos nomes à frente do Itamaraty, como demonstrei.

O ano de 1931 foi marcado por uma política externa de emergência em que o presidente tratou de assuntos comerciais, cambiais e financeiros, por meio dos ministérios e meios oficiais. Por exemplo, convidou Ítalo Balbo, Ministro da aeronáutica da Itália, para uma visita oficial ao Brasil. Nesta, houve uma apresentação das aeronaves e o Brasil concluiu um acordo com a Itália de compra de aviões em troca de café.<sup>198</sup>

Não obstante, ele também conduziu decisões confidenciais fora do conhecimento público ou até ministerial, como a investigação de atividades comunistas no exterior, como pode ser observado pelos documentos que recebia,<sup>199</sup> como a condução de

---

<sup>198</sup> VARGAS, Getúlio. *Diário (1930-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1, p. 43.

<sup>199</sup> BRANDÃO Otávio. *Na União Soviética*. Moscou. 1931. (GV c 1931.09.12). CPDOC-FGV. Manifesto comparando a realidade sociopolítico-econômica e religiosa soviética com a latino-

atividades de política externa junto a militares, bem como se valeu de informantes e relatórios confidenciais, para estudar e decidir sobre a geopolítica do Prata, como se pôde ver. É possível identificar que Vargas usou, constantemente, de informantes secretos para a condução de sua política interna<sup>200</sup> e para a gestão da política externa. Estava dando início a uma prática que apenas se amadureceu com o tempo.

### 3.2 1932: uma rede de informantes

Início, assim, a análise sobre o ano de 1932. O presidente desenvolveu uma interferência pessoal na condução da política externa, ou seja, ele mesmo entrava em contato com diplomatas, muitas vezes, sem ciência de ministros e ministérios, executando decisões. O primeiro exemplo de 1932 foi o processo de tomada de rumos entre o presidente da República e o diplomata Ronald de Carvalho.

Ronald cursou Filosofia e Sociologia na Europa, ingressou na carreira diplomática pelo Itamaraty, participou da Semana de Arte Moderna em 22 e desenvolveu amizade pessoal junto a Vargas. É possível inferir considerável troca de correspondências entre os dois, no arquivo pessoal de Vargas, enquanto Carvalho atuou como diplomata em Paris junto ao Embaixador Sousa Dantas.

Identifiquei que Carvalho fornecia, em suas palavras, "algumas obras recentemente publicadas em Paris, sobre vários aspectos da crise econômica e financeira do mundo contemporâneo" (CARVALHO, 1932).<sup>201</sup> Disse: "Rogo a sua atenção, particularmente, para os livros de Siegfried e Delaisi, onde vossa excelência terá ensejo de encontrar farta quantidade de informações relativas às vicissitudes atuais da Europa"(CARVALHO, 1932).<sup>202</sup> Observa-se que Vargas procurou se instruir sobre história, política e literatura constantemente. Entre outras entradas em seu diário, pode-se citar que, no dia 10 de

---

americana e brasileira, e concitando os operários e camponeses a lutarem contra o imperialismo. Moscou.

<sup>200</sup> Nesse documento, pode-se notar mais um caso em que Vargas teve acesso a transcrição de conversas telefônicas e interceptação de telegramas: RODRIGUES, Miguel Alberto Crispim da Costa. [Correspondência]. Destinatário: João Alberto. São Paulo, 29 jul. 1931. Enviando cópias de cartas remetidas a Getúlio Vargas, Laudo de Camargo e Oswaldo Aranha solicitando exoneração do comando e reforma como oficial da Força Pública de São Paulo e narrando as razões destes pedidos. Inclui também, cópia de palestras telefônicas interceptadas pela censura policial, durante sua gestão como Secretário de Segurança Pública. (GV c 1931.07.29). CPDOC-FGV.

<sup>201</sup>CARVALHO, Ronald. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Paris, 29 fev. 1932. Tratando da viagem do escritor Luc Durtain ao Brasil e enviando livros, publicados em Paris, sobre a realidade brasileira. (GV c 1932.02.29). CPDOC-FGV.

<sup>202</sup>Idem.

novembro de 1930, ele registrou que lia livros do alemão Karl Bucher, sobre economia política, “sobre racionalização e revolução”.<sup>203</sup>

Uma das atividades mais comuns de Vargas junto aos seus informantes é a busca para se informar sobre a política e a economia internacional, ou seja, obter informações fora dos meios formais da burocracia de Estado. Seus interesses pelos aspectos internacionais junto a Carvalho coincidem com o que é possível identificar em seus diários.

Como poeta que era, Carvalho desenvolveu amizade com um famoso poeta francês que assinava como Luc Durtain. Luc Durtain era o pseudônimo do médico e escritor francês André Robert Nepveu. Ele escreveu, por exemplo, críticas ao individualismo e elogios a favor do que chamava de "alma total das massas", considerando as "massas" de pessoas, com personalidade e vida própria. A filosofia de Durtain agradava a Vargas, como é possível notar nas cartas. Ronald de Carvalho escreveu que, conversando com Durtain sobre a opinião de Vargas sobre suas obras, Ronald explica que Durtain estava "muito penhorado com a opinião de vossa excelência (Vargas) acerca de suas obras e da qualidade de seu talento superior" (1995, v.1, p.2).<sup>204</sup>

Ronald informa que Durtain iria enviar obras autografadas a Vargas e aguardava a oportunidade de partir para visitar o Brasil "afim de poder estudar os nossos grandes problemas políticos, estéticos e sociais", disse o diplomata. Ronald revelou, ainda, que Durtain estava escrevendo sobre o Brasil: "estou seguro de que o livro de Durtain sobre a nossa pátria será um maravilhoso anúncio de alta propaganda"(1995, v.1, p.2).<sup>205</sup> A ideia era que Durtain escrevesse sobre o Brasil e fizesse publicar seus textos em Paris em um esforço de propaganda sobre o Brasil para os franceses.

Esses são apenas alguns dos registros que ficaram no arquivo de Vargas sobre seus contatos junto a Ronald de Carvalho. Assim como com vários de seus informantes, é possível perceber isso: tem-se apenas poucos registros de tudo o que o presidente tratava “à varejo” com seus contatos, pois as cartas, normalmente, indicam numerosas outras correspondências que não estão mais anexadas ao documento que foi arquivado.

Por fim, Vargas pediu a Ronald de Carvalho que escrevesse ao Ministro Melo Franco uma carta minuciosa, expondo as condições da viagem de Durtain ao Brasil, fechando os

---

<sup>203</sup>VARGAS, Getúlio. Diário (1930-1942). São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1, p. 24.

<sup>204</sup> Idem, p.2.

<sup>205</sup> Idem, p. 2.

aspectos da parceria. As trocas diretas entre o presidente e o diplomata continuam a reforçar a questão de como o Vargas esteve, desde o início de seu governo, interessado e envolvido com as relações internacionais.

Nesse momento, desencadeou-se uma série de pequenas crises políticas na estabilidade do governo federal. Desconcertados com a repressão militar do Governo Provisório, controle da imprensa e empastelamento do jornal *Diário Carioca*, Lindolfo Collor, João Neves da Fontoura e João Batista Lusardo pediram demissão.<sup>206</sup> Eram a favor da reconstitucionalização e contra o uso de violência como repressão.

É nesse tempo, inclusive, que identifiquei que Vargas continuava se valendo da transcrição de conversas telefônicas de aliados e adversários para vigiar e conhecer a fundo as diferentes posições políticas<sup>207</sup>. Identifiquei, também, que esses conflitos e esses métodos de investigação eram usados com diplomatas e Embaixadores. Vargas mobilizou estes indivíduos, para ajudá-lo a resolver imbróglios tanto da política externa quanto da interna.

Enquanto Flores da Cunha, nomeado como interventor do Rio Grande do Sul, por Vargas ainda em 1930, ajudou-o a vigiar Lusardo e Collor, opositores de Vargas no exterior, um Embaixador também o ajudava no esforço “anti-conspiratório”. Refiro-me a Assis Brasil. Ele era Ministro da Agricultura e Embaixador na Argentina ao mesmo tempo. Identifiquei que Getúlio Vargas trocou cartas com Joaquim de Assis Brasil, para que ele se valesse de sua posição enquanto Embaixador na Argentina, com uma rede de contatos, no sentido de que vigiasse elementos contrários ao governo, bem como para desfazer intrigas entre os dissidentes gaúchos. Esse esforço de Vargas conjugou-se com missivas a Borges de Medeiros e Flores da Cunha no Rio Grande do Sul para impedir que as demissões de Lusardo e Collor e Neves gerassem enfraquecimento em seu governo.<sup>208</sup>

Enquanto Embaixador na Argentina, Assis Brasil, apoiou as investidas políticas de reconciliação de Vargas apenas por um tempo. Em 19 de março de 1932, escreveu ao presidente que era ele também a favor da reconstitucionalização do Brasil.<sup>209</sup> Vargas agradeceu a Assis Brasil pelos seus serviços e pediu que permanecesse no posto, na

---

<sup>206</sup>COLLOR, Lindolfo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 03 mar. 1932. (GV c 1932.03.03/2). CPDOC-FGV.

<sup>207</sup>BERNARDES, Artur; LUSARDO, Batista; PILA, Raul. [Telegrafo]. 15 mar. 1932. Tratando do acordo entre os partidos políticos do Rio Grande do Sul e o Governo Provisório. (GV c 1932.03.15/1). CPDOC-FGV.

<sup>208</sup>BRASIL, Assis. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. (GV c 1932.03.19/5). CPDOC-FGV.

<sup>209</sup> Idem.

Argentina ao menos até o fim do processo de reconciliação com o Rio Grande do Sul. A partir daí, um novo diplomata passou a vigiar suas atividades, reportando-as a Vargas. O diplomata era José Bernardino Câmara Canto. De acordo com Adrianna Setemy, ele era delegado comercial na Embaixada de Montevideo.<sup>210</sup>

Curiosamente, esse diplomata teve acesso direto a Vargas, sendo missivista constante do presidente entre 1932 até meados da década de 1940. Ele contava com seus próprios informantes e, a mando de Vargas, investigava a política interna e externa do Uruguai e da Argentina. Não sendo um diplomata de alto posto ou gozando de alguma fama em especial, Câmara Canto foi um informante relevante: eficiente, muito bem-informado e pouco notado. Foi Canto que auxiliou Vargas a controlar as atividades de Assis Brasil como Embaixador da Argentina, ou seja, um informante de outro informante.

Praticamente todas as cartas que Canto trocou com Vargas vinham encabeçadas pelo título “secreto e confidencial” e foram transportadas fora do sistema dos Correios ou do Itamaraty. As cartas que Vargas trocava com Canto e outros informantes iam por meio do que chamavam de “portador seguro”. Alguém de muita confiança que garantiria o sigilo. Assim, muitas vezes, as comunicações mais confidenciais podiam demorar bastante, além de, algumas vezes, chegarem muitas cartas de uma vez só.<sup>211</sup>

Em 28 de janeiro de 1933, Câmara Canto informou a Vargas que o Embaixador da Argentina estava em vias de liderar a Frente Única Gaúcha, partido político aliado ao governo federal. Canto disse a Vargas que Assis detinha muito poder e era um erro continuar nutrindo a situação,<sup>212</sup> pois o Embaixador trabalhava contra o governo federal às escondidas.

Após as recomendações de Canto para que Assis saísse do cargo, Vargas arquitetou, junto a Melo Franco, uma viagem de Assis Brasil, chefiando a comissão Brasileira para a Conferência Imperial de Ottawa, na Inglaterra. Melo Franco escreveu a Vargas,

---

<sup>210</sup> SETEMY, Adriana. *O Itamaraty e a institucionalização das políticas de repressão ao comunismo: revisão e novos apontamentos historiográficos*. *Clio*, Recife, v. 31, n. 2, jul./dez. 2013, p. 1-22.

<sup>211</sup>O único estudioso que estudou a atuação de Câmara Canto como fonte segura e secreta de informações de Getúlio Vargas foi Stanley Hilton em HILTON, Stanley. *Brazil and the Soviet challenge, 1917–1947*. University of Texas Press, 2010. Ainda assim, não houve não aprofundamento sobre esta atuação além da identificação de Canto como informante secreto do Presidente.

<sup>212</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 28 jan. 1933. Carta de Câmara Canto a Getúlio Vargas sobre e a adesão de Assis Brasil à Frente Única Gaúcha e comportamento desleal do corpo consular brasileiro. Montevideú. (GV c 1933.01.28/1). CPDOC-FGV.

explicando-o que fez de tudo para convencer Assis Brasil para aceitar a missão<sup>213</sup> na Europa. No mesmo conjunto de documentos, há cartas que Vargas escreveu ao presidente do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, combinando, junto a ele, o processo de substituição de Assis Brasil do posto de Embaixador, de modo a garantir que o movimento se mantivesse em segredo<sup>214</sup>, inclusive do próprio Itamaraty. Franco apenas indicava Assis Brasil para a Missão desconhecendo que ela serviria para afastar o Embaixador de seu posto, criando o momento certo para substituí-lo.

Julgo importante o acompanhamento do processo de negociação política de Assis Brasil disfarçado de “necessidades técnicas” que, inclusive, incluiu Melo Franco, pois demonstra como toda a complexa rede de informantes, diplomatas e políticos servia, concomitantemente à política interna e externa de Vargas.

É possível perceber que a política externa nunca esteve cindida da interna, durante o Governo Provisório. O que se vê é que, justamente devido às dificuldades da política interna, Vargas instrumentalizou a externa. Mais um exemplo é a carta de Flores da Cunha decidindo, junto a Vargas, as posições de funcionários do Itamaraty que ajudariam o governo federal a manter suas posições e a combater os opositores. Ilustrando esta relação, cito o pedido de Cunha para que Vargas removesse o cônsul de Bella Union, Ulysses Balve, para a cidade de Rivera, pois lá ele seria mais útil na luta do governo contra a oposição.<sup>215</sup>

Construído esse quadro inicial de práticas dos informantes do presidente, julgo ser possível mergulhar-se nos acontecimentos do movimento paulista que resultou na guerra civil de 1932. Esse evento teve direta relação com a atuação da rede de informantes do presidente, envolvendo ainda mais atores e, portanto, complexificando a análise. Como salienta Eugênio Vargas Garcia (2005, p.), “o governo federal desenvolveu intensa atividade diplomática destinada a neutralizar a ação do movimento separatista paulista”.<sup>216</sup>

---

<sup>213</sup>GOVERNO PROVISÓRIO. [Correspondências]. Destinatário: Assis Brasil. 28 jan. 1933. Cartas sobre o convite feito pelo Governo Provisório a Assis Brasil para chefiar uma missão especial à Inglaterra a fim de tratar de assuntos econômicos, relacionados com a exportação de produtos brasileiros para este país. (GV c 1933.01.28/2.)

<sup>214</sup>Idem, p. 8.

<sup>215</sup>CUNHA, Flores da. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Porto Algre, 26 set. 1932. Sugerindo a remoção para Rivera do Cônsul brasileiro em Bella Unión, Ulisses Balve. (GV c 1932.09.26/5). CPDOC-FGV.

<sup>216</sup>GARCIA, Eugênio Vargas. *Cronologia das relações internacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

Com o movimento da Aliança Liberal, o Partido Democrático de São Paulo, como vimos esteve interessado em apoiar o movimento, pois era opositor do Partido Republicano Paulista. Não obstante, uma vez instituído o Governo Provisório, o partido passou a se opor às forças tenentistas estaduais e federais e a exigir a reconstitucionalização do país. Primeiramente, Vargas nomeou João Alberto como interventor de São Paulo, contrariando a vontade do PD, que buscava o nome de Francisco Morato.

Logo mais, seguiu-se mais uma nomeação de uma série de outros interventores que não aplacaram o desejo de maior representatividade paulista no governo federal, nem de reconstitucionalização. O presidente lançou um decreto federal em fevereiro de 32 que também não impediu que os paulistas continuassem a se organizar contra Vargas. O Partido Democrático uniu-se ao seu antigo opositor, o PRP, e, juntos, passaram a enfrentar o governo. O conflito desencadeou uma guerra civil em 9 de julho de 1932 e contou com dimensões internacionais.

O governador Pedro de Toledo enviou pedido aos cônsules estrangeiros em São Paulo para que reconhecessem o estado de beligerância do movimento. Os EUA responderam que “seria ato hostil ao Governo Federal”.<sup>217</sup> Além disso, a Inglaterra chegou a protestar contra o bombardeio do governo em São Paulo, que ameaçou patrimônio e vidas de imigrantes. Logo, os insurgentes não tiveram sucesso com essa investida, que foi combatida pelo Itamaraty de Afrânio de Melo Franco.

Vargas buscou negociar, nomeando um interventor civil e paulista, Armando de Salles Oliveira. Chamo a atenção, inclusive, para o fato de que o nome de Salles foi negociado entre os partidos do estado de São e o governo federal, por meio da figura de Macedo Soares,<sup>218</sup> que passou a ser uma das pontes mais importantes no apaziguamento da guerra civil. Logo após Melo Franco, foi Soares que assumiu o cargo de Ministro das Relações Exteriores.

O que não é explorado pela historiografia é como Vargas reagiu ao conflito em termos de política externa. Houve três linhas de ação que identifiquei durante este

---

<sup>217</sup>CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais/Editora da Universidade de Brasília, 2002, p. 254.

<sup>218</sup>Como pode-se identificar pela negociação que Vargas conduziu junto a Macedo: SOARES, José Carlos de Macedo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. São Paulo, 20 out. 1933. Informando sobre a reunião da bancada paulista, onde ficou comprovado o interesse dos representantes de São Paulo em colaborar com o Governo deste Estado e com o chefe do Governo Provisório. (GV c 1933.10.20). (Vol. XIII/6).

momento: o robustecimento das atividades dos informantes internacionais do presidente, a intensificação e organização da estratégia de reaparelhamento militar do Brasil e o acompanhamento das atividades internacionais de opositores.

No dia 11 de agosto, o chefe do Estado Maior do Exército, Pantaleão da Silva Pessoa explicou ao presidente

Ao mesmo tempo que atravessamos dolorosa situação interna, testemunhamos o mal-estar da política internacional dos nossos vizinhos do sul (...) não podemos permanecer na angustiada situação de desorganização militar. O vulto de São Paulo vai nos permitir a aquisição imprescindível de material urgentemente necessário para fazer face ao mesmo tempo à situação interna e externa do país sem que tal aquisição possa transparecer nos círculos internacionais outra qualquer intenção de que a de sufocar aquele movimento (PESSOA, 1932).<sup>219</sup>

No dia 14 de agosto, Góis Monteiro, comandante das tropas federais contra os paulistas, escreveu suas reflexões a Vargas, dizendo que era o momento certo para se aproveitar os esforços de guerra e produzir um plano nacional de rearmamento para o Brasil. Monteiro aconselhou a se adotar uma estratégia de “longa guerra”, em suas palavras, mesmo que alguns sinais de esmorecimento fossem vistos.<sup>220</sup>

Vargas respondeu positivamente e afirmou que Virgílio de Melo Franco foi à usina Belgo Mineira, para aparelhá-la à produção de aço e outros materiais e que já estava entregando, por exemplo, mais de 150 granadas de mão por dia, bem como máscara e gases para uso bélico. Monteiro aconselhou a Vargas que se aumentasse o efetivo do Exército em mais 100 mil homens, para uma guerra de longo prazo.<sup>221</sup> A partir desse momento, Vargas deu sinais positivos de que o governo usaria a estratégia de Pantaleão: iniciar um programa nacional de reaparelhamento das forças armadas, partindo do contexto da guerra civil contra São Paulo. É importante ressaltar como o presidente estava construindo uma das bases de seu programa de política externa, o rearmamento do Brasil, junto aos militares, devido ao contexto da política interna.

---

<sup>219</sup>PESSOA, Pantaleão da Silva. [Memória n°4]. 11 ago. 1932. Memória n°4 para o Governo Provisório expondo a precariedade de aparelhamento do Exército brasileiro e relacionando as aquisições de material a serem feitos em regime de urgência. (GV c 1932.08.11). FGV-CPDOC.

<sup>220</sup>MONTEIRO, Góes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Resende, 14 ago. 1932. Tratando das necessidades de material bélico das forças governistas, providências tomadas para supri-las e estado geral do conflito. (GV c 1932.08.14). FGV-CPDOC.

<sup>221</sup>MONTEIRO, Góes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Resende, 14 ago. 1932. Tratando das necessidades de material bélico das forças governistas, providências tomadas para supri-las e estado geral do conflito. (GV c 1932.08.14). FGV-CPDOC.



Monteiro aconselhou a Vargas desenvolver, entre outras providências, uma política externa que garantisse compras e negociações por todos os lados, no intuito de se “evitar a boicotagem diplomática” que os “agentes de São Paulo” pudessem instigar contra o Brasil. A ideia era expandir as parcerias comerciais do Brasil, para que a compra de material bélico não fosse inviabilizada por este ou aquele país.<sup>222</sup>

Nesse mesmo mês, Vargas enviou o diplomata Paulo Germano Hasslocher à Embaixada dos EUA com uma missão comercial, contudo, também com outra missão, a de vigiar e investigar elementos da própria Embaixada quanto às atividades de opositores do governo federal, principalmente aqueles ligados a São Paulo que estivessem em busca de financiamento ou apoio de fora do país. Apesar de ir em missão oficial nos EUA, Hasslocher tornou-se um informante de Vargas quanto à situação dos opositores do governo em terras estadunidenses.<sup>223</sup> Vargas estava expandindo sua rede de informantes confidenciais.

Enquanto isso, Vargas articulou junto ao interventor do Rio Grande do Sul uma força tarefa de informantes, militares cónsules e diplomatas para que se impedisse a compra de armas por rebeldes paulistas na Argentina e no Rio Grande do Sul.<sup>224</sup>

Nesse esforço, mais um diplomata passou a trocar correspondências diretamente com Vargas, mas também a se comunicar indiretamente com ele, por meio de seu outro informante, José da Câmara Canto. O novo informante do presidente era Lafayette Carvalho. Ele atuava como encarregado de negócios na Embaixada em Buenos Aires. Em agosto de 1932, ele foi nomeado embaixador extraordinário e ministro plenipotenciário de segunda classe na capital argentina, sucedendo a João Carvalho de Morais. O que se percebe é que Carvalho e Canto atuaram em conjunto durante o levante paulista. Ele atuou na articulação para a prisão de rebeldes brasileiros no Uruguai, identificação de

---

<sup>222</sup>MONTEIRO, Góes. [Memória n°4]. 28 ago. 1932. Memória n°4 para o Governo Provisório abordando as seguintes questões: precariedade das providências oficiais tomadas para enfrentar o estado de guerra; repercussão do levante de São Paulo sobre a situação interna do país; medidas de ordem econômica, ideológica, militar e diplomáticas necessárias para vencer o conflito. (GV c 1932.08.28). FGV-CPFOC.

<sup>223</sup>HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 17 ago. 1932. Comunicando que se encontra em Nova Iorque para cumprir as ordens recebidas. (GV c 1932.08.17). FGV-CPDOC.

<sup>224</sup>DOCUMENTO. Documentos sobre os levantes deflagrados no Rio Grande do Sul em apoio à revolução paulista. Contém informações sobre as atividades e a desarticulação dos grupos de Marcial Terra, Borges de Medeiros e Toribio Gomes e suas conexões na Argentina e Uruguai. (GV c 1932.09.03). FGV-CPODC. 3 set. 1932.

armamentos e detectou que as principais lideranças no exterior em oposição a Vargas eram Lindolfo Collor e Luís Carlos Prestes.<sup>225</sup>

A precisão das informações dos informantes de Vargas surpreende: “há quatro dias, chegou ali (Buenos Aires) o Paulo Nogueira Filho trazendo trinta mil libras esterlinas e sessenta mil dólares para compra. Em Asunción, os emissários também andam recheados de dinheiro” informou Câmara Canto (1932), enviando, também uma série de recortes de jornais para atualizar Vargas sobre a política interna da Argentina e Uruguai, bem como o pedido para que o presidente exigisse a saída imediata do cônsul José Pinto Guimarães, que estava obstaculizando a ação do governo.<sup>226</sup>

Por fim, em mais uma leva de cartas, Canto detalhou a Vargas o itinerário de Lindolfo Collor e de Paulo Nogueira Filho, outro rebelde, bem como a associação entre os jornais uruguaiois *La Manana* e *El Diário* ao movimento paulista, que passaram a escrever contra Vargas.<sup>227</sup>

Em 28 de setembro, Câmara Canto (1932) continuou informando Vargas sobre o serviço de informação sobre os paulistas no Uruguai: “com relativa facilidade, pessoa de minha confiança se imiscuiu em roda paulista do Dr. Collor. Júlio Prestes embarcou para a Europa em um vapor espanhol que não toca portos brasileiros”.<sup>228</sup> Canto disse a Vargas ter feito importante descoberta: o rebelde paulista Júlio Prestes estava combinando forças com os comunistas de Luís Carlos Prestes. Essa ligação explicava como que os rebeldes paulistas conseguiram comprar aviões e armas no Chile. Canto explicou que isso ocorreu, porque Luís Carlos Prestes era influente em Santiago e facilitou as transações.

A influência e a liberdade que Câmara Canto tinha no Uruguai era fundamental. Ele conversava diretamente com o presidente do Uruguai, Gabriel Terra, e servia de ponte confidencial entre ele e Vargas. Segundo Canto, Terra já havia negado uma série de pedidos confidenciais de auxílio para as forças rebeldes paulistas e abasteceria Câmara

---

<sup>225</sup>CANTO, José da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 17 set. 1932.. Informando sobre a aquisição de material bélico efetuada pelos paulistas na Argentina e o procedimento dos representantes diplomáticos brasileiros com relação ao assunto. (GV c 1932.09.17/2). FGV-CPDOC.

<sup>226</sup> Idem, p. 3.

<sup>227</sup>CANTO, José da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. (GV c 1932.09.24). FGV-CPDOC.

<sup>228</sup>CANTO, José da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 28 set. 1932. Informando sobre as atividades, no Uruguai, dos elementos contrários ao Governo Provisório, incluindo suas ligações com o grupo de Luís Carlos Prestes, compra de material bélico em países vizinhos e providências tomadas para impedir estas atividades. (GV c 1932.09.28).

Canto com novas informações relevantes.<sup>229</sup> Vê-se uma cooperação entre Brasil e Uruguai mediada por Câmara Canto.

Identifiquei que outro diplomata estava informando Vargas e atuando diretamente com Canto sobre os movimentos rebeldes: o próprio embaixador do Uruguai, José Guimarães Araújo Jorge,<sup>230</sup> que serviu como embaixador até 1933, quando foi transferido para Berlim. Vê-se, portanto, uma rede de diplomatas que contavam com confiança especial de Vargas.

Em uma pausa nas informações sigilosas, Canto enviou a Vargas a obra *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel, a Vargas e contou a ele sobre suas opiniões sobre a política. Nessa carta, combinou com o presidente que seria conveniente estabelecer junto a ele um código de comunicação, para que se evitassem o Itamaraty como meio de trocas.<sup>231</sup>

Nessa mesma carta, vale notar algo importante: Canto informava a Vargas de que sabia que um avião havia saído dos EUA em auxílio aos rebeldes. Sabe-se que Vargas já estava no encalço deste movimento, por meio de seu informante Paulo Germano Hasslocher, diplomata enviado como adido comercial para Washington.<sup>232</sup> Germano estava não apenas informando sobre as atividades de opositores, mas também sobre os aspectos do comércio e da economia dos EUA. Vargas trocava, junto a ele, suas impressões sobre a política externa brasileira para com os EUA, colhendo as ponderações de Hasslocher como fonte de informação para a sua tomada de decisões quanto à política externa do Brasil em relação aos EUA.<sup>233</sup> É possível afirmar que a ação deste informante foi útil ao presidente não apenas para o controle político de seus inimigos, mas para a próprio processo de formulação de sua política externa para os EUA.

Em setembro, Vargas já estava recebendo cartas parabenizando-o pela vitória no conflito contra São Paulo. No fim do mês, retornaram as trocas de cartas com Góis Monteiro, nas quais o militar dizia a Vargas que era urgente que se criasse um esforço internacional de parcerias para o reaparelhamento militar do Brasil. Dizia Monteiro ao

---

<sup>229</sup>Idem, p.2.

<sup>230</sup> CANTO, José da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 28 set. 1932. Informando sobre as atividades, no Uruguai, dos elementos contrários ao Governo Provisório, incluindo suas ligações com o grupo de Luís Carlos Prestes, compra de material bélico em países vizinhos e providências tomadas para impedir estas atividades. (GV c 1932.09.28).

<sup>231</sup>Idem, p. 4.

<sup>232</sup>HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 17 ago. 1932. Comunicando que se encontra em Nova Iorque para cumprir as ordens recebidas. (GV c 1932.08.17). FGV-CPDOC.

<sup>233</sup> Idem, p.5

presidente, que era a hora certa de fazer acontecer os anseios da revolução e isso passaria por uma renovação das estratégias de política externa do país.<sup>234</sup>

Interessante notar que os esforços pessoais de Vargas para atuar no exterior contra os rebeldes continua após a vitória contra São Paulo. Ele enviou o militar chamado Riograndino Kruel, para investigar todas as atividades de rebeldes na Argentina. Em relatório de 27 de outubro, o militar disse que inspecionou as atividades de Afrânio de Melo Franco no combate aos rebeldes e o elogiou, dizendo que o Itamaraty estava sob controle da maior parte das atividades rebeldes.<sup>235</sup>

A opinião de Câmara Canto, mais uma vez, parece ter sido bastante importante. Enquanto Oswaldo Aranha pedia que Vargas deportasse Borges de Medeiros, Canto detalhou os motivos para que Vargas devesse mantê-lo dentro do Brasil: no exterior seria muito difícil controlar um opositor tão poderoso. Vargas decidiu por manter Borges de Medeiros no Brasil,<sup>236</sup> o que demonstra a importância do informante no processo de tomada de decisões do presidente.

Nesse tempo, Vargas passou a trocar correspondência com um indivíduo chamado Egydio da Câmara Souza. Ele era engenheiro agrônomo e funcionário do governo do Rio Grande do Sul. Em 1932 era reservista de terceira classe do Exército e foi para a Europa aperfeiçoar seus conhecimentos técnicos, comissionado pelo Ministério da Agricultura. De acordo com o “Almanaque no Pessoal” do Ministério das Relações Exteriores, chamado de “Anuário de Pessoal”, a partir de 1946, Egydio da Câmara Souza, ele entrou para o Ministério das Relações Exteriores apenas em 1934, como adido à embaixada de Tóquio.<sup>237</sup>

---

<sup>234</sup>MONTEIRO, Góes. [Memória nº6]. Cruzeiro, 29 set. 1932. Memória nº6, de Góes Monteiro, para o Governo Provisório analisando a situação geral da luta nos terrenos militar e político e os problemas a serem enfrentados no período de pós-guerra; informando sobre as operações realizadas pelas forças governistas durante o mês de setembro e abordando questões relativas ao comando das tropas e ao poder de combate dos paulistas. (GV c 1932.09.29). FGV-CPDOC.

<sup>235</sup>KRUEL, Riograndino. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 8 out. 1932. Sobre as atividades conspiratórias desenvolvidas na Região do Prata por elementos gaúchos contrários ao Governo Provisório. (GV c 1932.10.08/2).

<sup>236</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 12 nov. 1932. Relatando as articulações de políticos gaúchos na Região do Prata e manifestando-se favorável à deportação de Borges de Medeiros. Montevidéu. (GV c 1932.11.12). FGV-CPDOC.

<sup>237</sup> Almanaque do Pessoal-1940, p.351. Disponível em: [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1940.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1940.pdf). Acessado em 17/10/2022 às 15:04.

Vargas trocou mensagens com Egydio em 1932,<sup>238</sup> mas ele apenas ingressou na carreira diplomática em 1934. Isso significa que ele estava lá apenas a estudos, acompanhando a embaixada em Paris. Ele teve, contudo, acesso direto ao presidente do Brasil, informando sobre o que estava acontecendo por lá. Egídio reportou a Vargas, por exemplo, sobre como a Embaixada de Paris se comportou frente o conflito contra São Paulo. Segundo ele, o Instituto do Café estava financiando notícias contra o governo federal, identificando nomes com que Vargas deveria se preocupar e relatou aspectos da política externa francesa.<sup>239</sup>

Em 1932, Câmara Souza não deixou novos registros em atividades como informante pessoal do presidente, mas um novo personagem começou a se destacar, trocando cartas diretamente com Vargas. Refiro-me a Orlando Leite Ribeiro.

Ribeiro era um adido comercial nas representações brasileiras em Buenos Aires.<sup>240</sup> No primeiro capítulo, demonstrei que ele foi para lá enviado ainda durante o movimento de 1930. Ele também se mantinha em um cargo de menor importância para fazer o que fazia: se comunicava diretamente com o presidente da República e com Afrânio de Melo Franco. Na verdade, pelo tom das cartas que trocava com Franco, pude perceber que ambos eram bons amigos. O que Afrânio de Melo Franco não sabia era que Leite era mais fiel a Vargas, pois pude identificar que algumas cartas que Franco escrevia para Leite eram reenviadas, na íntegra, para Vargas sem que o Ministro tivesse pedido ou combinado com Leite para que isso acontecesse.<sup>241</sup>

No dia 17 de outubro, por exemplo, Franco minuciou a Leite sobre como estavam os negócios entre Brasil, Argentina e Uruguai, bem como sugeriu que ocorresse uma visita presidencial de Augustín Justo, presidente da Argentina, ao Rio.<sup>242</sup>

---

<sup>238</sup> SOUZA, Egydio Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lausane, Suíça, 15 out.1932. Carta de Egídio da Câmara Sousa a Getúlio Vargas felicitando-o pela vitória do Governo Provisório sobre os rebeldes paulistas, informando sobre a campanha antigovernista realizada pelo Instituto do Café em Paris e relatando suas condições de vida na Suíça. (GV c 1932.10.15/3).

<sup>239</sup> Idem, p.4-7.

<sup>240</sup> Almanaque do Pessoal-1941, p.146. Disponível em: [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1941A.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1941A.pdf). Acessado em: 20/10/2022 às 16:00.

<sup>241</sup> FRANCO, Afrânio de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Orlando Leite Ribeiro. Rio de Janeiro, 17 out. 1932. Informando sobre o andamento dos negócios do Brasil com a Argentina e Uruguai e sugerindo que o presidente Justo venha ao Rio de Janeiro assinar o tratado anti-bélico. (GV c 1932.10.17/2).

<sup>242</sup> Idem, p.4.

Neste momento, faço uma reflexão a respeito do que foi visto até aqui. O conflito do governo contra São Paulo durou três meses. Apenas encerrou-se em 2 de outubro de 1932. Boris Fausto (2013, p.97) explica que embora vitorioso, “o governo percebeu o grave equívoco de não dar espaço à elite de São Paulo”.<sup>243</sup>

Durante esse período, nota-se intensa atividade de Vargas na coordenação da política externa, por meio de nomes como Lafayette, Câmara Canto, Assis Brasil, Flores da Cunha e Paulo Germano Hasslocher, o Embaixador Araújo Jorge, entre outros. Junto a cada um deles, Vargas desenvolveu maior ou menor quantidade de missões, mas todos desempenharam cooperação pessoal junto ao presidente. Alguns atuaram mais longamente, como é o caso de Leite Ribeiro, que atuou muito ao longo de 1933, mas todos contaram com informal proximidade do poder Executivo. Como verifica-se, Vargas não apenas usava destes informantes para monitoramento de seus inimigos, mas também para executar suas decisões quanto à sua política externa.

Chega-se em novembro de 1932. Quem retornou com os resultados de sua missão secreta foi Paulo Germano Hasslocher. Hasslocher narrou que estava no encalço de um informante em Nova York, devido à missão que Vargas lhe dera.<sup>244</sup> O informante apenas a ele "se abriu" devido ao fim da guerra civil e devido " a uns dólares que lhe dei"<sup>245</sup>, afirmou.

O principal responsável pelas articulações de brasileiros e americanos, durante a revolta dos paulistas, afirmou Hasslocher, era o diretor da Faculdade Fluminense de Medicina, Manoel José Ferreira. Ferreira, que esteve em contato com “W.P Brown e E.H Ligget”, disse. Ele fornecia dinheiro por meio de cheque a esses americanos e, no Rio, havia o informante dos rebeldes para receber tudo, o Sr. Byington. De lá, eles se comunicavam com os rebeldes por estação de rádio, em Buenos Aires. Informou a Vargas, também, que o diplomata Sebastião Sampaio auxiliou Ferreira em suas conversas com a Embaixada brasileira nos EUA.<sup>246</sup>

---

<sup>243</sup>FAUSTO, Boris. A Vida Política. In: CASTRO GOMES, Angela (coord.). *História do Brasil Nação. Volume 4: Olhando para Dentro (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013, p. 97.

<sup>244</sup>HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 1 nov. 1932. Carta informando sobre o resultado de suas investigações a respeito dos agentes de São Paulo encarregados de comprar armamentos nos Estados Unidos. (GV c 1932.11.01/3).

<sup>245</sup>Idem, p.1.

<sup>246</sup>HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 1 nov. 1932. Carta informando sobre o resultado de suas investigações a respeito dos

Por fim, Hasslocher informou que descobriu que Ferreira deu a um militar, chamado de Tenente Wade, mais de três mil dólares para facilitar o envio de armas e munição ao Brasil. Hasslocher disse que levou todas as suas evidências ao Embaixador brasileiro em Washington, Rinaldo de Lima e Silva, mas ele concluiu que Wade era totalmente inocente. Demonstrei, adiante, que Vargas retirou Lima e Silva do cargo de Embaixador, substituindo-o por seu amigo Oswaldo Aranha. Mesmo que a atitude de Lima e Silva ao não considerar as informações de Hasslocher não tenham sido fundamentais para a troca dele, certamente, esse evento contribuiu para que Vargas passasse a se atentar muito mais à Embaixada de Washington. Afinal, saber que seu Embaixador teve provas de que alguém da Embaixada colaborou contra o governo federal e nada fez era um bom motivo para trocá-lo.

Ainda no ano de 1932, preciso analisar o aparecimento de mais uma informante importante: Rosalina Coelho Lisboa. O único registro encontrado desta informante para esse ano demonstra que ela se comunicava muito mais com o presidente do que hoje, é possível comprovar, pois Vargas, muito provavelmente, destruía as cartas que recebia dela. No fim de algumas cartas de Rosalina Lisboa, era costume vir escrito “rasque esta carta depois de lê-la” ou ainda “queime esta carta”<sup>247</sup>. Além disso, nas próprias cartas que encontrei, não raras as vezes, Lisboa fez referência a muitas outras correspondências, bem como a encontros pessoais com Vargas, principalmente em momentos de repouso dele em Petrópolis, permitindo-me concluir que o contato desta informante junto ao presidente foi bastante relevante. Quem era Rosalina Lisboa?

De acordo com Maria Aparecida Schumacher,<sup>248</sup> desde criança, Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti teve educação sólida em línguas estrangeiras, se interessando por outras culturas e países. Seu pai fora deputado e senador federal pela Paraíba, bem como professor do Colégio Pedro II e da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Ela viveu a maior parte de sua infância no Rio, onde estudou espanhol, francês e inglês, talvez até outras línguas.

---

agentes de São Paulo encarregados de comprar armamentos nos Estados Unidos. (GV c 1932.11.01/3).

<sup>247</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Gregório Porto da Fonseca. Nov. 1932. Carta informando sobre entrada clandestina de armamentos em São Paulo. (GV c 1932.11.00/). FGV-CPDOC.

<sup>248</sup>SCHUMACHER, Maria Aparecida; BRAZIL, Érico Vital (Ed.). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade: com 270 ilustrações*. Zahar, 2000, p.922.

O envolvimento de Rosalina Lisboa com o meio internacional era intenso: desde 1920, ela apoiou o movimento tenentista e, com a repressão governamental, ainda nos anos 20, ela passou a auxiliar os exilados e fornecer apoio à conspiração dos exilados fora do Brasil, pela Argentina, onde morou por 12 anos. Contudo, nesse processo ela não ficou apenas na Argentina, mas cruzou, constantemente, pelos vários países da América do Sul, criando uma rede de contatos pessoal para a administração de informações e ações políticas.

Ela foi simpatizante da Revolução de 1930, escrevendo e fazendo discursos a favor do movimento desde 1929. No governo Vargas, ela passou a atuar em eventos do Itamaraty, sendo a ele conectada pelo resto da vida, prestando serviços como diplomata mesmo sem integrar a carreira oficialmente.<sup>249</sup> Desde, ao menos, 1932, Rosalina Lisboa passou a trocar cartas e a ter encontros pessoais com o presidente do Brasil para atuar em missões no exterior.

Em novembro de 1932, Rosalina trocou correspondência com o Secretário da Presidência da República, Gregório Porto da Fonseca.<sup>250</sup> Ela enviava cartas e, ao fim, pedia para queimá-las ou rasgá-las. Das poucas que restaram, pode-se atestar que ela esteve, ao longo de 1932, no encalço de Arthur Bernardes. Essa carta<sup>251</sup> demonstra que ela já tinha informado a Vargas, por meio do Secretário da Presidência, sobre todos os movimentos do mineiro e que, durante o levante paulista de 1932, todas as suas informações se confirmaram sobre as conspirações de Bernardes. Pediu que Vargas considerasse suas informações sobre conspiradores, pois suas investigações se provaram corretas.

Passou, então, a informar que soube que um conjunto de armas mais poderosas e modernas quase chegaram ao Brasil no momento da guerra civil, mas foram atrasados pelo governo do Chile. Não obstante, em um almoço na casa de um estadunidense diplomata no Chile, ela pôde descobrir que as armas saíram para o Brasil.

Rosalina Lisboa (1932, p.2) informou que a empresa de armas Curtis "tem controle de todo o armamento vendido no mundo e sabe que o que foi vendido ao governo

---

<sup>249</sup>Idem, p.924.

<sup>250</sup> LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Gregório Porto da Fonseca. Nov. 1932. Carta informando sobre entrada clandestina de armamentos em São Paulo. (GV c 1932.11.00/). FGV-CPDOC.

<sup>251</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Gregório Porto da Fonseca. Nov. 1932. Carta informando sobre entrada clandestina de armamentos em São Paulo. (GV c 1932.11.00/). FGV-CPDOC.



brasileiro era muito inferior”.<sup>252</sup> Ela informou ser impossível saber a quantidade de armas que entravam no Brasil, mas que o Sr. Costabal, chileno interessado nos negócios da Curtis, entrou com muitas delas no Brasil pelo porto de Valparaíso. Relatou a Vargas que ela trabalhou junto ao Embaixador Rodrigues José de Paula Alves. Este era Embaixador do Brasil na Argentina durante o governo Washington Luís, mas foi afastado por desconfianças de Vargas, sendo substituído por Assis Brasil. No Chile, porém, ao trabalhar junto a Rosalina, segundo ela “titanicamente” contra os rebeldes paulistas, ele fora, em Santiago, peça fundamental para que se evitasse que armamentos pesados da empresa Curtis chegasse ao Brasil, demonstrando-se confiável. A informante terminou sua carta, deixando claro que se as novas armas da Curtis chegassem ao Brasil poderiam reascender os ânimos do movimento rebelde contra Vargas, pedindo-o para impedir essa exportação.

Ainda em 1932, Getúlio Vargas deu início a um sistema de organização de informações e informantes internacionais por meio de seu oficial de gabinete. Numerosas cartas de informantes do presidente não se encontram no arquivo de Vargas. Isso deve-se, pois o seu secretário pessoal, Luís Fernandes Vergara, recebia muitas delas e expedia respostas, em nome do próprio Vargas.

Pesquisando as correspondências do arquivo de Vargas, consegui notar que alguns informantes, como, por exemplo, Luís Simões Lopes, sobre quem ainda irei tratar, diziam estar enviando mensagens, por meio de Alzira Vargas, filha do presidente, para não parecer suspeitos, mas não tinham certeza se as cartas chegavam ao presidente. Percebi que havia um esquema para escamotear correspondências destinadas a Vargas que servia, ao mesmo tempo, de centro de administração de informações pessoais do presidente. Esse pequeno, porém, eficiente esquema era administrado por duas pessoas: Luís Fernandes Vergara e Alzira Vargas.

Apesar de não encontrar correspondência alguma nos arquivos de Alzira Vargas, que provavelmente foram eliminadas ou realocadas, ao visitar-se o arquivo de Vergara, tive a surpresa de poder encontrar variadas correspondências de pessoas que buscavam informar o presidente sobre os acontecimentos internacionais de maneira paralela ao Itamaraty ou por fora dos protocolos e hierarquias oficiais.

Como demonstrei, no caso de Rosalina Lisboa, o Secretário Pessoal da Presidência recebia informações confidenciais para Vargas, cuidando de informantes, mas nada que

---

<sup>252</sup> Idem, p. 2.

se compara ao que fazia Luís Vergara, ainda como Oficial de Gabinete. Vergara afirma que Vargas nutria por ele confiança e amizade, como pode ser atestado no livro que o próprio Fernandes Vergara escreveu, *Fui Secretário de Getúlio Vargas*<sup>253</sup> (1960), bem como em suas trocas com ele. Vergara foi quem editou cartas e discursos de Vargas em grande número ao longo de toda a gestão do presidente entre 1932 e 1945.

Fernandes Vergara era redator político do jornal *Diário de Notícias*, e entrevistou Vargas quanto este ainda era Ministro da Fazenda entre 1926 e 1927. Os primeiros contatos com Vergara serviram para convencer o gaúcho das qualidades dele como bom comunicador, pois o jornalista foi nomeado oficial de gabinete de Vargas quando ele fora presidente do estado do Rio Grande do Sul, bem como durante o Governo Provisório, em 1930. Em julho de 1936, Luís Fernandes Vergara substituiu Artur Guimarães de Araújo Jorge, como secretário da Presidência da República, cargo equivalente à atual chefia do Gabinete Civil, e assim permaneceu até 1935.<sup>254</sup>

O que se verifica é que já em 1932, ele recebia informações sobre a situação da política internacional, resumia e informava o presidente a respeito, bem como coordenava a ação de alguns desses informantes de confiança. Essas pessoas eram, frequentemente, diplomatas que contavam com proximidade do poder Executivo, normalmente, por serem amigos ou políticos próximos de Vargas ou Vergara.

Um exemplo foram os serviços de Alfredo Polzin, diplomata da “classe N”, nos quadros permanentes do Itamaraty.<sup>255</sup> Nascido em 1888, em Salvador, iniciou sua atuação no Ministério das Relações Exteriores em 1910, como auxiliar do Serviço de Expansão Econômica, em Londres. Passou, então, a atuar no consulado geral do Brasil em Buenos Aires, durante os primeiros anos do Governo Provisório.<sup>256</sup>

Em 18 de julho de 1932, Polzin, enviou uma carta ao presidente, por meio de Luís Vergara, para alertá-lo sobre algo que julgava estranho: um tal senhor Teixeira Bastos estava encomendando grande quantidade de potentes motores, para a época, de uma companhia hispano-suíça. Polzin revelou o endereço de Bastos, posteriormente.<sup>257</sup>

<sup>253</sup>VERGARA, Luiz. *Fui secretário de Getúlio Vargas: memórias dos anos de 1926-1954*. Porto Alegre: Editora Globo, 1960.

<sup>254</sup>Disponível em <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-fernandes-vergara>. Acessado em 06/12/2022 às 12:27.

<sup>255</sup>Almanaque do Pessoal-1935B, p.171. Disponível em: [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1935B.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1935B.pdf). Acessado em: 20/10/2022 às 16:00

<sup>256</sup>Idem.

<sup>257</sup>OFICIO. Ofício do Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires ao Ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco, informando sobre paradeiro e atividades de Luís Carlos

Pela carta, conclui-se que Polzin já tinha se comunicado muitas outras vezes com Vargas, pois foi direto ao assunto, sem fazer menção alguma ao fato de um diplomata estar levando essa mensagem diretamente ao presidente. A maneira pela qual a mensagem foi escrita indica maior liberdade do informante para com Vergara e Vargas. Polzin era censor do serviço de radiotelefonia para o estrangeiro, e, por isso, tinha posição privilegiada para informar o presidente, como ele mesmo explica na carta.<sup>258</sup> Encontra-se, portanto, na figura de Alfredo Polzin, mais uma fonte de informação ao presidente para o contexto da Guerra Civil de 1932, afinal, ele fornecia detalhes técnicos de encomendas e comunicações dos rebeldes no exterior.

É possível perceber que o próprio Ministro das Relações Exteriores se comunicava com Vargas, por meio de Vergara, não usando os meios formais do Itamaraty quando precisava informar detalhes sigilosos. É o caso das questões relacionadas ao combate ao comunismo. Ao longo de 1932, identifica-se que Franco enviou informações a Vergara, para que ele as fizesse chegar a Vargas sobre o monitoramento do paradeiro e atividades de Luís Carlos Prestes.<sup>259</sup> Em 20 de julho de 32, por exemplo, Franco informara Vargas que descobrira que, apesar de Luís Carlos Prestes informar que se encontrava na Rússia, auxiliando os planos econômicos de Moscou, ele, muito provavelmente, estava na Argentina, atuando em um esforço conspiratório contra Vargas.<sup>260</sup>

Não era apenas o Ministro que informava o presidente sobre as atividades comunistas. O diplomata Narciso Peixoto de Magalhães, enviado a Buenos Aires como vice-cônsul e adido comercial, para estudar as relações comerciais entre Brasil e Argentina,<sup>261</sup> enviou a Vargas, também em 20 de julho de 32, informações detalhadas sobre a movimentação comunista na cidade de Rivera, incluindo o nome de entrepostos comerciais que estariam ligados ao movimento que levaria forças comunistas ao Brasil.<sup>262</sup> O adido se comunicava

---

Prestes. Informa também sobre as atividades de propaganda comunista desenvolvidas por Barreto Leite Filho em Riviera e Livramento. (LV c 1932.07.20). FGV-CPDOC. Buenos Aires, 20 jul. 1932.

<sup>258</sup>Idem.

<sup>259</sup>OFÍCIO. Ofício do Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires ao Ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco, informando sobre paradeiro e atividades de Luís Carlos Prestes. Informa também sobre as atividades de propaganda comunista desenvolvidas por Barreto Leite Filho em Riviera e Livramento. (LV c 1932.07.20). FGV-CPDOC. Buenos Aires, 20 jul. 1932.

<sup>260</sup>Idem, p.2

<sup>261</sup> Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores – 1934.p.698. Disponível em: [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1934.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1934.pdf) Acessado em 11/05/2023 às 14:56.

<sup>262</sup>MAGALHÃES, Peixoto. [Telegrama]. Destinatário: Luís Vergara. 20 jul. 1932. (LV c 1932.07.20). FGV-CPDOC.

diretamente junto a Vargas não apenas para tratar de acordos comerciais, mas para monitorar as atividades de opositores do presidente. Suas cartas eram administradas por Fernandes Vergara.

Em 1932, também é possível identificar que Vergara auxiliou nos planos de Vargas de levar Assis Brasil a pedir demissão do posto de Embaixador da Argentina. Em cartas entre Vargas, Melo Franco e Assis Brasil, Franco informou a Vargas de que Assis Brasil não se sentia bem em vigiar colegas, por meio da Embaixada, como requisitado e pedia demissão.<sup>263</sup> Pelas trocas, contudo, identifica-se que era justamente essa a intenção junto a Assis: primeiro, afastá-lo do posto, por meio de uma viagem oficial, como já relatei anteriormente, logo mais, deixá-lo indisposto com as necessidades do governo, levando-o a pedir demissão. Assim, Vargas não se indispunha tanto contra um inimigo político dentro de seu próprio governo. Vê-se que Câmara Canto e Luís Vergara foram peças fundamentais para fazer com que esta estratégia funcionasse.<sup>264</sup>

Por fim, cito o diplomata João Pinto da Silva, adido comercial,<sup>265</sup> que se comunicava, com frequência, com Luís Vergara, pela Embaixada brasileira em Madrid. Ele não apenas informava sobre os detalhes da política interna e externa da Espanha, como também conversava sobre outros diplomatas e informantes de Vargas junto a Vergara, como foi o caso de pedir o livro que Rosalina Lisboa publicara a Vergara, elogiando seu trabalho como jornalista e mulher envolvida na diplomacia.<sup>266</sup> Em 1935, Pinto foi removido para Paris a pedido de Vargas e, de lá, passou a relatar sobre a política da Europa.<sup>267</sup> Investigarei esta atividade em outros capítulos.

---

<sup>263</sup>FRANCO, Afrânio de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 5 ago. 1932. Carta de Afrânio de Melo Franco a Getúlio Vargas encaminhando pedido de demissão de Joaquim Francisco de Assis Brasil do cargo de Ministro do Exterior. (LV c 1932.08.05).

<sup>263</sup>SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Madrid, 24 jul. 1933. Carta acusando recebimento de sua carta e de alguns livros, e transmitindo as condições de seu trabalho na legação do Brasil. (LV c 1933.07.24). FGV-CPDOC.

<sup>264</sup>FRANCO, Afrânio de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 5 ago. 1932. Carta de Afrânio de Melo Franco a Getúlio Vargas encaminhando pedido de demissão de Joaquim Francisco de Assis Brasil do cargo de Ministro do Exterior. (LV c 1932.08.05).

<sup>265</sup> Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores – 1935p.39.. Disponível em: [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1934.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1934.pdf) Acessado em 11/05/2023 às 14:56.

<sup>266</sup>SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Madrid, 24 jul. 1933. Carta acusando recebimento de sua carta e de alguns livros, e transmitindo as condições de seu trabalho na legação do Brasil. (LV c 1933.07.24). FGV-CPDOC.

<sup>267</sup> SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Paris, 12 nov.1935. Carta de João Pinto a Getúlio Vargas felicitando-o pela atitude enérgica adotada na repressão ao

Posso, finalmente, encerrar este panorama sobre a rede de informantes de Getúlio Vargas sobre o ano de 1932. Observa-se que, muito rapidamente, o presidente construiu um sistema de informações que o nutria de valiosos detalhes sobre um número muito grande de diferentes ambientes: os países da América do Sul, alguns pontos na Europa e contatos nos EUA. O movimento que pode ser observado é o de que Vargas passou a robustecer esta rede de informações com o passar dos anos, ampliando-a e aperfeiçoando-a. Preciso reforçar que a atuação destes informantes foi crucial para que o presidente administrasse as repercussões internacionais das crises internas provocadas pela guerra civil de 1932 e perseguir seus opositores, mas igualmente importantes no fornecimento de dados para a tomada de decisões quanto à política externa.

### 3.3 1933: Afrânio de Melo Franco deixa o ministério

1933 inicia-se com uma detalhada investigação de Câmara Canto, em Montevidéu, sobre as atividades dos exilados nos países do Rio da Prata. Em 19 de janeiro, o diplomata fez recomendações de acordos comerciais que deveriam ser conduzidos pelo Ministério das Relações Exteriores e pediu uma série de trocas de cônsules de diversas cidades, deixando clara a liberdade que tinha, no sentido de pedir importantes mudanças no quadro dos funcionários do Itamaraty, diretamente ao chefe da nação. Uma das mudanças, por exemplo, foi a transferência do cônsul Euríbiades Barbosa e de seu auxiliar, pois “convivem em cafés e cabarets com emigrados”,<sup>268</sup> disse. Emigrados entende-se, pelo contexto da carta, como os rebeldes brasileiros em Montevidéu. Além disso, ofereceu nomes para as possibilidades de promoção, dentre eles o secretário da legação de Montevidéu, Oswaldo Furst.<sup>269</sup>

A rede de informantes de Vargas deixava rastros e esses algumas vezes, colidiam com a autoridade do Ministro das Relações Exteriores. Em 28 de janeiro, Canto informou a Vargas que Euríbiades Barbosa passou a contestar a remoção aprovada pelo presidente, pois tinha garantias expressas de Afrânio de Melo Franco de que isso não aconteceria.

---

movimento comunista e comentando a política do Gabinete Laval, na França. (GV c 1935.12.11/1)

<sup>268</sup>Idem, p. 3.

<sup>269</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 19 jan. 1933. Carta transmitindo depoimento de Mário Cabral sobre a atitude de elementos da alta hierarquia do exército durante a revolução paulista e informando sobre a conspiração dos exilados. (GV c 1933.01.19). FGV-CPDOC.

Vargas precisou insistir na remoção, passando por cima da autoridade do Ministro<sup>270</sup>. São provas de que Vargas preferiu escutar Câmara Canto a seu Ministro, afinal, nessa mesma carta, Canto confidenciou atividades de funcionários do Itamaraty antigovernistas que contavam com as graças de Afrânio de Melo Franco. Disse:

A fim de que vossencia melhor aquilate da lealdade de seus colaboradores e dos processos usados na administração informo: o cônsul de Rosário, bernardista dos quatro costados, reacionário reconhecido e amigo íntimo do Ministro do Exterior, recebeu dele a promessa de transferência e promoção (...) essa verídica nota precisará de comentário? (CANTO, 1933, p.2)<sup>271</sup>

Vale destacar que, nessa mesma carta, Canto elogiou as ações do Embaixador, Araújo Jorge, no sentido de acompanhar e dar diretrizes para a ação de Melo Franco no caso do conflito de Letícia, Guerra entre Colômbia e Peru, em que Melo Franco ofereceu mediação.<sup>272</sup> Vê-se que Vargas não apenas acompanhava de perto as ações de Franco, mas que, também, a modulavam.

Em 03 de fevereiro, Vargas continuou a receber cartas do cônsul chamado Narciso Peixoto Magalhães de que falei. Ele descreveu ao presidente o cenário político da Argentina e passou a acompanhar os opositores ao governo Vargas que viviam em Buenos Aires. Escreveu a Vargas, dizendo que já estava em execução as ordens secretas do presidente de que ele construísse uma rede de contatos para acompanhar políticos e opositores na Argentina. Descreveu que havia identificado diferentes grupos de oposição a Vargas nesse país: o grupo de Raul Pilla, Laudelino, Marcial Terrabe Major Ivo Borges, que era a favor da nova liderança de um coronel Figueiredo e outro, que envolvia Palimércio de Rezende, Assis Brasil, Major Cyro e Capitão Bastos, que queriam um coronel Taborda como líder. Informou também que Paulo Nogueira Filho seguiu para os EUA para comprar armamentos.<sup>273</sup>

Narciso disse que o consulado brasileiro estava sendo vigiado por militares rebeldes com turnos que trocavam de 4 em 4 horas, sob liderança do tenente Ferreirinha, pessoa que Vargas já conhecia, segundo o próprio cônsul. Divergindo do que afirmou Melo

---

<sup>270</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideú, 28 jan. 1933. Sobre e a adesão de Assis Brasil à Frente Única Gaúcha e comportamento desleal do corpo consular brasileiro. Montevideú. (GV c 1933.01.28/1). FGV-CPDOC.

<sup>271</sup>Idem, p.2.

<sup>272</sup>Idem, p. 4.

<sup>273</sup>Idem.

Franco, Narciso Teixeira disse a Vargas que o quartel-geral deles não era em Buenos Aires, mas sim em Rivera, no Uruguai, cidade mais difícil de proteger e investigar.<sup>274</sup>

Os trabalhos de Narciso Peixoto resultaram na identificação de uma rede completa de financiamento da atividade de opositores ao governo Vargas, que ligava os exilados do governo Washington Luís, em Portugal, nos EUA e nos países do Prata.<sup>275</sup> Constatase que suas atividades eram caras ao presidente, que já as matinha por mais de dois anos.

Outra frente de informação de Vargas no Prata era Orlando Leite Ribeiro, que, como expliquei, contava com a confiança de Melo Franco, mas reportava tudo a Vargas. Ao longo de 1933, Ribeiro trocou uma enorme quantidade de cartas com o presidente não apenas sobre a política na Argentina, como sobre a atuação de opositores de Vargas.<sup>276</sup>

Em 25 de fevereiro, por exemplo, ele conseguiu interceptar os planos dos rebeldes, que diziam como deviam atacar e quais seriam as lideranças envolvidas. Entre as informações, dizia-se que João Alberto, dos rebeldes, estava vigiando Góis Monteiro de perto. Leite enviou esses planos e outras informações ao presidente.

Em 18 de março, Ribeiro disse a Vargas

Vou passar a utilizar a mala diplomática, muito embora não tenha confiança: porque se os empregados dos aviões violam por dinheiro, os dos Ministério do Exterior fazem mesmo, porque são nossos inimigos (já o fizeram com próprio Dr. Afrânio) assim como nossa ação aqui é toda ela espionada pelos próprios funcionários (RIBEIRO, 1933).<sup>277</sup>

Muitas vezes, o mesmo “portador” de uma carta fazia o traslado de diferentes informantes, como é o caso de um militar chamado de Major Gregório<sup>278</sup> que entregava a Vargas tanto as cartas de Ribeiro quanto as de Rosalina Lisboa

<sup>274</sup>MAGALHÃES, Narciso Peixoto de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 3 fev. 1933. Informações relativas às atividades conspiratórias de brasileiros exilados, em Buenos Aires. (GV c 1933.02.03). (Vol. X/29). FGV-CPDOC.

<sup>275</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideú, 28 jan. 1933. Sobre e a adesão de Assis Brasil à Frente Única Gaúcha e comportamento desleal do corpo consular brasileiro. Montevideú. (GV c 1933.01.28/1). FGV-CPDOC.

<sup>276</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 18 mar. 1933. Carta confirmando o envio de cartas, tendo em vista, a violação de sua correspondência e informando sobre as dificuldades encontradas no trabalho de fiscalização das atividades dos exilados políticos em Buenos Aires. (GV c 1933.03.18). (Vol. X/66).

<sup>277</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 18 mar. 1933. Carta Vargas confirmando o envio de cartas, tendo em vista, a violação de sua correspondência e informando sobre as dificuldades encontradas no trabalho de fiscalização das atividades dos exilados políticos em Buenos Aires. (GV c 1933.03.18). (Vol. X/66).

<sup>278</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 18 mar. 1933. Carta confirmando o envio de cartas, tendo em vista, a violação de sua

Vale ressaltar que apesar de as atividades que mais relatou-se até aqui serem conectadas com o combate de Vargas a opositores e comunistas, seus informantes também serviam para que ele avançasse nos projetos de expansão comercial, negociações de dívidas, entre outras atividades correspondentes à própria execução da política externa, por isso, não se investiga, aqui, apenas a identificação de opositores no exterior. Essa rede de informantes foi importante para a própria condução da política externa.

Em 7 de março de 33, o presidente recebeu, por exemplo, uma série de cartas de Paulo Hasslocher, descrevendo a vida política e comercial dos EUA, indicando certos passos para a expansão comercial do Brasil junto aos EUA, bem como acompanhando atividades de opositores em Washington.<sup>279</sup> Em meio a discussões sobre câmbio e trocas comerciais, narrava ao seu amigo e chefe:

Getúlio, a crise de superprodução, o abuso do crédito agravado pelas dívidas de guerra e pelas barreiras alfandegárias, mais as lutas de partidos na Europa e as guerras e as revoluções na América do Sul estão levando o mundo para verdadeiro caos, cujas consequências são difíceis de prever. A desorganização em que está o mundo é o resultado da vitória da massa. É o predomínio de todos sem a responsabilidade de ninguém. O que se deu na Itália foi a vitória de Mussolini sobre a multidão alucinada e também o que se está dando na Alemanha em torno de Hitler. Nos EUA, estão procurando ver em Roosevelt o ditador (HASSLOCHER, 1933, p.2).<sup>280</sup>

Germano Hasslocher dava também seus conselhos a Vargas sobre como deveriam ser os rumos do Brasil. Para ele, Vargas precisava encarnar o “espírito de seu tempo”, ou seja, se assumir como o ditador que o Brasil precisava. O mundo estava entrando em uma tendência de governos fortes. Roosevelt, disse, poderia ser reeleito indefinidamente, se soubesse lidar bem com as crises dos EUA, em uma espécie de, em suas palavras, “ditador eleito”. Por isso, Getúlio Vargas deveria fazer o mesmo. Seria esse o único caminho contra as crises internacionais.<sup>281</sup>

---

correspondência e informando sobre as dificuldades encontradas no trabalho de fiscalização das atividades dos exilados políticos em Buenos Aires. (GV c 1933.03.18). (Vol. X/66).

<sup>279</sup>HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 7 mar. 1933. Informando sobre as investigações feitas, a pedido da Embaixada Brasileira em Washington, em torno de aviadores americanos, que obtiveram licença para um vôo comercial à Buenos Aires, via Brasil; comentando o movimento rebelde fracassado, na fronteira com o Uruguai; relatando a crise financeira nos Estados Unidos; e analisando a difícil situação mundial, face à crise de superprodução, às dívidas de guerra, às lutas partidárias na Europa e às revoluções na América do Sul. (GV c 1933.03.07). FGV-CPDOC.

<sup>280</sup>Idem, p.2

<sup>281</sup>Idem, p.2



Em março de 1933, Vargas passou a se comunicar diretamente com o diplomata e empresário Valentim Fernandes Bouças, que se encontrava em Nova York. De acordo com Maurício Margalho (2018), Bouças era empresário que fundara a Companhia Serviços Hollerith e passou a colaborar com Vargas na negociação com banqueiros no Governo Provisório. Sua atuação quanto aos estudos da dívida externa brasileira o levou a prestar serviços internacionais ao governo, como sua participação na Conferência Mundial Monetária e Econômica, realizada em Londres.<sup>282</sup> Ele enviava ao presidente um relato sobre a política interna e externa dos EUA, tornando-se um conselheiro financeiro e político do presidente. Entre seus conselhos, apontou o mesmo diagnóstico que Hasslocher: os EUA estavam mergulhados em uma crise sem limites. O mundo estava vivendo uma onda de protecionismo. Por isso, disse

(...) Pediria a vossa excelência que embora com o sacrifício da sua tranquilidade, que obtivesse o adiamento das eleições, no nosso país. Na minha correspondência anterior, eu já falava sobre a necessidade em que se encontra esse país de dar um poder ditatorial ao futuro presidente, para resolver os problemas econômicos. O exemplo dos EUA deveria servir para o nosso povo. Temos uma oportunidade única. Perder a oportunidade da ditadura seria imperdoável (BOUÇAS, 1933).<sup>283</sup>

Apesar dos apelos de seus informantes nos EUA, o Brasil se preparava para a reconstitucionalização. Vargas acompanhou o processo de maneira muito atenta. Em seu arquivo, pude identificar que um militar paulista e ex-interventor de São Paulo era fonte preciosa de informações sobre a política interna, refiro-me a Valdomiro Castilho de Lima. Não entrarei em detalhes sobre informantes do presidente que se dedicavam mais à política interna, mas é uma importante seara para novas pesquisas.

Em maio de 1933, Valdomiro trocou boa quantidade de cartas com Vargas informando-o sobre os interesses de paulistas, mineiros e riograndenses do poder. Por meio de Valdomiro Castilho, identifiquei que Vargas passou a desconfiar e atuar de

---

<sup>282</sup> MARGALHO, M. G. (2018). O pensamento econômico-social de Valentim Fernandes Bouças: organização político-empresarial, 1930-1940. In: *História e Economia: revista interdisciplinar*. V. 20, N. 1.

<sup>283</sup> BOUÇAS, Valentim Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 8 mar. 1933. Carta sugerindo o adiamento das eleições e a manutenção da ditadura como melhor medida para solucionar os problemas econômicos do país. (GV c 1933.03.08/1). (Vol. X/62).

maneira muito mais defensiva contra o interventor do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha.<sup>284</sup>

Nesse momento, Vargas buscou assegurar maioria no congresso formado pela Assembleia Nacional. Como explica Boris Fausto, a grande novidade nas regras eleitorais era de que o presidente seria eleito indiretamente e por voto secreto. Havia os deputados eleitos pelo voto individual do povo e deputados classistas, que representavam sindicais de empregados empregadores. Estes últimos eram quase todos a favor do governo, que, segundo o autor, “manipulou as indicações”.<sup>285</sup>

O autor demonstra que Vargas liderou intensa movimentação partidária para controlar possíveis nomes ao cargo de presidente. O que se percebe é uma interessante “coincidência”. Acompanhando esse processo de negociação partidária, pelo arquivo pessoal do presidente, seu importante informante paulista, o general Valdomiro Lima, assegurou a Vargas que os principais nomes que poderiam ter força para derrubá-lo eram Afrânio de Melo Franco, o paulista José Carlos de Macedo Soares ou o gaúcho Oswaldo Aranha. Justamente esses nomes foram alocados, ao longo do tempo, como Ministros das Relações Exteriores.<sup>286</sup>

Defendo que isso não foi uma “coincidência”, mas sim parte da própria estratégia política de Getúlio Vargas, que confirma o que vinha sendo descrito: apontar políticos fortes para cargos que os isolem dos jogos de poder da política interna foi uma estratégia de Vargas ao longo de seu governo. Valdomiro Lima (1933) afirmou, no fim da carta: “a figura central de todas essas maquinações é o Sr. Oswaldo Aranha”.<sup>287</sup>

Vale notar que Vargas não necessariamente confiava cegamente em Lima. Ainda em 1933, Aranha pediu demissão do cargo de Ministro da Fazenda, alegando justamente entreves que Valdomiro Lima o havia criado. Ambos eram desafetos. Contudo, também não se pode dizer que Vargas necessariamente confiava em Aranha e desconsiderasse os

---

<sup>284</sup>LIMA, Valdomiro Castilho. [Correspondência]. Destinatário: Valder de Lima Sarmanho e Getúlio Vargas. São Paulo, 15 mai. 1933. Informando sobre articulações políticas visando sua deposição e a de Olegário Maciel dos governos de São Paulo e Minas Gerais e solicitando remessa de munição. (GV c 1933.05.15/2). (Vol. XI/22, 23, 24).

<sup>285</sup>FAUSTO, Boris. A Vida Política. In: CASTRO GOMES, Angela (coord.). *História do Brasil Nação. Volume 4: Olhando para Dentro (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013, p.97.

<sup>286</sup>LIMA, Valdomiro Castilho. [Correspondência]. Destinatário: Valder de Lima Sarmanho e Getúlio Vargas. São Paulo, 15 mai. 1933. Informando sobre articulações políticas visando sua deposição e a de Olegário Maciel dos governos de São Paulo e Minas Gerais e solicitando remessa de munição. (GV c 1933.05.15/2). (Vol. XI/22, 23, 24).

<sup>287</sup>Idem.

conselhos de Lima. Pelo contrário, Getúlio Vargas buscava meios para decidir se poderia ou não confiar em alguém politicamente e, um deles, como já demonstrei, era o poder que tinha para vigiar telegramas e conversas telefônicas.

De alguma maneira, Vargas combinou essa estratégia com diferentes pessoas. Por exemplo, em 16 de maio de 1933, recebeu de Pantaleão da Silva Pessoa uma série de transcrições de conversas telefônicas de José Carlos de Macedo Soares.<sup>288</sup> De posse desses aparatos de investigação, julgo pertinente enxergar como a política interna e externa do presidente estiveram vinculadas, passando pelo próprio movimento revolucionário de 1930 até sua reeleição na Assembleia Nacional Constituinte. Vargas logrou ser reeleito em julho de 1934, com o compromisso de que as eleições seguintes seriam diretas, pelo voto popular.

Ainda em 1933, o presidente deu mostras de suas sinceras preocupações com as fronteiras do Brasil. Encarregou o comandante João Gomes Ribeiro de elaborar um novo plano de defesa das fronteiras brasileiras ao sul. Segundo o próprio Vargas, esses planos faziam parte da renovação que a Revolução de 1930 buscava para a defesa do Brasil. Disse “Preocupa-me especialmente a fronteira do Paraná, região do Iguaçu, quase abandonada pelo nosso descaso” (VARGAS, 1933), sem telégrafos e vias de transporte e comunicação. Terminou pedindo que se abrissem estradas e se construísse infraestrutura suficiente para proteger as fronteiras do Sul do Brasil.<sup>289</sup> Esse e tantos outros movimentos do presidente ajudam a reforçar a necessidade de se rever a tese de que o Governo Provisório não contou com novidades ou forte envolvimento com a política externa ou que, ainda, o próprio Vargas estava desinteressado das questões internacionais durante esse período.<sup>290</sup>

Vê-se que o presidente cuidava pessoalmente de uma grande diversidade de assuntos quanto à política externa, sobretudo, aqueles que diziam respeito à política interna, mas é inegável que também se dedicou, ainda no Governo Provisório, aos assuntos gerais da política externa.

---

<sup>288</sup>PESSOA, Pantaleão da Silva. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 16 mai. 1933. Cartão enviando trechos censurados de conversas telefônicas sobre a situação política de São Paulo e informando sobre a greve dos estivadores em Santos. (GV c 1933.05.16/1). (Vol. XI/25a, 25b, 26).

<sup>289</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: João Gomes Ribeiro. Rio de Janeiro, 20 mai. 1933. Carta solicitando um plano de ação para defesa da zona de fronteira do Paraná, região do Iguaçu. (GV c 1933.05.20/1). FGV-CPDOC.

<sup>290</sup> Teses, como apresentei, formuladas por Alzira Abreu e Ricardo Seitenfus.

Enquanto isso, Vargas cuidou de uma movimentação dos exilados no exterior que buscavam, segundo Flores da Cunha e Orlando Leite Ribeiro, aplicar um golpe militar aproveitando que o país estava voltado para as eleições da Assembleia Constituinte. Segundo Leite Ribeiro, os exilados estavam em movimento organizado para a tentativa de um golpe militar. É possível compreender que Vargas conseguiu frustrar essa movimentação, por meio de seus contatos com diferentes informantes na Argentina, Paraguai e Uruguai.<sup>291</sup>

Concomitante ao processo de eleições no Brasil, aconteciam os desdobramentos da Guerra do Chaco, guerra entre Paraguai e Bolívia, iniciada em 1932 e findada apenas em 1935. Assim, é possível registrar que Vargas lidou, em 1933, com três frentes principais de maneira muito personalista: a negociação de paz junto à Bolívia e Paraguai, em processo de mediação do Brasil, a contenção de um movimento conspiratório contra seu governo, feito pelos exilados no exterior, bem como o próprio processo de negociação partidária para a Assembleia Constituinte.

Como explica Eberle,<sup>292</sup> a Guerra do Chaco foi uma disputa pelo território do Chaco Boreal entre Bolívia e Paraguai. No início do século XX, houve novas pesquisas na região atestando a alta probabilidade de que lá havia grande quantidade de petróleo. A região era internacionalmente tratada como parte do Paraguai desde a Guerra do Paraguai no século XIX, mas não havia sido firmado nenhum tratado em específico. A Bolívia, no início do século XX, já havia perdido muitos territórios: na Guerra do Pacífico, confronto contra o Chile, que ocorreu de 1879 a 1884, ela perdeu o acesso ao Oceano Pacífico. O país também havia assinado o acordo de Petrópolis, de 1903, com o Brasil, no qual cedeu a região que hoje é o Acre brasileiro, rico em seringueiras para produção da borracha.

Gustavo Eberle Carvalho<sup>293</sup> demonstra que possuir a região do Chaco, daria acesso ao rio Paraguai à Bolívia, uma via hídrica que permitiria o país chegar ao Oceano

---

<sup>291</sup>TELEGRAMA. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, Rio de Janeiro, 22 set. 1933. Telegramas informando sobre conspirações de exilados brasileiros na região de fronteira com Argentina e Uruguai contando com a participação de elementos do Exército. Inclui providências tomadas por Flores da Cunha, no sentido de conter o movimento. (GV c 1933.09.22). (Vol. XII/62, 65, 66, 67). Sobre as investidas de Flores contra o movimento dos exilados, também ver: CUNHA, Flores da. [Correspondência]. Destinatário: Antunes Maciel. Porto Alegre, 23 out, 1933. Telegramas sobre articulação de movimento conspiratório para implantar uma ditadura militar no país. (GV c 1933.10.23/1). (Vol. XIII/9 e 10). FGV-CPDOC.

<sup>292</sup>CARVALHO, Gustavo Eberle de. *O Brasil e a geopolítica da Guerra do Chaco: diplomacia e política na Conferência de Paz de Buenos Aires (1935-1939)*. 2019. 378 f. il. Dissertação (Mestrado em História) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019, p.60-65.

<sup>293</sup>Idem, p. 65.

Atlântico. No caso paraguaio, perder a região do Chaco significaria tornar-se um país ainda menor e mais vulnerável à possíveis pretensões expansionistas de seus vizinhos no futuro. Além disso, ambos estavam passando por momentos de extremado nacionalismo e projetos de industrialização, logo o acesso ao petróleo seria essencial.

Nessa disputa, o Paraguai sempre teve o apoio histórico da Argentina para que ficasse com as terras do Chaco, inclusive, alguns argentinos, como o chanceler Estanislao Zeballos, chegaram a ter propriedades privadas no Chaco. Assim, a Argentina estava ao lado do Paraguai e o Brasil tendia a defender os direitos da Bolívia, por perceber que a vitória no Chaco em nome dos paraguaios, atenderia aos interesses de expansão de companhias argentinas, de companhias estrangeiras e do controle da infraestrutura da região pelo país platino. Havia, portanto, um complexo de desejos geopolíticos.<sup>294</sup>

Em setembro de 1932, após investidas de Melo Franco e dos EUA, para tentar apaziguar os ânimos, estava claro, para todos os envolvidos, que uma guerra entre Paraguai e Bolívia era algo certo. Para o Brasil, o risco de uma generalização da guerra e de ela se tornar uma “guerra sul-americana” era real, afinal, a Argentina estava decidida a apoiar o Paraguai e fazia, inclusive, esforço para que o conflito não findasse, por meio das investidas do Ministro das Relações Exteriores argentino, Saavedra Lamas, que buscava engrandecimento internacional da Argentina com a questão.<sup>295</sup>

Sobre as negociações brasileiras na Guerra do Chaco, é possível notar que Vargas contou com o apoio de Melo Franco, liderando as conversas formais sobre o conflito junto aos EUA, na chamada Comissão de Neutros. Não obstante, o presidente valeu-se de informações vitais de determinados diplomatas que se comunicaram com ele, por meio de Luís Fernandes Vergara, como foi Leão Samuel de Souza Gracie, que escrevia da embaixada brasileira de La Paz. Souza Gracie, nascido no Rio de Janeiro, em 1891, atuou no Itamaraty, com serviços de recepções a autoridades estrangeiras ao longo de toda a Primeira República, e foi designado para presidir serviços políticos e diplomáticos no Governo Provisório, em maio de 1931.<sup>296</sup> Para Vargas, ele foi importante fonte de informações confidenciais sobre a guerra.

---

<sup>294</sup>Idem, p. 104.

<sup>295</sup>Idem, p.122.

<sup>296</sup>Almanaque do Pessoal-1931, p.146. Disponível em: [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1941A.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1941A.pdf). Acessado em: 20/10/2022 às 16:00.

Ele trocou correspondências diretas com Vargas,<sup>297</sup> entre 1932 e 1933, para informá-lo detalhes sobre a posição da Bolívia e do Ministro das Relações Exteriores boliviano na guerra. As correspondências de Gracie foram importantes para que Vargas tomasse decisões sobre a Guerra, até porque o presidente respondia as cartas de Gracie, agradecendo-o pela relevância das informações.<sup>298</sup> Esse diplomata trocou correspondências diretas com o presidente sobre os detalhes do número de mortos e as estratégias a se tomar sobre a guerra. Referiu-se, por exemplo, a um “telegrama 14”,<sup>299</sup> no qual enviara a Vargas todas as possíveis estratégias para o Brasil diante da Guerra do Chaco, fazendo recomendações específicas.<sup>300</sup>

No contexto da Guerra do Chaco, outro informante foi vital a Vargas, Orlando Leite Ribeiro, que passou a atuar em Buenos Aires desde a revolução de 1930 a mando de Vargas, como demonstrei, e continuou um fiel informante no Governo Provisório.

Entre 7 e 29 de novembro, Ribeiro descreveu, em detalhes, todos os interesses geopolíticos da Argentina, Bolívia e Paraguai para a região e reportou a Vargas dizendo que o Paraguai estava inflexível e não via outra solução para a disputa que não a guerra. Narrou que o conflito tinha alto potencial desestabilizador para o presidente argentino Augustin Justo, que estava enfrentando pressões da oposição, para que ele defendesse os interesses do Paraguai, bem como pressões de seu próprio Ministro Saavedra Lamas, para que o conflito servisse de engrandecimento para os argentinos.<sup>301</sup>

Vargas combinou com Leite para que ele, secretamente, informasse Justo, isolando o corpo diplomático argentino, de que o Brasil tinha notícias de interesse de negociação por parte da Bolívia. O diplomata respondeu ao presidente: "falei diretamente com o

297 LEGAÇÃO DO BRASIL. [Comunicado]. La Paz, 19 jul. 1932. Comunicados da Legação do Brasil (La Paz) informando sobre a situação do Chaco. (LV c 1932.07.19/1). FGV-CPDOC.

298 LEGAÇÃO DO BRASIL. [Comunicado]. La Paz, 19 jul. 1932. Comunicados da Legação do Brasil (La Paz) informando sobre a situação do Chaco. (LV c 1932.07.19/1). FGV-CPDOC.

299 LEGAÇÃO DO BRASIL. [Comunicado]. La Paz, 19 jul. 1932. Comunicados da Legação do Brasil (La Paz) informando sobre a situação do Chaco. (LV c 1932.07.19/1). FGV-CPDOC.

300 LEGAÇÃO DO BRASIL. [Comunicado]. La Paz, 19 jul. 1932. Comunicados da Legação do Brasil (La Paz) informando sobre a situação do Chaco. (LV c 1932.07.19/1). FGV-CPDOC.

301 RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatários: Getúlio Vargas e David Alvisteguil. Rio de Janeiro, Buenos Aires, 7 nov. 1933. Correspondência sobre conflito entre o Paraguai e a Bolívia na região do Chaco, em que os Governos do Brasil e da Argentina se propõem a atuar como mediadores. Inclui: proposta da Bolívia em relação aos limites da zona de arbitragem; apoio do Brasil e da Argentina à proposta do Governo argentino junto ao paraguaio visando propor forma conciliatória; notícias sobre a posição irredutível do Paraguai em relação aos limites da zona de arbitragem. Inclui ainda referências sobre o atentado de São Tomé e sobre conspiração dos exilados brasileiros. (GV c 1933.11.07). (Vol. XIII/25, 26, 32, 35, 36, 39, 40, 47, 48, 49). FGV-CPDOC.

presidente Justo, que está interessadíssimo. Recomendou-me que fizesse os intermédios sob maior reserva” (RIBEIRO, 1933, p.5).<sup>302</sup>

As investidas de Vargas, em segredo junto ao presidente Justo, por meio da pessoa de Leite Ribeiro já são suficientes, para que se compreenda a importância estratégica que esse diplomata manteve na rede de informantes do presidente. Não obstante, é possível, ainda, relatar mais um caso.

Enquanto todas as negociações sobre o Chaco estavam em andamento, bem como a vigilância de Vargas aos exilados rebeldes, Leite Ribeiro entrou em contato direto com o presidente Augustín Justo, para fazer com que a Justiça argentina aprovasse que um jornalista perseguido por Vargas fosse devolvido ao Brasil. Em segredo, Leite Ribeiro conseguiu a autorização de enviar Jovelino Saldanha, um jornalista envolvido com conflitos da família Vargas, de volta para o Brasil, simulando, para a imprensa argentina e brasileira, que o jornalista estava sendo deslocado para a cidade de Corrientes, enquanto ele estava sendo devolvido ao Brasil.<sup>303</sup>

É surpreendente o nível de cooperação e confidencialidade que Vargas alcançou junto ao presidente da Argentina, por meio de conversa informais e de um adido comercial pouco conhecido.

No dia 20 de novembro, voltando à Guerra do Chaco, Vargas afirmou que considerava a atitude boliviana como "perfeitamente justificável" e o que o trabalho a ser feito seria com a "intransigência do Paraguai". Vargas disse que quem melhor deveria se posicionar, contudo, era o presidente Justo, que conhecia melhor a situação.<sup>304</sup>

Em 02 de dezembro, voltaram a conversar sobre as negociações, pois o então Embaixador brasileiro na Argentina, José Bonifácio, demonstrava-se pouco interessado

---

<sup>302</sup>Idem, p. 5.

<sup>303</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatários: Getúlio Vargas e David Alvisteguil. Rio de Janeiro, Buenos Aires, 7 nov. 1933. Correspondência sobre conflito entre o Paraguai e a Bolívia na região do Chaco, em que os Governos do Brasil e da Argentina se propõem a atuar como mediadores. Inclui: proposta da Bolívia em relação aos limites da zona de arbitragem; apoio do Brasil e da Argentina à proposta do Governo argentino junto ao paraguaio visando propor forma conciliatória; notícias sobre a posição irredutível do Paraguai em relação aos limites da zona de arbitragem. Inclui ainda referências sobre o atentado de São Tomé e sobre conspiração dos exilados brasileiros. (GV c 1933.11.07). (Vol. XIII/25, 26, 32, 35, 36, 39, 40, 47, 48, 49). FGV-CPDOC.

<sup>304</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 2 dez. 1933. Carta sobre o andamento das conversações relativas ao conflito entre Bolívia e Paraguai, afirmando que considera a existência de petróleo na região do Chaco, como maior obstáculo à solução do conflito; comentando o inquérito sobre o atentado em São Tomé; opinando sobre a questão dos exilados brasileiros e pedindo solução para o seu caso dentro do corpo diplomático. (GV c 1933.12.02). (Vol. XIII/53). FGV-CPDOC.

em participar a Conferência de Montevideú, que discutia o futuro da Guerra do Chaco. Leite, que era apenas um adido comercial, disse que teve dificuldades para participar das reuniões, mas enviou todos os detalhes direto ao presidente do Brasil.<sup>305</sup> Observa-se, portanto, que o adido comercial contornou a autoridade do Embaixador Bonifácio, em um movimento sob a condução de Vargas, para participar da Conferência.

As negociações de Vargas sobre o Chaco foram infrutíferas no ano de 1933. Vargas alertou Ribeiro para que ele apenas aconselhasse Justo, sem interferir ou forçar nenhum passo,<sup>306</sup> pois estava ciente de que essa guerra estava desestabilizando o presidente argentino.<sup>307</sup> Preferiu, então, dar um tempo para que tudo se ajeitasse, sem forçar resoluções.

Enquanto isso, Vargas atuou nas outras duas frentes que elenquei: continuava recebendo cartas de Câmara Canto e de Flores da Cunha, para controlar as ações rebeldes no Prata, e contava, às vezes, com a ajuda do próprio Melo Franco em um esforço que circundava o Itamaraty, no sentido de que, às vezes, o chanceler também enviava cartas de informantes a Vargas sobre a situação do Prata, de maneira privada e confidencial.<sup>308</sup> Também continuava vigiando seus aliados e inimigos políticos, por meio da interceptação de telegramas e conversas telefônicas, no sentido de buscar controlar os resultados das eleições para presidente.<sup>309</sup>

---

<sup>305</sup> Idem.

<sup>306</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 2 dez. 1933. Carta sobre o andamento das conversações relativas ao conflito entre Bolívia e Paraguai, afirmando que considera a existência de petróleo na região do Chaco, como maior obstáculo à solução do conflito; comentando o inquérito sobre o atentado em São Tomé; opinando sobre a questão dos exilados brasileiros e pedindo solução para o seu caso dentro do corpo diplomático. (GV c 1933.12.02). (Vol. XIII/53). FGV-CPDOC.

<sup>307</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 9 dez. 1933. Carta de Orlando Leite Ribeiro a Getúlio Vargas comentando a atual posição do Governo argentino em relação a questão do Chaco, transmitindo referências elogiosas do Embaixador Ramon Cárcano sobre o Presidente brasileiro e informando que estabeleceu vigilância direta sobre alguns exilados brasileiros. (GV c 1933.12.09/1). (Vol. XIII/61). FGV-CPDOC.

<sup>308</sup>BUENO, Lucilo Antônio da Cunha. [Telegrama]. Destinatário: Afrânio de Melo Franco. Montevideú, 22 nov. 1933. Telegrama de Lucilo Antônio da Cunha Bueno a Afrânio de Melo Franco Filho informando sobre novo movimento de exilados, com sede em Rivera. (GV c 1933.11.22/1). (Vol. XIII/22). FGV-CPDOC.

<sup>309</sup>Um dos principais indivíduos que Vargas acompanhou, por meio de interceptações de telegramas e conversas telefônicas foi José Carlos de Macedo Soares: SOARES, José Carlos de Macedo; OLIVEIRA, Armando Sales de. [Correspondência]. Rio de Janeiro, São Paulo, 16 nov. 1933. Palestra telefônica sobre o comportamento da bancada paulista nos trabalhos da Assembleia Constituinte. (GV c 1933.11.16). (Vol. XIII/34). FGV-CPDOC.; SOARES, José Carlos de Macedo; HELENA (?). [Correspondência]. Santos, Rio de Janeiro, 3 dez. 1933. Palestra telefônica sobre a possibilidade de São Paulo aceitar cargos ministeriais e sobre a



Por fim, investigo o processo que levou Afrânio de Melo Franco a pedir sua demissão do cargo de Ministro das Relações Exteriores. Como descrevi no capítulo 1, a historiografia aponta que Franco, em solidariedade à não indicação de seu filho Virgílio de Melo Franco para interventor de Minas, pediu demissão do cargo. O que se acompanha, contudo, pelo arquivo de Vargas e pelos seus diários, é uma história um pouco diferente.

Tudo começou em novembro, dia 26, quando Melo Franco afirmou a Vargas que há tempos os jornais cariocas publicavam coisas horríveis sobre sua pessoa e sua família.<sup>310</sup> O Ministro alegou que não compreendia como isso era possível. Sobre as “torpezas” que estavam sendo publicadas sobre ele, escreveu em sua carta de demissão:

Eu confundiria mais uma vez o desprezível calunioso com suas próprias palavras e o deixaria apodrecendo" (...) Mas não se trata somente do meu nome e, sim, do prestígio do Brasil no exterior. Ora, sendo eu um dos membros do governo e continuando esse a exercer a censura da imprensa com relação a outros, o fato de ser eu visado em 3 dias, desnecessariamente, pela dita folha com duas injúrias e calúnias, parecia ao público um sinal de que me falta a solidariedade dos meus companheiros, se não a confiança do chefe a quem sirvo (FRANCO, 1933).<sup>311</sup>

A situação era tão urgente que Melo Franco nem estava no Brasil, mas sim na Sétima Conferência Internacional Americana. E, de lá, organizou sua demissão. Vargas procurou não aceitar a demissão de imediato, realocando os interesses dos mineiros. Seu receio era de que a demissão de Franco desestabilizasse a aliança entre Minas e o Governo Federal.

Vê-se, contudo, que há chance de que o processo de demissão de Franco tenha sido induzido pelo presidente. O próprio Franco disse que o motivo de sua demissão era não

---

escolha do Interventor mineiro. (GV c 1933.12.03). FGV-CPDOC. Em GV 33 12 03, a Polícia do Distrito Federal registrou uma conversa de Macedo com uma moça chamada Helena de conteúdo classificado como “amoroso” e, logo depois, houve assuntos relacionados à política que foram registrados no documento. DOCUMENTO. Documentos sobre a solução do caso mineiro incluindo: discussão em torno dos nomes de Virgílio de Melo Franco e Gustavo Capanema. (GV c 1933.12.04). FGV-CPDOC. 4 dez. 1933., Vargas espionou uma conversa entre Antônio Carlos e políticos mineiros sobre as incertezas da nomeação de Gustavo Capanema para interventor de Minas. Pela conversa, vê-se que Antônio Carlos estava certo sobre a nomeação de Capanema e, por meio desta tática, Vargas esteve ciente dos interesses não declarados e alianças dos políticos mineiros.

<sup>310</sup>FRANCO, Afrânio de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 26 nov. 1933. Carta colocando a sua disposição o cargo de Ministro das Relações Exteriores e chefe da delegação do Brasil na 7ª Conferência Internacional Americana em virtude dos ataques contra sua pessoa lançados por um jornal do Rio de Janeiro. (GV c 1933.11.26/2) (Vol. XIII/43). FGV-CPDOC.

<sup>311</sup>Idem, p.1.

compreender como Vargas controlava a censura dos jornais e deixava passar artigos que caluniavam o Ministro das Relações Exteriores, manchando seu nome e o prestígio internacional do Brasil.

Sabe-se que os informantes de Vargas, sobretudo Câmara Canto já haviam demonstrado que Franco chegou a atender interesses de antigovernistas dentro do Itamaraty. Sabe-se que alguns aliados de Vargas já o haviam alertado do perigo político de Afrânio de Melo Franco como possível candidato à Presidência, como Valdomiro Lima. Fortalecer os Melo Franco, colocando Virgílio na interventoria de Minas, poderia ser perigoso, principalmente, em ano que se preparava as eleições presidencial.

É provável que o próprio Vargas tenha deixado passar artigos de crítica aos Melo Franco. É possível que o processo de demissão do Ministro tenha feito parte da estratégia de Getúlio Vargas de enfraquecer aliados e inimigos sem demonstrar, claramente, que ele era quem conduzia esse processo. Afinal, foi exatamente isso que Franco inferiu em sua carta de demissão, apesar de dizer que continuava confiando na imparcialidade de Vargas e que desejava continuar sendo seu amigo.<sup>312</sup>

Percebe-se que o motivo que levou Franco a pedir sua demissão somou-se à crise mineira. Com a morte do interventor Olegário Maciel, em setembro, havia três nomes muito indiciados, o de Antônio Carlos, de Virgílio de Melo Franco e de Gustavo Capanema. No dia 26 de novembro, mesmo dia do pedido de demissão de Melo Franco, Virgílio Franco enviou carta a Vargas, dizendo que havia um sistemático esforço de calúnia, nos jornais, à sua família, liderado, segundo ele, por Edmundo Bittencourt.<sup>313</sup>

Virgílio anunciou que não queria mais ser interventor de Minas. Vargas, claramente, não levou a sério essas afirmações, pois continuou calculando qual seria a melhor solução para Minas Gerais.

Assim, entre os dias 25 e 27 de novembro de 1933, Vargas registrou em seu diário que havia recebido os pedidos de demissão de Melo Franco e de Virgílio. É possível observar, inclusive, que Oswaldo Aranha defendia que a única solução era a nomeação de Virgílio:

---

<sup>312</sup>Idem, p. 2

<sup>313</sup>FRANCO, Virgílio Alvim de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 26 nov. 1933. Carta comunicando que não aceitará a Interventoria Mineira e que irá renunciar ao mandato de deputado a fim de, sem garantias especiais, responder aos ataques dirigidos contra os Melo Franco pelo "Correio da Manhã". (GV c 1933.11.26/3). (Vol. XIII/44). FGV-CPDOC.

Virgílio de Melo Franco escreve-me uma carta renunciando à interventoria de Minas e dizendo que vai renunciar à cadeira de deputado para defender-se de ataques do Correio da Manhã. À tarde, (...) Oswaldo expõe o assunto em termos emocionados, dizendo que segue a sorte dos Melo Franco. Discutem que a causa dos ataques do Correio é a interventoria de Minas (1995, v.1, p.249).<sup>314</sup>

No dia 06 de dezembro, o presidente voltou a refletir demonstrando que Afrânio não se demitiu definitivamente, pois o presidente ainda não havia aceitado a demissão formalmente: "Resumo: todos julgam que devo decidir, mas se nomeio Capanema, renunciam os ministros da Fazenda e do Exterior e seus adendos; se nomeio Virgílio, renúncia Flores e desgosto a maioria da bancada mineira" (1995, v.1, p.250).<sup>315</sup>

Diante de tal impasse, ele escolheu um político mineiro não cotado entre os principais políticos: Benedito Valadares, surpreendendo a todos. Oswaldo Aranha foi a Vargas, à noite, nas palavras de Vargas, "zangado". O presidente registrou em seu diário: "Oswaldo alcunhava o Benedito de débil mental, incapaz, sem moralidade etc. Apresentou-me seu pedido de demissão, que não aceitei" (1995, v.1, p.252)<sup>316</sup>. Continuou o registro: "Por que escolhi o sr. Benedito Valadares? Porque todos tinham candidatos e queriam apenas que eu adotasse as preferências alheias. Só eu não podia ter candidato e pensei que deveria tê-lo. Escolhi esse rapaz tranquilo e modesto" (1995, v.1, p.252).<sup>317</sup>

Aranha também se demitiu. Em sua carta de demissão a Vargas, Oswaldo Aranha (1933) disse que "a solução mineira era uma pedra de toque da estabilidade revolucionária. Sem ela a Revolução volta ao passado e São Paulo retoma o país".<sup>318</sup>

Vargas (1995, v.1, p.257), em seu diário, registrou: "perco dois bons colaboradores e dois amigos. Sinto principalmente o afastamento de Oswaldo, cujas qualidades excepcionais dificilmente podem ser supridas. Será definitivo esse afastamento, quais as suas consequências?"<sup>319</sup>

---

<sup>314</sup>VARGAS, Getúlio. Diário (1930-1942). São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1, p.249.

<sup>315</sup>Idem, p.250.

<sup>316</sup>Idem, p.252.

<sup>317</sup>Idem, p.252.

<sup>318</sup>DOCUMENTO. Documentos sobre pedido de demissão de Oswaldo Aranha do cargo de Ministro da Fazenda incluindo declaração do ministro demissionário justificando sua atitude; apelo de Flores da Cunha ao espírito revolucionário de Oswaldo Aranha; e decisão deste último de continuar no cargo, apesar de se sentir incompatibilizado com o governo, após a solução dada ao caso mineiro. (GV c 1933.12.12). (Vol. XIII/65, 70, 71). FGV-CPDOC. Rio de Janeiro, Porto Alegre, 12 dez. 1933.

<sup>319</sup>VARGAS, Getúlio. Diário (1930-1942). São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1, p.257.

Por que esse complexo emaranhado de interesses é importante para minha investigação sobre a política externa de Vargas? Em primeiro lugar, porque demonstra como o Ministro Melo Franco esteve envolvido com os projetos da política interna, não apenas em seu momento de demissão, mas ao longo de sua gestão. É comum, como vimos, que se use da figura do Itamaraty e do “legado do Barão de Rio Branco”, para projetar a imagem de imparcialidade política no Itamaraty.

A investigação que contempla os entrelaces entre a política interna e externa permite novos olhares sobre esta imparcialidade, questionando-a. Como sugere Angela Alonso (2002, p.32) “a autoimagem e as explicações dadas pelos agentes devem ser o objeto, não o guia da análise”,<sup>320</sup> por isso há o imperativo de se questionar paradigmas e categorias, perguntando não a quais indivíduos se aplicava determinados conceitos, mas como esses conceitos estavam sendo utilizados politicamente por esses indivíduos. Os ministros das Relações Exteriores não são meros portadores do legado de Rio Branco, mas sim instrumentalizam esse legado para fazer política, a política externa. Tanto Vargas, quanto seu chanceler souberam fazer uso da ideia de “imparcialidade técnica” típica do cargo de Ministro das Relações Exteriores como estratégia política.

Em segundo lugar, permite que se compreenda que as escolhas de Vargas sobre a política externa estiveram equilibradas com os jogos de poder da política interna. Já demonstrei que uma das estratégias do presidente para isolar seus inimigos ou políticos poderosos eram cargos fora do país. Em 13 de janeiro de 1934, José Carlos de Macedo Soares, o importante político paulista que ajudou Vargas a estabilizar as alianças de São Paulo junto ao governo federal, foi escolhido como novo Ministro das Relações Exteriores. São Paulo ganhava importância com um cargo relevante, Soares ficava satisfeito, por ser muito afeito e experiente com assuntos internacionais e Vargas isolava mais um potencial pretendente à presidência.

Quanto a Oswaldo Aranha, sua renúncia foi sendo renegociada ao longo de 1934, quando ele ainda atuou como Ministro da Fazenda e atuou para que Vargas fosse eleito como próximo presidente. Em 1934, também foi responsável por um esquema de renegociação da dívida externa brasileira e redução do serviço da dívida, conhecido como

---

<sup>320</sup>ALONSO, Angela Maria. *Idéias em Movimento: A geração 70 na crise do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 32.

“esquema Aranha”.<sup>321</sup> Entre julho e agosto de 1934, Aranha deixou o Ministério e Vargas convenceu-o de passar a atuar no âmbito internacional.

Antes de assumir o cargo de Embaixador do Brasil nos EUA, Aranha fez breve viagem à Itália, quando tentou marcar, sem sucesso, uma audiência com o chefe de governo daquele país, Benito Mussolini. Assumindo a embaixada a 17 de setembro de 1934. Impossível não lembrar dos conselhos do paulista Valdomiro Lima a Vargas: Aranha, Melo Franco e Macedo Soares era os principais nomes de prestígio para um possível concorrente de Vargas à Presidência. Em 1934, os três estavam isolados dos jogos de poder da política interna.

Até aqui, pode-se perceber que contatos informais no âmbito internacional foram fundamentais para a condução da política externa e interna de Getúlio Vargas. Um sistema de informantes que nutriu o presidente sobre a política dos EUA, dos principais países do Prata e, em menor medida, sobre os contextos da política na Europa, contornando os limites hierárquicos dos cargos do Itamaraty.

A investigação a respeito da rede de informantes de Getúlio Vargas no processo de condução de sua política externa contribui para que se lance novos olhares sobre as relações de poder entre os chanceleres de Vargas e o presidente, bem como sobre a própria atuação destes chanceleres, no sentido de que também eles tinham seus próprios projetos políticos. Como o presidente deu continuidade a esse serviço de informações é o que se estudará a seguir.

---

<sup>321</sup>GARCIA, Eugênio Vargas. *Cronologia das relações internacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 145.

## 4 INFORMANTES E CONFLITOS NA GESTÃO DE JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES (1934-1936)

### 4.1 1934: o Governo Constitucional e os informantes do presidente

1934 iniciou-se com o processo de reconstitucionalização do Brasil e parecia anunciar tempos de controle do Executivo com o fim do mando discricionário que Vargas detinha até então. Não obstante, democracia e tranquilidade não reinavam no cenário nacional ou internacional.

Como apontam Lilia Shwarcz e Heloisa Starling, “as nuvens estavam carregadas”<sup>322</sup>: ainda em 1933, o presidente alemão Hindenberg anunciara Hitler como chanceler, que vinha pondo em prática a intolerância à oposição e a criação de meios oficiais para a prática do genocídio. Ao mesmo tempo, o stalinismo soviético e o fascismo italiano reforçavam as tendências do autoritarismo.

No cenário nacional, desde 1932, a Ação Integralista Brasileira (AIB) já estava em funcionamento, recebendo apoio jurídico e financeiro da embaixada da Itália, arrebanhando seguidores para produzir “a ideologia fascista em moldura de brasilidade”<sup>323</sup>. Entre 1934 e 35, a Internacional Comunista transferiu seu escritório sul-americano de Buenos Aires para o Rio de Janeiro, colocando em ação o plano de acender um foco insurrecional do comunismo na região, partindo do Brasil.<sup>324</sup>

Nesse contexto, como Getúlio Vargas se relacionou com seus informantes? Pode-se aventar que, durante o período constitucional, ele possa ter enfrentado maior dificuldade para gestar sua rede de informantes ou agir paralelamente aos meios protocolares da burocracia de Estado. O que se poderá acompanhar, neste capítulo, contudo, será justamente o contrário. Explorarei o quanto os informantes do presidente foram essenciais para sua política externa durante a gestão de Macedo Soares.

Em janeiro de 1934, Vargas registrou, em seu diário, que reuniu todo o seu ministério para discutir sobre a propaganda do Brasil no exterior. O plano era o de iniciar uma nova investida internacional para a divulgação da cultura e dos produtos do Brasil.<sup>325</sup> Além

---

<sup>322</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia: com novo pós-escrito*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015, p.367.

<sup>323</sup> Idem, p.368.

<sup>324</sup> Idem, p.371.

<sup>325</sup> VARGAS, Getúlio. *Diário (1930-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1, p. 263.

disso, estabeleceu um programa de renegociações da dívida externa e passou a buscar possibilidades de expansão do comércio internacional. Concomitantemente, executou uma pesquisa pessoal sobre a situação da política internacional. Um dos principais agentes dessa investida foi o secretário da presidência Luís Fernandes Vergara.

Naquele mesmo mês, Luís Vergara enviou a Vargas um estudo sobre a situação do café brasileiro no comércio internacional, concluindo que se o Brasil continuasse priorizando os EUA como destino do produto perderia mercados rapidamente. Demonstrou que havia provas de que os EUA estavam revendendo mais caro o café brasileiro na Europa.<sup>326</sup> A análise também indicou que era urgente que o Brasil aumentasse seu número de parceiros comerciais. O documento marca o início das análises do secretário ao presidente sobre a situação internacional. Nele, vê-se que Vargas incumbia seu secretário pessoal de estudar esta situação.<sup>327</sup>

Dias após Vergara enviar essas análises, Vargas decidiu enviá-lo a uma missão na Europa. Seu intuito seria investigar a atuação de diplomatas e embaixadores, fazendo um relatório de todos que ele julgasse que deveriam mudar de posição ou aperfeiçoar seu trabalho. Em setembro, Vergara enviou relatórios como resultado dessa missão.<sup>328</sup> O secretário escreveu:

Ao lado das dadas impressões sobre a situação política e econômica internacional da Europa, encontrará outras sobre as nossas missões diplomáticas e os nossos consulados. Estas, embora de diversa origem, tendem a dar uma ideia mais ou menos precisa relativamente à conduta e ao trabalho da nossa representação no exterior (VERGARA, 1934, p.1)<sup>329</sup>

---

<sup>326</sup> VERGARA, Luís Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 1934. Nota analisando a situação do café brasileiro no mercado internacional. (LV c 1934.00.00). FGV-CPDOC.

<sup>327</sup> Idem, p. 2.

<sup>328</sup> VERGARA, Luís Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, set. 1934. Relatório contendo impressões colhidas durante sua estadia na Europa, sobre a situação política e econômica deste continente e oferecendo sugestões para melhor utilização das missões diplomáticas e consulados como instrumento de propaganda do Brasil. Inclui ainda sugestões para definição de critérios relativos a ajuda de custos aos representantes no exterior. (LV c 1934.09/12.00). FGV-CPDOC.

<sup>329</sup> VERGARA, Luís Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, set. 1934. Relatório contendo impressões colhidas durante sua estadia na Europa, sobre a situação política e econômica deste continente e oferecendo sugestões para melhor utilização das missões diplomáticas e consulados como instrumento de propaganda do Brasil. Inclui ainda sugestões para definição de critérios relativos a ajuda de custos aos representantes no exterior. (LV c 1934.09/12.00). FGV-CPDOC. p. 1.

Vergara (1934, p.1) ainda salientou que estava enviando as suas próprias sugestões “quanto ao modo de usar o nosso aparelhamento consular como instrumento de propaganda no estrangeiro”.<sup>330</sup> Os documentos impressionam pelo nível de detalhes. O secretário inspecionou a atividade dos principais diplomatas e cônsules do Brasil na Europa quanto à atuação profissional, mas, também, quanto à situação de suas vidas pessoais. Investigou a situação política de vários países da Europa e fez um relato minucioso do contexto geral. Concluiu: “Quem entra em contato com a Europa sente logo a trepidação que agita todas as suas camadas sociais e compreende, porque ali se fala de guerra como coisa certa (...). É que a Europa já enveredou pelo caminho decisivo da preparação bélica” (VERGARA, 1934, p.1).<sup>331</sup>

Sobre a Alemanha, narrou: "É um vasto campo de mobilização, faz trabalhar, diz-se, dia e noite os seus arsenais, ostensivos e disfarçados, os seus laboratórios, aperfeiçoam a ciência de matar com a descoberta de novos gases venenosos, para serem despejados, do alto, sobre os inimigos" (VERGARA, 1934, p.2).<sup>332</sup> Já sobre a Itália, disse: "militariza toda a sua população, dos 6 aos 55 anos" e conclui: "tudo isso se faz com um objetivo só: a guerra que ninguém quer - é curioso!" (VERGARA, 1934, p.2).<sup>333</sup> Narrou que o clima na França e na Inglaterra era de grande incerteza quanto à política interna. Havia forças que dividiam profundamente ambos os países quanto à indiferença, o apoio ou a luta contra as tendências belicistas.

Narrou a Vargas que o que havia de mais inovador na Europa era a máquina estatal italiana, segundo ele, mais organizada que a de Hitler. Para Vergara, Vargas deveria se atentar à máquina de propaganda fascista, devido ao seu poder. Disse: "a novidade é o Estado corporativo, totalitário, que chega às últimas consequências, absorvendo tudo, desde a educação das crianças à direção dos bancos"(VERGARA, 1934, p.4).<sup>334</sup> Sugeriu que eram tempos de se debruçar sobre a Europa, pois lá todas as formas de governo estavam em crise, das democracias às ditaduras, e apenas as formas de governo que buscavam a inovação sobreviveriam.<sup>335</sup>

Sobre o cenário econômico, apresentou estatísticas completas e tabelas sobre o comércio e o número de desempregados na Europa. Concluiu que se iniciava, após a crise

---

<sup>330</sup> Idem, p. 1.

<sup>331</sup> Idem.

<sup>332</sup> Idem, p.2.

<sup>333</sup> Idem, p.2

<sup>334</sup> Idem, p.4.

<sup>335</sup> Idem, p. 3.



de 1929, o que chamou de “tempos da autarquia”, ou seja, os estados se fechariam para o comércio internacional, e apenas aqueles que possuíam colônias se dariam muito bem, por isso, qualquer oportunidade de se aumentar o número de parceiros comerciais do Brasil deveria ser abraçada naquele exato momento. A riqueza de detalhes dos relatórios merece análise mais detida de futuras pesquisas que busquem compreender o cenário econômico e financeiro da Europa pelos olhos de Luís Vergara.<sup>336</sup> Essas análises tão minuciosas de Vergara chamam a atenção para a curiosidade e investida secreta de Vargas no monitoramento da Europa e, inclusive, de diplomatas e cônsules brasileiros.

O secretário passou a relatar sobre seus estudos a respeito da imagem do Brasil no exterior. Disse que praticamente todos os diplomatas com quem conversou sabiam menos sobre o Brasil do que se esperava e que os noticiários e agências da Europa focavam quase toda energia na Argentina.<sup>337</sup> Criticou a postura de pouca energia do Itamaraty no esforço de propaganda sobre o país.<sup>338</sup>

Além dessa sugestão, escreveu: “temos 92 consulados. O que não poderiam fazer esses 92 consulados se cada um trabalhasse cotidiana e coordenadamente para o mesmo fim: a expansão comercial do Brasil!” (VERGARA, 1934, p.3).<sup>339</sup> Vergara sugeriu um órgão autônomo ou ligado ao Itamaraty, porém, diretamente ligado ao presidente da República, o que chamou de “uma espécie de Conselho do Comércio Exterior”.<sup>340</sup>

Interessante notar que, no mesmo ano das cartas de Vergara, em junho de 1934, foi fundado o Conselho Federal de Comércio Exterior, para centralizar o controle da política comercial do governo. É provável que Vargas já estivesse esquematizando a criação do órgão bem antes das sugestões de seu oficial de gabinete, mas, ainda assim, a precisão de sua sugestão quanto àquilo que de fato se tornou realidade na política externa de Vargas demonstra a importância do que informante passava ao presidente.

Para Vergara, o Itamaraty estava em uma situação de “verdadeira maçonaria”,<sup>341</sup> tinha seus próprios segredos e estava fora do controle do Executivo, pois, durante a gestão

---

<sup>336</sup> Idem, p. 5.

<sup>337</sup> Idem, p. 3.

<sup>338</sup> Idem, p.3

<sup>339</sup> Idem, p. 3.

<sup>340</sup> VERGARA, Luís Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, set. 1934. Relatório contendo impressões colhidas durante sua estadia na Europa, sobre a situação política e econômica deste continente e oferecendo sugestões para melhor utilização das missões diplomáticas e consulados como instrumento de propaganda do Brasil. Inclui ainda sugestões para definição de critérios relativos a ajuda de custos aos representantes no exterior. (LV c 1934.09/12.00). FGV-CPDOC, p.7.

<sup>341</sup> Idem, p. 2.

de Melo Franco, havia pouquíssimos representantes no exterior que realmente fossem, em suas palavras “governistas”.<sup>342</sup> Concluiu que a reforma de Franco, no órgão, mais afastou o controle do presidente sobre o cenário dos representantes no exterior que facilitou, dando mais autonomia política aos diplomatas.<sup>343</sup>

Em extensa lista, descreveu caso a caso sobre a atuação de diplomatas. Narrou alguns escândalos em que as agências do Brasil acabaram se envolvendo. Sobre como conseguiu essas informações disse:

as referências sobre a conduta de muitos de nossos representantes tem caráter confidencial. Nesse terreno, tudo que se consegue é como tirado a saca-rolhas da boca dos informantes, que ora desabafam por despeito a colegas mais felizes, ora se deixam surpreender nos momentos de crítica entre bastidores (VERGARA, 1934, p.1).<sup>344</sup>

Vergara foi capaz de adquirir essa vasta quantidade de informações, por meio, como ele mesmo disse a Vargas, de informantes confidenciais, demonstrando a alta capilaridade que o oficial de gabinete conseguiu atingir ou, ao menos demonstrou atingir, nos mais diversos meios diplomáticos.<sup>345</sup>

O esforço foi idealizado e encomendado pelo próprio presidente, e ele inspecionou cuidadosamente as informações dispostas. Sobre os relatos sobre o diplomata Mário de Pimentel Brandão, por exemplo, Vargas grifou de azul e escreveu sobre as acusações que Vergara fez: “não é verdade”. Na frente de outros nomes, escreveu um ponto de interrogação, sinalizando não saber se o que estava escrito era verdade e, na frente de outros mais, como o de José Maria de Campos Paradeira, Vargas escreveu: “verdade”.<sup>346</sup> As marcas demonstram o interesse e dedicação do presidente em conhecer o trabalho de representação do Brasil no exterior, bem como sobre a maneira pela qual ele preferia conduzir estas investigações, ou seja, sempre cruzando dados, não confiando em seus informantes.

---

<sup>342</sup> Idem, p. 1.

<sup>343</sup> Idem, p.2

<sup>344</sup> Idem, p. 1.

<sup>345</sup> Idem, p 5.

<sup>346</sup> Idem, p. 5

Ainda no ano de 1934, pelo arquivo de Vergara, é possível identificar que Vargas recebia e enviava informações junto ao adido comercial<sup>347</sup> João Pinto da Silva<sup>348</sup>, que citei no capítulo anterior. Nascido em 1889, ele foi secretário da presidência do governo do Rio Grande do Sul entre 1928 e 1930. Durante a Revolução de 1930, Vargas o nomeou como adido comercial em Paris. A partir de então, até 1935, ele enviou relatórios diretamente ao presidente. Ele informava sobre as condições do comércio entre Brasil e França e combinou, junto a Vergara, que escreveria uma biografia do presidente, com a intenção de divulgá-la em países europeus.<sup>349</sup>

Silva enviava relatórios confidenciais sobre a situação política europeia ao presidente sempre por meio do secretário Vergara, em cartas escritas em tom informal, demonstrando que tinha amizade com Vergara e que fora mandado à Europa por Vargas com o propósito de informá-lo sobre o contexto europeu.<sup>350</sup>

Havia também uma importante fonte de informação, dentro Brasil, que relatava a Vargas sobre o cenário internacional. Refiro-me a Pedro Aurélio de Góes Monteiro. Segundo Marcos Luiz Bretas,<sup>351</sup> Góes participou da Revolução de 1930 enquanto oficial do Exército, foi líder do Clube 3 de Outubro<sup>352</sup> até março de 1931 e, em janeiro de 1934, tornou-se ministro da Guerra. Quase tornou-se candidato a presidente para as eleições deste ano e contava com alta popularidade entre no Exército.<sup>353</sup> Mesmo após pedir demissão, continuou sendo consultado por Vargas sobre a política interna e externa.<sup>354</sup> Isso demonstra que mesmo fora das atribuições do cargo, Monteiro era fonte valiosa de informações para o presidente.

---

<sup>347</sup> Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p. 182. Disponível em [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1935A.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1935A.pdf)  
Acessado em 16/11/2022 às 12:37

<sup>348</sup> SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Paris, 29, dez. 1934. Cartas contendo comentários acerca da propaganda do café na Europa, pedindo que seja sugerido ao Departamento Nacional do Café um fiscal para controle de contratos de propaganda e lembrando seu nome para o referido cargo. (LV c 1934.12.29).

<sup>349</sup> Idem, p. 1.

<sup>350</sup> SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Paris, 29, dez. 1934. Cartas contendo comentários acerca da propaganda do café na Europa, pedindo que seja sugerido ao Departamento Nacional do Café um fiscal para controle de contratos de propaganda e lembrando seu nome para o referido cargo. (LV c 1934.12.29).

<sup>351</sup> BRETAS, Marcos Luiz. *O General Góes Monteiro: a formulação de um projeto para o Exército*. Revista Militares e Política, nº2 (jan-jun, 2008) pp.31-66, Rio de Janeiro.

<sup>352</sup> Seletos grupo de atores envolvidos com o movimento tenentista que apoiaram o Governo Provisório de Vargas.

<sup>353</sup> Idem, p.34.

<sup>354</sup> Idem, p.60.

Em 1934, em resposta a um pedido de Vargas,<sup>355</sup> Monteiro enviou relatório,<sup>356</sup> no qual apontou que era hora de o Brasil iniciar um programa urgente de rearmamento do país, pois era iminente um ataque da União Soviética ao Japão. Afirmou: "os preparativos para uma conflagração internacional prosseguem febrilmente" (MONTEIRO, 1934, p.16).<sup>357</sup> Logo mais, a Secretaria Geral de Segurança Nacional enviou um plano completo a Vargas, em acordo com as ideias de Monteiro: o plano previa que devido às pressões dos países vizinhos, sobretudo a Argentina, a "doutrina de guerra"<sup>358</sup> do Brasil deveria passar pelo aparelhamento militar silencioso do Brasil e a solução seria, por meio de investimentos pesados na indústria. Monteiro e os militares que assinaram o plano secreto concluíram: o plano ideal era mobilizar a indústria brasileira em tempos de paz como única e melhor saída para os tempos de guerra.<sup>359</sup>

Monteiro se concretizou como importante peça de pressão junto a Vargas quanto às necessidades de armar-se o Brasil. Se por um lado não se pode afirmar que, com certeza, Vargas, a partir de 1934, passou a vincular a industrialização do Brasil ao plano de preparar o país para uma muito provável guerra, é possível concluir que para boa parte dos militares de alta patente, a industrialização do Brasil, como estratégia de vinculação desse movimento ao preparo militar do país, era um movimento claro.<sup>360</sup>

Monteiro também auxiliou Vargas a articular suas investigações sobre as atividades comunistas sobretudo na América do Sul. É possível encontrar relatórios, inclusive em parceria com a atuação do político gaúcho Flores da Cunha, na perseguição e controle de

---

<sup>355</sup> MONTEIRO, Goés. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 4 jan. 1934. Carta criticando a formação liberal da Assembleia Constituinte, o caráter regionalista da política brasileira e a necessidade de um partido centralizador. Trata da proximidade de um novo confronto mundial e envia em anexo sugestões de uma política de guerra. (GV c 1934.01.04). (Vol. XIV, /16).

<sup>356</sup> MONTEIRO, Goés. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 4 jan. 1934. Carta criticando a formação liberal da Assembleia Constituinte, o caráter regionalista da política brasileira e a necessidade de um partido centralizador. Trata da proximidade de um novo confronto mundial e envia em anexo sugestões de uma política de guerra. (GV c 1934.01.04). (Vol. XIV, /16).

<sup>357</sup> Idem, p. 16.

<sup>358</sup> ESTUDO PREPARATÓRIO. Estudo preparatório da Secretaria Geral de Segurança Nacional, para as "Instruções sobre a Mobilização Industrial", em caso de guerra (Extraído de um trabalho da Missão Militar Francesa, por um oficial do E.M.E.). (GV c 1934.00.00/1). 1934.

<sup>359</sup> Idem, p. 2.

<sup>360</sup> O relatório construiu tabelas de todas as necessárias compras internacionais, para viabilizar a preparação do Brasil para uma guerra, explicitando o objetivo de usar os tempos de paz para a execução desta "estratégia silenciosa", ESTUDO PREPARATÓRIO. Estudo preparatório da Secretaria Geral de Segurança Nacional, para as "Instruções sobre a Mobilização Industrial", em caso de guerra (Extraído de um trabalho da Missão Militar Francesa, por um oficial do E.M.E.). (GV c 1934.00.00/1). 1934. p. 15.

líderes comunistas e exilados políticos no Paraguai, Uruguai e Argentina.<sup>361</sup> O ano de 1934 era crucial para a garantia de Vargas no poder, pois a posse do presidente estava marcada para julho. Partindo das cartas que Monteiro trocou junto a informantes e a Vargas desde o início desse ano,<sup>362</sup> compreendo que as articulações entre esse militar e os informantes internacionais do presidente foi de significativa importância para o reconhecimento e manutenção do controle da situação política.

Outra pessoa que merece destaque para o ano de 1934 é Rosalina Lisboa, que se demonstrou relevante para o presidente desde o início de seu governo. A partir de 1934, ela passou a monitorar a atuação de diplomatas no exterior e a reportar diretamente ao presidente, bem como a acompanhar opositores políticos do governo. Apenas em 1934, ela passou pela Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile, e, sobretudo, nos EUA colhendo informações.<sup>363</sup>

Em janeiro de 1934, Vargas (1995, v.1, p.263) registrou em seu diário: "D. Rosalina previne-me contra os planos de João Alberto para uma nova crise daqui a meses",<sup>364</sup> indicando que ela atuava no monitoramento de pessoas tanto quanto à política interna quanto à externa. Em março de 1934, ela enviou a Vargas uma carta combinando um encontro em Petrópolis, para que lhe repassasse todos os relatórios que gerou em suas investigações sobre a política interna dos EUA e sobre as condições da embaixada e consulado brasileiro em Washington.<sup>365</sup> Na carta, adiantou que descobriu que a Argentina estava confidencialmente negociando novos acordos comerciais junto aos EUA sobre o mate, produto que o Brasil dominava até então no mercado estadunidense. Ela estava em contato com um importante banqueiro dos EUA, chamado Alfred Dent, pessoa que ela colocaria em contato direto com Vargas, para que pudessem combater o avanço argentino

---

<sup>361</sup> Exemplo: PESSOA, Pantaleão da Silva. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 23 fev. 1934. Carta sobre a disposição de Flores da Cunha a aceitar a pasta de Ministro da Justiça, as articulações de Góes Monteiro com Flores da Cunha e Juraci Magalhães para solucionar o caso das eleições presidenciais, e preparação de uma greve geral por comunistas. (GV c 1934.02.23/2). (Vol. XIV/36).

<sup>362</sup> Idem.

<sup>363</sup> Como demonstrado em LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Mar. 1934. Carta manifestando-se contra a participação do Brasil na Feira de Chicago, comentando a desmoralização do Consulado brasileiro em Chicago, e solicitando entrevista para narrar planos da Argentina relacionados ao Brasil. Envia documento de *Irish Free State*, carta do diretor do *Chemical Bank an Trust Company*, documentos e consultas sobre a Feira de Chicago, e cópia do resultado do inquérito sobre as relações diplomáticas entre América do Norte e América do Sul. (GV c 1934.03.00). (Vol. XIV/43).

<sup>364</sup> VARGAS, Getúlio. Diário (1930-1942). São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1, p.263.

<sup>365</sup> Idem.

no mercado de mate nos EUA.<sup>366</sup> Justificou a necessidade do encontro pessoal por ter “informações confidenciais demais para se escrever”.<sup>367</sup>

Até o fim de 1934, Rosalina desempenhou uma missão especial junto ao diretor do jornal *New York Times*. Disse que, como combinado, ela estava atuando para que o jornal publicasse notícias favoráveis ao Brasil nos EUA, concluindo que estava obtendo sucesso nessa investida.<sup>368</sup> Ela também atuou na campanha do mate brasileiro nos EUA.

Nesse momento, as preocupações sobre conspirações para um golpe que evitasse a posse de Vargas passaram dos comunistas abrigados em outros países, para dentro do próprio Brasil. Em abril de 1934, o interventor da Bahia, Juracy Magalhães, passou a informar Vargas e Góes Monteiro sobre militares dentro e fora do Brasil que estavam se organizando para impedir a posse de Getúlio.<sup>369</sup> Mais uma vez, a troca de cartas entre Monteiro, Magalhães e Flores da Cunha sinaliza que a articulação de informantes do presidente no seio dos militares golpistas foi essencial para que se evitasse a organização da conspiração.<sup>370</sup> Monteiro, em maio, informou o presidente de que as conspirações internas e externas se encontravam frustradas.

Enquanto Benedito Valadares, interventor de Minas, e Juracy Magalhães cuidavam do monitoramento interno, Flores da Cunha<sup>371</sup> cuidava do externo: agiu junto a Vargas para monitorar opositores no exterior. Cunha acompanhou o movimento de Raul Pilla,

---

<sup>366</sup> LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Mar. 1934. Carta manifestando-se contra a participação do Brasil na Feira de Chicago, comentando a desmoralização do Consulado brasileiro em Chicago, e solicitando entrevista para narrar planos da Argentina relacionados ao Brasil. Envia documento de *Irish Free State*, carta do diretor do *Chemical Bank an Trust Company*, documentos e consultas sobre a Feira de Chicago, e cópia do resultado do inquérito sobre as relações diplomáticas entre América do Norte e América do Sul. (GV c 1934.03.00). (Vol. XIV/43).

<sup>367</sup> Idem, p. 2.

<sup>368</sup> Idem, p. 3

<sup>369</sup> CORRESPONDÊNCIA. Correspondência sobre conspiração no exército, visando impedir as eleições presidenciais e a constituinte, e a favor da implantação de uma ditadura militar. Inclui notícias sobre conspiração na Bahia; pedido de armas e munições, pelo governador da Bahia, para garantir a defesa do Governo Provisório; conflito entre Góes Monteiro e Flores da Cunha; apoio das Interventorias do Paraná e Santa Catarina às forças legalistas; e convite de Flores da Cunha a Góes Monteiro para visitar o Rio Grande do Sul, a fim de desfazer intrigas. (GV c 1934.04.05). (Vol. XIV/63, 70a, 78a, 78b, 79, 80, 81a, 81b, 82, 83, 84a, 84b, 85a, 85b e Vol. XV/2, 3). Salvador, Porto Alegre, 5 abr. 1934. p. 15.

<sup>370</sup> Idem.

<sup>371</sup> CUNHA, Flores da. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Porto Alegre, 15 set. 1934. Carta sobre preparação de um movimento revolucionário no Uruguai e informando que políticos uruguaios estiveram em Porto Alegre, sondando a possibilidade de apoio brasileiro ao movimento. (GV c 1934.09.15/2). (Vol. XVI/13).

que saiu do Uruguai e voltou ao Brasil, e de Assis Brasil, que buscava, segundo o gaúcho, conseguir financiamento internacional para um movimento armado.<sup>372</sup>

O adido militar na Argentina, já citado nos capítulos anteriores, Orlando Leite Ribeiro, também auxiliou Vargas a monitorar opositores à sua posse, mas foi um pouco além. Segundo Leite, ele estava em contato com um importante membro do governo da Bolívia, Castelo Rojas, que o auxiliou a identificar aviões e armas que estavam indo para São Paulo. Leite monitorava várias questões internacionais concomitantemente.<sup>373</sup> Nessa mesma correspondência, por exemplo, enviou ao presidente, os termos de acordos comerciais entre Brasil e Argentina sobre os quais pediu a Vargas celeridade. Segundo ele, devido à demora, o acordo já estava ficando prejudicado.<sup>374</sup>

Em julho, as trocas a respeito das conspirações dentro e fora do país encerraram-se. Getúlio Vargas preparava-se para assumir como presidente constitucional em 20 de julho de 1934. De acordo com Gabriel Frias Araújo,<sup>375</sup> Vargas foi um crítico à nova constituição. Como expressou em um discurso que escreveu, mas não pronunciou, ficando arquivado, considerava que a carta fragmentava confundia os poderes da República e diluía demais o poder Executivo.<sup>376</sup> Escreveu, afirmando que a constituição de 1934 estava anulando “o código italiano de 1930”, que seria a constituição de um “Estado forte” como “única solução contra o espírito egoísta” da democracia liberal.<sup>377</sup>

Apesar disso, aceitou a constituição, em julho, e assumiu o poder. Segundo Angela de Castro Gomes, a Constituinte de 1934 foi muito mais uma condição para a contrarrevolução, que um desejo de Vargas. Escreveu a autora: “poderíamos caracterizar

---

<sup>372</sup> Idem, p.2-23.

<sup>373</sup> RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 16 jun. 1934. Carta informando que, segundo os "boatos", os exilados brasileiros aguardam apenas a adesão de Góes Monteiro para deflagar o movimento contra o Governo Provisório. (GV c 1934.06.16). (Vol. XV/40).

<sup>374</sup> Idem, p.2

<sup>375</sup> ARAÚJO, Gabriel Frias. *Da revolução à constituição: legalidade, legitimidade e os dilemas da constituinte na formação do Estado Moderno Brasileiro em Vargas (1930-1934)*. 2017. 362 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2017. p. 153.

<sup>376</sup> Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/dhbb/Getulio%20Vargas.pdf>. Acessado em 18/08/2022 às 15:30.

<sup>377</sup> MANIFESTO. Rascunho de manifesto a ser proclamado à Nação, no momento da tomada do poder por um grupo revolucionário-militar, visando dissolver a Constituinte e implantar um Governo forte. (GV c 1934.05.00/1). Mai. 1934.

a Constituinte de 1934 não como um fruto da revolução e sim como uma exigência da contrarrevolução” (GOMES, 1986, p.18).<sup>378</sup>

De acordo com Lúcia Maria Paschoal Guimarães,<sup>379</sup> para compor seu ministério no governo constitucional, Getúlio contou com dois paulistas, corroborando com a aliança que precisou fazer para se manter no poder: Vicente Rao, como Ministro da Justiça, e José Carlos de Macedo Soares, para o Ministério das Relações Exteriores, que, até então, vinha sendo gestado pelo ministro interino Félix de Barros Cavalcanti. Ainda antes de assumir o Itamaraty, o próprio José Carlos de Macedo Soares fez confissões pessoais Vargas, criticando, ele também, a constituição de 1934. As opiniões de Soares são importantes para que se compreenda melhor suas decisões à frente do Itamaraty.

Para Macedo Soares, a democracia liberal no mundo havia fracassado. O futuro era o que ele chamou de “economia dirigida” e a constituição de 1934 estava indo contra as tendências internacionais:

A ficção da eleição do Presidente da República já não basta para dar-lhe força necessária para o exercício do cargo. O desprestígio da autoridade verificada no Brasil, forçosamente, em consequência do movimento revolucionário, está agravada pela opinião corrente de grandes pensadores de que a democracia fracassou e nestes últimos tempos pelos plenos poderes conferidos a Roosevelt, ao presidente do Conselho de Ministros da Bélgica e ainda a Doumergue, na França (SOARES, 1934, p.5).<sup>380</sup>

Disse a Vargas que sondou a opinião dos militares e de forças políticas em São Paulo e todos apoiariam Getúlio Vargas em um processo que fortalecesse o Executivo. Termina dizendo que o Governo Provisório de 1930 iniciou, no Brasil, o que chamou de “economia corporativa dirigida” e que este era o futuro de toda a economia mundial. Macedo inspirava-se nos moldes do governo italiano de Mussolini, sobre o qual nutria apreço e

---

<sup>378</sup>GOMES, Ângela Maria de Castro. Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935). In: FAUSTO, Boris (Dir.). *O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)*. 3. ed. São Paulo: Difel, 1986. t.3. v.3. (História geral da civilização brasileira), p. 18.

<sup>379</sup>GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. José Carlos de Macedo Soares. In: *Embaixador Macedo Soares, um príncipe da conciliação: recordando o 1º presidente do IBGE / IBGE*, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. – Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p. 7

<sup>380</sup>DOCUMENTO. Documentos sobre a Constituinte abordando as seguintes questões: elaboração de projetos da constituição; mensagem presidencial pedindo a colaboração da Assembleia Constituinte para promulgação de leis de caráter urgentes; emenda sobre inelegibilidades; possibilidade de surgimento da candidatura de Góes Monteiro como reação do "perrepismo" à tendência democrática liberal da Assembleia; posição de Flores contra inelegibilidade do Chefe do Governo, ministros e Interventores. (GV c 1934.04.10/1). (Vol. XIV/69, 65, 71, 74a e 74b). Rio de Janeiro, 10 abr. 1934, p. 5.



respeito, como já vimos. Também Vargas se inspirava no modelo de “governo forte” da Itália, como se viu em seu rascunho de discurso.<sup>381</sup>

Conclui-se, pois, que a escolha de Soares para Ministro das Relações Exteriores não apenas atendeu aos anseios dos paulistas, mas também os de Vargas. O presidente podia contar com um ministro que corroborava com suas críticas à democracia liberal e acreditava que, uma hora ou outra, os desejos dos militares brasileiros por um “governo forte”, como explicou, deveriam ser atendidos.

O interesse de Vargas por um “Estado forte” também se manifesta em sua busca por compreender outros casos capazes de aplicar este modelo.

Logo no início do governo, o presidente deu continuidade às suas investidas na Europa. Enviou uma missão aeronáutica para treinamento e estudos em Paris<sup>382</sup> e iniciou a compra de material bélico na Itália.<sup>383</sup> Iniciou medidas confidenciais junto a determinados informantes. O militar Florêncio de Abreu lotado em Bruxelas, no Serviço de Saúde do Exército, por exemplo, relatou a situação política na Inglaterra, França e Itália e disse estar monitorando e combatendo forças, em suas palavras, “antigetulistas” na Europa.<sup>384</sup> Já o diplomata Félix de Barros Cavalcanti,<sup>385</sup> informou o presidente “como vossa excelência havia pedido”,<sup>386</sup> da cidade de Viena, a respeito do andamento do

---

<sup>381</sup> MANIFESTO. Rascunho de manifesto a ser proclamado à Nação, no momento da tomada do poder por um grupo revolucionário-militar, visando dissolver a Constituinte e implantar um Governo forte. (GV c 1934.05.00/1). Mai. 1934.

<sup>382</sup> GOMES, Eduardo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2 ago. 1934. Carta de Eduardo Gomes a Getúlio Vargas comunicando ser da máxima urgência o embarque dos oficiais aviadores escolhidos para cursarem a Escola de engenharia Aeronáutica de Paris. (GV c 1934.08.02/1). (Vol. XV/71).

<sup>383</sup> CASTRO, Leite de. [Correspondência]. Destinatário: Goés Monteiro. Bruxelas, 19 jul. 1934. Carta felicitando-o pelo seu empenho na assinatura dos contratos de compra de material bélico; informando sobre os estudos relativos ao sistema de artilharia a ser adquirido pelo Exército brasileiro; e comunicando que visitará os estabelecimentos da Indústria militar italiana. (GV c 1934.07.19/2). (Vol. XV/60a).

<sup>384</sup> ABREU, Florêncio. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Bruxelas, 4 abr. 1934. Carta comentando a situação política europeia e as deficiências do Serviço de Saúde do Exército, e solicitando, em caso de reajustamento deste serviço, a promoção do Capitão-Médico Alfredo Issler Vieira. Manifesta também o desejo de ser nomeado Diretor do referido serviço. (GV c 1934.04.07/1). (Vol. XIV/66).

<sup>385</sup> Nascido em Londres em 1880, Cavalcanti entrou para a carreira de diplomata em 1904. Em 1931, foi Secretário Geral Interino do Itamaraty. Em 1934 era Ministro de Estado das Relações Exteriores: <sup>385</sup> Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p. 125. Disponível em [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1935A.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1935A.pdf) Acessado em 16/11/2022 às 12:37.

<sup>386</sup> BRASIL. [Correspondência]. Destinatário: Félix de Barros Cavalcanti de Lacerda. Viena, 1 mai. 1934. Ofício tratando da reunião extraordinária do Parlamento Austríaco a fim de aprovar e promulgar a nova Constituição, sobre a qual expõe as principais inovações apresentadas. Viena. (GV c 1934.05.01/1).

“Estado forte” naquele país. Segundo ele, o congresso foi fechado, havia uma nova constituição regida por representações corporativas, a democracia representativa fora derrotada e o caso serviria de exemplo para o futuro do Brasil.<sup>387</sup>

Outro informante do presidente fez mais que apenas informar. Refiro-me a Herculino Cascardo. Segundo Dulce Chaves Pandolfi<sup>388</sup>, ele foi uma das lideranças fundadoras da Aliança Nacional Libertadora, responsável pelo movimento comunista de 1935. Luiz Alberto Zimbarg<sup>389</sup> explica que Herculino Cascardo era militar da Marinha e dela foi expulso por participar da revolta tenentista de 1924. Ele retornou à Marinha, após integrar os esforços revolucionários de 1930 e, entre 1934 e 1935, estava fazendo um curso sobre submarinos e armamento naval na Inglaterra. De lá, pude identificar que ele passou a trocar cartas com Getúlio Vargas.

Interessante que, apesar de se alinhar à oposição a Vargas em 35, em 34, Cascardo executou uma missão secreta para o presidente. O conteúdo da carta surpreende por demonstrar o movimento confidencial que Vargas combinou junto a ele. Após lamentar a constituição de 34 e se dizer um fraterno “amigo revolucionário” de Vargas, escreveu:

O assunto da minha viagem à Rússia são as sondagens para o reatamento das relações. Dando execução ao que havíamos assentado nas vésperas da minha partida, entrei em entendimento com o pessoal da Embaixada Russa aqui em Londres. Mantive o caráter confidencial e inteiramente pessoal das conversações. A Embaixada não pôe restrições em encaminhar o assunto ao seu Governo e apresentar-me ao Ministério do Exterior da Rússia desde que 1) Eu possa dar garantias de que o governo Brasileiro está de fato inclinado a reatar as relações diplomáticas e comerciais. 2) Apresentar ligeiras credenciais que me acreditam nessa missão (CASCARDO, 1934).<sup>390</sup>

Então completou:

---

<sup>387</sup> Idem, p.4-5.

<sup>388</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. A Aliança Nacional Libertadora e a Revolta Comunista de 1935. In: *Getúlio Vargas e seu tempo*. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2004. p. 175-182.

<sup>389</sup> ZIMBARG, Luís Alberto. O cidadão armado comunismo e tenentismo (1927-1945). 2001. 368 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2001., p. 103.

<sup>390</sup> CASCARDO, Herculino. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Londres, 24 ago. 1934. Carta parabenizando Vargas pela eleição presidencial; lamentando que a Constituição e a volta à política dos Grandes Estados tenham encerrado o ciclo das reivindicações revolucionárias; informando sobre os contatos feitos visando o reatamento das relações diplomática e comerciais com a Rússia e solicitando sua aprovação para a continuidade desta missão. (GV c 1934.08.24). (Vol. XV/82).

Estes dois itens seriam satisfeitos mediante um telegrama a mim endereçado em que o amigo me confiasse a realização da tarefa de conversações preliminares e não oficiosas para o reatamento dessas relações. Espero notícias urgentes no sentido de continuar ou abandonar a tarefa. Manifesto meu desejo de inicialmente não entrar em entendimento direto com o Ministério do Exterior aí no Rio (CASCARDO, 1934).<sup>391</sup>

O que se acompanha é mais um episódio das iniciativas personalistas de Getúlio Vargas quanto à condução de sua política externa. A documentação demonstra não apenas que ele se servia de determinados contatos para se informar de maneira paralela ao Itamaraty, conduzir monitoramento e perseguições a opositores no exterior, mas também para cumprir ações. O pragmatismo de Vargas chama a atenção. Enquanto seu ministro Macedo Soares era convicto anticomunista, Vargas, secretamente, buscou averiguar as possibilidades de fazer voltar o comércio entre o Brasil e a União Soviética. O reatamento acabou não acontecendo, mas a sondagem do presidente para tal é relevante para que se compreenda suas perspectivas de política externa e a importância de seus informantes no processo de tomada ou não tomada de decisões.

Em paralelo a esta iniciativa, Vargas continuou recebendo relatórios do adido militar na Argentina Orlando Leite Ribeiro a respeito da Guerra do Chaco. Dessa vez, Ribeiro informou sobre a situação do Chile na Guerra do Chaco e traçou, junto a Vargas, planos para que o presidente do Brasil e da Argentina iniciassem uma conversa confidencial sobre os rumos da guerra.<sup>392</sup> Ribeiro também continuou se destacando por monitorar políticos relacionados interna. Em outubro de 1934, Orlando Leite Ribeiro, enviou uma carta de Afrânio de Melo Franco a Vargas, dando continuidade à sua investigação secreta sobre as posições políticas do ex-ministro das Relações Exteriores.<sup>393</sup>

Voltando ao cenário Europeu, outro informante entra em cena, Luís Simões Lopes. Lopes nasceu em 1903, no Rio Grande do Sul,<sup>394</sup> foi funcionário do Ministério da Agricultura em 1929, passou a atuar na Aliança Liberal, quando conheceu Vargas e atuou

---

<sup>391</sup> Idem.

<sup>392</sup> Idem

<sup>393</sup>FRANCO, Afrânio de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Orlando Leite Ribeiro. Rio de Janeiro, 22 out. 1934. Carta comentando as eleições em Minas e São Paulo, informando sobre sua candidatura à Câmara Federal e à Constituinte Mineira, e criticando a mudança do comportamento de Getúlio Vargas em relação a Antônio Carlos. (GV c 1934.10.22/3).

<sup>394</sup> CAMINHA, Daniel Ouriques. Luiz Simões Lopes entre administração e política: a trajetória de um dirigente. *Revista de Administração Pública* [online]. 2019, v. 53, n. 4 [Acessado 16 Novembro 2022], pp. 640-656. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-761220180021>>. Epub 12 Set 2019. ISSN 1982-3134. <https://doi.org/10.1590/0034-761220180021>.

na Revolução de 1930. Entre 34 e 35, participou das comissões de reforma do serviço público do presidente. Segundo Daniel Caminha,<sup>395</sup> Lopes contava com a confiança e amizade de Vargas. Ao longo de 1936 e 1937, ele presidiu o Conselho Federal do Serviço Público Civil. Com o Estado Novo, ele assumiu, em agosto de 1937, a presidência do Departamento Administrativo do Setor Público. Interessante notar que, antes dessas lideranças, Lopes atuou como informante de Vargas na Europa, experiência que julgo como essencial para a própria construção das reformas que posteriormente assumiu.

Em sua carta de 22 e setembro de 1934, Lopes informou a Vargas que estava colocando em prática o que havia combinado junto ao presidente no Brasil: “estou tomando informações sobre o sistema da propaganda, tão interessante me pareceu a sua organização que fiquei oito dias colhendo notas e principalmente da moderna legislação alemã sobre o trabalho, a propaganda”.<sup>396</sup> Completou: "Tenho comigo algumas coisas que levarei pessoalmente, completando então as impressões que se seguem".<sup>397</sup> Disse:

O que mais me impressionou de Berlim foi a propaganda metódica do governo. Não há uma só pessoa que não sinta diariamente o contato do "nazismo" ou de Hitler, seja pela fotografia, pelo rádio ou pelo cinema, pela imprensa alemã, estão sempre em contato com os uniformes dos S.A (tropas de assalto) ou S.S (tropas de proteção pessoal de Hitler). As eleições últimas demonstram que o povo foi realmente "nazificado" , mas calcula-se que ainda tenha 12 ou 13 milhões de cidadãos simpáticos ao comunismo, que os alemães consideram obra exclusiva dos judeus (Marx, Trotsky, Stálin, etc são judeus) em premeditada destruição geral de tudo para que eles, judeus, se apossam, de fato, do mundo (LOPES, 1934, p.2).<sup>398</sup>

Narrou a Vargas que a propaganda nazista tinha como núcleo principal a vinculação entre o capitalismo, o liberalismo e o judaísmo. Essa seria a estratégia do governo: convencer de que os males do capitalismo estavam associados ao judaísmo. Segundo ele, a Alemanha estava gastando muito dinheiro para fazer propaganda dessa perspectiva em outros países: “só na Inglaterra a propaganda já gastou mais de 10 milhões

---

<sup>395</sup> Idem.

<sup>396</sup> LOPES, Simões. [Correspondência]. Destinatário; Getúlio Vargas. Londres, 22 set. 1934. Carta sobre sua visita à Berlim, elogiando a organização do Governo nacional-socialista, particularmente o Ministério da Propaganda e sugerindo a criação de um órgão semelhante no Brasil. Comenta também que o cônsul Silvio Romero, não assumiu o posto de Conselheiro Comercial em Varsóvia e que se encontra em Berlim, onde goza de péssima reputação. (GV c 1934.09.22). (Vol. XVI/20).

<sup>397</sup> Idem.

<sup>398</sup> Idem, p2.

de libras” (LOPES, 1934, p.3).<sup>399</sup> Os estudos de Lopes o convenceram a sugerir a Vargas que algo semelhante fosse feito no Brasil:

A organização do Ministério da Propaganda fascina tanto que eu me permito sugerir a criação de uma miniatura dele no Brasil. Evidentemente, não temos recursos para manter um órgão igual ao alemão, não temos necessidade de muitos dos seus serviços e nem a nossa organização política e administrativa a comportaria, mas podemos adaptar a organização alemã dotando o país de um instrumento de progresso moral e material formidável. A Alemanha, além das outras todas, leva a vantagem de ter um governo praticamente ditatorial, com jurisdição sobre todas as circunstâncias do país, que joga com quantias necessárias, verbas secretas, livre admissão e demissão de funcionários etc.". Mas, com todos os tropeços que se nos deparam, devemos ensaiar a adoção dos métodos modernos de administração de órgãos de ação pronta e eficaz experimentados em outros países (LOPES, 1934, p.4).<sup>400</sup>

E completou:

A nossa máquina administrativa é tão antiquada e pouco flexível que o Conselho Federal de Comércio Exterior utilíssima criação do Governo Provisório foi considerado revolucionário dentro da organização burocrática, pois não se admitia que o Presidente da República tratasse diretamente com funcionários, sem a interferência dos ministros. O Ministério da Propaganda é uma espécie de Superministério, que superintende todos os outros (...) o Ministro Goebles é uma grande figura de homem dinâmico e, talvez, o cérebro do nacional-socialismo, criador, interpretador e realizador do sistema. O ministro da Propaganda dirige desde a estrutura física da juventude alemã, no interior até a defesa, no exterior, contra notícias tendenciosas, etc (LOPES, 1934, p.5).<sup>401</sup>

Para Lopes, uma das principais contribuições econômicas do nazismo foi a “destituição da nobreza” e de seus privilégios, pois “hoje os filhos dos nobres vão para os campos de ‘trabalho voluntário’ junto aos filhos dos operários. Moram na mesma barraca e juntos trabalham com pá e enxada. As atenções do governo estão voltadas para os humildes”, a ideia do informante era a de que o Brasil de Vargas pudesse fazer algo semelhante, pois, afirmara, essa transformação econômica era a “verdadeira democratização”. Afirmou:

A democratização é um fato. Os "dacinings" e cinema que antes eram frequentados pela elite estão hoje repletos de povo, que vive satisfeito e distraído, esquecido da política, mal se recordam da matança do

---

<sup>399</sup> Idem, p.3.

<sup>400</sup> Idem, p.4

<sup>401</sup> Idem, p.5.

último movimento que abalou profundamente a Alemanha. O partido dono de todo o dinheiro que não está nas mãos dos israelitas, a ele pertencem além dos hitleristas convictos, aqueles que querem viver em paz, alugar as melhores casa de Berlim. Em todas as posses de Berlim há sedes do partido (LOPES, 1934, p.6).<sup>402</sup>

Narrou mais sobre os aspectos econômicos, maravilhado com o que afirmou ser uma economia de franco combate ao desemprego, por meio da distribuição de renda aos mais pobres. Além disso, afirmou a Vargas que investigou as representações diplomáticas e consulares do Brasil em Berlim:

Em Berlim, eu estava constantemente com o nosso ministro, de quem guardo uma impressão excelente. Homem muito inteligente, apaixonado pela música, tipo de diplomata de gabinete, talvez um pouco alienado das realidades da vida. A parte social da representação do Brasil pareceu-me desempenhada mais pela senhora Araújo Jorge, moça simpática (LOPES, 1934, p.7).<sup>403</sup>

Por fim, Lopes descreveu a Vargas uma série de intrigas entre diplomatas e cônsules nas representações brasileira, sugerindo maneiras de solucioná-las.<sup>404</sup> Não entro em minúcias a respeito dessa narrativa, para não estender muito, mas registro a importância que esse informante tinha. Sua viagem foi panejada pelo presidente e demonstra as estratégias de Vargas não apenas para conhecer mais sobre o nazismo, bem como para administrar a representação brasileira no exterior por fora dos próprios meios da burocracia oficial do governo.

Já em 27 de setembro de 1934, Lopes foi a Londres, onde também investigou o estado geral das representações brasileiras. Estava lá para, confidencialmente, buscar expandir o comércio brasileiro com os britânicos.<sup>405</sup> Combinou acordos secretos que, posteriormente, seriam encaminhados para formalização ao Itamaraty.<sup>406</sup>

Terminando esse tema, narrou que conversou, secretamente, com o adido comercial da embaixada brasileira na Inglaterra, chamado Barbosa Carneiro, sobre os planos confidenciais do presidente para reatar as relações comerciais entre Brasil e União

---

<sup>402</sup> Idem, p. 6.

<sup>403</sup> Idem, p.7

<sup>404</sup> Idem, p. 7-8.

<sup>405</sup> Idem, p. 5-7.

<sup>406</sup> LOPES, Simões. [Correspondência]. Destinatário; Getúlio Vargas. Paris, 9 out. 1934. Carta informando que foi procurado, em Paris, pelo representante da Cia. Weddel, para tratar das dificuldades surgidas no comércio de carnes brasileiras com a França e a Itália. (GV c 1934.10.09/3 ). (Vol. XVI/30), p. 5-8.

Soviética. O adido foi muito receptivo e forneceu dados sobre como a expansão comercial de mate brasileiro seria muito bem recebida pelos soviéticos.<sup>407</sup>

Em 09 de outubro de 1934, Lopes<sup>408</sup> voltou a dizer a Vargas que estava sendo confundido como representante oficial do Brasil na França e na Itália. Havia uma grande empresa de frigoríficos chamada “Weddel” que o procurava para negociar carnes brasileiras.<sup>409</sup> Perguntou a Vargas se deveria prosseguir em suas investigações confidenciais, pois não queria “causar ciúmes nos nossos diplomatas”, nem ultrapassar os limites das suas funções, mas que continuaria pesquisando e defendendo novas possibilidades para o comércio brasileiro.<sup>410</sup>

Simões Lopes também conduziu investigações sobre a vida diplomática e consular nas representações do Brasil na Itália e enviou detalhes sobre o comércio entre ambos os países.<sup>411</sup>

Destarte, vemos que Vargas conduziu pesquisas e até criava o esboço de acordos comerciais junto a Lopes. Além disso, deu continuidade às sondagens sobre o possível reatamento das relações comerciais com os soviéticos.<sup>412</sup> As impressões de Lopes marcaram o presidente, pois, como apresentarei à frente, ele voltou à Europa para colher ainda mais dados sobre o funcionalismo público e a máquina de propaganda na Itália. Ele serve como um bom exemplo para que se exponha o quanto o presidente preferia lançar mão de informantes para seus processos de tomada de decisão quanto à sua política externa.

---

<sup>407</sup> Idem, p.6-7.

<sup>408</sup> Uma observação interessante é a de que Lopes se referia a Vargas como o “verdadeiro Duce” brasileiro, condutor eterno da “Revolução”, referindo-se a 1930. Inspirava-se, pois, no regime político italiano como o modelo ideal. Isso pode ser visto em: LOPES, Simões. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 22 dez. 1936. Carta agradecendo e recusando sua nomeação para membro do Conselho F.S.P. civil e manifestando seu desejo de ser aproveitado no Crédito Rural. (GV c 1936.12.22/2).

<sup>409</sup> LOPES, Simões. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Paris, 9 out. 1934. Carta informando que foi procurado, em Paris, pelo representante da Cia. Weddel, para tratar das dificuldades surgidas no comércio de carnes brasileiras com a França e a Itália. (GV c 1934.10.09/3). (Vol. XVI/30), p. 3.

<sup>410</sup> Idem, p.3-5.

<sup>411</sup> LOPES, Simões. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 22 out. 1934. Carta sobre a questão do comércio de carnes com a Itália e informando sobre a inauguração da Assembleia do Instituto Internacional de Agricultura. (GV c 1934.10.22/1). (Vol. XVI/39), p.2.

<sup>412</sup> Carta de Simões Lopes a Getúlio Vargas enviando suas impressões sobre Londres e comentando as possibilidades de expansão comercial do Brasil na Europa. Londres, p.3-4.

Da Itália, Vargas manteve contato direto com outro informante, o diplomata Paulo Mathias de Assis Silveira,<sup>413</sup> que descreveu o cenário europeu ao presidente ao longo do ano. Silveira era bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, como a maior parte dos diplomatas da época. Iniciou sua carreira como assessor da delegação brasileira na Liga das Nações. Nos tempos de Vargas, servia como cônsul de primeira classe na Itália.

Silveira demonstrou relação próxima a Vargas e à política interna, agradecendo sua nomeação para a Europa, dizendo que iria reportar tudo a Vargas, como combinado, e elogiando o ato do presidente de enviar Oswaldo Aranha para embaixador dos EUA. Segundo ele, o ato resolvia os problemas de Aranha quanto à política interna e enfraquecia os Melo Franco.<sup>414</sup> Silveira trocou longas cartas com Vargas nas quais elogiava a figura de Mussolini e enviava estudos sobre a política fascista.<sup>415</sup> Para ele, o mundo caminhava para uma inevitável onda de “governos fortes” e Vargas precisa fazer voltar a “ditadura do governo provisório”.<sup>416</sup> Também enviou relatórios sobre os usos do rádio e da imagem que Mussolini fazia, aconselhando Vargas a fazer o mesmo.<sup>417</sup>

Nesse ponto, esta investigação passa a explorar a atuação de Oswaldo Aranha como um dos informantes do presidente e como seus serviços auxiliaram Getúlio a driblar a autoridade de Macedo Soares.

#### 4.2 O protagonismo de Oswaldo Aranha e seus embates com Macedo Soares

De acordo com Lindercy Francisco Tomé de Souza<sup>418</sup>, Oswaldo Aranha foi responsável pela reorganização do sistema de propaganda sobre o Brasil nos EUA com o propósito de torná-la uma “arma de negócio” para fazer frente, principalmente, aos planos comerciais e geopolíticos da Argentina. A iniciativa foi secretamente combinada entre Vargas e Aranha e, depois, instituída e ampliada como função do Itamaraty, por meio da

---

<sup>413</sup> Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p. 191. Disponível em [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1935A.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1935A.pdf) Acessado em 16/11/2022 às 15:37

<sup>414</sup> SILVEIRA, Paulo Mathias. [correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Florença, 10 de jun. 1934. Carta tecendo considerações sobre o fascismo, a personalidade de Mussolini e a situação política na Europa. (GV c 1934.10.07). p.5-9.

<sup>415</sup> Idem, p. 3.

<sup>416</sup> Idem, p.7.

<sup>417</sup> Idem p.11.

<sup>418</sup> LINS, Lindercy Francisco Tomé de Souza. *To sell a product or to sell an ideia: A propaganda oficial do Brasil nos Estados Unidos da América (1930-1945)*. 317f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.



cooperação intelectual<sup>419</sup> quando Aranha assumiu a frente do ministério das relações exteriores. São vários os estudos que demonstram o protagonismo de Aranha<sup>420</sup> na diplomacia seja como embaixador, seja como chanceler. O que demonstrarei é que esse protagonismo foi fundamental para as relações de poder entre ele, Vargas e Macedo Soares, contudo, nunca esteve fora dos controles do presidente.

A partir desse momento, passarei a me dedicar sobre esse tema, lembrando que o enfoque da investigação não é toda a política externa gestada por Aranha enquanto embaixador nos EUA, mas sim seu papel como informante direto do presidente, bem como essa condição serviu a Vargas para a administração de sua política interna e externa.

Aranha deixou a pasta do Ministério da Fazenda, oficialmente, em 24 de julho de 1934. O que se verifica, porém, é que ele já estava estudando as condições do comércio internacional, em especial as relações entre Brasil e EUA, e enviando seus estudos a Vargas em maio daquele ano.<sup>421</sup>

Antes de assumir seu cargo nos EUA, ele fez uma viagem à Itália, para investigar as condições comerciais entre os dois países. Percebe-se o pronunciado interesse de Vargas para com a Itália com mais esta investida de aproximação. De lá, escreveu referindo-se ao que entendia como uma “guerra iminente” na Europa: “Precisamos iniciar uma campanha mostrando que o Brasil não é como se afirma e crê: a) um país de negros b) um país de doenças c) um país tórrido. As despesas com essa propaganda serão largamente compensadas” (ARANHA, 1934, p.4-5).<sup>422</sup> Narrou que funcionários do Itamaraty estavam despreparados e Getúlio precisava tomar as redes da propaganda e organização das representações do Brasil no exterior.<sup>423</sup>

---

<sup>419</sup> LINS, Lindercy F.T. de S. "Em papel timbrado: um país enunciado—a propaganda brasileira nos Estados Unidos (1930-1945)." *Anais do XVII Simpósio Nacional de História. Natal: ANPUH* (2013), p.12.

<sup>420</sup> Como em ALMEIDA, Paulo Roberto de. Na continuidade do Estadismo de Rio Branco. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento Diplomático Brasileiro: formuladores e agentes da política externa*. 3v. Brasília: FUNAG, 2013, BARRETO, Fernando de Melo. *Os sucessores do Barão (1912-1964)*. Relações Exteriores do Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2001 e OLIVEIRA, Jônatan Coutinho da Silva. *Oswaldo Aranha e a Política Externa Brasileira (1938-1944): o chanceler de Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

<sup>421</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, mai. 1934. Carta sobre a situação mundial do comércio, expondo sobre as dificuldades e entraves para exportação brasileira e propondo a criação de um órgão, como solução para o problema. (GV c 1934.05.00/2). (Vol. XV/47).

<sup>422</sup> Idem, p.4-5.

<sup>423</sup> Idem, p.4-5.

Oswaldo Aranha chegou em Roma, mas seu plano foi frustrado. Pediu uma audiência junto ao Duce, e disse que recebeu resposta negativa, mas depois ficou sabendo que Mussolini saiu de Roma sem ao menos saber que ele estava lá ou que havia requisitado uma audiência. Aranha então culpou a Embaixada brasileira, expressando na carta "A vergonha que é para nós essa embaixada".<sup>424</sup> Desde então, passou a criticar ostensivamente a atuação do Itamaraty. Ainda assim, procurou usar sua visita à Europa, para investigar a situação política na Europa. Em setembro de 34, escreveu:

Vou te enviar, Getúlio, as minhas impressões da Europa, através da Itália. A Europa está, meu caro, em estado potencial de guerra. "Os governos estão em um jogo insaciável de combinações secretas. Os governos estão se preparando para o choque e as indústrias bélicas em uma atividade sem precedentes (...) estão como feras arrepiadas em ofensiva". Os povos presentem o mal tempo. A tempestade desenha-se no horizonte. Não é possível prever o dia em que se vai desencadear. A Europa está sob a ação de dois extremos — a guerra que passou e a que virá. A Itália é a contraprova de que estamos na antevéspera e grandes acontecimentos. (...) A era é de grandes perturbações, não tenha dúvida. Prepara-te e ao Brasil faça enfrentar essa reviravolta universal (...) as autoridades, o armamentismo, as ditaduras conduzirão o mundo a uma grande convulsão. (ARANHA, 1934).<sup>425</sup>

Enquanto o diplomata Paulo Silveira<sup>426</sup> e Simões Lopes passavam ao presidente uma visão de que Itália e Alemanha caminhavam na estrada certa dos novos tempos, Aranha escreveu que ambas estavam em ritmo econômico insustentável,<sup>427</sup> e Vargas deveria manter o Brasil afastado daquele cenário.<sup>428</sup>

<sup>424</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 5 set. 1934. Carta comunicando que, apesar dos esforços empreendidos, não conseguiu audiência com Mussolini, e criticando a atuação do Embaixador brasileiro na Itália. A bordo do "Rex". (GV c 1934.09.05). (Vol. XVI/7), p.1.

<sup>425</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 5 set. 1934. Carta comunicando que, apesar dos esforços empreendidos, não conseguiu audiência com Mussolini, e criticando a atuação do Embaixador brasileiro na Itália. A bordo do "Rex". (GV c 1934.09.05). (Vol. XVI/7).

<sup>426</sup> Vale ressaltar algo curioso: Para Silveira, naquele contexto, apenas o fascismo seria realmente capaz de enfrentar o nazismo e, por isso, ele aconselhou Vargas a se aproximar de Mussolini. Narrou: Hitler sabe que o principal obstáculo para a realização de seu grande sonho pangermanismo é a diplomacia fascista da nova geração que se sente preparada para enfrentar com armas na mão a violência conquistadora nazista. Em: SILVEIRA, Paula Matias de Assis. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nápoles, 22 fev. 1935. lamentando a morte do seu amigo Ronald de Carvalho e elogiando sua vida e sua obra. Inclui ainda comentários sobre política expansionista de Mussolini e sobre a situação política europeia. (. LV c 1935.02.22), p. 11.

<sup>427</sup> Idem, p.5-8.

<sup>428</sup> Idem, p.5-8.

Encerrada a visita na Itália, já nos EUA, Aranha escreveu a Vargas em 25 de setembro de 1934: “Não tens ideia da organização política e moral desse país. É uma criação maravilhosa do progresso e da democracia. Isto aqui muda muito as nossas concepções” (ARANHA, 1934).<sup>429</sup> Disse que conversou com Cordell Hull<sup>430</sup> e Summer Welles,<sup>431</sup> “homem mais forte, aquele que dá as cartas”. Os planos de Aranha eram de combinar uma estratégia junto a Vargas para aproximar Brasil e EUA.<sup>432</sup>

Assim que chegou, o embaixador buscou mudar os rumos da diplomacia do Brasil nos EUA. Disse que, confidencialmente, Welles o informou que “o Brasil não vinha dando importância para a Embaixada dos EUA, por mandar homens incapazes e sem força” (ARANHA, 1934, p.5),<sup>433</sup> fez um relato crítico em relação à atuação do último embaixador do Brasil nos EUA,<sup>434</sup> pediu que Vargas destinasse atenção especial para a embaixada dos EUA, visto que “aqui não temos arquivos, nem bibliotecas, nem dossiês, a parte econômica está vazia” (ARANHA, 1934, p.6-8).<sup>435</sup>

A partir desse momento, vê-se que Aranha passou a tentar equilibrar-se entre a maior liberdade que tinha para conversar diretamente com o presidente e amigo e o respeito à autoridade do Itamaraty. Exemplo: pediu ao Ministro Macedo Soares que autorizasse a compra de um novo automóvel para a embaixada e isso foi negado. Logo, escreveu diretamente a Vargas: “é uma aquisição inadiável ou é autorizada ou a embaixada terá que andar à pé (...) remeto a ti, porque a decisão é sua. Não fosse isso, teria apelado para a generosidade do meu ministro”(ARANHA, 1934, p.3-5).<sup>436</sup> Ou seja, o próprio Vargas havia negado a compra do carro alegando que “não queria abrir precedentes”, por meio da autoridade de Macedo.

---

<sup>429</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Washington, 25 set. 1934. Carta enviando impressões sobre Washington; relatando seus contatos com autoridades americanas e o início dos trabalhos na embaixada; e informando sobre a atuação irresponsável do Embaixador que o antecedeu, em relação ao tratado comercial Brasileiro-EEUU. (GV c 1934.09.25). (Vol. XVI/23), p.1.

<sup>430</sup> Secretário de Estado entre 1933 e 1944, cargo equivalente ao Ministro das Relações Exteriores no Brasil.

<sup>431</sup> Assistente do Secretário de Estado para a diplomacia dos EUA para com a América Latina. Desde 1919, atuou como funcionário do governo especialista nos assuntos relacionados à América Latina. Ainda no governo Roosevelt, tornou vice Secretário de Estado (*Under Secretary of State*), mas continuou vinculado aos assuntos referentes à América Latina, mesmo atuando também em relação aos da Europa.

<sup>432</sup> Idem, p.1.

<sup>433</sup> Idem, p.5.

<sup>434</sup> Órgão responsável pelas relações internacionais dos Estados Unidos.

<sup>435</sup> Idem, p.6-8.

<sup>436</sup> Idem, p.3-5.

Após o apelo pessoal e direto de Aranha, porém, no fim de outubro, ele escreveu a Vargas agradecendo a concessão de verba para compra do carro.<sup>437</sup> Relato esse exemplo, pois ações que decidiram o futuro da política externa brasileira passaram a ser, algumas vezes, decididas apenas entre Vargas e Aranha, isolando Macedo Soares. Vargas e Aranha trocavam confidenciais sobre suas certezas quanto a um inevitável conflito internacional e Aranha chegou até mesmo a sugerir que o presidente tivesse um “sistema pessoal de informantes sobre o cenário internacional” sem saber que ele já o tinha.<sup>438</sup>

A partir de outubro de 34, Oswaldo Aranha e Paulo Germano Hasslocher,<sup>439</sup> que trocava informações sigilosas com Vargas desde a guerra civil 1932, como demonstrado, passaram a atuar em uma frente de pressão junto ao presidente para que os acordos comerciais em marcos compensados com a Alemanha não passassem<sup>440</sup>. Aranha escreveu, dizendo que estava impressionado com a irredutibilidade dos EUA enquanto competidores maiores da Alemanha: para eles, o comércio de compensação seria “suicídio econômico”. Os EUA não fechariam um acordo comercial com o Brasil, se Vargas fechasse um acordo com a Alemanha no formato de marcos compensados.<sup>441</sup> Que tipo de acordo era esse?

Como explica João Gabriel Fraga,<sup>442</sup> o ministro das finanças alemão, Herr Schaacht, criou um sistema de trocas, conhecido como “comércio de compensação”, através da adoção de uma moeda fictícia, o Marco compensado ou Askimarks. A moeda física não existia, mas representava um escambo: por exemplo, a Alemanha firmava um montante que venderia para o Brasil em “x” marcos compensados de seus produtos e o Brasil

---

<sup>437</sup> Idem, p.4.

<sup>438</sup> Idem, p.4-5.

<sup>439</sup>Hasslocher passava informações sigilosas sobre o comportamento profissional de diplomatas e funcionários da embaixada a Vargas. Exemplo em: HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, Rio de Janeiro, 9 out. 1934. Carta. (GV c 1934.10.09/1).

<sup>440</sup>CARTAS. Cartas sobre tratado comercial Brasil-Estados Unidos abordando as seguintes questões: dificuldades encontradas pelos representantes brasileiros para firmar o tratado, devido à divulgação de um acordo semelhante do Brasil com Alemanha; posição do Governo Americano em relação ao tratado Brasil-Alemanha; ponderações de Getúlio Vargas sobre as conveniências dos tratados com os EUA e com a Alemanha; andamento das conversações para concretização do tratado com os Estados Unidos e posição de Oswaldo Aranha face as vantagens a serem obtidas no tratado com os Estados Unidos. (GV c 1934.10.09/1). (Vol. XVI/29, 33, 43, 49, 51, 52, 83). Washington, Rio de Janeiro, 9 out. 1934.

<sup>441</sup> Idem, p.3.

<sup>442</sup> SOUZA, João Gabriel Fraga de Toledo et al. O jogo duplo espanhol: a política externa brasileira no contexto da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, 2017, p. 55.

poderia adquirir produtos da Alemanha em montante igual ou menor a “x”. Essas trocas possibilitaram espantoso crescimento do comércio alemão.<sup>443</sup> Andrea Helena Rahmeier<sup>444</sup> informa que, entre 1933 e 1937, as exportações brasileiras para a Alemanha cresceram 280% e as importações 383%. Sistema semelhante foi adotado pela Itália. Em 1936, por exemplo, o Brasil adquiriu três submarinos da Itália pelo comércio compensado.<sup>445</sup>

O que se acompanha é que Macedo Soares passou a conduzir as negociações com a Alemanha e a Itália no formato de trocas compensadas, e os EUA buscaram fazer todas as pressões possíveis para impedi-las.<sup>446</sup>

Essas negociações são importantes, pois o embaixador brasileiro em Washington ficou admirado com o fato de que os EUA souberam rapidamente sobre os termos que o Brasil estava negociando com a Alemanha. Isso despertou a desconfiança de Aranha: ele passou a acreditar que Getúlio estava negociando acordos com os EUA em paralelo aos esforços da embaixada do Brasil nos EUA. Assim, usou da proximidade que contava com o presidente, para falar em termos claros: reclamou que Vargas estava fazendo negociações paralelas às suas, por meio do Conselho de Segurança Nacional. Disse ter revelado a Vargas sentimentos íntimos e que seria grave mostrar seus telegramas “aos demais”.<sup>447</sup> Disse: “Getúlio, eles sabiam de tudo”, referindo-se aos termos secretos para um acordo comercial entre Brasil e EUA que vinha tratando exclusivamente com Vargas.<sup>448</sup> Além disso, requisitou que o presidente não fizesse acertos com o Hugh

---

<sup>443</sup> Seitenfus informa que o Brasil importou mais da Alemanha que dos EUA entre os anos de 1936 e 1938 em SEITENFUS, Ricardo Antonio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985, p. 84.

<sup>444</sup> RAHMEIER, Andrea Helena Petry. *Relações diplomáticas e militares entre a Alemanha e o Brasil: da proximidade ao rompimento (1937-1942)*. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p. 73.

<sup>445</sup> ALVES, Vágner Camilo. Ilusão desfeita: a "aliança especial" Brasil-Estados Unidos e o poder naval brasileiro durante e após a Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 48, p. 151-177, 2005, p. 8.

<sup>446</sup> CARTAS. Cartas sobre tratado comercial Brasil-Estados Unidos abordando as seguintes questões: dificuldades encontradas pelos representantes brasileiros para firmar o tratado, devido à divulgação de um acordo semelhante do Brasil com Alemanha; posição do Governo Americano em relação ao tratado Brasil-Alemanha; ponderações de Getúlio Vargas sobre as conveniências dos tratados com os EUA e com a Alemanha; andamento das conversações para concretização do tratado com os Estados Unidos e posição de Oswaldo Aranha face as vantagens a serem obtidas no tratado com os Estados Unidos. (GV c 1934.10.09/1). (Vol. XVI/29, 33, 43, 49, 51, 52, 83). Washington, Rio de Janeiro, 9 out. 1934.

<sup>447</sup> Idem, p.5

<sup>448</sup> Idem, p.6.

Gibson, embaixador dos EUA no Brasil e com ele, Oswaldo Aranha (1934, p.5-6), de maneira descompassada: “Getúlio, não é possível tratar as coisas ao mesmo tempo aqui e aí. As confusões surgem por mais acertados que sejam os passos dados”.<sup>449</sup> Reclama: “aí, a meu ver, vv. devia colher dados, fazer estudos e mandar-me. Discutir com o Gibson é enfraquecer-me e trazer confusão” (ARANHA, 1934, p.6)<sup>450</sup>, narrou. “Fui interpelado e não sabia de nada!”<sup>451</sup> Explicou Aranha de maneira didática: “Getúlio, se eu falho em uma informação, perco autoridade, e uma vez perdida, meu caro, nunca mais serei acreditado por esse governo” (ARANHA, 1934, p.6).<sup>452</sup>

O que se vê é que a informalidade da amizade entre Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha foi importante para que o segundo reclamasse de algo que poucos tinham oportunidade ou coragem: Vargas, como de costume, conduzia tudo de maneira muito independente e personalista, driblando as diferentes autoridades com que conduzia as negociações. O modelo de negociações de Vargas era estabelecer diferentes frentes de atuação para um mesmo tema, colhendo diferentes perspectivas, abrindo mais possibilidades. Ele fez isso em sua tentativa de reatamento das relações comerciais com a União Soviética, por exemplo, e estava fazendo isso com o assunto dos acordos comerciais entre Brasil e EUA. A diferença é que Aranha conhecia muito bem o modo de operar de seu amigo, e, claro, reclamou dos riscos que as negociações paralelas provocavam.

Entre novembro e dezembro, Aranha recebeu uma resposta de seu presidente.<sup>453</sup> Vargas afirmou que estava certo de que se não aceitasse o comércio de compensação, a Alemanha fecharia suas portas para o Brasil, e o país se isolaria no comércio internacional, pois a Argentina e outros estavam saindo na frente,<sup>454</sup> assim, ele passou a agir contra os conselhos de seu embaixador. A situação irritou Oswaldo Aranha, mas não mais que outra questão: a atuação do Itamaraty. Aranha já nutria discordâncias de José

---

<sup>449</sup> Idem, p.5-6.

<sup>450</sup> Idem, p.6.

<sup>451</sup> Idem, p.6

<sup>452</sup> Idem, p.6

<sup>453</sup> CARTAS. Cartas sobre tratado comercial Brasil-Estados Unidos abordando as seguintes questões: dificuldades encontradas pelos representantes brasileiros para firmar o tratado, devido à divulgação de um acordo semelhante do Brasil com Alemanha; posição do Governo Americano em relação ao tratado Brasil-Alemanha; ponderações de Getúlio Vargas sobre as conveniências dos tratados com os EUA e com a Alemanha; andamento das conversações para concretização do tratado com os Estados Unidos e posição de Oswaldo Aranha face as vantagens a serem obtidas no tratado com os Estados Unidos. (GV c 1934.10.09/1). (Vol. XVI/29, 33, 43, 49, 51, 52, 83). Washington, Rio de Janeiro, 9 out. 1934, p.3

<sup>454</sup> Idem, p. 5-6.

Carlos de Macedo Soares quanto à condução das relações exteriores do Brasil. Com o tempo elas se agravaram.<sup>455</sup>

A insatisfação de Aranha com Macedo se aprofundou, devido ao que ele entendida como “correspondências diplomáticas pouco precisas” do Itamaraty. Segundo ele, apenas graças à comunicação direta que tinha com Vargas as negociações sobre o acordo comercial entre Brasil e EUA estavam em andamento.<sup>456</sup>

Em dezembro de 1934, Vargas lamentou não poder fazer mais para o fechamento do acordo comercial com os EUA, pois, em sua opinião, já estava nos limites que o Brasil podia oferecer e aproveitou para pedir a opinião de Aranha sobre uma informação. Lera “nas informações filtradas pelo Itamaraty”, que a Argentina continuava cobrando 10% na tarifa para a entrada de mate na Argentina. Desconfiava da informação e pediu a opinião de Aranha na averiguação da veracidade.<sup>457</sup> O pedido demonstra o quanto Vargas desconfiava do que recebia pelo Itamaraty, bem como o quanto confiava nos trabalhos de Aranha mesmo sobre assuntos que não competiam à embaixada brasileira em Washington. Tanto presidente quanto embaixador, vinham em um crescente de desconfianças quanto aos trabalhos de José Carlos de Macedo Soares frente ao Itamaraty.

Enquanto isso, uma outra frente continuava ocupando os esforços da política externa de Vargas, a Guerra do Chaco. O historiador Gustavo Eberle<sup>458</sup> narra que, ao fim de 1933, a proposta de armistício entre Paraguai e Bolívia, que vinham travando uma guerra de trincheiras pela ocupação do Chaco, ganhou aprovação entre 19 e 30 de dezembro. Não obstante, em 1934, a guerra voltou e em modelo de uma guerra de movimento, mais violenta. Nenhum dos dois lados tinham interesse por novas tréguas.

Até julho de 34, houve várias propostas de negociação da paz até que a Argentina sugeriu, secretamente, ao Brasil que se iniciasse um processo de negociação de paz entre ela, o Brasil e os EUA e que essa proposta já contava com o apoio do Paraguai. As bases

---

<sup>455</sup>CARTAS. Cartas sobre tratado comercial Brasil-Estados Unidos abordando as seguintes questões: dificuldades encontradas pelos representantes brasileiros para firmar o tratado, devido à divulgação de um acordo semelhante do Brasil com Alemanha; posição do Governo Americano em relação ao tratado Brasil-Alemanha; ponderações de Getúlio Vargas sobre as conveniências dos tratados com os EUA e com a Alemanha; andamento das conversações para concretização do tratado com os Estados Unidos e posição de Oswaldo Aranha face as vantagens a serem obtidas no tratado com os Estados Unidos. (GV c 1934.10.09/1). (Vol. XVI/29, 33, 43, 49, 51, 52, 83). Washington, Rio de Janeiro, 9 out. 1934.

<sup>456</sup> Idem, p.5

<sup>457</sup> Idem, p.15-16.

<sup>458</sup>CARVALHO, Gustavo Eberle de. *O Brasil e a geopolítica da Guerra do Chaco: diplomacia e política na Conferência de Paz de Buenos Aires (1935-1939)*. 2019. 378 f. il. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019., p. 133.

da proposta foram expostas confidencialmente em 12 de julho de 1934. Para a surpresa de todos, em meados de 1934, a Argentina declinou da proposta feita por si mesma e entregou as negociações à Liga das Nações. Itamaraty e até o Paraguai ficaram irritados. Saavedra Lamas fez a movimentação, segundo o Itamaraty, para desconcertar o Brasil junto à Bolívia e o Chile e prolongar sua liderança no caso.<sup>459</sup>

Para Eberle Carvalho, o ministro Macedo Soares tentou mostrar a Vargas que o conflito podia caminhar para um fim se o Brasil tomasse a dianteira das negociações, conseguindo transferi-las para o Rio de Janeiro. Soares desacreditava em qualquer solução mediada por Buenos Aires, devido à figura de Saavedra Lamas.<sup>460</sup>

Em 8 de dezembro, Soares (1934, p.1-2) escreveu a Vargas: “nos entendimentos prévios que eu tive com os EUA, fizemos sentir que devido à nossa peculiar situação geográfica de vizinho de um e outro beligerante, o Brasil não poderia se contentar como um mero observador.”<sup>461</sup> Soares queria dar protagonismo ao Brasil e dava certeza ao presidente de que os EUA o apoiavam. Afirmou que a Bolívia já havia aceitado seus planos e que aguardava apenas a posição de Vargas.<sup>462</sup>

Vargas buscava, contudo, se informar por outros meios sobre a situação. Quem cuidava de informações sensíveis sobre essa temática junto a Vargas, sempre de maneira secreta, ou seja, por fora dos mecanismos oficiais de comunicações do governo, era o adido comercial lotado em Buenos Aires, Orlando Leite Ribeiro, de quem já falei. Ribeiro escreveu diretamente a Vargas avaliando que as intenções de Saavedra Lamas eram de afastar o Brasil da Bolívia e complicar suas relações com o Paraguai, no sentido de passar a impressão de que o país estava negociando o futuro da guerra secretamente sem envolver seus aliados.<sup>463</sup> Aconselhava a Vargas não confiar nas chances de reconciliação oferecidas pela Argentina.<sup>464</sup>

---

<sup>459</sup> Idem.

<sup>460</sup> CARVALHO, Gustavo Eberle de. *O Brasil e a geopolítica da Guerra do Chaco: diplomacia e política na Conferência de Paz de Buenos Aires (1935-1939)*. 2019. 378 f. il. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.p.158.

<sup>461</sup> CARTAS. Cartas sobre as conversações para cessação das hostilidades na região do Chaco, incluindo a aceitação do governo boliviano da interferência do Brasil em relação a questão; e notícias sobre as possíveis consequências da guerra do Paraguai. (GV c 1934.12.08/1). (Vol. XVI/70, 69 e 80). Rio de Janeiro, 8 dez. 1934, p 1-2.

<sup>462</sup> Idem.

<sup>463</sup> RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 15 set. 1934. (GV c 1934.09.15/1). CPDOC-FGV.

<sup>464</sup> RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 15 set. 1934. (GV c 1934.09.15/1). CPDOC-FGV.



Outro informante, o diplomata Ronald Carvalho,<sup>465</sup> sobre quem já explorei, enviou cartas ao presidente. Em uma carta de dez páginas, detalhou a Vargas que o Paraguai estava vencendo todas suas batalhas contra a Bolívia e, contrariamente ao que afirmava Macedo, que as chances de conciliação eram muito remotas, devido essas vitórias.<sup>466</sup>

Vargas continuava investigando. Em 24 de dezembro, escreveu a Aranha dizendo que o Estado Maior do Exército estava alarmado. Ele também conversou com informantes no Rio Grande do Sul que o asseguravam que havia risco de o conflito no Chaco transbordar para o Brasil.<sup>467</sup> Ele estava certo de que precisava fortalecer militarmente as fronteiras com o Paraguai. Seu plano era de enviar armas e tropas para a fronteira, com o intuito desse movimento já bastar para resguardo o Brasil<sup>468</sup>. Combinou esse plano apenas com Aranha e pediu ajuda para os EUA no fornecimento de equipamento. Disse ao embaixador: “desnecessário é encarecer a importância e o sigilo dessa minha carta, escrita por iniciativa própria e sem prévia consulta a qualquer pessoa, nem conhecimento de ninguém” (VARGAS, 1934, p.9-10).<sup>469</sup> Portanto, Vargas contornou a opinião de Macedo ao agir em sigilo junto a seu amigo, que o respondeu em 18 de dezembro, dizendo concordar e aconselhar, confidencialmente, que Vargas não seguisse a estratégia de Macedo, no sentido de trazer protagonismo ao Brasil na guerra, mas sim silenciosamente se protegesse e agisse de maneira transparente e secreta junto aos EUA, na mediação.<sup>470</sup>

---

<sup>465</sup> Carvalho também foi um importante informante de Vargas quanto à política interna. Ele fez viagem, em 13 de dezembro de 34, para Minas Gerais, investigando o apoio que os principais políticos mineiros davam ou não a Benedito Valadares. Alertou o presidente de que Valadares estava se mostrando inexperiente e precisava se fortalecer. Tudo isso em: CARVALHO, Ronald de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 13 dez. 1934.. Carta transmitindo as impressões de Gudesten de Sá Pires sobre a política mineira e as possibilidades de acordo com sucessão estadual. (GV c 1934.12.13). (Vol. XVI/73).

<sup>466</sup>CARVALHO, Ronald de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 8 dez. 1934. Carta sobre a morte de Humberto de Campo, sugerindo a transformação do Departamento Nacional de Cultura e Radiodifusão em um organismo de difusão cultural, que congregue a "inteligência brasileira", e informando sobre a questão do Chaco e a situação política da Europa. (GV c 1934.12.08/2). (Vol. XVI/71), p.8.

<sup>467</sup> CARTAS. Cartas sobre as conversações para cessação das hostilidades na região do Chaco, incluindo a aceitação do governo boliviano da interferência do Brasil em relação a questão; e notícias sobre as possíveis consequências da guerra do Paraguai. (GV c 1934.12.08/1). (Vol. XVI/70, 69 e 80). Rio de Janeiro, 8 dez. 1934 p.9.

<sup>468</sup>Idem p. 10.

<sup>469</sup> CARTAS. Cartas sobre as conversações para cessação das hostilidades na região do Chaco, incluindo a aceitação do governo boliviano da interferência do Brasil em relação a questão; e notícias sobre as possíveis consequências da guerra do Paraguai. (GV c 1934.12.08/1). (Vol. XVI/70, 69 e 80). Rio de Janeiro, 8 dez. 1934, p.9-10.

<sup>470</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 18 dez. 1934. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre a política de compensações no comércio exterior e envio de charutos dos Estados Unidos. (Vol. XVI/75).

Conclui-se que Vargas estabeleceu sua própria estratégia, pouco a pouco esvaziando os movimentos de seu ministro Macedo. Mais uma vez, o modo de atuação furtiva e paralela aos mecanismos oficiais da burocracia do Estado adotado pelo presidente funcionou como estratégia principal na condução de decisões de sua política externa. Seus informantes foram peças fundamentais para essa atuação.

No ano de 1935, voltamos ao dia a dia de Oswaldo Aranha na embaixada do Brasil nos EUA. O ano inicia-se com uma queixa de Aranha sobre o departamento de comércio do Itamaraty,<sup>471</sup> pedindo que Vargas o ajudasse a contornar essas orientações, pois estavam travando o fechamento do novo acordo comercial entre os dois países. Reclama então que o Itamaraty e o departamento de comércio estavam sempre dando informações contrárias àquelas que ele fornecia aos EUA como palavras do governo brasileiro. Aranha disse que, devido à demora do Itamaraty em enviar e responder com precisão certas informações, resolveu agir mesmo em discordância a orientações.<sup>472</sup>

Em 18 de janeiro, o embaixador voltou a tratar da Guerra do Chaco de maneira confidencial, sem a ciência do Ministro Soares junto a Vargas.<sup>473</sup> Nessa carta, Aranha aparece alarmado com a aproximação geopolítica entre EUA e Argentina. Explicou que os EUA desconfiavam da posição do Brasil quanto à sua fidelidade em uma possível guerra no Chaco ou no mundo. Aranha assegurou Vargas de que o comércio compensado preocupava muito os EUA e estava vinculado à falta de confiança deles no Brasil quanto ao contexto da Guerra.<sup>474</sup> Respondeu também que os planos de Vargas de conseguir armas com os EUA apenas dariam certo se essa confiança fosse restaurada.<sup>475</sup> Disse que os militares brasileiros enviavam missões em caráter muito mais de espionagem que de cooperação e os EUA sabiam disso. Por isso, a Argentina estava aproveitando para abrir

---

<sup>471</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 8 jan. 1935. Correspondência sobre tratado comercial entre o Brasil e os Estados Unidos, abordando a questão dos atrasados comerciais e dos acordos com a Alemanha e a Itália, informando sobre a assinatura do acordo, em Washington. (GV c 1935.01.08). (Vol. XVII/5, 20 e 21), p.6.

<sup>472</sup> Idem, p.9.

<sup>473</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 18 jan. 1935. Carta sobre a gravidade da situação do Chaco e os entendimentos com os Estados Unidos para fabricação de armamentos. (GV c 1935.01.18). (Vol. XVII/11).

<sup>474</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Baltimore, 27 fev. 1935. Carta comentando os resultados da Missão Sousa Costa nos Estados Unidos, criticando a ida da missão a países como Alemanha e Espanha e informando sobre a futura organização da seção comercial da Embaixada brasileira em Washington. (GV c 1935.02.27). (Vol. XVII/41).

<sup>475</sup> Idem, p.3.

seu flanco.<sup>476</sup> Ressaltou que, ao longo dos anos, a atitude dos EUA foi o principal veto aos planos de hegemonia da Argentina e, agora, via que esse "veto" estava enfraquecido.<sup>477</sup>

Os reclames de Aranha não foram ignorados por Vargas. Em seis de março de 1935, ele escreveu agradecendo a Vargas por intervir, impedindo que Arthur de Souza Costa, ministro da Fazenda, fizesse visitas à Itália e à Alemanha, concentrando-se em Paris e Londres.<sup>478</sup>

As rugas entre Aranha e o Itamaraty, porém, continuavam e ele prosseguiu buscando na autoridade de Vargas uma maneira de driblá-las: anunciou que, sem explicações, o salário de Cyro Freitas Vale havia sido cortado pela metade e, em sua opinião, podia ser obra de perseguições à sua pessoa, por ter aceitado estar um cargo nos EUA,<sup>479</sup> bem como não estava compreendendo por que o ministro Arthur de Souza Costa estava se negando a fornecer dados de suas missões na Europa.<sup>480</sup> O embaixador terminou dizendo que estava acompanhando a movimentação de opositores políticos de São Paulo em Washington e relataria a movimentação deles a Vargas.<sup>481</sup> Vê-se o quanto a proximidade entre o presidente e o embaixador foi importante tanto para a condução da política externa quanto interna de Vargas, visto que, Aranha continuava monitorando passos de opositores no exterior.

Em abril de 1935, quem também escreveu um relatório sobre os “bastidores políticos” a Vargas foi Rosalina Lisboa. Ela explicou que estava em constantes viagens

<sup>476</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 6 mar. 1935. Carta defendendo uma maior aproximação econômica, política e militar entre o Brasil e os Estados Unidos, face a atual situação internacional. (GV c 1935.03.06/1). (Vol. XVII/52).

<sup>477</sup> Idem, p.13.

<sup>478</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 6 mar. 1935. Carta sobre o pagamento da dívida com os Estados Unidos através da emissão de títulos correspondentes; necessidade de elaboração de um plano de consolidação e unificação da dívida nacional; e informando sobre o banquete oferecido pelos médicos a sua pessoa, em homenagem ao Presidente do Brasil, em retribuição a acolhida ao futuro Congresso no Rio de Janeiro da "*Pan American Medical Association*". (GV c 1935.03.06/2). (Vol. XVII/53).

<sup>479</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 20 mar. 1935. Carta informando que Sousa Costa ainda não enviou os dados sobre a nova política cambial, de acordo com o que foi combinado em Washington e sobre o novo decreto que distribui as verbas do pessoal diplomático. (GV c 1935.03.20). (Vol. XVII/70), p.2.

<sup>480</sup> Idem, p.4.

<sup>481</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 25 mar. 1935. Carta sobre a compra da sede da Embaixada brasileira nos Estados Unidos, a instalação da chancelaria em Washington e enviando artigo de Horace B. Davis, publicado pela "*Foreign Police Association*" criticando a Revolução de 1930 e o governo brasileiro. (GV c 1935.03.25). (Vol. XVII/76).

entre Buenos Aires e Chile, para cobrir as negociações mais confidenciais a respeito da Guerra do Chaco.<sup>482</sup> Narrou que tinha provas de que o ministro das Relações Exteriores argentino, Saavedra Lamas, conseguira frustrar um acordo comercial entre o Peru e o Chile e, por isso, o Chile estava trabalhando para demonstrar que Lamas agia na Guerra do Chaco de maneira imparcial, em busca de consolidar a hegemonia econômica de seu país na região, por meio da guerra.

Rosalina (1935, p.2) disse que estava em contato com um político e funcionário de dentro do Ministério das Relações Exteriores do Chile, chamado Félix Nieto, que apelidou de “o homem-que-sabe-tudo dentro do Ministério das Relações Exteriores do Chile”.<sup>483</sup> Aconselhou a Vargas a tomar cuidado com esse contato, dizendo que ele buscava forçar maior envolvimento do Brasil na guerra a favor do Chile.

Rosalina Lisboa narrou que, em nome de Vargas, confidencialmente, entrou em contato com o presidente argentino Júlio Roca, para assegurar que os dois países não se indisputassem.<sup>484</sup> É no mesmo mês dessa carta de Rosalina que é possível encontrar, quase logo em seguida, uma carta de Oswaldo Aranha, dizendo que estava trabalhando em parceria com essa citada informante.<sup>485</sup> O embaixador disse a Vargas que estava em contato com Lisboa a fim de conhecer o universo da propaganda brasileira nos EUA. Relatou que ela já estava atuando, secretamente, com contatos das agências de notícias United Press e Havas, enviando-lhe informações.<sup>486</sup>

Vê-se, portanto, uma ação coordenada entre Rosalina Lisboa e Aranha em busca de informar Vargas sobre a situação da imagem brasileira no exterior, contudo, não apenas informar, mas, também, agir a respeito. Também ressaltar como Rosalina tivera um papel efetivo na condução da política externa de Vargas, uma vez que, se constata, em sua carta, que ela trocava informações com o próprio presidente da Argentina em nome de Getúlio.

---

<sup>482</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, Abri. 1935. Carta sobre a política do Chile e da Argentina em relação ao Brasil na "questão do chaco". (GV c 1935.04.00). (Vol. XVIII/57).

<sup>483</sup> Idem, p.2.

<sup>484</sup> Idem, p. 3.

<sup>485</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 9 abr. 1935. Carta informando que o Governo americano concordou com o pagamento gradual das dívidas atrasadas e que aguarda os dados sobre o acordo com a Inglaterra; solicitando maior atenção do Governo brasileiro para com os representantes das Agências de Imprensa estrangeiras, a fim de assegurar uma melhor propaganda do país no exterior; e sobre a posição do Brasil em relação à questão do Chaco. (GV c 1935.04.09/1). (Vol. XVIII/18).

<sup>486</sup> Idem, p.2-3.

Na questão da Guerra do Chaco, as rusgas entre Aranha e Macedo Soares acabaram aumentando. Inicialmente, Summer Welles combinou que os EUA apenas se pronunciariam sobre as negociações de paz junto ao Brasil. Era uma situação de vantagem geopolítica ao Brasil, explicou Aranha a Vargas.<sup>487</sup> Era preciso que a posição do Brasil fosse clara e rápida. Aranha explicou que fez de tudo para obter essa resposta de Macedo Soares, mas o Itamaraty adiou até o último momento qualquer resposta em conjunto com os EUA, preferindo agir isoladamente. Aranha disse que Welles, então, desistiu de esperar o Brasil para um pronunciamento conjunto.<sup>488</sup> O Brasil perdeu a oportunidade e o embaixador culpou Soares, por querer agir longe e em paralelo à sua autoridade.<sup>489</sup>

Além disso, como explica Helder Gordin<sup>490</sup>, em 13 de março de 1935, a Argentina tomou uma atitude provocativa no rumo das negociações: propôs uma Conferência Econômica de Estados Vizinhos, bem como uma Conferência de Paz em Buenos Aires. O convite argentino excluía o Brasil, o Peru e os EUA de ambos os eventos. A Argentina pediu desculpas, alegando “erro datilográfico”, e o Chile passou a convidar os excluídos. Macedo Soares, contudo, tomou a posição oficial de não aceitar o convite, demonstrando que o Brasil se sentia desrespeitado. Fez isso, porém, sem consultar Vargas e Aranha.

O embaixador escreveu a Vargas dizendo que o presidente precisava fazer algo, pois Soares estava agindo “na frente”.<sup>491</sup> O resultado viera: os EUA iniciaram negociações de paz sobre o Chaco sem a presença do Brasil. Era a perda total de todo o prestígio que Aranha vinha angariando. O embaixador e Vargas tiveram que aceitar as ações de Soares, pois o Brasil já havia se pronunciado insatisfeito com a falta do convite, pedindo desculpas públicas pela ausência.

---

<sup>487</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 9 abr. 1935. Carta informando que o Governo americano concordou com o pagamento gradual das dívidas atrasadas e que aguarda os dados sobre o acordo com a Inglaterra; solicitando maior atenção do Governo brasileiro para com os representantes das Agências de Imprensa estrangeiras, a fim de assegurar uma melhor propaganda do país no exterior; e sobre a posição do Brasil em relação à questão do Chaco. (GV c 1935.04.09/1). (Vol. XVIII/18), p.9.

<sup>488</sup> Idem, p. 10.

<sup>489</sup> Idem, p.10-11.

<sup>490</sup> DA SILVEIRA, Helder Volmar Gordin. Geopolítica e disputa pela supremacia na América do Sul: a visão militar brasileira acerca da intervenção diplomática do país na Guerra do Chaco (1932-1935). *Historiæ*, v. 11, n. 2, p. 10-31, 2020, p.23.

<sup>491</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 9 abr. 1935. Carta informando que o Governo americano concordou com o pagamento gradual das dívidas atrasadas e que aguarda os dados sobre o acordo com a Inglaterra; solicitando maior atenção do Governo brasileiro para com os representantes das Agências de Imprensa estrangeiras, a fim de assegurar uma melhor propaganda do país no exterior; e sobre a posição do Brasil em relação à questão do Chaco. (GV c 1935.04.09/1). (Vol. XVIII/18), p.9-11.

Vargas (1935, p.15) escreveu a Aranha, confidencialmente: "desaprovei essa iniciativa, que reputo imprudente, mas ato foi praticado. Resta-me aguardar seus resultados".<sup>492</sup> Combinaram, então, que insistiriam junto a Welles para que o Brasil pudesse participar das conferências de paz e que se demonstrasse que as insistências quanto ao pedido de desculpas eram movimentos exclusivos de Macedo, e não de Vargas.

Assim o fez Aranha, buscando convencer Washington de que era Macedo o autor das intransigências e que Vargas desejava apenas cooperar. Vargas respondeu que a iniciativa de Macedo era "contra nossas tradições diplomáticas" e que apenas restava esperar que ela malograsse.<sup>493</sup> De fato, o isolacionismo brasileiro cedeu quando, finalmente, os EUA voltaram a convidar o Brasil para as negociações. Vargas e Aranha redigiram junto a Washington uma proposta de paz fora do conhecimento do Itamaraty, para isolar Soares. Quando a proposta ficou pronta, ela foi enviada ao Itamaraty como se fosse iniciativa exclusiva de Washington.<sup>494</sup> Juntos, também acompanharam, confidencialmente, que Macedo estava negociando termos paralelos junto ao embaixador dos EUA no Brasil, Hugh Gibson. Para evitar qualquer dissonância, Aranha passava a informar essas conversas a Vargas, para que ele se antecipasse a qualquer movimento do Ministro.

Vê-se que mesmo quando Macedo usou de suas "brechas" de ação, Vargas usou de sua relação de confiança e confidencialidade junto a Aranha contornando todos os movimentos do ministro, assim, os resultados da política externa brasileira para a Guerra do Chaco foram muito mais no sentido da parceria junto aos EUA, que a busca por uma posição forte e mais isolada, como Macedo vinha construindo.

Vale ressaltar que Aranha também continuava auxiliando Vargas a inspecionar acordos diplomáticos com outros países, fazendo notar situações de desvantagem para o Brasil, sempre indo além da realidade diplomática Brasil-Estados Unidos<sup>495</sup>. Vargas era reativo às propostas do embaixador. Em maio de 35, por exemplo, escreveu ao amigo

---

<sup>492</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, Petrópolis, 17 abr. 1935. Correspondência entre Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas sobre a posição do Brasil na Questão do Chaco. (GV c 1935.04.17). (Vol. XVIII/34, 35a, 35b, 38a, 38b, 38c, 46a, 46b, 47a, 47b, 47c, 50a, 50b, 50c, 53a, 53b), p. 15.

<sup>493</sup> Idem, p.20.

<sup>494</sup> Idem, p.21-22.

<sup>495</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário; Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 10 mai. 1935. Carta elogiando sua atuação na Embaixada; sugerindo maior reserva nas informações fornecidas aos correspondentes de jornais, sobretudo em relação a política interna brasileira e comunicando a saída de Góes Monteiro do Ministério da Guerra. (GV c 1935.05.10/1). (Vol. XVIII/62), p.5-7.

dizendo que estava reorganizando todo o serviço internacional de propaganda do Brasil, com rádio, turismo e cinema em resposta às demandas de Aranha.<sup>496</sup>

No dia 9 de julho de 1935, a fórmula para a paz no Chaco fora acertada. Macedo enviou carta a Vargas e a Aranha informando sobre como a posição do Brasil foi fundamental, mas, ao mesmo tempo, Aranha escreveu a Vargas dizendo sobre como o acordo confidencial da fórmula entre Brasil e EUA é que possibilitara a harmonia dos termos. Escreveu:

O bem que fizeste, contrariando a todos (...) ficará, estou certo, no segredo de algumas consciências, abafado pela vanglória dos que errados, então, agora colhem os louros. A verdade é, pois, que o favorável desenrolar da questão do Chaco devemos todos a ti, à tua visão, à tua iniciativa e à tua decisão na hora em que conseguida a mediação junto a nós, continuou o Itamaraty a pretender fazer tolices (ARANHA, 1935, p.7).<sup>497</sup>

Não obstante, a vigilância sobre os passos de Macedo Soares não cessou. Aranha disse que um contato na embaixada de Washington o permitia ver telegramas de Macedo Soares nas negociações de paz em Buenos Aires, que apontavam que ele pretendia ficar mais tempo por lá que o necessário, em busca de aumentar seu prestígio.<sup>498</sup> Aranha demonstrou-se preocupado com as “glórias” que Macedo colheria e que segundo ele, eram devidas muito mais a ações suas e às de Vargas. Vargas respondeu a Aranha, focando no sucesso do que chamou de “solução americana”. Para ele, o mais importante era que se tinha solucionado a questão sem a Liga das Nações, trazendo prestígio para os países americanos.<sup>499</sup>

Aranha demonstra, nesse momento, que estava em conexão com Orlando Leite Ribeiro e Rosalina Lisboa, para se manter atualizado de maneira confidencial sobre o Chaco por fora do Itamaraty.<sup>500</sup> Nesse contexto, reclamou que o Itamaraty se fechara a ele. Não estava enviando orientações, nem respondendo suas mensagens. Para Aranha,

---

<sup>496</sup> Idem, p.7-8.

<sup>497</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 2 jun. 1935. Correspondência sobre a participação do Brasil nas negociações par a pacificação do Chaco (GV c 1935.06.02). (Vol. XVIII/67, 73, 74, 76a, 76b, 78, 79), p. 7.

<sup>498</sup> Idem, p. 16.

<sup>499</sup> Idem, p. 20.

<sup>500</sup> RIBEIRO, Orlando Leite Ribeiro. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 3 jul. 1935. Carta sobre assuntos relacionados à sua visita à Argentina e sugerindo o nome de Afrânio de Melo Franco para chefe da Delegação brasileira na Conferência da Paz, em Buenos Aires. (GV c 1935.07.03/2). (Vol. XIX/3).

isso se devia ao ressentimento de Macedo Soares para com ele. Disse: “compreendo que mesmo beneficiário da minha ação, ele não admitisse a minha correspondência contigo e esteja ressentido pelo bem que fizeste ditando, contra sua vontade, a atitude final do Brasil e de que é, hoje, o glorioso usufrutuário na pessoa do ‘chanceler da paz’” (ARANHA, 1935, p.3).<sup>501</sup>

Vê-se que as relações diretas entre Vargas e Aranha trouxeram desconforto notável para Soares. Desde 1934, até aqui, Aranha reclamou de suas resistências no Itamaraty, devido à relação de proximidade que o embaixador estabelecia com o presidente. Nessa carta, o próprio Aranha escreveu dizendo que entendia o ressentimento de Soares, pois ele, como embaixador havia “violado das regras da casa”, contornando sua autoridade, ao tratar tudo junto a Vargas.<sup>502</sup> Pediu, então, que Vargas continuasse cauteloso com Soares, pois ele tinha provas de que o ministro estava tentando se comunicar diretamente com o presidente Justo da Argentina: “Isto é perigoso e debes estar atento, porque nada explicaria um Ministro corresponder-se com o chefe de outra nação sem prévia autorização do próprio presidente” (ARANHA, 1935, p.3), disse.<sup>503</sup>

Por fim, os ânimos escalaram-se ao máximo: o embaixador escreveu, bem mais irritado, que Vargas precisava agir urgentemente sobre o acordo comercial com os EUA, pois o Itamaraty respondeu Washington, dizendo que era preciso esperar para o fechamento do acordo, “na necessidade de temporizar por motivos de política interior”.<sup>504</sup> Pedindo ajuda, Aranha (1935, p.6) terminou dizendo “Getúlio, eu não estou aqui para fazer o palhaço do Itamaraty”. Em sua opinião, o Itamaraty estava buscando postergar o fechamento do acordo de propósito, prejudicando a pessoa do embaixador.<sup>505</sup>

A partir desse momento, é possível notar que Aranha intensificou ainda mais suas decisões diretamente junto a Vargas, contornando o ministro Soares.<sup>506</sup> Um desses processos levou ambos a passarem a trocar cartas diretamente com Roosevelt, pelas quais Vargas apresentou a ele seu plano de construção de um caminho de aproximações entre

---

<sup>501</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 9 jul. 1935. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando o êxito de sua viagem ao Prata e criticando a atuação de Macedo Soares em relação ao Tratado Comercial com os Estados Unidos. (GV c 1935.07.09). (Vol. XIX/5), p. 3.

<sup>502</sup> Idem, p. 3.

<sup>503</sup> Idem, p. 3.

<sup>504</sup> Idem, p.6.

<sup>505</sup> Idem, p.6.

<sup>506</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 jul. 1935. Carta sugerindo remanejamento do Pessoal da Embaixada. (GV c 1935.07.10). (Vol. XIX/6).



os países americanos.<sup>507</sup> O que Vargas queria era a construção de um arcabouço jurídico que criasse uma união econômica e financeira, pois, em seu entendimento, apenas uma conferência sobre a paz não passaria do idealismo.<sup>508</sup>

Em outubro de 1935,<sup>509</sup> Aranha discutiu junto a Vargas os destinos das relações internacionais. Para ambos, uma guerra na Europa era já praticamente inevitável e cabia ao Brasil se armar o máximo que pudesse. O projeto de construção de uma siderúrgica nacional passava a ser o esforço número um de Vargas.<sup>510</sup>

Nesse contexto, a Itália invadiu a Etiópia, então chamada de Abissínia. Aranha informou que os EUA se declararam neutros, surpreendendo-o, pois presumia que o país condenaria esta invasão. Disse a Vargas que o Brasil não devia confiar na proteção dos EUA em uma eventual guerra, pois estavam inclinados ao isolacionismo: “defensores outrora da liberdade, são, agora, meros escravos da paz, dispostos, unânimes a sacrificar tudo para não entrarem em novas lutas”(ARANHA, 1935, p.3)<sup>511</sup>. O embaixador deixou claro ao seu presidente que os EUA davam mostras de não serem confiáveis em um contexto de guerra nas Américas. Além disso, comemorou Aranha, finalmente, o acordo comercial Brasil e EUA foi aprovado.<sup>512</sup>

A Liga das Nações exigiu que todos os seus membros condenassem a invasão italiana. Vargas escreveu a Aranha que a orientação do Brasil era a de seguir os EUA, na

---

<sup>507</sup> ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 20 jul. 1935. Telegrama transmitindo sugestão de Franklin Roosevelt para realização de uma conferência interamericana, a fim de revisar os acordos de paz existentes entre os países. Em Anexo, resposta de Getúlio Vargas acatando a sugestão e propondo a formação de um bloco continental para defesa da paz e solução dos problemas internos do continente. (GV c 1935.07.20). (Vol. XIX/11 e 13).

<sup>508</sup> Idem, p. 6.

<sup>509</sup> Neste momento, Orlando Leite e Rosalina Lisboa continuaram informando o presidente a respeito da política interna dos países do Prata. Em: RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 7 ago. 1935. Carta informando ter agradecido, a todas as pessoas que o obsequiaram durante sua viagem a Argentina. (GV c 1935.08.07/1). (Vol. XIX/19b) e Carta de Rosalina Coelho Lisboa a Getúlio Vargas sobre o Departamento Nacional de Propaganda e encaminhando carta de sua mãe solicitando remoção de seu filho da embaixada do Chile. (Vol. XIX/70 e 70b).

<sup>510</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 8 out. 1935. Carta encaminhando cópia de carta escrita a Góes Monteiro a respeito da instalação de fábricas estatais de material bélico no Brasil. Em anexo, comentários de Pantaleão Pessoa sobre o pensamento de Oswaldo Aranha a respeito do assunto. (GV c 1935.10.08/1). (Vol. XIX/62 e 8)

<sup>511</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 15 out. 1935. Carta comentando a posição dos Estados Unidos em relação a situação mundial e sobre a vitória das "liberais" nas eleições. (GV c 1935.10.15), p. 3.

<sup>512</sup> Idem, p. 6.

mais completa neutralidade, comemorando o fato de o Brasil não fazer parte da Liga, logo dispor dessa liberdade.<sup>513</sup>

O Itamaraty optou por não condenar a invasão da Itália, emitindo uma nota a respeito e Aranha (1935) reclamou: “Já aqui estamos apontados como o único país do mundo partidário dos processos de expansão da Itália. Nada nos obrigava a aceitar as decisões da Liga, mas, Getúlio, nada aconselhava a declaração nos termos que a fizemos mesmo porque não temos força para mantê-la”.<sup>514</sup> Vargas respondeu a Aranha que concordava que a nota do Itamaraty respondendo a Liga das Nações ia contra sua vontade, mas que, mais uma vez, Soares tomou a iniciativa, fugindo de seu controle, “agora, o melhor é ficar quieto e dar o caso por liquidado”, escreveu.<sup>515</sup> Além disso, tratou junto a Aranha que deixaria de lado seus esforços quanto a compra de submarinos italianos, para que os EUA abrissem possibilidades de negociação com o Brasil. Pediu que Aranha demonstrasse aos EUA que a amizade do Brasil junto a eles dependia da negociação dos armamentos.<sup>516</sup>

Eis mais um episódio em que José Carlos de Macedo Soares agiu sem a autorização do presidente. Ainda assim, também nesse caso, a articulação entre Vargas e Aranha, junto ao governo dos EUA, contornou os impactos da ação. Estes “bastidores” da diplomacia são essenciais para que se compreenda as decisões finais a que a política externa brasileira chegava. As “engrenagens” destas decisões, pode-se ver, dependeram do eixo Vargas-Aranha em detrimento de Soares, mesmo quando ele passava por cima das decisões do presidente.

Os eventos da política interna passaram a chamar a atenção. Entre 25 e 27 de novembro de 1935, vários levantes comunistas com a intenção de tomar o poder foram desencadeados em Natal, Recife e Rio de Janeiro. Vargas contou com informantes na

---

<sup>513</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 16 out. 1935. Carta sobre a instalação do Bureau Comercial na Embaixada brasileira em Washington e a posição do Brasil em relação a guerra ítalo-etíope. (GV c 1935.10.16/2). (Vol. XIX/73).

<sup>514</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 11 nov. 1935. Carta comentando a chegada de Alzira Vargas aos Estados Unidos, enfatizando a importância da cooperação feminina na vida pública de uma nação e criticando a declaração de neutralidade do Brasil, em relação a guerra Ítalo-Etíope. (GV c 1935.11.11). (Vol. XX/10).

<sup>515</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 25 nov. 1935. Carta relatando o comportamento de Flores da Cunha face aos últimos acontecimentos políticos, a conspiração comunista em Recife e Natal e comentando o tom inoportuno da nota do Itamaraty à Liga das Nações e informando sobre o plano de reorganização da Marinha. Em anexo, resposta de Oswaldo Aranha se prontificando a escrever a Flores da Cunha sobre a necessidade de apoiar o Governo face as ameaças extremistas. (GV c 1935.11.25) (Vol. XX/32 e 38).

<sup>516</sup> Idem, p. 9.

apreensão de cartas e telegramas que eram trocados entre os comunistas.<sup>517</sup> Aranha reclamou que não recebeu nenhuma orientação do Itamaraty, nem mesmo informações básicas sobre como informar os EUA sobre o ocorrido, dizendo que apenas graças às suas trocas confidenciais com Vargas conseguiu se informar e agir.<sup>518</sup> O presidente contou com informantes dentro de embaixadas para controlar opositores no exterior que estivessem ligados ao movimento, como o caso de João Pereira Machado,<sup>519</sup> lotado na embaixada de Berlim, que articulou confidencialmente, junto a Vargas, o combate de movimentos de opositores comunistas na Europa e, após tudo acertado, levou as decisões de supervisionamento ao embaixador. Eles vigiaram, por exemplo, o comportamento do governador de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti, suspeito de envolvimento com os atos comunistas.<sup>520</sup>

Esse serviço de informação foi robustecido pelo próprio Aranha. Ele informou Vargas que tinha provas de que a Inglaterra estava por trás do financiamento do movimento de oposição a Vargas. O próprio Vargas respondeu a Aranha dizendo que tinha conhecimento de que o movimento comunista servia apenas de “plataforma” para o grande movimento de oposição internacional ao seu governo e que o capital argentino,<sup>521</sup> uruguaio e britânico estava envolvido. Sabia disso graças a sua rede confidencial de informações. Aranha disse que vinha tentando avisar Macedo. Soares buscava, segundo ele, o caminho de conseguir apoio de Mussolini para lutar contra os comunistas e

---

<sup>517</sup>PRESTES, Luís Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Estilac Leal. 26 nov. 1935. Carta convidando-o a participar do movimento deflagrado pela Aliança Nacional Libertadora e ressaltando que o prestígio do seu nome poderá diminuir a possível violência. (GV c 1935.11.26). (Vol. XX/82).

<sup>518</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 25 nov. 1935. Carta relatando o comportamento de Flores da Cunha face aos últimos acontecimentos políticos, a conspiração comunista em Recife e Natal e comentando o tom inoportuno da nota do Itamaraty à liga das Nações e informando sobre o plano de reorganização da Marinha. Em anexo, resposta de Oswaldo Aranha se prontificando à escrever a Flores da Cunha sobre a necessidade de apoiar o Governo face as ameaças extremistas. (GV c 1935.11.25) (Vol. XX/32 e 38), p.10-11.

<sup>519</sup> Capitão tenente da Marinha em missão em Berlim ao longo da primeira metade da década de 1930. Informação disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=107670\\_03&pagfis=3155&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=107670_03&pagfis=3155&url=http://memoria.bn.br/docreader#) Acessado em 17/11/2022 às 09:22.

<sup>520</sup>MACHADO, João Pereira. [Relatório]. Relatório de João Pereira Machado informando que Carlos de Lima Cavalcanti havia solicitado o visto de entrada para visitar a Rússia, três dias antes do movimento comunista irromper em Recife. (GV c 1935.12.00/1). Dez. 1935.

<sup>521</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 3 dez. 1935. Carta informando sobre as repercussões do movimento comunista na Argentina e nos Estados Unidos, a situação política europeia e as perspectivas de reeleição de Franklin Roosevelt. (GV c 1935.12.03/1). (Vol. XX/47).

opositores ao governo. Aranha aconselhou a Vargas que não fosse por esse caminho, por não confiar no futuro do fascismo.<sup>522</sup>

É possível verificar que a preocupação de Aranha tinha fundamentos. José Carlos de Macedo Soares passou a ser porta-voz do oferecimento de ajuda ao governo Vargas no combate ao comunismo feito por Benito Mussolini. O próprio líder do fascismo enviou cartas a Vargas informando de que sabia que o secretário soviético na Liga das Nações estava pressionando os países a sancionar a Itália por sua invasão na Etiópia.<sup>523</sup> Macedo sugeria que o Brasil se alinhasse com a Itália em busca de não a sancionar, pois a Liga estava “tomada” por influências comunistas.

Pelas cartas, pode-se concluir que Macedo acreditou nas suspeitas italianas".<sup>524</sup> As opiniões de Aranha e Macedo continuavam divergentes. Para o ministro, o ideal seria o Brasil se alinhar com a Itália, para conduzir seu combate ao comunismo, para o embaixador como se viu, não.

No dia 14 de dezembro,<sup>525</sup> Vargas enviou longa carta a Aranha dizendo sobre suas atitudes frente a Inglaterra, no sentido de buscar mostrar que o Brasil não estava a favor da Itália, mas, simplesmente, aderindo à posição dos EUA de não condenar, nem aprovar a invasão da Etiópia. Portanto, o presidente contornou a posição mais assertiva que Macedo buscara dar.<sup>526</sup> Assim findaram as divergências sobre a questão da invasão italiana na Etiópia.

No fim de 1935, mais um episódio chama a atenção. Vargas enviou a Aranha uma carta de Rosalina Lisboa e recortes de jornal. Eram uma reportagem de jornais de Buenos Aires muito hostis ao governo brasileiro e que foram republicadas no New York Times. Vargas, então, pediu a Aranha para descobrir quem publicou a reportagem, investigar todos que estariam por trás desses esforços e buscar combater essas ações. Mais uma vez,

---

<sup>522</sup> Idem, p. 6-9.

<sup>523</sup> MUSSOLINI, Benito. [Correspondência] Destinatário: José Carlos Macedo Soares. Genebra, 10 dez. 1935. Carta solicitando transmitir a Getúlio Vargas informações sobre a presença de elementos, subvencionados pela União Soviética, na Sociedade das Nações e os ataques feitos por estes elementos ao Brasil, através do "*Journal des Nations*", órgão oficioso da Sociedade das Nações. (GV c 1935.12.10/2). (Vol. XX/56).

<sup>524</sup> Idem, p. 2.

<sup>525</sup> PINTO, João. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 11 dez. 1935. Carta felicitando-o pela atitude enérgica adotada na repressão ao movimento comunista e comentando a política do Gabinete Laval, na França. (GV c 1935.12.11/1). (Vol. XX/58).

<sup>526</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 14 dez. 1935. Carta relatando o levante comunista em Recife, Natal e Rio de Janeiro e sua conversa com o Embaixador inglês sobre as relações do Brasil com a Itália, posição face a Guerra Ítalo-etíope e a Liga das nações. (GV c 1935.12.14). (Vol. XX/60), p. 10.

o presidente cruzava as ações confidenciais de Rosalina com as de Aranha.<sup>527</sup> A troca de informações entre Vargas, Aranha e Rosalina sobre os “bastidores” da política externa platina continuou em outras cartas,<sup>528</sup> identificando jornalistas<sup>529</sup> que trabalhavam pela Argentina nos EUA, combatendo-os e elaborando um plano de propaganda confidencial junto ao New York Times sobre o Brasil.<sup>530</sup> Vale a pena chamar a atenção dessas movimentações para ilustrar sobre como o presidente gestava seu sistema de informantes.

Antes de terminar 1935, vale ressaltar a importância das correspondências que Vargas enviou a Aranha nesse ano. Nelas, explicou seus planos de política externa ao embaixador. Para Vargas, seu objetivo principal era se aproximar dos EUA, sobretudo, devido às pressões que o crescimento argentino lhe parecia fazer. Contudo, deixou também claro que não poderia abandonar a estratégia de diversificação do comércio brasileiro, valendo-se do mercado europeu.<sup>531</sup> Não se encontra nenhuma tendência “germanófila” nos planos do presidente. O que é possível identificar é o mesmo senso pragmático que adotou de quanto buscou reatar relações com a União Soviética, ou seja, o objetivo era o de expandir as relações do Brasil. Nessa investida, contornos ideológicos importavam muito pouco.

Também vale a observação de que em 20 de julho, Vargas nomeou Luís Fernandes Vergara como seu secretário da presidência,<sup>532</sup> então seu oficial de gabinete. A partir dessa data, Vergara tornou-se uma “rotatória de informantes”. Colheu e filtrou as

---

<sup>527</sup> Idem, p. 11.

<sup>528</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 18 dez. 1935. Carta solicitando dados e publicações sobre o Brasil para divulgação nos Estados Unidos. (GV c 1935.12.18/2). (Vol. XX/65).

<sup>529</sup> ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Correspondência: Getúlio Vargas. Washington, 10 fev. 1936. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas solicitando informações a fim de tomar providências contra o "New York Times", cujo correspondente em Buenos Aires tem criticado violentamente o Governo do Brasil e de outros países da América do Sul. (GV c 1936.02.10/2). (Vol. XXI/48).

<sup>530</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington GV c 1936.01.07. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando seu encontro com elementos da imprensa americana e tratando da questão naval e dos congelados comerciais. Washington (Vol. XXI/7).

<sup>531</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Petrópolis, 4 fev. 1935. Cartas abordando as seguintes questões: tratado comercial com os Estados Unidos; situação do Brasil no mercado de câmbios; nomeação de adido naval; viagem de uma comissão de militares aos Estados Unidos e assuntos familiares. (LV c 1935.02.04).

<sup>532</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Rio de Janeiro, 20 jul. 1935. Bilhete autorizando sua contratação para o cargo de secretário da presidência. (LV c 1935.07.20).

informações de diplomatas como João Pinto da Silva,<sup>533</sup> que enviava suas confidências da Itália, de Paulo Silveira,<sup>534</sup> em Berna e, principalmente, muitas cartas de Raul Bopp,<sup>535</sup> que atuou na Austrália<sup>536</sup> e no Japão,<sup>537</sup> firmando missões comerciais combinadas diretamente entre Vargas, ele e Vergara. Com Vergara como secretário, portanto, o sistema de informantes do presidente expandiu-se pronunciadamente para a Ásia. A atuação entre Bopp, Vergara e Vargas construiu um conjunto de informações sobre o comércio entre Brasil e Japão que merecem ser investigadas em pesquisas vindouras.<sup>538</sup>

#### 4.3 José Carlos de Macedo Soares deixa o ministério

Macedo continuou buscando aumentar sua autoridade frente à de Aranha. No dia 02 de janeiro,<sup>539</sup> Vargas escreveu ao seu amigo embaixador que recebera de Soares a proposta dos EUA de iniciar um novo programa naval junto ao Brasil. O ministro disse que foi direto a Roosevelt com a proposta, pois “contava com grande prestígio em Washington” e acreditava que, por isso, tudo estava sendo tratado diretamente com ele. Vargas, desconfiado, escreveu a Aranha pedindo para averiguar o que estava acontecendo, pois, em sua opinião, independentemente de qualquer prestígio, o Ministro

---

<sup>533</sup> SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Paris, 31 out. 1935. Cartas encaminhando dois trabalhos de sua autoria sobre as relações comerciais franco-brasileiras e a crise no Gabinete Laval, enviando diversas publicações francesas e agradecendo a indicação do seu nome para diretor do Escritório de Propaganda do Brasil, a ser criado em Paris. (LV c 1935.10.31).

<sup>534</sup> SILVEIRA, Paulo Matias de Assis. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berna, 29 nov. 1935. Carta de Paulo Matias de Assis Silveira a Getúlio Vargas solidarizando-se pela atitude enérgica com que reprimiu o levante comunista. (LV c 1935.11.29).

<sup>535</sup> Atuou como jornalista e diplomata entre 1924 e 1973, auxiliou Vargas na construção da propaganda, na imprensa asiática, sobre os produtos brasileiros enquanto diplomata no Japão, onde ficou até 1938. Lá, fundou o periódico *Correio da Ásia*. Disponível em: Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p.34. [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1936.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1936.pdf) Acessado em 17/11/2022 às 16:06

<sup>536</sup> BOPP, Raul. [Correspondência]. Sidney, 1935/1938. Carta informando sobre as possibilidades de colocação dos produtos brasileiros nos mercados da Austrália e Nova Zelândia. Analisa particularmente a situação do café. (LV c 1935/1938.00.00/1).

<sup>537</sup> BOPP, Raul. [Correspondência]. Destinatário: Adolfo Alencastro Guimarães. Yokohama, 1935/1938. Carta descrevendo o Japão de forma elogiosa e criticando a conduta discriminatória contra os japoneses, existente hoje no Brasil. (LV c 1935/1938.00.00/2).

<sup>538</sup> BOPP, Raul. [Correspondência]. Destinatário: Adolfo Alencastro Guimarães. Yokohama, 1935/1938. Carta descrevendo o Japão de forma elogiosa e criticando a conduta discriminatória contra os japoneses, existente hoje no Brasil. (LV c 1935/1938.00.00/2).

<sup>539</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 2 jan. 1936. Carta informando que Flores da Cunha está negociando um acordo com a oposição gaúcha, comunicando que vai providenciar as publicações solicitadas para a Embaixada, tratando da substituição do adido naval e de outros assuntos diplomáticos e políticos. (GV c 1936.01.02). (Vol. XXI/3).

não poderia contornar o embaixador, pois estava também, assim, contornando a autoridade do presidente.<sup>540</sup>

O que se vê, contudo, é que se Vargas criticava Soares por contornar a autoridade de Aranha nos EUA, ele também deu prosseguimento às investidas de seu ministro que buscavam fazer exatamente isso. Soares trocou cartas com o presidente tratando a possível compra de 10 navios cruzadores dos EUA, sem qualquer participação de Aranha, tendo o embaixador dos EUA no Brasil, Hugh Gibson como intermediário. Soares<sup>541</sup> recomendou que Vargas fosse direto a Roosevelt para que ele autorizasse a compra dos navios e foi isso que o presidente fez. Macedo escreveu a carta que iria direto a Roosevelt. Getúlio, no entanto, não a enviou diretamente. Pediu que seu secretário, Luís Vergara, incluísse nela os feitos de Oswaldo Aranha na busca pela negociação, criticando que Soares buscava retirar o nome de Aranha do processo. Vargas também pediu ao secretário que tirasse “expressões muito colegiais e excessivo viço” na linguagem de Soares.<sup>542</sup>

Aranha, porém, continuou suas críticas às investidas de Macedo. Segundo ele, era “absolutamente falso” que o Ministro recebera respostas diretas de Washington sobre as possibilidades de compra dos cruzadores. Aranha pediu cuidado de Vargas para com Macedo, que estava, para o embaixador, em busca por prestígio sem lastro na realidade.<sup>543</sup> No dia 14 de janeiro de 1936, Aranha enviou telegrama confidencial a Vargas dizendo que Washington, oficialmente, decidira tratar das negociações de armamentos navais

---

<sup>540</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 2 jan. 1936. Carta informando que Flores da Cunha está negociando um acordo com a oposição gaúcha, comunicando que vai providenciar as publicações solicitadas para a Embaixada, tratando da substituição do adido naval e de outros assuntos diplomáticos e políticos. (GV c 1936.01.02). (Vol. XXI/3).

<sup>541</sup> SOARES, Macedo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 8 jan. 1936. Carta informando que o Embaixador dos Estados Unidos se manifestou contrário à sugestão do adido naval brasileiro em relação a aquisição dos cruzadores americanos. (GV c 1936.01.08/1). (Vol. XXI/8).

<sup>542</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Franklin Roosevelt. Rio de Janeiro, 8 jan. 1936. Carta ressaltando que o Tratado Comercial Brasil-Estados Unidos dever ser considerado como uma etapa do relacionamento político e comercial crescendo entre os dois países. (GV c 1936.01.08/2). (Vol. XXI/9).

<sup>543</sup> ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 jan. 1936. Telegrama comunicando que a questão naval está sendo encaminhada de maneira favorável ao Brasil e que as informações sobre uma nova proposta são falsas. (GV c 1936.01.10). (Vol. XXI/11).

entre ele e Vargas diretamente, não valendo-se de Macedo e da embaixada no Brasil a partir dali.<sup>544</sup>

Em 27 de janeiro, Aranha trazia boas-novas: os EUA aceitavam negociações secretas para a venda de cruzadores ao Brasil desde que fosse mantido o mais severo sigilo sobre tudo, pois seu grande receio eram as pressões que viriam da Argentina e da Europa. Washington informou que seria “obrigado a desmentir tudo” caso qualquer indício de negociação viesse a público.<sup>545</sup> Vargas respondeu estabelecendo que enviaria a carta de Macedo a Roosevelt, mas faria questão de que a figura de Aranha fosse a condutora do processo, e não a de Soares. Combinou com Aranha que a estratégia era dizer a Washington, da maneira mais polida possível, que os EUA precisavam do Brasil, usando a vantagem da geografia brasileira para construção de bases navais como um dos principais argumentos.<sup>546</sup>

Macedo não baixou a guarda. Segundo Aranha, ele continuava buscando tomar frente das negociações, criando duas vias de comunicação com Washington. Disse o embaixador ao presidente: “não posso ser imparcial quanto ao Itamaraty, nem um autômato. Nosso chanceler pretende tomar a minha posição, acreditando, erradamente, que com isso irá crescer” (ARANHA, 1936)<sup>547</sup>. Além disso, desabafou que tinha receio de que se Soares<sup>548</sup> não tomasse a frente das negociações, poderia, de alguma forma,

---

<sup>544</sup>ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 14 jan. 1936. Telegrama informando que o Departamento de Estado prefere tratar da questão naval com a Embaixada brasileira em Washington. (GV c 1936.01.14). (Vol. XXI/16).

<sup>545</sup>ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 27 jan. 1936. Telegrama informando que o Governo americano aceitou a proposta brasileira de aquisição de um cruzador. (GV c 1936.01.27/2). (Vol. XXI/27).

<sup>546</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 7 fev. 1936. Carta informando que enviará carta ao Presidente Roosevelt sobre a questão naval e sobre a possibilidade de transferência de Ciro de Freitas Vale para a Bolívia. (GV c 1936.02.07). (Vol. XXI/42), p.2.

<sup>547</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 18 fev. 1936. Cartas criticando a atitude do Ministro das Relações Exteriores, Macedo Soares, e do Embaixador dos Estados Unidos, Hugh Gibson, no caso da aquisição dos cruzadores americanos para renovação da esquadra brasileira. (GV c 1936.02.18). (Vol. XXI/55 e 56).

<sup>548</sup> Em março, Aranha disse que descobriu que Macedo estava fazendo movimentos para tornar públicas as negociações sobre armamento naval, para esvaziar sua autoridade como embaixador: ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 6 mar. 1936. Carta comentando os efeitos positivos dos contatos de Valentim Bouça com os meios comerciais e oficiais dos Estados Unidos e a importância da ida de uma missão americana, apoiada pelo Departamento do Estado do Brasil. Refere-se também à solução favorável ao caso dos congelados. (GV c 1936.03.06/3). (Vol. XXI/63), p. 6.



deixar o caso vazar ao público.<sup>549</sup> Aranha concluiu que Soares estava dando informações falsas a Vargas e agindo de maneira equivocada, pois "tem referido a este assunto em palestras, de forma pejorativa a mim e a esta embaixada, tornando-o público até para os jornais" (ARANHA, 1936, p.12)<sup>550</sup>. Sugeriu que o presidente inspecionasse o que estava acontecendo com a diplomacia de outros países, pois o ministro poderia estar tomando frente de outros temas sem a ciência completa do presidente.<sup>551</sup> Aranha tinha certeza de que Macedo estava dando publicidade, secretamente, aos acordos militares, para minar os esforços combinados entre Getúlio e o embaixador.<sup>552</sup>

Vargas respondeu Aranha, pedindo que ficasse tranquilo, pois estava contornando Macedo, por exemplo, estava valendo-se de Sebastião Sampaio<sup>553</sup> e Mário Pimentel Brandão<sup>554</sup> para conduzir negociações comerciais com a França.<sup>555</sup> Vale dizer que Aranha auxiliou Vargas a estabelecer os termos desse acordo, mais uma vez, indo além das relações Brasil-EUA em suas tratativas diretas com o presidente.<sup>556</sup> Nesse sentido, ele

---

<sup>549</sup>ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 13 fev. 1936. Telegrama criticando a falta de exatidão e de discrição em relação ao que se pública no Brasil sobre a questão naval. (GV c 1936.02.13). (Vol. XXI/50).

<sup>550</sup> Idem, p. 12.

<sup>551</sup> Idem, p. 13.

<sup>552</sup> Idem.

<sup>553</sup> Começou sua carreira no Itamaraty como adido comercial em 1918. Em 1931, tornou-se chefe dos Serviços Econômicos e Comerciais e, em 1934, passou a ser representante do Ministro do Exterior no Conselho Federal do Comércio Exterior. Em 35, atuou no ajuste de acordos comerciais do Brasil com países europeus. Em: Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p.222. Disponível em Disponível em [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1936.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1936.pdf) Acessado em 17/11/2022 às 10:01.

<sup>554</sup> Ingressou na carreira diplomática em 1913 como adido comercial, chegou a Secretário Geral do Ministério das Relações Exteriores em 1934. Assumiu como ministro interino das relações exteriores com a demissão de Macedo Soares, entre 28 de novembro e 31 de dezembro de 1936. Em: Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p.93. Disponível em Disponível em [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1936.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1936.pdf) Acessado em 17/11/2022 às 10:01.

<sup>555</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Petrópolis, 27 fev. 1936. Carta reafirmando sua autoridade para tratar, nos Estados Unidos, da questão da renovação de esquadra e informando sobre entendimentos na França para assinatura de um acordo adicional ao tratado comercial com este país. (GV c 1936.02.27). (Vol. XXI/60).

<sup>556</sup>ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 6 mar. 1936. Telegramas sobre o tratado comercial entre os Estados Unidos e a França e sugerindo troca de notas entre os Governo brasileiro e americano a respeito da adoção da cláusula da nação mais favorecida, constante do Tratado de 1934 entre o Brasil e os Estados Unidos. (GV c 1936.03.06/2). (Vol. 62 e 78).

também auxiliou Vargas a conduzir um esforço de renovação dos quadros de representação exterior do Itamaraty.<sup>557</sup>

As denúncias de Aranha de que Soares estava distante, não respondia telegramas, tratava mal o embaixador brasileiro<sup>558</sup> e fazia publicar assuntos delicados que o atrapalhavam trabalhar, continuaram<sup>559</sup>, mas ele garantiu a Vargas que a compra dos cruzadores era certa: “o próprio Roosevelt está interessado em que tenhamos dois cruzadores novos”.<sup>560</sup>

Apesar de Vargas buscar apaziguar os ânimos entre Soares e Aranha,<sup>561</sup> o embaixador continuava preocupado. Para ele, as posições de Macedo Soares, quanto à Itália, somadas às “atitudes do embaixador brasileiro na Itália”, estavam construindo uma imagem de associação entre Vargas e Mussolini. Pediu que Vargas cuidasse disso, investindo mais nos termos de seu discurso sobre “não alinhamento com doutrinas exóticas”.<sup>562</sup> Nessa mesma carta, disse que Summer Welles mostrou a ele documentos sobre a política externa da Alemanha, que atestavam que seus planos eram de desenvolver

---

<sup>557</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 mar. 1936. Carta enviando discurso proferido na Câmara de Comércio, informando sobre futuros contatos com a Colômbia e Argentina para tratar de assuntos relacionados à defesa do café e do mate e sobre a necessidade de uma reforma no corpo diplomático brasileiro. (GV c 1936.03.10/4). (Vol. XXI/68), p. 7.

<sup>558</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 15 abr. 1936. Carta sobre a situação política do Brasil, a compra dos navios americanos e a conferência do Pacto de Segurança, em Buenos Aires. (GV c 1936.04.15/1). (Vol. XXII/21), p. 6.

<sup>559</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 30 mar. 1936. Carta comentando a chegada de Darci Vargas aos Estados Unidos, a conferência do Pacto Interamericano de Segurança Coletiva em Buenos Aires e o movimento nos estados do Norte, em torno do seu nome para Sucessão Presidencial. Informa ainda a respeito do escritório comercial em Nova York e compra de navios aos Estados Unidos. (GV c 1936.03.30). (Vol. XXI/82).

<sup>560</sup> Idem, p.10-12.

Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando a chegada de Darci Vargas aos Estados Unidos, a conferência do Pacto Interamericano de Segurança Coletiva em Buenos Aires e o movimento nos estados do Norte, em torno do seu nome para Sucessão Presidencial. Informa ainda a respeito do escritório comercial em Nova York e compra de navios aos Estados Unidos. Washington (Vol. XXI/82).

<sup>561</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 15 mai. 1936. Carta sobre a compra dos navios americanos, a Conferência de Paz, em Buenos Aires, e informando a respeito do projeto, em andamento, criando o Instituto de Resseguro e nacionalizando as empresas de seguro. (GV c 1936.05.12/1). (Vol. XXII/42).

<sup>562</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 15 mai. 1936. Carta informando sobre o trabalho desenvolvido pelos comunistas americanos contra o Governo brasileiro, alertando contra os perigos da política colonial alemã e italiana, e comunicando que está elaborando, junto com o Governo americano, uma solução para os problemas da navegação em geral, inclusive o caso de Lloyd. (GV c 1936.05.12/2). (Vol. XXII/43).

o colonialismo em países como o Brasil. Disse que os EUA viam o Itamaraty apoiando a Itália e isso fez com que Roosevelt buscasse alertar Vargas para a necessidade de afastar-se de Mussolini, bem como iniciar ampla nacionalização de alemães e italianos.<sup>563</sup>

Vargas estava ficando ansioso. Pediu a Aranha para que os cruzadores fossem liberados ainda em 1936, pois os militares temiam um contexto de guerra internacional. Aranha (1936, p.8) respondeu que "o Itamaraty atrapalhou enormemente o desenvolvimento desse assunto com a publicidade" que Macedo acabara fazendo e Washington estava parando de cooperar.<sup>564</sup> Vargas tentou agir. Disse ter conversado com Soares para nada deixar vazar sobre negociações de armas com Washington, mas que não adiantava. Sabia, por fontes confidenciais, que Soares continuava dando publicidade ao seu relacionamento com Washington.<sup>565</sup> Aranha continuou aconselhando: "precisas conter o Itamaraty",<sup>566</sup> pois ele tinha informações de que o Ministro Soares buscava ser ouvido diretamente por Roosevelt em novas negociações sobre conferências pacifistas entre países americanos. Sobre Soares, ainda escreveu: "há grandes riscos se dermos asas aos nossos pavões" (ARANHA, 1936, p.5).<sup>567</sup>

Então, em 25 de junho de 1936, veio um grande baque.<sup>568</sup> Os EUA simplesmente desistiram de qualquer programa secreto de vendas de cruzadores ao Brasil. Os EUA estariam focados em fornecer navios para a Europa e a atender a demanda interna.<sup>569</sup> Vargas disse que havia controlado os planos de generais e ministros quanto à compra de

---

<sup>563</sup> Idem p. 4.

<sup>564</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 15 mai. 1936. Carta informando sobre o trabalho desenvolvido pelos comunistas americanos contra o Governo brasileiro, alertando contra os perigos da política colonial alemã e italiana, e comunicando que está elaborando, junto com o Governo americano, uma solução para os problemas da navegação em geral, inclusive o caso de Lloyd. (GV c 1936.05.12/2). (Vol. XXII/43). p.8.

<sup>565</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 28 mai. 1936. Carta informando que recomendou, ao Ministro do Exterior, maior reserva em relação aos assuntos tratados com a Embaixada em Washington e comentando as manifestações comunistas contra o Governo brasileiro, em virtude da prisão de Prestes. (GV c 1936.05.28). (Vol. XXII/55).

<sup>566</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Washington, 24 jun. 1936. Carta sobre a campanha Presidencial nos Estados Unidos, relatando particularmente, a convenção do Partido Republicano em Cleveland, e a conferência Interamericana da Paz, em Buenos Aires. (GV c 1936.06.24). (Vol. XXII/73).

<sup>567</sup> Idem, p. 5.

<sup>568</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 25 jun. 1936. Carta lamentando o fracasso das negociações sobre os cruzadores. (GV c 1936.06.25). (Vol. XXIII/74).

<sup>569</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque. Jun. 1936. Carta encaminhando carta de Sumner Wells sobre a compra dos cruzadores americanos pelo Governo brasileiro. (GV c 1936.06.00/2). (Vol. XXII/69).

navios da Itália e Alemanha justamente devido às altas promessas feitas por Washington. Sentia-se muito frustrado. Os EUA apenas disseram que podiam oferecer o financiamento para construção de cruzadores no próprio território do Brasil, mas Vargas disse estar sem esperança, além disso, afirmou que passaria a ser muito difícil impedir novas investidas junto à Alemanha e à Itália após o episódio, pois os militares ficaram muito incomodados,<sup>570</sup> principalmente, porque se sabia que a Argentina estava fortalecendo suas frotas silenciosamente. Vargas disse que dava razão às suspeitas de Macedo Soares.<sup>571</sup> Isso deixou Aranha incomodado, que passou, então, a buscar alternativas.<sup>572</sup>

Reagindo, Aranha enviou cartas buscando provar que o Brasil deveria comprar *destroyers*, e não cruzadores.<sup>573</sup> Seriam navios mais leves e exclusivos para a guerra. Os EUA estavam oferecendo o arrendamento de seis *destroyers*, mas aconselhou: “nada faça pelo Itamaraty”,<sup>574</sup> pois a indiscrição e falta de critério. Alertou que um dos verdadeiros motivos para os EUA terem desistido de vender os cruzadores era de que a Argentina havia descoberto as negociações secretas com o EUA. Por isso, a única chance de comprar os *destroyers* era manter toda a negociação apenas entre Aranha, Vargas e Summer

---

<sup>570</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 25 jun. 1936. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha lamentando o fracasso das negociações sobre os cruzadores. (GV c 1936.06.25). (Vol. XXIII/74), p. 2.

<sup>571</sup>Mais tarde, após a reação de Aranha em busca de uma solução, muito incomodado por Vargas dizer ter “dado razão a Soares”, o próprio presidente escreveu reinterpretando suas palavras, após a novidade de o Brasil poder arrendar *destroyers*. Em: ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 29 jul. 1936. Carta encaminhando documento político e pedindo esclarecimentos sobre o mesmo. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas esclarecendo sobre a atitude enérgica do governo face a infiltração comunista e a sucessão presidencial. (GV c 1936.07.29/3). (Vol. XXIII/37 e 45). Com essa ação, julgo que Vargas jogou com os interesses de Macedo e Aranha. Buscava não se mostrar ao lado de nenhum dos dois, mas sim usar a rivalidade entre eles, para incentivar a ação. No caso de Aranha, que essa não fosse uma estratégia deliberada, deu certo. Afinal, Aranha passou a buscar energicamente uma solução, após o presidente dizer que parecia que Macedo Soares estava certo sobre as desconfias sobre os EUA.

<sup>572</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 8 jul. 1936. Carta justificando o fracasso das negociações para compra dos cruzadores americanos e enviando carta do Presidente Roosevelt sobre o assunto. Em Anexo, resposta de Getúlio Vargas a Franklin Roosevelt comunicando que aguarda a contraproposta do Governo dos Estados Unidos em relação à aquisição de navios americanos pelo Brasil. (GV c 1936.07.08/4). (Vol. XXIII/18, 11 e 43).

<sup>573</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 19 jul. 1936. Correspondência entre Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas sobre a colaboração americana ao Programa Naval Brasileiro e confirmando a possibilidade de arrendamento, por seis meses, de *destroyers* ao Brasil. (GV c 1936.07.19). (Vol. XXIII/27, 29a, 29b, 30, 32a, 32b, 38).

<sup>574</sup>Idem, p.6.

Welles, isolando Macedo e a própria marinha do Brasil, para evitar espionagens.<sup>575</sup> Logo, a esperança do presidente para com os EUA estava renovada com a ideia dos *destroyers*.

Nesse meio tempo, os EUA reclamaram diretamente com Vargas por ter-se fechado acordo com Alemanha, Itália e Suíça. Aranha disse saber que a tentativa de fazer o Brasil se aproximar mais da Alemanha e Itália e se afastar dos EUA era do próprio Macedo Soares, que defendia os acordos compensados. Mais uma vez, pediu que Vargas contivesse o ministro.<sup>576</sup>

A rivalidade se acirrava. Em 12 de agosto, estava negociando-se um pacto de segurança coletiva para os países americanos. Washington reclamou que recebeu dois projetos, um de Aranha e Vargas, que vinha sendo negociado confidencialmente, e outro de Soares, negociado junto a Hugh Gibson, embaixador dos EUA no Brasil. Aranha estava enfurecido.

No mesmo dia 12, escreveu a Vargas uma carta longa, dizendo que vinha cuidando "carinhosamente" do projeto de pacto de segurança para a Conferência de Buenos Aires. Recebeu do Itamaraty, então, projeto "excessivo e confuso" já com a ordem de imediatamente apresentá-lo ao Conselho da União Pan-americana. A situação apenas resolveu-se,<sup>577</sup> com a aceitação do plano de Aranha, pois Summer Welles confidenciou a Aranha que não confiava nas investidas de Hugh Gibson e que tudo fosse tratado diretamente com Vargas.<sup>578</sup>

Em nova investida, Macedo pediu a Vargas que o Brasil declarasse neutralidade diante da guerra civil espanhola, que se desenvolvia naquele momento. Vargas escreveu a Aranha que era contra declarar a neutralidade, pois o ideal era simplesmente nada declarar. O Brasil não podia se envolver em conflitos europeus, para o presidente, mas

---

<sup>575</sup> Idem, p.6.

<sup>576</sup> ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 22 jul. 1963. Telegrama informando que o Governo americano pretende denunciar o tratado comercial com o Brasil, em virtude dos acordos estabelecidos entre este país e a Alemanha, Itália e Suíça. (GV c 1936.07.22/1). (Vol. XXIII/30a.).

<sup>577</sup> ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 24 ago. 1936. Telegrama defendendo o texto do projeto do "Pacto de Segurança Coletiva" aceito pelo Governo Americano. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas. (GV c 1936.08.24). (Vol. XXIII/55a e 55b).

<sup>578</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 ago. 1936. Correspondência expondo a situação da Embaixada em relação ao Governo americano face às constantes indiscrições do Itamaraty, e tratando, particularmente, da atitude do Ministro das Relações Exteriores no caso do Projeto de "Pacto de Segurança Coletiva" a ser apresentado na conferência de Buenos Aires. (GV c 1936.08.10). (Vol. XXIII/46c e 48).

pediu a Aranha que investigasse a posição dos EUA. Vargas fez críticas às insistências de Macedo, mas assegurou Aranha que continuaria contornando o ministro.<sup>579</sup>

A partir desse ponto, o próprio Vargas passou a ser mais crítico a Soares, demonstrando apenas tolerar a presença do ministro, mas buscar sempre contornar suas atitudes, isolando-o ainda mais.<sup>580</sup> Até mesmo a escolha de funcionários de baixa hierarquia Aranha buscava fazer junto a Vargas, contornando o Itamaraty.<sup>581</sup> Em 8 de dezembro de 1936, por exemplo, o presidente pediu que Aranha não se ausentasse da Conferência Interamericana para o Pacto de Segurança Coletiva, em suas palavras, “por precaução contra as possíveis traquinices do chefe da delegação”, referindo-se a Soares.<sup>582</sup>

Soares reagiu. Escreveu a Aranha dizendo que precisava melhorar suas relações com o embaixador, mas o principal problema a se superar era o de que Aranha apresentava objetivos diferentes para com ele, em relação àqueles que combinava com Vargas. Na carta, vê-se que Soares sabia e se incomodava com as relações confidenciais que o embaixador mantinha com o presidente.<sup>583</sup> De nada adiantou. Aranha enviou as cartas de Macedo diretamente a Vargas, continuando suas críticas ao Ministro.<sup>584</sup>

Na Conferência Interamericana para o Pacto de Segurança Coletiva, em dezembro, Soares e Aranha encontraram-se pessoalmente. Soares buscou se aproximar do embaixador. Chamou-o reservadamente e disse que confiava muito em sua opinião.

<sup>579</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 17 ago. 1936. Carta informando que enviará Marques dos Reis, como representante especial do Brasil na conferência mundial de energia, e que aguarda notícias sobre o caso dos navios. (GV c 1936.08.17/1). (Vol. XXIII/52).

<sup>580</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 4 set. 1936. Carta comunicando que ainda não foi informado, pelo Itamaraty, sobre o projeto do Pacto de Segurança Coletiva. (GV c 1936.09.04/2). (Vol. XXIII/66).

<sup>581</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 12 set. 1936. Carta sobre os resultados da visita de Marques dos Reis aos Estados Unidos, como representante do Brasil na Conferência Mundial de Energia, informando sobre os contatos realizados com os embaixadores da Argentina e do México e a respeito do Pacto de Segurança Coletiva e solicitando apoio para o professor Rodolfo von Ihering, chefe de "Comissão de Piscicultura do Nordeste", possa concluir alguns trabalhos nos Estados Unidos. (GV c 1936.09.12). (Vol. XXIII/67), p. 8.

<sup>582</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 8 dez. 1936. Carta expondo os motivos da exoneração do Ministro da Guerra. (GV c 1936.12.08). (Vol. XXIV/84a), p.2.

<sup>583</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 13 out. 1936. Carta informando sobre o andamento das negociações relativas ao arrendamento dos destroyers ao Brasil, comentando a estadia de Marques dos Reis nos Estados Unidos e comunicando a passagem pelo Brasil, com destino a Buenos Aires, dos embaixadores da Argentina e do México nos Estados Unidos. (GV c 1936.10.13).

<sup>584</sup> Idem, p.5.

Queria lhe dizer que seus planos eram de ser o futuro presidente do Brasil e precisava saber se Aranha o apoiaria.<sup>585</sup> Aranha enviou tudo a Vargas e, segundo suas cartas, respondeu a Soares que o único próximo presidente do Brasil que ele apoiaria era Getúlio Vargas.

Pelas cartas de Aranha, é apenas possível saber a versão dele próprio, mas o episódio é importante para conhecer-se mais sobre os jogos de interesses entre estes atores. Pelas cartas, também pode-se saber que Rosalina<sup>586</sup> esteve na conferência e atuou junto a Aranha para acompanhar de perto os passos de Macedo Soares e reportá-los diretamente a Vargas.<sup>587</sup> Também é possível identificar que as cartas vinham “de um portador secreto”, como explicou Aranha, que chegava a Alzira Vargas, filha do presidente, e apenas depois, ao próprio presidente.<sup>588</sup>

Após a conferência, já em 21 de dezembro, Macedo Soares escreveu a Vargas, dizendo que não pretendia ser candidato a presidente e estaria ao lado de Getúlio contra a candidatura do paulista Armando Salles, que se seria o candidato de São Paulo à presidência. Disse também que estaria disposto a combinar sua demissão como Ministro das Relações Exteriores, caso fosse preciso para “assustar São Paulo”.<sup>589</sup> Vê-se, portanto, que, de alguma forma, Vargas conseguiu manter a fidelidade de Soares. O tempo todo,

---

<sup>585</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 2 dez. 1936. Correspondência sobre a inauguração da Conferência do Pacto Interamericano de Segurança Coletiva, em Buenos Aires abordando os seguintes pontos: discurso do Presidente Justo criticando a ideia do Pacto Continental; notícias sobre os debates travados em torno dos projetos para manutenção da paz e sobre a neutralidade; e dificuldades criadas pelo Ministro das Relações Exteriores da Argentina, Saavedra Lamas, para concretização dos objetivos da Conferência. Inclui ainda referência ao caso do Chaco. (GV c 1936.12.02/2).

<sup>586</sup>Aranha elogiou muito a atuação de Rosalina em cartas a Vargas, dizendo que ela tinha “verdadeiras atitudes masculinas”, querendo dizer que agira como um homem, por falar bem e argumentar bem a favor do Brasil, em: ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 11 dez. 1936. Carta comunicando os seus planos de volta da Argentina pelo Rio Grande do Sul, solicitando instruções para possível encontro com Flores da Cunha e informando sobre o andamento dos trabalhos na Conferência de Buenos Aires, a atitude hostil de Saavedra Lamas e os resultados obtidos pelo Brasil, com a assinatura dos Pactos de Segurança Coletiva e de neutralidade. (GV c 1936.12.11), p. 15.

<sup>587</sup> Idem, p. 4.

<sup>588</sup> Idem.

<sup>589</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 19 dez. 1936. Correspondência sobre articulações entre Flores da Cunha e o PRP visando a sucessão Presidencial. Inclui informações sobre o encontro de Armando Sales com Getúlio Vargas onde o primeiro assegurou sua lealdade ao Governo Federal; o encontro de Oswaldo Aranha com Darcy Azambuja onde foram discutidos os contatos de Flores da Cunha com Euclides Figueiredo e Eduardo Gomes; e “démarches” para encontro entre Flores e Aranha. Inclui ainda referência sobre a Conferência do Pacto de Segurança Coletiva, em Buenos Aires. (GV c 1936.12.19), p. 15.

manter Soares como ministro foi também fundamental para o equilíbrio de poderes da política interna de Getúlio Vargas.

Ressalto que, enquanto isso ocorria, Vargas continuava valendo-se de contatos diretos na Europa para bem se informar sobre a política. Impressiona a quantidade de informantes que ele mantinha em paralelo às relações entre Aranha e Soares que acabei de descrever. Gondim da Fonseca, por exemplo, em 16 de setembro de 1936, fez longo relato de seus oito anos na Europa, dizendo que buscava responder diretamente ao presidente “a pergunta que não quer calar”<sup>590</sup> se iria ou não se iniciar uma nova guerra mundial. A carta de Fonseca permite concluir que ele já se comunicava com Vargas há bom tempo. Para ele, a guerra iniciaria a qualquer momento e seria “uma guerra entre o nacional-socialismo e o comunismo”. Disse que fez detalhados estudos sobre o que era o comunismo e o fascismo e iria repassar tudo pessoalmente ao presidente.<sup>591</sup>

Vargas também intensificou suas conversas com João Pereira Machado, militar em Berlim. Ele escrevia a Vargas, mas as cartas eram enviadas a Alzira, filha do presidente, como maneira de fazer chegar a Getúlio sem ser interceptada. Machado escrevia de maneira informal a Vargas, denotando proximidade. Enviava detalhes das negociações para a compra de armas e navios da Alemanha, e, a partir das frustrações que Vargas teve com o caso dos cruzadores dos EUA, Machado conduziu, confidencialmente, as pesquisas do presidente para a aquisição de equipamento alemão.<sup>592</sup> Machado também auxiliou o presidente a controlar o envio de armas a opositores do governo e a investigar as ações de Armando Salles de Oliveira e Flores da Cunha, contra Vargas na Europa.<sup>593</sup> As cartas a respeito dessa investigação também chegaram a Vargas por meio de Alzira,<sup>594</sup> estratégia já utilizada outras vezes, como demonstrei, para que se evitasse que chegassem diretamente ao presidente e gerasse alguma suspeita.

---

<sup>590</sup>FONSECA, Gondim da. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. GV c 1936.09.16. Carta de Gondim da Fonseca a Getúlio Vargas expondo, com detalhes, a situação da Europa às vésperas de uma guerra e defendendo a posição de neutralidade para o Brasil. Paris (Vol. XXIII/72), p. 6.

<sup>591</sup> Idem, p. 9.

<sup>592</sup>MACHADO, João Pereira. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 30 set. 1936. Carta sobre o seu discurso de 7 de setembro, ressaltando a semelhança entre as festividades do "dia da pátria" e a mística nazista, comentando a política armamentista da Argentina e a posição da Alemanha face às perspectivas de guerra e defendendo a necessidade da permanência de um adido naval brasileiro, na Europa. (GV c 1936.09.30/1). (Vol. XXIII/87).

<sup>593</sup>MACHADO, João Pereira. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 29 dez. 1936. Carta informando a respeito do embarque de material bélico alemão para alguns estados do Brasil, sobretudo São Paulo e Rio Grande, e sobre a presença em Hamburgo do embaixador A. Rouças e sua esposa. (GV c 1936.12.29/2).

<sup>594</sup> Idem.



Por fim, volto às relações entre Vargas e Macedo Soares. No dia 31 de dezembro, o irmão de José Carlos, José Eduardo Soares, enviou uma carta ao presidente em nome do ministro, dizendo que entendia que a campanha de Armando Salles contra Vargas era ilegítima e Soares, mesmo encontrando-se no Chile, queria colocar seu cargo à disposição de Vargas para desestabilizar os paulistas opositores. Pediu que o presidente não considerasse que seu irmão, José Carlos, era um opositor, nem candidato à presidência.<sup>595</sup> Porque José Carlos discordava dos paulistas que se opunham ao governo, ele não queria se indispor com o presidente, por isso, pedia demissão. Vargas aceitou o pedido. Terminava, assim, as relações de Soares enquanto ministro das Relações Exteriores. Analisando a seguir, as características da conduta de Soares à frente do seu ministério e como ela relacionou-se ao sistema de informantes do presidente.

#### 4.4 A atuação de Macedo Soares e os informantes do presidente

Desde 1929, é possível encontrar cartas entre Getúlio Vargas e José Carlos de Macedo Soares, em seu arquivo pessoal. O próprio Vargas é quem buscou se aproximar de Soares,<sup>596</sup> requisitando análises minuciosas sobre a política e a economia internacional. Vargas revelava seu interesse pelas relações internacionais e construía uma relação de amizade com Soares, ainda antes do Governo Provisório.<sup>597</sup> Eles discutiam sobre a crise de 1929, o sistema político internacional e a política interna.<sup>598</sup>

Ainda antes de ser ministro, na Conferência de Desarmamento de 1932 ao representar o Brasil, Soares pediu que o Itamaraty o permitisse visitar o papa em Roma em caráter privado.<sup>599</sup> Contudo, nessa visita privada, conseguiu trocar telegramas com o Ministro das Relações Exteriores da Itália, bem como com Mussolini.<sup>600</sup> Por meio dessas mensagens, conseguiu a garantia de que havia interesse da Itália nas possibilidades de

<sup>595</sup>SOARES, José Eduardo de Macedo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 31 dez. 1936. Cartas transmitindo pedido de demissão do Ministro das Relações Exteriores, José Carlos de Macedo Soares, em virtude de quebra de compromisso entre o Governo de São Paulo e o Governo Federal em torno da questão sucessória e solicitando que exija de Vicente Ráo, Ministro da Justiça, uma definição em relação ao problema. (GV c 1936.12.31/2).

<sup>596</sup>OBSERVAÇÕES DE MACEDO SOARES A VARGAS. AP TXT MS 153.01.001. 10 páginas. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

<sup>597</sup> OBSERVAÇÕES DE MACEDO SOARES A VARGAS. AP TXT MS 153.01.011. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares). p.1-8

<sup>598</sup> OBSERVAÇÕES DE MACEDO SOARES A VARGAS. AP TXT MS 153.01.011. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares. p.1-8

<sup>599</sup> Cx 7 242. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

<sup>600</sup> CONFERÊNCIA DE DESARMAMENTO. AP TXT MS 157.02.001. Cópia de Telegramas emitidos e recebidos pelo Ministério das Relações Exteriores na Conferência de Desarmamento. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

acordos comerciais com o Brasil, bem como para a cooperação militar naval. Ultrapassou a autoridade de Melo Franco e apenas quando conseguiu essas garantias, enviou carta confidencial a Franco,<sup>601</sup> pedindo instruções a respeito.

É possível perceber, portanto, que, ainda antes de ser ministro, Soares já apresentava o comportamento de tomar a liderança de movimentos diplomáticos sem a anuência direta de seus superiores. Também é possível encontrar, em seu arquivo pessoal, que ele, ainda na citada conferência de 1932, entrou em contato com Hugh Gibson,<sup>602</sup> com quem, como demonstrei, desenvolveu relações mais próximas enquanto ministro. Em 1932, buscou firmar, confidencialmente, junto aos EUA, “planos para encetar um grande tratado de paz”<sup>603</sup> com todos os países da América. A iniciativa foi do próprio Macedo, que, após já iniciada, foi aceita por Melo Franco em troca de cartas confidenciais.<sup>604</sup> Seus objetivos, em suas palavras, eram de “negociar um regime político de paz anormal à Ligas das Nações”, ou seja, criar um arcabouço paralelo à citada organização para a América.<sup>605</sup> Afrânio de Melo Franco chamou a atenção de Soares para que centralizasse as comunicações apenas pelo Itamaraty e que não levasse os planos adiante sem a autorização da Argentina, cortando as iniciativas do diplomata.<sup>606</sup>

Os acordos com a Itália ou o projeto de desarmamento para América de Macedo não prosseguiram, mas são importantes para que se possa notar um padrão no comportamento do futuro ministro, pois, como tal, ultrapassou, constantemente, a autoridade de Vargas e buscava contornar Oswaldo Aranha.

Não se pode dizer que Macedo foi economicamente ou politicamente um liberal.<sup>607</sup> Ao investigar os discursos que fez enquanto Ministro das Relações Exteriores, elogiou a

---

<sup>601</sup> CONFERÊNCIA DE DESARMAMENTO. AP TXT MS 157.02.001. Cópia de Telegramas emitidos e recebidos pelo Ministério das Relações Exteriores na Conferência de Desarmamento. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

<sup>602</sup> Cx 07 D. 110. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

<sup>603</sup> Cx 07 D. 102 15702001. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

<sup>604</sup> CONFERÊNCIA DE DESARMAMENTO. AP TXT MS 157.02.001. Cópia de Telegramas emitidos e recebidos pelo Ministério das Relações Exteriores na Conferência de Desarmamento. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares)

<sup>605</sup> Cx 07 D. 121 18. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

<sup>606</sup> CONFERÊNCIA DE DESARMAMENTO. AP TXT MS 157.02.001. Cópia de Telegramas emitidos e recebidos pelo Ministério das Relações Exteriores na Conferência de Desarmamento. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares.)

<sup>607</sup> Ao defender que o mundo vivia uma nova ordem, exclamou: “já não se pode mais contestar o conflito cada vez mais evidente entre os direitos que regem o Estado e os que protegem o indivíduo. Na nova ordem jurídica, que se cerca no mundo moderno, quando o Estado deixa de ser meramente representativo, porque deve o patrimônio comum (...) é imperiosa a necessidade de um direito específico, que George Gurvitch propõe ser o ‘direito social’, capaz de atender as exigências da coletividade, primando sobre os interesses do indivíduo (...) Todas as

política de “estado forte” de Benito Mussolini<sup>608</sup> e defendeu que a “tendência econômica” de seu tempo era a “economia dirigida”<sup>609</sup> e nacionalista.<sup>610</sup> No discurso de inauguração dos acordos comerciais com a Alemanha, elogiou o “estadismo” de Hitler<sup>611</sup> e foi, inclusive, chamado à Câmara dos Deputados para prestar contas de um possível apoio à causa nazista, quando se defendeu, dizendo que estava defendendo a liberdade e a democracia no Brasil, firmando com a Alemanha negócios exclusivamente comerciais.<sup>612</sup>

É possível afirmar que Vargas soube utilizar bem essas características do ministro, pois os acenos de Soares à Itália e os acordos com a Alemanha foram elementos de pressão para acelerar negociações com os EUA.

Analisando que o pronunciado protagonismo diplomático de Soares encontrou uma contrapartida à altura: a habilidade política de Getúlio Vargas. O presidente informava-se bastante, por meio de outras fontes, bem como isolava o ministro, sobretudo, por meio de sua relação informal junto a Aranha. Mesmo quando Soares agiu sem a anuência do presidente, Vargas não aprofundou a dissonância, abrindo caminhos para demissão e desgaste, pelo contrário, contemporizou. Entendo que isso apenas foi possível, porque o presidente contava com grande diversidade de informações e informantes.

Por meio deste capítulo, pode-se concluir o quanto a rede de informantes de Vargas foi fundamental para a administração de sua política externa, contornando a burocracia oficial de Estado e a autoridade do chefe do Itamaraty. Ela era uma vantagem política, mas também apresentou seus limites diante da personalidade do ministro Soares, como foi com o caso da publicidade que ele deu à compra secreta dos cruzadores que, por fim, minou toda a negociação. Também foi possível identificar como as relações de poder entre Aranha, Macedo e Vargas foram fundamentais para o curso da política externa do Brasil.

De acordo com Ricardo Seitenfus (1985, p.133), "de maneira geral, a política externa varguista caracteriza-se, durante o período 1934-1937, por uma incontestável supremacia

---

manifestações da liberdade de pensamento suportam hoje restrições importantes em benefício da ordem e da segurança do Estado". Em: SOARES, José Carlos de Macedo. *Discursos: rumos da diplomacia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1937, p. 129.

<sup>608</sup> SOARES, José Carlos de Macedo. *Discursos: rumos da diplomacia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1937, p. 116.

<sup>609</sup> Idem, p. 107-108.

<sup>610</sup> Idem, p. 107.

<sup>611</sup> Idem, p.135.

<sup>612</sup> Idem, p. 148-154.

das preocupações internacionais do país em relação à Europa”<sup>613</sup>. Ao acompanhar as relações entre o presidente e seus informantes, corroboro com a análise do autor. Contudo, ele também afirma que Vargas deu menor atenção aos EUA: “o interesse relativamente fraco do Brasil pelos Estados Unidos é confirmado pelos resultados negativos das múltiplas *demarches* do Departamento de Estado” (SEITENFUS, 1985, p.134)<sup>614</sup>, afirmação que merece ser revisitada diante das relações entre Soares, Vargas e Aranha.

O que se pôde acompanhar é que Vargas tinha declarado interesse nos EUA, principalmente quanto à parceria militar. O fracasso de suas “*démarches*” nessa área, junto aos EUA, esteve muito mais vinculado às dificuldades de os EUA atenderem os interesses do Brasil sem se indispor com outros países sul-americanos, sobretudo, a Argentina, à dificuldade de os EUA atenderem a demandas de exportação de produtos bélicos para a Europa, principalmente para a Inglaterra, e também à dividida negociação que resultou das disputas entre Aranha e Soares. Inclusive, considero que este último fator foi essencial para o insucesso nas investidas secretas do Brasil junto aos EUA para a compra de armas.

Além disso, é possível concluir que nem Aranha, nem Soares conduziram a política externa de maneira isolada. Porque estavam divididos e querendo dividir a atenção do chefe em uma disputa por autoridade, foi Vargas quem saiu fortalecido em todos os processos de decisão, inclusive na própria campanha de Soares em busca da presidência. Sobre esta questão, ele não alcançou apoio de Aranha, nem dos paulistas, restando a si apenas buscar continuar próximo ao presidente.<sup>615</sup>

---

<sup>613</sup> SEITENFUS, Ricardo Antonio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985, p.133.

<sup>614</sup> Idem, p. 134.

<sup>615</sup> Macedo conseguiu continuar muito próximo do poder. Em julho de 1937, foi nomeado Ministro da Justiça, quando determinou a soltura de presos políticos ainda não condenados, libertando boa parte dos quadros militares da ANL e do PCB, episódio conhecido como “Macedada”, com informa Paulo Almeida em: ALMEIDA, Paulo Roberto de. *Brasileiros na Guerra Civil Espanhola, 1936-1939: combatentes brasileiros na luta contra o fascismo. Sociologia e Política*. Curitiba: UFPR, pp. 35-66.

## 5 ENTRE O ESTADO NOVO E A ECLOSÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – A GESTÃO DE OSWALDO ARANHA (1938-1944)

### 5.1 A atuação dos informantes nos embates entre Vargas e Flores da Cunha

Tanto no período do Governo Provisório quanto no Constitucional, Vargas e seu grupo político tiveram que lidar com vários conflitos. Também foi época de disputa política entre projetos políticos distintos, como os liberais, os comunistas, os integralistas e a vertente autoritária e modernizante liderada por Vargas. Em novembro de 1937, com o golpe do Estado Novo, este último projeto se impôs, excluindo todos os outros. Começa outro governo, naquele momento ditatorial.

Este capítulo tem como balizas temporais a instauração do Estado Novo, em 1937, e a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939. Levando em consideração o contexto político interno e externo do período de 1937 a 1939, o capítulo buscará refletir sobre uma série de perguntas-problema: qual o papel dos informantes de Getúlio Vargas no processo de gestão de crises nacionais e internacionais? Qual relevância podem ter tido nas próprias impressões do presidente a respeito daquele mundo em tão efervescente transformação? Como os informantes do presidente atuaram durante o golpe de 1937? A partir da instalação do Estado Novo, “os olhos e ouvidos de Getúlio Vargas” continuaram fazendo parte de sua “diplomacia presidencial”? São questionamentos como esses que guiarão a análise que se segue. Começo com a oposição de Flores da Cunha ao governo Vargas.

O governo constitucional de Vargas estava previsto para findar-se em 1938. Logo, em 1937, iniciaram-se as articulações políticas para a definição dos candidatos. Nesse processo, os informantes do presidente foram fundamentais no colhimento de informações sobre os opositores a Vargas, bem como na própria tomada de decisões que levaram o Brasil ao golpe de 1937.

Em quatro de janeiro de 1937, Getúlio Vargas passou a receber cartas diretas do diplomata Luís Sparano.<sup>616</sup> Nelas, ele explica que passou a reportar-se diretamente ao

---

<sup>616</sup>SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 4 jan. 1937. Correspondência sobre a situação política do Rio Grande do Sul, contendo informações a respeito do encontro de Oswaldo Aranha e Flores da Cunha, encerramento dos trabalhos da Assembleia Estadual; compra de material bélico polonês pelo Governo do Rio Grande do Sul e

presidente com a função de descrever a situação na Europa e aconselhá-lo sobre as relações com Mussolini.<sup>617</sup> De acordo com o Anuário de Funcionários do Ministério das Relações Exteriores<sup>618</sup>, Luís Sparano atuava como adido comercial em Roma até 1934. Ele apenas passou a trocar cartas diretas com o presidente a partir de 1937,<sup>619</sup> iniciando um detalhado serviço pessoal de informações.

Na primeira carta confidencial, ele narrou que sabia não ser costume que um diplomata escrevesse diretamente ao presidente, mas que dada a liberdade que tinha e os incentivos que recebia do próprio Vargas, continuava a escrever-lhe sobre o cenário europeu.<sup>620</sup> Em 10 de julho, enviou, por exemplo, um plano completo de uma arma nova desenvolvida na Itália. Trava-se de uma nova bomba de mão com a qual Mussolini estava fazendo treinamentos secretos. A França buscava obter os planos da arma sem sucesso, mas o adido conseguiu os projetos graças a contatos diretos dentro do governo. Enviou 10 modelos da arma para Vargas, para que fossem estudadas e reconstruídas no Brasil e disse que já estava em contato com o Exército para viabilizar compras secretas de grandes quantidades da arma.<sup>621</sup> Também afirmou que o comércio com a Itália estava atrasado apenas devido à morosidade do Banco do Brasil, por isso combinou, junto ao presidente, medidas diretas para destravar os negócios.<sup>622</sup>

---

viagem de Góes Monteiro ao sul do país com objetivo de inspecionar as regiões militares. (GV c 1937.01.04/1).

<sup>617</sup> Idem.

<sup>618</sup> Almanaque do Pessoal-1940, p.351. Disponível em: [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1937\\_p.232](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1937_p.232). Acessado em 07/02/2023 às 16:21.

<sup>619</sup> SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 4 jan. 1937. Correspondência sobre a situação política do Rio Grande do Sul, contendo informações a respeito do encontro de Oswaldo Aranha e Flores da Cunha, encerramento dos trabalhos da Assembleia Estadual; compra de material bélico polonês pelo Governo do Rio Grande do Sul e viagem de Góes Monteiro ao sul do país com objetivo de inspecionar as regiões militares. (GV c 1937.01.04/1).

<sup>620</sup> SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 10 jul. 1937. Carta de Luís Sparano a Getúlio Vargas enviando proposta de um novo tipo de arma, cuja licença para exportação já foi obtida do Ministério da Guerra italiano comunicando que escreveu a Sousa Costa pedindo solução urgente para as negociações com a Áustria relativas ao café brasileiro e informando sobre a situação comercial italo-brasileira. (GV c 1937.07.10).

<sup>621</sup> Narrou “Conseguí, através das minhas relações, que o inventor Almirante Arthur Ciano, me entregasse uma proposta demais informações relativas a última arma, poderosíssima e de recente invenção, cujos resultados têm sido surpreendentes, a ponto de a França procurar por todos os meios obter o segredo da invenção. Trata-se de uma pequena bomba à mão, cujo raio de destruição é fantástico e o emprego é facilimo” (Idem, p.5-7)

<sup>622</sup> SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 10 jul. 1937. Carta de Luís Sparano a Getúlio Vargas enviando proposta de um novo tipo de arma, cuja licença para exportação já foi obtida do Ministério da Guerra italiano comunicando que escreveu a Sousa

A liberdade com que Sparano conversava com Vargas demonstra como suas ações já combinadas e a continuidade de seus serviços denotam o assentimento do presidente quanto ao serviço de informação. Em próximos relatórios, ele explicou sua teoria de que o comunismo e o judaísmo eram forças aliadas. Buscou demonstrar a Vargas que tinha fontes seguras que o confirmavam que o Brasil era o principal alvo desta aliança na América do Sul e, então, pediu a Vargas que se aliasse ao integralismo para evitar que o comunismo e o judaísmo vencessem.<sup>623</sup>

Em cartas de 23 de julho de 1937<sup>624</sup> trocadas entre os dois, é possível concluir que Vargas agiu diretamente para que ele fosse autorizado como adido comercial na Itália e, de lá, passasse a agir de acordo com seu comando direto. As relações entre Vargas e Sparano surtiram efeitos rápidos na área militar e comercial, mas ele também investigou questões de política interna.

Sparano investigou as ações de um importante inimigo político de Vargas: José Antônio Flores da Cunha. Como já demonstrei, Cunha participou da Revolução de 1930, esteve ao lado de Vargas em 1932, foi vitorioso nas eleições estaduais no Rio Grande do Sul em abril de 1935,<sup>625</sup> mas passou a atuar contra o governo de Vargas, explica Mário Maestri, principalmente, enquanto governador do Rio Grande.<sup>626</sup> Em 1937, sua resistência ao governo central tornou-se um movimento político, o “florismo”, oferecendo resistência à continuação de Vargas no poder com apoio militar, explica Rafael Saraiva Lapuente.<sup>627</sup>

Nesse clima de disputa, o citado informante de Vargas na Itália identificou armamento que estava sendo importado da Europa para o Rio Grande do Sul. Vargas, então, contactou militares no Estado e impediu que as armas chegassem a Flores da

Costa pedindo solução urgente para as negociações com a Áustria relativas ao café brasileiro e informando sobre a situação comercial ítalo-brasileira. (GV c 1937.07.10).

<sup>623</sup> SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 23 jul. 1937. Carta informando sobre uma campanha de propaganda, na imprensa italiana, pró Getúlio Vargas – Integralismo. (GV c 1937.07.23). Vol. XXVI/87).

<sup>624</sup> SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 23 jul. 1937. Carta informando sobre uma campanha de propaganda, na imprensa italiana, pró Getúlio Vargas - Integralismo. (GV c 1937.07.23). (Vol. XXVI/87).

<sup>625</sup> LAPUENTE, Rafael Saraiva. O Governo Flores da Cunha: um estudo de caso sobre o autoritarismo no Rio Grande do Sul (1930-1937). *Revista Aedos*, v. 8, n. 18, p. 188-209, 2016.

<sup>626</sup> MAESTRI, Mário. Quem derrotou Flores da Cunha? *Já Online*. Disponível em: <https://www.jornalja.com.br/arquivo/quem-derrotou-flores-da-cunha/> Acessado em: 07/02/2023 às 15:42.

<sup>627</sup> LAPUENTE, Rafael Saraiva. O Governo Flores da Cunha: um estudo de caso sobre o autoritarismo no Rio Grande do Sul (1930-1937). *Revista Aedos*, v. 8, n. 18, p. 188-209, 2016, p.17.

Cunha, o que confirma a relevância e eficiência do serviço secreto de Sparano junto ao presidente.<sup>628</sup>

Como explica Adriana Iop Bellintani,<sup>629</sup> ao estudar a conspiração internacional que Flores articulou no Uruguai, já durante o Estado Novo, desde a Revolução de 1930, os opositores a Vargas passavam a acumular forças nos países platinos. A autora informa que a partir guerra civil de 1932, a oposição ganhou razoável organização internacional, com vários líderes, dentre eles, Borges de Medeiros, Raul Pilla, Lindolfo Collor, Batista Luzardo, João Neves da Fontoura e, a partir de 1937, Flores da Cunha.<sup>630</sup>

A rixa entre presidente e governador, que já era antiga, intensificou-se em setembro de 1936, quando Vargas intensificou o combate à oposição, por meio da Lei de Segurança Nacional, que, inclusive, perseguia apoiadores de Flores.<sup>631</sup> Ele, então, passou a fazer oposição frontal a todas as decisões federais que fortaleciam Vargas.<sup>632</sup> Essas disputas envolveram diferentes informantes, mas também se envolveram com a própria disputa presidencial que acabou não acontecendo, devido ao golpe de Vargas. Analisemos esses dois processos.

Em maio de 1937, Benedito Valadares, governador de Minas, combinou junto a Vargas que o nome apoiado pelo governo como seu sucessor seria o paraibano José Américo, escritor que fora Ministro dos Transportes, entre 1930 e 1934.<sup>633</sup> Vargas sondou a opinião de Oswaldo Aranha, que estava nos EUA, sobre esse apoio. Aranha disse que concordava plenamente com a indicação de Américo, pois seria “a solução mais democrática, para o povo e pelo povo”.<sup>634</sup> Assim, Vargas pediu que Oswaldo Aranha

---

<sup>628</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. 4 jan. 1937. Correspondência sobre a situação política do Rio Grande do Sul, contendo informações a respeito do encontro de Oswaldo Aranha e Flores da Cunha, encerramento dos trabalhos da Assembleia Estadual; compra de material bélico polonês pelo Governo do Rio Grande do Sul e viagem de Góes Monteiro ao sul do país com objetivo de inspecionar as regiões militares. (GV c 1937.01.04/1).

<sup>629</sup> BELLINTANI, Adriana Iop. *Conspiração contra o Estado Novo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002

<sup>630</sup> Idem, p. 37.

<sup>631</sup> Idem, p.37-40.

<sup>632</sup> Idem, p. 45.

<sup>633</sup> VALADARES, Benedito. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Belo Horizonte, 18 mai. 1937. Telegrama indagando se concorda com o nome de José Américo para sucessão presidencial. (GV c 1937.05.18/1).

<sup>634</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 26 mai. 1937. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas parabenizando-o pela escolha de José Américo de Almeida para sucessão presidencial. (GV c 1937.05.26/2).



viesses ao Brasil<sup>635</sup> para tentar dissuadir o governador Flores da Cunha<sup>636</sup> de um possível golpe ou candidatura a presidente. Cunha tinha potencial para desestabilizar o cenário de indicação de Américo, bem como a de causar uma tentativa de golpe militar, como indicado nas cartas de Vargas.<sup>637</sup> Aranha ojerizava a ideia de um golpe militar e aceitou vir ao Brasil para negociar diretamente com Flores.

Enquanto isso, o diplomata José Bernardino Câmara Canto, informante de Vargas no Uruguai, o auxiliou a identificar e frustrar uma rede de negociação de armas e informações que Flores tinha em Montevideo. Ele rastreou jornalistas e informou detalhes de negociações de armamentos, dizendo quando e como Vargas poderia melhor frustrar esses movimentos.<sup>638</sup> Nesse processo, Canto, inclusive, combinou um código telegráfico exclusivo para se comunicar com Vargas, com o objetivo de circundar os meios de comunicação oficial entre a presidência e o Itamaraty.<sup>639</sup>

Além disso, Canto enviou uma lista dos principais nomes do cenário político e militar para que Vargas conhecesse, bem como informou sobre a vigilância que conduziu sobre o comportamento do próprio embaixador brasileiro no Uruguai, Lucílio Bueno. Vargas e Canto já estavam investigando o comportamento do embaixador há meses, como informa a carta,<sup>640</sup> e, desta vez, estavam monitorando seus contatos em Buenos Aires.<sup>641</sup> Canto também monitorou um movimento comunista que estava se organizando na Argentina que descrevia “Getúlio Vargas como inimigo número um da internacional pela

---

<sup>635</sup> VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 6 jan. 1937. Telegrama de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha informando sobre a situação política de São Paulo, após demissão do Ministro da Justiça, e sobre as alternativas políticas de Flores da Cunha. (GV c 1937.01.06).

<sup>636</sup> Aranha era a favor de dissuadir Flores da Cunha por meio de negociações pacíficas e que a tensão sobre a sucessão presidencial deveria ser resolvida sem um golpe, pois, segundo ele, favoreceria apenas os militares, e não Getúlio. Já Góes Monteiro, que também estava negociando no Rio Grande, pedia que Vargas aplicasse um golpe antes que Flores da Cunha o fizesse, discordando de Aranha sobre vias pacíficas. (Disponível em: ESTEVE, Emílio Lúcio. [Telegrama]. Destinatário: Valdir Sarmanho. 31 jan, 1937. Telegrama transmitindo indagação de Oswaldo Aranha sobre a situação de São Paulo. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas informando que Armando de Sales protela solução, mas continua mantendo contatos políticos. (GV c 1937.01.31)).

<sup>637</sup> VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 6 jan. 1937. Telegrama informando sobre a situação política de São Paulo, após demissão do Ministro da Justiça, e sobre as alternativas políticas de Flores da Cunha. (GV c 1937.01.06).

<sup>638</sup> CANTO, Câmara. [Correspondência]; Destinatário: Getúlio Vargas. 27 mai. 1937. Cartas de Câmara Canto a Getúlio Vargas informando sobre a propaganda do governo gaúcho pela imprensa uruguaia e a importação de armas, para o Rio Grande do Sul, pelo Paraguai. (GV c 1937.05.27/2).

<sup>639</sup> Idem, p.3-4.

<sup>640</sup> Idem, p. 3.

<sup>641</sup> Idem, p. 3.

democracia”.<sup>642</sup> Registro, assim, a larga atuação de Canto em seu serviço de informações junto a Vargas, indo do caso Flores da Cunha aos movimentos do embaixador no Uruguai.

Canto relatou sobre o comércio entre os dois países e descobriu que o Uruguai estava oferecendo benefícios comerciais a países que ofertassem a ele produtos que o Brasil produzia.<sup>643</sup> Vargas respondeu ao adido, pedindo que um relatório oficial fosse produzido, apenas retirando as fontes confidenciais do informante. Ele mesmo iria levar o caso para o Conselho do Comércio Exterior. O episódio demonstra, mais uma vez, a importância dos informantes do presidente no processo de condução de sua política externa. Demonstra também que Vargas tratava tanto de negociações comerciais e econômicas vinculadas às relações gerais entre Brasil e Uruguai quanto daquelas relacionadas à atuação de opositores no exterior junto a seus informantes.

Enquanto isso, Aranha escreveu ao presidente muito decepcionado com o discurso feito por José Américo. Narrou que Américo criticou muito o governo Vargas.<sup>644</sup> Escreveu que isso fez com que o apoio a ele se dificultasse muito. Disse temer pelo futuro das eleições presidenciais. Vargas respondeu a Aranha, dizendo não ver esperanças para o futuro do Brasil com Américo ou Armando Salles.<sup>645</sup> Informou ao embaixador Aranha de que estava certo de que os discursos de Américo estavam já sendo usados pelos comunistas. O risco de Américo ganhar e, então, um golpe comunista acontecer, em seu entendimento, era alto.<sup>646</sup> As opções de Vargas diminuía e suas pretensões intervencionistas aumentavam.

---

<sup>642</sup> CARTA. [Correspondência]. Montevideú, 8 jun. 1937. Carta, sem assinatura, aos companheiros informando sobre: propaganda e imprensa comunista em Montevideú e Buenos Aires, campanha pró presos políticos, movimentos em favor da frente popular e apoio ao trabalho de oposição desenvolvido por Flores da Cunha, Lima Cavalcanti e Juraci Magalhães. (GV c 1937.06.08)

<sup>643</sup> CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 19 jun. 1937. informando sobre a repressão ao contrabando na fronteira com o Uruguai e a atuação dos comunistas neste país e solicitando providências urgentes no sentido de salvar as relações comerciais entre os dois países (Brasil -Uruguai). (GV c 1937.06.19).

<sup>644</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. São Paulo, Porto Alegre, 1 fev. 1937. Correspondência sobre articulações para a sucessão presidencial em torno dos nomes de Armando de Sales, Oswaldo Aranha, José Américo de Almeida de Carneiro de Mendonça, abordando os seguintes pontos: apoio de Flores da Cunha à Armando Sales, condicionado a aprovação desta pelo PRP; apoio de Juraci Magalhães à candidatura de José Américo; críticas de Carlos de Lima aos métodos adotados no processo sucessório e disposição de apoiar candidato aprovado por Getúlio Vargas; solidariedade da FUG ao Governo Federal e notícias sobre um pacto defensivo estabelecido entre Flores da Cunha, Juraci Magalhães e Armando de Sales contra possíveis intervenções do Governo Federal. (GV c 1937.02.01/1). (Vol. XXV/23c, 24, 25b, 26, 32, 33, 34, 38b, 41a, 42, 43a, 43b, 44a, 44b, 45a, 45c, 46).

<sup>645</sup> Idem, p.15-30.

<sup>646</sup> Idem, p.20-36.

Nesse contexto, chegavam a Vargas cartas de aliados propondo um golpe para evitar que as eleições de 1938 fossem tomadas por diferentes tentativas de golpe, ou seja, por comunistas e integralistas.<sup>647</sup>

Em clima de intenso monitoramento da oposição, Aranha ajudou Vargas a vigiar e até a impedir movimentos de pessoas favoráveis a Armando Salles de dentro do Banco do Brasil e da embaixada do Brasil nos EUA, mais uma vez, ultrapassando seu papel de embaixador, atuando junto ao amigo contra seus opositores.<sup>648</sup> Inclusive, chegou a sinalizar<sup>649</sup> que apoiaria Vargas em um possível golpe que evitasse que militares chegassem ao poder, seu maior temor.<sup>650</sup>

Outra informante que atuou no monitoramento de possíveis movimentos que auxiliariam Flores em países do Prata foi Rosalina Lisboa. Em 20 de outubro de 1937,<sup>651</sup> Rosalina enviou a descrição de sua missão secreta na Bolívia e no Chile em busca de destravar acordos para o comércio de petróleo com o Brasil. Nessas cartas, também enviou a Vargas nomes e informações sobre possíveis atividades comunistas financiadoras da resistência de Flores da Cunha.<sup>652</sup> Rosalina identificou nomes de políticos e jornalistas argentinos que buscavam tornar a Bolívia e o Chile países resistentes a propostas brasileiras em caso de guerras locais ou mundiais. Disse que já estava atuando para desfazer intrigas que argentinos buscavam causar entre Brasil e Bolívia e que encontraria Vargas pessoalmente em janeiro de 1938, para colher novas instruções e passar relatórios, em suas palavras “de viva voz”.<sup>653</sup> Por fim, continuou reenviando a Vargas todas as informações que recebera de Plínio Salgado sobre o comunismo e o integralismo.

---

<sup>647</sup> DOCUMENTO. Documentos sobre a questão da sucessão presidencial e a crise no Rio Grande do Sul, abordando as seguintes questões: apoio da família Aranha a Flores da Cunha, no caso de intervenção Federal no Rio Grande do Sul. (GV c 1937.09.01). 1 set. 1937.

<sup>648</sup> ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 set. 1937. Telegrama prevenindo contra as tentativas do Governo de São Paulo obter empréstimo em Londres para financiar a candidatura Armando de Sales. (GV c 1937.09.10).

<sup>649</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 9 set. 1937. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas solicitando a presença em Washington, de um funcionário experiente que possa dividir com a embaixada as tarefas e responsabilidades exigidas pelo embaixador. (GV c 1937.09.09).

<sup>650</sup> Disse Aranha: “Getúlio, creio que tens autoridade material e moral para evitar uma solução calamitosa para os nossos destinos. Só nestes casos, conforme te disse, compreendo, justifico e até aplaudo a intervenção do presidente na sua sucessão”. Idem, p.3.

<sup>651</sup> LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 20 out. 1937. Carta reafirmando a necessidade de continuar a política de aproximação com a Bolívia e enviando notícias sobre o comunismo nos países da América Latina. (GV c 1937.10.20).

<sup>652</sup> Idem, p. 5-7.

<sup>653</sup> Idem, p. 5-7.

A crise com Flores da Cunha se adensava. Ela perpassou tanto o cenário nacional quanto internacional e a atividade dos informantes do presidente fizeram toda a diferença, por isso, julgo fundamental acompanhá-la.

Aranha veio ao Brasil a pedido exclusivo de Vargas para buscar convencer Flores da Cunha a não enfrentar o governo federal.<sup>654</sup> Em março de 1937, Aranha disse a Vargas que sua missão secreta ao Brasil, enfraquecer Armando Salles e Flores da Cunha, estava cumprida e que apenas não seria a favor de qualquer intervenção militar.<sup>655</sup> Ainda no Brasil, Aranha conversou diretamente com Plínio Salgado, repassando as informações a Vargas, dizendo que o integralismo dava certezas a Vargas de que o comunismo estava prestes agir de maneira revolucionária, para impedir as eleições de 1938.<sup>656</sup>

Finalmente, Vargas combinou suas forças políticas e militares no Rio Grande do Sul e realizou uma intervenção federal no Estado retirando Flores do poder.<sup>657</sup> Os irmãos do presidente, Benjamim Vargas e Protásio atuaram diretamente na organização da intervenção militar.<sup>658</sup> Oswaldo Aranha escreveu dizendo que discordava da atitude militar do presidente, mas parabenizou o amigo pela derrota do opositor.<sup>659</sup> O general Daltro Filho assumiu o poder temporariamente e o embaixador disse a Vargas que era e seria contra qualquer intervenção que desse poderes aos militares. A posição de Aranha nesse episódio já marca as opiniões do embaixador sobre intervenções e golpes. Essas mesmas opiniões serão a base de sua crise com Vargas logo adiante.

Vargas tentou convencer o amigo de que era necessário intervir. Disse que Flores da Cunha estava de posse de “grande quantidade de armamento moderníssimo vindo da Alemanha” (VARGAS, 1937, p.3).<sup>660</sup> A partir das reações contrárias de Aranha às

<sup>654</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 1 mar. 1937. Carta informando sobre os resultados do seu trabalho junto a Flores da Cunha, criticando a atitude confusa e prejudicial do Ministro da Justiça, Agamenon Magalhães e aconselhando-o a solucionar a questão sucessória a curto prazo. (GV c 1937.03.01/1).

<sup>655</sup> Idem, p.5-6.

<sup>656</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Abr. 1937. transmitindo suas impressões sobre a conversa com Plínio Salgado. (GV c 1937.04.00/3).

<sup>657</sup> VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Benedito Valadares. 10 out. 1937. Telegramas sobre execução do estado de guerra. (GV c 1937.10.10).

<sup>658</sup> DOCUMENTOS. Documentos abordando o fim da crise gaúcha e a renúncia de Flores da Cunha. Contém informações sobre: o apoio do Partido Libertador ao Governo Federal. (GV c 1937.10.01/1). 1 out. 1937.

<sup>659</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 27 out. 1937. Carta relatando sua luta com a imprensa americana no sentido de mudar a imagem do Brasil nos EUA e manifestando sua surpresa face a intervenção federal no Rio Grande do Sul. (GV c 1937.10.27/1).

<sup>660</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 28 out. 1937. Carta manifestando interesse pela vinda do representante do *Export-Import Bank* ao

atitudes mais enérgicas de Vargas, pude perceber que as relações entre ele e o amigo presidente reduziram-se a comunicações mais protocolares. Interessante notar que até outubro de 1937 ambos construíram o momento mais intenso de trocas e de atuação conjunta até chegar o momento da intervenção de Vargas no Rio Grande do Sul.

Analisarei essa experiência de intensas trocas no item seguinte. Ela revela bastante sobre o modo personalista de condução da política externa de Vargas. Enquanto Aranha se mostrou a favor de controlar toda e qualquer tipo de oposição, Vargas deu a ele certas margens de atuação. Após a intervenção no Rio Grande, ambos passaram a escrever um ao outro de maneira mais seca, protocolar e com poucas trocas de confidencialidades.

Até aqui, analiso que informantes como Luís Sparano, Rosalina e Câmara Canto continuavam sendo fundamentais para administração de questões referentes tanto à política externa quanto interna. Veremos, agora, a importância da atuação de Aranha enquanto um informante do presidente e porque compreendo que este ator merece este adjetivo.

## 5.2 Muito além de embaixador: Oswaldo Aranha

Após buscar enfraquecer Flores da Cunha e Armando Sales<sup>661</sup>, Aranha ainda visitou estados do Nordeste do país, assegurando que apoiariam Vargas.<sup>662</sup> A importância de seu papel no cenário da política interna, mesmo enquanto embaixador, fica, portanto, aqui registrada.

De volta aos EUA, Aranha confessou a Vargas de que se o próximo ministro das Relações Exteriores fosse um político, como foi Macedo<sup>663</sup>, ele já queria pedir demissão

---

Brasil, informando sobre projeto para siderúrgica e justificando a intervenção no Rio Grande do Sul. (GV c 1937.10.28/1), p. 3.

<sup>661</sup>VARGAS, Viriato Dornelles. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 8 mar. 1937. Carta manifestando sua descrença em uma solução política para o caso do Rio Grande e afirmando que o único objetivo de Flores da Cunha é tentar evitar a sua permanência na Presidência da República. Em anexo resposta de Getúlio reafirmando sua confiança no Gal. Esteve e no Gal. Góes Monteiro. (GV c 1937.03.08/2). (Vol. XXV/51a e 51b).

<sup>662</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 21 abr. 1937. Carta de Oswaldo Aranha relatando sua passagem pela Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará e informando sobre seu primeiro reencontro com o Presidente Roosevelt. (GV c 1937.04.21/3). (Vol. XXV/89).

VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Telegrama informando sobre a situação política de São Paulo, após demissão do Ministro da Justiça, e sobre as alternativas políticas de Flores da Cunha.

<sup>663</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 2 jun. 1937. Carta comunicando convite do secretário de Estado americano para uma visita oficial aos EUA; pedindo que o demita previamente caso o novo Ministro do Exterior seja seu adversário político e opinando sobre o discurso de José Américo. (GV c 1937.06.02/1).

como embaixador, pois tinha dificuldades de lidar com políticos à frente do Itamaraty. Vargas o tranquilizou, dizendo que com Pimental Brandão à frente do ministério, eles teriam mais liberdade. O presidente respondeu: “Brandão não é um homem político, o que facilita muito o nosso trabalho (...) ele apenas se preocupa com suas funções” (VARGAS, 1937).<sup>664</sup> Por isso, Aranha teria toda a liberdade que precisasse ter com Vargas. A troca de confidências entre os dois sobre assuntos que ultrapassaram as relações entre Brasil e EUA foi marcante nesse período, por esse e tantos outros episódios a figura de Aranha encontra-se entre os atores que este trabalho interpreta como informante pessoal do presidente.

Como exemplo, em junho de 1937, Vargas combinou com Aranha detalhes para o fechamento de acordos para a compra de munição na Itália e na Alemanha.<sup>665</sup> Disse que concordava com Aranha: a principal ameaça geopolítica ao Brasil era a Argentina e que, naquele momento, o maior entrave a uma melhora era o embaixador do Brasil em Buenos Aires.<sup>666</sup> Completou que, com os últimos acordos para compra de armas, tinha certeza de que o Brasil estaria preparado para as tensões regionais.<sup>667</sup> Revelou que sua opinião era de que justamente devido à essa realidade, ou seja, a competição regional com a Argentina, “Não podemos deixar de negociar com a Alemanha, a quem vendemos produtos que não tem colocação nos Estados Unidos” (VARGAS, 1937, p.2).<sup>668</sup>

Ainda analisando a geopolítica regional, Vargas pediu ajuda de Aranha para que encontrasse um embaixador “de visão ampla e que não levantasse suspeitas”,<sup>669</sup> mas que nada podia fazer naquele momento, para não levantar desconfianças de que ele estava em uma perseguição política à figura do embaixador. Vargas escreveu que depois de Washington, o centro das atenções de sua política externa era Buenos Aires. Tinha certeza de que Argentina estava absorvendo os mercados do Paraguai e Bolívia. Disse que estava fazendo planos para impedir este movimento.<sup>670</sup> As trocas entre ambos demonstram o

---

<sup>664</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 17 jun. 1937. Carta opinando sobre as questões da dívida externa, comércio com Alemanha e compra de material bélico aos EUA e informando sobre a política brasileira e a candidatura de José Américo à Presidência da República. (GV c 1937.06.17/2).

<sup>665</sup> Idem, p.5.

<sup>666</sup> Idem, p.4-5.

<sup>667</sup> Idem, p.4.

<sup>668</sup> Idem, p.2.

<sup>669</sup> Idem, p.6.

<sup>670</sup> Saliento que o movimento de Rosalina Lisboa em busca dos mercados do Chile e da Bolívia para petróleo vão justamente ao encontro desta fala de Vargas.

quanto Vargas estava disposto a combinar detalhes gerais de sua política externa com o embaixador dos EUA.

Vale registrar que, enquanto Aranha estava no Brasil, Vargas aproveitou para enviar o desafeto do embaixador aos EUA, José Carlos de Macedo Soares.<sup>671</sup> Nos EUA, Macedo encontrava-se sem qualquer credencial. O movimento parece muito mais uma tentativa de Vargas de isolá-lo do confuso cenário da política interna e checar as possibilidades que o ex-ministro seria capaz de extrair na ausência de Aranha. Aparentemente, foi um sucesso: ele escreveu que conseguiu que Roosevelt aceitasse arrendar 6 navios de guerra ao Brasil.<sup>672</sup> Tudo parecia ir muito bem.

O interessante é que Vargas, mesmo assim, não confiou em Soares. O presidente contou com um outro informante que estava na comitiva de Soares. O indivíduo chamava-se Abelardo Bretanha Bueno Prado.<sup>673</sup> Ele reportou a Vargas que tudo que Soares havia dito até então era verídico: Roosevelt realmente estava solícito quanto ao arrendamento de seis *destroyers*.<sup>674</sup> O que Macedo não contou foi que para “causar impacto”, narrou Bueno Prado, ele se apresentou como ninguém menos que o futuro presidente do Brasil,<sup>675</sup> queria ele garantir aos EUA que seria o candidato de Vargas nas próximas eleições. Macedo não extrapolou pouco. Também disse que, em uma hipótese de guerra extracontinental, o Brasil, estaria disposto a oferecer a oportunidade de construção de

---

<sup>671</sup>SOARES, José Carlos de Macedo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 26 jan. 1937. Correspondência sobre a questão do arrendamento dos destroyers americanos ao Brasil. (GV c 1937.01.26).

<sup>672</sup> Idem.

<sup>673</sup> Ele entrou na carreira diplomática por concurso em 1921, foi alçado à Primeiro Secretário em 1935 e atuou, até 4 de maio de 1938, como Conselheiro de Embaixada nos EUA de acordo com Almanaque do Pessoal-1940, p.351. Disponível em: [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1937\\_p.203](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1937_p.203). Acessado em 07/02/2023 às 16:21.

<sup>674</sup>PRADO, Abelardo Bretanha Bueno do. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha. 5 fev. 1937. Correspondência informando sobre o conteúdo das conversações mantidas pelo Ministro do Exterior, Macedo Soares, com as autoridades americanas e ressaltando a importância da permanência do adido naval brasileiro nos EUA a fim de tratar da questão do arrendamento dos destroyers. (GV c 1937.02.05).

<sup>675</sup> Analisando correspondências sobre a sucessão presidencial (PRADO, Abelardo Bretanha Bueno do. [Correspondência]. 1 fev. 1937. Correspondência sobre articulações para a sucessão presidencial em torno dos nomes de Armando de Sales, Oswaldo Aranha, José Américo de Almeida de Carneiro de Mendonça. (GV c 1937.02.01/1)) é possível identificar que os nomes que as principais forças da política interna cogitavam eram José Américo, da Paraíba, Armando Salles de São Paulo e Oswaldo Aranha, do Rio Grande do Sul. José Carlos de Macedo Soares não tinha chance algum de ser pré-candidato às eleições de 1938. Concluo que o anúncio feito a Roosevelt foi uma estratégia pessoal que ele entendeu válida naquele momento para angariar prestígio às suas negociações. Uma estratégia ousada e fora dos combinados com Vargas, típica do Soares que investiguei no capítulo 3.

bases navais para apoio dos Estados Unidos em caso de ataques do Japão aos americanos. Enviou tudo em cópia para Vargas e Aranha, pedindo autorização para confirmar o arrendamento dos navios e os termos de Soares. O episódio reforça a compreensão de como Vargas valeu-se de informantes nos mais diversos episódios que compuseram o processo de formulação de sua política externa.

Chegando nos EUA, a primeira coisa que Aranha fez foi averiguar os resultados da visita de Macedo a Roosevelt. Ele escreveu estarecido a Vargas sobre Soares: “ele disse ao Roosevelt que estava certo de que contava com 90% dos votos em seu país!” (ARANHA 1937).<sup>676</sup> Narrou que estava em completa preocupação com a promessa que Soares fez no sentido de que os EUA poderiam, eventualmente, enviar missão naval para inspecionar as costas do Nordeste brasileiro.<sup>677</sup> Concluiu: “o homem fez coisas loucas aqui, deu instruções para que o arrendamento fosse de 20 *destroyers* e não de 6! Aranha disse que sua estratégia foi tentar deixar o assunto em silêncio por um tempo, para não dar continuidade às promessas do ex-ministro (ARANHA 1937, p.4-6).<sup>678</sup>

Além disso, quis tratar com Vargas sobre a compra de munições. Afirmou que tinha fontes seguras que lhe garantiam que os EUA estavam muito enciumados com a compra de munições que o Brasil vinha fazendo na Alemanha e na Itália e que, por isso, seria o momento certo para que Vargas buscasse fechar acordos sobre munições com os estadunidenses, aproveitando-se desses receios.<sup>679</sup>

Também explicou que descobriu dois itens importantes para o conhecimento do presidente: que o Itamaraty estava bloqueando comunicações de agências da imprensa dos EUA no Brasil e, por isso, em retaliação, jornais como *New York Times*, estavam publicizando as tensões entre Vargas e Flores da Cunha. Disse que conseguiu reverter as publicações ao negociar diretamente com Pimentel Brandão, ministro interino das Relações Exteriores, para que não houvesse mais censura às citadas agências.<sup>680</sup> Nota-se o quanto a atuação de Aranha foi importante inclusive para circundar a autoridade do Itamaraty, no sentido de garantir proteções políticas a Vargas no exterior.

---

<sup>676</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 21 abr. 1937. Carta relatando sua passagem pela Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará e informando sobre seu primeiro reencontro com o Presidente Roosevelt. (GV c 1937.04.21/3).

<sup>677</sup> Idem, p.4.

<sup>678</sup> Idem, p.4-6.

<sup>679</sup> Idem, p. 3-5.

<sup>680</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 3 mai. 1937. Carta criticando a atuação da censura brasileira sobre os correspondentes da imprensa americana e informando sobre o caso dos *destroyers* e o descontentamento do Governo americano em relação ao comércio Brasil-Alemanha. (GV c 1937.05.03/2).



Continuando o combate a notícias de opositores, Vargas respondeu a essas últimas cartas de Aranha, dizendo que identificou que havia uma campanha internacional contra a imagem do Brasil. Disse que havia investigado as origens do movimento que buscava, na imprensa, difamar o governo dele, fazendo pressões para que Getúlio não participasse das eleições de 1938.<sup>681</sup> Segundo o próprio Vargas, em investigações junto a Mário Pimentel Brandão e “outras fontes” a campanha não ocorreu apenas nos EUA, mas em toda a Europa, e a origem do esforço partiu, em suas palavras de “países platinos”.

É importante frisar que pude identificar que uma das fontes que auxiliou Vargas neste estudo não era nenhum diplomata de altos postos, mas sim seu informante no Uruguai, Câmara Canto, que continuava informando-o sobre os movimentos de Flores da Cunha e da oposição platina ao seu governo.<sup>682</sup> É claro que o Itamaraty informava sobre a atuação de opositores no exterior, um exemplo interessante era a inteligência do órgão no combate ao comunismo no exterior, como muito bem demonstrado por Stanley Hilton, que analisou a atuação de Afrânio de Melo Franco em perseguição à atividade comunista no estrangeiro.<sup>683</sup> O que denoto aqui, contudo, é a atuação deste serviço pessoal de informações de Vargas, que ele delegava exclusivamente a personagens de alta confiança, driblando, inclusive a própria atuação de seus ministérios.

A narrativa até aqui demonstra elementos importantes sobre 1937: Vargas e Aranha estavam na melhor fase de sua relação. Oswaldo agia muito mais que um embaixador. Era o perfeito informante para seu amigo presidente. Atuava em todas as frentes possíveis. Aprofundemo-nos um pouco mais nessas relações.

Em 19 de maio de 1937, Aranha explicou a Vargas que os EUA permitiam “excessos”, devido ao liberalismo. “À sombra do New Deal”, explicou, os EUA estavam já vivendo “a antessala do comunismo”.<sup>684</sup> “Creio que é o judaísmo que criou e mantém

---

<sup>681</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 14 mai. 1937. Carta comunicando as providências tomadas para evitar a campanha contra o Brasil desenvolvida pela imprensa estrangeira e informando sobre o andamento da campanha sucessória. (GV c 1937.05.14/2).

<sup>682</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 28 abr. 1937. Carta comunicando a presença, em Montevideu de um emissário de Flores da Cunha, para entender-se com o Embaixador Lucílio Bueno. (GV c 1937.04.28/3).

<sup>683</sup>HILTON, Stanley. Afrânio de Melo Franco: a consolidação da estratégia de política externa. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento diplomático brasileiro: formuladores e agentes da política externa (1750-1950)*. Brasília: FUNAG, 2013.p.467.

<sup>684</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 19 mai. 1937. Carta insistindo sobre a necessidade de se realizar um trabalho de propaganda no exterior e comentando a respeito da influência comunista na atual sociedade americana. (GV c 1937.05.19).

este ambiente, capaz de deslocar esta civilização para o abismo” (ARANHA, 1937, p.3), escreveu o embaixador.<sup>685</sup> Assim como boa parte dos informantes de Vargas que estudamos até aqui, Aranha também creditava ao judaísmo e ao liberalismo os principais problemas de seu tempo. Disse: “A filantropia americana, esta tendência para uma forma de caridade política e até internacional, se for dominada pelo espírito judaico, arrastará toda esta civilização para um novo regime, similar ao russo” (ARANHA, 1937, p.2-3)<sup>686</sup>. Nessa carta, ele começa a defender a tese de que Vargas deveria criar um imposto exclusivo para financiar o aparelhamento militar do Brasil na luta contra o comunismo.<sup>687</sup>

Em nova carta, aconselhou Getúlio de que os EUA não necessariamente estariam ao lado do Brasil em uma guerra e que, para ele, a guerra internacional era inevitável: “a guerra moderna não será uma luta de duas nações, mas uma conflagração de povos na qual tudo que existe, vida propriedade e instituições políticas sofrerão por ação exterior (...) esse país irá para onde for a vontade dos judeus” (ARANHA, 1937, p.3-5)<sup>688</sup>. Inclusive, pensava Aranha que haveria menos “freios” para uma guerra entre o Brasil e seus vizinhos que entre países europeus. Para Aranha, uma guerra na América era mais provável que na Europa: “não nos armamos na prosperidade por cegueira e na crise por falta de recursos. Agora, porém, não é possível mais temporizar. E mesmo porque esse é o único meio de deter a Argentina<sup>689</sup> e fazê-la pedir uma trégua ou um acordo” (ARANHA, 1937).<sup>690</sup> É nessa carta que expressa: “Getúlio, temos que parar de nos armarmos a conta gotas (...) temos que nos armar custe o que custar” (ARANHA, 1937,

---

<sup>685</sup> Idem, p.3.

<sup>686</sup> Idem, p.2-3.

<sup>687</sup> Idem, p. 5.

<sup>688</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 4 jun. 1937. Carta analisando as consequências, para Europa e para o mundo, da guerra da Espanha; atentando para a corrida armamentista da Argentina e a necessidade do Brasil investir na defesa nacional. Informa também sobre: a reação do Governo americano em relação à prorrogação do acordo Brasil-Alemanha e à situação do café brasileiro no mercado brasileiro no mercado internacional. (GV c 1937.06.04/1), p.3-5.

<sup>689</sup> Apenas a título de ilustrar, ao leitor, os números que preocuparam Aranha: ele narrou que estava acompanhando a Argentina comprar 40 aeroplanos “dos mais perfeitos que há”, pagando 120 mil dólares por cada um, já o Brasil estava adquirindo 30 deles e, cada um custava 12 mil dólares, sendo portanto muito inferiores, em GV c 1937.06.04/1, p. 7

<sup>690</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 4 jun. 1937. Carta analisando as consequências, para Europa e para o mundo, da guerra da Espanha; atentando para a corrida armamentista da Argentina e a necessidade do Brasil investir na defesa nacional. Informa também sobre: a reação do Governo americano em relação à prorrogação do acordo Brasil-Alemanha e à situação do café brasileiro no mercado brasileiro no mercado internacional. (GV c 1937.06.04/1).

p.7)<sup>691</sup> e propôs um imposto nacional para o armamento do Brasil, que Getúlio elogiou, mas discordou de ser possível naquele momento, por questões políticas. Vargas insinua ao amigo que precisaria de mais poderes para fazer isso acontecer.<sup>692</sup>

Continuando suas longas cartas sobre as relações internacionais, Aranha alertou Vargas sobre o que chamou de “kultur germânica”. Segundo ele, a diplomacia alemã não sabia respeitar as “regas do jogo”, pois estava protestando contra os acordos que o Brasil fechava com os EUA. Ele disse que a hostilidade dos alemães o assustava. Escreveu: “A ‘Kultur’ não mudou e acabará, como em 1914, arrastando o mundo a outra tragédia!” (ARANHA, 1937).<sup>693</sup> Descreveu a pressão inédita que Alemanha estava fazendo sobre os acordos Brasil-EUA. Queriam que o Brasil revisasse todos os acordos que tinha com os americanos. Caso contrário, iriam eles, os germanos, revisar os seus com o Brasil. Aranha demonstra que, finalmente, a questão se resolveu graças à atuação direta de Vargas, do próprio embaixador e do ministro Souza Costa: “não fosse a atmosfera criada entre nós, obra de sua assistência aos meus esforços e tua direção pessoal nesse setor internacional, por certo só nos restava denunciarmos o tratado americano” (ARANHA, 1937, p.31)<sup>694</sup>.

O episódio reforça, mais uma vez, a importância da atuação da diplomacia presidencial de Vargas e de certas liberdades de atuação com que Aranha contava, para que a “equidistância pragmática” de fato tenha dito sucesso.

É possível identificar que tanto Vargas quanto Aranha estiveram preocupados em contemporizar com ambos os lados. Essa perspectiva destoa daquela que Ricardo Seitenfus (1985, p.18) apresenta, ou seja, de que Aranha estava “quase isolado dentro do governo por causa de suas simpatias democráticas e chega a desenvolver uma política pró-norte-americana nitidamente diferenciada da do chefe de Estado, tendo como única arma apenas sua ameaça de pedir demissão”.<sup>695</sup> Aranha não tinha a demissão como única

---

<sup>691</sup> Idem, p.7.

<sup>692</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 17 jun. 1937. Carta opinando sobre as questões da dívida externa, comércio com Alemanha e compra de material bélico aos EUA e informando sobre a política brasileira e a candidatura de José Américo à Presidência da República. (GV c 1937.06.17/2). (Vol. XXVI/64).

<sup>693</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 29 jun. 1937. Carta elogiando a atuação do Ministro da Fazenda, Sousa Costa, nos EUA e explicando sua posição em relação à candidatura José Américo e ao futuro Governo. (GV c 1937.06.29/2). (Vol. XXVI/73).

<sup>694</sup>Idem, p. 31.

<sup>695</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.18.

arma. Ele contava com liberdade e confiança diferenciada de Vargas. Tinha limites é verdade, mas ele mesmo fazia críticas aos EUA e sinalizava que não necessariamente os EUA estariam ao lado do Brasil em uma guerra internacional que, para ele, era certa de acontecer. Além disso, podemos analisar que Vargas não era um “germanófilo”, mas buscava contemporizar de maneira pragmática.

Essa análise permiti-nos refletir sobre a fala do historiador Ricardo Seitenfus a respeito da política externa de Vargas entre 1934 e 1937. Para o autor, houve um “interesse relativamente fraco do Brasil pelos Estados Unidos” (SEITENFUS, 1985, p.138) nesse momento.<sup>696</sup> Vemos exatamente o contrário. Vargas investiu forte interesse no fechamento de acordos militares e comerciais com os EUA, deixando bem claro que a prioridade de sua política externa era Washington, mas que não poderia renunciar ao comércio com outros países.

O que se defende, nesta investigação, é que os esforços de Vargas e Aranha para se aproximar dos EUA foram minados, primeiramente, pelas próprias contendas internas entre Aranha e Macedo Soares, bem como pela pressão da Argentina para que os EUA não cedessem armas de relevância. Os EUA recuaram várias vezes em que o Brasil quase esteve a ponto de alcançar acordos para compra de navios de guerra como vimos. Em agosto de 1937, mais um episódio ocorreu. Desta vez, o próprio EUA divulgou que estava autorizado o arrendamento de *destroyers* ao Brasil.<sup>697</sup> O episódio abalou ainda mais a confiança de Vargas nos EUA, pois o ministro argentino, Saavedra Lamas fez uma reclamação oficial sobre o arrendamento e os EUA suspenderam imediatamente toda a negociação com o Brasil. Irritado, Vargas (1937) escreveu a Aranha: “os EUA não precisavam dar satisfações que só interessam ao Brasil a terceiros, como nós nunca interferimos em seus propósitos armamentistas”.<sup>698</sup> Para piorar, o presidente Justo, da Argentina, havia dito confidencialmente ao próprio Pimentel Brandão de que não reagiria

---

<sup>696</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 138.

<sup>697</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 9 ago. 1937. Carta comentando os efeitos positivos da "Missão Sousa Costa", defendendo a necessidade de recuperar o mercado mundial do café e informando sobre a publicidade americana em relação ao caso dos destróiers. (GV c 1937.08.09/1). (Vol. XXVII/2).

<sup>698</sup> DOCUMENTO. Documentos sobre o adiamento da autorização do Governo americano relativo ao arrendamento do Brasil, em virtude de protesto do Governo da Argentina. Inclui nota da Saavedra Lamas justificando a objeção Argentina ao arrendamento; referência a publicação de nota conjunta dos Governos brasileiros e americanos e nota do Governo chileno opinando sobre a questão. (GV c 1937.08.13). (Vol. XXVII/4, 5a, 5b, 5c, 6a, 6b, 6c, 7a, 7b, 8, 9a, 9b, 9c, 9d, 10, 13, 14a, 14b, 14c, 17a, 17b, 17c). Rio de Janeiro. Washington, 13 ago. 1937.

negativamente ao arrendamento dos navios ao Brasil, fazendo, contudo, exatamente o contrário.<sup>699</sup>

A reação de Vargas foi combinada em confidencialidade com Aranha: ambos fizeram contatos com vários jornais importantes dos EUA, para fazer sair à imprensa e mobilizar a opinião pública de que o arrendamento dos *destroyers* ao Brasil era fundamental para a segurança continental e totalmente viável diante de uma guerra internacional que estava por chegar.<sup>700</sup> O governo dos EUA, segundo o próprio Aranha, dias depois, reagiu e a investida logrou sucesso. O arrendamento foi finalmente autorizado.<sup>701</sup> Vargas celebrou que foi graças à amizade e confidencialidade da ação que adotou com Aranha que o sucesso foi alcançado. Escreveu: “sinto-me feliz pela amizade que nos prende, em poder associar a esse resultado a colaboração decisiva da tua inteligência” (VARGAS, 1937, p.35)<sup>702</sup>. Vê-se, pois, um episódio em que a “equidistância pragmática” de Vargas em busca de auferir vantagens ao Brasil esteve diretamente relacionada à capacidade negociadora e política do embaixador e do presidente, bem como da relação de confidencialidade que adotaram.

Sobre o episódio do arrendamento dos *destroyers*, cabe uma análise. Em 13 de agosto de 1937, Oswaldo Aranha narrou que o interesse de Roosevelt em vender armas ao Brasil tinha uma origem política: a oposição fazia circular notícias de que o Brasil estava cada vez mais próximo de Hitler e de Mussolini, por isso, o governo Roosevelt estava, cada vez mais disposto a negociar.<sup>703</sup> Por exemplo, explicou, conseguiu que a cláusula de guerra sobre os *destroyers* fosse revertida. A cláusula impunha que o Brasil apenas poderia usar os navios em tempos de paz, para demonstração de força, impedindo, assim, qualquer uso prático.<sup>704</sup> O embaixador explicou que conseguiu fazer com que os EUA a retirassem e, finalmente, que os EUA assinassem o arrendamento dos navios ao Brasil, justamente porque Roosevelt ganhava popularidade quando apostava no

---

<sup>699</sup> Idem, p. 9.

<sup>700</sup>DOCUMENTO. Documentos sobre o adiamento da autorização do Governo americano relativo ao arrendamento do Brasil, em virtude de protesto do Governo da Argentina. Inclui nota da Saavedra lamas justificando a objeção Argentina ao arrendamento; referência a publicação de nota conjunta dos Governo brasileiros e americanos e nota do Governo chileno opinando sobre a questão. (GV c 1937.08.13). (Vol. XXVII/4, 5a, 5b, 5c, 6a, 6b, 6c, 7a, 7b, 8, 9a, 9b, 9c, 9d, 10, 13, 14a, 14b, 14c, 17a, 17b, 17c). Rio de Janeiro. Washington, 13 ago. 1937.

<sup>701</sup> Idem, p. 30-35.

<sup>702</sup> Idem, p. 35.

<sup>703</sup> Idem, p.2-5.

<sup>704</sup>ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 4 mai. 1937. Telegrama solicitando autorização para ida do adido naval brasileiro ao Rio de Janeiro, a fim de concluir as negociações para o arrendamento dos destroyers americanos. (GV c 1937.05.04).

panamericanismo contra o nazismo. Logo, Aranha e Vargas souberam explorar brechas políticas, para pressionar o presidente dos EUA.

A valorização cada vez maior que os EUA davam ao Brasil não foi o único fator que influenciou para o sucesso de negociações, mas, certamente, a atuação combinada dos dois mencionados atores. Essa perspectiva difere-se daquela demonstrada pelo economista Marcelo de Abreu. Abreu (1990, p.88) defende que: “a tese relativa à alegada ‘equidistância pragmática’ do Brasil em relação aos EUA e à Alemanha, proposta, entre outros por Moura exagera de modo quase caricatural o real poder de barganha do Brasil”.<sup>705</sup>

Ao contrário, não apenas se percebe que o Brasil detinha certas margens de barganha, como a atuação combinada de Vargas e Aranha foram essenciais para que se lograsse determinado sucesso. Essa análise, porquanto, não somente reforça a tese de Gerson Moura<sup>706</sup>, sintetizada na expressão “equidistância pragmática”<sup>707</sup> ou “autonomia na dependência”<sup>708</sup> como a aprofunda. É possível compreender como o Brasil fez uso da rivalidade entre EUA e os países autoritários passo a passo. Logo, pode-se atestar que havia sim determinadas brechas de atuação que foram inventivamente utilizadas.

Após esse episódio, Aranha enviou a Vargas um longo relato de sua perspectiva sobre a geopolítica americana. Explicou ao amigo que o caso dos *destroyers* o convenceu de que o Brasil precisava dar “o apoio à preeminência continental dos Estados Unidos, em troca da nossa supremacia na América do Sul”.<sup>709</sup> Reforçou que era totalmente

---

<sup>705</sup> ABREU, Marcelo de Paiva. *A ordem do Progresso: Cem anos de Política Econômica Republicana, 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 88.

<sup>706</sup> MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Vol. 20. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980, p. 177-189.

<sup>707</sup> Retomo a conceituação de Moura sobre o conceito de “equidistância pragmática”: “Ele [o Estado brasileiro] otimiza seus ganhos, pela exploração da rivalidade germano-americana. É claro que há limites concretos a essa política, dados pelo caráter dependente da economia ainda primário-exportadora e, como tal, complementar das economias centrais. Mas o estado brasileiro soube extrair os benefícios possíveis da situação, movimentando-se pendularmente entre os dois grandes rivais e sustentando-se por algum tempo essa política que designamos de equidistância pragmática”. Disponível em: MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Vol. 20. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980, p.180.

<sup>708</sup> MOURA, Gerson. Neutralidade dependente: o caso do Brasil, 1939-4. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 6, n. 12, 1993.

<sup>709</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 31 ago. 1937. Carta relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destróiers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. (GV c 1937.08.31/2). (Vol. XXVII/24).

descrente na efetividade da “Doutrina Monroe”, pois os EUA jamais entrariam em uma guerra para proteger países sul-americanos.<sup>710</sup>

Sobre os compromissos dos EUA com o Brasil, Aranha também se mostrou muito duvidoso quanto à capacidade dos EUA de os honrarem:

menores, porém, não eram os compromissos que adotaram com o Tratado de Versailles, com a Liga das Nações e com a China, agora invadida e ocupada pela Japão por forma brutal e revoltante em grande parte por causa de suas crescentes ligações com os Estados Unidos, como não esconde a imprensa japonesa. (ARANHA, 1937, p.7)<sup>711</sup>

São vários os autores<sup>712</sup> que já investigaram a defesa de Oswaldo Aranha quanto ao panamericanismo e seu apreço pelas relações dos EUA. A interpretação corrente de importantes estudiosos, como Paulo Roberto Almeida e João Hermes Araújo é de que, inclusive, é graças a seus esforços que, durante o Estado Novo, o Brasil manteve-se alinhado às forças antifascistas.<sup>713</sup>

A maior parte desses trabalhos enfocaram as práticas discursivas, as defesas públicas e as decisões de Aranha enquanto ministro das Relações Exteriores, como fez Coutinho Oliveira.<sup>714</sup> Ao investigar as cartas pessoais de Aranha para Vargas, é possível notar, contudo, o temor que o embaixador tinha quanto às indecisões dos EUA em um cenário de guerra. Ele escreveu: “É incrível o ambiente de covardia internacional que se respira neste país” (ARANHA, 1937),<sup>715</sup> ao explicar a Vargas sobre como os EUA estava

---

<sup>710</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 31 ago. 1937. Carta relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. (GV c 1937.08.31/2). (Vol. XXVII/24). p.4.

<sup>711</sup> Idem, p.7.

<sup>712</sup> Citemos, apenas a título de exemplo: PEREIRA, Luiz Felipe Schervenski. *Discursos políticos do ministro Oswaldo Aranha e a defesa do Pan-Americanismo no período do Ministério das Relações Exteriores (1938-1944)*. 205 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Escola de Humanidades, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015; MINELLA, Jorge. Pan-americanismo e Estado Novo: considerações conceituais. *História: Debates e Tendências*, v. 12, n. 1, p. 22-37, 2012; CARVALHO, Clarissa de Souza. Filho da diplomacia: práticas discursivas de Oswaldo Aranha sobre diplomacia, política externa brasileira e relações. *Cadernos de Ensaio*, p.65.

<sup>713</sup> ALMEIDA, Paulo Roberto de. Na continuidade do Estadismo de Rio Branco. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento Diplomático Brasileiro: formuladores e agentes da política externa*. 3v. Brasília: FUNAG, 2013, p. 667.

<sup>714</sup> OLIVEIRA, Jônatan Coutinho da Silva de. *Oswaldo Aranha e a política externa de Getúlio Vargas (1934-1944)*. In: XIV Encontro Regional da ANPUH- RIO; Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 19 a 23 de julho de 2010. Unirio.

<sup>715</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 24 set. 1934. Carta sobre a gravidade de situação política nos Estados Unidos e as possíveis

repleto de movimentos pacifistas em favor do isolacionismo que o afastava do panamericanismo.<sup>716</sup> Considerando a relação próxima dele com o presidente é possível inferir o impacto que estes temores tiveram na perspectiva do próprio Vargas. Em 24 de setembro de 1937, escreveu a Vargas:

Ninguém pode, Getúlio, confiar o seu futuro e menos o seu destino à amizade de um país como esse, que tem horror e pavor à guerra, e que, criada as situações internacionais, se isola dentro de suas fronteiras (...) acho a política internacional dos Estados Unidos cada vez mais fraca e lamentável. (ARANHA, 1937, p.6)<sup>717</sup>

Ao fim de uma longa carta de agosto de 1937, Aranha pede a Vargas, por exemplo, que considerasse que era justamente devido às incertezas de que os EUA estariam ou não ao lado do Brasil em uma guerra mundial que Getúlio precisava se esforçar pela propaganda do Brasil entre os estadunidenses,<sup>718</sup> pois, assim, poderia afastar a verdadeira ameaça geopolítica do Brasil, na perspectiva do embaixador, do jogo político sul-americano, ou seja, a Argentina.<sup>719</sup>

Qual a alternativa mais lógica a Vargas diante de um cenário tão traiçoeiro descrito pelo próprio embaixador brasileiro nos EUA? O que restava a Vargas fazer em nome da proteção do Brasil diante de um cenário de possível guerra mundial e um EUA que poderia simplesmente não cumprir com suas promessas panamericanas? Certamente, essas perguntas passaram pela cabeça do presidente repetidas vezes.

Por fim, Aranha defendeu, junto a Vargas, que o panamericanismo seria a “tabua de salvação de Roosevelt”, pois permitia “entretar a opinião”<sup>720</sup>, enquanto os EUA cruzavam tempos de reajuste econômico. Completou: “a opinião desse país não pode viver sem uma atração sensacionalista” e concluiu: “para isso, Getúlio, o palco é o Brasil”

---

repercussões desta situação na questão do arrendamento dos destroyers ao Brasil. (. GV c 1937.09.24). (Vol. XXVII/39).

<sup>716</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 24 set. 1934. Carta sobre a gravidade de situação política nos Estados Unidos e as possíveis repercussões desta situação na questão do arrendamento dos destroyers ao Brasil. (. GV c 1937.09.24). (Vol. XXVII/39).

<sup>717</sup> Idem, p. 6.

<sup>718</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.139.

<sup>719</sup> Idem, p. 7.

<sup>720</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 24 nov. 1937. Carta manifestando sua opinião a propósito de importância do Brasil na política a ser desenvolvida por Franklin Roosevelt de reconquista da opinião pública americana e criticando a nova Constituição brasileira. (GV c 1937.11.24/3). (Vol. XXVIII/53).



(ARANHA, 1937, p.7).<sup>721</sup> O *show* americano precisava da “filantropia religiosa e do puritanismo” e, por isso, o Brasil era indispensável para a política externa de Roosevelt. Essa era a perspectiva de Aranha sobre o panamericanismo.<sup>722</sup>

Diante dessa análise, filio-me à reflexão de Ângela Alonso<sup>723</sup>, que aponta que muito mais interessante que perceber como os atores históricos se encaixam neste ou naquele rótulo, ou seja, a exemplo, se ele é “panamericanista”, se “liberal” ou se “germanófilo” ou “americanófilo”, é interessante a investigação que busca compreender como esses atores usavam desses próprios rótulos generalistas de acordo com seus interesses políticos e de acordo com cada contexto. Tanto Oswaldo Aranha quanto Getúlio Vargas não apresentaram, em suas confidenciais recíprocas, a defesa de um “germanofilismo” ou “americanismo” desinteressado, muito pelo contrário, enxergavam a proximidade com os EUA e com a Alemanha como estratégica. No caso de Vargas, por exemplo, a proximidade com a Alemanha era estratégica, devido justamente às desconfianças do próprio Aranha para com a fidelidade dos EUA em um momento de guerra. A perspectiva geopolítica de Oswaldo tinha peso para Getúlio e ela apontava que fazer uso do panamericanismo era uma estratégia para se assegurar justamente contra as inseguranças que os EUA deixavam passar.

Malgrado tanta proximidade, as relações entre os dois se modificará. Como narrei, após a interrupção do governo de Flores da Cunha e a reação negativa de Aranha diante do uso da força militar, Vargas reduziu as informações a seu amigo sobre a política interna. A última carta que Aranha enviou a Vargas antes do golpe de 10 de novembro de 1937, foi pedindo mais informações, pois sentia-se isolado do cenário político.<sup>724</sup>

---

<sup>721</sup> Idem, p.7.

<sup>722</sup> Ele tinha uma visão utilitarista e pragmática do panamericanismo. Afinal, era muito crítico à visão que os EUA tinham sobre a América. Transcrevo mais um trecho em que ele expôs a Vargas seus motivos para que Vargas se esforçasse pelo panamericanismo: “estou sendo objetivo e realista com a imaginação de um povo que, cansado do seu esforço diário, gosta de distrações infantis para viver e cultivar fantasias internacionais, para não perturbar sua abundância e paz”. Disponível em ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 6, nov. 1937. Carta relatando as repercussões positivas do seu discurso em Cleveland, solicitando notícias a respeito da política brasileira e informando sobre a propaganda comunista contra o Brasil nos EUA. (GV c 1937.11.06). (Vol. XXVIII/8).

<sup>723</sup> ALONSO, Angela Maria. *Ideias em Movimento: A geração 70 na crise do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.p.32

<sup>724</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 6, nov. 1937. Carta relatando as repercussões positivas do seu discurso em Cleveland, solicitando notícias a respeito da política brasileira e informando sobre a propaganda comunista contra o Brasil nos EUA. (GV c 1937.11.06). (Vol. XXVIII/8).

Em 8 de novembro de 1937, Vargas escreveu de maneira mais seca e protocolar possível. Disse que estava informando Aranha, em caráter reservado e confidencial, sobre a nova constituição que seria implantada no Brasil, para que ele pudesse agir nos EUA, em prol de combater “as explorações que fatalmente irão surgir com o fito de impressionar mal a opinião estrangeira” (VARGAS, 1937).<sup>725</sup> Vargas narrou que a disputa presidencial estava em uma encruzilhada, na qual ele preferia “construir uma nova estrada, a pegar atalhos”<sup>726</sup>. Para ele, havia um desencanto do povo brasileiro com a política, devido a vários candidatos que não “galvanizavam a opinião”.<sup>727</sup> Os motivos foram o fiasco da campanha de José Américo, as ameaças comunistas e as possibilidades de uma guerra internacional. Vargas buscou o consentimento de Aranha, argumentando que ele mesmo já havia criticado a constituição de 1934 e que apenas a sua continuidade poderia atender aos desejos do embaixador quanto à política externa.<sup>728</sup> Vargas argumentou que o novo regime não se deteria em “discussões doutrinárias” e o objetivo era o de garantir a “verdadeira revolução de 1930”<sup>729</sup> que fora pervertida “pelos velhos políticos”. Quis garantir que não havia “nenhuma influência de fora”.<sup>730</sup>

Aranha respondeu dizendo que faria seu melhor para suavizar os impactos da nova constituição do Brasil nos EUA, mas que não acreditava no novo regime. Disse que “condenava” pessoalmente a nova constituição e renunciava o cargo de embaixador de forma indeclinável.<sup>731</sup> Vargas ainda o buscou convencer, pedindo que viesse ao Brasil para conversarem.

É nesse momento que é possível encontrar a documentação de conversas telefônicas entre Souza Costa, Oswaldo Aranha e seu irmão no Brasil, Luís Aranha. A

---

<sup>725</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 8 nov. 1937. Carta informando sobre a situação política e a necessidade de uma reforma da Constituição e afirmando contar com a sua colaboração de amigos e patriota, dissipando possíveis apreensões do Governo americano quanto à continuidade da atual política entre os dois países. (GV c 1937.11.08/1). (Vol. XXVIII/10).

<sup>726</sup> Idem.

<sup>727</sup> Idem, p.3.

<sup>728</sup> Idem, p.3.

<sup>729</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 6 dez. 1937. Carta justificando as resoluções tomadas, com base na nova Constituição, em relação ao café, ao câmbio e ao pagamento das dívidas externas e afirmando que o Estado Novo resultou de necessidades internas e não de influências estrangeiras. (GV c 1937.12.06). (Vol. XXVIII/78).

<sup>730</sup> Idem, p.4

<sup>731</sup>ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Pimentel Brandão. Washington, 12 nov. 1937. Telegrama comunicando seu esforço no sentido de atenuar os efeitos do golpe de Estado nos EUA e afirmando que sua permanência na embaixada é prejudicial ao Brasil. (GV c 1937.11.12/4). (Vol. XXVIII/31).

transcrição completa da conversa chegou a Vargas, demonstrando que o presidente vigiava o embaixador para ter certeza de que sua atuação não seria contra o novo governo. O documento inicia-se assim: “de acordo com as instruções recebidas, transcrevo tão fielmente quanto possível, o diálogo entre os senhores Ministro da Fazenda, Luiz Aranha e o senhor Embaixador Oswaldo Aranha” e foi assinado por Oswaldo de Carvalho Lemgruber.

Nas conversas, Aranha demonstra que não faria nada contra o novo governo, mas que não concordava em continuar servindo a nova constituição.<sup>732</sup> A vigilância de Vargas aos seus mais próximos amigos continuava sendo importante instrumento de sua política.

É importante buscar compreender os motivos de Oswaldo Aranha para seu desgosto para com o novo regime de Vargas. Feito o golpe, ele agiu junto a Summer Welles para que a opinião dos EUA não se abalasse sobre a importância do Brasil, e ele mesmo se mostrou convencer de que, com o Brasil sendo uma ditadura, o interesse dos EUA nunca havia sido tão alto pelo país. Em 21 de novembro de 1937, Aranha escreveu a Vargas pedindo que o presidente soubesse “tirar proveito” disso. Para Oswaldo Aranha, justamente por se sentir “cercado por ditaduras”, os EUA iria “fazer esforços no sentido de conservar a amizade brasileira, cooperando mais do que nunca com o Brasil”.<sup>733</sup> Havia, relatou, grande preocupação de que a Alemanha e a Itália tivessem sido a inspiração para a constituição do Brasil, por isso eles estavam prontos para fazer de tudo para “americanizar o Brasil”. Como apontei, Aranha não tinha uma visão “americanófila”. Era pragmático e tinha plena consciência de que Vargas deveria explorar os receios dos EUA quanto às possibilidades de aproximação entre Brasil, Alemanha e Itália. Não era essa a discordância dele com Vargas, mas sim, como ele mesmo explica nessa carta, com a suspensão de liberdades e a rigidez da nova constituição.

Analisando as trocas confidenciais entre Vargas e Aranha, é possível revisitar uma afirmação de Ricardo Seitenfus a respeito das relações entre Brasil e EUA. Para o autor, entre novembro de 1937 e agosto de 1939, houve uma reviravolta: os EUA é que

---

<sup>732</sup>ARANHA, Oswaldo. Destinatário: Sousa Costa, Luís Aranha. Rio de Janeiro, Washington, 16 nov. 1937. Palestra telefônica entre Sousa Costa, Luís Aranha e Oswaldo Aranha sobre os motivos do Golpe de Estado. (GV c 1937.11.16/3). (Vol. XXVIII/39).

<sup>733</sup>ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 24 nov. 1937. Carta manifestando sua opinião a propósito de importância do Brasil na política a ser desenvolvida por Franklin Roosevelt de reconquista da opinião pública americana e criticando a nova Constituição brasileira. (GV c 1937.11.24/3). (Vol. XXVIII/53), p.7.

passam a ser cada vez mais importantes da política do Rio de Janeiro, em detrimento da Alemanha e da Itália.<sup>734</sup> Não obstante, o que noto é que Vargas buscou e, de fato, alcançou um equilíbrio quanto ao interesse dos EUA, Itália e Alemanha, seja antes de 1937 ou depois. Vimos o caso da atuação conjunta e secreta entre Brasil e EUA para a Guerra do Chaco, a constante investida brasileira para fechamento de acordos comerciais com os EUA e o incontornável interesse do Brasil em comprar armas e munições estadunidenses mesmo antes de 1937.

O que se conclui é que, por meio dos despachos diretos que conduziu com seus informantes, é possível observar que os interesses internacionais do presidente tiveram Washington, Buenos Aires, Montevideo, Berlim e Roma como seus grandes centros de atenção entre 1934 até 1939. O que desmotivara Vargas quanto aos EUA, em alguns momentos, não foi a falta de interesse estratégico, mas o fracasso de algumas destas investidas, como foi o caso dos *destroyers*.

### 5.3 Oswaldo Aranha: Ministro das Relações Exteriores

Em março de 1938, Aranha deixou seu posto na embaixada brasileira. Enviou uma carta a Summer Welles dizendo: “mesmo no Império o povo brasileiro foi democrático, pois não conhece outra forma de viver”<sup>735</sup>, buscando deixar claro que nada mudava nas relações entre os dois países. Justificou a Welles que o povo é quem escolheu “de forma quase plebiscitária” o novo regime do Brasil, pois era ele a única forma de afastar os extremismos da direita e da esquerda.<sup>736</sup> No lugar de Aranha, assumiu Pimentel Brandão. Brandão atuou como Ministro Interino das Relações Exteriores, entre primeiro de novembro de 1937 a 10 de março de 1938.<sup>737</sup>

Segundo Ricardo Seitenfus, Aranha, já no Brasil, negociou um acordo para retornar ao governo. Para admitir seu retorno, apresentou certas exigências. O autor

---

<sup>734</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.252.

<sup>735</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Summer Welles. Rio de Janeiro, mar. 1938. Carta comunicando sua substituição por Pimentel Brandão na Embaixada em Washington, sua ida para a pasta das Relações Exteriores e comentando a natureza política e a aceitação pública do Estado Novo. (GV c 1938.03.00/2). (Vol. XXIX/32).

<sup>736</sup> Idem.

<sup>737</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/funag/pt-br/chdd/historia-diplomatica/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores/mario-de-pimentel-brandao>. Acessado em 02/03/2023 às 10:47.

explica<sup>738</sup> que, dentre elas, Aranha exigiu que o Brasil retomasse o pagamento de suas dívidas externas, então suspenso com o golpe de 10 de novembro, que as mercadorias provenientes do comércio compensado tivessem igual tratamento em relação às que não fossem dele provenientes, ao entrarem no Brasil, e que houvesse estreitamento dos vínculos com os EUA.<sup>739</sup> Inclusive, afirma Seitenfus, com a entrada de Aranha, foi o fim do “jogo duplo do Itamaraty”, pois as relações entre Brasil, Itália e Alemanha desgastaram-se mais, visto que Aranha entrou no ministério com a intenção de equilibrar os interesses “germanófilos” do governo, com sua amizade pelos EUA.<sup>740</sup>

É sobre esse período que Seitenfus desenvolveu a tese de que o retorno de Aranha fora tão negociado que “a partir de então fica claro entre os dois homens que cada um deles se ocupará exclusivamente de uma única face da política brasileira: a externa cabe a Aranha e a interna a Vargas” (SEITENFUS, 1985, p.160).<sup>741</sup> Em 15 de março de 1938, Oswaldo Aranha assumiu a frente do Itamaraty. O citado autor afirma sobre Aranha:

é preciso observar o modo como o novo ministro é investido de suas funções. Sua liberdade será total, já que se encontra em posição de força, e ele a utilizará então para aplicar uma política externa caracterizada, de um lado, por uma aversão profunda em relação à Itália e, principalmente, em relação à Alemanha e, de outro lado, por um substancial aproximação com os Estados Unidos (SEITENFUS, 1985, p.160).<sup>742</sup>

Uma das primeiras pressões que Aranha enfrentou enquanto Ministro das Relações Exteriores foi a da Alemanha. Refiro-me ao desgaste nas relações entre Aranha e Karl Ritter, representante dos interesses alemães no Brasil. Desde 1936, como explica Andrea Rahmeier, a Alemanha passou a desempenhar uma nova filosofia comercial junto ao Brasil. O objetivo era expandir as relações comerciais, pois a Alemanha nazista identificava o Brasil como país de maior potencial comercial na América do Sul.<sup>743</sup> Além

---

<sup>738</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 159.

<sup>739</sup> Idem, p.160.

<sup>740</sup> Idem, p.167.

<sup>741</sup> Idem, p.160.

<sup>742</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.160.

<sup>743</sup> RAHMEIER, Andrea Helena Petry. *Diplomacia, jogos políticos, intrigas e guerra: a relação entre Alemanha e Brasil (1937-1942)*. São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2020. p.56-59.

dos objetivos econômico-comerciais, Karl Ritter pedia que Vargas autorizasse o NSDAP, Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, a atuar legalmente no Brasil.

Rhameier explica que Hitler adotava a ideia de que o partido era a própria Alemanha e seu governo, além disso, onde quer que houvesse um cidadão alemão, lá estaria a Alemanha.<sup>744</sup> Vargas precisava enfrentar a seguinte tensão: como o Brasil lidaria com os mais de 89.038 cidadãos alemães somados àqueles que viviam colônias alemãs e seus descendentes diante de obrigações militares e nacionalistas que a Alemanha pudesse colocar? A exemplo, uma lei de 21 de maio de 1935, obrigava todo cidadão alemão, qualquer que seja o país onde estivesse estabelecido, a cumprir suas obrigações militares.<sup>745</sup> Ricardo Seitenfus demonstra que já em fins de 1934, o representante do NSDAP, Hans von Cossel, fazia infiltrar “impressionante sistema de propaganda nazista” no Brasil, evocando a ideia de que alemães representavam a Alemanha dentro do Brasil, logo, deveriam defender os objetivos nacionalistas de seu país de origem.<sup>746</sup>

Essa tensão engendrou uma crise diplomática. Fábio Koifman<sup>747</sup> analisa que em 2 de dezembro de 1937, já instalado o Estado Novo, todos os partidos políticos foram extintos. Uniformes, estandartes, distintivos e outros símbolos dos partidos políticos estavam proibidos. Em abril de 1938, o decreto-lei 338 proibia a estrangeiros fixados no país “organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos de caráter político, ainda que tenham por fim exclusivo a propaganda ou difusão” (KOIFMAN, 2019, p.16), assim, o NSDAP foi atingido em cheio.<sup>748</sup> O governo federal e governos do sul do país passaram à prática da nacionalização de comunidades que exerciam a prática de suas tradições e línguas maternas, chamadas de “quistos étnicos ou “quistos raciais”.

Sem conseguir a autorização do partido, o embaixador Ritter, recusou um convite protocolar para um evento com o corpo diplomático, justificando que não poderia comparecer em protesto aos alemães presos no Brasil. Aranha reagiu, pedindo que Moniz Aragão, embaixador brasileiro em Berlim, não aceitasse convites oficiais do governo

---

<sup>744</sup> Idem, p.59-65.

<sup>745</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliana, 1985, p.91.

<sup>746</sup> Idem, p.98-100.

<sup>747</sup> KOIFMAN, Fábio. "O governo Vargas e a política externa brasileira (1930-1945). In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945*. Segunda República 1930-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, p. 16.

<sup>748</sup> Idem.

Alemão. Ritter escalou ainda mais a situação, dizendo que o Brasil não seria convidado para nenhum evento enquanto proibisse a atuação da NSDAP em seu território. O ministro Aranha pediu que Moniz Aragão requisitasse a Berlim a substituição de Karl Ritter no Brasil.<sup>749</sup> Com o embaixador já na Alemanha, mesmo o Brasil requisitando a troca, Berlim se recusou, forçando o Brasil a declarar Ritter *persona non grata*, em uma plena crise diplomática. Berlim fez o mesmo com Moniz Aragão. Apesar do episódio não ter afetado o comércio entre os dois países, o Brasil ficou 11 meses sem um embaixador Alemão. Ciro de Freitas Vale assumiu o lugar de Aragão e Curt Max Prüfer no lugar de Ritter.<sup>750</sup>

Narrar esse caso é importante para esclarecer mais sobre as relações entre Aranha e Vargas. Acompanhando as trocas que Vargas fez com o ministro Aranha é possível identificar que Vargas estava, naquele momento, descansando e Darcy, sua esposa, ajudando o novo ministro a se ambientar no Itamaraty e receber autoridades.<sup>751</sup> Já não há tantas cartas entre os dois no período de Aranha como ministro, pois eles encontravam-se muito mais presencialmente, visto que Oswaldo ficou no Brasil a maior parte do tempo, como é possível acompanhar no diário do presidente.<sup>752</sup> Nas cartas de 1938, é possível investigar como Aranha lidou com o caso Ritter e concluir que ele reportou a Vargas o tempo todo antes de tomar qualquer decisão mesmo com o presidente à distância em período de descanso. Sobre as pressões que estavam recebendo de Ritter escreveu: “a verdade é que os esforços para amansar a fúria nazista não serão o suficiente para evitar uma solução definitiva” (ARANHA,1938), que seria, segundo as recomendações do próprio Vargas, a continuação do controle das colônias alemãs mesmo com os custos do desgaste que ela teria, sem, contudo, permitir que manifestassem qualquer atividade partidária. Vargas enviava a Aranha as recomendações de se trabalhasse o caso com a máxima discrição, mas sempre procurando o caminho da nacionalização das comunidades alemãs e neutralização do perigo nazista.<sup>753</sup> Aranha,

---

<sup>749</sup> Idem, p.19.

<sup>750</sup> Idem, p.19.

<sup>751</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 29 mar. 1938. Carta sobre a visita de José Maria Cantilo, Ministro do Exterior da Argentina, enviando telegrama deste e resumo de sua conversa com o embaixador alemão sobre as atitudes do governo brasileiro para com a colônia alemã. (GV c 1938.03.29/2). (Vol. XXIX/41 e 41a).

<sup>752</sup> VARGAS, Getúlio. *Diário (1930-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1, p.150.

<sup>753</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 29 mar. 1938. Carta sobre a visita de José Maria Cantilo, Ministro do Exterior da Argentina, enviando telegrama

então respondeu: “eu tenho procurado ganhar tempo e razões para a solução que já me recomendaste e que me parece a mais sábia e melhor” (ARANHA, 1938, p.1-3).<sup>754</sup>

Por meio da análise desse primeiro grande desafio de Aranha à frente do ministério e sua relação com Vargas, é preciso revisitar duas afirmações feitas no seminal trabalho de Seitenfus: uma a de que Aranha contava com “total liberdade de atuação” e a de que a política interna coube a Vargas e a externa coube a Aranha e outra sobre a campanha de nacionalização de comunidades alemãs no Brasil.

Sobre a primeira, o que se acompanha é muito mais um trabalho conjunto, no qual Vargas tinha a última palavra e coordenava as principais decisões mesmo à distância. Já sobre o programa de nacionalização das comunidades alemãs, o mesmo autor afirma que Vargas foi muito mais passivo no processo de organização do programa. O autor afirma que o presidente não estabeleceu “uma política maduramente refletida e com objetivos precisos” (SEITENFUS, 1985, p.252 e 428)<sup>755</sup>, concluindo que ela fora muito mais de responsabilidade de autoridades locais que do Rio de Janeiro. O que se acompanha, contudo, é que Vargas esteve à frente do processo desse programa e a nacionalização de estrangeiros e neutralização das atividades partidárias nazistas eram uma das prioridades do Estado Novo, contando com o importante apoio das autoridades locais, como Seitenfus demonstrou.

Analisar esse caso também é importante para compreendermos que Vargas buscava isolar o novo ministro de questões políticas a partir desse período. Nas cartas estudadas até aqui,<sup>756</sup> a ausência de temas é tão importante quanto a presença, ou seja, não há mais os constantes combinados políticos sobre este ou aquele autor e a escrita de ambos se tornam mais protocolares. Aranha afasta-se das atividades que aqui consideramos como de um informante e aproxima-se muito mais de um ministro menos politicamente interessado. Durante o Estado Novo, porém, a atividade daqueles que despachavam diretamente com o presidente passou a ser ainda mais intensa.

---

deste e resumo de sua conversa com o embaixador alemão sobre as atitudes do governo brasileiro para com a colônia alemã. (GV c 1938.03.29/2). (Vol. XXIX/41 e 41a), p.1-3.

<sup>754</sup> Idem, p.2.

<sup>755</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliana, 1985, p.252 e p.428.

<sup>756</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 29 mar. 1938. Carta sobre a visita de José Maria Cantilo, Ministro do Exterior da Argentina, enviando telegrama deste e resumo de sua conversa com o embaixador alemão sobre as atitudes do governo brasileiro para com a colônia alemã. (GV c 1938.03.29/2). (Vol. XXIX/41 e 41a).



#### 5.4 Os informantes do Estado Novo na América Latina

Instaurado o Estado Novo, alguns informantes passaram a trocar ainda mais cartas com Vargas. A atuação secreta e a vigilância que já desempenhavam passaram também a se direcionar para o processo de instalação e propaganda do novo regime.

Para administrar sua rede de informantes, Vargas passou a contar ainda mais com a ajuda de seu secretário, Luís Fernandes Vergara. A atuação de Vergara foi fundamental para aconselhar o presidente sobre os rumos da política externa<sup>757</sup> e, até mesmo, para criar, após o atentado integralista à vida do presidente em 1938, o que ele e Alzira Vargas chamaram de Departamento Secreto para Segurança Pessoal do Chefe da Nação,<sup>758</sup> órgão de proteção da pessoa de Vargas conhecido apenas pelo secretário, Alzira e o próprio Vargas. São exemplos que ilustram como o secretário Vergara foi fundamental na gestão da administração da política de seu chefe. Nessa gestão, destaca-se os serviços do diplomata Raul Bopp.

Entre 1938 e 1945, Vergara conduziu uma grande quantidade de trocas com o diplomata Raul Bopp.<sup>759</sup> Bopp<sup>760</sup> passou pela Índia, onde fez uma investigação em 17 cidades diferentes.<sup>761</sup> Enviou relatórios detalhados sobre a geopolítica e o comércio do país, reforçando sua importância enquanto um informante na Ásia. Os relatórios foram todos escritos de maneira bem informal, enviados por portadores secretos a Vergara.<sup>762</sup>

---

<sup>757</sup> A exemplo, ele escreveu em Vargas, em 1938, sobre o que fazer sobre a política externa brasileira: “fazer pressão comercial para um novo tratado com a Argentina, o novo tratado que poderá ser instrumento apreciável para diminuir o déficit da nossa balança comercial com ‘nuestros hermanos’ e, igualmente, para servir de instrumento para a resolução da questão do Chaco, liquidar, como possível, o tratado de comércio com a Alemanha, fazendo novo tratado e finalizando, de vez, com a pressão política que nos podem fazer, visto a desorganização do regime de trocas” Disponível em: RELATÓRIOS, INFORMAÇÕES POLÍTICAS COLHIDAS EM MEIOS INTEGRALISTAS contendo informações relativas à articulação do movimento integralista. Inclui referências a militantes em vários pontos do país. Em anexo exemplar com cópia de manifesto atribuído a integralista. (LV c 1938.07.17). p.2-3. Rio de Janeiro, 17 jul. 1938.

<sup>758</sup> DEPARTAMENTO SECRETO PARA A SEGURANÇA PESSOAL DO CHEFE DA NAÇÃO. Documento propondo a constituição do organismo supracitado, definindo suas atribuições, composição e critérios de funcionamento e organização interna. (LV c 1938/1945.00.00/2). 1938/1945.

<sup>759</sup> SOUZA, Ismara Izepe de. *Caminhos que se cruzam: relações históricas entre Brasil e Espanha (1936-1960)*. 2009. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.p.311.

<sup>760</sup> Como informa Ismara Izepe de Souza, Bopp ingressou na carreira diplomática em 1932 e permaneceu atuando na Ásia até 1938, foi presidente do Conselho Federal do Comércio Exterior e, depois, atuou como cônsul de primeira classe nos EUA até 1944.

<sup>761</sup> BOPP, Raul. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara e José de Queirós. 1937. Carta descrevendo sua viagem à Índia. (LV c 1937.00.00/1).

<sup>762</sup> Idem.

Ele também teve suas diferenças para com a administração de Macedo Soares quando à frente do Itamaraty,<sup>763</sup> sempre tecendo críticas de que a diplomacia brasileira na Ásia era muito lenta e pouco eficiente. Vargas e Vergara puderam, por meio de suas cartas, colher informações sobre a atuação de funcionários do Itamaraty na Índia e Japão.<sup>764</sup> O que mais interessa aqui, contudo, é que, enquanto Bopp estava nos EUA, ele informou o presidente sobre suas perspectivas geopolíticas para a América Latina.

Sobre a região, Bopp ofereceu ideias de um projeto político, que enviaria secretamente<sup>765</sup>, para extrair o máximo da atenção dos EUA para a América Latina, usando dos receios americanos quanto às proximidades do Brasil em relação à Alemanha.<sup>766</sup> Segundo ele, era o momento certo de Vargas saber usar os interesses estadunidenses para fazer do Brasil uma “potência regional”, aconselhou, inclusive, que Vargas mudasse a capital do país para Goiás, visto que protegeria mais o país de conflitos internacionais.<sup>767</sup>

Outro informante cujos serviços eram gestados por Luís Fernandes Vergara eram os do adido em Buenos Aires, Orlando Leite Ribeiro<sup>768</sup>. Ele esteve em contato direto com o presidente da Argentina, Augustín Pedro Justo, buscando certificar-se de que a

---

<sup>763</sup> BOPP, Raul. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Yokohama, 12 mar. 1938. Carta solicitando sua intervenção no sentido de evitar a transferência de Jobim para o consulado de Yokohama. (LV c 1938.03.12).

<sup>764</sup> Idem.

<sup>765</sup> Mas não consta nos arquivos de Vergara.

<sup>766</sup> BOPP, Raul. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Los Angeles, 1 fev. 1943. Carta pedindo para submeter a Getúlio Vargas as linhas gerais de um grande plano de industrialização para a América Latina a ser implementado no pós-guerra. Em anexo, cópia de carta enviada a Oswaldo Aranha sobre o mesmo assunto, mapa de estradas ligando futura capital da República (prevista no plano) às principais cidades do país e carta de Walt Disney Productions comunicando que o "script" enviado não se enquadram dentro das prioridades do momento. (LV c 1943.02.01).

<sup>767</sup> BOPP, Raul. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Los Angeles, 1 fev. 1943. Carta pedindo para submeter a Getúlio Vargas as linhas gerais de um grande plano de industrialização para a América Latina a ser implementado no pós-guerra. Em anexo, cópia de carta enviada a Oswaldo Aranha sobre o mesmo assunto, mapa de estradas ligando futura capital da República (prevista no plano) às principais cidades do país e carta de Walt Disney Productions comunicando que o "script" enviado não se enquadram dentro das prioridades do momento. (LV c 1943.02.01).

<sup>768</sup> RIBEIRO, Orlando Leite. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 12 nov. 1937. Telegramas solicitando providências no sentido de melhorar a imagem do Brasil na Argentina e informando sobre a atitude do Gal. Justo face ao novo regime. (GV c 1937.11.12/3). (Vol. XXVIII/30a e 30b).

Argentina não se oporia ao novo regime.<sup>769</sup> Leite Ribeiro também buscou neutralizar notícias negativas na imprensa argentina sobre Vargas.<sup>770</sup>

Ribeiro enviava suas cartas diretamente a Alzira Vargas, como explicou, para que evitasse que suas informações chegassem ao Itamaraty.<sup>771</sup> Alertava Vargas de que colegas da embaixada suspeitavam de sua atividade como informante, mas que não declinaria de suas responsabilidades de investigar os passos da Argentina quanto ao Brasil. Nas longas cartas, informou detalhadamente ao presidente sobre como os vários nomes da política argentina estavam reagindo ao novo governo brasileiro.<sup>772</sup> Sua atuação foi importante para Vargas que, nos primeiros meses do Estado Novo, continuava incentivando o informante.<sup>773</sup>

Vale dizer ainda que Ribeiro serviu de intermediário entre Vargas e Justo para que ambos combinassem detalhes de um futuro encontro presidencial entre eles.<sup>774</sup> No mesmo momento, ele também serviu como ponte para que os presidentes combinassem sobre o local em que se iria negociar o fechamento dos acordos para a paz da Guerra do Chaco.<sup>775</sup> Cumpriu, portanto, importantes passos do processo de tomada de decisões da política externa brasileira para com a Argentina. Ênfase o fato de que tudo isso foi feito por um adido comercial da embaixada brasileira de Buenos Aires, reforçando como Vargas preferia conduzir vários de seus passos de política externa, por meio de seus informantes.

A partir de 1938, as relações entre Vargas e Leite Ribeiro passaram a mudar. Em 10 de fevereiro de 1938, o informante reclamou de Luís Vergara, secretário do presidente, no sentido de que ele havia parado de responder suas cartas confidenciais e de enviar

---

<sup>769</sup>Idem.

<sup>770</sup> Idem.

<sup>771</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 24 nov. 1937. Carta informando sobre a atuação intrigante de Saavedra Lamas em relação ao Brasil. (GV c 1937.11.24/1). (Vol. XXVIII/51).

<sup>772</sup> Idem.

<sup>773</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 16 dez. 1937. Telegrama sobre data prevista para encontro entre os presidentes do Brasil e da Argentina. (GV c 1937.12.16/3). (Vol. XXVIII/90b).

<sup>774</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 16 dez. 1937. Telegrama sobre data prevista para encontro entre os presidentes do Brasil e da Argentina. (GV c 1937.12.16/3). (Vol. XXVIII/90b).

<sup>775</sup> RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 28 jan. 1938. Carta narrando conversa com o secretário do Gal. Justo sobre soluções para a Conferência do Chaco, consultando-o sobre a possibilidade do Gal. Justo assumir a presidência da conferência e do Brasil e Argentina empreenderem conversações com a Bolívia e o Paraguai respectivamente. (GV c 1938.01.28/2). (Vol. XXIX/7).

instruções. Inclusive, como se pode notar, Vergara continuava sendo importante organizador dos informantes de Vargas.<sup>776</sup> Leite reclamava da ausência de instruções e Vargas simplesmente não respondia. Seu papel como informante começava a declinar.

Entre março e abril de 1939, Leite informou Vergara, que repassou as informações a Vargas, a respeito da política interna do Chile e as tentativas da Argentina de frustrar negócios brasileiros por lá.<sup>777</sup> Escreveu que o Itamaraty deixava passar críticas à ausência de democracia no Brasil e não defendia o governo brasileiro na imprensa chilena. Reclamou da falta de atitude de Oswaldo Aranha.<sup>778</sup> Ele, então, tomava iniciativa própria para dar entrevistas e fazer publicar artigos elogiosos a Vargas, mas recebendo reprimenda de seus superiores até que foi removido mais uma vez.<sup>779</sup> Em abril de 1940, ele já estava sofrendo o processo de remoção para o Peru, e suas cartas diretas a Vargas e até a Vergara cessaram. Vemos o fim de um informante que, muito útil até 1938, passou ao limbo, sem respostas do presidente.

Por outro lado, o papel de outros apenas intensificou-se, uma delas é Rosalina Lisboa Larragoiti, que se destacou como informante do presidente sobre a política na América Latina.

Iniciado o Estado Novo, Rosalina Lisboa voltou a combinar ações políticas a respeito da imagem externa do Brasil. Em 09 de dezembro de 1937, ela já tinha findado uma série de missões secretas no Chile. Em carta, ela descreveu seus serviços, narrando que havia coordenado publicações nos principais jornais do país para que elogiassem o novo governo do Brasil, como havia combinado junto a Vargas.<sup>780</sup> Detalhou nomes do consulado brasileiro que deveriam ou não preocupar o presidente e descreveu aspectos da política interna e externa do Chile.<sup>781</sup>

---

<sup>776</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Buenos Aires, 10 fev. 1938. Carta informando quais os candidatos para o Ministério do Exterior da Argentina e comentando as repercussões da mediação do Brasil e Argentina no conflito Bolívia-Paraguai. (GV c 1938.02.10). (Vol. XXXI/25).

<sup>777</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Santiago, 9 dez. 1939. Cartas relatando os acontecimentos relativos a sua transferência de Santiago para Lima, decorrente de medidas arbitrárias, vinculadas a interesses contrários ao regime brasileiro, com influência na imprensa chilena. Em anexo cópia telegráfica de carta de Rubem Rosa a Orlando Leite Ribeiro negando existência de manobras inimigas contra este último. (LV c 1939.12.09).

<sup>778</sup> Idem, p.5-9.

<sup>779</sup> Idem, p.8-9.

<sup>780</sup> LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 9 dez. 1937. Carta manifestando seu entusiasmo pelo novo regime e informando que já iniciou sua propaganda. (GV c 1937.12.09/2). (Vol. XXVIII/83).

<sup>781</sup> Idem, p.4-9.

Logo depois, ela viajou para o Peru, onde deu continuidade aos mesmos planos que aplicou no Chile, ou seja, buscou atuar na imprensa e controlar o apoio a Vargas nas representações exteriores do Brasil.<sup>782</sup> No Peru, ela pediu a Vargas algumas nomeações para a representação brasileira que ajudariam o apoio diplomático de funcionários do Itamaraty ao novo governo. De fato, Vargas atendeu a esse pedido, pois consta, na carta, o agradecimento dela a ele pelas nomeações.<sup>783</sup> Ela descreveu um quadro geral sobre a política interna peruana para o presidente,<sup>784</sup> além disso, como de costume, marcou de encontrar com ele para lhe passar mais informações e colher novas instruções.<sup>785</sup>

Interessante perceber novos passos nas relações entre os dois. Em 1939, Rosalina Lisboa passou a municiar Vargas com suas próprias perspectivas sobre a geopolítica da América Latina. No Chile, ela disse que conseguiu adentrar-se nos “círculos” diplomáticos de poder que se relacionavam com a política externa dos EUA e que tinha provas documentais para mostrar a Vargas, pessoalmente, sobre quais eram os planos estadunidenses para a América Latina.<sup>786</sup> Disse que garantia que Summer Welles, secretário dos EUA, considerava muito improvável qualquer real ameaça bélica da Alemanha à América do Sul, mas que usava dessa ideia como justificativa para conceder favores para o Brasil. A intenção era de provocar a Argentina. Ou seja, Rosalina Lisboa assegurava Vargas de que os planos dos EUA ajudarem o Brasil financeira e militarmente estavam diretamente vinculados ao interesse dos norte-americanos provocarem os argentinos para a sua zona de influência.<sup>787</sup>

Além disso, ela quis também garantir que os planos dos EUA eram usar-se do panamericanismo para explorar os territórios do Nordeste brasileiro. Escreveu: “rogo a vossa excelência para usar a maquiavélica clarividência que tem para usar a eles, em vez

---

<sup>782</sup> Idem, p.5-9.

<sup>783</sup> LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 9 dez. 1937. Carta manifestando seu entusiasmo pelo novo regime e informando que já iniciou sua propaganda. (GV c 1937.12.09/2.). (Vol. XXVIII/83).

<sup>784</sup> Idem, p.5-6.

<sup>785</sup> Idem, p.8-9.

<sup>786</sup> LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Santiago, 14 jan. 1939. Cartas sobre os planos imperialistas dos USA em relação ao Brasil e América Latina, enviando recortes de jornais, relatos e documentos que explicitam as intenções de Summer Welles na Conferência de Lima e da nova política americana e transmitindo sugestões políticas para a América do Sul e Brasil. (GV c 1939.01.14). (Vol. XXXI/6 e 7), p.1-3.

<sup>787</sup> LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Santiago, 14 jan. 1939. Cartas sobre os planos imperialistas dos USA em relação ao Brasil e América Latina, enviando recortes de jornais, relatos e documentos que explicitam as intenções de Summer Welles na Conferência de Lima e da nova política americana e transmitindo sugestões políticas para a América do Sul e Brasil. (GV c 1939.01.14). (Vol. XXXI/6 e 7),p.2-3.

de deixar que eles usem o Brasil” (LISBOA, 1939, p.2).<sup>788</sup> Segundo ela, havia provas com documentos da Marinha e do Exército estadunidense sobre as “verdadeiras intenções” dos EUA com a ajuda ao Brasil, que seriam as de usar o país em uma possível guerra mundial.<sup>789</sup>

Diante desse cenário, Rosalina Lisboa ofereceu a Vargas uma sugestão: disse que tinha ciência de que o *State Department* via a personalidade de Oswaldo Aranha como oposta à de Vargas sobre as aproximações entre Brasil e EUA e, por isso, que faria sentido Vargas usar dessa diferenciação como estratégia.<sup>790</sup> A ideia seria Vargas causar incômodos aos EUA, propositalmente, para reforçar a ideia de que não era tão “panamericano” como Aranha, para tirar proveitos dos receios estadunidenses. Vemos que a estratégia de um “jogo duplo” não era uma exclusividade de Vargas, mas seus informantes já o aconselhavam a valer-se dela, não apenas como fez Rosalina Lisboa, mas também como fez Raul Bopp.

Por fim, em sua série de “conselhos” sobre a geopolítica dos EUA para a América Latina, ela pediu que Vargas acompanhasse de perto os movimentos de Adolf Berle, secretário dos EUA para a América Latina, que, segundo ela, era estudioso dos governos sul-americanos e especialista em promover propagandas contra governos malquistos pelos EUA. Vale salientar que, mais à frente, Berle teve importante participação na queda de Vargas, em 1945, como explica Stanley Hilton.<sup>791</sup> As perspectivas geopolíticas da informante sobre a América Latina não apenas se mostraram bastante acertadas como recebiam total atenção de Vargas. Ela é uma das mais longevas informantes do presidente e seus encontros pessoais, marcados com frequência, demonstram a importância que ele concedia à figura dela.

---

<sup>788</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Santiago, 14 jan. 1939. Cartas sobre os planos imperialistas dos USA em relação ao Brasil e América Latina, enviando recortes de jornais, relatos e documentos que explicitam as intenções de Summer Welles na Conferência de Lima e da nova política americana e transmitindo sugestões políticas para a América do Sul e Brasil. (GV c 1939.01.14). (Vol. XXXI/6 e 7), p.2.

<sup>789</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Santiago, 14 jan. 1939. Cartas sobre os planos imperialistas dos USA em relação ao Brasil e América Latina, enviando recortes de jornais, relatos e documentos que explicitam as intenções de Summer Welles na Conferência de Lima e da nova política americana e transmitindo sugestões políticas para a América do Sul e Brasil. (GV c 1939.01.14). (Vol. XXXI/6 e 7).

<sup>790</sup> Idem, p.2.

<sup>791</sup> HILTON, Stanley E. The Overthrow of Getúlio Vargas in 1945: Diplomatic Intervention, Defense of Democracy, or Political Retribution? *Hispanic American Historical Review*, v. 67, n. 1, p. 1-37, 1987.

Ainda em maio de 1939, ela relatou os resultados de sua investigação sobre o que chamou de “bureau da desinformação”: um conjunto de nomes nos EUA, envolvidos com o *State Department*, que eram financiados por “diferentes interesses nacionais” com o propósito de fazer divulgar, na imprensa estadunidense, notícias que o Estado Novo fazia censurar em território nacional. Segundo ela, a Argentina estava por trás do processo de divulgação de notícias censuradas dentro do Brasil.<sup>792</sup> Então, ela enviou a Vargas nomes e detalhes para que ele pudesse acompanhar e fazer algo para impedir o processo.<sup>793</sup>

É possível verificar que a atuação dessa informante se dilatou entre 1938 e 1939. Nota-se que Vargas sentia-se mais livre para marcar encontros com ela e trocar cartas mais longas e menos cifradas. Defendo que essa mudança se deu justamente devido à centralização do poder nas mãos do presidente e à menor publicidade de suas atividades a partir do Estado Novo.

Enquanto as missões de Rosalina Lisboa estavam em andamento, outro informante atuava em ações de vigilância para Vargas, em países vizinhos, José Bernardino Câmara Canto, adido comercial no Uruguai sobre o qual já vínhamos investigando.

Com o Estado Novo, Câmara Canto<sup>794</sup> controlou os movimentos do embaixador brasileiro em Montevideo, Lucílio Bueno, a mando de Vargas<sup>795</sup>, buscando compreender se o embaixador faria alguma oposição ao novo regime. Também atuou em uma rede de financiamento para a divulgação do Estado Novo no Uruguai, semelhante ao que fez Rosalina Lisboa. Além disso, surpreendentemente, Canto passou a ter contato diretamente com o presidente do Uruguai, Gabriel Terra, servindo de intermediário

---

<sup>792</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 12 mai. 1939. Carta informando das notícias tendenciosas sobre o Brasil públicas na imprensa americana. (GV c 1939.05.12/2). (Vol. XXXI/74).

<sup>793</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 12 mai. 1939. Carta de Rosalina Coelho Lisboa a Getúlio Vargas informando das notícias tendenciosas sobre o Brasil públicas na imprensa americana. (GV c 1939.05.12/2). (Vol. XXXI/74).

<sup>794</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 10 nov. 1937. Carta informando sobre a vida e as amizades de Flores da Cunha em Montevideu. (GV c 1937.11.10/1). (Vol. XXVIII/20).

<sup>795</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 17 nov. 1937. Carta enviando recortes de jornais de Montevideu criticando o governo brasileiro e informando sobre atitude suspeita do embaixador Lucílio Bueno. (GV c 1937.11.17/1). (Vol. XXVIII/40).

confidencial entre ele e Vargas.<sup>796</sup> Em adição, continuou vigiando Flores da Cunha, que se abrigava naquele país.<sup>797</sup>

Partindo do serviço de informações de Câmara Canto, que denunciava o movimento do embaixador do Uruguai como perigoso ao Estado Novo,<sup>798</sup> Vargas decidiu trocar Lucílio Bueno por Batista Lusardo, no Uruguai. Bueno foi destituído de seu posto e as orientações eram de que ele deveria ter um posto no Peru.<sup>799</sup>

Como explica Glauco Carneiro, em sua obra biográfica sobre João Batista Lusardo,<sup>800</sup> o gaúcho teve importante contribuição na constituição da Aliança Liberal, participou da Revolução de 1930, trabalhou como Chefe da Polícia do Distrito Federal durante o Governo Provisório e atuou durante a guerra civil de 1932, contra Vargas, viajando por vários países da Europa em busca de apoio político. Durante a instalação do Estado Novo, Vargas cooptou seu apoio e o nomeou embaixador do Uruguai, após o processo investigativo secreto conduzido por Câmara Canto contra Lucílio Bueno.<sup>801</sup>

Com Lusardo no cargo, contudo, é interessante notar que Câmara Canto continuou seus serviços como informante, mas agora direcionados ao novo embaixador.<sup>802</sup>

Em 27 de novembro de 1937, ele não apenas deu conta de detalhes confidenciais sobre a atuação política de Lusardo, confiando a Vargas que o novo embaixador era fiel ao governo,<sup>803</sup> como reportou como o antigo embaixador Bueno estava se comportando. Escreveu que Bueno estava tentando anular sua transferência para o Peru, pedindo diretamente ao próprio presidente uruguaio Gabriel Terra. O que Bueno não sabia era da existência da atuação secreta de Canto junto ao próprio Gabriel Terra. Canto disse que

---

<sup>796</sup> Idem,

<sup>797</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 20 nov. 1937. Carta informando sobre Flores da Cunha e enviando recortes de jornal criticando o governo brasileiro. (GV c 1937.11.20/2). (Vol. XXVIII/47).

<sup>798</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 17 nov. 1937. Carta enviando recortes de jornais de Montevidéu criticando o governo brasileiro e informando sobre atitude suspeita do embaixador Lucílio Bueno. (GV c 1937.11.17/1). (Vol. XXVIII/40).

<sup>799</sup>Idem.

<sup>800</sup> CARNEIRO, Glauco. *Lusardo, o último caudilho*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

<sup>801</sup> Idem, p. 366.

<sup>802</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 27 nov. 1937. Carta de Câmara Canto a Getúlio Vargas informando sobre a reação de Flores da Cunha à nomeação de Batista Lusardo para embaixador no Uruguai. (GV c 1937.11.27/4). (Vol. XXVIII/63).

<sup>803</sup> Idem, p.1.



agiu junto ao presidente Terra para explicar-lhe as mudanças feitas por Vargas, garantindo que a remoção de Bueno ocorresse sem demais desgastes.<sup>804</sup> Inclusive, o adido explicou a Vargas que estava trabalhando para impedir que os “círculos políticos” de Lucílio Bueno continuasse fazendo críticas a Getúlio.

As atividades de Câmara Canto, portanto, impressionam. Vargas confiou a ele a missão de ser seu intermediário junto ao próprio presidente do Uruguai e confiou em suas investigações sobre a atuação do então ex-embaixador Bueno, além de, claro, confiar a ele esforços de propaganda sobre o Estado Novo. Suas atividades também se deram na inspeção e acompanhamento de acordos comerciais entre Brasil e Uruguai, demonstrando que suas atividades eram importantes para a tomada de decisões de Vargas sobre sua política externa para com o país vizinho.<sup>805</sup>

Com o passar do tempo, a posição de Bernardino Câmara Canto tornou-se ainda mais importante para Vargas com a gestão de Batista Lusardo como embaixador do Brasil no Uruguai. Visto que, ao longo de 1939, o informante denunciou ao presidente certas críticas que Lusardo fez a Vargas e contradisse algumas das informações que o embaixador passava ao Executivo.<sup>806</sup>

Lusardo assumiu o cargo já com a premissa de divulgar o Estado Novo.<sup>807</sup> Em nenhum momento, contudo, Vargas deixou de vigiá-lo, por meio de Câmara Canto.<sup>808</sup>

---

<sup>804</sup>CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 1 dez. 1937. Cartas sobre a substituição do embaixador brasileiro em Montevidéu. Inclui referências sobre as atividades de Flores da Cunha no Uruguai, a atitude provocadora de Lucílio Bueno, face à sua transferência para Lima e a chegada em Montevidéu de Batista Luzardo, nomeado novo embaixador. (GV c 1937.12.01). (Vol. XXVIII/71. 74, 81, 85).

<sup>805</sup> CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 1 dez. 1937. Cartas sobre a substituição do embaixador brasileiro em Montevidéu. Inclui referências sobre as atividades de Flores da Cunha no Uruguai, a atitude provocadora de Lucílio Bueno, face à sua transferência para Lima e a chegada em Montevidéu de Batista Luzardo, nomeado novo embaixador. (GV c 1937.12.01). (Vol. XXVIII/71. 74, 81, 85).

<sup>806</sup> CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 1 dez. 1937. Cartas sobre a substituição do embaixador brasileiro em Montevidéu. Inclui referências sobre as atividades de Flores da Cunha no Uruguai, a atitude provocadora de Lucílio Bueno, face à sua transferência para Lima e a chegada em Montevidéu de Batista Luzardo, nomeado novo embaixador. (GV c 1937.12.01). (Vol. XXVIII/71. 74, 81, 85).

<sup>807</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatários: Maurício Cardoso, Valter Jobim e Oscar Fontoura. Montevidéu, 3 mar. 1938. Carta sobre a posição do governo uruguaio em relação ao exílio de Flores, comentando as atividades deste, ressaltando seu depoimento no processo Waldemar Rippol, e lamentando o prestígio e as facilidades de acesso que Flores ainda tem para interferir na política riograndese. (GV c 1938.03.03). (Vol. XXIX/20).

<sup>808</sup> CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 1 dez. 1937. Cartas sobre a substituição do embaixador brasileiro em Montevidéu. Inclui referências sobre as atividades de Flores da Cunha no Uruguai, a atitude provocadora de Lucílio Bueno, face à

Vargas enganou Lusardo, pedindo a ele que informasse Canto de que seus serviços como informante não seriam mais necessários, ele assim o fez, mas as atividades de Bernardino Câmara Canto continuaram ao longo de 1938 e 1939, evidenciando a estratégia de Vargas, no sentido de investigar as ações do embaixador.<sup>809</sup>

Apesar de Lusardo ser vigiado por Canto, identifiquei que ele também passou a atuar como um informante do presidente. Lucílio Bueno, antigo embaixador do Uruguai, não trocava cartas diretas com Vargas, não obstante, Lusardo passou a despachar diretamente ao presidente e não apenas assuntos de sua atuação enquanto embaixador, mas sobre uma diversidade de temas. Um deles chama muito a atenção: o monitoramento de integralistas, fascistas e comunistas. É sobre a atuação dele e de outros informantes nessa temática que analisarei a seguir.

### 5.5 Os inimigos do Estado Novo

Os informantes do presidente foram importantes no acompanhamento de integralistas e comunistas, visto que o Estado Novo buscou coibir ambas as forças. Começo pela atuação de Orlando Leite Ribeiro, cujos últimos trabalhos junto a Vargas foram sobre a identificação de movimentos da oposição comunista.

Em 1939, Leite Ribeiro foi transferido de Buenos Aires para Santiago. Lá, ele desenvolveu um trabalho secreto junto a Filinto Muller, Chefe da Polícia do Distrito Federal, e Vargas no monitoramento de atividades comunistas sediadas no Chile que tinha vinculação com conspirações no Brasil e na Espanha.<sup>810</sup> Leite Ribeiro entrou em contato com o Estado Maior do Chile para articular essa operação, com apoio de Vargas e Muller, mais uma vez, demonstrando a liberdade, sigilo e importância de suas atividades como informante do presidente.<sup>811</sup>

---

sua transferência para Lima e a chegada em Montevideu de Batista Luzardo, nomeado novo embaixador. (GV c 1937.12.01). (Vol. XXVIII/71. 74, 81, 85).

<sup>809</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 26 fev. 1938. Carta informando que o Governo uruguaio decretou a internação de Flores da Cunha, comunicando a existência de um "comitê" nesse país composto por Costa Leite e outros com o objetivo de abalar o Governo brasileiro, solicitando verba para propaganda do Estado Novo e informando sobre dispensa de pessoal da embaixada. (GV c 1938.02.26). (Vol. XXIX/17).

<sup>810</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Filinto Müller. Santiago, 26 mai. 1939. Carta informando sobre as articulações dos comunistas no Chile. (GV c 1939.05.26). (Vol. XXXI/79b).

<sup>811</sup> RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Filinto Müller. Santiago, 26 mai. 1939. Carta informando sobre as articulações dos comunistas no Chile. (GV c 1939.05.26). (Vol. XXXI/79b).

O informante não apenas monitorou os comunistas. Em 10 de novembro de 1939, ele detalhou as atividades do embaixador brasileiro naquele país que, segundo ele, estava atuando junto a opositores do Estado Novo e a forças comunistas. Nessa carta, ele escreveu uma série de palavras pela metade.<sup>812</sup> O texto é de compreensão muito difícil, mas, de acordo com o próprio adido, Vargas saberia ler bem. Ele estava combinando essa nova estratégia junto ao presidente, pois informou que sabia que alguns de seus relatórios confidenciais haviam sido abertos antes de chegar ao destino e que suas suspeitas eram funcionários do Itamaraty.<sup>813</sup> Pelas cartas, é possível compreender que Leite informou a Vargas sobre um movimento oposicionista que se dava dentro do citado órgão e estava passando despercebido por Aranha. Pediu a Vargas que investigasse.<sup>814</sup>

A partir da transferência de Ribeiro para o Chile, suas atividades de vigilância pararam de receber orientações do presidente. Ele intensificou suas reclamações de que não estava mais recebendo informações de Vargas. O que se nota é que com o Estado Novo instalado, Vargas tinha muito mais liberdade de movimentar embaixadores sem grandes pressões políticas, funcionários e construir novos canais de informação. Essa nova realidade, muito provavelmente, tornou os trabalhos de Leite Ribeiro muito menos necessários. A maneira que Vargas escolheu para findar os serviços de informação dele foi transferi-lo para o Chile, não enviar novas orientações confidenciais e, no máximo, responder que “nada havia mudado”, para tranquilizar Orlando Leite. Uma outra forte possibilidade é aquela que Ribeiro apontava em suas cartas: seus colegas do Itamaraty o descobriram como informante. Assim, sua posição ficou prejudicada e Vargas preferiu não dar continuidade às trocas que faziam.

Vale o registro de que as investigações do adido comercial sobre atividades comunistas se assemelhavam muito às conduzidas por Rosalina Lisboa. Portanto, falemos do serviço dessa informante quanto às atividades integralistas e comunistas.

---

<sup>812</sup>CUNHA, Vitorino. [Correspondência]. Destinatário: Filinto Muller. Valparaíso, 10 nov. 1939. Carta sobre participação de elementos de esquerda na Missão Militar, participação do Brasil no Congresso Jornalístico, necessidade de substituir o atual embaixador no Chile e criticando a condecoração que o Brasil pretende dar a Edwards (?). (GV c 1939.11.10/1). (Vol. XXXII/65).

<sup>813</sup> Idem, p.1-2.

<sup>814</sup> Idem, p.1-2.

Em 1938, Rosalina Lisboa auxiliou Vargas a negociar com os integralistas.<sup>815</sup> Como explica Leandro Pereira Gonçalves,<sup>816</sup> Vargas valeu-se do apoio integralista para aplicar seu golpe, no entanto, descartou esse apoio durante o novo governo. Ainda em 25 de dezembro de 1937, Vargas já recebia, em suas mãos, um panfleto que circulava nas ruas. Era obra integralista chamada “Convém saber”, que acusava o novo regime de aliado dos comunistas.<sup>817</sup> Assim, logo no início do Estado Novo, para buscar acertos entre a força de Plínio Salgado e o presidente, Rosalina Lisboa serviu de intermediária. Inclusive, a informante marcou encontros com o presidente exclusivamente para discutirem sobre o integralismo.<sup>818</sup>

Malgrado as missões de Rosalina Lisboa quanto ao integralismo tenham se concentrado no âmbito da política interna, ela também atuou contra opositores em ambientes fora do Brasil, no caso, na perseguição a comunistas.

Em maio de 1939, ela trocou cartas com Vargas em que se pode encontrar algo bem raro: as orientações diretas do presidente às missões secretas da informante.<sup>819</sup> Ela reporta a Vargas que havia conseguido localizar, no Chile, um comunista que o presidente pessoalmente a pediu, em seus encontros, em Petrópolis, para monitorar. Getúlio havia pedido que os comunistas chamados apenas de Fabregat e Hohagem fossem monitorados. Ela informou ao presidente de que encontrou Fabregat e já sabia de suas movimentações, mas que também descobriu que ele estava sob o comando de um comunista chileno chamado Luiz Alberto Chances, quem, segundo ela, tinha um círculo de amigos importantes dentro do Itamaraty, pelo qual movimentava uma rede de informações. Ela então conclui pedindo que Vargas entrasse em contato com o governo do Chile, para impedir os planos desses indivíduos.<sup>820</sup> Sua atuação contra os opositores do regime foi, porquanto, bastante relevante.

---

<sup>815</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, jan. 1938. Bilhete comunicando o interesse de Plínio Salgado em conversar com o presidente e solicitando que seja acertada uma forma para o encontro. (GV c 1938.01.00). (Vol. XXIX/8a).

<sup>816</sup>GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

<sup>817</sup>CONVÉM SABER. [Panfleto]. Convém saber: Panfleto integralista acusando o governo de comunista. (GV c 1937.12.25). (Vol. XXVIII/96b).

<sup>818</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, fev. 1938. Carta tratando de um pedido de emprego, solicitando audiência para informar sobre suas conversações com Plínio Salgado e lamentando a morte de Valdomiro Lima. (GV c 1938.02.00). (Vol. XXIX/14a).

<sup>819</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Mai. 1939. Carta denunciando o preparo de uma conspiração comunista no Chile contra o governo brasileiro e recomendando algumas providências. (GV c 1939.05.00/1). (Vol. XXXI/78).

<sup>820</sup>Idem.

É importante analisar que Vargas recebia, algumas vezes, dados sobre o mesmo objeto, por meio de diferentes informantes. Algumas informações batiam, outras se contradiziam e, inclusive, serviam para que ele decidisse em quem e no que confiar. Um exemplo interessante é a investigação que Câmara Canto fez sobre o comunista de que falei, Rodrigues Fabregat,<sup>821</sup> que passou pelo Uruguai, fazendo conferências. Canto o investigou a pedido de Vargas, assim como fez Rosalina Lisboa, e ambos apresentaram informações similares, permitindo a Vargas atestar a veracidade ou não de certos pontos.

Câmara Canto investigava uma série de nomes brasileiros que estariam atuando para derrubar Vargas em associação com Flores da Cunha e, devo lembrar, que ele contava com a cooperação secreta do próprio presidente Uruguai, Gabriel Terra.<sup>822</sup> Enfatizo que seu serviço, enquanto informante sobre as atividades comunistas, não pode ser separado das informações que ele fornecia a Vargas sobre o comércio e a política externa do Uruguai. As informações que enviava a Vargas, por meio de portadores confidenciais, para contornar o Itamaraty, variaram entre o comércio, a política interna do Uruguai, o comunismo e o nazismo.<sup>823</sup>

Outra pessoa que, junto a Canto, prestou serviços de perseguição aos opositores do Estado Novo, ao mesmo tempo que conduzia negócios comerciais e políticos entre Brasil e Uruguai, foi o próprio embaixador João Batista Lusardo.

Ele iniciou seus trabalhos confidenciais junto a Vargas fazendo uma investigação sobre possíveis atos de corrupção do antigo embaixador do Uruguai, Lucílio Bueno e entrou em contato com o presidente Gabriel Terra, em nome de Getúlio Vargas, para monitorarem, juntos, os movimentos de Flores da Cunha e de nomes ligados ao

---

<sup>821</sup>CANTO, José Bernardino da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 1 jul. 1939. Carta sobre as atividades dos exilados políticos no Uruguai, a palestra de Rodrigues Fabregat na inauguração do Clube Brasileiro do qual Batista Luzardo é diretor e informando que a Câmara do Comércio Uruguai-Brasil está se tornando ponto de encontro de comunistas. (GV c 1939.07.01/1). (Vol. XXXII/1).

<sup>822</sup> CANTO, José Bernardino da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 1 jul. 1939. Carta sobre as atividades dos exilados políticos no Uruguai, a palestra de Rodrigues Fabregat na inauguração do Clube Brasileiro do qual Batista Luzardo é diretor e informando que a Câmara do Comércio Uruguai-Brasil está se tornando ponto de encontro de comunistas. (GV c 1939.07.01/1). (Vol. XXXII/1).

<sup>823</sup> Idem.

comunismo e ao integralismo.<sup>824</sup> Como resultado, descobriu um plano para assassinar Getúlio Vargas, em 03 de março de 1938, e passou a agir para frustrá-lo.<sup>825</sup>

A partir do dia 25 de março de 1938, Lusardo combinou uma cifra telegráfica apenas entre ele e Vargas e passou, também, a se valer de novos portadores secretos para suas cartas. A intenção era de que suas comunicações não passassem pelo Itamaraty, nem fossem interceptadas por outros membros do governo.<sup>826</sup> A partir de abril daquele ano, Câmara Canto passou a informar sobre os mesmos nomes e movimentos políticos que Lusardo, demonstrando a intenção do presidente de cruzar as informações, verificando em quem mais confiar,<sup>827</sup> atividade semelhante àquela que passou a fazer entre o que Rosalina Lisboa e outros informantes entregavam.

Maria Celina D'Araújo explica que Vargas sofreu, em 11 de maio de 1938, um atentado à sua vida organizado pelos integralistas.<sup>828</sup> O que Lusardo buscou provar a Vargas era que o movimento não estava ligado apenas ao integralismo, mas também às forças de Flores da Cunha que ele vinha monitorando junto a Filinto Muller. Junto a Vargas e os presidentes do Uruguai, da Argentina e membros do Exército brasileiro, Lusardo passou a desenvolver um plano de monitoramento da fronteira entre os três países, para controlar o movimento de munição, armas e pessoas.<sup>829</sup> Ele mesmo construiu sua própria rede de informantes, e, por exemplo, por meio de um indivíduo chamado

---

<sup>824</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 14 dez. 1937. Carta enviando documentos relativos à renovação do contrato de locação do imóvel onde funciona a embaixada brasileira em Montevidéu e solicitando um telegrama do Itamaraty negando autorização para assinar o referido contrato, efetuado pelo embaixador anterior. (GV c 1937.12.14/2). (Vol. XXVIII/88).

<sup>825</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Maurício Cardoso, Valter Jobim e Oscar Fontoura. Montevidéu, 3 mar. 1938. Carta sobre a posição do governo uruguaio em relação ao exílio de Flores, comentando as atividades deste, ressaltando seu depoimento no processo Waldemar Rippol, e lamentando o prestígio e as facilidades de acesso que Flores ainda tem para interferir na política riograndese. (GV c 1938.03.03). (Vol. XXIX/20).

<sup>826</sup>CIFRA PARTICULAR. Cifra particular a ser usada entre Getúlio Vargas e Batista Luzardo. (GV c 1938.03.25/2). Montevidéu, 25 mar. 1938.

<sup>827</sup>CANTO, José Bernardino da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 30 abr. 1938. Carta informando sobre o estado de saúde de Flores da Cunha, comentando a repercussão do Governo brasileiro no Uruguai e os contatos de Batista Luzardo com a imprensa. (GV c 1938.04.30). (Vol. XXIX/66).

<sup>828</sup>D'ARAÚJO, Maria Celina. *O Estado novo*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2000, p.27.

<sup>829</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 2 ago. 1938. Carta sobre a situação da política interna uruguaia, questões de contrabando e fiscalização na fronteira, atuação conspiratória de Flores da Cunha, embaixada argentina, etc. (GV c 1938.08.02) (Vol. XXX/24).

“coronel Pequeno Pedroso”, relatou a Vargas que impediu um líder da oposição do Estado Novo, Belmiro Valverde, de iniciar um golpe ao governo brasileiro.<sup>830</sup>

Partindo de suas novas descobertas, Lusardo passou a defender que havia um financiamento secreto do nazismo a forças integralistas no Brasil.<sup>831</sup> Conversou com o embaixador de Cuba no Uruguai, Rodriguez Embil, quem, segundo ele, garantia que as forças nazistas estavam financiando o integralismo no Brasil.<sup>832</sup> De acordo com Lusardo, havia ligações diretas entre forças nazistas e integralistas na Bahia preparando um golpe.

Sobre essa informação, Vargas contactou, sem conhecimento de Lusardo, um outro informante, um funcionário do governo na Bahia chamado Francisco Rocha.<sup>833</sup> Rocha investigou longamente o caso e reportou secretamente ao presidente dizendo que nada pôde encontrar sobre as suspeitas sobre a ligação entre nazistas e integralistas na Bahia. Mais uma vez, Vargas fazia cruzar as informações de diferentes informantes, para decidir em quem acreditar.

Por outro lado, Francisco Rocha descobriu que, em seu estado, havia um movimento que estava financiando opositores de Vargas em Paris, liderado por Armando Salles e Otávio Mangabeira, ex-ministro das Relações Exteriores. O dinheiro estava sendo usado para levar notícias contra o Estado Novo para a Europa e os EUA.

Interessante notar que o secretário pessoal do presidente, Luís Vergara, cruzou essas informações com as de outro informante, o diplomata em Paris, Paulo Silveira, criando mais uma frente de informações.

---

<sup>830</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 19 set. 1938. Carta narrando conversa com o Coronel Pequeno Pedroso que lhe expôs os planos conspiratórios de Flores da Cunha e o atentado pessoal que está sendo planejado contra o presidente da República. (GV c 1938.09.19). (Vol. XXX/37).

<sup>831</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 4 out. 1938. Carta enviando informações sobre as pessoas envolvidas no plano de atentado pessoal ao presidente da república, comentando as repercussões no Uruguai do encontro dos ministros da Fazenda deste país com o do Brasil e Argentina e sugerindo nomes para a representação brasileira na Conferência de Lima. (. GV c 1938.10.04). (Vol. XXX/41).

<sup>832</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 15 nov. 1938. Carta sobre atividades integralistas e nazistas, elogiando a solução da aos presos políticos, recomendando esforços para a captura de Plínio Salgado e a formação de uma corrente política nacional e outros assuntos da política latino-americana. Em anexo, carta de Teodomiro Varela de Andrade sobre o primeiro aniversário da Constituição de 1937 e respostas de Getúlio Vargas. (GV c 1938.11.15). (Vol. XXX/64, 61, 72a e 72b).

<sup>833</sup>ROCHA, Francisco. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Bahia, 30 abr. 1939. Carta informando que, pelas investigações feitas, não tem encontrado nenhum movimento conspiratório na Bahia e criticando a atuação do Interventor (Landulfo). Envia exemplar de carta dirigida a Roosevelt por elementos opositoristas. (GV c 1939.04.30/1). (Vol. XXXI/67).

Silveira é informante já investigado em capítulos anteriores. De Paris, ele continuava enviando informações a Vargas, por meio de Vergara. Em meio a denúncias de diplomatas que se opunham a Vargas, Silveira escreveu a Vergara, dizendo que teve acesso aos “gráficos do Ministério da Propaganda” da Alemanha e lá constava que o Brasil era detentor de uma minoria étnica de 750 mil alemães.<sup>834</sup> Pediu que Vargas ficasse atento às forças integralistas, pois o mais provável era que Hitler as utilizaria para se infiltrar no Brasil. Vergara respondeu Silveira agradecendo por suas informações. Além disso, Silveira investigou a atuação de Mangabeira, Armando Salles e Lindolfo Collor,<sup>835</sup> narrando as mesmas coisas que Francisco Rocha havia reportado ao presidente. Destarte, o cruzamento dessas informações permitia Vargas verificar o que realmente era mais provável de estar acontecendo, ou seja, não havia uma real ligação entre integralistas e nazistas na Bahia, mas Silveira e Rocha estavam certos sobre o movimento de Armando Salles e Collor na Europa contra Vargas.

Lusardo continuava seus relatórios a Vargas. Em mais um episódio que ilustra como o presidente cruzava o serviço de informações de diferentes atores. Em seis de março de 1939, o embaixador brasileiro no Uruguai enviou cartas sobre as atividades de opositores do Estado Novo que juntavam forças comunistas e brasileiras na Espanha,<sup>836</sup> informações idênticas às de Orlando Leite<sup>837</sup>, sobre as quais já descrevemos, formando uma rede de informações de diferentes fontes sobre os mesmos objetos de investigação. Getúlio Vargas tinha em mãos o desenho dos movimentos das forças comunistas que ligavam Chile, Uruguai e Espanha com foco de ações no Brasil, cruzando informações de Batista Lusardo, Câmara Canto e Orlando Leite Ribeiro.

Não só de informações políticas sigilosas constituíam os serviços do embaixador no Uruguai. Ao longo de 1939, ao mesmo tempo que, em cartas confidenciais, tratavam

---

<sup>834</sup>SILVEIRA, Paulo da. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Paris, 9 dez. 1938. Cartas de Paulo da Silveira a Getúlio Vargas e Luís Vergara comentando o perigo que os países totalitários representam para o Brasil, enviando informações sobre a atividade dos exilados políticos brasileiros em Paris e expondo os motivos de ordem pessoal e política que o levam a solicitar sua transferência para esta cidade. Em anexo resposta de Getúlio Vargas agradecendo as informações e pedindo para aguardar instruções. (GV c 1938.12.09). (Vol. XXX/78, 85 e XXXI/3).

<sup>835</sup> Idem, p.6-8.

<sup>836</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 3 jun. 1939. Carta informando sobre o andamento das conspirações em São Paulo, Bahia, Montevideu e Porto Alegre e recomendando vigilância maior na Argentina e no México. (GV c 1939.06.03). (Vol. XXXI/82).

<sup>837</sup>RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Filinto Müller. Santiago, 26 mai. 1939. Carta informando sobre as articulações dos comunistas no Chile. (GV c 1939.05.26). (Vol. XXXI/79b).



dos processos de espionagem<sup>838</sup>, Batista Lusardo combinava, junto a Vargas, os termos para acordos comerciais planos econômicos, como a abertura do Banco do Brasil no Uruguai.<sup>839</sup> Assim como fazia com Câmara Canto, Aranha e Leite Ribeiro ou ainda Paulo Germano Haslocher, estudado em páginas anteriores, Vargas não tratava apenas de espionagens e perseguições junto a seus informantes, mas dava importantes passos sobre assuntos referentes à econômica e ao comércio do Brasil com outros países, marcando sua preferência por sondagens silenciosas antes que decisões formais de política externa fossem executadas.

Ainda assim, as relações entre integralismo e nazismo continuaram sendo o foco do seu trabalho de espionagem. Em 1939, ele contratou um informante alemão chamado de “Carlos Stemmer”. Stemmer infiltrou outros espiões entre forças nazistas do Uruguai e Argentina e passou a informar o embaixador Lusardo. Juntos, acompanharam os passos de Plínio Salgado chamado, nas cartas, de “bispo”, e os planos de outros líderes integralistas, principalmente os do indivíduo Mário Ramos, nas cartas, chamado de “o arcebispo”, o líder integralista de São Paulo.<sup>840</sup> Vale dizer que Alzira Vargas e Luís Vergara eram quem mais recebiam essas cartas sempre marcadas como “confidencial”, repassando-as ao presidente.<sup>841</sup>

Registro que os movimentos de Lusardo lograram êxito diversas vezes, culminando em prisões. Sua ação junto à de Filinto Muller, por exemplo, levou o citado líder Belmiro Valverde à prisão.<sup>842</sup>

---

<sup>838</sup>SALGADO, Plínio. [Correspondência]. Destinatário: Félix Contreiras Rodrigues. Lisboa, 20 out. 1939. Carta agradecendo correspondência e a intenção de dedicar-lhe o livro que está escrevendo. (GV c 1939.10.20/2). (Vol. XXXII/56).

<sup>839</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideú, 15 abr. 1939. Cartas sobre as atividades de Flores da Cunha, solicitando a criação de uma agência do Banco do Brasil no Uruguai e sugerindo também outras iniciativas econômicas e culturais entre os dois países. Envia, em anexo, recortes de jornais uruguaios sobre o discurso de Vargas e a assinatura do Protocolo de Câmbio entre Brasil e Argentina. (GV c 1939.04.15). (Vol. XXXI/62 e 71).

<sup>840</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideú, 5 out. 1938. Carta enviando documentos sobre atividades integralistas e informando sobre seus contatos com o movimento. (GV c 1938.10.05). (Vol. XXX/42).

<sup>841</sup>LUZARDO, João Batista. [Telegrama]. Destinatário: Alzira Vargas. Montevideú, 17 out. 1938. Telegrama pedindo para informar Filinto Müller que Ondino Vieira e esposa, elementos ligados ao comunismo, embarcaram para o Brasil. (GV c 1938.10.17). (Vol. XXX/45a).

<sup>842</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideú, 26 out. 1938. Carta informando sobre a preparação de movimento armado contra o governo com a participação de integralistas e de Flores da Cunha e aconselhando que prenda todos os conspiradores. (GV c 1938.10.26). (Vol. XXX/51).

Agora, olhando todo esse quadro de ações à distância, vê-se uma trama de informantes, um emaranhado de complicadas investigações. O que se pode observar é que as atividades de Rosalina Lisboa, João Batista Lusardo, Câmara Canto e Orlando Leite Ribeiro cruzavam-se, compondo um quadro de informações que chagavam a Vargas. O presidente, por sua vez, tratava cada informante como se os outros não existissem, mantendo uma rede de serviços pessoais de informações que apenas ele compreendia. A intensidade da atuação, das trocas e até o maior número de páginas que as cartas desses informantes passavam apontam para como a prática de gestar esses trabalhos confidenciais passou a ser rotina para Vargas durante o Estado Novo.

O quadro de informantes da América Latina era cruzado, também com aquele da Europa e dos EUA. Na Europa, ele contou com os serviços de outros atores, como analiso a seguir.

#### 5.6 Os informantes na Europa e o início da Segunda Guerra Mundial

Enquanto coordenava investigações na América Latina, Vargas aproximou-se de novos personagens em busca de aperfeiçoar seu serviço pessoal de informações na Europa. A título de introdução, relato o serviço de informação de Sebastião Sampaio, que passou a atuar além de suas funções protocolares.

Ele ingressou na carreira diplomática em 1924, atuou até 1930 em comissões representativas dos interesses comerciais do Brasil, nos EUA. Em 1934, foi chefe dos Serviços Econômicos e Comerciais ligado ao Itamaraty. Atuou à frente dos negócios do Conselho Federal de Comércio Exterior. Em 1937 e 1938, atuou como Ministro Plenipotenciário em Praga.<sup>843</sup>

Uma vez instalado o Estado Novo, Sampaio passou a escrever diretamente a Vargas, explicando ter mais liberdade para continuar informando o presidente diretamente com o novo regime.<sup>844</sup> Sampaio (1937, p.2) agradeceu o presidente pela instalação do regime, dizendo que “agora todos irão conhecer o verdadeiro Vargas, um presidente que não se detém por obstáculos jurídicos”.<sup>845</sup>

---

<sup>843</sup>Almanaque do Pessoal-1938, p.215. Disponível em: [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1938.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1938.pdf) Acessado em 17/02/23 às 10:46.

<sup>844</sup>SAMPAIO, Sebastião. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Praga, 26 nov. 1937. Carta elogiando o regime instaurado com a Constituição de 10 de novembro, ressaltando alguns pontos a serem considerados na política econômica e lembrando sua promoção. (GV c 1937.11.26). (Vol. XXVIII/58).

<sup>845</sup> Idem, p.2.

Sua atuação foi direcionada à divulgação do novo regime na Europa. Ele combinou junto a Vargas um projeto de distribuição de panfletos e publicações que visassem a explicar que o novo regime era fundado, em suas palavras, na “brasilidade”, e não no fascismo e no nazismo.<sup>846</sup> Suas ações se direcionaram também à subvenção de artigos elogiosos ao novo regime em diferentes países, como França e Alemanha.<sup>847</sup> As ações combinadas demonstram a liberdade com que Sampaio tratava com Vargas e como tinham um projeto de propaganda sobre o Estado Novo para o velho continente. Também demonstra como o novo contexto inspirava a permitir novos atores de interesse do presidente passarem a despachar diretamente com ele.

Na esteira de informantes que atuavam na Europa, as atividades do adido comercial Luís Sparano chamam muito a atenção. Investiguei sua atuação em 1937, e passo agora, a analisá-la entre 1938 e 1939.

Apesar do cargo, ele conferenciou com Mussolini em nome de Vargas e detalhou o ambiente da Itália fascista com muita assiduidade, principalmente, após a instalação do Estado Novo. O embaixador do Brasil na Itália, contudo, como informa Seitenfus<sup>848</sup>, era Guerra Duval, que não se comunicava diretamente com Vargas. Por isso, as atividades de Sparano, durante o novo regime, reforçam sua atuação como informante do presidente.

No dia dois de setembro de 1938, por exemplo, Sparano informou Getúlio de que Mussolini o chamou para conversar após Vargas ter enviado ao diplomata orientações confidenciais. Ele conversou com o Duce por uma hora e meia.<sup>849</sup> Sparano escreveu traduzindo as palavras de Mussolini a Vargas: “Vossa excelência sabe e repito hoje, novamente, que eu desejo um Brasil forte, fortíssimo. É a primeira potência da América do Sul e tal deve ser também pela sua preparação militar e naval” (SPARANO, 1938, p.1).<sup>850</sup> Segundo o diplomata, Mussolini buscava dar prestígio geopolítico ao Brasil em

---

<sup>846</sup> SAMPAIO, Sebastião. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Praga, 26 nov. 1937. Carta elogiando o regime instaurado com a Constituição de 10 de novembro, ressaltando alguns pontos a serem considerados na política econômica e lembrando sua promoção. (GV c 1937.11.26). (Vol. XXVIII/58).

<sup>847</sup> Idem.

<sup>848</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985, p.180.

<sup>849</sup> SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 2 set. 1938. Carta narrando seu encontro com Mussolini no qual tratou das relações comerciais entre Brasil e Itália, posição deste país em relação à guerra e das atitudes do embaixador italiano no Brasil, Vincenzo Lojacono. (GV c 1938.09.02/1). (Vol. XXX/30).

<sup>850</sup> SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 2 set. 1938. Carta narrando seu encontro com Mussolini no qual tratou das relações comerciais entre Brasil e Itália,

detrimento da Argentina e queria combinar acordos comerciais em segredo para o fornecimento de matéria-prima brasileira em troca de armamento. O italiano quis garantir a Vargas de que não estava alinhado à Alemanha, mas, sim, refém da situação. Disse Mussolini: “a Alemanha tem 2 milhões de homens armados até os dentes e um belo dia, os fuzis começam a disparar sem querer, mas a Itália vai fiar quieta. O Eixo não me força tomar posição” (SPARANO, 1938, p.2).<sup>851</sup>

Nas rugas entre o embaixador Ritter e Oswaldo Aranha, que narrei acima, a atividade de Sparano foi importante. Ele conversou diretamente com Mussolini para demonstrar que a proibição de partidos políticos no Brasil não afetava as boas relações do país com a Itália. Ele levou resultados da censura do Estado Novo até o Duce, para convencê-lo de que publicações de crítica à Itália foram diversas vezes impedidas.<sup>852</sup> Sparano disse que Oswaldo Aranha pouco ou nada o respondia sobre o que fazer sobre o caso, mas que ele podia contar com o apoio confidencial do presidente, por isso, continuaria tratando do assunto diretamente com Vargas.<sup>853</sup>

Aranha acabou se correspondendo com Sparano após essas cartas. Pediu que Mussolini compreendesse a situação brasileira e em tom mais sério escreveu: “estamos fortes, pois estamos nos armando e o continente está conosco”,<sup>854</sup> dizendo esperar que a Itália também estivesse. Interessante notar que Sparano conseguiu que a Itália intermediasse o “caso Ritter” entre Brasil e Alemanha, pedindo que Berlim permanecesse em amizade fraterna junto ao Brasil.<sup>855</sup> Escreveu Sparano (1938, p.20) em resposta confidencial a Vargas: “O Duce diz que, na ocasião primeira que se lhe apresentar, falará ao Hitler”.<sup>856</sup>

---

posição deste país em relação à guerra e das atitudes do embaixador italiano no Brasil, Vincenzo Lojacono. (GV c 1938.09.02/1). (Vol. XXX/30), p.1.

<sup>851</sup> Idem, p.2.

<sup>852</sup> SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 7 fev. 1939. Carta encaminhando cópia da correspondência trocada por Oswaldo Aranha sobre o conflito diplomático Brasil-Alemanha provocado pelo embaixador Ritter, repercussão do caso na Itália, situação europeia frente a guerra, preocupação do governo italiano em relação aos emigrantes desse país residentes no Brasil e conversações mantidas em torno do acordo comercial Brasil-Itália. (GV c 1939.02.07). (Vol. XXXI/19, XXX/83, XXXI/12b e 15b, XXX/65, 75, 77, XXXI/12a).

<sup>853</sup> SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 2 set. 1938. Carta narrando seu encontro com Mussolini no qual tratou das relações comerciais entre Brasil e Itália, posição deste país em relação à guerra e das atitudes do embaixador italiano no Brasil, Vincenzo Lojacono. (GV c 1938.09.02/1). (Vol. XXX/30).

<sup>854</sup> Idem.

<sup>855</sup> Idem, p.20.

<sup>856</sup> Idem, p.20.

Em uma outra situação, Sparano descreveu a Vargas os detalhes das relações geopolíticas na Europa. Para ele, o “inesperado” estava prestes a acontecer. A Itália e a Alemanha colocariam mais de 20 milhões de soldados para lutar em uma batalha frenética e o Brasil precisaria tomar um dos lados. Buscou reforçar que, em sua perspectiva, a França e Inglaterra estavam em posição de fraqueza bélica.<sup>857</sup>

Analisando a relação entre Vargas e Sparano concluo que a deferência que o presidente concedeu a este diplomata, torando-o seu informante particular, foi fundamental para a comunicação entre Vargas e Mussolini. Não obstante, a proximidade que ele desenvolveu junto ao presidente também teve seu preço. O adido narrou, em 10 de março de 1939, que membros do Itamaraty estavam perseguindo-o, pois buscavam provar que as provas de nacionalidade brasileira de Sparano eram falsas, logo ele não poderia estar no Itamaraty. Disse que o próprio Oswaldo Aranha estava envolvido na situação. Segundo ele, a perseguição dava-se exatamente por saberem do prestígio que ele contava junto ao presidente. Pediu, então, ajuda de Vargas. As trocas entre Sparano e Vargas continuaram até 1945, provando que ele permaneceu no cargo, o que leva a pensar que Vargas de fato o ajudou.<sup>858</sup>

Outro diplomata na Europa passou a despachar diretamente junto a Vargas, trabalhando em complemento aos trabalhos de Luís Sparano, refiro-me a Paulo Mathias de Assis Silveira. Entre 1930 e 1940, ele atuou como segundo secretário na embaixada brasileira de Roma, Berna, Praga, Paris e Madrid, de acordo com o Anuário de funcionários do Itamaraty.<sup>859</sup> Ele se comunicava com Vargas, por meio do secretário Luís Fernandes Vergara, por isso, precisei analisar o arquivo pessoal de Vergara, no CPDOC, para compreender seus serviços.

Entre 1940 e 1945, as cartas do informante chamam a atenção, pois ele agiu para buscar ampliar o comércio do Brasil com a Itália, trazendo dados confidenciais a Vargas, fazendo publicar panfletos e artigos elogiosos ao Estado Novo a pedido de Vergara e

---

<sup>857</sup> Idem, p.15-20.

<sup>858</sup> SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 10 mar. 1939.. Carta enviando documentos que atestam sua nacionalidade brasileira e solicitando que interceda no sentido de desfazer os boatos que se movem contra ele. (GV c 1939.03.10/2). (Vol. XXXI/45).

<sup>859</sup> Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p. 338. Disponível em Disponível em [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1940.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1940.pdf) em Acessado em 10/03/2023 às 12:37

concluindo relatórios sobre a política na Europa.<sup>860</sup> Um exemplo interessante de suas missões extraoficiais é que Vergara pediu que Silveira usasse suas férias para investigar a máquina de propaganda e o serviço público italiano e enviar relatórios. Silveira executou a missão inclusive deixou em Roma um colega chamado Latour para que continuasse a investigação.<sup>861</sup> Passar pelo arquivo de Vergara é fundamental para que se compreenda como Vargas administrava uma “rede de informantes” durante o período da Segunda Guerra Mundial.

No contexto da Guerra, Sparano e Silveira continuaram fiéis informantes de Vargas, repassando informações sigilosas, como, por exemplo, os planos de Hitler e de Mussolini para subjugar a França e formarem um bloco que sufocasse a Inglaterra durante a guerra.<sup>862</sup> As nuvens fechavam-se na Europa e Vargas esteve ciente de cada passo.

Em 23 de setembro de 1939, o presidente recebeu um telegrama da United Press informando que a França estava secretamente mobilizando todos os seus veículos de guerra. Algo grande estava para acontecer. No dia primeiro de setembro, Carlos Martins (1939), embaixador do Brasil nos EUA, escreveu a Getúlio: “hoje, o presidente Roosevelt teve comunicação telefônica da Europa de que os exércitos alemães receberam ordem de invadir a Polônia. Espera-se para amanhã a declaração de guerra da Inglaterra e da França a Hitler”.<sup>863</sup> Martins tomou a liberdade de telegrafar a Berlim para que o filho de Vargas fosse imediatamente retirado de lá. Luthero Vargas estava na Alemanha, desenvolvendo seus estudos de Química naquele momento.

---

<sup>860</sup>CARTA. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Roma, 25 jan. 1938. Carta, assinatura ilegível, a Luís Vergara sobre assuntos pessoais. (LV c 1938.01.25/2). (Apesar da indicação feita pelo registro do CPDOC, a caligrafia, assuntos e detalhes oferecidos pelo autor levam este pesquisador a identificá-la como pertencente a Paulo Mathias de Assis Oliveira. A comparação foi feita com as cartas já pesquisadas e exploradas no capítulo 3, bem como com os dados oferecidos pelo Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, onde indica local e data de estadia do diplomata, que batem sempre com as datas de locais de onde as cartas aqui analisadas foram escritas)

<sup>861</sup> Idem.

<sup>862</sup>SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 7 jun. 1940. Carta sobre as impressões do Governo italiano em relação ao Brasil, a entrada da Itália na guerra, o poderio militar alemão, a capitulação da França e informando sobre o plano de Mussolini de preparar um grande bloco composto por Alemanha, França e Itália, e talvez a Espanha. (GV c 1940.06.07). (Vol. XXXIII/103).

<sup>863</sup>MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 1 set. 1939. Carta sobre questões referentes à exportação de café e algodão e comentando a reação dos USA frente ao desenrolar da guerra na Europa. (GV c 1939.09.01). (Vol. XXXII/40).

Todo o ambiente estava preparado para uma deflagração internacional e o diplomata Ciro de Freitas Vale escreveu a Vargas agradecendo por ter o escolhido para uma posição especial como informante do presidente.<sup>864</sup> Como explica Fábio Koifman, Vale era primo de Aranha, atuou como secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores entre janeiro e julho de 1939, quando Oswaldo estava na conhecida “Missão Aranha” nos EUA. Foi possivelmente nesse período, informa Koifman, que Vale se aproximou de Vargas e passou a despachar diretamente junto ao presidente.<sup>865</sup> Até agosto de 1939, o responsável pela representação do Brasil em Berlim era Themístocles da Graça Aranha.<sup>866</sup> Vargas jamais trocara correspondências diretas junto a esse diplomata. Com Vale, contudo, as relações foram muito diferentes, pois ele não apenas informou, bem como combinou ações confidenciais junto ao presidente. Destarte, a atuação de Ciro de Freitas Vale enquadra-se no que chamo de “informante do presidente”.

Suas cartas não eram enviadas pela mala direta do Itamaraty ou qualquer outro meio oficial, elas chegavam por portadores secretos. Em primeiro de setembro de 1939, Vale deu início a trocas constantes com o presidente. Na primeira carta, disse que precisava ser sincero: acreditava que a estratégia do presidente de se manter neutro na guerra não duraria, pois, um país neutro dificilmente conseguiria manter seu comércio com a Alemanha.<sup>867</sup> Assustado com tudo que via, escreveu: “veio ao mundo, mais uma vez, as cruezas da guerra (...) até agora, face a face, soldados alemães e soldados franceses esperam, a ver, qual será o primeiro a atirar” (VALE, 1939, p.3)<sup>868</sup>. Narrou que “os homens comuns da rua” não receberam a guerra com popularidade e todos esperavam que ela acabasse logo. Escreveu que o principal receio dos aliados era ter que invadir a União Soviética enquanto lutava-se contra a Alemanha. Em detalhes, descreveu que todos os alemães já estavam preparados para a guerra. Não faltava comida ou energia.

---

<sup>864</sup>VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 27, set. 1939. Carta sobre o conflito entre Inglaterra, França e Alemanha e relatando a repercussão interna da guerra neste último país. (GV c 1939.09.27). (Vol. XXXII/46).

<sup>865</sup>KOIFMAN, Fábio. O Estado Novo e as restrições à entrada de refugiados: história e construção de memória. 2017. *Revista Acervo*, v. 30 n. 2 (jul/dez - 2017), p.76.

<sup>866</sup> Disponível em: <http://www.funag.gov.br/postos/periodo.php> Acesso em 30/03 às 19:53.

<sup>867</sup>VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 27, set. 1939. Carta sobre o conflito entre Inglaterra, França e Alemanha e relatando a repercussão interna da guerra neste último país. (GV c 1939.09.27). (Vol. XXXII/46).

<sup>868</sup>VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 27, set. 1939. Carta sobre o conflito entre Inglaterra, França e Alemanha e relatando a repercussão interna da guerra neste último país. (GV c 1939.09.27). (Vol. XXXII/46), p.3.

A liberdade com que Ciro atuava junto a Vargas gerou, inclusive, um desgaste entre ele e Aranha, como muito bem relata Fábio Koifman. Vale criticou a atuação do Itamaraty como pouco rígida no controle da entrada de judeus. Escreveu Aranha (1940, p3-4) em resposta “queixa-te de que judeus de má qualidade continuam a entrar no Brasil em número crescente, a despeito das normas severas estabelecidas pelo Itamaraty”,<sup>869</sup> defendendo-se. O Ministro escreveu o dossiê “Entrada de semitas no Brasil”, em reação à denúncia. A ação de Vale, explica Koifman (2017, p.78), “desrespeitava a hierarquia e violava a ética”.<sup>870</sup> Apesar dos desgastes, Vargas não renunciou ao serviço pessoal de informações do primo de Aranha. As atividades de Ciro Freitas Vale continuarão sendo investigadas no capítulo seguinte, mas ligaram-se a um outro informante do presidente na Europa que passo a analisar. Trata-se do próprio filho de Getúlio, Luthero Vargas.

Luthero Vargas trabalhou junto a Vale no serviço de levar ao pai uma testemunha ocular da política alemã. Pude notar essa atividade ainda antes de ler as cartas de Luthero propriamente ditas, pois Freitas Vale (1939, p.5) registrou: “Tenho aqui os companheiros Graça Aranha, João Luís, Alvarenga e João Emílio Ribeiro. A eles, juntou-se o Luthero”, disse Freitas Vale.<sup>871</sup> O trabalho de informar o presidente seria feito de maneira secreta, via portadores e as cartas continuariam chegando a Vergara ou a Alzira Vargas, para depois chegar a Getúlio, explicou o diplomata.<sup>872</sup>

Analisando as cartas que o filho do presidente enviou ao pai, pode-se notar que ele não descrevia apenas como estavam seus estudos e narrativas superficiais sobre a Alemanha nazista. Luthero combinou junto ao pai de inspecionar a compra brasileira de armamentos e munições nas fábricas alemãs, investigou a atividade de diplomatas e militares brasileiros e alemães e relatou os detalhes da geopolítica europeia.<sup>873</sup> Luthero era crítico às atividades nazistas, considerando as propostas de Hitler como muito

---

<sup>869</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Ciro de Freitas Vale. Rio de Janeiro, 5 jan. 1940. Carta indagando sobre sua posição crítica em relação à entrada de judeus no Brasil e expondo todas as normas e medidas limitativas do Itamaraty na seleção desses imigrantes. (GV c 1940.01.05/1). (Vol. XXXIII/4), p.3-4.

<sup>870</sup> KOIFMAN, Fábio. O Estado Novo e as restrições à entrada de refugiados: história e construção de memória. 2017. *Revista Acervo*, v. 30 n. 2 (jul/dez - 2017), p.78.

<sup>871</sup> Idem, p.5.

<sup>872</sup> Idem, p.5.

<sup>873</sup> VARGAS, Luthero Sarmanho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Memphis, Berlim, 1939. Cartas informando sobre o andamento de suas atividades escolares, a situação político-militar na Alemanha, comentando os aspectos do regime nazista, o desenrolar da guerra na Europa, a posição da Alemanha em relação ao governo brasileiro, a imigração de judeus para o Brasil, seus contatos com diplomatas e políticos no exterior, a viagem de Cordeiro de Farias à Alemanha, etc. (GV c 1939.00.00/4).



violentas, mas admirava a máquina de guerra alemã. Ele investigou também as atividades da Gestapo, polícia secreta alemã, e da NSDAP, escrevendo e colhendo relatórios de diplomatas brasileiros. Segundo ele, muitas das informações não estavam de posse do Itamaraty e ele estava enviando-as a Vargas.<sup>874</sup>

As longas cartas de Luthero ao seu pai eram verdadeiros relatórios sobre as dimensões da realidade da Alemanha nazista. Fez estudos sobre a legislação trabalhista, minuciou sobre quantidade e tonelagem de metralhadoras, equipamento antiaéreo e, durante os primeiros dias da Guerra, ajudou Vargas a localizar funcionários brasileiros que abandonaram seus postos em Berlim. Listou nomes como de João Rui Barbosa, que, segundo ele, simplesmente desapareceu do posto, deixando informações e códigos secretos disponíveis para funcionários de posições hierarquicamente inferiores na embaixada. Um diplomata chamado Eulálio fez uma reunião com toda sua equipe, dizendo que não poderiam deixar seus postos, mas, à tarde, ele mesmo fugiu da embaixada, informava Luthero Vargas.<sup>875</sup>

A guerra de 1939 foi narrada passo a passo por Luthero a seu pai. Suas impressões eram de que o Eixo era muito superior em todos os sentidos e as “democracias estavam perdendo”. Havia poucas chances de vitória para as democracias liberais, lamentou.<sup>876</sup> Também narrou que sua amizade com Ciro Freitas Vale era fundamental para que ambos pudessem unir forças para colher informações secretas e enviar ao presidente.<sup>877</sup> Luthero também passou a investigar, já em 1940, sobre a mudança de posição da Itália quanto à Alemanha.<sup>878</sup> Ele se deslocou para Roma e conseguiu uma audiência com Benito Mussolini, com quem conversou sobre as possibilidades de o país entrar na guerra. Segundo o filho do presidente, tudo indicava que Mussolini mudara de

---

<sup>874</sup> Idem, p.2.

<sup>875</sup> Idem.

<sup>876</sup> VARGAS, Lutero Sarmanho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Memphis, Berlim, 1939. Cartas informando sobre o andamento de suas atividades escolares, a situação político-militar na Alemanha, comentando os aspectos do regime nazista, o desenrolar da guerra na Europa, a posição da Alemanha em relação ao governo brasileiro, a imigração de judeus para o Brasil, seus contatos com diplomatas e políticos no exterior, a viagem de Cordeiro de Farias à Alemanha, etc. (GV c 1939.00.00/4).

<sup>877</sup> Idem, p.24.

<sup>878</sup> VELOSO, Pedro Leão. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 8 mai. 1940. Carta narrando a estadia de Lutero Vargas em Roma, o encontro deste com Mussolini e informando sobre os preparativos da Itália para intervir na guerra ao lado da Alemanha. (GV c 1940.05.08/1). (Vol. XXXIII/77).

posição quanto àquela informada por Sparano, ou seja, a Itália estava prestes a também entrar na guerra.<sup>879</sup>

A Segunda Guerra Mundial iniciara e o Brasil vivia a realidade totalmente inédita do Estado Novo em sua história. O contexto de 1940 a 1945 será de aceleração das mudanças. O Brasil entrou na guerra e as pressões geopolíticas e econômicas eram outras. Qual o papel dos informantes diretos do presidente durante o período em que o mundo vivia o mais dantesco espetáculo bélico de todos os tempos? É o que estudarei no próximo capítulo.

---

<sup>879</sup> *Idem.*

## 6 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – VARGAS E SEUS INFORMANTES

### 6.1 Em busca da neutralidade

Em 1940, o mundo estava em guerra total e cercado de incertezas. Obviamente, não era apenas Vargas que usava de informantes para contornar os meios oficiais de comunicação do Estado. Vale registrar, por exemplo, um episódio curioso: o diplomata brasileiro na embaixada do Brasil em Portugal, Augusto de Lima Júnior, recebeu uma mensagem secreta de Hitler, na qual dizia que o Führer estava para tomar uma decisão: ou buscaria paz com a União Soviética, para ter fôlego de expandir sua guerra ao Mediterrâneo, ou buscaria uma paz conciliada com a Grã-Bretanha nos termos nazistas. Para a mediação, ele queria ninguém mais ninguém menos que Getúlio Vargas junto a Roosevelt e o Papa no processo de arbitramento.<sup>880</sup>

Diferentemente daqueles que classifico como informantes do presidente, Lima Júnior não tinha liberdade para conversar diretamente com Vargas e pediu autorização ao embaixador do Brasil em Portugal, Araújo Jorge, para repassar a mensagem secreta ao presidente, respeitando a hierarquia de sua posição. Araújo Jorge autorizou o envio confidencial.<sup>881</sup> Não há nenhum registro sobre repercussões da mensagem, ou seja, se Vargas respondeu. O episódio é importante, contudo, para ilustrar como mensagens secretas, planos e contraplanos proliferavam naqueles tempos de nebulosas incertezas. Por isso, ainda mais que antes, Vargas valeu-se da sua rede pessoal de informantes.

Neste capítulo, reconstruirei os caminhos que Vargas trilhou junto aos seus informantes para agir e reagir durante a Segunda Guerra Mundial até o fim de seu governo em 1945. Esse exercício demonstrará como a rede de informantes do presidente foi crucial para a tomada de decisões de sua política externa em diferentes dimensões, demonstrando não apenas sobre Vargas e seus informantes, mas também sobre a perspectiva de diferentes observadores do conflito mais sangrento da História.

A partir de 1940, o presidente passou a encorajar seu antigo embaixador nos EUA e, agora, na Bélgica, Mário Pimentel Brandão, a enviar relatórios confidenciais

---

<sup>880</sup>LIMA JUNIOR, Augusto de. [Correspondência]. Destinatário: General Francisco José Pinto. Lisboa, 25 jan. 1940. Carta comunicando que recebeu incumbência de um elemento alemão para consultar Getúlio Vargas sobre sua disposição para atender a um plano de Hitler visando promover a paz sob o arbitramento do Brasil. (GV c 1940.01.25/1). (Vol. XXXIII/22).

<sup>881</sup> Idem, p.2-3.

diretamente a ele sobre a situação na Europa.<sup>882</sup> Segundo Pimentel, em um de seus relatórios, em 28 de janeiro de 1940, a impressão geral era de que as democracias falharam na proteção de suas nações. Havia um clima de culpabilização dos regimes democráticos por historicamente não conseguirem evitar as guerras. Todo o problema, explicou, estava no fato de que as democracias não conseguiram fazer frente ao comunismo, o que abriu espaço para Hitler.<sup>883</sup> Reforçou, então, sugestões que, segundo ele, já havia feito pessoalmente: Vargas precisava tirar proveito da situação, “fazer barulho” entre as grandes potências, para o Brasil sobressair e extrair vantagens.<sup>884</sup> Pimentel também enviava livros técnicos e análises de História<sup>885</sup> para Vargas que segundo ele auxiliariam o presidente a estudar o cenário.<sup>886</sup>

Durante a guerra, Ciro de Freitas Vale continuou despachando diretamente junto a Vargas. Na falta de “portadores secretos e seguros”, escreveu, ele mesmo estava fazendo viagens de Berlim até Roma, para enviar suas cartas a Vargas.<sup>887</sup> Vale era da opinião de que os EUA não tinham interesse em terminar totalmente com a ameaça nazista, pois ela era um freio ao comunismo, por isso ficariam inertes o quanto pudesse. Assim, sugeriu que o presidente brasileiro buscasse participar ativamente de negociações internacionais para a paz, fazendo o Brasil se destacar.<sup>888</sup> Na visita de Summer Welles na Europa, Vale

---

<sup>882</sup>VERGARA, Luís Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nov. 1944. Carta sobre a situação de inquietação generalizada imposta pela guerra mundial e sugerindo mudanças nos quadros governamentais frente ao desgaste de alguns elementos face à opinião pública. (LV c 1944.11.00).

<sup>883</sup> Idem, p.4.

<sup>884</sup>BRANDÃO, Mário Pimentel. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 28 out. 1938. Carta sobre o problema internacional do petróleo, exploração de ferro no Brasil e o interesse da Inglaterra e USA no petróleo boliviano. (GV c 1938.10.28/3). (Vol. XXX/54).

<sup>885</sup> Em abril de 1940, Pimentel narrou que havia descoberto o “documento fundador” da doutrina nazista, que havia sido exposto pelo autor Henri Rolin em *L’A pocalypse de notre temps*. O documento se chamava “Protocolos dos Sábios de Sião”. Brandão enviou o livro a Vargas e insistiu que o presidente lesse, pois o faria “entender o que realmente é o nazismo”. Em: BRANDÃO, Mário Pimentel. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Bruxelas, 1 mai. 1940. Carta enviando nota sobre o livro *“L’Apocalypse de notre Temps”* de Henri Rollins, comentando a nomeação do novo embaixador belga e o tratado de comércio entre Bélgica e Brasil. (GV c 1940.05.01). (Vol. XXXIII/75).

<sup>886</sup>BRANDÃO, Mário Pimentel. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Bruxelas, 6 mar. 1940. Carta sobre debates políticos no congresso da Bélgica, repercussão do livro de Ramon Carcano nesse país e enviando recortes de jornais tratando da discussão do projeto sobre a defesa das instituições. (GV c 1940.03.06). (Vol. XXXIII/48).

<sup>887</sup>VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 16 fev. 1940. Carta sobre as repercussões, na Alemanha, da viagem de Summer Welles à Europa, a disposição alemã em participar da guerra e as dificuldades para obtenção da paz. (GV c 1940.02.16). (Vol. XXXIII/36), p.1.

<sup>888</sup> Idem, p.1-2.

conversou com ele e enviou relatórios sobre a opinião dos EUA sobre a guerra, dizendo que o fazia em segredo e sem consentimento do ministro Aranha.<sup>889</sup> Um episódio interessante que demonstra como a atuação do diplomata extrapolou os desígnios de seu posto em Berlim é que, entre 1939 e 1940, ele orientou a direção da diplomacia brasileira na Bolívia, para garantir a continuação da aquisição de petróleo boliviano pelo Brasil com a mudança do governo daquele país diretamente junto a Vargas.<sup>890</sup>

Em 1940, Vale trabalhou junto a Vargas para deixar claro a Berlim a importância que tinha a “obra nacionalizadora” no Brasil e que ela, mesmo em cenário de paz, não deveria ser revertida.<sup>891</sup>

Nesse contexto, mais um diplomata passou a informar sobre os acontecimentos europeus diretamente ao presidente: o embaixador brasileiro na Itália, Pedro Leão Veloso. Veloso ganhou a confiança de Vargas e foi, em 1941, escolhido para chefiar a Secretaria Geral do Ministério das Relações Exteriores e, em 1944, assumiu como ministro interino das relações exteriores, com a demissão de Aranha<sup>892</sup>.

Em março de 1940, ele enviou diretamente a Getúlio a proposta de paz secreta de Hitler a países ocidentais. O documento revelava que Hitler tinha uma proposta de remodelar toda a geopolítica internacional, como preço para cessar seus ataques,<sup>893</sup> propondo o “fim das pequenas potências”, substituídas por um modelo de “esferas de

---

<sup>889</sup>VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 5 mar. 1940. Carta tratando das dificuldades para a obtenção de um equilíbrio a nível mundial e das possibilidades com que conta a Alemanha para transforma-se em potência hegemônica na Europa. (GV c 1940.03.05). (Vol. XXXIII/47). Nessa carta, Freitas Vale escreve a Vargas: “senhor presidente, eu não faço sentimentalismo a respeito da guerra: eu informo. E minha opinião é de que, para salvar a Europa, e quiçá o mundo, do comunismo, é preciso buscar a paz a todo o custo, mesmo permitindo a hegemonia germânica na Europa Central”. p.3.

<sup>890</sup>VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 12 mai. 1939. Carta de Viro de Freitas Vale a Getúlio Vargas relatando contatos do embaixador brasileiro na Bolívia, Camilo de Oliveira, com o novo presidente deste país sobre reconhecimento do Brasil ao novo governo, nova constituição baseada na brasileira e construção de estrada de ferro. (GV c 1939.05.12/1). (Vol. XXXI/73).

<sup>891</sup>VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 2 abr. 1940. Carta sugerindo a realização de uma conferência dos embaixadores brasileiros na Europa a fim de trocarem suas impressões sobre a crise mundial e informando sobre a situação político-militar da Alemanha frente à guerra. (GV c 1940.04.02). (Vol. XXXIII/66).

<sup>892</sup> Disponível em: <https://antigo.funag.gov.br/chdd/index.php/ministros-de-estado/326-pedro-leao-veloso> Acesso em 14/03/2023 às 13:20.

<sup>893</sup> MARTINS, Carlos; VELOSO, Pedro Leão. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Roma, Washington, 18 mar. 1940. Telegramas sobre os objetivos da viagem de Summer Welles à Europa, contatos deste com Hitler e Mussolini, conferência entre estes dois governantes em Roma, os pontos da proposta alemã e as repercussões desses entendimentos na imprensa americana. (GV c 1940.03.18). (Vol. XXXIII/55a, 56a e 56b).

influência”.<sup>894</sup> O Ministério dos Negócios Exteriores da Alemanha explicou a distribuição dessas esferas: a dos Estados Unidos, a América do Sul; da Inglaterra, seria a Ásia; as da Itália e França, seria a África e a da Alemanha a Europa Central e balcânica. Se Hitler vencesse pela paz, o Brasil seria obrigatoriamente subserviente à vontade internacional dos EUA, por exemplo.<sup>895</sup> Carlos Martins, embaixador nos EUA, e Veloso asseguravam a Vargas de que França, Inglaterra e os EUA não aceitariam as imposições de Hitler.

Assim, é interessante perceber que, nesse contexto, Vargas se aproximara politicamente da Alemanha nem faria sentido, afinal a visão de Hitler para o mundo era a do “domínio absoluto das grandes potências”.<sup>896</sup> Diante das extravagantes propostas de paz do Führer, apenas a guerra parecia possível.

As nuvens do conflito se adensavam. Em março de 1940, Aranha escreveu a Vargas analisando um cenário desolador: os aliados fracassaram em realizar um bloqueio internacional efetivo ao acesso da Alemanha a petróleo e ferro. Escreveu ele: “perderam, os aliados, a oportunidade de fechar a fonte de ferro, que é a Suécia, ao deixarem de socorrer a Finlândia” (ARANHA, 1940).<sup>897</sup> Aranha criticava Suécia e Noruega por não darem passagem aos aliados, para não se envolverem com o conflito. Sem esperanças, escreveu a Vargas: “A guerra atual não deixa antever a vitória aliada. A paz moral do Roosevelt parece uma ‘fantasia puritana’ (...) a guerra continuará por muitos anos” (ARANHA, 1940, p.4).<sup>898</sup> Aranha escreveu que se confidenciava como amigo de Vargas, e não como ministro: “não é esta a opinião do Itamaraty, nem a geral. Todos acreditam na pertinácia inglesa, (...) mas não menos ponderáveis são as realidades novas e essas

---

<sup>894</sup> Mais detalhes da proposta de paz nazista eram: 1) Desarmamento geral, 2) Formação de um diretório europeu que dividiria a Europa em zonas de influência entre a Alemanha, Itália, França e Inglaterra 3) o reconhecimento da imigração de judeus para a Palestina, dos franceses para Madagascar e dos italianos para a Etiópia 4) Absoluta liberdade de acesso e comércio às matérias primas e contato econômico com os Estados Unidos, país que deveria dar facilidades para a emigração italiana e alemã”. Disponível em: MARTINS, Carlos; VELOSO, Pedro Leão. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Roma, Washington, 18 mar. 1940. Telegramas sobre os objetivos da viagem de Summer Welles à Europa, contatos deste com Hitler e Mussolini, conferência entre estes dois governantes em Roma, os pontos da proposta alemã e as repercussões desses entendimentos na imprensa americana. (GV c 1940.03.18). (Vol. XXXIII/55a, 56a e 56b), p.5.

<sup>895</sup> Idem, p.5.

<sup>896</sup> Idem, p.4-5.

<sup>897</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 20 mar. 1940. Carta informando serem boas as impressões causadas pelo Governo, enviando telegrama de P. Leão Veloso sobre a missão de Summer Welles na Europa, analisando a correlação de forças nesse continente e o provável fracasso da tentativa de pacificação. (GV c 1940.03.20). (Vol. XXXIII/57 e 55b).

<sup>898</sup> Idem, p.4.

mostram que esta guerra terá uma solução diferente das outras, capaz de subverter o velho equilíbrio das nações e das ideias” (ARANHA, 1940, p.5-6).<sup>899</sup> Mais uma vez, as trocas entre Aranha e Vargas demonstram que ele não era nenhum “aliadófilo” ou “americanófilo”, muito pelo contrário, discordava até da opinião geral no próprio Itamaraty. É importante salientar que esta perspectiva é oposta à de Bruno Mendelsky, que afirma que Aranha era “profundamente prol EUA” em oposição à ala “favorável a regimes totalitários”.<sup>900</sup> Aranha adotava o panamericanismo como estratégia, e não como apoio incondicional aos EUA. No ambiente de guerra, suas cartas ao amigo Vargas denotam que ele também estava sem esperanças quanto aos Aliados.

É nesse contexto que a viagem de Lutero Vargas à Itália aconteceu. Narrei essa viagem no capítulo anterior, pois ela inicia-se em 1939. Em 1940, o filho de Vargas encontrou-se com Mussolini, sem combinar nenhum detalhe junto ao Itamaraty ou qualquer órgão oficial do governo brasileiro.<sup>901</sup> Ele foi conferenciar com Mussolini e recebeu ajuda extraoficial de Pedro Leão Veloso, que também contou suas impressões para Vargas. O resultado foi importante: Veloso e Lutero concluíram que Mussolini estava na iminência de entrar na guerra. As informações apenas se confirmaram, pois, em 10 de junho de 1940, a Itália entrou na guerra ao lado da Alemanha. Veloso escreveu a Vargas, dizendo que ele e o filho do presidente fizeram de tudo para deixar claro a Mussolini que Vargas não tinha interesse em estar ao lado de nenhum dos campos na guerra e que nutria amizade e respeito pela Itália. Assim, vê-se os movimentos de Vargas junto àqueles que ele escolhia para ter mais proximidade do poder no processo de execução de sua política externa de neutralidade.<sup>902</sup>

Apesar de seus informantes, inclusive Oswaldo Aranha, demonstrarem visão muito pessimista quanto à força dos Aliados, é preciso registrar que o presidente não demonstrou simpatias sinceras pelo avanço alemão, muito pelo contrário. Por exemplo, escreveu em seu diário em 21 de maio de 1940: “à última hora, boatos alarmantes sobre as vitórias alemãs. O progresso da invasão alemã está causando apreensões e desânimos

---

<sup>899</sup> Idem, p.5-6.

<sup>900</sup> MENDELSKI DE SOUZA, Bruno. A política externa nacionalista do Estado Novo (1937-1945). *Revista Videre* da Faculdade de Direito e Relações Internacionais da UFGD, v. 2, n. 4, p. 75-91, 2011. p.79.

<sup>901</sup> VELOSO, Pedro Leão. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 8 mai. 1940. Carta narrando a estadia de Lutero Vargas em Roma, o encontro deste com Mussolini e informando sobre os preparativos da Itália para intervir na guerra ao lado da Alemanha. (GV c 1940.05.08/1). (Vol. XXXIII/77).

<sup>902</sup> Idem, p.2.

de um lado e entusiasmos muito perigosos, de outro” (1995, v. 2, p.312).<sup>903</sup> Naquele momento, a Alemanha invadira, simultaneamente, a França, Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Essa perspectiva contrasta-se com a maneira direita como aquela de Rubens Ricupero. O autor acaba reforçando o paradigma de “americanófilos e germanófilos” que simplifica as estratégias tanto de Vargas quanto de Aranha ao afirmar, por exemplo, que Aranha era o principal artífice da política externa brasileira e fazia frente às perspectivas de Vargas quanto à política externa<sup>904</sup>

O que é possível constatar pela relação entre Vargas e Aranha acompanhada até aqui é que Aranha via o apelo aos EUA como alternativa única e incontornável e que, com os ataques alemães de 1940, era hora de o Brasil se posicionar contra as atrocidades, mas manter a neutralidade, já Vargas entendia que qualquer movimento que prejudicasse a neutralidade real do Brasil era perigoso demais. Em discurso de 1940, Vargas fez questão de frisar:

Os países da Europa estão em guerra, e as mais cultas civilizações procuram, mutuamente, se entre destruir. Nós lamentamos esses acontecimentos, mas, de qualquer forma, não tomamos parte nas lutas ora travadas. O Brasil não é inglês nem alemão. É um País soberano, que faz respeitar as suas leis e defende os seus interesses. O Brasil é brasileiro (BRASIL, Presidente (1934-1945: Getúlio Vargas), 1940).<sup>905</sup>

Quando a Alemanha começou a bombardear cidades abertamente, Aranha, desolado, escreveu dizendo que chegara a hora de Vargas se sensibilizar e falar à nação e ao mundo contra as atrocidades da guerra.<sup>906</sup> Vargas não reagiu e Aranha seguia se indispondo com o presidente. Em 21 de maio de 1940, os países americanos lançaram um documento conjunto, condenando a ofensiva alemã e apelando para que o direito internacional fosse respeitado.<sup>907</sup> Não obstante, Vargas proibiu que o documento fosse publicado no Brasil.

---

<sup>903</sup> VARGAS, Getúlio. *Diário (1930-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1. p.312.

<sup>904</sup> RICUPERO, Rubens. *A Diplomacia na Construção do Brasil 1750-2016*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017, p.362.

<sup>905</sup> Discurso pronunciado em Blumenau em 10 de março de 1940. In: VARGAS, Getúlio. *O Pensamento Político de Getúlio Vargas*. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Museu Julio de Castilhos, realizadores. Porto Alegre, 2004, p. 91.

<sup>906</sup> ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 11 abr. 1940. Carta protestando contra o ataque de cidades indefesas da Europa e enviando sugestões para o posicionamento do Brasil diante desses fatos. (GV c 1940.04.11). (Vol. XXXIII/72).

<sup>907</sup> Idem, p.1.



A estratégia de Getúlio Vargas era estar ao lado dos Aliados, mas não permitir que isso gerasse críticas ao seu governo na política interna. Acompanhando o diário pessoal de Vargas (1995, v.4, p.312) noto o registro: “Oswaldo vem queixar-se de que a imprensa fora proibida de publicar a adesão do Brasil ao processo coletivo”.<sup>908</sup> Interpretando essa realidade, filio-me ao que ensina Robert Putnam. O autor explica que apesar de a política interna e externa se relacionarem quase sempre, elas funcionam como dois tabuleiros de xadrez diferentes, com regras e configurações diferentes:

A luta política de várias negociações internacionais pode ser utilmente concebida como um jogo de dois níveis. No nível nacional, os grupos domésticos perseguem seu interesse pressionando o governo a adotar políticas favoráveis a seus interesses e os políticos buscam o poder constituindo coalizões entre esses grupos. No nível internacional, os governos nacionais buscam maximizar suas próprias habilidades de satisfazer as pressões domésticas, enquanto minimizam as consequências adversas das evoluções externas. Nenhum dos dois jogos pode ser ignorado pelos tomadores de decisão (PUTMAN, 2010, p.151).<sup>909</sup>

Assim, o que o presidente estava fazendo era se equilibrar nesses jogos de dois níveis. No plano internacional, ele precisava equilibrar a diplomacia brasileira para garantir uma neutralidade real e não apenas nas palavras. No plano nacional, precisava mostrar certa distância das ideias das democracias liberais, afinal, seu regime era oposto a elas.

De Washington, o embaixador Carlos Martins (1940) confidenciava a Vargas que “os Estados Unidos não estão aparelhados para a guerra e que seu potencial econômico e industriais deixam muito a desejar”.<sup>910</sup> Aterrorizado, escreveu em sua carta confidencial ao presidente: “vivemos dias de pavor diante do espetáculo de um mundo que se esboroa e de uma nova ordem que ninguém poderá precisar quais seus fundamentos” (MARTINS, 1940, p.3).<sup>911</sup> Os relatos de Vale em Berlim sobre a força alemã, de Veloso na Itália sobre a decisão de Mussolini, os medos de Aranha e o assombro

---

<sup>908</sup> VARGAS, Getúlio. *Diário (1930-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1. p.312.

<sup>909</sup> PUTNAM, Robert D. *Diplomacia e política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis*. *Revista de Sociologia e política*, v. 18, p. 147-174, 2010. p.151.

<sup>910</sup> MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 24 mai. 1940.. Carta sobre os entendimentos para um contato militar mais estreito entre o Brasil e os Estados Unidos; informando que o embaixador Caffery ficou encarregado dessa tarefa sigilosa e que mandará dois oficiais ao Brasil. Transcreve telegrama sobre possível movimento revolucionário em Buenos Aires; informa que as negociações em torno da siderurgia estão chegando ao seu final e comenta o poderio militar dos Estados Unidos em relação aos países da Europa. (GV c 1940.05.24). (Vol. XXXIII/86).

<sup>911</sup> Idem, p.3.

de Martins somavam-se aos relatórios de João Alberto, político estudado no capítulo 3 que, naquele momento, fazia viagens à Europa a pedido de Vargas. Ele sondava oportunidades comerciais com a Inglaterra, mas escreveu cartas diretas a Vargas a pedido do presidente, descrevendo o cenário político europeu. Segundo Alberto (1940): “Os aliados poderão prolongar sua agonia, mas o aniquilamento completo da democracia e da economia liberal” era inevitável.<sup>912</sup>

Vargas reagiu intensificando seus esforços para trazer mais informantes para as suas comunicações diretas. Ele passou, por exemplo, a trocar cartas com José de Paula Rodrigues Alves, novo embaixador na Argentina, coisa que não fazia com nenhum outro embaixador brasileiro em Buenos Aires. Elíbio Júnior<sup>913</sup> demonstra que Alves teve relação mais próxima de Vargas no sentido político, ou seja, executou missões extraoficiais para repassar relatórios sobre a política interna argentina de Roberto Ortiz.<sup>914</sup> Alves não usou o Itamaraty<sup>915</sup> para se comunicar com Vargas e combinou ações de espionagem no Paraguai e no Uruguai apenas com o presidente, extrapolando o ambiente da Argentina, para controlar atividades nazistas que conspiravam contra o Brasil.<sup>916</sup> Suas missões não passavam pelo conhecimento de Aranha, configurando-se como um informante direto do presidente.

---

<sup>912</sup> ALBERTO, João. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Chicago, 31 mai. 1940. Carta sobre sua viagem à Ilha de Terra Nova, Inglaterra e Estados Unidos, suas observações sobre a indústria de celulose e as possibilidades do Brasil nesse setor. Sugere medidas econômicas mais enérgicas diante das reformulações que a guerra virá impor na ordem política internacional, dividida em dois grandes blocos. (GV c 1940.05.31/1). (Vol. XXXIII/88).

<sup>913</sup> ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. O Diplomata e a Guerra: Política Externa Brasileira na gestão do Embaixador José de Paula Rodrigues Alves (Buenos Aires-1938-1944). *Cadernos do Tempo Presente*, [S.I.], n.4, jul. 2011. p.5.

<sup>914</sup> ALVES, José de Paulo Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 8 mai. 1940. Carta relatando sua palestra com o presidente Ortiz, da Argentina, na qual tratou de problemas políticos deste país, do intercâmbio comercial com o Brasil e da política externa do continente. (GV c 1940.05.08/2). (Vol. XXXIII/78).

<sup>915</sup> Ele usava portadores secretos de suas cartas para Vargas, como explica em: ALVES, José de Paulo Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 22 jun. 1940. Carta analisando as dificuldades econômicas da Argentina agravadas com a guerra; as iniciativas para resolver a superprodução de milho e o desemprego, e as providências planejadas para a indústria bélica visando a defesa nacional. Informa também sobre tendências germanistas no Exército argentino e a repercussão no discurso de Vargas nesse país. (GV c 1940.06.22/1). (Vol. XXXIII/101).

<sup>916</sup> ALVES, José de Paulo Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 3 ago. 1940. Cartas sobre o estado de saúde do presidente Ortiz, as tendências nazistas na Argentina; informando sobre os resultados da viagem da comissão de industriais brasileiros a esse país e as possibilidades de comércio entre os dois países. Informa também sobre o debate gerado em torno do escândalo relativo à compra de terras em "El Palomar". (GV c 1940.08.03). (Vol. XXXIV/21 e 25).

Além disso, em maio de 1940, Getúlio Vargas implantou um informante dentro da embaixada alemã no Brasil, que fingia ser alemão, mantinha contatos com alemães, mas enviava relatórios totalmente anônimos ao presidente. Por meio deste contato, Vargas descobriu, por exemplo, movimentos do serviço de inteligência britânica no Rio de Janeiro, que asseguravam que as intenções da Alemanha no Brasil não eram bélicas, mas comerciais.<sup>917</sup> Os documentos são totalmente isentos de qualquer marca de autoria, ou seja, foram escritos unicamente para Vargas, que sabia de quem se tratava.

Percebe-se que Vargas buscou se aproximar ainda mais de seus informantes conforme a polarização das relações internacionais se intensificava com a guerra. Defendo que se aproximar de embaixadores e aumentar o número de seus informantes diretos era uma maneira que ele encontrou para reduzir as margens de outros atores que pudessem agir sem seu consentimento, inclusive, os próprios embaixadores. Esta estratégia foi reconhecida por Rubens Ricupero que, ao relatar sobre como Vargas agia de maneira personalista, fez notar a incomum atividade do presidente quanto ao seu contato com embaixadores: “complicava a situação o hábito de alguns embaixadores influentes se corresponderem com Vargas, que lhes enviava instruções diretamente, e a disposição do presidente de receber, à revelia do chanceler, embaixadores e enviados estrangeiros” (RICUPERO, 2017, p.355).<sup>918</sup>

Se a análise do autor foi no contexto de explicar como a “diplomacia presidencial” de Vargas limitava os poderes de Aranha, essa investigação quer demonstrar como essa prática de nutrir atividades de informantes sob seu controle pessoal foi crucial para as tomadas de decisão de sua política externa. Reitero isso, pois esses atores participaram ativamente do processo que trouxe ao Brasil o financiamento de uma usina siderúrgica nacional.

## 6.2 A luta pela siderúrgica

Como explica Ricardo Zortéa Vieira, os esforços para a fundação de uma companhia siderúrgica nacional sempre foram um projeto pessoal de Vargas desde a

---

<sup>917</sup> RELATÓRIO. Distrito Federal: Polícia Civil. Relatório de investigações na embaixada alemã e em círculos germânicos sobre a atitude do Brasil frente à guerra, situação dos alemães neste país, andamento do conflito na Europa e interesse político da Alemanha na América do Sul. (GV c 1940.05.31/2). (Vol. XXXIII/89). Rio de Janeiro, 31 mai. 1940.

<sup>918</sup> RICUPERO, Rubens. *A Diplomacia na Construção do Brasil 1750-2016*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017, p.355.

fundação da Comissão Nacional de Siderurgia de 1931.<sup>919</sup> Com o embaixador que substituiu Pimentel Brandão nos EUA até 1945, para os anos de 1938 e 1939, Carlos Martins, o presidente vinha adotando cartas formais e protocolares<sup>920</sup> e todas suas cartas também eram endereçadas a Aranha,<sup>921</sup> até o processo de negociação da siderúrgica. Neste processo, Vargas passou a contornar a autoridade de Aranha e a estabelecer conversas com Martins paralelas às informações que enviava ao Itamaraty.

Em 5 de janeiro de 1940, Getúlio Vargas declarou a Carlos Martins que sua prioridade para a siderúrgica era o financiamento dos EUA e que o estreitamento das relações entre Brasil e aquele país era o centro da sua política externa.<sup>922</sup> Disse que as empresas Krupp também estavam oferecendo uma proposta de financiamento, mas que apenas consideraria se os planos junto aos EUA fracassassem.<sup>923</sup>

Assim como o caso dos *destroyers*, contudo, Vargas ficou decepcionado com os EUA. Carlos Martins relatou que o maior acionista da *United Steel*, Thomas Lamont, era quem estava barrando o financiamento da construção da usina no Brasil, por uma questão pessoal: era portador de títulos da dívida externa brasileira, que estava com pagamentos atrasados. Sabendo disso, Vergara respondeu, em nome de Vargas, a Greenwood e a Martins com desapontamento: “não precisamos marcar nova reunião, pois não precisamos nos sujeitar a uma recusa ainda mais por recebermos propostas de outros países que não subordinam a sua cooperação ao pagamento da dívida externa” (VERGARA, 1940, p.6)<sup>924</sup>, disse referindo-se às propostas da Alemanha. Martins ainda descreveu que descobriu outros motivos para a desistência da *United Steel*, ou seja, a

---

<sup>919</sup> VIEIRA, Ricardo Zortéa. Rivalidade geopolítica e políticas de desenvolvimento na Era Vargas. *Brazilian Journal of Political Economy*, 40 (4), 2020.pp788-806. p.797.

<sup>920</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Carlos Martins P. e Sousa. Rio de Janeiro, 1 dez. 1939. Carta comunicando que o assunto siderúrgico é o que merece maior atenção no momento e informando sobre negociações com a Krupp e com a *United States Steel*. (GV c 1939.12.01/1). (Vol. XXXII/75).

<sup>921</sup> SOUSA, Carlos Martins P. e. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Washington, 5 jan. 1940. Carta informando sobre a formação do Comitê de Neutralidade e sobre boatos na imprensa visando a incompatibilidade entre ambos e a sua demissão da embaixada. (GV c 1940.01.05/2). (Vol. XXXIII/5).

<sup>922</sup> Idem, p1.

<sup>923</sup> Idem, p1.

<sup>924</sup> DOCUMENTO. Documentos tratando das negociações para instalação da siderurgia no Brasil incluindo informações sobre: contatos com a *U.S. Steel* e as condições impostas para banqueiros americanos, entre elas, o pagamento da dívida externa; desinteresse da *U.S. Steel* e os motivos políticos e econômicos alegados; decisão do Governo brasileiro de procurar financiamento junto a outros país. (GV c 1940.01.09). 9 jan. 1940, p.6.

empresa tinha receios de que o Brasil a expropriasse, como fez o México e não estava financeiramente organizada o bastante para o empreendimento.<sup>925</sup>

Vargas não acreditou apenas nesses motivos, pois um informante entrou no processo de discussão e o disse que “a diplomacia britânica está influenciando a americana, norteadando-a para a Argentina, contra os interesses do Brasil”. O informante era Paulo Germano Hasslocher,<sup>926</sup> que enviou provas que, segundo ele, atestavam que a Inglaterra era o verdadeiro agente geopolítico contra as relações entre Brasil e EUA, por tentar favorecer a Argentina. Hasslocher enviou as informações a Alzira Vargas, que não revelou o nome do informante a Martins, pedindo apenas para averiguar o caso. Vargas também enviou carta a Martins pedindo o mesmo, demonstrando o quanto ficaram preocupados com a possibilidade.<sup>927</sup> Alzira Vargas (1940, p.27), que continuava administrando os serviços dos informantes do presidente, escreveu a Martins “chegaríamos, nesse caso, à absurda e dolorosa conclusão de que é melhor ser inimigo dos Estados Unidos desde que tenha ele a Inglaterra por amiga e madrinha”.<sup>928</sup> Paulo Germano Hasslocher defendia que as intenções dos EUA eram de usar a parceria entre Argentina e Inglaterra como maneira de combater a presença nazista na América do Sul, por isso, deixaria passar as pressões que esta aliança impunha às relações Brasil-EUA.<sup>929</sup>

Posso constatar que, apesar de Vargas e Martins terem concluído que não era possível comprovar as informações de Hasslocher,<sup>930</sup> Vargas passou a um nível ainda maior de desconfiança e descrença sobre a política externa dos EUA. De acordo com o informante, desde os arrendamentos dos *destroyers* ao Brasil até os acordos comerciais,

---

<sup>925</sup>Idem, p.23.

<sup>926</sup>HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 18 jan. 1940. Carta sobre a fraca aproximação política entre Brasil e Inglaterra, o que vem prejudicando os interesses industriais brasileiros no exterior. Informa também sobre a influência britânica nos Estados Unidos e as relações comerciais e políticas que esse país mantém com a Argentina. (GV c 1940.01.18). (Vol. XXXIII/19).

<sup>927</sup> Idem, p.44.

<sup>928</sup> Idem, p.27.

<sup>929</sup> Idem, p.31.

<sup>930</sup> Escreveu Hasslocher: “nos dias que correm, a comunhão entre EUA e Inglaterra era uma questão de vida e morte”, por isso, os EUA acabavam cedendo aos interesses ingleses, em detrimento daqueles do Brasil. Disse, então, o informante, de que estava seguro de que os trabalhos do embaixador argentino nos EUA, de nome Espil, era quem incessantemente estava ligado às articulações com a Inglaterra contra o Brasil e suas relações com os EUA: “estou seguramente informado de que aqui ele vai sendo mantido, devido à sua eficiência, sobretudo pelas vitórias sobre o Brasil e por ter sabido, com rara astúcia, desembaraçar o seu caminho da presença do então embaixador Aranha. Ele é amigo fraternal do subsecretaria de Estado Summer Welles de quem foi companheiro de casa quando este secretário na Argentina. Suas esposas são íntimas e ele está sempre em seguro e discreto contato com a Embaixada Britânica” Idem, p.40.

ele tinha provas de que a Inglaterra buscava junto aos EUA impedir que o Brasil se beneficiasse.<sup>931</sup>

É a partir deste ponto que Vargas decide que a melhor maneira de construir a siderúrgica seria pelo próprio Brasil com financiamento externo. Para comprar as máquinas e montar a indústria, explicou Vargas, seria necessário um empréstimo de 17 milhões de dólares.<sup>932</sup> Assim, junto ao *Export and Import Bank*, a missão de Martins passava a ser a de conseguir o empréstimo, mas não só isso. Vargas escreveu que tinha finalmente compreendido os “verdadeiros motivos” para a recusa da *United Steel*, sem escrever qual seria sua conclusão, mas que, devido a isso, sua estratégia passaria a ser a de mostrar a todos os países, publicamente, que o Brasil havia desistido de construir a usina e, secretamente, continuaria negociando o empréstimo estadunidense.<sup>933</sup> Logo, conclui-se que, para Vargas, os interesses de outros países,<sup>934</sup> mais especificamente da Argentina, foi identificado como uma das ameaças ao seu plano industrialista.<sup>935</sup> Claramente, as informações de Hasslocher importaram nos seus cálculos.

Nesse momento, Martins informou a Vargas de que a imprensa estadunidense estava publicizando informações de que a companhia alemã Krupp estava oferecendo uma siderúrgica ao Brasil nas mesmas condições da *United Steel*. Disse a Vargas que essa questão gerava pressões na política interna dos EUA.<sup>936</sup> Apesar dessas pressões, as

---

<sup>931</sup> Idem, p.29.

<sup>932</sup> Escreveu a Martins: “o governo apressa a criação do Instituto de Aplicação de Reservas” a ideia era usar as caixas econômicas, caixas de aposentadoria e pensões e da previdência social, no total de 400 mil contos. Mais uma “consignação de recursos”, disse Vargas, assim conseguir-se-ia 500 mil contos. Idem, p.43.

<sup>933</sup> Idem, p.44.

<sup>934</sup> Tudo indica, por estas palavras, que Vargas identificou manobras efetivamente políticas, e não de natureza técnica, para o fracasso com a *United Steel*. Se ele acreditou efetivamente no papel da Inglaterra, nada nos autoriza dizer. Contudo, vemos Vargas jogando com a imagem de um Brasil que se deu por vencido, para conseguir dar continuidade aos planos brasileiros. Mais uma vez o “alarde” poderia ser fatal.

<sup>935</sup> Mesmo recebendo oferta da empresa *Ford, Bacon and Daves* para a construção da Siderúrgica, Vargas se disse convencido de que o projeto teria que ser feito pelo Brasil com financiamento estrangeiro. DOCUMENTO. Documentos tratando das negociações para instalação da siderurgia no Brasil incluindo informações sobre: contatos com a *U.S. Steel* e as condições impostas para banqueiros americanos, entre elas, o pagamento da dívida externa; desinteresse da *U.S. Steel* e os motivos políticos e econômicos alegados; decisão do Governo brasileiro de procurar financiamento junto a outros país. (GV c 1940.01.09). 9 jan. 1940, p. 45.

<sup>936</sup> DOCUMENTO. Documentos tratando das negociações para instalação da siderurgia no Brasil incluindo informações sobre: contatos com a *U.S. Steel* e as condições impostas para banqueiros americanos, entre elas, o pagamento da dívida externa; desinteresse da *U.S. Steel* e os motivos políticos e econômicos alegados; decisão do Governo brasileiro de procurar financiamento junto a outros país. (GV c 1940.01.09). 9 jan. 1940.p.84.

negociações permaneceram sem resoluções.<sup>937</sup> É nesse contexto que Vargas fez um polêmico discurso em 11 de julho de 1940 denominado *No limiar de uma nova era*. Trechos do discurso teciam uma crítica ao liberalismo, dizendo

assistimos à exacerbação dos nacionalismos, as nações fortes impondo-se pela organização baseada no sentimento da Pátria e sustentando-se pela convicção da própria superioridade. Passou a época dos liberalismos imprevidentes das demagogias estéreis, dos personalismos inúteis (BRASIL, Presidente (1934-1945: Getúlio Vargas), 1940).<sup>938</sup>

O discurso causou uma discussão densa na historiografia e os informantes de Vargas tiveram papel importante no processo, como demonstrarei a seguir.

Como explica Lindercy Francisco Lins,<sup>939</sup> o discurso causou fortes críticas ao regime de Vargas na imprensa da Argentina, que aproveitou o momento para taxar Vargas de fascista. Eugênio Vargas Garcia explica que o discurso foi recebido com satisfação em Berlim, que buscou demonstrar que o presidente brasileiro era simpático ao nazismo.<sup>940</sup> Já Clodoaldo Bueno e Amado Cervo defendem que os impactos dos eventos da guerra motivaram o discurso de Vargas, visto que, entre 1939 para 1940, a União Soviética havia dominado toda a Finlândia e a França estava sendo invadida pelos nazistas, por exemplo.<sup>941</sup>

---

<sup>937</sup> Vale dizer que enquanto isso, o Brasil fechou um contrato com a *Rubber Reserve Company* e com a *Metal Reserve Comapany*, duas empresas criadas por incentivo do governo dos EUA, para estocarem grandes quantidade de borracha e de metais, que seria, então, comprado do Brasil a longo prazo. Apenas a *Rubber Company*, por exemplo, responsabilizou-se pela compra inicial de 150 mil toneladas de borracha do Brasil. DOCUMENTO. Documentos tratando das negociações para instalação da siderurgia no Brasil incluindo informações sobre: contatos com a *U.S. Steel* e as condições impostas para banqueiros americanos, entre elas, o pagamento da dívida externa; desinteresse da *U.S. Steel* e os motivos políticos e econômicos alegados; decisão do Governo brasileiro de procurar financiamento junto a outros país. (GV c 1940.01.09). 9 jan. 1940, p.84.

<sup>938</sup> Discurso pronunciado a bordo do encouraçado “Minas Gerais”, navio-chefe das forças navais, em aniversário da Marinha de Guerra brasileira. In: SEITENFUS, Ricardo. O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na segunda guerra mundial. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2003, p.210-211.

<sup>939</sup> LINS, Lindercy Francisco Tomé de Souza. *To sell a product or to sell an ideia: A propaganda oficial do Brasil nos Estados Unidos da América (1930-1945)*. 317f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

<sup>940</sup> GARCIA, Eugênio Vargas. *Cronologia das relações internacionais: de 1900 a 1978*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1981, p.153.

<sup>941</sup> CERVO, Amado Luiz. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p.279-280.

Sob as pressões da imprensa internacional, o Departamento de Imprensa e Propaganda buscou publicizar que o discurso foi uma mensagem sobre a neutralidade do Brasil na guerra e uma mensagem para a política interna.<sup>942</sup> Frank McCann demonstra que o discurso de Vargas foi também divulgado, na imprensa dos EUA, como uma reação do Brasil a um discurso feito por Roosevelt no dia anterior, Vargas, contudo, disse que não fora essa a intenção, mas sim a de dar uma resposta à posição do Brasil no mundo para a sua política interna.<sup>943</sup>

Para Cervo e Bueno,<sup>944</sup> o discurso teve um propósito: acelerar as negociações não apenas da siderúrgica, mas do comércio do Brasil com Alemanha e EUA.<sup>945</sup> Também nesse sentido, Marcos Lima defendeu que as negociações entre Brasil e EUA para a siderúrgica foram aceleradas após o discurso,<sup>946</sup> defesa corroborada por Bruno Mendelski.<sup>947</sup>

Contra essa compreensão, posicionou-se Marcelo de Paiva Abreu<sup>948</sup>, para quem as ilusões, ou, em suas palavras, “os negaceios de Vargas” não passaram de um blefe, pois não produziram nenhum efeito real nas negociações com os EUA, e, segundo o autor “há documentação norte-americana que comprova que tal alternativa foi descartada como pouco convincente” (ABREU, 2013, p.193).<sup>949</sup> Apesar disso, ele não demonstrou qual documentação seria essa em seu texto. Andrea Rahmeier (2020, p.130), por sua vez, investigando os arquivos nazistas em Berlim e as negociações quanto à siderúrgica,

---

<sup>942</sup> LINS, Lindercy Francisco Tomé de Souza. Notícias de falsos vendavais: o golpe do Estado Novo de 1937 e o discurso de junho de 1940 nos jornais estadunidenses. *História Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 19, n. 2, p. 24-46, mai./ago. 2019.

<sup>943</sup> MCCANN JR. Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*. Rio de Janeiro: BibliEx, 1995. p.153.

<sup>944</sup> CERVO, Amado Luiz. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p.280.

<sup>945</sup> Os autores escrevem: “o discurso de 11 de junho de 1940 atingiu o alvo. Os efeitos no exterior não tardaram. As autoridades alemãs, em negociações secretas e diretas com Vargas, mostraram disposição de comprar produtos brasileiros, mas depois do término da guerra, por causa do bloqueio inglês”. CERVO, Amado Luiz. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p.280.

<sup>946</sup> LIMA, Marcos Felipe Pinheiro. *Do Americanismo ao universalismo: As transformações nas Relações Internacionais do Brasil, de 1902 a 1964*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

<sup>947</sup> MENDELSKI, Bruno. *A política externa nacionalista do Estado Novo (1937-1945)*. Curitiba: Editora da UFPR, 2012.

<sup>948</sup> ABREU, Marcelo de Paiva. O processo econômico. In: GOMES, Angela. *História do Brasil Nação: 1808-2010*. v. 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

<sup>949</sup> Idem, p.193.



atestou que “não há documentação esclarecendo os motivadores que levaram os EUA a afirmar o acordo”, referindo-se à siderúrgica, contestando a perspectiva de Abreu.<sup>950</sup>

Para Ricardo Seitenfus (1985, p.310) “é evidente que a escolha do momento e, sobretudo, de seus ouvintes não é devido ao acaso”,<sup>951</sup> apoiando que a fala de Vargas foi intencional quanto às repercussões internacionais. Além disso, ele demonstrou que há documentos que provam que em 10 de julho de 1940, a Alemanha ofereceu a construção de uma siderúrgica no Brasil prevista para começar ao fim da guerra. Para Seitenfus, esta concessão tem a ver com a “boa impressão” que o discurso gerou.<sup>952</sup>

Há a tese de que mesmo antes do discurso ser proferido, as documentações demonstram uma propensão positiva dos EUA para liberar os empréstimos e que não é possível, diferentemente da conclusão de Cervo e Bueno, encontrar provas que liguem a liberação do empréstimo à siderúrgica aos efeitos do discurso, tese defendida por Lindercy Francisco Lins<sup>953</sup>. Concordo, pois encontro, no diário pessoal de Vargas, o registro de que “o governo americano estava pronto para financiar”<sup>954</sup> o projeto siderúrgico. Ainda assim, vale ressaltar, o processo só se finalizaria com as assinaturas dos termos e os EUA continuavam alongando os procedimentos.

Retomo esse debate historiográfico, pois os informantes do presidente investigaram as repercussões do discurso do dia 11 de junho, bem como o ajudaram a administrar a questão da siderúrgica.

Uma primeira questão que se pode observar é que a estratégia de Vargas, no sentido de manter as negociações totalmente confidenciais, após as denúncias de Paulo Germano Hasslocher sobre as intenções anglo-argentinas de minar o projeto brasileiro, foi fundamental. Entre julho e agosto de 1940, Carlos Martins escreveu a Vargas dizendo que o *Eximbank* se disse disposto a liberar 20 milhões de dólares em empréstimo desde

<sup>950</sup> RAHMEIER, Andrea Helena Petry. *Diplomacia, jogos políticos, intrigas e guerra: a relação entre Alemanha e Brasil (1937-1942)*. São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2020, p.130.

<sup>951</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985, p.310.

<sup>952</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985, p.310-3012.

<sup>953</sup> LINS, Lindercy Francisco Tome de Souza. *To sell a product or to sell an idea: a propaganda oficial do Brasil nos Estados Unidos da América (1930-1945)*. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, p.147.

<sup>954</sup> De fato, no diário de Vargas é possível encontrar o registro, no dia 31 de maio de 1940, de que os EUA deixavam sinais de que o financiamento seria acordado. Em: VARGAS, Getúlio. *Diário (1930-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1..316.

que tudo fosse mantido em segredo até os termos estarem totalmente acertados, para que o assunto não voltasse à mídia.<sup>955</sup>

Uma segunda questão é sobre os serviços de Hasslocher, que continuou acompanhando as investidas da Argentina e Inglaterra, para que não atrapalhassem novas negociações entre Brasil e EUA.<sup>956</sup> Além disso, após o dia do polêmico discurso, ele descreveu a Vargas que a fala do presidente “teve a grande vantagem de fazer focalizar o nosso país, que passou a ser objetivo de grande atenção e estudo” (HASSLOCHER, 1940)<sup>957</sup>. Essa perspectiva coaduna-se à do embaixador brasileiro em Washington. Em 17 de junho de 1940, Carlos Martins escreveu que, apesar de explicar diretamente a Roosevelt que a mensagem do discurso era apenas “para a política interna”, narrou: “não seria eu leal se tentasse minorar a reação que o discurso produziu nos Estados Unidos”<sup>958</sup>, demonstrando que entendia que o discurso foi feito para ser ouvido e a ele não cabia fazer evitar a repercussão que era intencional do presidente. Na mesma carta, Martins (1940, p.37-38) escreveu: “talvez, a reação do seu discurso tenha contribuído para pensarem melhor sobre o Brasil. Greenwood, da *United Steel*, declarou-me hoje que os Estados Unidos estão dispostos a tudo e que no referente a créditos para a siderurgia estão dispostos a fornecê-los até 100%”,<sup>959</sup> segundo Carlos Martins, a fala “assustou um pouco

---

<sup>955</sup> Idem, p.44-55.

<sup>956</sup> As investigações e informações secretas de Hasslocher podem ser acompanhadas em: HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 26 fev. 1940. Carta comunicando ter tomado conhecimento, através do jornalista Leon Pearson, de um golpe armado contra o presidente brasileiro e sugerindo vigilância em torno da viagem de Armando Sales à Argentina. (GV c 1940.02.26). (Vol. XXXIII/40); HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 23 mar. 1940. Carta sobre o desempenho do representante brasileiro do Departamento Nacional do Café em Nova York e criticando as transações financeiras que vem empreendendo em seu nome pessoal. (GV c 1940.03.23/10). (Vol. XXXIII/60); HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 26 mar. 1940. Carta informando sobre as declarações do Coronel Knox, pelo rádio, em que enfatiza a cooperação do Brasil com os Estados Unidos na defesa do continente. (GV c 1940.03.26). (Vol. XXXIII/62).

<sup>957</sup> DOCUMENTO. Documentos sobre o discurso de Getúlio Vargas no dia comemorativo da Marinha incluindo texto do discurso, correspondência, relatórios da Polícia e recortes de jornais sobre sua repercussão nos integralistas em Washington e na Itália, assim com congratulações e comentários do Brasil e do exterior. (GV c 1940.06.11) (Vol. XXXIII/92b, 93, 94, 95a, 95b, 95c, 96a, 96c, 97a, 98 e 106). Rio de Janeiro, Washington, Roma, 11 jun. 1940.

<sup>958</sup> DOCUMENTO. Documentos sobre o discurso de Getúlio Vargas no dia comemorativo da Marinha incluindo texto do discurso, correspondência, relatórios da Polícia e recortes de jornais sobre sua repercussão nos integralistas em Washington e na Itália, assim com congratulações e comentários do Brasil e do exterior. (GV c 1940.06.11) (Vol. XXXIII/92b, 93, 94, 95a, 95b, 95c, 96a, 96c, 97a, 98 e 106). Rio de Janeiro, Washington, Roma, 11 jun. 1940. p.23.

<sup>959</sup> Idem. p.37-38.

e mostrou que o Brasil tem de ser levado em conta, pois sabe o que vale e não é um seguidor servil.” A prova disso seria: “o Greenwood me disse: estão dispostos a fazer tudo agora!” (MARTINS, 1940, p.38).<sup>960</sup>

Assim, ponderações são necessárias: com o caso da siderúrgica, Martins passou a se comunicar apenas com Vargas e Aranha deixava de estar ciente de todos os termos. A própria escrita de Martins a Vargas passou a ser mais informal. Logo, o embaixador passa à condição do que esta investigação entende como um informante do presidente, tendo maior proximidade do poder, contornando a autoridade e hierarquia quanto a Oswaldo Aranha. Em 22 de junho de 1940, por exemplo, passou a reclamar da atuação do Itamaraty, dizendo que Aranha pouco o respondia e atrasava orientações.<sup>961</sup> Disse que havia “elementos” no ministério buscando prejudicar sua posição como embaixador. Por isso, passava a se corresponder diretamente junto a Vargas.

Além disso, é preciso analisar que a historiografia não é convergente quanto ao discurso de Vargas ter sido elaborado de maneira intencional ou não para com o objetivo de extrair vantagens internacionais ao Brasil. Francisco Luiz Corsi<sup>962</sup>, Gerson Moura<sup>963</sup> e Luiz Bandeira<sup>964</sup> apresentam posições que corroboram com a ideia de que houve esta intencionalidade, mas outros, como Hélio Silva<sup>965</sup> e Frank Mccan<sup>966</sup> advogam que, de fato, o discurso teve foco na política interna e suas repercussões foram além do imaginado pelo presidente.

---

<sup>960</sup> Idem, p.38.

<sup>961</sup> Escreveu Martins: “sofri embaraços de toda a espécie dos pigmeus que vegetam à sombra do Itamaraty e que aguardam um fracasso meu, fracasso para o qual se esforçam, deixando-me dias e dias sem instruções, com uma oposição duplicada, amparada no desagrado do Ministro” MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Franklin Roosevelt e outros. Washington, Rio de Janeiro, 22 jun. 1940. Correspondência sobre a reunião dos Ministros das Relações Exteriores Americanos em Havana, incluindo entendimentos para a escolha do local, escolha dos representantes do Brasil e dos EUA, considerações sobre a guerra, política argentina em relação ao Brasil e a participação do Chile no episódio. (GV c 1940.06.22/3). (Vol. XXXIII/99, 102, 104, XXXIV/2b, 20 e 26). p.16.

<sup>962</sup> CORSI, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paul: Editora UNESP. p.158-164.

<sup>963</sup> MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 150-155

<sup>964</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 377-381

<sup>965</sup> SILVA, Hélio. *1939: Véspera de Guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. 208-233

<sup>966</sup> MCCAN JR. Frank. *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995. p. 154-160.

Diante das falas dos informantes analisados, fica difícil não avaliar as repercussões do discurso como intencionais. Inclusive, mesmo que seus efeitos não tenham tido relação direta com a aprovação do empréstimo para a siderúrgica, a fala de Martins deixa entender que elas tiveram, sim, bastante impacto. Vargas e os governos dos EUA e da Alemanha sabiam que, dificilmente, o Brasil conseguiria qualquer ajuda direta da Alemanha naquele momento. O bloqueio marítimo da Inglaterra à Alemanha chegou a travar, por exemplo, o navio *Siqueira Campos* em 11 de outubro de 1940, que carregava armas alemãs compradas pelo Brasil ainda em 1938.<sup>967</sup> Todos já sabiam que a Alemanha não tinha grandes poderes de concretizar uma siderúrgica no Brasil exatamente naquele momento. O foco do discurso não parece, assim, o caso da siderúrgica em específico, mas o contexto geral da política externa brasileira. Muito mais que gerar acordos práticos, é importante lembrar que os EUA se preocupavam com a polêmica na imprensa, que tinha poderes reais de pressões sobre Roosevelt.

Vale ainda registrar a entrevista que o general Góes Monteiro forneceu a Lourival Coutinho. Na entrevista, Monteiro diz que estava no navio com Vargas antes do discurso e o presidente o deixou ler o texto. Monteiro disse que o texto era perigoso, pois poderia ser interpretado como crítica ao discurso de Roosevelt feito no dia anterior. Mesmo assim Vargas teria respondido: “Na mesa, leio o discurso na íntegra, para ser ouvido pelos oficiais gerais das Forças Armadas. É necessário sacudir com força a árvore a fim de caírem as folhas secas” (COUTINHO, 1956, p.367)<sup>968</sup>.

A entrevista de Monteiro merece cuidado, afinal são as memórias que podem ter sido até mesmo elaboradas posteriormente para que ele se protegesse de qualquer avaliação negativa. Ainda assim, serve para, até certo ponto, reforçar o que Martins e Hasslocher já deixaram interpretar, ou seja, Vargas construiu uma estratégia para “forçar” uma situação de atenção para o Brasil. Ainda um outro elemento corrobora com a ideia de intencionalidade, ou seja, o presidente voltou a discursar nos mesmos termos anteriores mesmo com Oswaldo Aranha insistindo para que ele não fizesse isso, devido aos impactos negativos que a primeira fala gerara na imprensa estadunidense.<sup>969</sup>

---

<sup>967</sup> As autoridades inglesas também confiscaram a carga comprada pelo Brasil da Alemanha presente no navio *Buarque*, em 26 de novembro de 1940, intensificando a crise entre Brasil e Inglaterra.

<sup>968</sup> COUTINHO, Lourival. *O General Góes depõe...* Livraria Editora Coelho Branco: Rio de Janeiro, 1956.p.367.

<sup>969</sup> DOCUMENTOS. Documentos sobre o discurso de Getúlio Vargas no dia comemorativo da Marinha incluindo texto do discurso, correspondência, relatórios da Polícia e recortes de jornais sobre sua repercussão nos integralistas em Washington e na Itália, assim com congratulações e

Em 29 de junho de 1940, Vargas proferiu outro discurso<sup>970</sup> na sede da Confederação dos Trabalhadores Marítimos, reafirmando os mesmos termos daquele de 11 de junho. É importante frisar que não eram termos nazifascistas, mas buscavam criticar o liberalismo, elogiar o modelo de “estado forte”, mas, principalmente defender a aliança do Brasil ao panamericanismo e sua posição de neutralidade na guerra<sup>971</sup>, como explica Jônatan Coutinho Oliveira.<sup>972</sup>

No contexto do segundo discurso, Napoleão Alencastro Guimarães, major lotado em Buenos Aires, mas transferido por Vargas para Washington, passou a analisar o contexto da política estadunidense e a informar tudo diretamente ao presidente.<sup>973</sup> Segundo ele, as repercussões do segundo discurso foram positivas, pois a fala passou a impressão de que o Brasil deveria ser um aliado ainda ser conquistado, dando a Vargas vantagens para negociações. Salientou que, como os EUA se preparavam para uma nova eleição presidencial, os discursos de Vargas foram importantes para apressar as negociações e firmar a posição do Brasil em um cenário de novas incertezas.<sup>974</sup> Mais uma

---

comentários do Brasil e do exterior. (GV c 1940.06.11). (Vol. XXXIII/92b, 93, 94, 95a, 95b, 95c, 96a, 96c, 97a, 98 e 106). Rio de Janeiro, Washington, Roma, 11 jun. 1940. p.45.

<sup>970</sup> Neste próximo, Vargas mostrou-se inseguro quanto à conveniência do discurso. Escreveu em seu diário: “eu já sentira que o discurso talvez fosse inconveniente melhor não fazê-lo. Vou sem entusiasmo, mas é tarde para recuar.” O registro passa a ideia de ser muito mais uma reação ao contexto tenso da guerra. Em anotações seguintes, ele escreve exatamente sobre como se sentia cansado e tomado pela tensão da guerra na Europa. VARGAS, Getúlio D. *Diários*. Rio de Janeiro: FGV/Siciliano, 1995. V. 2.p.325.

<sup>971</sup> Escreveu Vargas: “felizmente, no Brasil, criamos um regime adequado às nossas necessidades, sem imitar outros, nem filiar-se a qualquer das correntes doutrinárias e ideológicas existentes. É o regime da ordem e da paz brasileiras, de acordo com a índole e a tradição do nosso povo”.

<sup>972</sup> OLIVEIRA, Jônatan Coutinho da Silva. *Oswaldo Aranha e a Política Externa Brasileira (1938-1944): o chanceler de Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.p.112.

<sup>973</sup> O major Alencastro Guimarães atuara na Revolução de 1930 e desenvolvera contatos diretos com Vargas. Passou a atuar no Ministério de Viação e Obras Públicas e auxiliar nas negociações da usina siderúrgica em Washington desde 1939, como indicado nas cartas GUIMARÃES, Napoleão de Alencastro. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 28 jun. 1940. Cartas tratando da escolha do candidato republicano à presidência dos EUA, a posição deste país em relação ao Brasil e suas preocupações com a influência do nazismo na América do Sul. Informa também sobre comentários de golpe nazista na Argentina, repercussão do discurso de Getúlio, crise de material rodoviário e envia recortes do jornal *New York Times* sobre o Brasil. (GV c 1940.06.28). (Vol. XXXIII/105, XXXIV/1 e XXXIV/2b), p.1.

<sup>974</sup> GUIMARÃES, Napoleão de Alencastro. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 28 jun. 1940. Cartas tratando da escolha do candidato republicano à presidência dos EUA, a posição deste país em relação ao Brasil e suas preocupações com a influência do nazismo na América do Sul. Informa também sobre comentários de golpe nazista na Argentina, repercussão do discurso de Getúlio, crise de material rodoviário e envia recortes do jornal *New York Times* sobre o Brasil. (GV c 1940.06.28). (Vol. XXXIII/105, XXXIV/1 e XXXIV/2b).

vez, os serviços de um informante demonstram como Getúlio Vargas estava preocupado em sondar os impactos políticos da sua fala.

Em adição a essa análise, é possível lembrar que identifiquei diferentes informantes que já vinham pedindo ao presidente para “fazer barulho”<sup>975</sup> e mostrar ao mundo a importância do Brasil. Identifiquei esta mensagem nas cartas do próprio Aranha, de Rosalina Lisboa, Pimentel Brandão e Raul Bopp, por exemplo. Outrossim, Aranha, Sparano, Freitas Vale e Lutero Vargas enviavam análises que descreviam um mundo em que os aliados não pareciam ter muitas chances de vitória. De fato, o mundo parecia mesmo estar no “limiar de uma nova era”, como apontou a fala de 11 de junho.

Destarte, defendo que os elementos analisados apontam para uma probabilidade muito maior de que Vargas, experiente político que era, tenha feito seus discursos almejando não atingir as negociações da siderurgia em específico, mas demarcar as características de sua política interna e externa de maneira consciente sobre suas possíveis repercussões.

Em 24 de setembro de 1940, Martins escreveu a Vargas que o acordo para a siderurgia estava fechado. Finalmente, o Brasil teria sua grande usina e os informantes do presidente tiveram papel importante para que se chegasse lá.

### 6.3 América do Sul: a guerra e a geopolítica

As incertezas da guerra afetavam diretamente o cenário geopolítico da América do Sul. Vargas articulou seus informantes para atuarem neste cenário. Em julho de 1940, Rosalina Lisboa elaborou um estudo completo sobre a imprensa italiana, alemã e suas ligações com a imprensa da América do Sul, concluindo que entregaria tudo pessoalmente a Vargas em Petrópolis.<sup>976</sup> Além disso, Vargas enviou o general Góes Monteiro para redigir um relatório<sup>977</sup> apenas para o presidente sobre a política interna dos países

<sup>975</sup> Expressão usada pelo próprio Mário Pimentel Brandão em: BRANDÃO, Mário Pimentel. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Bruxelas, 6 mar. 1940. Carta sobre debates políticos no congresso da Bélgica, repercussão do livro de Ramon Carcano nesse país e enviando recortes de jornais tratando da discussão do projeto sobre a defesa das instituições. (GV c 1940.03.06.). (Vol. XXXIII/48).

<sup>976</sup> LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, Jul. 1940. Carta informando que está fazendo um estudo sobre imprensa, apresentando um jornalista norte-americano e fazendo objeções ao pedido de audiência que este está pleiteando. (GV c 1940.07.00). (Vol. XXXIX/11).

<sup>977</sup> DUTRA, Eurico Gaspar. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 11 jul. 1940. Carta encaminhando comunicação do Estado Maior do Exército sobre as repercussões da guerra europeia no continente americano contendo observações relativas ao Uruguai,

vizinhos. Monteiro relatou notícias alarmantes: o irmão de Herman Goring, braço direito de Hitler, estava entre os aviadores militares que procuravam instalar um “putsch nazista” no Chile. A tentativa já tinha sido identificada e o governo já estava de prontidão.<sup>978</sup> O relatório dava conta do cenário de mudança do governo de Roberto Marcelino Ortiz pelo seu vice Ramón Castillo, presidente enfraquecido que abria chances para os movimentos do major Niedenfuhr, que fora adido militar no Brasil e líder de uma tentativa de golpe nazista na Argentina, que fora abafada na imprensa.<sup>979</sup> Vargas reagiu.

Logo após esse relatório, ele pediu que Batista Lusardo, embaixador no Uruguai, e Rodrigues Alvez, em Buenos Aires, investigassem as atividades nazistas e comunistas na Argentina, Paraguai e Uruguai com cautela. Enquanto Lusardo deu conta de monitorar o movimento comunista no Uruguai,<sup>980</sup> Rodrigues Alves conseguiu uma lista completa de informantes da Gestapo na América do Sul e enviou todas as informações em detalhes a Vargas, por meio de portadores secretos de suas cartas, para que elas não passassem pelo Itamaraty.<sup>981</sup> Disse Alves (1940, p.15): “trata-se de um documento estritamente secreto e que nos foi especialmente fornecido pelo Secretário geral da gendarmaria nacional em gentileza ao Brasil”, documento que dava um panorama de toda a atividade nazista secreta no Brasil.<sup>982</sup> Vargas pediu que Rosalina Lisboa juntasse a essa “força tarefa” e ela passou a enviar listas de imigrantes que representassem real perigo nazista e comunista ao Brasil.<sup>983</sup> A informante foi além, cobrindo também a entrada de judeus no

---

Argentina, Chile e Estados Unidos e as relações destes países com o Brasil. (GV c 1940.07.11). (Vol. XXXIV/6a e 6b).

<sup>978</sup> Idem, p.5-10.

<sup>979</sup> Idem.

<sup>980</sup> LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 31 jul. 1940. Carta comunicando palestras com o presidente uruguaio e com o ministro José Dahlquist do Paraguai sobre política interna e externa desses países, comentando a exposição industrial em Buenos Aires, a encampação de São Paulo-Rio Grande a criação de novos territórios e informando sobre as atividades dos exilados políticos. Em anexo, remete carta de Roberto Sisson contendo os princípios dos nacional-libertadores. (GV c 1940.07.31). (Vol. XXXIV/18 e 14).

<sup>981</sup> ALVES, José de Paula Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 3 ago. 1940. Cartas sobre o estado de saúde do presidente Ortiz, as tendências nazistas na Argentina; informando sobre os resultados da viagem da comissão de industriais brasileiros a esse país e as possibilidades de comércio entre os dois países. Informa também sobre o debate gerado em torno do escândalo relativo à compra de terras em "El Palomar". (GV c 1940.08.03). (Vol. XXXIV/21 e 25).

<sup>982</sup> Idem, p.15-20.

<sup>983</sup> INFORMAÇÃO. Informação sobre a articulação nazista no Rio Grande do Sul nos setores políticos, religiosos, intelectuais e de colonização e povoamento. Inclui também informações sobre espionagem nazista internacional e participação da Varig e da Condor nessas atividades. Em anexo, quatro documentos tratando de infiltração do nazismo na Igreja gaúcha e uruguaia e

Brasil e suas possíveis relações, segundo ela, com o comunismo,<sup>984</sup> bem como combinou ações junto a outro informante de Vargas, Alencastro Guimarães, nos EUA, para combater notícias na imprensa de Washington contra Vargas.

Essa ação coordenada<sup>985</sup> que Vargas provocou entre seus informantes foi fundamental para o equilíbrio que ele buscava manter junto aos países vizinhos. Um exemplo é o resultado das investigações de Batista Lusardo que concluíam que a Argentina tinha planos para reagir ao que entendia como “hegemonia” do Brasil na região, buscando intensificar a “corrida armamentista”.<sup>986</sup> Vargas agiu logo depois, buscando falar com o ex-presidente Augustín Pedro Justo, com quem mantinha relações diretas e amistosas, para que, juntos, evitassem que as relações entre os dois países caminhassem para a desconfiança generalizada.<sup>987</sup> Enquanto isso, Getúlio usou da

sobre as atividades do piloto Greiss. (GV c 1940.09.00/3). (Vol. XXXIV/45 e 46). Porto Alegre, set. 1940.

<sup>984</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, set. 1940. Carta de Rosalina Coelho Lisboa a Getúlio Vargas sobre a crise econômica e financeira na Argentina, a entrada de capitais estrangeiros nesse país e sugerindo que sejam tomadas providências para que os judeus que emigrem para o Brasil não deixem seu capital nos Estados Unidos e Argentina. (GV c 1940.09.00/4). (Vol. XXXIV/49).

<sup>985</sup>A coordenação de ações de Vargas para monitorar, entender e combater forças do nazismo nos países da América do Sul podem ser acompanhadas nos seus movimentos entre Batista Luzardo, Rodrigues Alves, Rosalina Lisboa e Câmara Canto, como em: LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, mar. 1941. Carta enviando manifesto (de Otávio Mangabeira contra o regime), comentando a repercussão de seu artigo e solicitando audiência para o diretor do "El Imparcial". (GV c 1941.03.00/1). (Vol. XXXV/37); CANTO, José Bernardinho da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideú, 12 mar. 1941. Carta informando sobre articulações comunistas em Montevideú e Buenos Aires e comunicando a participação de Flores da Cunha e outros brasileiros no movimento. (GV c 1941.03.12). (Vol. XXXV/28); ALVES, José de Paula Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 17 abr. 1941. Carta relatando conversa com Allen Hadem que o informou sobre infiltração nazista no Paraguai e na América do Sul. (GV c 1941.04.17). (Vol. XXXV/14). Rosalina passou a combinar ações na imprensa americana junto a Alencastro Guimarães nos EUA e formou, com Filinto Muller e Dutra uma força para identificação de forças contra Vargas na imprensa estrangeira, como explicou em carta de março de 194.

<sup>986</sup>LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideú, 27 out. 1940. Carta sobre as atividades políticas e culturais da Embaixada e a atuação dos exilados políticos. Envia em anexo, carta a Graça Aranha sobre instalação do Lloyd Brasileiro no "Palácio Brasil" e telegrama ao Ministério das Relações Exteriores relatando conversa com o presidente Baldomir sobre substituição ministerial no Uruguai, sucessão presidencial neste país e possibilidade de prorrogação do mandato presidencial, inquietação da Argentina em relação ao armamento brasileiro e a solidariedade do Governo uruguaio à política externa de Getúlio Vargas. (GV c 1940.10.27). (Vol. XXXIV/64a, 64b e 64c).

<sup>987</sup>VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Agustín Justo. Rio de Janeiro, 30 out. 1940. Carta sobre a viagem do Ministro Frederico Pinedo ao Brasil, comunicando as conversações entre ambos e que os preparativos militares do Brasil e Argentina não devem ser preocupação para as relações entre os dois países. (GV c 1940.10.30). (Vol. XXXIV/67).



espionagem de Câmara Canto para verificar tudo o que Lusardo fazia e informava, continuando o esquema de “informar sobre um informante” que já vinha articulando.<sup>988</sup>

Segundo Rosalina Lisboa, as intrigas entre o Brasil e os países membros era financiada pela Inglaterra, que pagava muito dinheiro para que a imagem de Vargas fosse associada cada vez mais ao nazismo na imprensa do Chile, Peru, Bolívia e Argentina. Como demonstrei, Vargas já estava ciente sobre as atividades inglesas pelo menos desde as cartas de Paulo Germano Hasslocher, que informava sobre os planos ingleses contra o Brasil. Contra os apresentados por Rosalina, Getúlio efetivamente combinou junto a ela estratégias para minar os esforços na imprensa de países vizinhos que visavam a vincular o Brasil ao nazismo.<sup>989</sup>

Além do mais, Rosalina Lisboa informava que tinha provas de que os EUA estavam dispostos a invadir o Nordeste do Brasil e outros países da América do Sul se fosse preciso, para instalar suas bases navais, e que essa possibilidade colocava Uruguai e Argentina em lados opostos. Explicou que a Argentina era contra qualquer possibilidade de presença dos EUA em seu território e Uruguai era a favor de logo se aliar aos norteamericanos.<sup>990</sup>

Vargas cruzou essas informações com as do embaixador José de Paula Rodrigues Alves, que descrevia as mesmas preocupações. Ambos combinaram movimentos para amenizar as desconfianças entre Uruguai e Argentina, fazendo do Brasil um canal de diálogo entre os dois países.<sup>991</sup> Vargas, inclusive, no clima de desconfianças com as

---

<sup>988</sup>CANTO, José Bernardino da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 23 nov. 1940. Carta sobre as comemorações do decênio de seu Governo, no Sul; comunicando as atividades dos emigrados políticos, a mobilização dos comunistas em torno da condenação de Prestes e informando sobre a crise política no Uruguai. (GV c 1940.11.23). (Vol. XXXIV/73).

<sup>989</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, mar. 1941. Carta enviando manifesto (de Otávio Mangabeira contra o regime), comentando a repercussão de seu artigo e solicitando audiência para o diretor do "El Imparcial". (GV c 1941.03.00/1). (Vol. XXXV/37).

<sup>990</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, jan. 1941. Carta sobre a rede de intrigas existente na América Latina, criticando as notícias e comentários falaciosos nos Estados Unidos sobre golpes e movimentos políticos no Brasil e recomendando medidas mais severas de censura para as agências informativas estrangeiras. (GV c 1941.01.00). (Vol. XXXV/12).

<sup>991</sup>ALVES, José de Paula Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 7 jan. 1941. Cartas informando sobre as eleições provinciais na Argentina e que nenhum partido conseguiu maioria provocando a saída de ministros. Informa também sobre suas palestras com o presidente Ortiz, com o Chanceler Roca e com o Almirante Scasso sobre bases navais, relações com os demais países da América Latina, envolvimento do Exército na crise política e as articulações visando um golpe de Estado. (GV c 1941.01.07). (Vol. XXXV/4 e 11).

possibilidades de a Argentina se aliar à Alemanha, pediu que Rosalina Lisboa organizasse uma troca, nas próprias palavras na carta dela a Getúlio, de "emissários" dos presidentes, que seriam homens de confiança do presidente do Brasil e da Argentina para, confidencialmente, levarem uns aos outros as impressões dos presidentes sobre o futuro da política de cada respectivo país.<sup>992</sup> A informante ganhou, portanto, ainda mais importância nesse período, servindo de mediadora confidencial entre presidentes no momento de maior tensão.<sup>993</sup>

Como resultado dessas intensas investigações, Rodrigues Alves informou a Vargas em 1941, que já se podia ter certeza de que os planos nazistas para o Brasil não eram de invasão, mas de fazer confundir informações e enfraquecer as alianças entre o país e seus vizinhos.<sup>994</sup>

Nesse momento, reforçando toda esta “arquitetura confidencial” de ações, Getúlio enviou, em missão secreta, mais um informante: Renato Rodrigues Barbosa,<sup>995</sup> professor de Patologia Interna na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, apoiador de Vargas desde a formação da Aliança Liberal, deputado no Rio Grande do Sul e amigo de Vargas. O presidente pediu que ele fosse ao Chile e à Argentina, para que sondasse sobre a política interna destes países. Ele escreveu<sup>996</sup> que Vargas precisava dar atenção à política externa chilena, que não parecia favorável ao Brasil. É possível concluir que Vargas reagiu a essa investigação, pois passou a contar com a ajuda direta do diplomata

---

<sup>992</sup>ALVES, José de Paula Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 23 jul. 1941. Carta comentando a descoberta de movimento nazista na Bolívia, a influência do nazismo na América do Sul e as repercussões do episódio ocorrido na Bolívia. (GV c 1941.07.23/1). (Vol. XXXV/91).

<sup>993</sup> Registro que Rosalina Lisboa ficou no encalço a mando de Vargas de um comunista chamado, nas cartas apenas de major Costa Leite, Leite que seria, em sua opinião, o substituto de Luís Carlos Prestes para o comunismo na América do Sul, ampliando suas atividades Rosalina vigiou e seguiu as atividades de um sujeito chamado por ela apenas de major Costa. Em: LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 17 set. 1941. Carta informando sobre várias manobras dos americanos contra o Governo brasileiro visando indisporlo perante a população brasileira, e enviando carta sobre a chegada de Costa Leite ao Uruguai e os contatos deste com próceres comunistas. (GV c 1941.09.17/2). (Vol. XXXVI/37).

<sup>994</sup>ALVES, José de Paula Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 23 jul. 1941. Carta comentando a descoberta de movimento nazista na Bolívia, a influência do nazismo na América do Sul e as repercussões do episódio ocorrido na Bolívia. (GV c 1941.07.23/1). (Vol. XXXV/91).

<sup>995</sup>CPDOC, Renato Rodrigues Barbosa. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/renato-rodrigues-barbosa> Acesso em 13 maio 2023.

<sup>996</sup>BARBOSA, Renato Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Santiago, 1 set. 1941. Carta narrando as impressões colhidas durante sua viagem ao Chile, Uruguai e Argentina em torno das relações destes países com o Brasil, as opiniões em relação ao Governo brasileiro e a rivalidade entre Chile e Argentina. (GV c 1941.09.01). (Vol. XXXVI/18).

Samuel de Souza Leão Gracie, que já havia sido seu informante durante a guerra do Chaco e, agora, no Chile<sup>997</sup>, passou a vigiar o Ministro das Relações Exteriores do Chile para Vargas.

Gracie, de alguma maneira, conseguia cópias da comunicação entre o diplomata chileno Mariano Fontecilla e o ministro chileno.<sup>998</sup> As cópias demonstravam os planos de política externa chilena, atestando que o Chile temia a importância do Brasil na geopolítica da região e preferia se aliar à Argentina no esforço de não ruptura com o Eixo durante a guerra, para fazer frente à influência do Brasil e EUA na América.<sup>999</sup>

Assim, constata-se como os informantes de Vargas foram fundamentais para sua política externa na América do Sul neste período, contudo, partir de 1941, posições de equilíbrio e neutralidade, que Vargas buscava construir, se esfacelou: os EUA foram atacados pelo Japão e Vargas precisou se posicionar. Como explica Gerhard Weinberg, em 7 de dezembro de 1941, ocorreu o ataque japonês à base naval de Pearl Harbor, no Havaí e o presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, declarou guerra ao Japão no dia seguinte ao ataque. Posteriormente, em 11 de dezembro, ele declarou guerra à Alemanha e Itália, aliadas do Japão.<sup>1000</sup>

Angela de Castro Gomes<sup>1001</sup> explica-nos que o próprio Estado Novo, a partir de 1941, deixou de se concentrar tanto em estratégias repressivas e desmobilizadoras e passou mais a abordar mecanismos de atração social e construção de legitimidade devido a esta mudança do contexto internacional, afinal o Brasil passava a se posicionar definitivamente solidário às democracias no conflito. Se, na política interna, Vargas

---

<sup>997</sup>Almanaque do Pessoal-1931, p.146. Disponível em: [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1941A.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1941A.pdf). Acessado em: 20/10/2022 às 16:00.

<sup>998</sup>GRACIE, Samuel de Sousa Leão. [Telegrama]. Santiago, 6 out. 1941. Telegrama de Samuel de Sousa Leão Gracie transcrevendo comunicação da embaixada do Brasil em Santiago sobre inquietação do Chile em face dos entendimentos entre o Brasil e a Colômbia. (GV c 1941.10.06/1). (Vol. XXXVI/45).

<sup>999</sup>FONTECILLA, Mariano. [Correspondência]. Destinatário: Pedro Aguirre Cerda. Rio de Janeiro, 16 out. 1941. Carta sobre política de exportações do Chile, o novo Secretariado de Estado; comentando seus contatos com Oswaldo Aranha e a política externa de cooperação Brasil-Estados Unidos. (GV c 1941.10.16).

<sup>1000</sup>Weinberg, Gerhard L. *A World at Arms: A Global History of World War II*. Cambridge University Press, 2005. p.580.

<sup>1001</sup>GOMES, Angela de Castro. Estado Novo: debatendo nacionalismo, autoritarismo e populismo. In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945. Segunda República 1930-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, p.176.

precisou reajustar suas estratégias, na externa, precisou abandonar a equidistância que buscava manter.

#### 6.4 O fim da equidistância e a continuidade do pragmatismo

Ao fim de 1940, Ciro de Freitas Vale, em Berlim, e Luís Sparano, na Itália, narraram passo a passo do cenário da guerra diretamente ao presidente. Vale<sup>1002</sup> se dizia cumprindo sua “missão especial” de informar o presidente, detalhando os horrores da guerra.<sup>1003</sup> Sparano continuou sendo uma ponte entre Vargas e Mussolini,<sup>1004</sup> bem como narrou, em detalhes, os planos de Hitler para a África. Narrou que a Itália não conseguira seu sucesso esperado na Grécia e Hitler encontrou mais obstáculos que previra na Inglaterra.<sup>1005</sup> Ao mesmo tempo, Vargas buscou um novo informante direto, o embaixador Muniz Aragão na Inglaterra, que fazia análises contrastantes às de Sparano e Vale. Enquanto os últimos dois apresentavam que Alemanha e Itália continuavam firmes no conflito apesar das novas dificuldades, Aragão assegurava a Vargas de que o Eixo não sabia da verdadeira potência militar da Grã-Bretanha, que já estava surpreendendo Hitler nas batalhas na África.<sup>1006</sup> O jogo do início da guerra parecia estar virando.

---

<sup>1002</sup>VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 23 out. 1940. Carta relatando a guerra de extermínio entre Alemanha e Inglaterra, e expansão territorial do conflito e informando sobre as pretensões alemãs na América do Sul. (GV c 1940.10.23/3). (Vol. XXXIV/62).

<sup>1003</sup>VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 25 ago. 1940. Carta de Ciro de Freitas Vale a Getúlio Vargas tratando da derrota da França, a correlação de forças militares na Europa, as chances de uma vitória da Alemanha, comentando as repercussões da guerra para o comércio e a política brasileira e enviando sugestões. (GV c 1940.08.25). (Vol. XXXIV/30).

<sup>1004</sup>SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 23 out. 1940. Carta enviando conferência de Roberto Cantalupo intitulada "Continentalismo Americano", tratando da guerra na Europa, dos planos do Eixo em relação à Europa, da viagem do Ministro da Guerra, da Inglaterra, ao Egito e Palestina e da situação italiana. (GV c 1940.10.23/1). (Vol. XXXIV/61). SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 5 nov. 1940. Cartas de Luís Sparano a Getúlio Vargas sobre o desenrolar da guerra na Europa; relatando a situação político-militar na Itália, Grécia, Turquia, Bulgária e Irlanda; comentando a paz entre o Eixo e a França, a recusa da Espanha em participar da guerra, as consequências oriundas da participação do Estados Unidos no conflito mundial; e informando sobre os países neutros na Europa. (GV c 1940.11.05). (Vol. XXXIV/70, 72 e 78).

<sup>1005</sup> Idem, p.5.

<sup>1006</sup>ARAGÃO, Silva Muniz; LIMA, José Joaquim de. [Telegrama] Destinatário: Getúlio Vargas. Londres, 27 mai. 1941. Telegrama sobre a batalha de Creta, informando que o Gal. Franco foi encarregado por Hitler para entrar em contato com a América do Sul tentando evitar a participação americana na guerra, e comunicando a atuação de agentes alemães no continente. (GV c 1941.05.27/1). (Vol. XXXV/64). Aragão informou um quadro completo das ações nazistas na América do Sul.

De fato, observo que enquanto as campanhas do Eixo já não mostravam o mesmo vigor do início da guerra, Vargas passou a aumentar seus contatos nos EUA e sua comunicação com Carlos Martins passaram a ser mais informais, combinando ações que circundavam o Itamaraty<sup>1007</sup> e, principalmente, a autoridade de Oswaldo Aranha.<sup>1008</sup> Napoleão Alencastro Guimarães, por exemplo, quem já analisei anteriormente, continuou combinando ações junto a Vargas para o comércio do café e outros produtos, vigiando funcionários e investigando a atuação de Oswaldo Aranha a mando do presidente.<sup>1009</sup>

Nesse contexto, novos informantes passaram a contribuir com novas missões secretas junto ao presidente. Um primeiro exemplo é o informante Egídio Câmara Souza<sup>1010</sup>, que auxiliava o gabinete do ministro Oswaldo Aranha no Brasil e foi removido pelo próprio Vargas para atuar no consulado de Chicago.<sup>1011</sup> Em carta, ele agradece dizendo que cumpriria sua missão de informar tudo que pudesse sobre o cenário político e econômico dos EUA diretamente ao presidente como havia combinado. Câmara Souza conversou com o opositor de Roosevelt, Lewis Wendell Wilkie, que, segundo ele, se ganhasse as eleições não seria necessariamente amistoso ao Brasil no cenário da guerra. Além disso, inspecionou o andamento do comércio do Brasil com os EUA e os detalhes do Consulado em Chicago.<sup>1012</sup>

---

<sup>1007</sup>MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Washington, 16 jul. 1940. Carta sobre quebra de sigilo de informações confidenciais que envolvem a posição da França frente à guerra e à Alemanha e que provocou movimentação nos meios diplomáticos americanos e franceses. (GV c 1940.07.16). (Vol. XXXIV/8).

<sup>1008</sup> Martins continuou negociando material bélico e fabril com os EUA diretamente com Vargas, usando Alzira Vargas como intermediária, driblando a autoridade de Aranha: MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Alzira Vargas. Washington, 16 jan. 1941. Carta informando que tomou providências junto ao Departamento de Estado para que seja dada prioridade ao embarque de material siderúrgico, comentando a notícia de demissão do Gal. Dutra e solicitando a promoção de Paulo Hasslocher. (GV c 1941.01.16/1). (Vol. XXXV/7a).

<sup>1009</sup>GUIMARÃES, Adolfo Cardoso de Alencastro. [Correspondência]. Destinatário: Napoleão de A. Guimarães. Washington, 8 fev. 1941. Carta informando que Drew Pearson teve seu contrato renovado para a propaganda de café nos Estados Unidos e que teve notícias de incidente entre Oswaldo Aranha e George Marshall. (GV c 1941.02.08). (Vol. XXXV/17).

<sup>1010</sup>SOUSA, Edigio da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Chicago, 19 jul. 1940. Carta sobre o impacto causado nos EUA como a capitulação da França, a posição americana em relação ao Brasil, a reeleição de Roosevelt, e, informando sobre a situação material e as atividades do consulado brasileiro em Chicago. (GV c 1940.07.19). (Vol. XXXIV/9).

<sup>1011</sup> Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p. 99. Disponível em [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1943.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1943.pdf)

<sup>1012</sup> Idem, p.5-8.

Vargas também deu início a missões secretas junto a Maria Martins,<sup>1013</sup> esposa do embaixador Carlos Martins.<sup>1014</sup> A ela, ele escreveu dizendo que graças a suas informações passava a ter “dois embaixadores” nos EUA. Maria Martins conversava diretamente com Summer Welles e contou em detalhes o processo de entrada dos EUA na guerra. Com ela, Getúlio passou a combinar as ações de Alzira Vargas, sua filha que foi aos EUA para estreitar as relações entre os dois países exatamente no contexto de entrada do país na guerra, criando ações paralelas às de Carlos Martins. Enquanto o embaixador combinava ações oficiais e protocolares, Alzira e Maria Martins passaram a atuar na imprensa, dando entrevistas, tirando fotos e falando sobre o Brasil.<sup>1015</sup> Além de ações de relatos sobre a geopolítica e a sua atuação na imprensa, Maria Martins conseguiu amizade com uma série de contatos secretos em Washington, pelo que explicava em suas cartas, e, por meio deles, tecia a Vargas suas impressões sobre a guerra. Por exemplo, explicou, em maio de 1941, que Hitler estava prestes a invadir a Rússia para assegurar matéria-prima e posições estratégicas já entendendo que era inevitável que o conflito levasse o Brasil a entrar na guerra uma hora ou outra.<sup>1016</sup> Ela também informava Vargas sobre as atividades comunistas na América Latina.<sup>1017</sup> Um exemplo interessante de sua atuação é a escrita de um dossiê completo sobre a imagem do Estado Novo nos EUA a pedido de Vargas<sup>1018</sup>.

---

<sup>1013</sup>MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 17 fev. 1941. Carta sobre a entrada dos Estados Unidos na guerra, a iminente derrota da Alemanha e o interesse dos políticos americanos pelo Brasil. (GV c 1941.02.17) (Vol. XXXV/20).

<sup>1014</sup> Como explica Ana Arruda Callado, Maria era muito independente, tinha seu próprio apartamento em Washington e se dedicava à política e às artes, sendo escultora e desenhista e representante do movimento surrealista. CALLADO, Ana Arruda. *Maria Martins: uma biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

<sup>1015</sup>MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 15 mai. 1941. Carta enviando notícias de Alzira e Ernâni do Amaral Peixoto, informando sobre o interesse americano pelo Brasil e as repercussões da fuga de R. Hess para a Inglaterra. (GV c 1941.05.15/1). (Vol. XXXV/54).

<sup>1016</sup> Idem, p.5-10.

<sup>1017</sup>MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 fev. 1944. Carta de Maria Martins a Getúlio Vargas sobre notícias de agitações em Cuba, Chile, Brasil e outros países da América Latina, influência russa no continente e sugerindo exame de correspondência para obter maiores detalhes sobre essas informações. (GV c 1944.02.10/1). (Vol. XLIII/36b).

<sup>1018</sup>MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 28 mar. 1944. Carta tratando das eleições presidenciais nos Estados Unidos, de conspirações contra o Brasil articuladas na Argentina, das atividades de integralistas e exilados brasileiros e de aproximações diplomáticas com a Rússia. Em anexo cópia de artigo. (GV c 1944.03.28/1). (Vol. XLIII/64).

Vale ainda registrar que Maria Martins encontrou-se com o filho de Vargas, Lutero, que foi estudar os EUA, mas lá também serviu de informante do pai. Juntos, eles investigaram as ações de Oswaldo Aranha, como Ministro, e concluíram que Vargas deveria tomar cuidado redobrado com a imagem de Aranha que começava a ofuscar a de Vargas como possível líder para ao Brasil após a guerra.<sup>1019</sup> Nas cartas, Lutero Vargas, em ação com Maria Martins escreveu: “Oswaldo Aranha continua tecendo sua teia por aqui”. As informações indicavam que Aranha contava com a força de diplomatas no Canadá, de um cônsul chamado Oscar Correia, em Nova York, e de Maximiliano de Figueiredo, em Washington, para desenvolver ações de oposição ao Estado Novo em uma rede de críticas a Getúlio Vargas.<sup>1020</sup>

Por fim, vale registrar que Maria Martins serviu de ponte entre Vargas e Adolf Augustus Berle Júnior, secretário assistente do EUA para a América Latina, que contava com grande respeito e influência no governo Roosevelt.<sup>1021</sup>

Outro informante fundamental que passou a atuar diretamente junto a Vargas, após a entrada dos EUA na guerra, foi o professor de Direito e diplomata Francisco Cavalcanti Pontes Miranda.<sup>1022</sup> Vargas estabeleceu com o diplomata Pontes de Miranda a missão de que ele estudasse confidencialmente uma série de frentes sobre a política dos EUA, como as eleições presidenciais, a imagem do Brasil no país e a atuação de Aranha e do Itamaraty.<sup>1023</sup> A primeira conclusão de Miranda era de que o embaixador Carlos Martins, mas, sobretudo, o Itamaraty, fazia muito pouco para combater a imagem

---

<sup>1019</sup>VARGAS, Lutero Carmanho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Jul. 1944. Carta de Lutero Sarmanho Vargas a Getúlio Vargas comentando a imagem do Brasil nos Estados Unidos e recomendando sua visita oficial a esse país. (GV c 1944.07.00/2). (Vol. XLIV/29c).

<sup>1020</sup> Idem, p.1-2.

<sup>1021</sup>MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 5 jul. 1944. Carta sobre: eleição presidencial nos Estados Unidos; divergências entre Cordell Hull e Summer Welles; situação internacional; planos de Adolf Hitler; viagem de De Gaulle aos Estados Unidos; entendimentos e perspectivas para o final da guerra. (GV c 1944.07.05/2). (Vol. XLIV/31).

<sup>1022</sup> Foi professor de direito na Universidade do Recife. Ele representou o Brasil em duas conferências internacionais: em 1923, em Santiago, no Chile, e em 1932, em Haia, nos Países Baixos. Essas experiências tiveram influência em sua transição para a carreira diplomática em 1939, quando foi designado como embaixador na Colômbia. Miranda recebeu o prêmio da Academia Brasileira de Letras em 1921 pelo seu livro "A sabedoria dos instintos" Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/pontes-de-miranda/biografia>

<sup>1023</sup>MIRANDA, Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 17 set. 1941. Carta de Pontes de Miranda a Getúlio Vargas narrando os resultados obtidos junto à imprensa americana em relação ao Brasil, os contatos que estabeleceu nos Estados Unidos, comentando o tipo de oposição que é feita ao regime brasileiro e avisando da compra clandestina de armamento mexicano. (GV c 1941.09.17/1). (Vol. XXXVI/26).

negativa sobre o Brasil nos EUA, por isso, a missão secreta de Miranda era atuar para subvencionar propagandas positivas sobre o Brasil por lá. Em setembro de 1941, a missão já estava em andamento, como o próprio Miranda reportou.<sup>1024</sup>

Este informante desenvolveu amizade com ninguém menos que o comandante geral das forças navais dos EUA, o almirante Harold Starck, e informou a Vargas de que o militar admirava a maneira com que o presidente conduzia a nacionalização dos alemães no Brasil, desde 1937. Miranda disse ao presidente que essa admiração se tornara uma maneira de ele, Miranda, se aproximar de Starck. Ele passou a frequentar a casa de Starck e conheceu a família do almirante, por meio de quem passou a ter informações sensíveis sobre a guerra. O principal resultado de sua missão foi levar a Starck as palavras de Getúlio Vargas, para que se certificasse que o Brasil estava ao lado dos EUA. Escreveu a Vargas: “o que quiser deste Almirante, diga-me” (MIRANDA, 1941, p.13).<sup>1025</sup>

Ainda em 1941, Miranda descobriu duas frentes de intrigas contra Vargas, uma dentro da maçonaria, que envolvia um juiz federal chamado Peter Schmuck, e outra dentro da Marinha dos EUA. Relatou conseguir desfazer ambas.

Compareceu disfarçado nas reuniões da Maçonaria e teve acesso a um homem que chamou de rabi Feinberg.<sup>1026</sup> Por meio dele, disse que conseguiu desfazer as intrigas que se armavam na organização e que estavam saindo na imprensa contra Vargas. O rabi e o juiz, escreveu, estavam cientes das palavras diretas de Vargas e os ânimos estavam apaziguados.<sup>1027</sup>

Na Marinha, disse que o almirante Starck foi seu principal contato para descobrir que “forças”, segundo ele, ligadas ao Itamaraty, buscavam vincular Vargas e Dutra ao

---

<sup>1024</sup> MIRANDA, Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 17 set. 1941. Carta de Pontes de Miranda a Getúlio Vargas narrando os resultados obtidos junto à imprensa americana em relação ao Brasil, os contatos que estabeleceu nos Estados Unidos, comentando o tipo de oposição que é feita ao regime brasileiro e avisando da compra clandestina de armamento mexicano. (GV c 1941.09.17/1). (Vol. XXXVI/26).

<sup>1025</sup> MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 3 out. 1941. Cartas relatando a amizade do Almirante Harold Starck, Chefe das Operações Navais dos Estados Unidos, para com o Brasil e os contatos que estabeleceu com ele. Informa também sobre as atitudes de autoridades americanas em relação aos governantes brasileiros, a oposição nesse país ao Estado Novo na qual se inclui o trabalho da maçonaria. (GV c 1941.10.03/1). (Vol. XXXVI/41, 47a, 47b e 56), p.13.

<sup>1026</sup> MIRANDA, Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 8 nov. 1941. Relatório e carta de Pontes de Miranda a Getúlio Vargas sobre sua participação na Conferência Internacional do Trabalho, relatando o desenrolar dos trabalhos, os pronunciamentos feitos e as críticas que as delegações mexicana e chilena dirigiram ao Brasil. (GV c 1941.11.08/3). (Vol. XXXVI/57 e 66c).

<sup>1027</sup> Idem, p.10-16.



nazismo. Disse, por fim, que conseguiu desfazer as intrigas. Sobre a atuação de Starck escreveu a Vargas: “é peso suficiente para contrabalancear os seus inimigos dentro do Departamento de Estado. Ele sabe, hoje, que meu chefe é amigo dos EUA, e não como se vinha intrigando” (MIRANDA, 1941, p.16-20).<sup>1028</sup> Miranda disse que membros do Itamaraty descobriram suas atividades e estavam fazendo de tudo para prejudicá-lo. Tudo indica que Vargas agiu para impedir qualquer risco às suas missões, pois elas continuaram.

Ele levou a Vargas arquivos que, segundo ele, comprovavam que o *War Department* era a favor da invasão do Nordeste brasileiro, se Vargas não aceitasse a instalação de bases navais na região,<sup>1029</sup> informação que corroborava com aquelas que Rosalina Lisboa já enviara a Vargas, como demonstrei. Enfatizo que Pontes Miranda contava com alta confiança de Vargas, visto que o presidente pensou, junto a ele, sobre possíveis nomes substitutos a Carlos Martins, caso o embaixador perdesse prestígio nos EUA<sup>1030</sup>. Miranda auxiliou Vargas também na investigação sobre a pessoa de Aranha e, nessa questão, Vargas recebeu um relatório secreto de conversas confidenciais do *Sate Department* que comprovavam a preferência por Oswaldo Aranha como próximo presidente do Brasil.<sup>1031</sup>

Prosseguindo na missão, em 1942, Pontes Miranda desenvolveu profunda pesquisa junto a Vargas sobre a imagem do Estado Novo nos EUA, pesquisa que contou com a ajuda do filho de Vargas, Lutero, que, como vimos, também já havia auxiliado os trabalhos de Maria Martins para fins similares.<sup>1032</sup> Ele também atuou na investigação junto a Vargas sobre as opções geopolíticas do Brasil após a Segunda Guerra,

---

<sup>1028</sup> Idem, p.16-20.

<sup>1029</sup> MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 3 out. 1941. Cartas relatando a amizade do Almirante Harold Starck, Chefe das Operações Navais dos Estados Unidos, para com o Brasil e os contatos que estabeleceu com ele. (GV c 1941.10.03/1).

<sup>1030</sup> MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 17 nov. 1941. Carta de Pontes de Miranda a Getúlio Vargas encaminhando sugestões para os procedimentos da substituição do embaixador brasileiro em Washington. (GV c 1941.11.17). (Vol. XXXVI/66b).

<sup>1031</sup> LARSON, Ralph L.. [Correspondência]. Destinatário: Anthony Anderson. Rio de Janeiro, 28 dez. 1941. Carta informando sobre as atividades políticas dos estudantes de São Paulo em oposição ao Governo, comunicando a lista de promoções do Exército, os entendimentos entre Góes Monteiro e Lehmann Miller em torno da localização de bases motorizadas no Brasil, os planos do primeiro em relação ao Governo e informando sobre atividades pró Eixo e o tipo de repressão que estão sendo efetuado. (GV c 1941.12.28).

<sup>1032</sup> MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 10 out. 1942. Carta sobre campanha da imprensa americana contra o Brasil. (GV c 1942.10.10). (Vol. XXXIX/4).

demonstrando atuação eficiente em diferentes frentes totalmente acertadas diretamente com o presidente.<sup>1033</sup>

É preciso retomar o contexto histórico da atuação de Pontes Miranda. Mesmo com os EUA na guerra, Vargas buscava não se envolver com o conflito. Por exemplo: a partir do ataque do Japão aos EUA, o Brasil declarou sua solidariedade a Washington, rompendo com qualquer possibilidade de manutenção de uma “equidistância pragmática”.<sup>1034</sup> Com os EUA na guerra, Roosevelt escreveu uma carta manuscrita a Vargas totalmente confidencial em que dizia que ocuparia a Islândia, Dakar, Cabo Verde, pois a tática de guerra alemã, se vencesse a Rússia, poderia rapidamente atacar os EUA. Então, Roosevelt pediu auxílio a Getúlio para ajudar os EUA a ocuparem secretamente essas regiões.<sup>1035</sup> Com a recusa do general Eurico Gaspar Dutra e de outros militares, o presidente negou auxiliar nas ocupações, por entender que esta ação o lançaria imediatamente na guerra.<sup>1036</sup> Malgrado seus planos visassem a evitar a entrada do Brasil no conflito, não conseguiu segurar a posição de neutralidade por muito mais tempo.

Como demonstra João Barone,<sup>1037</sup> em 22 de janeiro de 1942, o Brasil rompeu suas relações diplomáticas com a Alemanha e, em 10 de julho de 1942, com a Itália, após receber ataques de submarinos italianos no Atlântico.<sup>1038</sup> Nesse contexto, Pontes Miranda escreveu que estava desenvolvendo conversas com o major americano chamado De Seversky, quem escrevera importantes livros sobre estratégias navais e aéreas e conduzia planos de guerra para o governo. Ele enviou um resumo das principais estratégias de

---

<sup>1033</sup>MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 10 set. 1942. Carta relatando sua palestra com o Major De Seversky e sugerindo um encontro deste com o Ministro Salgado Filho. (GV c 1942.09.10). (Vol. XXXVIII/37b).

<sup>1034</sup> ROOSEVELT, Franklin. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 9 dez. 1941. Telegrama agradecendo a solidariedade do Brasil frente ao ataque do Japão aos Estados Unidos. (GV c 1941.12.09). (Vol. XXXVI/77).

<sup>1035</sup>MARTINS, Carlos Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 25 dez. 1943. Cartas fazendo o relato de suas observações colhidas na América do Sul, principalmente da Argentina, Chile e Peru, por ocasião de sua missão de inspeção no continente e enviando artigo de Summer Welles sobre a Argentina. (GV c 1943.12.25). (Vol. XLII/56 e 60).

<sup>1036</sup>DUTRA, Eurico Gaspar. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 19 jul. 1941. Carta de Eurico Gaspar Dutra a Getúlio Vargas informando ser contrário à participação do Brasil na ocupação das Guianas proposta pelos Estados Unidos, o que significaria a entrada do Brasil na guerra sem a consulta aos demais países americanos. (GV c 1941.07.19). (Vol. XXXV/88).

Salgado filho também foi contra.

<sup>1037</sup> BARONE, João. *O Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

<sup>1038</sup> Idem, p.69

guerra do major a Vargas e escreveu que enviaria relatórios sobre as possibilidades de se fabricar aviões de guerra genuinamente brasileiros, devido a tudo o que estava aprendendo com De Seversky.<sup>1039</sup>

Com o Brasil diretamente envolvido na guerra, outra importante frente de atuação de Miranda foram suas investigações sobre as possibilidades extração e produção de petróleo no Brasil. Ele informou a Vargas que estava em conversa com um grupo de industriais que poderiam viabilizar a exploração de petróleo no Brasil, em suas palavras, “com empresas puramente brasileiras”.<sup>1040</sup> Ele já estava em contato com empresários e engenheiros, que poderiam viabilizar a exploração do petróleo no Brasil pelo próprio Brasil. Segundo seus cálculos, seria necessário, no máximo 45% de capital estrangeiro, para iniciar um projeto estatal brasileiro de exploração do petróleo. Pediu que Vargas cuidasse mais de sua conexão com a Embaixada de Washington “para que não viesse nenhuma rasteira do Itamaraty”,<sup>1041</sup> pois suas investigações eram secretas e exclusivamente feitas a Vargas.

Os trabalhos de Miranda estenderam-se até 1943, quando auxiliou Vargas a pensar sobre “as negociações do pós-guerra”, por meio de informações confidenciais que disse conseguir com o diplomata estadunidense chamado Herbert Pell.<sup>1042</sup>

Outro informante com quem Vargas passou a contar foi Lourival Fontes jornalista e político que, como explica Aldenise Santos,<sup>1043</sup> apoiara o golpe de 1937, esteve à frente do Departamento de Imprensa e Propaganda, entre 1939 e 1942, e assumiu o cargo de representante do Brasil no Conselho Administrativo do Bureau Internacional do Trabalho. O que a historiografia ainda não vem explorando é a atuação de Fontes como informante de Vargas sobre a política interna e as relações internacionais.

---

<sup>1039</sup>MIRANDA, Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 10 set. 1942. Carta relatando sua palestra com o Major De Seversky e sugerindo um encontro deste com o Ministro Salgado Filho. (GV c 1942.09.10). (Vol. XXXVIII/37b).

<sup>1040</sup>MIRANDA, Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 31 out. 1942. Carta sobre condições de exploração do petróleo brasileiro, política dos imigrantes argentinos nos Estados Unidos e enviando documento secreto e artigo. (GV c 1942.10.31). (Vol. XXXIX/14).

<sup>1041</sup> Idem, p.10-15.

<sup>1042</sup>MIRANDA, Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 12 abr. 1943. Carta de Pontes de Miranda a Getúlio Vargas elogiando a atuação do embaixador americano, Herbert Pell. (GV c 1943.04.12). (Vol. XL/46).

<sup>1043</sup> SANTOS, Aldenise Cordeiro; SANTANA, Anthony Fábio Torres. A alquimia do poder: Lourival Fontes e suas configurações políticas. *Simpósio Nacional Estado e Poder*, VI, 2010.

Como explica Bárbara Tuchman,<sup>1044</sup> em 14 de agosto de 1941, Roosevelt assinou a Carta do Atlântico, uma declaração conjunta emitida pelos líderes dos Estados Unidos e do Reino Unido em que estabeleceu as metas e os objetivos dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, incluindo a renúncia à expansão territorial, o compromisso com a autodeterminação dos povos, a eliminação do uso da força para resolver conflitos e a criação de uma organização internacional para manter a paz e a segurança após a guerra. Lourival Fontes acompanhou toda a repercussão geopolítica e na política interna desta carta junto a Vargas.<sup>1045</sup> Também fez análises completas sobre o poderio bélico dos EUA em comparação aos da Alemanha, Itália e Japão, com números, defendeu que a guerra contra o Japão se estenderia muito e era a guerra que tinha chances de testar os limites dos EUA. Descreveu um mundo que rapidamente se reorganizava entorno das rivalidades entre União Soviética e países capitalistas.<sup>1046</sup> Explicou a Vargas que nova organização que estava para surgir giraria em torno exatamente desta nova rivalidade.<sup>1047</sup> Avaliou que a China passaria “à primeira ordem das coisas” neste “novo mundo” após a guerra e que Vargas cuidasse de priorizar as relações entre Brasil e China.<sup>1048</sup> Segundo ele, estava cumprindo a missão secreta que o presidente o dera, ou seja, informar-lhe sobre os rumos da política internacional e sua conclusão era a de que o Brasil precisa aproveitar “as novas brechas” de poder que se abriam.<sup>1049</sup>

Lourival Fontes acompanhou, nos EUA, todas as repercussões da Conferência de Moscou, que previa a criação da organização que substituiria a Liga da Nações, além

---

<sup>1044</sup> TUCHMAN, Barbara W. *The Guns of August: The Outbreak of World War I*. Nova Iorque: Ballantine Books, 1995. p.43.

<sup>1045</sup> FONTES, Lourival. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Andrade de Queirós. Nova Iorque, 18 jul. 1943. Cartas de Lourival Fontes a Getúlio Vargas e Andrade de Queirós sobre perspectivas econômicas e políticas dos Estados Unidos para o pós-guerra contendo também informações acerca da oposição a Roosevelt; advento do Canadá como potência mundial; reconstrução do mundo; relações entre Estados Unidos, URSS, Vaticano e Alemanha e entre a China e o mundo ocidental; atividades secretas da Falange Espanhola no exterior; espionagem alemã; planos de industrialização do Brasil, etc. (GV c 1943.07.18). (Vol. XLI/39, 44, 52, 59, 62 e Vol. XLII/13).

<sup>1046</sup> Idem, p.15-16.

<sup>1047</sup> Idem, p.16.

<sup>1048</sup> FONTES, Lourival. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Andrade de Queirós. Nova Iorque, 18 jul. 1943. Cartas de Lourival Fontes a Getúlio Vargas e Andrade de Queirós sobre perspectivas econômicas e políticas dos Estados Unidos para o pós-guerra contendo também informações acerca da oposição a Roosevelt; advento do Canadá como potência mundial; reconstrução do mundo; relações entre Estados Unidos, URSS, Vaticano e Alemanha e entre a China e o mundo ocidental; atividades secretas da Falange Espanhola no exterior; espionagem alemã; planos de industrialização do Brasil, etc. (GV c 1943.07.18). (Vol. XLI/39, 44, 52, 59, 62 e Vol. XLII/13).

<sup>1049</sup> Idem, p.15-20.

de enviar todos os detalhes da conferência disse que tinha provas de que a Alemanha já estava ciente de que o mais provável era perder a guerra.<sup>1050</sup>

Vale também investigar o trabalho de Lutero Vargas que já apareceu aqui tangenciando os serviços de Pontes Miranda e de Maria Martins. Em 1942, por meio de Lutero, Roosevelt pediu que Vargas fosse informado sobre os detalhes da batalha contra os alemães na África.<sup>1051</sup> Ao mesmo tempo, enviou uma cópia de um relatório secreto que conseguira em Washington que demonstrava que os EUA tinham uma falha importante: suas dificuldades para ter acesso ao mercado de borracha, bloqueado na Ásia<sup>1052</sup>, logo Vargas deveria se voltar para atender esta necessidade, informou o filho.<sup>1053</sup>

Um próximo informante de Vargas nos EUA que vale o registro é Rafael Correa de Oliveira.<sup>1054</sup> Como informa Jean Patrício da Silva,<sup>1055</sup> Rafael Oliveira desempenhou suas funções na Seção de Estudos Econômicos no gabinete do ministro da Fazenda, Artur de Sousa Costa (1934-1945). Em maio de 1940, ele foi designado para ocupar o cargo na Delegacia do Tesouro Nacional em Nova Iorque. No ano de 1943, ele conduziu uma investigação confidencial sobre as opiniões do vice-presidente dos Estados Unidos, Henry Wallace, com quem conseguiu conversas particulares sobre a posição do Brasil no pós-guerra e, segundo ele, podia garantir que havia a posição favorável na presidência de

---

<sup>1050</sup> FONTES, Lourival. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 18 nov. 1943. Carta sobre expectativas de paz após a Conferência de Moscou, relatando aspectos da política externa e interna dos Estados Unidos e das relações deste país com o Brasil. (GV c 1943.11.18). (Vol. XLII/34).

<sup>1051</sup> VARGAS, Lutero Sarmanho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 1942. Carta comentando as possibilidades de maiores investimentos americanos no Brasil após a guerra e os contatos políticos e sociais que tem efetuado nos Estados Unidos. (GV c 1942.00.00/2). (Vol. XXXVII/83).

<sup>1052</sup> INFORMAÇÕES ESPECIAIS. Informações especiais sobre a preocupação dos Estados Unidos em relação ao abastecimento de matérias primas por parte do Brasil, destacando os problemas referentes à borracha. (GV c 1942.01.02). (Vol. XXXVII/1). 1 jan. 1942.

<sup>1053</sup> VARGAS, Lutero Sarmanho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 1942. Carta comentando as possibilidades de maiores investimentos americanos no Brasil após a guerra e os contatos políticos e sociais que tem efetuado nos Estados Unidos. (GV c 1942.00.00/2). (Vol. XXXVII/83).

<sup>1054</sup> OLIVEIRA, Rafael Correia de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 4 out. 1943. Carta relatando palestra com o vice-presidente americano, H. Wallace, versando sobre relações Estados Unidos-Brasil, posição desses países em relação ao conflito mundial, planos americanos para a América Latina e participação do Brasil na guerra. (GV c 1943.10.04). (Vol. XLII/18).

<sup>1055</sup> SILVA, Jean Patrício da. *A Paraíba na Era Vargas (1940-1945): Elites Políticas e Reforma do Estado*. São Paulo: Editora Dialética, 2021.p.65.

Roosevelt para que o Brasil tivesse reconhecimento na nova ordem internacional que se construía.<sup>1056</sup>

Por fim, não é possível deixar de verificar o quanto a atuação do embaixador Carlos Martins foi fundamental neste momento. Martins escreveu, em julho de 1942, que estava de posse de cópias de documentos que comprovavam que os EUA estavam certos de que se Hitler tivesse sucesso nas batalhas na África, seu próximo plano era atacar o Brasil e, conquistado o Brasil, as forças nazistas se alinhariam aos neutros, Argentina e Chile, para ganhar da América.<sup>1057</sup> Além disso, sem a ciência de Aranha, Martins enviou informações sobre as atividades de Armando Salles e Otávio Mangabeira, históricos opositores a Vargas que buscavam fazer ligar sua imagem ao nazismo na imprensa estadunidense, bem como também informou sobre como as forças do Eixo buscavam fazer de tudo para que Chile e Argentina não abandonassem a neutralidade.<sup>1058</sup>

Sobre os opositores de Vargas, inclusive, Martins informou que o plano deles era o de dizer a Litvinoff, embaixador da União Soviética nos EUA, que o Brasil tinha interesse em reconhecer o governo soviético, visto ser ele também um aliado na guerra, e que apenas não o fazia, devido às pressões dos EUA. Summer Welles, a pedido de Martins, contudo, buscou informar o governo soviético de que os “representantes do Brasil” eram opositores de Vargas e que não ouviria tais reclamações. Vê-se, portanto, como Martins continuava agindo a favor da política interna de Vargas, perguntando, por fim: “julga, o meu querido Chefe, que seria interessante eu procurar me aproximar de elementos de extrema esquerda a fim de melhor conhecer suas intenções?” (MARTINS, 1942, p.3)<sup>1059</sup> referindo-se a Litvinoff. Registra-se, pois, a importância da atuação política de Martins no processo de tomada de decisões da política externa de Getúlio.

---

<sup>1056</sup> OLIVEIRA, Rafael Correia de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 4 out. 1943. Carta relatando palestra com o vice-presidente americano, H. Wallace, versando sobre relações Estados Unidos-Brasil, posição desses países em relação ao conflito mundial, planos americanos para a América Latina e participação do Brasil na guerra. (GV c 1943.10.04). (Vol. XLII/18).

<sup>1057</sup> MEMORANDO DE CARLOS MARTINS. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Memorando de Carlos Martins sobre as relações argentino-americanas; comentando os planos da Alemanha na guerra; a posição estratégica da América do Sul em relação aos Estados Unidos e a necessidade da formação da "segunda frente". (GV c 1942.07.30/1). (Vol. XXXVIII/10c). Washington, 30 jul. 1942.

<sup>1058</sup> MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 4 set. 1942. Carta sobre o andamento de vários assuntos econômicos e militares e informando sobre a política exterior dos países da América do Sul. (GV c 1942.09.04). (Vol. XXXVIII/33).

<sup>1059</sup> Idem, p.3.

Martins escreveu em janeiro de 1942, preocupado sobre os resultados da última conferência de chanceleres da América, que foram bem aquém do que se esperava. Em vez de uma declaração de ruptura com o Eixo, a decisão foi a de que a conferência fazia uma recomendação aos países sul-americanos pela ruptura. Martins disse que os resultados foram interpretados por todos os círculos diplomáticos como uma vitória da Argentina. O embaixador pedia ao chefe que cuidasse do contexto da política sul-americana.<sup>1060</sup>

Como Vargas reagiu? Por meio da atuação de seus informantes na América do Sul. Batista Lusardo e Rosalina Lisboa, a mando de Vargas, buscaram descobrir qual seria a posição real do Chile a respeito do Eixo, e, dessa vez, o cruzamento das informações não foi conclusivo. Rosalina Lisboa tinha certeza de que o Chile não abandonaria sua neutralidade, já Lusardo defendia que o rompimento estava para acontecer.<sup>1061</sup> Vargas enviou Décio Martins Coimbra, jornalista do Rio Grande do Sul<sup>1062</sup> à Argentina para sondar a política interna do país, que concluiu que a Argentina estava usando sua posição de neutralidade em busca de negociar mais armas com os EUA, mas, sem sucesso, continuava neutra.<sup>1063</sup>

Os ânimos de Vargas podem ter se acalmado um pouco com as notícias de Rodrigues Alves, quem conseguiu um informante que chamou apenas de “informante x”, concluindo que este homem, de alta confiança e discrição, enviou a ele provas de que

---

<sup>1060</sup>MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Summer Welles. Rio de Janeiro, Washington, 19 jan. 1942. Correspondência sobre as repercussões, nos Estados Unidos, em torno da atuação do Brasil na Conferência dos Chanceleres e da fórmula aprovada nessa ocasião para rompimento com o Eixo. (GV c 1942.01.19). (Vol. XXXVII/12a, 15, 21a, e 21b).

<sup>1061</sup>LUZARDO, Batista; LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, Rio de Janeiro, 10 jan. 1942. Correspondência sobre propósitos da Argentina em relação à Conferência de Chanceleres; a resistência deste país e do Chile ao rompimento de relações com o Eixo e seus respectivos votos na Conferência; comentando o andamento dos trabalhos e a possibilidade de um golpe de Estado no Uruguai. (GV c 1942.01.10). (Vol. XXXVII/6, 7, 10b e 17).

<sup>1062</sup>NEPOMUCENO, Maria M. C. O Papel de Getúlio Vargas na elaboração de uma Diplomacia Cultural para a América Latina, após os anos 30. In: II Colóquio Pensar e Repensar a América Latina, 2016, São Paulo. II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina; Anais. São Paulo: PROLAM-USP, 2016. v. 1. p. 1-13.

<sup>1063</sup>MARTINS, Décio. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 25 fev. 1942. Carta relatando a instabilidade política no Uruguai e informando sobre a atitudes da Argentina face às agressões alemães, à influência nazista e à crise uruguaia. (GV c 1942.02.25). (Vol. XXXVII/41).

mesmo com uma poderosa força nazista empresarial na Argentina, o governo vinha resistindo e dando provas de que não estaria ao lado do Eixo.<sup>1064</sup>

Então, Vargas deu início ao projeto de se aproximar da Venezuela. Segundo seus cálculos, o país apresentava excelentes oportunidades para a compra do petróleo, que o Brasil precisava, e estreitar as relações entre os dois seria fundamental para a geopolítica do Brasil naquele contexto de incertezas<sup>1065</sup> Para isso, nomeou um amigo do secretário da presidência Luís Vergara, Luiz Faro, como o próprio Vergara recomendou ao presidente.<sup>1066</sup>

Logo de início, conseguiram liberar acordo comerciais. Faro disse que, em conversa direta com o Presidente da Venezuela, um crédito de 400 mil bolívares foi aberto para a construção de uma estrada que ligasse o centro da Venezuela à região de Santa Helena que, por sua vez, ligar-se-ia a Rio Branco, no Acre.

Em 23 de outubro, Vergara respondeu a Faro, dizendo que conversou com Vargas sobre todos os assuntos referentes às relações entre Brasil e Venezuela. Vargas disse estava muito satisfeito com a celeridade nas resoluções do assunto. Informava que já havia conversado com o governo da Colômbia e ele também estava disposto a iniciar as obras para a construção das vias fluviais entre Brasil e Venezuela, replicando seu modelo de sucesso na aproximação com a Venezuela.<sup>1067</sup> O rápido movimento entre Faro, Vergara e Vargas é um notável exemplo de como Getúlio conduzia sua política externa contando com auxílio de atores mais próximos, inclusive sem qualquer ciência do ministro Oswaldo Aranha. No momento de envolvimento do Brasil na guerra, Vargas

---

<sup>1064</sup>ALVES, Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 26 fev. 1942. Carta de Rodrigues Alves a Getúlio Vargas informando sobre: eleições legislativas na Argentina e interesse do Governo em fazer a maioria parlamentares; recomposição ministerial e sucessão presidencial neste país; atitudes da Argentina na Reunião de Chanceleres e sua política de aproximação com o Chile e os Estados Unidos; opiniões de políticos chilenos acerca das posições argentinas e influência alemã neste país. (GV c 1942.02.26). (Vol. XXXVII/43).

<sup>1065</sup>CORRESPONDÊNCIA ENTRE A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, LUÍS DE FARO JR., EMBAIXADOR NA VENEZUELA. Correspondência entre a Presidência da República, Luís de Faro Jr., Embaixador na Venezuela, e outras sobre: declaração de guerra do Brasil ao Eixo; intensificação do comércio com a Venezuela; aquisição e transporte de petróleo desse país; estabelecimento de uma linha aérea e naval entre os dois países e estudos para a navegação fluvial; viagem do Ministro do Exterior venezuelano ao Brasil e repercussão desses entendimentos nos Estados Unidos. (GV c 1942.08.17/1). (Vol. XXXVIII/38a, 38b, 49; XXXIV/3, 5b, 5a, 10a, 10b, 15 e 41). Rio de Janeiro, Caracas, Washington, 17 ago. 1942.

<sup>1066</sup> Idem, p.9.

<sup>1067</sup> Idem, p.23.



teceu uma rede ainda mais complexa de informantes para contribuir para com sua política externa.

Na esteira dos esforços de Getúlio Vargas para compreender o cenário na Argentina<sup>1068</sup>, ele passou a trocar cartas diretamente com o diplomata Octávio de Abreu Botelho, que entrara na carreira diplomática em 1940 como conselheiro comercial em Buenos Aires.<sup>1069</sup> Botelho conhecia os círculos militares e a economia argentina profundamente, visto o minucioso relato de todo o funcionamento do país em 1942.<sup>1070</sup> Ele concluiu que não havia nenhuma possibilidade de a Argentina romper com o Eixo e o melhor era o Brasil não insistir.<sup>1071</sup>

Por fim, um avanço: foi Rodrigues Alves que informou Vargas, em janeiro de 1943, que o Chile romperia relações diplomáticas com o Eixo.<sup>1072</sup> Não obstante a importância capital desse embaixador como informante do presidente, em 06 de maio de 1945, ele faleceu em pleno exercício de seu cargo. Nos meses seguintes, ele foi substituído pelo diplomata Paulo Demôro. Contudo, este não trocou cartas diretamente com Vargas como Alves fizera, logo Demôro não se configura como um informante do presidente. O que surpreende é que Getúlio passou a adotar outro tipo de informante e, dessa vez, com mais poderes. Vargas enviou o jornalista Caio Júlio César Vieira<sup>1073</sup> a

---

<sup>1068</sup> Vale registrar que Câmara Canto continuou investigando e relatando a Vargas sobre as ações nazistas e comunistas no Uruguai e na Argentina. CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideú, 21 dez. 1942. Carta sobre eleição presidencial na Argentina, imposto do mate, comércio de café e atividades dos exilados brasileiros no Uruguai. Informa também sobre política neste país e sugere que Getúlio Vargas não faça a viagem programada à livramento. (GV c 1942.12.21). (Vol. XXXIX/50).

<sup>1069</sup> Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p. 170. Disponível em [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1942A.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1942A.pdf)

<sup>1070</sup> BOTELHO, Otávio de Abreu. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 1 set. 1942. Carta sobre a situação político-militar na Argentina e o intercâmbio comercial deste país com a Inglaterra. (GV c 1942.09.01). (Vol. XXXVIII/32).

<sup>1071</sup> Idem, p.3.

<sup>1072</sup> ALVES, Rodrigo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 5 jan. 1943. Cartas relatando os problemas, na Argentina, para o rompimento com o Eixo; a morte do Gal. Justo e os entendimentos para a sucessão presidencial naquele país. Informa também sobre as repercussões da ruptura do Chile com o Eixo e as relações da Argentina com este país. (GV c 1943.01.05). (Vol. XL/2 e 12).

<sup>1073</sup> Vieira era jornalista que cobria as relações exteriores do Brasil e escrevia com assiduidade sobre a política interna e externa da Argentina. De alguma forma, Vargas o conheceu e, certamente, passou a confiar muito na sua pessoa, visto as atividades secretas que passou a desempenhar como informante do presidente. As informações sobre Caio podem ser extraídas de suas próprias cartas a Vargas como em: VIEIRA, Caio Júlio Cesar. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 10 nov. 1944. Cartas relatando suas palestras com o Gal. Orlando Peluffo e com Peron sobre: convocação da 4ª Reunião de Consulta dos Países Americanos; proposta para que o Brasil seja convocador de tal Reunião e os objetivos da conferência. Inclui informações relativas à recusa americana em aceitar a convocação,

Buenos Aires em uma missão secreta: servir como seu representante secreto, sendo conhecido apenas pelos altos cargos do governo argentino.

Em outubro de 1944, Vieira enviou um relatório completo de suas primeiras conversas com Orlando Peluffo, ministro das Relações Exteriores da Argentina.<sup>1074</sup> Vieira era constantemente convidado para conversas, jantares e para assistir a exercícios militares, pois os militares de alta patente sabiam que ele representava Vargas informalmente junto a eles, como foi o caso do coronel Juan Domingos Perón, que tratava de vários assuntos com Vargas, por meio de Caio Vieira.<sup>1075</sup> Apesar de ter contatos com Peluffo, Vieira dizia a Vargas que o coronel Perón era seu principal opositor e o ministro tinha posição frágil no governo, por isso, estava se aproximando de demais autoridades em nome de Vargas, secretamente.

Vieira produziu longas cartas sobre praticamente todo o ambiente interno da política argentina e se aproximava de políticos inimigos, por exemplo, tendo vários encontros com o militar José Sarobe, que, segundo ele, era inimigo de Perón. Sarobe o revelou detalhes do programa de armamento argentino, e Vieira relatou tudo a Vargas.<sup>1076</sup> A atuação de Caio Vieira, vale destacar, foi acompanhada pela de Rosalina Lisboa, que também investigou a geopolítica argentina para Vargas até o fim de seu governo em

---

repercussões dessa atitude na Argentina, comentários sobre atuação de Peron e a situação política interna neste país. (GV c 1944.11.10). (Vol. XLV/36, 42 e 48).

<sup>1074</sup> Idem, p.2-6.

VIEIRA, Caio Júlio Cesar. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 10 nov. 1944. Cartas relatando suas palestras com o Gal. Orlando Peluffo e com Peron sobre: convocação da 4ª Reunião de Consulta dos Países Americanos; proposta para que o Brasil seja convocador de tal Reunião e os objetivos da conferência. Inclui informações relativas à recusa americana em aceitar a convocação, repercussões dessa atitude na Argentina, comentários sobre atuação de Peron e a situação política interna neste país. (GV c 1944.11.10). (Vol. XLV/36, 42 e 48). p.6

<sup>1075</sup> Idem, p.4-6.

<sup>1076</sup> Poderíamos dizer que Caio Vieira atuou com uma espécie de “diplomata fantasma” de Vargas em Buenos Aires, pois foi muito além de entregar informações sigilosas, ele atuou em nome de Vargas de acordo com as orientações do presidente em diversas ocasiões como pode ser analisado em: VIEIRA, Caio Júlio Cesar. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1 jan. 1945. Carta relatando o atentado a Perón, a repressão aos movimentos políticos na Argentina, a atuação de Farrel à frente do Governo e outros aspectos da política interna daquele país tais como: preparativos eleitorais; possibilidades da candidatura de Perón; relações deste com outros dirigentes políticos, etc. Informa também sobre planos de conspiração contra os governos da Bolívia e Paraguai. (GV c 1945.01.01). (Vol. XLVI/1); VIEIRA, Caio Júlio Cesar. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 1 fev. 1945. Cartas sobre motivos e repercussões da renúncia do General Orlando Peluffo do Ministério do Exterior da Argentina; nomeação do novo Chanceler; instabilidade política naquele país; possibilidades de declaração de guerra ao Eixo e problemas em torno da posição do vice-presidente. Relata ainda suas palestras com Perón versando sobre situação interna e externa da Argentina. (GV c 1945.02.01). (Vol. XLVI/12 e 19).

1945.<sup>1077</sup> João Batista Lusardo e Câmara Canto também foram informantes que acompanharam o cenário dos países vizinhos junto a Vargas até o fim do seu governo.<sup>1078</sup>

Outro informante importante a Vargas no contexto de incertezas da guerra na América foi Carlos de Lima Cavalcanti<sup>1079</sup>, embaixador brasileiro no México que passou a coordenar as investigações de Vargas sobre as ações do embaixador russo Konstantin Aleksandrovich Oumansky no citado país.<sup>1080</sup> A investigação sobre Oumansky foi coordenada por Alzira Vargas e pelo secretário comercial do Brasil no México, Licurgo Costa<sup>1081</sup> que, juntos, acompanharam os passos do russo e aconselhavam Vargas a reatar as relações diplomáticas do Brasil com a União Soviética, mas com os devidos cuidados. Sobre essa temática, Lourival Fontes, informante em Washington sobre quem já investiguei, articulou junto a Vargas os principais passos sobre as possibilidades de reatamento das relações entre Brasil e União Soviética, chegando à conclusão de que o ideal era o Brasil apenas reconhecer essas relações caso todos os países latino-americanos o fizessem em conjunto, para que pudessem controlar as influências comunistas.<sup>1082</sup>

---

<sup>1077</sup>LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 23 fev. 1945. Carta comentando a visita de Stettinius ao Brasil, aspectos da política interna e externa da Argentina e transmitindo teor de sua conversa com o chanceler argentino, Ibarra Garcia, sobre proposta do Brasil para o reconhecimento do novo Governo daquele país. (GV c 1945.02.23). (Vol. XLVI/22b e 22a).

<sup>1078</sup> Classificação: LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 25 mai. 1945. Carta sobre reatamento das relações entre Brasil e Argentina, contatos que vem estabelecendo com os líderes políticos deste país e providências tomadas para o fornecimento de trigo ao Brasil assim como para a ocupação dos cargos diplomáticos nos dois países. (GV c 1945.05.25). (Vol. XLVI/53); DOCUMENTOS. Documentos sobre a situação política interna da Argentina e sobre a decisão do Brasil acompanhar os Estados Unidos num esforço de guerra, por ocasião dos trabalhos da "Comissão consultiva de emergência para a defesa política do continente". (GV c 1944.03.08/2). Montevideú, 8 mar. 1944.

<sup>1079</sup> Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p. 41. Disponível em [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1944.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1944.pdf) Acesso em 19/04/2023 às 15:43

<sup>1080</sup>CAVALCANTI, Carlos de Lima. [Telegrama]. Cidade do México, 25 nov. 1944.. Telegrama transmitindo conversa com o Embaixador russo no México sobre interesse da Rússia em reatar relações diplomáticas com a América Latina e em particular com o Brasil. (GV c 1944.11.25). (Vol. XLV/46a)

<sup>1081</sup>COSTA, Licurgo. [Correspondência]. Destinatário: Alzira Vargas Amaral Peixoto. Cidade México, 10 dez. 1943. Carta sobre a atuação do Embaixador russo no México, o interesse da imprensa americana nas atividades de tal Embaixador e informando sobre o interesse da Rússia em manter relações com o Brasil. Envia recorte de jornal sobre este assunto. (GV c 1943.12.10). (Vol. XLII/47).

<sup>1082</sup>DOCUMENTO. Documentos sobre a Conferência de Dumbarton Oaks incluindo memorando da Embaixada americana e carta de Lourival Fontes a Getúlio Vargas relatando o andamento dos trabalhos em torno da organização da paz, a influência soviética em vários países e a nova correlação de forças a nível internacional. (GV c 1944.09.18). (Vol. XLV/12 e 9a). Nova Iorque, 18 set. 1944.

Lourival Fontes também chegou à conclusão de que devido a esta escolha, a União Soviética foi uma das principais forças contra o Brasil se tornar membro permanente no Conselho de Segurança da ONU, o que, de fato, acabou não acontecendo.<sup>1083</sup> Vale registrar que Maria Martins,<sup>1084</sup> também em Washington, foi mais uma força que auxiliou Vargas, com suas informações, em busca do assento permanente ao Brasil na ONU.<sup>1085</sup>

A “equidistância” para manobras possíveis entre EUA e Alemanha se rompera, mas não o pragmatismo. Assim como nos EUA e na América, mesmo com relações rompidas com o Eixo, Vargas não deixou de ter informantes na Europa.

#### 6.5 A ruptura das relações diplomáticas entre Brasil e o Eixo – os informantes de Vargas

Uma vez rompidas as relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha e Itália, Vargas deixou de atuar por meio de Ciro Freitas Vale e Luís Sparano e Muniz Aragão, seus principais informantes na Europa, mas fez novos contatos, para se nutrir de informes e serviços diretos.

Foi o caso de Abelardo Roças,<sup>1086</sup> embaixador brasileiro na Espanha, que agradeceu a Vargas por poder ser seu informante na Europa.<sup>1087</sup> Ele atuou, sobretudo, ao longo do ano de 1943. Em maio de 1943, ele explicou que o Reich se preparava para atacar os soviéticos em uma espécie de último supremo esforço, com o dobro de homens e recursos que usou em sua primeira campanha terrestre contra eles, mas relatou: “não se tem muita fé nas ofensivas alemãs, visto que suas forças perderam muito de sua

---

<sup>1083</sup> Idem, p.6.

<sup>1084</sup> Maria Martins teve conversas com Adolf Berle e outras fontes, segundo ela, confidenciais, e concluía que o ideal era Vargas reatar as relações com a União Soviética, para ganhar força no Conselho de Segurança da ONU, em DOCUMENTO. Documento sobre nomeação de Adolfo Berle e concessão de respectivo agreement para ocupar o cargo de Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário dos Estados Unidos no Brasil. Inclui biografia de Adolfo Berle e informações da Embaixada brasileira em Washington. (GV c 1944.12.23/3). (Vol. XLV/61b).23 dez. 1944, p.9.

<sup>1085</sup> MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 18 nov. 1944. Cartas sobre encontro entre Roosevelt, Stalin e Churchill, expondo as razões que levaram Roosevelt a não participar do encontro e os entendimentos a nível internacional para o reconhecimento da Rússia. Aborda também as relações entre Inglaterra e Argentina, a eleição de Roosevelt e a propaganda contra o Governo brasileiro. (GV c 1944.11.18). (Vol. XLV/38b e 45).p.3.

<sup>1086</sup> Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p. 41. Disponível em [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1944.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1944.pdf) Acessado em 19/04 às 16:29.

<sup>1087</sup> ROÇAS, Abelardo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Madrid, 9 fev. 1943. Telegramas sobre o avanço das forças aliadas no Mediterrâneo, atitude da Espanha em relação à guerra e informando sobre as condições da Turquia para entrar no conflito ao lado dos aliados. (GV c 1943.02.09). (Vol. XL/21, 25 e Vol. XLI/4).

superioridade, já que pelo seu natural, como também pela intromissão política de Hitler nos seus comandos”. (ROÇAS, 1943, p.7)<sup>1088</sup>. Roças defendia, portanto, que um dos principais elementos de fraqueza de Hitler era sua intervenção direta nas estratégias de guerra e falta de escuta aos seus generais. Ele também informou sobre a entrada da Turquia ao lado dos Aliados e suas perspectivas sobre a geopolítica europeia.<sup>1089</sup>

A atuação de outro diplomata, porém, passou a ser ainda mais relevante para Vargas, a de João Neves da Fontoura, que, em julho de 1943, escreveu que estava obedecendo as ordens diretas de Vargas que eram, em suas palavras: “ganhar a confiança do presidente Salazar” e informar o presidente do Brasil de maneira pessoal sobre todo o contexto da Europa.<sup>1090</sup> Fontoura defendeu que podia garantir a Vargas que Salazar era “anti-nazista”, mas faria de tudo para manter a neutralidade. Analisando os anos de governo do líder português, o informante disse que a política externa de Portugal estava completamente nas mãos do líder: “nenhuma solução mesmo as mais simples escapam ao controle do Chefe do Governo” (FONTOURA, 1943, p.4) assim como a de Vargas, ou seja, Vargas e Salazar adotavam os mesmos métodos de condução da política externa e isso deveria os aproximar.<sup>1091</sup>

Acompanha-se ativa atuação de Fontoura: relatou que os alemães estavam instalados secretamente em Portugal, fazendo constante serviço de informações secretas e a divulgação da cultura alemã. Por isso, ele entrou em contato com o Embaixador dos EUA em Portugal e combinou, junto a ele, a iniciação de programas que ligassem mais Portugal aos EUA, com bolsas de estudo e divulgação da cultura estadunidense.<sup>1092</sup> Pediu, então, autorização para continuar esse movimento, pois entendia que a divulgação da cultura alemã em Portugal estava em níveis perigosos. Disse a Vargas que Portugal era a

---

<sup>1088</sup> Idem, p.7.

<sup>1089</sup> Idem, p.1-5.

<sup>1090</sup> FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, Rio de Janeiro, 7 jul. 1943. Cartas sobre política interna e externa de Portugal contendo informações relativas à orientação política imprimida por Salazar; relações com a Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e com o Brasil; reação portuguesa face à queda de Mussolini; posição do Governo acerca das colônias; possibilidades de um conflito luso-nipônico; assuntos relativos à Embaixada brasileira e suas atividades diplomática naquele país. Contém também informações sobre Plínio Salgado, manifesto seu justificando o integralismo e negando vínculos com o nazismo e cartas de Marcondes Filho comentando essa correspondência. (GV c 1943.07.07). (Vol. XLI/34, 43a, 43b, 51; Vol. XLII/7, 37a, 37b, 39, 43, 55; Vol. XLIII/4a e 4b).p.1.

<sup>1091</sup> Idem, p.4.

<sup>1092</sup> Idem, p.7.

última ponte diplomática entre Brasil e a Europa e pediu que o Presidente fizesse de tudo para manter as excelentes relações que já tinha com Salazar.<sup>1093</sup>

Em junho e julho de 1943, Neves da Fontoura acompanhou passo a passo da queda de Mussolini<sup>1094</sup>, junto a Vargas, e combinou planos para divulgar uma imagem positiva do Brasil na Europa, em busca de usar Portugal como ponte para aumentar o prestígio da diplomacia brasileira após a guerra.<sup>1095</sup>

É nesse momento que, entre junho e julho de 1943, o Brasil organizou a Força Expedicionária Brasileira, que atuou na Itália, ao lado das forças aliadas. A FEB participou de diversas operações de combate, como a tomada de Monte Castello, a Batalha de Castelnuovo, a tomada de Montese, entre outras. Ao todo, foram enviados cerca de 25.800 soldados brasileiros para a Itália, como informa Boris Fausto.<sup>1096</sup> Vargas contou com as informações diretas do comandante da FEB, Mascarenhas de Moraes que explicou, por exemplo, o motivo para que o Brasil atuasse na Itália, e não da África, como estava-se pensando: a justificativa era de que havia “grande ansiedade”, principalmente por parte dos EUA, de que o Brasil atuasse ao lado dos estadunidenses, que teriam em campo, pela primeira vez, aliados seus, visto que a Inglaterra sempre tivera aliados em campo, como canadenses, sul-africanos, franceses e poloneses.<sup>1097</sup>

---

<sup>1093</sup> Idem, p.15.

<sup>1094</sup> Inclusive foi bastante insistente para que Vargas, em 1944, iniciasse um movimento na América do Sul para que se reatasse relações diplomáticas com a Itália, que pedia a Fontoura, confidencialmente esta ajuda do Brasil: FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, 9 fev. 1944. Carta tratando dos entendimentos para o reatamento das relações diplomáticas com a Itália, do atrito entre Espanha e os Aliados e intervenção de Salazar no caso. (GV c 1944.02.09/2). (Vol. XLIII/32).

<sup>1095</sup> FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, Rio de Janeiro, 7 jul. 1943. Cartas sobre política interna e externa de Portugal contendo informações relativas à orientação política imprimida por Salazar; relações com a Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e com o Brasil; reação portuguesa face à queda de Mussolini; posição do Governo acerca das colônias; possibilidades de um conflito luso-nipônico; assuntos relativos à Embaixada brasileira e suas atividades diplomática naquele país. Contém também informações sobre Plínio Salgado, manifesto seu justificando o integralismo e negando vínculos com o nazismo e cartas de Marcondes Filho comentando essa correspondência. (GV c 1943.07.07). (Vol. XLI/34, 43a, 43b, 51; Vol. XLII/7, 37a, 37b, 39, 43, 55; Vol. XLIII/4a e 4b). p.27.p.10-15.

<sup>1096</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 211.

<sup>1097</sup> DOCUMENTOS. Documentos relativos à FEB versando sobre preocupações de Mascarenhas de Moraes quanto ao aparelhamento, destino e base do primeiro escalão, fornecimento de víveres aos soldados, relação dos mortos em combate e operações militares na Itália. Inclui cartas de Lutero a Getúlio Vargas sobre problemas de recuperação de soldados feridos. (GV c 1944.06.00). (Vol. XLIV/22a, 22b, 50c, 55b; Vol. XLV/10b, 20a, 26b e 51). Washington, Rio de Janeiro, jun. 1944, p.3.

Ainda sobre a atuação de João Neves da Fontoura, três pontos valem ser ressaltados: ele soube conduzir, em julho de 1943, junto a Vargas, o fechamento de um acordo ortográfico entre Brasil e Portugal como oportunidade para, em suas palavras, “romper o isolamento”<sup>1098</sup> de Portugal em relação ao resto da Europa, construindo estratégias de política externa entre os dois países que contornarem, deve-se dizer, totalmente a autoridade de Aranha que de nada participou.<sup>1099</sup>

Uma segunda questão é a de que Fontoura foi quem serviu de testemunha dos últimos momentos de Hitler a Vargas, descrevendo em detalhes as últimas batalhas. Em fevereiro de 1945, escreveu ao fim de seus relatos sobre o fim inevitável do nazismo: “talvez, quando vossa excelência receber esta carta, tudo já esteja acabado nos arraiais de Hitler” (NEVES, 1945, p.12).<sup>1100</sup> De acordo com o historiador Antony Beevor,<sup>1101</sup> a rendição da Alemanha na Segunda Guerra Mundial ocorreu em 7 de maio de 1945, quando o general Alfred Jodl assinou a rendição incondicional das forças armadas alemãs em Reims, França. No entanto, a rendição não foi oficializada até o dia seguinte, 8 de maio de 1945, conhecido como Dia da Vitória na Europa.<sup>1102</sup>

Além disso, Neves da Fontoura entregou detalhes secretos sobre os planos dos EUA para a guerra contra o Japão, dizendo que o maior receio estadunidense era a tomara de territórios asiáticos pela União Soviética. Os EUA tinham receio de que se não agissem muito rapidamente, o comunismo se fortaleceria territorialmente com vitórias contra o Japão, logo a guerra estava, em sua opinião, longe de acabar.<sup>1103</sup>

---

<sup>1098</sup> Idem, p.15-20.

<sup>1099</sup> FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, 10 jul. 1944. Carta historiando o caso Wolfrânio e as reações de Salazar no episódio e informando sobre aspectos da política portuguesa, as relações externas, a situação delicada do país frente à guerra, assim como a política colonial e as simpatias nazistas e franquistas do Governo português. (GV c 1944.07.10/1). (Vol. XLIV/38).

<sup>1100</sup> FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, 3 fev. 1945. Carta relatando palestra com Salazar na qual este expôs sua preocupação em relação à expansão soviética e ao acordo da França com os Soviets; informando sobre a crise interna do Governo português devido a divergências entre o Ministério do Interior e o Chefe de Polícia; comentando a reação de Salazar face à nota e ao projeto brasileiro para o convênio entre os governos português e brasileiro em torno da entrada e permanência de portugueses no Brasil e de brasileiros em Portugal. Em anexo, cópia da nota e do Projeto de Convenção. (GV c 1945.02.03). (Vol. XLVI/13 e 9b).p. 12.

<sup>1101</sup> BEEVOR, Antony. *The Second World War*. Nova York: Little, Brown and Company, 2012.

<sup>1102</sup> Idem, p. 779-783.

<sup>1103</sup> FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, 8 set. 1944. Carta informando sobre o andamento do acordo ortográfico, recomposição do Ministério português, caso da Polônia e divergências entre anglo-americanos e soviéticos. Comenta a saída Oswaldo Aranha do Ministério, o discurso do presidente e envia, em anexo, carta de Júlio Dantas. (GV c 1944.09.08/2). (Vol. XLV/7a e 7b).

Ressalto que as observações de Fontoura coincidiam com os relatórios de outro informante na Europa, Joaquim José Muniz de Aragão, embaixador em Londres que continuou informando todo o cenário da guerra e, em 1944, revelou a Vargas que desde as Conferências de Teerã e Potsdam, Grã-Bretanha e EUA buscavam negociar com Stálin uma maneira de usar bases aéreas e navais da União Soviética na Ásia, para derrotar o Japão. Em troca, o líder soviético exigia que sua influência sobre a Manchúria, na China, sobre a Coreia e sobre Taiwan fosse reconhecida pelas outras duas potências. Grã-Bretanha e EUA jamais aceitaram as propostas e era, por isso, que estavam, em nove de agosto de 1945, enviando, nas palavras de Aragão, um *ultimatum* ao Japão, que mostrasse, ao mesmo tempo, que os soviéticos não seriam capazes de derrotá-los, ou seja, a bomba atômica. De fato, como explica Paul Boyer,<sup>1104</sup> a bomba atômica foi lançada em Hiroshima no dia 6 de agosto de 1945, matando instantaneamente cerca de 70.000 pessoas e causando milhares de outras mortes em decorrência da exposição à radiação. Três dias depois, no dia 9 de agosto de 1945, uma segunda bomba atômica foi lançada em Nagasaki, matando cerca de 40.000 pessoas.<sup>1105</sup> Como explica o historiador Richard Frank, a rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial ocorreu no dia 2 de setembro de 1945, a bordo do navio de guerra americano *USS Missouri*, ancorado na Baía de Tóquio, no Japão.<sup>1106</sup>

As atividades de Neves da Fontoura acompanharam Vargas até o fim do seu governo. Ao longo de 1945, por exemplo, ele monitorou as atividades do líder integralista Plínio Salgado em Portugal a pedido do presidente.<sup>1107</sup>

É possível concluir que Getúlio Vargas construiu um “serviço de inteligência” pessoal sobre a Segunda Guerra devido à sua aproximação seletiva e intensa de tantos informantes para este período.

---

<sup>1104</sup> BOYER, Paul. *By the Bomb's Early Light: American Thought and Culture At The Dawn of the Atomic Age, 1945-1950*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1985.

<sup>1105</sup> Idem, p.33.

<sup>1106</sup> FRANK, Richard B. *Downfall: The End of the Imperial Japanese Empire*. Nova York: Random House, 1999. p. 416-418.

<sup>1107</sup> FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, 22 jan. 1945. Carta informando sobre as atividades de Plínio Salgado em Portugal, a influência do integralismo naquele país, o apoio de Salazar ao movimento e a repercussão do discurso do líder integralista. Aborda também o caráter doutrinário do integralismo e suas origens. (GV c 1945.01.22/1). (Vol. XLVI/9a).



## 6.6 A demissão de Oswaldo Aranha e o fim do governo Vargas

Vargas vigiou as atividades de Oswaldo Aranha até os últimos momentos de atuação do ministro, por exemplo, interceptando cartas que João Neves da Fontoura enviava a Aranha da Europa. Nestas,<sup>1108</sup> Fontoura dizia que Aranha estava “muito distante do leme”<sup>1109</sup> deixando que Vargas tomasse a frente de toda a política externa, reclamando com o amigo.<sup>1110</sup>

Além disso, o informante Paulo Germano Hasslocher acompanhou passo a passo das ações de Aranha junto a Vargas, relatando, por exemplo, que ele tinha provas de que quando Roosevelt precisou direcionar uma mensagem a Vargas sobre a necessidade de concessão de bases aéreas no território brasileiro aos EUA, o pedido foi enviado primeiro a Aranha, mas este respondeu a Jefferson Caffery, embaixador dos EUA no Brasil, que Roosevelt não deveria insistir nesse pedido, pois, definitivamente, Vargas não aceitaria, por isso, era melhor dar tempo ao tempo. Caffery, contudo, circundou a autoridade de Aranha entendendo-se com um homem chamado Andrade Queiroz, que conseguiu uma audiência entre o Embaixador estadunidense e o Presidente do Brasil.<sup>1111</sup> Foi nessa audiência que Vargas, ao receber o pedido, ponderou e pediu que Caffery respondesse a Roosevelt que sim, o Brasil estava disposto a negociar a ocupação de bases militares.<sup>1112</sup> De acordo com as conclusões de Haslocher, Aranha abusava de sua autoridade para

---

<sup>1108</sup> FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Lisboa, 8 mar. 1944. Carta sobre notícias de agitações políticas no Brasil, problemas diplomáticos nas zonas conflagradas e encaminhando carta de Oliveira Salazar sobre entendimentos junto ao consulado alemão. (GV c 1944.03.08/1). (Vol. XLIII/48).

<sup>1109</sup> “minha posição é de que estás muito ausente do leme. Essa impressão eu já tinha pela nossa correspondência telegráfica. Agora, sou informado de que estás tomado de um acesso de ceticismo quanto à parte construtiva do mundo, após a vitória das Nações Unidas e que, decerto, por isso, passas mais tempo no teu sítio do que aí na rua Larga. Tu tens muito das forças da natureza. Vê se consegue uma injeção de valentia otimista” idem, p.3.

<sup>1110</sup> FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Lisboa, 8 mar. 1944. Carta sobre notícias de agitações políticas no Brasil, problemas diplomáticos nas zonas conflagradas e encaminhando carta de Oliveira Salazar sobre entendimentos junto ao consulado alemão. (GV c 1944.03.08/1). (Vol. XLIII/48).p.1.

<sup>1111</sup> HASLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Panamá, 6 jun. 1945. Carta de Paulo Germano Hasslocher a Getúlio Vargas comunicando relato que ouviu nos Estados Unidos acerca da decisão brasileira para conceder bases aéreas àquele país e à participação de Oswaldo Aranha no caso. Informa também sobre boatos relativos à origem da fortuna do ex-ministro. (GV c 1945.06.14).p.1.

<sup>1112</sup> Como explica João Barone em "O Brasil na Segunda Guerra Mundial": "o governo brasileiro permitiu a construção de várias bases militares dos EUA em território nacional, principalmente na região nordeste, em troca de ajuda financeira e militar". Essas bases militares foram fundamentais para as operações navais e aéreas dos Estados Unidos na Europa e no Atlântico Sul, durante a Segunda Guerra Mundial. Disponível em: BARONE, João. *O Brasil na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 75-76.

alcançar projetos próprios e, não raras vezes, sua intenção era a de limitar o poder de decisão de Getúlio Vargas.<sup>1113</sup>

No contexto de guerra, é possível notar que Vargas não apenas monitorou Aranha, mas circundou sua autoridade sistematicamente. Talvez, o exemplo mais conhecido tenha sido quando em 23 de janeiro de 1943, como explica Eugênio Vargas Garcia, Vargas pediu a Roosevelt que se encontrasse pessoalmente com ele em Natal, sem a presença de Aranha, para discutir a adesão do Brasil às Nações Unidas e a contribuição do Brasil na guerra.<sup>1114</sup>

Um exemplo importante do acompanhamento dos passos políticos de Aranha, por meio de seus informantes é a atuação de Luís Fernandes Vergara, seu secretário, que gestava uma série de informantes, como demonstrei. Ele administrou os serviços do diplomata João Pinto da Silva, côsul geral em diversas embaixadas de Madrid a Paris e de Paris a Lisboa, entre 1933 e 1944.<sup>1115</sup> Silva foi confidente de Vergara, enviando-lhe informações sobre a atuação de outros diplomatas, sobre a política europeia,<sup>1116</sup> escrevia panfletos e fazia divulgar, por onde passava, peças elogiosas e biográficas sobre Vargas. Vergara filtrava as informações e as enviava ao presidente.<sup>1117</sup> Silva era assíduo remetente de livros e artigos sobre política para Vargas,<sup>1118</sup> mas destacou-se politicamente em 1944, quando passou a investigar, em suas palavras “os amigos de Oswaldo Aranha e Armando Salles”<sup>1119</sup> que seriam a favor da redemocratização no Brasil. Alertava Getúlio de que

---

<sup>1113</sup> HASLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Panamá, 6 jun. 1945. Carta de Paulo Germano Hasslocher a Getúlio Vargas comunicando relato que ouviu nos Estados Unidos acerca da decisão brasileira para conceder bases aéreas àquele país e à participação de Oswaldo Aranha no caso. Informa também sobre boatos relativos à origem da fortuna do ex-ministro. (GV c 1945.06.14).p1-2.

<sup>1114</sup> VARGAS, Eugênio. *Cronologia das relações internacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005.p.157.

<sup>1115</sup> Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, p. 53. Disponível [https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario\\_Funcionarios\\_MRE/Anuario1950.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1950.pdf). Acessado em 14/03/2023 às 09:30

<sup>1116</sup> SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Madrid, 24 jul. 1933. Carta acusando recebimento de sua carta e de alguns livros, e transmitindo as condições de seu trabalho na legação do Brasil. (LV c 1933.07.24).

<sup>1117</sup> SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Paris, 29 dez. 1934. Cartas contendo comentários acerca da propaganda do café na Europa, pedindo que seja sugerido ao Departamento Nacional do Café um fiscal para controle de contratos de propaganda e lembrando seu nome para o referido cargo. ( LV c 1934.12.29).

<sup>1118</sup> SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Paris, 15 jan. 1938. Carta sobre assuntos pessoais e pedindo orientação para informar os "círculos" franceses sobre o Brasil. (LV c 1938.01.15).

<sup>1119</sup> SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Lisboa, 7 out. 1944. Cartas sobre assuntos pessoais. (LV c 1944.10.07).

Aranha não era mais uma pessoa confiável<sup>1120</sup>, pois buscava se aproveitar do enfraquecimento do regime com o fim da guerra mundial que se aproximava. O conjunto das desconfianças de Vargas, quanto a Aranha, geraram uma ação efetiva.

Em 10 de agosto de 1945, Aranha foi convidado para a Sociedade Amigos para a América. De acordo com o historiador Marcos Napolitano, a Sociedade dos Amigos da América foi uma iniciativa que envolveu intelectuais, artistas e políticos que apoiavam a entrada do Brasil na guerra e defendiam princípios democráticos.<sup>1121</sup> Na véspera, dia 09 de agosto, a sede da entidade localizada nos locais do Automóvel Clube foi invadida e fechada por policiais. No dia seguinte, os policiais invadiram novamente o restaurante do clube, onde Aranha se encontrava, e evacuaram o recinto de forma arbitrária. Como não obteve nenhuma resposta do chefe de governo, apesar de ter esperado por vários dias, Aranha escreveu uma carta de demissão e a enviou em 22 de agosto, convencido da conivência de Vargas com o episódio.<sup>1122</sup>

Interessante notar que Góis Monteiro buscou também averiguar, junto a Aranha, a situação de pedir demissão de sua missão no Prata devido ao ocorrido. Aranha respondeu, pedindo que ele não prosseguisse com sua demissão, pois ela “não teria razão de ser”,<sup>1123</sup> nas palavras de Aranha. A carta de Aranha a Góes vazou na imprensa e ajudou, ainda mais, a aumentar a popularidade do evento e do próprio Aranha entre os opositores do Estado Novo.<sup>1124</sup>

O que Vargas estava alegando era que a posse de Aranha era ilegal, devido ao fato de a Sociedade já estar fechada. Ele buscava mostrar que não. A alegação de Vargas era apenas um subterfúgio para criar uma crise. Aranha explicou a Monteiro que já havia

---

<sup>1120</sup> Idem, p.3.

<sup>1121</sup> NAPOLITANO, Marcos. *1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 68-69.

<sup>1122</sup> ALMEIDA, Paulo Roberto de. Na continuidade do Estadismo de Rio Branco. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento Diplomático Brasileiro: formuladores e agentes da política externa*. 3v. Brasília: FUNAG, 2013.p.15

<sup>1123</sup> DOCUMENTO. Documentos relativos ao fechamento da Sociedade Amigos da América e à demissão de Oswaldo Aranha do Ministério das Relações Exteriores incluindo informações sobre: manifesto de solidariedade da UNE a Oswaldo Aranha; carta de demissão deste e nota de comunicação do fato às Embaixadas; e resposta de Getúlio Vargas; correspondência entre Getúlio Vargas e Góes Monteiro sobre pedido e recusa da demissão deste da Comissão Consultiva de Emergência para a Defesa Política do Continente em Montevideú, em função do atrito entre Oswaldo Aranha e Gaspar Dutra; cópia de correspondência entre Góes Monteiro, Oswaldo Aranha e outros comentando o getulismo e a situação dos quadros governamentais; repercussões e especulações do fato no Uruguai, Panamá e Estados Unidos; informações sobre pretensões eleitorais de Oswaldo Aranha e suas divergências com o Estado Novo, etc. (GV c 1944.08.17). Rio de Janeiro, Washington, Montevideú, 17 ago. 1944.

<sup>1124</sup> Idem, p.15.

conversado, certa vez, com Vargas sobre a independência de Ministros. Disse que o próprio Vargas o explicara que essa maior independência dos Ministros era, nas palavras do próprio Getúlio, o “equilíbrio da minha balança”, mas que, uma hora ou outra, poderia causar problemas políticos. O que Aranha não esperava era que isso aconteceria com ele mesmo. Explicou: “a minha periculosidade aumentou para aqueles com a próxima vitória das armas aliadas, ao mesmo tempo que para o governo diminuía a necessidade dos meus serviços” (ARANHA, 1944, p.16).<sup>1125</sup>

As justificativas de Aranha a Monteiro ratificam o que observamos ao longo de toda essa investigação, ou seja, como a “diplomacia presencial” de Vargas, sempre contornando a autoridade de seus ministros, esteve vinculada à sua demissão. Escreveu o demissionário:

a interferência na ação diplomática da minha pasta foi se tornando cada vez mais agressiva e menos aceitável. O Itamaraty era, por vezes, excluído do Conselho da minha função, e tornava-se, assim, cada vez mais difícil, justamente, quando toda autoridade deveria me ser dada (ARANHA, 1944, 17).<sup>1126</sup>

Terminado o processo de demissão, ainda é possível identificar que Vargas conduziu, junto a Paulo Hasslocher, Batista Luzardo e Maria Martins, um processo de investigação das repercussões da saída de Aranha que, cada um a seu modo, concluiu que Vargas agira no momento certo, pois saída de Aranha não abalara a confiança em sua política externa.<sup>1127</sup> Na investigação de Hasslocher, por exemplo, ele escreveu que tinha provas de que a Sociedade dos Amigos da América era a base da oposição ao Estado Novo.<sup>1128</sup>

No cenário interno, Aranha continuou sendo observado enquanto Vargas esteve no poder, como demonstram as atividades do interventor do Rio Grande do Sul e primo de Getúlio, Ernesto Dornelles Vargas, que o auxiliou nesse acompanhamento.<sup>1129</sup>

---

<sup>1125</sup> Idem, p.16.

<sup>1126</sup> Idem, p.17.

<sup>1127</sup> Idem, p.58.

<sup>1128</sup> HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Panamá, 18 jul. 1945. Carta comentando as manifestações populares de apoio a seu Governo, o fracasso da candidatura Eduardo Gomes e encaminhando carta de João Neves da Fontoura sobre a campanha sucessória no Brasil e a perspectiva de vitória do General Dutra com o apoio do PSD. (GV c 1945.07.18), p.2.

<sup>1129</sup> DORNELLAS, Ernesto. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Porto Alegre, 28 out. 1945. Telegrama comunicando irradiação clandestina da Rádio Farroupilha e a presença de Eduardo Gomes, Borges de Medeiros, Oswaldo Aranha, Raul Pilla e outros no reinício da transmissão da rádio. (GV c 1945.10.28). (Vol. XLVII/43)

Como relata Boris Fausto,<sup>1130</sup> apesar do processo de reabertura partidária e previsão de eleições, pairava nos ares a força do movimento que buscava fazer Vargas continuar no poder, o "queremismo". As desconfianças somaram-se, nas palavras de Fausto, a um lance final desastroso, quando Getúlio nomeou seu irmão Beijamin, o "Bejo", para a chefia da Política do Rio de Janeiro. Bejo era muito criticado pela oposição e sua nomeação foi usada para incitar o Exército, que cercou o Palácio Guanabara e o presidente decidiu renunciar em 29 de outubro de 1945.<sup>1131</sup>

João Neves da Fontoura<sup>1132</sup> e Luís Fernandes Vergara<sup>1133</sup> seguiram junto a Vargas até a sua saída do poder, organizando os últimos detalhes de sua política externa, despedindo e agradecendo contatos ao longo dos anos. Inclusive, Vargas (1945, p.16) pediu que Fontoura continuasse o informando: “ficaria satisfeito se continuasses a informar-me sobre os acontecimentos internacionais” mesmo após seu governo.<sup>1134</sup> Vergara disse Vargas: “a história me compensará, dizendo que servi, nos bastidores, durante 17 anos, o pai da democracia brasileira”.<sup>1135</sup>

## 6.7 Quadro geral dos informantes de Getúlio Vargas

Para uma análise quantitativa que auxilie a investigação qualitativa, apresento o quadro a seguir com as informações de todos os indivíduos que a pesquisa categorizou como informantes de Getúlio Vargas que atuaram no processo de construção de sua política externa. Soma-se o total de 50 informantes. Deve-se destacar a atuação de figuras femininas nesse processo: Rosalina Lisboa Coelho, Alzira Vargas e Maria Martins, pois todas as três desempenharam papel crucial na gestão de informações relevantes nas mais

---

<sup>1130</sup> FAUSTO, Boris. A Vida Política. In: CASTRO GOMES, Angela (coord.). *História do Brasil Nação. Volume 4: Olhando para Dentro (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013.

<sup>1131</sup> Idem, p.106-108.

<sup>1132</sup> VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: João Neves. Rio de Janeiro, 14 nov. 1945. Cartas entre Getúlio Vargas e João Neves sobre a inconveniência do lançamento da candidatura deste à presidência da República e sobre a necessidade do apoio eleitoral do Rio Grande do Sul ao General Dutra. Inclui, como anexos, carta para Protásio Vargas acerca do assunto e carta de Gaspar Dutra ao PTB expondo os termos do seu compromisso político com este Partido que estabelecem a concessão da Pasta do Trabalho a um membro petebista (GV c 1945.11.14). (Vol. XLVII/55a, 55b, 55c, 61a e 61b).

<sup>1133</sup> VERGARA, Luís Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 24 nov. 1945. Carta sobre eleições presidenciais, recomposição do secretariado presidencial, atuação do novo governo e comentando a necessidade de uma aliança entre PSD e PTB. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas criticando a atuação dos militares e comentando as eleições. (GV c 1945.11.24/2). (Vol. XLVII/62b e 65b).

<sup>1134</sup> Idem, p. 16.

<sup>1135</sup> Idem, p.3.

diversas dimensões da política externa de Vargas quando as mulheres eram excluídas da carreira diplomática e da política.

Devo também ressaltar o quanto a gestão de Alzira Vargas e Luís Fernandes Vergara foram fundamentais, pois serviram como “filtros” de informantes, gestando a enorme quantidade de detalhes que chegavam a Vargas, bem como serviram de intermediários, dificultando o acesso direto ao presidente, protegendo sua figura.

Informantes que atuaram exclusivamente entre 1930 e 1934, durante o Governo Provisório, foram 24% do total, aqueles que atuaram exclusivamente durante o governo de 1934 e 1937 foram 14% do total, os que atuaram exclusivamente no período do Estado Novo foram 40% e os que atuaram em longos períodos que passaram pelos três governos de Vargas foram 20% do total.

Os números demonstram como o papel dos informantes do presidente foi destacado durante o período ditatorial não apenas devido à maior liberdade que Vargas contava para estabelecer conexões diretas com diplomatas, embaixadores e outros profissionais sem se preocupar tanto com as repercussões dessa atitude, mas, também, devido ao próprio contexto da Segunda Guerra Mundial.

Por fim, devo dizer que surpreende o quanto Vargas estabeleceu serviços de informação e atuação confidencial quanto à gestão de sua política externa com 10 informantes por, aproximadamente, 15 anos de seu governo, ou seja, esses 10 foram parte do círculo mais próximo do poder durante a gestão de sua política externa. Foram eles: Alzira Vargas, Egydio Câmara Souza, João Pinto da Silva, Joaquim José Muniz de Aragão, José Bernardino Câmara Canto, Luís Fernandes Vergara, Oswaldo Aranha, Paulo Haslocher, Rosalina Lisboa, Orlando Leite Ribeiro.

Nome do informante	Atuação profissional quando exerceu funções de informante	Período de atuação como informante	Principais atividades
<b>Abelardo Roças</b>	Embaixador Brasileiro na Espanha	1942-1945	Com o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, Vargas estabeleceu que Roças o informaria sobre o andamento geral da política na Europa. Suas cartas concentraram-se principalmente sobre os ataques do Eixo à União Soviética. A tese de Roças era de que a principal fraqueza de Hitler era sua intromissão nas decisões de seus generais, nunca confiando nos seus militares.
<b>Alfredo Polzin</b>	Diplomata brasileiro no consulado de Buenos Aires. Censor de radiotelefonia para o estrangeiro.	1933	Investigou informações sigilosas sobre a Guerra do Chaco e a geopolítica latino-americana. Seus serviços chegavam a Vargas por meio de Luís Fernandes Vergara.
<b>Alzira Vargas</b>	Filha e secretária do presidente	1933-1945	Serviu como mediadora das cartas dos informantes, filtrando e explicando ao pai sobre os resultados das diferentes missões de cada um. Compôs, junto a Luís Fernandes Vergara, um canal de recepção e controle de informantes. Administrou as cartas de Rosalina Lisboa, Paulo Germano Hasslocher, João Pereira Machado, Ciro de Freitas Vale, Carlos de Lima Cavalcanti. Também administrou o Departamento Secreto para Segurança Pessoal do Chefe da Nação, organização para proteção de Vargas.
<b>Caio Júlio César Vieira</b>	Jornalista Brasileiro amigo de Vargas	1942-1945	Com o falecimento do embaixador Rodrigues Alvez, Vargas contou com Caio Júlio César como seu representante secreto junto ao governo argentino, sendo conhecido apenas pelos altos cargos do governo. A autoridade do embaixador substituto de Alves, Paulo Demôro, foi circundada em vários temas, sobretudo os militares, por meio da atuação confidencial de César Vieira.
<b>Carlos de Lima Cavalcanti</b>	Embaixador brasileiro no México	1942-1945	Passou a coordenar as investigações de Vargas sobre as ações do embaixador russo Konstantin Aleksandrovich Oumansky. Alzira Vargas coordenou as ações de Cavalcanti na intenção de compreender os planos da União Soviética para a América Latina
<b>Carlos Martins</b>	Embaixador do Brasil nos EUA	1939-1945	Contornou a autoridade de Oswaldo Aranha como ministro das Relações Exteriores junto a Vargas na investigação de uma série de possibilidades de negócios comerciais entre Brasil e EUA, bem como nas estratégias políticas do Estado Novo para com os EUA. Auxiliou Vargas no esforço de propaganda sobre o Brasil na imprensa estadunidense e forneceu relatórios gerais sobre a situação geopolítica da Segunda Guerra e início da Guerra fria.

<b>Ciro de Freitas Vale</b>	Embaixador brasileiro em Berlim	1939-1941	Auxiliou Vargas com relatórios confidenciais sobre a situação política e comercial geral da Europa, contornando a autoridade de Oswaldo Aranha como ministro. Atuou junto a Luthero Vargas no acompanhamento dos eventos relacionados à Segunda Guerra Mundial. Suas cartas chegavam ao presidente, por meio de Alzira Vargas e Luís Fernandes Vergara.
<b>Décio Martins Coimbra</b>	Jornalista no Rio Grande do Sul amigo de Vargas	1942	Enviou o informante à Argentina para inspecionar os andamentos confidenciais do programa de armamento do país. O jornalista concluiu que a Argentina tinha como meta barganhar seu não rompimento com o Eixo pelo auxílio bélico dos EUA, mas ao não lograr êxito apenas desgastava-se politicamente.
<b>Egydio da Câmara Souza</b>	Engenheiro agrônomo no Ministério da Fazenda e adido brasileiro na embaixada de Tóquio	1932-1933 (primeira atuação) 1939-1941 (segunda atuação)	Informou sobre a atuação de opositores paulistas na Europa e acompanhou os esforços internacionais de paulistas envolvidos na Guerra Civil de 1932. Em sua segunda atuação, foi enviado para Chicago a mando de Vargas de onde passou a investigar a atuação diplomática brasileira nos EUA sob a gestão de Aranha e a fornecer informações confidenciais sobre a ação do ministro Aranha. Também forneceu relatos gerais sobre o andamento da política dos EUA durante a Segunda Guerra.
<b>Félix de Barros Cavalcanti</b>	Ministro de Estado das Relações Exteriores	1934	Informou Vargas sobre o andamento da vida política de “Estados fortes” na Europa como combinado que o faria junto ao presidente.
<b>Florêncio de Abreu</b>	Militar lotado no Serviço de Saúde de Bruxelas	1934	Informou ao longo do ano sobre os aspectos gerais da política na Europa enfocando sua análise nas possibilidades de uma guerra
<b>Francisco Cavalcanti de Pontes Miranda</b>	Professor de direito e diplomata nos EUA	1941-1945	Vigiu as ações do ministro Oswaldo Aranha nos EUA, combateu opositores de Vargas na Marinha dos EUA com contato direto junto a Harold Starck, comandante geral das forças navais dos EUA, combateu as desconfianças na alta cúpula militar dos EUA sobre a atuação de Vargas e atuou na imprensa na maçonaria dos EUA a favor do Estado Novo e da pessoa de Vargas. Também viabilizou investigações sobre projetos para a fundação de uma petrolífera nacional no Brasil.
<b>Gondim da Fonseca</b>	Diplomata lotado em Paris	?-1935	Apesar das correspondências serem de 1935, o informante demonstrou que já se comunicava com o presidente há bastante tempo. Em 1935, relatou suas experiências de oito anos na Europa, resumindo a geopolítica europeia a Vargas e o aconselhando sobre as possibilidades de grandes mudanças nas relações internacionais devido, segundo ele, às grandes chances de uma nova guerra mundial.
<b>Herculino Cascardo</b>	Militar da Marinha em formação na Europa	1934	Executou missão secreta de sondagem diplomática sobre as possibilidades de



			reatamento das relações comerciais entre Brasil e União Soviética a mando de Vargas
<b>João Batista Lusardo</b>	Embaixador do Brasil no Uruguai	1939-1945	Investigou junto a Vargas a atuação de diversos integralistas e comunistas e mapeou os planos nazistas para a América Latina junto ao presidente. Teve seus dados sempre verificados pela atuação de outros informantes de Vargas, como José Bernardino Câmara Canto. Também traçou projetos para a atuação comercial do Brasil no Uruguai e em outros países vizinhos.
<b>João Gomes Ribeiro</b>	Comandante do Exército	1933	Elaborou planos de proteção da fronteira brasileira ao sul do país, contribuindo com informações sobre a política interna e externa de países vizinhos.
<b>João Neves da Fontoura</b>	Embaixador brasileiro em Portugal	1943-1945	Com o rompimento do Brasil com Eixo, ele passou a ser o principal informante do presidente sobre o andamento político na Europa. Não apenas informou, mas atuou junto a Salazar para garantir que o Brasil contasse com relevância econômica e política em Portugal e usasse dessa amizade para se inserir da política e economia europeia. Serviu de testemunha dos últimos momentos de Hitler para Vargas.
<b>João Pereira Machado</b>	Capitão Tenente em missão em Berlim	1935-1936	Articulou junto a Vargas o combate de movimentos de opositores comunistas na Europa. Vigiou o comportamento do governador de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti, suspeito de envolvimento com os atos comunistas no exterior. Conseguiu interceptar o envio de armas do exterior ao Brasil que municionaria opositores do governo.
<b>João Pinto da Silva</b>	Adido comercial em Madrid e, depois, em Paris	1933-1942	Relatou constantemente sobre o quadro geral da política europeia, concentrando-se nas análises sobre as possibilidades de guerra. Executou missões de investigação sobre a máquina de propaganda fascista a pedido de Luís Fernandes Vergara, que mediava suas cartas junto a Vargas.
<b>Joaquim José Muniz de Aragão</b>	Embaixador brasileiro em Londres	Primeira atuação: 1934 Segunda atuação: 1944-1945	Em sua primeira atuação, auxiliou Vargas a investigar as possibilidades de comércio entre Brasil e Inglaterra e a inspecionar as possibilidades de reatamento das relações do Brasil com a União Soviética. Em 1944, trouxe a Vargas conclusões sobre as causas para os usos da bomba nuclear pelos EUA no Japão.
<b>José Bernardino Câmara Canto</b>	Adido comercial do Brasil no Uruguai	1932-1945	Tinha seus próprios informantes para vigiar a atuação de uma série de indivíduos ligados ao comunismo, integralismo e oposição internacional a Vargas. Elaborou relatórios sobre a geopolítica dos países vizinhos, vigiou as ações de Batista Lusardo e outros que ocuparam o posto de embaixador brasileiro no Uruguai, serviu de mensageiro confidencial de Vargas junto ao presidente do Uruguai Gabriel Terra. Realizava serviços de espionagem sobre os mesmos temas que Rosalina Lisboa e Batista

			Lusardo, servindo como um “informante sobre outros informantes”. Auxiliou Vargas com informações sigilosas sobre o comércio latino-americano e sobre a Guerra do Chaco.
<b>José Carlos de Macedo Soares</b>	Político paulista, historiador, jurista e ministro das Relações Exteriores	1930	Auxiliou na gestão de informações sobre dinheiro e armas quando estava na Europa, para que chegassem ao movimento dos revolucionários de 1930. Enquanto ministro de Vargas, foi vigiado por Aranha. Não atuou diretamente junto a Vargas como informante do presidente após 1930.
<b>José de Paula Rodrigues Alves</b>	Embaixador brasileiro na Argentina	1939-1944	Auxiliou Vargas a acompanhar os planos nazistas para a América do Sul, articulou projetos comerciais junto a Vargas para os dois países, acompanhou os “bastidores” da política interna e externa da Argentina, sobretudo, quanto ao andamento dos impactos da Segunda Guerra Mundial na Argentina.
<b>José Guimarães Araújo Jorge</b>	Embaixador do Brasil no Uruguai	1932	Investigou as atividades de opositores a Vargas no Uruguai e traçou planos político-comerciais junto ao presidente sobre as relações entre os dois países. Estava sendo secretamente vigiado por Câmara Canto a pedido de Vargas.
<b>Lafayette Carvalho</b>	Encarregado de negócios do Brasil e embaixador extraordinário em Buenos Aires	1932-1933	Informou sobre a rotina de opositores de Vargas no exterior e acompanhou os esforços internacionais da Guerra Civil de 1932. Vargas cruzou suas informações com as de Câmara Canto, mas não conheciam o trabalho um do outro.
<b>Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor</b>	Deputado federal	1930-1931	Articulou apoio secreto do Chefe do Estado Maior da Argentina à Revolução de 1930, arrecadou dinheiro, armas e fez a gestão de informações internacionais para viabilizar o movimento
<b>Lourival Fontes</b>	Jornalista e político, esteve à frente do Departamento de Imprensa e Propaganda (1939-1942) Representante do Brasil no Conselho Administrativo do Bureau Internacional do Trabalho (1942-1945)	1942-1945	Acompanhou minuciosamente as negociações referentes ao Brasil na ONU, a conjuntura do que chamamos, hoje, de Guerra Fria e a política interna e externa dos EUA no fim da Guerra.
<b>Luís Fernandes Vergara</b>	Oficial de Gabinete até 1935. Secretário do presidente até 1945	1933-1945	Era confidante de Vargas sobre os mais diversos assuntos políticos e o auxiliava inclusive a traçar planos para a política externa brasileira. Administrou as atividades de diversos informantes, compondo, junto a Alzira Vargas, uma verdadeira “rotatória de informantes”. Administrou os serviços de Alfredo Polzin, Narciso Peixoto, João Pinto da Silva, Leão Samuel de Souza Gracie, Paulo Mathias Silveira, Raul Bopp, Orlando Leite Ribeiro, Ciro de Freitas Vale, Luís Faro. Também administrou o Departamento

			Secreto para Segurança Pessoal do Chefe da Nação, organização para proteção de Vargas.
<b>Luís Pereira de Faro Júnior</b>	Embaixador brasileiro na Venezuela	1942-1945	Junto a Luís Fernandes Vergara e Vargas combinou projetos confidenciais de desenvolvimento da infraestrutura energética entre Brasil e Venezuela. Toda a negociação ocorreu entre Vargas, Vergara, Faro e o presidente da Venezuela. Os esforços foram replicados para as relações entre Brasil e Colômbia e foram incentivados pelas necessidades da Guerra.
<b>Luís Simões Lopes</b>	Presidente do Conselho Federal do Serviço Público Civil	1934-1937	Realizou missões secretas a mando de Vargas na Europa investigando contatos e novas possibilidades de comércio na Europa, principalmente na Inglaterra, França e Itália. Investigou o funcionamento do funcionalismo público e da máquina de propaganda fascista combinando que passaria todos os detalhes diretamente a Vargas ao fim das missões. Também investigou o funcionamento da economia e da propaganda nazista em sua missão em Berlim.
<b>Luís Sparano</b>	Adido comercial na embaixada brasileira na Itália	1937-1942	Foi o principal informante de Vargas na Itália. Contornou a autoridade de Aranha enquanto ministro das Relações Exteriores e do embaixador brasileiro na Itália. Municou o presidente com relatórios contantes sobre o cenário político da Europa, entrou em contato direto com Mussolini em nome de Vargas e estabeleceu uma série de missões sobre o comércio e a política entre Brasil e Itália. Auxiliou Vargas na identificação de forças integralistas e comunistas, cruzando dados dos opositores do presidente dentro e fora do Brasil.
<b>Luthero Vargas</b>	Filho do presidente em estudos em Berlim, em missão na Itália e em estudos EUA	1939-1945	Investigou o andamento das compras brasileiras de armas em Berlim, vigiou a atuação de diplomatas brasileiros na Alemanha e acompanhou a rotina da guerra, relatando tudo a Vargas. Na Itália, conversou confidencialmente com Mussolini em nome de Vargas. Nos EUA, investigou a atuação de Oswaldo Aranha, alertando o pai sobre as investidas políticas do ministro e auxiliou a publicidade do Brasil na imprensa dos EUA.
<b>Maria Martins</b>	Escultora, desenhista e esposa do embaixador brasileiros nos EUA	1941-1945	Acompanhou em detalhes os “bastidores” da política externa dos EUA, o processo de decisão política do país frente à Guerra, auxiliou a atuação de Alzira Vargas, que visitou os EUA durante a Guerra, fortalecendo as relações de Vargas com diversos círculos políticos nos EUA. Atuou na imprensa dos EUA para criar boa imagem ao Brasil e investigou confidencialmente a atuação política de Oswaldo Aranha. Relatou os detalhes do início da Guerra Fria e teceu conselhos sobre como o Brasil deveria atuar nesse momento.

<b>Mário Pimentel Brandão</b>	Embaixador brasileiro na Bélgica	1940-1941	Após sua atuação como ministro interino das Relações Exteriores, Brandão, na função de embaixador, passou a relatar os acontecimentos da Guerra na Europa e a aconselhar Vargas quanto aos passos que o Brasil poderia dar no conflito.
<b>Napoleão Alencastro Guimarães</b>	Major do Exército em missão especial nos EUA	1939-1940	O major Alencastro atuou no Ministério de Viação e Obras Públicas e auxiliou nas negociações da usina siderúrgica para o Brasil em Washington em 1939 e 1940, quando escreveu também relatórios sobre o quadro geral da política internacional, tecendo conselhos a Vargas.
<b>Narciso Peixoto de Magalhães</b>	Adido Comercial na Argentina	1933	Investigou atividades comunistas no exterior tendo seus relatórios mediados por Luís Fernandes Vergara, para que chegassem a Vargas. Os trabalhos de Narciso Peixoto resultaram na identificação de uma rede completa de financiamento da atividade de opositores ao governo Vargas, que ligava os exilados do governo Washington Luís
<b>Octávio de Abreu Botelho</b>	Conselheiro Comercial do Brasil em Buenos Aires	1942	Botelho conhecia os círculos militares e a economia argentina profundamente, visto o minucioso relato de todo o funcionamento do país em 1942. Ele concluiu que não havia nenhuma possibilidade de a Argentina romper com o Eixo e o melhor era o Brasil não insistir
<b>Orlando Leite Ribeiro</b>	Capitão do Exército, adido comercial do Brasil na Argentina e Chile	1930-1939	Articulou informações na Argentina para viabilizar a Revolução de 1930. Atuou diretamente junto ao governo argentino em nome de Vargas de maneira confidencial, vigiou opositores no exterior, acompanhou movimentos comunistas e integralistas fora do Brasil, mediu estudos de Vargas sobre o comércio e a geopolítica argentina e acompanhou o passo a passo da Guerra do Chaco. Trocou informações com Rosalina Lisboa ao longo de sua atuação. Terminou sua atuação no Chile quando parou de receber respostas de Vargas.
<b>Oswaldo Aranha Euclides de Sousa Aranha</b>	Político, advogado, embaixador do Brasil nos EUA e ministro das Relações Exteriores	1930-1944	Articulou o poio internacional para a Revolução de 1930, estabeleceu parceria direta junto a Vargas enquanto embaixador para além de suas funções, contornando a autoridade do ministro Macedo Soares e reduziu bastante suas atividades como informante quando assumiu o cargo de ministro, sendo muito mais vigiado que vigia nos últimos anos de atuação,
<b>Paulo Germano Hasslocher</b>	Diplomata na embaixada brasileira de Washington	1932-1945	Vigiu as ações de diplomatas brasileiros nos EUA a mando de Vargas para cobrir as atividades de paulistas no exterior durante a guerra civil de 1932, vigiou as ações do Itamaraty nos EUA durante todo seu tempo de atuação. Enviou relatórios sobre a geopolítica dos EUA e da Europa. Investigou os interesses dos ingleses junto a Alzira Vargas nas negociações da siderúrgica. Investigou secretamente as

			ações de Oswaldo Aranha junto a Luthero Vargas e Maria Martins.
<b>Paulo Mathias de Assis Silveira</b>	Cônsul de Primeira Classe na embaixada brasileira na Itália	1934-1937	Reportou constantemente ao presidente sobre o cenário político europeu, principalmente sobre a política interna e externa da Itália de Mussolini. Fez relatórios sobre a máquina de propaganda fascista.
<b>Rafael Correa de Oliveira</b>	Atuou na Delegacia do Tesouro Nacional em Nova Iorque	1943-1945	Conduziu uma investigação confidencial sobre as opiniões do vice-presidente dos Estados Unidos, Henry Wallace, com quem conseguiu conversas particulares sobre a posição do Brasil no pós-guerra. Conduziu investigações sobre o cenário da política interna e externa dos EUA para Vargas.
<b>Raul Bopp</b>	Jornalista e diplomata brasileiro no Japão	1935-1938	Auxiliou Vargas na construção da propaganda, na imprensa asiática sobre os produtos brasileiros enquanto diplomata no Japão, onde ficou até 1938. Lá, fundou o periódico <i>Correio da Ásia</i> . Elaborou projetos de expansão do comércio brasileiro na Ásia para Luís Fernandes Vergara.
<b>Renato Rodrigues Barbosa</b>	Professor de Patologia Interna na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, deputado pelo Rio Grande do Sul e amigo de Vargas	1941	Combinou junto a Vargas que faria viagens de cunho científico, mas as aproveitaria para sondar os círculos políticos e diplomáticos de diversos países principalmente quando à posição desses países na Segunda Guerra. Visitou o Chile, Uruguai e Argentina e escreveu sobre as relações destes países com o Brasil.
<b>Riograndino Kruel</b>	General do Exército	1932	A mando de Vargas, investigou a política externa e interna argentina e suas potencialidades bélicas e comerciais. Também investigou a ações de Afrânio de Melo Franco enquanto ministro das Relações Exteriores.
<b>Ronald Arthur Paula e Silva de Carvalho</b>	Poeta, escritor e diplomata em Paris	1932-1934	Envio livros e relatos sobre a política europeia a Vargas, contava com respostas do presidente a pedido de divulgar a política brasileira pela Europa. Acompanhou e relatou a Vargas detalhes sobre os “bastidores” da Guerra do Chaco
<b>Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti</b>	Jornalista, escritora e prestadora de serviços ao Itamaraty sem se ingressar na carreira	1932-1945	Realizou relatórios minuciosos sobre a política interna e externa de uma série de países, como Bolívia, Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai. Atuou junto a Vargas na investigação sobre a ação de diversos diplomatas e políticos. Serviu como mensageira entre Vargas e Plínio Salgado. Esteve vinculada aos círculos político-diplomáticos dos diversos países onde esteve, sempre em missões secretas a pedido do presidente. Encontrava-se pessoalmente com Vargas, normalmente em Petrópolis, repassando os resultados de suas investigações.
<b>Samuel Leão de Souza Gracie</b>	Diplomata brasileiro na embaixada da Bolívia e, posteriormente, no Chile.	1933	Atuou como informante de Vargas sobre os “bastidores” da política externa da Bolívia na Guerra do Chaco. Esse diplomata trocou correspondências diretas com o presidente sobre os detalhes do número de mortos e as

			estratégias a se tomar sobre a guerra. Suas cartas foram intermediadas por Luís Fernandes Vergara. Durante da Segunda Guerra Mundial, investigou as atividades dos “bastidores” da política externa para Vargas.
<b>Sebastião Sampaio</b>	Chefe dos Serviços Econômicos e Comerciais (1934-1937) e Ministro Plenipotenciário em Praga (1937-1938)	1937-1938	Sua atuação foi direcionada à divulgação do Estado Novo na Europa. Ele combinou junto a Vargas um projeto de distribuição de panfletos e publicações que visassem a explicar que o novo regime era fundado, em suas palavras, na “brasilidade”, e não no fascismo e no nazismo.
<b>Valentim Fernandes Bouças</b>	Empresário que atuou em missões internacionais nos EUA	1933	Enviava ao presidente um relato sobre a política interna e externa dos EUA, tornando-se um conselheiro financeiro e político.

## 7 REFLEXÕES FINAIS

Ao introduzir minha investigação, registrei duas perguntas que foram fundamentais para guiar todo o processo até aqui. Faz-se oportuno, portanto, retomá-las, para construir estas reflexões finais: como a rede de informantes de Getúlio Vargas o auxiliou na construção de sua política externa? Como essa rede de informantes foi utilizada por Vargas no seu relacionamento político com seus ministros das Relações Exteriores? Sinto-me preparado para respondê-las de maneira resumida à guisa de conclusão.

Para Ricardo Seitenfus, após a chefia de Oswaldo Aranha no Itamaraty, a política externa brasileira foi outra:

antes de março de 1938, data que marca a entrada de Oswaldo Aranha no Itamarati, existem vínculos extremamente cerrados - econômicos, políticos, policiais e ideológicos - com as potências do Eixo. Portanto, se por intermédio do Brasil há perigo para a democracia e para a solidariedade panamericana, esse perigo é anterior a março de 1938 (SEITENFUS, 1985, p.428).<sup>1136</sup>

Além disso, afirma o autor: “Aranha entra no governo Vargas em posição forte; o acordo tácito que ele faz com Vargas - prometendo não se envolver na política interna do país - deixa-lhe as mãos inteiramente livres nas questões externas.” (SEITENFUS, 1985, p.428)<sup>1137</sup>. Acompanhar toda a relação entre Vargas e seus informantes permitiu-me uma investigação sobre o próprio processo de tomada de decisões da política externa brasileira, processo que demonstra que Aranha, por exemplo, teve sim papel fundamental, mas, sobretudo, enquanto embaixador nos EUA, quando ajudou Vargas a circundar a autoridade do Itamaraty para diversos assuntos. Como ministro, ele passou a sofrer do processo que ele mesmo participou, como fica explícito nas críticas que fez em sua própria demissão.

Por isso, investigar as relações entre ministros das Relações Exteriores e o poder Executivo foi fundamental, pois demonstrou como a rede de informantes que Vargas construiu o auxiliou a controlar e a circundar a autoridade de seus ministros nos mais diversos assuntos, criando uma “diplomacia presidencial” muito independente da atuação de quem esteve à frente do ministério. Logo, não houve momento algum em que o

---

<sup>1136</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985.p.428.

<sup>1137</sup> Idem, p.428.

presidente estivesse longe de sua política externa e não houve um “acordo tácito” para que Aranha ficasse à frente dela e Vargas exclusivamente à frente da interna.

Valendo-se dessa rede de informantes, o presidente pôde construir movimentos paralelos aos dos seus ministros. A prática de se aproximar de selecionados embaixadores e diplomatas, a de escolher certos adidos comerciais e militares, jornalistas e políticos para atuar em missões secretas de monitoramento, investigação e até atuação nos mais diversos assuntos da política externa e interna concretizou-se em um mecanismo de estratégia política que serviu para evitar, por exemplo, aquilo que o informante militar Valdomiro Lima alertou Vargas ainda em 1933, ou seja, ele precisaria tomar cuidado com Afrânio de Melo Franco, Macedo Soares e Oswaldo Aranha, pois, escrevia o informante, eram figuras centrais das “maquinações políticas” contra Getúlio.<sup>1138</sup> Justamente os três tornaram-se ministros das Relações Exteriores e justamente os três foram driblados por informantes do presidente em diversos processos de atuação. Muito do protagonismo que se atribuiu a Soares, Afrânio ou Aranha precisou ser revisto, devido à atuação dos informantes do presidente e de negociações paralelas às dos seus ministérios. A própria perspectiva de que a política externa brasileira é uma política de Estado precisa ser revisitada, uma vez o governo vigiava, controlava e modulava processos de negociações que passavam pelo Itamaraty.

Assim, essa investigação demonstra uma profícua seara de pesquisa: as relações políticas entre o poder Executivo e seus diplomatas e ministros no processo de tomada de decisões da política externa. Nessas relações, ressalto a importância da estratégia de Getúlio Vargas: os informantes do presidente desconheciam as atividades uns dos outros, executando missões, muitas vezes, sobre os mesmos assuntos, principalmente sobre atividades comerciais, econômicas, atividades nazistas e comunistas. Vargas, então, cruzava todas essas informações verificando em quem confiar, inclusive utilizando essa estratégia tanto para a política interna quanto para a externa, valendo-se, inclusive, de conversas telefônicas transcritas por diferentes agentes do governo e de informantes que vigiavam outros informantes. Assim, é possível enxergar uma rede de informantes que impressiona pela vastidão e complexidade.

---

<sup>1138</sup>LIMA, Valdomiro Castilho de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Valder de Lima Sarmanho. São Paulo, 15 mai. 1933. Correspondência informando sobre articulações políticas visando sua deposição e a de Olegário Maciel dos governos de São Paulo e Minas Gerais e solicitando remessa de munição. (GV c 1933.05.15/2). (Vol. XI/22, 23, 24).



A capacidade de gestar a enorme quantidade de informação que a ele chegava deve ser atribuída ao longo trabalho de Luís Fernandes Vergara e Alzira Vargas, mas a energia empregada pessoalmente por Vargas, sempre acompanhando tudo “no varejo” se impõe em todo o processo que vai de 1930 até 1945. Destarte, a compreensão do processo de tomada de decisões da política externa de Getúlio Vargas é enriquecida e complexificada ao se considerar toda esta rede de informantes, o que permite combater simplificações e reduções da realidade. Registro, contudo, que as abordagens dessa investigação, ou seja, o enfoque nas redes de informação secreta do presidente, não cria dicotomias com outras dimensões de produção da política externa.

É importante retomar que a prática de ter informantes políticos não era nenhuma exclusividade de Vargas. Era comum, nos anos das décadas de 1930 e de 1940, que pessoas influentes as tivessem. Demonstrei, por exemplo, que alguns informantes tinham suas próprias redes, como o caso de José Câmara Canto. Isso significa que mesmo Vargas colocando um ator político no exterior, como fez com Aranha ou Assis Brasil (estudado no capítulo 1), essa pessoa não ficava isolada, pois ela também construía suas redes.

Também vale dizer que a construção da política exterior brasileira se passava por diversos e complexos meios: as pastas militares, o Itamaraty e órgãos de comércio internacional, por exemplo, porquanto essa investigação demonstrou apenas uma dimensão do processo que levou à tomada de decisões. Permitiu perscrutar episódios-chave da política externa do Brasil, como a negociação da siderúrgica e o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, mas não ofereceu um quadro completo da formulação da política externa, por isso não se pretendeu, ao se concentrar nas redes de informantes de Vargas, criar uma dicotomia ou uma hierarquia de importâncias entre o que ele articulava com sua rede e o que negociava com órgãos oficiais do governo, pela burocracia oficial do Estado. Todas as dimensões da formulação da política externa funcionaram juntas, o papel da rede de informantes do presidente foi apenas uma delas.

A relação entre Getúlio Vargas e seus informantes também permite a revisão de uma outra tese de Ricardo Seitenfus. Ele diz “o Brasil não teve uma política externa independente e autônoma durante o período 1930-1942. O grande, mas fraco Brasil não pode permitir-se altear a voz e tem de forçosamente buscar a composição. Portanto, ele sofre sua política externa, na medida em- que não a faz” (SEITENFUS, 1985, p.430).<sup>1139</sup> Apesar de, claro, o Brasil ser um país muito limitado quanto a qualquer política de

---

<sup>1139</sup> Idem, p.430.

barganha, Vargas não apenas sabia disso como soube se aproveitar por vias mais “criativas” para criar “ativos de troca”, ou seja, monitorou e atuou sobre sua imagem na imprensa da Europa, dos EUA e da América do Sul, fez discursos, contatos e agiu, secretamente, para incentivar a opinião pública e gerar pressões políticas sobre Roosevelt, principalmente, em tempos eleitorais. Soube aproximar-se comercialmente da Itália, Alemanha e até da Inglaterra, por meios não formais, com diferentes informantes, bem como esteve sempre muito bem-informado sobre os “bastidores” da política interna e externa dos principais países parceiros do Brasil.

Não se vê, portanto, um “Brasil sem margens de manobra”. Eram margens muito limitadas, mas Getúlio fez uso efetivo das possibilidades. Analisar a rede de informantes de Vargas no processo de tomada de decisões da política externa brasileira é uma investigação que corrobora, porquanto, com a tese de Gerson Moura, ou seja, a de que a política externa do Brasil fez bom uso de uma “autonomia da dependência”.<sup>1140</sup> O autor salienta que um dos modelos explicativos para o processo de tomada de decisões para a política externa de um governo é a própria competição política entre os indivíduos que fazem parte da estrutura do poder,<sup>1141</sup> o que vimos acontecer nas relações de poder entre Vargas e seus ministros, gestadas, em paralelo, por meio de sua rede de informantes.

Além disso, Moura (1980, p.31) afirma que a política externa é “resultado da conjugação das conjunturas políticas mais imediatas, tanto internas como externas, dentro dos condicionamentos estruturais mais amplos”,<sup>1142</sup> logo o Brasil vivia uma indefinição entre dois sistemas competitivos, um modelo mais democrático e liberal e um modelo mais autoritário e interventor, tanto na política interna quanto externa, o que permitiu o país, até o “esticar máximo das cordas”, com a entrada dos EUA na guerra e as pressões do evento sob o Brasil, saber extrair proveitos. O que a política externa de Vargas fez, afirma Moura, foi saber explorar “as possibilidades então existentes, dentro de limitações concretas”,<sup>1143</sup> logo uma “autonomia na dependência”.

A análise vai ao encontro das estratégias de Vargas junto aos seus informantes: ele gestou crises e traçou estratégias geopolíticas longe do Itamaraty e de qualquer meio que pudesse fazer vazar e dar publicidade a suas tomadas de decisão. Decidir sobre a política externa longe de seus ministros era, inclusive, uma estratégia para não minar as

---

<sup>1140</sup> MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

<sup>1141</sup> Idem, p.31.

<sup>1142</sup> Idem, p.35.

<sup>1143</sup> Idem, p.97.

possibilidades que este cenário de “indefinição” política o permitia, e isso apenas foi possível graças à aproximação de Getúlio de atores “menos visíveis” que seus ministros. Uma “diplomacia da invisibilidade” o permitiu saber, monitorar e agir em segredo, para que a “neutralidade”, ao menos aparente, o continuasse servindo como estratégia. Vimos isso no caso dos *destroyers*, por exemplo, que não dar publicidade a nada e combinar tudo em segredo com Aranha, distante de Macedo Soares, finalmente fez surtir efeito nas negociações. Não obstante, em tantos outros casos aqui analisados, a mesma estratégia pode ser verificada.

Como explica Clifford Geertz (1989, p.13), "O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu".<sup>1144</sup> Inspirada por essa perspectiva, essa investigação esteve muito mais interessada em compreender como os atores históricos manipularam suas respectivas “teias de significados” que aceitar os “rótulos e títulos” que eles davam a si mesmos como maneira de explicar a realidade histórica, ou seja, considerou-se o uso de termos como “americanófilos” ou “germanófilos” como parte da estratégia do próprio Vargas e de seus contemporâneos, não porque necessariamente se consideravam como tal, afinal, como demonstrei, Vargas tinha suas reservas quanto à Alemanha nazista e Aranha tinha suas reservas quanto à democracia estadunidense, mas porque eles mesmos faziam uso estratégico destes termos.

Investigar a rede de informantes de Getúlio Vargas é, aqui, um exercício de análise das estratégias de cada ator, pessoas de carne e osso que não se adequavam fixamente apenas a esta ou àquela ideologia, mas que sabiam usar de seus paradoxos e nuances. Esse exercício complexifica a análise do processo de formação da política externa, que entendida, muitas vezes, apenas pela dimensão da política de Estado, tem sua dimensão de “política de governo” muito atenuada. Enquanto uma política de governo, a política externa envolve interesses políticos inclusive típicos de sua época, fugindo a balizas e diretrizes atemporais que as prerrogativas de uma política de Estado pressupõe. Afinal, entre 1930 e 1945, as dimensões da política externa de Vargas enquanto uma política de governo foram marcadas muito mais pelo uso político de “rótulos”, como “panamericanismo”, “universalismo”, “americanófilos” ou “germanófilos” que de fato pelo seguimento ideológico de cada um deles pelos atores envolvidos.

---

<sup>1144</sup> GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.p.13

Como escreve Marc Bloch (2001, p.23) sempre de maneira inspiradora: “ser historiador, antes de mais nada, é ser curioso. É sentir, a cada instante, o apetite insaciável de saber mais”.<sup>1145</sup> Acredito que pesquisar as relações políticas entre o poder Executivo e seus informantes na construção do processo de tomada de decisões da política externa do Brasil é também um exercício de curiosidade típica do historiador, como aquele que não se conforma com abordagens esquemáticas para investigar a complexidade da realidade humana. As relações de poder entre o Executivo e seus informantes no processo de construção da política externa brasileira permanece como uma dimensão nova e fértil para vindouras pesquisas.

### Referências

ABREU, Marcelo de Paiva. *A ordem do Progresso: Cem anos de Política Econômica Republicana, 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

ALONSO, Angela Maria. *Ideias em Movimento: A geração 70 na crise do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Na continuidade do Estadismo de Rio Branco. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento Diplomático Brasileiro: formuladores e agentes da política externa*. 3v. Brasília: FUNAG, 2013.

ALVES, Vágner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola. 2002.

ANDERSON, Benedict Richard O.'Gorman. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Editora Companhia das Letras, 2008.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos EUA no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BARRETO, Fernando de Mello. *Os Sucessores do Barão (1912-1964): Relações Exteriores do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

BARONE, João. *O Brasil na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2013.

BEEVOR, Antony. *The Second World War*. Nova York: Little, Brown and Company, 2012.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, v. 200, p. 1, 2001.

---

<sup>1145</sup> BLOCH, Marc. *O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.p.23.

BOYER, Paul. *By the Bomb's Early Light: American Thought and Culture At The Dawn of the Atomic Age, 1945-1950*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1985.

CALLADO, Ana Arruda. *Maria Martins: uma biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

CAMARGO, Aspásia; DE ARAÚJO, João Hermes Pereira; SIMONSEN, Mário Henrique. *Oswaldo Aranha: a estrela da revolução*. São Paulo: Editora Mandarim, 1996.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945*. Segunda República 1930-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARVALHO, Gustavo Eberle de. *O Brasil e a geopolítica da Guerra do Chaco: diplomacia e política na Conferência de Paz de Buenos Aires (1935-1939)*. 2019. 378 f. il. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019, p.60-65.

CASTRO, Donald. The Argentine Revista and the Uruburu Revolution, 1930-1932. *Latin American Theatre Review*, [S.I], v. 31, n. 1, p. 43-58, set. 1997.

CERVO, Amado Luiz. Eixos conceituais da política exterior do Brasil. *Revista Brasileira de Política Internacional* [online]. 1998, v. 41, n. spe. Acessado em 12 Outubro 2022, pp. 66-84. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-73291998000300005>

CERVO, Amado Luiz. Tendências da política exterior do Brasil. In: CERVO, A. L. (Org.). *O desafio internacional: a política exterior do Brasil de 1930 a nossos dias*. Brasília: Editora UnB, 1994.

CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais/Editora da Universidade de Brasília, 2002.

COUTINHO, Lourival. *O General Góes depõe....* Livraria Editora Coelho Branco: Rio de Janeiro.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.p.13.

DANESE, Sérgio. *Diplomacia Presidencial: história e crítica*. Brasília: FUNAG, 2017.

D'ARAUJO, Maria Celina. *O Estado novo*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2000.

DE ABREU, Alzira Alves. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)*. Editora FGV, 2015.

DE OLIVEIRA, Dennison. Dilemas estratégicos do Brasil na Segunda Guerra Mundial. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 26, p. 50-73, 2015.

ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. O Diplomata e a Guerra: Política Externa Brasileira na gestão do Embaixador José de Paula Rodrigues Alves (Buenos Aires-1938-1944). *Cadernos do Tempo Presente*, [S.I.], n.4, jul. 2011.

FAUSTO, Boris. A Vida Política. In: CASTRO GOMES, Angela (coord.). *História do Brasil Nação. Volume 4: Olhando para Dentro (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013.

FAUSTO, Boris. O Estado Novo no contexto internacional. *Repensando o Estado Novo*, p. 17-20, 1999.

FAUSTO, Boris. *Perfis Brasileiros—Getúlio Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. Os anos 1930: as incertezas do regime. *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 3, p. 15-37, 2003.

FERRER, Jorge Luiz Pereira; Zhebit, Alexander, orient. *Análise das políticas externas da Argentina e do Brasil em relação à Alemanha, à Itália e aos Estados Unidos da América durante a segunda guerra mundial (1939-1945)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

FRANCO, Afonso Arinos Melo de. *Um estadista da república (Afrânio de Melo Franco e seu tempo)*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976.

FRANK, Richard B. *Downfall: The End of the Imperial Japanese Empire*. Nova York: Random House, 1999.

GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. Edições Símbolo, 1977.

GARCIA, Eugênio Vargas. *Cronologia das relações internacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

WEINBERG, Gerhard L. *A World at Arms: A Global History of World War II*. Cambridge University Press, 2005.

GOLDWERT, Marvin. *The Argentine Revolution of 1930: the rise of modern militarism and ultra-nationalism in Argentina*. The University of Texas at Austin, 1962.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2019.

HILTON, Stanley. Ação integralista Brasileira: o fascismo no Brasil, 1932-1938. In: *O Brasil e a crise internacional: 1930-1945*. (Cinco estudos). São Paulo: Nova Fronteira, 1983.

HILTON, Stanley. Afrânio de Melo Franco: a consolidação da estratégia de política externa. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento diplomático brasileiro: formuladores e agentes da política externa (1750-1950)*. Brasília: FUNAG, 2013.

HILTON, Stanley. *O Brasil e as Grandes Potências: os aspectos políticos da rivalidade comercial (1930-1939)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

HILTON, Stanley. *Brazil and the Soviet challenge, 1917-1947*. University of Texas Press, 2010.

HOBBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2008.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. Editora Paz e Terra, 2015.

HOBBSWAM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. Editora Companhia das Letras, 1995.

KEYLOR, William R. *Twentieth-century World*. New York: Oxford University Press, 1992.

KOIFMAN, F. O Estado Novo e as restrições à entrada de refugiados: história e construção de memória. *Acervo*, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 71-88, 2017. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/839>. Acesso em: 11 out. 2022, p. 78.

KOIFMAN, Fábio. "O governo Vargas e a política externa brasileira (1930-1945)". In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945*. Segunda República 1930-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

KOIFMAN, Fábio. *Imigrante ideal: o ministério da justiça e o aperfeiçoamento da raça (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

KOIFMAN, Fábio. O Estado Novo e as restrições à entrada de refugiados: história e construção de memória. 2017. *Revista Acervo*. v. 30 n. 2 (jul/dez - 2017)

LAFER, Celso. *Relações internacionais, política externa e diplomacia brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2018.

LINS, Lindercu Francisco Tomé de Souza. *To sell a product or to sell an ideia: A propaganda oficial do Brasil nos Estados Unidos da América (1930-1945)*. 317f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LINS, Lindercy Francisco Tomé de Souza. Notícias de falsos vendavais: o golpe do Estado Novo de 1937 e o discurso de junho de 1940 nos jornais estadunidenses. *História Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 19, n. 2, p. 24-46, mai./ago. 2019.

LIMA, Marcos Felipe Pinheiro. *Do americanismo ao universalismo: as transformações nas relações internacionais do Brasil, de 1902 a 1964*. 2006. 117 p. Dissertação (Mestrado)- Relações Internacionais. Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

LORENZO, Helena Carvalho de. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945. Segunda República 1930-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

MARGALHO, M. G. (2018). O pensamento econômico-social de Valentim Fernandes Bouças: organização político-empresarial, 1930-1940. In: *História e Economia: revista interdisciplinar*. V. 20, N. 1.

MARIANO, M.P. A diplomacia e a continuidade na política externa brasileira. In: *A política externa brasileira e a integração regional: uma análise a partir do Mercosul* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 15-36. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/2f3jk/pdf/mariano-9788568334638.pdf>.

MARTINS FILHO, Enéas. Resenha Biográfica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 279, n.6. abr./jun., 1968. p.47.

MCCANN JUNIOR, Frank D. *A Aliança brasil-estados unidos 1937-1945*. Rio de Janeiro Biblioteca do Exército, 1995.

MENDONÇA, Sônia Regina de. As bases do desenvolvimento capitalista dependente: da industrialização à internacionalização. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

MENDELSKI, Bruno. *A política externa nacionalista do Estado Novo (1937-1945)*. Curitiba: Editora da UFPR, 2012.

MILZA, Pierre. Política Interna e Política Externa. In: RENÉ, Remond. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MORENO, Jean Carlos. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. *Identidades brasileiras*:



composições e recomposições [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, pp. 7-29. Disponível em <https://books.scielo.org/id/h5jt2/pdf/rodrigues-9788579835155-03.pdf>

MOSSE, George L. Two World Wars and the Myth of the War Experience. *Journal of Contemporary History*, v. 21, n. 4, p. 492, 1986. Mulligan, William.

MOURA, Gerson. Neutralidade dependente: o caso do Brasil, 1939-4. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 6, n. 12, 1993.

MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Vol. 20. Editora Nova Fronteira, 1980, p. 177-189.

NAPOLITANO, Marcos. *1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida*. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Jônatan Coutinho da Silva. *Oswaldo Aranha e a Política Externa Brasileira (1938-1944): o chanceler de Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945. Segunda República 1930-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento Diplomático Brasileiro: formuladores e agentes da política externa*. 3v. Brasília: FUNAG, 2013.

PUTNAM, Robert D. Diplomacia e política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis. *Revista de Sociologia e política*, v. 18, p. 147-174, 2010.

RAHMEIER, Andrea Helena Petry. *Diplomacia, jogos políticos, intrigas e guerra: a relação entre Alemanha e Brasil (1937-1942)*. São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2020.

RÉMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1974.

RENOUVIN, Pierre & DUROSELLE, Jean Baptiste. *Uma introdução à História das Relações Internacionais*. São Paulo: Difel, 1974.

RICUPERO, Rubens. *A Diplomacia na Construção do Brasil 1750-2016*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017.

SAES, Flávio Azevedo. *História econômica geral*. São Paulo: Saraiva, 2013.

SARAIVA, José Flávio Sombra. *História das Relações Internacionais Contemporâneas*. São Paulo: Saraiva, 2006.

SARAIVA, José Flávio Sombra. Is it Possible to Establish a Casual Nexus Between Foreign Policy and Political Regime? In: SARAIVA, José Sombra (Ed.) *Foreign and Political Regime*. Brasília: IBRI, 2003.

SEITENFUS, Ricardo Antônio S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: o Processo de Envolvimento Brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985.

SEITENFUS, Ricardo. *Relações Internacionais*. São Paulo: Editora Manole Ltda, 2004.

SILVA, Hélio. *O ciclo de Vargas: 1922, Sangue na areia de Copacabana*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

SETEMY, Adrianna Cristina Lopes. O itamaraty e a institucionalização das políticas de repressão ao comunismo: revisão e novos apontamentos historiográficos. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica* 31.2, 2013.

SNYDER, Richard C.; BRUCK, Henry W.; SAPIN, Burton. Decision-making as an approach to the study of international politics. *Foreign Policy Analysis Series No. 3*, 1954.

SOARES, José Carlos de Macedo. *Le Brésil et la Sociétés des Nations*. Paris: A. Pedone, 1927.

SILVA, Jean Patrício da. *A Paraíba na Era Vargas (1940-1945): Elites Políticas e Reforma do Estado*. Editora Dialética, 2021.

TUCHMAN, Barbara W. *The Guns of August: The Outbreak of World War I*. Ballantine Books, 1995.

VARGAS, Getúlio. *Diário (1930-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 v. 1.

VERGARA, Luiz. *Fui secretário de Getúlio Vargas: memórias dos anos de 1926-1954*. Rio de Janeiro> Editora Globo, 1960.

VIEIRA, Ricardo Zortéa. Rivalidade geopolítica e políticas de desenvolvimento na Era Vargas. *Brazilian Journal of Political Economy*, 40 (4), 2020.pp788-806. p.797.

VISCARDI, Cláudia. *O teatro das oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *A Projeção Internacional do Brasil: 1930-2012*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

WINTER, Jay. *Sites of war, sites of mourning: The Great War in the European Cultural History*. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1995.

## Fontes

*Arquivo Histórico do Itamaraty*

NABUCO, Maurício. [Correspondência]. Destinatário: Hildebrando Accioly. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1933. (H.A. 123-03-02). AHI-RJ.

*Arquivo Público de São Paulo*

CONFERÊNCIA DE DESARMAMENTO. AP TXT MS 157.02.001. Cópia de Telegramas emitidos e recebidos pelo Ministério das Relações Exteriores na Conferência de Desarmamento. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

Cx 07 D. 110. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

Cx 07 D. 102 15702001. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

Cx 07 D. 121 18. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

Cx 7 242. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

OBSERVAÇÕES DE MACEDO SOARES A VARGAS. AP TXT MS 153.01.001. 10 páginas. (Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Macedo Soares).

*CPDOC*

ABREU, Florêncio. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Bruxelas, 4 abr. 1934. Carta comentando a situação política europeia e as deficiências do Serviço de Saúde do Exército, e solicitando, em caso de reajustamento deste serviço, a promoção do Capitão-Médico Alfredo Issler Vieira. Manifesta também o desejo de ser nomeado Diretor do referido serviço. (GV c 1934.04.07/1). (Vol. XIV/66).

ALBERTO, João. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Chicago, 31 mai. 1940. Carta sobre sua viagem à Ilha de Terra Nova, Inglaterra e Estados Unidos, suas observações sobre a indústria de celulose e as possibilidades do Brasil nesse setor. Sugere medidas econômicas mais enérgicas diante das reformulações que a guerra virá impor na ordem política internacional, dividida em dois grandes blocos. (GV c 1940.05.31/1). (Vol. XXXIII/88).

ALVES, José de Paula Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 3 ago. 1940. Cartas sobre o estado de saúde do presidente Ortiz, as tendências nazistas na Argentina; informando sobre os resultados da viagem da comissão de industriais brasileiros a esse país e as possibilidades de comércio entre os dois países. Informa também sobre o debate gerado em torno do escândalo relativo à compra de terras em "El Palomar". (GV c 1940.08.03). (Vol. XXXIV/21 e 25).

ALVES, José de Paula Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 7 jan. 1941. Cartas informando sobre as eleições provinciais na Argentina e que nenhum partido conseguiu maioria provocando a saída de ministros. Informa também sobre suas palestras com o presidente Ortiz, com o Chanceler Roca e com o Almirante Scasso sobre bases navais, relações com os demais países da América Latina, envolvimento do Exército na crise política e as articulações visando um golpe de Estado. (GV c 1941.01.07). (Vol. XXXV/4 e 11).

ALVES, José de Paulo Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 8 mai. 1940. Carta relatando sua palestra com o presidente Ortiz, da Argentina, na qual tratou de problemas políticos deste país, do intercâmbio comercial com o Brasil e da política externa do continente. (GV c 1940.05.08/2). (Vol. XXXIII/78).

ALVES, José de Paulo Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 22 jun. 1940. Carta analisando as dificuldades econômicas da Argentina agravadas com a guerra; as iniciativas para resolver a superprodução de milho e o desemprego, e as providências planejadas para a indústria bélica visando a defesa nacional. Informa também sobre tendências germanistas no Exército argentino e a repercussão no discurso de Vargas nesse país. (GV c 1940.06.22/1). (Vol. XXXIII/101).

ALVES, Rodrigo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 5 jan. 1943. Cartas relatando os problemas, na Argentina, para o rompimento com o Eixo; a morte do Gal. Justo e os entendimentos para a sucessão presidencial naquele país. Informa também sobre as repercussões da ruptura do Chile com o Eixo e as relações da Argentina com este país. (GV c 1943.01.05). (Vol. XL/2 e 12).

ALVES, Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 26 fev. 1942. Carta de Rodrigues Alves a Getúlio Vargas informando sobre: eleições legislativas na Argentina e interesse do Governo em fazer a maioria dos parlamentares; recomposição ministerial e sucessão presidencial neste país; atitudes da Argentina na Reunião de Chanceleres e sua política de aproximação com o Chile e os Estados Unidos; opiniões de políticos chilenos acerca das posições argentinas e influência alemã neste país. (GV c 1942.02.26). (Vol. XXXVII/43).

ARAGÃO, Silva Muniz; LIMA, José Joaquim de. [Telegrama] Destinatário: Getúlio Vargas. Londres, 27 mai. 1941. Telegrama sobre a batalha de Creta, informando que o Gal. Franco foi encarregado por Hitler para entrar em contato com a América do Sul tentando evitar a participação americana na guerra, e comunicando a atuação de agentes alemães no continente. (GV c 1941.05.27/1). (Vol. XXXV/64).

ARANHA, Oswaldo Euclides de Sousa. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 17 out. 1930. Informando sobre providências para aquisição e fabricação de armamentos, e sobre o andamento da revolução em Santa Catarina. (GV c 1930.10.17/4). CPDOC-FGV.

ARANHA, Oswaldo Euclides de Sousa. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 17 out. 1930. Informando sobre providências para aquisição e fabricação de armamentos, e sobre o andamento da revolução em Santa Catarina. (GV c 1930.10.17/4) CPDOC-FGV.

ARANHA, Oswaldo Euclides de Sousa. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 19 out. 1930. (GV c 1930.10.19/2). CPDOC-FGV.

ARANHA, Oswaldo Euclides de Sousa. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 22 out. 1930. GV c 1930.10.22/4. Informando sobre a organização das tropas revolucionárias no Rio Grande do Sul e sobre compra de material bélico na Argentina. (GV c 1930.10.22/4). CPDOC-FGV.

ARANHA, Oswaldo Euclides de Souza. [Telegrama]. Destinatário: Cristiano Machado. 22 out. 1930. (GV c 1930.10.22/1). CPDOC-FGV.

ARANHA, Oswaldo Euclides de Souza. [Telegrama]. Destinatário: Olegário Maciel. 25 out. 1930. Instruções relativas à continuidade do movimento revolucionário caso a Junta Governativa não aceite imposições feitas. (GV c 1930.10.25/1). CPDOC-FGV.

ARANHA, Oswaldo Euclides de Souza. [Telegrama]. Destinatário: Secretário do Interior da Paraíba. 17 out. 1930. Recomendando o aprisionamento de vapor, vindo da Europa, com armamento, e informando sobre o andamento da revolução. (GV c 1930.10.17/5). CPDOC-FGV.

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Ciro de Freitas Vale. Rio de Janeiro, 5 jan. 1940. Carta indagando sobre sua posição crítica em relação à entrada de judeus no Brasil e expondo todas as normas e medidas limitativas do Itamarati na seleção desses imigrantes. (GV c 1940.01.05/1). (Vol. XXXIII/4).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Washington, 25 set. 1934. Carta enviando impressões sobre Washington; relatando seus contatos com autoridades americanas e o início dos trabalhos na embaixada; e informando sobre a atuação irresponsável do Embaixador que o antecedeu, em relação ao tratado comercial Brasileiro-EEUU. (GV c 1934.09.25). (Vol. XVI/23), p.1.

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Washington, 24 jun. 1936. Carta sobre a campanha Presidencial nos Estados Unidos, relatando particularmente, a convenção do Partido Republicano em Cleveland, e a conferência Interamericana da Paz, em Buenos Aires. (GV c 1936.06.24). (Vol. XXII/73).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, mai. 1934. Carta sobre a situação mundial do comércio, expondo sobre as dificuldades e entraves para exportação brasileira e propondo a criação de um órgão, como solução para o problema. (GV c 1934.05.00/2). (Vol. XV/47).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 5 set. 1934. Carta comunicando que, apesar dos esforços empreendidos, não conseguiu audiência com Mussolini, e criticando a atuação do Embaixador brasileiro na Itália. A bordo do "Rex". (GV c 1934.09.05). (Vol. XVI/7), p.1.

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 18 dez. 1934. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre a política de compensações no comércio exterior e envio de charutos dos Estados Unidos. (Vol. XVI/75).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 8 jan. 1935. Correspondência sobre tratado comercial entre o Brasil e os Estados Unidos, abordando a questão dos atrasados comerciais e dos acordos com a Alemanha e a Itália, informando sobre a assinatura do acordo, em Washington. (GV c 1935.01.08). (Vol. XVII/5, 20 e 21), p.6.

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 18 jan. 1935. Carta sobre a gravidade da situação do Chaco e os entendimentos com os Estados Unidos para fabricação de armamentos. (GV c 1935.01.18). (Vol. XVII/11).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Baltimore, 27 fev. 1935. Carta comentando os resultados da Missão Sousa Costa nos Estados Unidos, criticando a ida da missão a países como Alemanha e Espanha e informando sobre a futura organização da seção comercial da Embaixada brasileira em Washington. (GV c 1935.02.27). (Vol. XVII/41).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 6 mar. 1935. Carta defendendo uma maior aproximação econômica, política e militar entre o Brasil e os Estados Unidos, face a atual situação internacional. (GV c 1935.03.06/1). (Vol. XVII/52).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 6 mar. 1935. Carta sobre o pagamento da dívida com os Estados Unidos através da emissão de títulos correspondentes; necessidade de elaboração de um plano de consolidação e unificação da dívida nacional; e informando sobre o banquete oferecido pelos médicos a sua pessoa, em homenagem ao Presidente do Brasil, em retribuição a acolhida ao futuro Congresso no Rio de Janeiro da "*Pan American Medical Association*". (GV c 1935.03.06/2). (Vol. XVII/53).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 20 mar. 1935. Carta informando que Sousa Costa ainda não enviou os dados sobre a nova política cambial, de acordo com o que foi combinado em Washington e sobre o novo decreto que distribui as verbas do pessoal diplomático. (GV c 1935.03.20). (Vol. XVII/70).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 25 mar. 1935. Carta sobre a compra da sede da Embaixada brasileira nos Estados Unidos, a instalação da chancelaria em Washington e enviando artigo de Horace B. Davis, publicado pela "*Foreign Police Association*" criticando a Revolução de 1930 e o governo brasileiro. (GV c 1935.03.25). (Vol. XVII/76).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 9 abr. 1935. Carta informando que o Governo americano concordou com o pagamento gradual das dívidas atrasadas e que aguarda os dados sobre o acordo com a Inglaterra; solicitando maior atenção do Governo brasileiro para com os representantes das Agências de Imprensa estrangeiras, a fim de assegurar uma melhor propaganda do país no exterior; e sobre a posição do Brasil em relação à questão do Chaco. (GV c 1935.04.09/1). (Vol. XVIII/18).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 9 abr. 1935. Carta informando que o Governo americano concordou com o pagamento gradual das dívidas atrasadas e que aguarda os dados sobre o acordo com a Inglaterra; solicitando maior atenção do Governo brasileiro para com os representantes das Agências de Imprensa estrangeiras, a fim de assegurar uma melhor propaganda do país no exterior; e sobre a posição do Brasil em relação à questão do Chaco. (GV c 1935.04.09/1). (Vol. XVIII/18).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, Petrópolis, 17 abr. 1935. Correspondência entre Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas sobre a posição do Brasil na Questão do Chaco. (GV c 1935.04.17). (Vol. XVIII/34, 35a, 35b, 38a, 38b, 38c, 46a, 46b, 47a, 47b, 47c, 50a, 50b, 50c, 53a, 53b).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 9 jul. 1935. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando o êxito de sua viagem ao Prata e criticando a atuação de Macedo Soares em relação ao Tratado Comercial com os Estados Unidos. (GV c 1935.07.09). (Vol. XIX/5).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 2 jun. 1935. Correspondência sobre a participação do Brasil nas negociações par a pacificação do Chaco (GV c 1935.06.02). (Vol. XVIII/67, 73, 74, 76a, 76b, 78, 79).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 jul. 1935. Carta sugerindo remanejamento do Pessoal da Embaixada. (GV c 1935.07.10). (Vol. XIX/6).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 8 out. 1935. Carta encaminhando cópia de carta escrita a Góes Monteiro a respeito da instalação de fábricas estatais de material bélico no Brasil. Em anexo, comentários de Pantaleão Pessoa sobre o pensamento de Oswaldo Aranha a respeito do assunto. (GV c 1935.10.08/1). (Vol. XIX/62 e 8)

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 15 out. 1935. Carta comentando a posição dos Estados Unidos em relação a situação mundial e sobre a vitória das "liberais" nas eleições. (GV c 1935.10.15).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 11 nov. 1935. Carta comentando a chegada de Alzira Vargas aos Estados Unidos, enfatizando a importância da cooperação feminina na vida pública de uma nação e criticando a declaração de neutralidade do Brasil, em relação a guerra Ítalo-Etíope. (GV c 1935.11.11). (Vol. XX/10).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 25 nov. 1935. Carta relatando o comportamento de Flores da Cunha face aos últimos acontecimentos políticos, a conspiração comunista em Recife e Natal e comentando o tom inoportuno da nota do Itamarati à liga das Nações e informando sobre o plano de reorganização da Marinha. Em anexo, resposta de Oswaldo Aranha se prontificando à escrever a Flores da Cunha sobre a necessidade de apoiar o Governo face as ameaças extremistas. (GV c 1935.11.25) (Vol. XX/32 e 38).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 3 dez. 1935. Carta informando sobre as repercussões do movimento comunista na Argentina e nos Estados Unidos, a situação política europeia e as perspectivas de reeleição de Franklin Roosevelt. (GV c 1935.12.03/1). (Vol. XX/47).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 18 dez. 1935. Carta solicitando dados e publicações sobre o Brasil para divulgação nos Estados Unidos. (GV c 1935.12.18/2). (Vol. XX/65).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington GV c 1936.01.07. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando seu encontro com elementos da imprensa americana e tratando da questão naval e dos congelados comerciais. Washington (Vol. XXI/7).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 18 fev. 1936. Cartas criticando a atitude do Ministro das Relações Exteriores, Macedo Soares, e do Embaixador dos Estados Unidos, Hugh Gibson, no caso da aquisição dos cruzadores americanos para renovação da esquadra brasileira. (GV c 1936.02.18). (Vol. XXI/55 e 56).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 6 mar. 1936. Carta comentando os efeitos positivos dos contatos de Valentim Bouça com os meios comerciais e oficiais dos Estados Unidos e a importância da ida de uma missão americana, apoiada pelo Departamento do Estado do Brasil. Refere-se também à solução favorável ao caso dos congelados. (GV c 1936.03.06/3). (Vol. XXI/63).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Petrópolis, 27 fev. 1936. Carta reafirmando sua autoridade para tratar, nos Estados Unidos, da questão da renovação de esquadra e informando sobre entendimentos na França para assinatura de um acordo adicional ao tratado comercial com este país. (GV c 1936.02.27). (Vol. XXI/60).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 mar. 1936. Carta enviando discurso proferido na Câmara de Comércio, informando sobre futuros contatos com a Colômbia e Argentina para tratar de assuntos relacionados à defesa do café e do mate e sobre a necessidade de uma reforma no corpo diplomático brasileiro. (GV c 1936.03.10/4). (Vol. XXI/68).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 15 abr. 1936. Carta sobre a situação política do Brasil, a compra dos navios americanos e a conferência do Pacto de Segurança, em Buenos Aires. (GV c 1936.04.15/1). (Vol. XXII/21).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 30 mar. 1936. Carta comentando a chegada de Darci Vargas aos Estados Unidos, a conferência do Pacto Interamericano de Segurança Coletiva em Buenos Aires e o movimento nos estados do Norte, em torno do seu nome para Sucessão Presidencial. Informa ainda a respeito do escritório comercial em Nova York e compra de navios aos Estados Unidos. (GV c 1936.03.30). (Vol. XXI/82).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 15 mai. 1936. Carta informando sobre o trabalho desenvolvido pelos comunistas americanos contra o Governo brasileiro, alertando contra os perigos da política colonial alemã e italiana, e comunicando que está elaborando, junto com o Governo americano, uma



solução para os problemas da navegação em geral, inclusive o caso de Lloyd. (GV c 1936.05.12/2). (Vol. XXII/43).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque. Jun. 1936. Carta encaminhando carta de Sumner Wells sobre a compra dos cruzadores americanos pelo Governo brasileiro. (GV c 1936.06.00/2). (Vol. XXII/69).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 29 jul. 1936. Carta encaminhando documento político e pedindo esclarecimentos sobre o mesmo. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas esclarecendo sobre a atitude enérgica do governo face a infiltração comunista e a sucessão presidencial. (GV c 1936.07.29/3). (Vol. XXIII/37 e 45).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 8 jul. 1936. Carta justificando o fracasso das negociações para compra dos cruzadores americanos e enviando carta do Presidente Roosevelt sobre o assunto. Em Anexo, resposta de Getúlio Vargas a Franklin Roosevelt comunicando que aguarda a contraproposta do Governo dos Estados Unidos em relação à aquisição de navios americanos pelo Brasil. (GV c 1936.07.08/4). (Vol. XXIII/18, 11 e 43).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 19 jul. 1936. Correspondência entre Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas sobre a colaboração americana ao Programa Naval Brasileiro e confirmando a possibilidade de arrendamento, por seis meses, de destroyers ao Brasil. (GV c 1936.07.19). (Vol. XXIII/27, 29a, 29b, 30, 32a, 32b, 38).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 ago. 1936. Correspondência expondo a situação da Embaixada em relação ao Governo americano face às constantes indiscrições do Itamarati, e tratando, particularmente, da atitude do Ministro das Relações Exteriores no caso do Projeto de "Pacto de Segurança Coletiva" a ser apresentado na conferência de Buenos Aires. (GV c 1936.08.10). (Vol. XXIII/46c e 48).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 12 set. 1936. Carta sobre os resultados da visita de Marques dos Reis aos Estados Unidos, como representante do Brasil na Conferência Mundial de Energia, informando sobre os contatos realizados com os embaixadores da Argentina e do México e a respeito do Pacto de Segurança Coletiva e solicitando apoio para o professor Rodolfo von Ihering, chefe de "Comissão de Piscicultura do Nordeste", possa concluir alguns trabalhos nos Estados Unidos. (GV c 1936.09.12). (Vol. XXIII/67).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 13 out. 1936. Carta informando sobre o andamento das negociações relativas ao arrendamento dos destroyers ao Brasil, comentando a estadia de Marques dos Reis nos Estados Unidos e comunicando a passagem pelo Brasil, com destino a Buenos Aires, dos embaixadores da Argentina e do México nos Estados Unidos. (GV c 1936.10.13).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 2 dez. 1936. Correspondência sobre a inauguração da Conferência do Pacto Interamericano de Segurança Coletiva, em Buenos Aires abordando os seguintes pontos: discurso do

Presidente Justo criticando a idéia do Pacto Continental; notícias sobre os debates travados em torno dos projetos para manutenção da paz e sobre a neutralidade; e dificuldades criadas pelo Ministro das Relações Exteriores da Argentina, Saavedra Lamas, para concretização dos objetivos da Conferência. Inclui ainda referência ao caso do Chaco. (GV c 1936.12.02/2).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 11 dez. 1936. Carta comunicando os seus planos de volta da Argentina pelo Rio Grande do Sul, solicitando instruções para possível encontro com Flores da Cunha e informando sobre o andamento dos trabalhos na Conferência de Buenos Aires, a atitude hostil de Saavedra Lamas e os resultados obtidos pelo Brasil, com a assinatura dos Pactos de Segurança Coletiva e de neutralidade. (GV c 1936.12.11).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 19 dez. 1936. Correspondência sobre articulações entre Flores da Cunha e o PRP visando a sucessão Presidencial. Inclui informações sobre o encontro de Armando Sales com Getúlio Vargas onde o primeiro assegurou sua lealdade ao Governo Federal; o encontro de Oswaldo Aranha com Darcy Azambuja onde foram discutidos os contatos de Flores da Cunha com Euclides Figueiredo e Eduardo Gomes; e "démarches" para encontro entre Flores e Aranha. Inclui ainda referência sobre a Conferência do Pacto de Segurança Coletiva, em Buenos Aires. (GV c 1936.12.19).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 26 mai. 1937. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas parabenizando-o pela escolha de José Américo de Almeida para sucessão presidencial. (GV c 1937.05.26/2).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. São Paulo, Porto Alegre, 1 fev. 1937. Correspondência sobre articulações para a sucessão presidencial em torno dos nomes de Armando de Sales, Oswaldo Aranha, José Américo de Almeida de Carneiro de Mendonça, abordando os seguintes pontos: apoio de Flores da Cunha à Armando Sales, condicionado a aprovação desta pelo PRP; apoio de Juraci Magalhães à candidatura de José Américo; críticas de Carlos de Lima aos métodos adotados no processo sucessório e disposição de apoiar candidato aprovado por Getúlio Vargas; solidariedade da FUG ao Governo Federal e notícias sobre um pacto defensivo estabelecido entre Flores da Cunha, Juraci Magalhães e Armando de Sales contra possíveis intervenções do Governo Federal. (GV c 1937.02.01/1). (Vol. XXV/23c, 24, 25b, 26, 32, 33, 34, 38b, 41a, 42, 43a, 43b, 44a, 44b, 45a, 45c, 46).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 9 set. 1937. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas solicitando a presença em Washington, de um funcionário experiente que possa dividir com a embaixada as tarefas e responsabilidades exigidas pelo embaixador. (GV c 1937.09.09).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 1 mar. 1937. Carta informando sobre os resultados do seu trabalho junto a Flores da Cunha, criticando a atitude confusa e prejudicial do Ministro da Justiça, Agamenon Magalhães e aconselhando-o a solucionar a questão sucessória a curto prazo. (GV c 1937.03.01/1).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Abr. 1937. transmitindo suas impressões sobre a conversa com Plínio Salgado. (GV c 1937.04.00/3).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 27 out. 1937. Carta relatando sua luta com a imprensa americana no sentido de mudar a imagem do Brasil nos EUA e manifestando sua surpresa face a intervenção federal no Rio Grande do Sul. (GV c 1937.10.27/1).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 21 abr. 1937. Carta de Oswaldo Aranha relatando sua passagem pela Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará e informando sobre seu primeiro reencontro com o Presidente Roosevelt. (GV c 1937.04.21/3). (Vol. XXV/89).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 2 jun. 1937. Carta comunicando convite do secretário de Estado americano para uma visita oficial aos EUA; pedindo que o demita previamente caso o novo Ministro do Exterior seja seu adversário político e opinando sobre o discurso de José Américo. (GV c 1937.06.02/1).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 21 abr. 1937. Carta relatando sua passagem pela Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará e informando sobre seu primeiro reencontro com o Presidente Roosevelt. (GV c 1937.04.21/3).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 3 mai. 1937. Carta criticando a atuação da censura brasileira sobre os correspondentes da imprensa americana e informando sobre o caso dos destroyers e o descontentamento do Governo americano em relação ao comércio Brasil-Alemanha. (GV c 1937.05.03/2).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 4 jun. 1937. Carta analisando as consequências, para Europa e para o mundo, da guerra da Espanha; atentando para a corrida armamentista da Argentina e a necessidade do Brasil investir na defesa nacional. Informa também sobre: a reação do Governo americano em relação à prorrogação do acordo Brasil-Alemanha e à situação do café brasileiro no mercado brasileiro no mercado internacional. (GV c 1937.06.04/1).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 19 mai. 1937. Carta insistindo sobre a necessidade de se realizar um trabalho de propaganda no exterior e comentando a respeito da influência comunista na atual sociedade americana. (GV c 1937.05.19).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 29 jun. 1937. Carta elogiando a atuação do Ministro da Fazenda, Sousa Costa, nos EUA e explicando sua posição em relação à candidatura José Américo e ao futuro Governo. (GV c 1937.06.29/2). (Vol. XXVI/73).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 9 ago. 1937. Carta comentando os efeitos positivos da "Missão Sousa Costa", defendendo a necessidade de recuperar o mercado mundial do café e informando sobre a publicidade americana em relação ao caso dos destroyers. (GV c 1937.08.09/1). (Vol. XXVII/2).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 31 ago. 1937. Carta relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. (GV c 1937.08.31/2). (Vol. XXVII/24).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 24 set. 1934. Carta sobre a gravidade de situação política nos Estados Unidos e as possíveis repercussões desta situação na questão do arrendamento dos destroyers ao Brasil. (GV c 1937.09.24). (Vol. XXVII/39).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 24 nov. 1937. Carta manifestando sua opinião a propósito de importância do Brasil na política a ser desenvolvida por Franklin Roosevelt de reconquista da opinião pública americana e criticando a nova Constituição brasileira. (GV c 1937.11.24/3). (Vol. XXVIII/53).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 6, nov. 1937. Carta relatando as repercussões positivas do seu discurso em Cleveland, solicitando notícias a respeito da política brasileira e informando sobre a propaganda comunista contra o Brasil nos EUA. (GV c 1937.11.06). (Vol. XXVIII/8).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 24 nov. 1937. Carta manifestando sua opinião a propósito de importância do Brasil na política a ser desenvolvida por Franklin Roosevelt de reconquista da opinião pública americana e criticando a nova Constituição brasileira. (GV c 1937.11.24/3). (Vol. XXVIII/53).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 29 mar. 1938. Carta sobre a visita de José Maria Cantilo, Ministro do Exterior da Argentina, enviando telegrama deste e resumo de sua conversa com o embaixador alemão sobre as atitudes do governo brasileiro para com a colônia alemã. (GV c 1938.03.29/2). (Vol. XXIX/41 e 41a).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 20 mar. 1940. Carta informando serem boas as impressões causadas pelo Governo, enviando telegrama de P. Leão Veloso sobre a missão de Summer Welles na Europa, analisando a correlação de forças nesse continente e o provável fracasso da tentativa de pacificação. (GV c 1940.03.20). (Vol. XXXIII/57 e 55b).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 11 abr. 1940. Carta protestando contra o ataque de cidades indefesas da Europa e enviando sugestões para o posicionamento do Brasil diante desses fatos. (GV c 1940.04.11). (Vol. XXXIII/72).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Summer Welles. Rio de Janeiro, mar. 1938. Carta comunicando sua substituição por Pimentel Brandão na Embaixada em Washington, sua ida para a pasta das Relações Exteriores e comentando a natureza política e a aceitação pública do Estado Novo. (GV c 1938.03.00/2). (Vol. XXIX/32).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Correspondência: Getúlio Vargas. Washington, 10 fev. 1936. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas solicitando informações a fim de tomar providências contra o "New York Times", cujo correspondente em Buenos Aires tem criticado violentamente o Governo do Brasil e de outros países da América do Sul. (GV c 1936.02.10/2). (Vol. XXI/48).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 14 jan. 1936. Telegrama informando que o Departamento de Estado prefere tratar da questão naval com a Embaixada brasileira em Washington. (GV c 1936.01.14). (Vol. XXI/16).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 4 mai. 1937. Telegrama solicitando autorização para ida do adido naval brasileiro ao Rio de Janeiro, a fim de concluir as negociações para o arrendamento dos destroyers americanos. (GV c 1937.05.04).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 20 jul. 1935. Telegrama transmitindo sugestão de Franklin Roosevelt para realização de uma conferência interamericana, a fim de revisar os acordos de paz existentes entre os países. Em Anexo, resposta de Getúlio Vargas acatando a sugestão e propondo a formação de um bloco continental para defesa da paz e solução dos problemas internos do continente. (GV c 1935.07.20). (Vol. XIX/11 e 13).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 jan. 1936. Telegrama comunicando que a questão naval está sendo encaminhada de maneira favorável ao Brasil e que as informações sobre uma nova proposta são falsas. (GV c 1936.01.10). (Vol. XXI/11).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 27 jan. 1936. Telegrama informando que o Governo americano aceitou a proposta brasileira de aquisição de um cruzador. (GV c 1936.01.27/2). (Vol. XXI/27).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 13 fev. 1936. Telegrama criticando a falta de exatidão e de discricão em relação ao que se publica no Brasil sobre a questão naval (?). (GV c 1936.02.13). (Vol. XXI/50).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 6 mar. 1936. Telegramas sobre o tratado comercial entre os Estados Unidos e a França e sugerindo troca de notas entre os Governo brasileiro e americano a respeito da adoção da cláusula da nação mais favorecida, constante do Tratado de 1934 entre o Brasil e os Estados Unidos. (GV c 1936.03.06/2). (Vol. 62 e 78).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 24 ago. 1936. Telegrama defendendo o texto do projeto do "Pacto de Segurança Coletiva" aceito pelo Governo Americano. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas. (GV c 1936.08.24). (Vol. XXIII/55a e 55b).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 set. 1937. Telegrama prevenindo contra as tentativas do Governo de São Paulo obter empréstimo em Londres para financiar a candidatura Armando de Sales. (GV c 1937.09.10).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Pimentel Brandão. Washington, 12 nov. 1937. Telegrama comunicando seu esforço no sentido de atenuar os efeitos do golpe de Estado nos EUA e afirmando que sua permanência na embaixada é prejudicial ao Brasil. (GV c 1937.11.12/4). (Vol. XXVIII/31).

ARANHA, Oswaldo. Destinatário: Sousa Costa, Luís Aranha. Rio de Janeiro, Washington, 16 nov. 1937. Palestra telefônica entre Sousa Costa, Luís Aranha e Oswaldo Aranha sobre os motivos do Golpe de Estado. (GV c 1937.11.16/3). (Vol. XXVIII/39).

BARBOSA, Renato Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Santiago, 1 set. 1941. Carta narrando as impressões colhidas durante sua viagem ao Chile, Uruguai e Argentina em torno das relações destes países com o Brasil, as opiniões em relação ao Governo brasileiro e a rivalidade entre Chile e Argentina. (GV c 1941.09.01). (Vol. XXXVI/18).

BERNARDES, Arthur da Silva. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Dornelles Vargas. 26 jun. 1931. (GV c 1931.06.26). CPDOC-FGV.

BERNARDES, Artur; LUSARDO, Batista; PILA, Raul. [Telegrafo]. 15 mar. 1932. Tratando do acordo entre os partidos políticos do Rio Grande do Sul e o Governo Provisório. (GV c 1932.03.15/1). CPDOC-FGV.

BOPP, Raul. [Correspondência]. Destinatário: Adolfo Alencastro Guimarães. Yokohama, 1935/1938. Carta descrevendo o Japão de forma elogiosa e criticando a conduta discriminatória contra os japoneses, existente hoje no Brasil. (LV c 1935/1938.00.00/2).

BOPP, Raul. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara e José de Queirós. 1937. Carta

BOPP, Raul. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Los Angeles, 1 fev. 1943. Carta pedindo para submeter a Getúlio Vargas as linhas gerais de um grande plano de industrialização para a América Latina a ser implementado no pós-guerra. Em anexo, cópia de carta enviada a Oswaldo Aranha sobre o mesmo assunto, mapa de estradas ligando futura capital da República (prevista no plano) às principais cidades do país e carta de Walt Disney Productions comunicando que o "script" enviado não se enquadram dentro das prioridades do momento. (LV c 1943.02.01).

BOPP, Raul. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Yokohama, 12 mar. 1938. Carta solicitando sua intervenção no sentido de evitar a transferência de Jobim para o consulado de Yokohama. (LV c 1938.03.12).

BOPP, Raul. [Correspondência]. Sidney, 1935/1938. Carta informando sobre as possibilidades de colocação dos produtos brasileiros nos mercados da Austrália e Nova Zelândia. Analisa particularmente a situação do café. (LV c 1935/1938.00.00/1).

BOTELHO, Otávio de Abreu. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 1 set. 1942. Carta sobre a situação político-militar na Argentina e o intercâmbio comercial deste país com a Inglaterra. (GV c 1942.09.01). (Vol. XXXVIII/32).

BOUÇAS, Valentim Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 8 mar. 1933. Carta sugerindo o adiamento das eleições e a manutenção da ditadura como melhor medida para solucionar os problemas econômicos do país. (GV c 1933.03.08/1). (Vol. X/62).

BRANDÃO Otávio. *Na União Soviética*. Moscou. 1931. (GV c 1931.09.12). CPDOC-FGV. Manifesto comparando a realidade sociopolítico-econômica e religiosa soviética com a latino-americana e brasileira, e concitando os operários e camponeses a lutarem contra o imperialismo. Moscou.

BRANDÃO, Mário Pimentel. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 28 out. 1938. Carta sobre o problema internacional do petróleo, exploração de ferro no Brasil e o interesse da Inglaterra e USA no petróleo boliviano. (GV c 1938.10.28/3). (Vol. XXX/54).

BRANDÃO, Mário Pimentel. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Bruxelas, 1 mai. 1940. Carta enviando nota sobre o livro "*L'Apocalypse de notre Temps*" de Henri Rollins, comentando a nomeação do novo embaixador belga e o tratado de comércio entre Bélgica e Brasil. (GV c 1940.05.01). (Vol. XXXIII/75).

BRANDÃO, Mário Pimentel. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Bruxelas, 6 mar. 1940. Carta sobre debates políticos no congresso da Bélgica, repercussão do livro de Ramon Carcano nesse país e enviando recortes de jornais tratando da discussão do projeto sobre a defesa das instituições. (GV c 1940.03.06). (Vol. XXXIII/48).

BRANDÃO, Mário Pimentel. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Bruxelas, 6 mar. 1940. Carta sobre debates políticos no congresso da Bélgica, repercussão do livro de Ramon Carcano nesse país e enviando recortes de jornais tratando da discussão do projeto sobre a defesa das instituições. (GV c 1940.03.06). (Vol. XXXIII/48).

BRASIL, Assis. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 19 mar. 1932. (GV c 1932.03.19/5). CPDOC-FGV.

BRASIL. [Correspondência]. Destinatário: Félix de Barros Cavalcanti de Lacerda. Viena, 1 mai. 1934. Ofício tratando da reunião extraordinária do Parlamento Austríaco a fim de aprovar e promulgar a nova Constituição, sobre a qual expõe as principais inovações apresentadas. Viena. (GV c 1934.05.01/1).

BUENO, Lucilo Antônio da Cunha. [Telegrama]. Destinatário: Afrânio de Melo Franco. Montevideu, 22 nov. 1933. Telegrama de Lucilo Antônio da Cunha Bueno a Afrânio de Melo Franco Filho informando sobre novo movimento de exilados, com sede em Rivera. (GV c 1933.11.22/1). (Vol. XIII/22). FGV-CPDOC.

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 19 jun. 1937. informando sobre a repressão ao contrabando na fronteira com o Uruguai e a atuação dos comunistas neste país e solicitando providências urgentes no sentido de salvar as relações comerciais entre os dois países (Brasil -Uruguai). (GV c 1937.06.19).

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 28 jan. 1933. Carta de Câmara Canto a Getúlio Vargas sobre e a adesão de Assis Brasil à Frente Única Gaúcha e comportamento desleal do corpo consular brasileiro. Montevideu. (GV c 1933.01.28/1). CPDOC-FGV.

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 28 abr. 1937. Carta comunicando a presença, em Montevidéu de um emissário de Flores da Cunha, para entender-se com o Embaixador Lucílio Bueno. (GV c 1937.04.28/3).

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 12 nov. 1932. Relatando as articulações de políticos gaúchos na Região do Prata e manifestando-se favorável à deportação de Borges de Medeiros. Montevidéu. (GV c 1932.11.12). FGV-CPDOC.

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 19 jan. 1933. Carta transmitindo depoimento de Mário Cabral sobre a atitude de elementos da alta hierarquia do exército durante a revolução paulista e informando sobre a conspiração dos exilados. (GV c 1933.01.19). FGV-CPDOC.

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 28 jan. 1933. Sobre e a adesão de Assis Brasil à Frente Única Gaúcha e comportamento desleal do corpo consular brasileiro. Montevidéu. (GV c 1933.01.28/1). FGV-CPDOC.

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 10 nov. 1937. Carta informando sobre a vida e as amizades de Flores da Cunha em Montevidéu. (GV c 1937.11.10/1). (Vol. XXVIII/20).

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 17 nov. 1937. Carta enviando recortes de jornais de Montevidéu criticando o governo brasileiro e informando sobre atitude suspeita do embaixador Lucílio Bueno. (GV c 1937.11.17/1). (Vol. XXVIII/40).

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 20 nov. 1937. Carta informando sobre Flores da Cunha e enviando recortes de jornal criticando o governo brasileiro. (GV c 1937.11.20/2). (Vol. XXVIII/47).

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 17 nov. 1937. Carta enviando recortes de jornais de Montevidéu criticando o governo brasileiro e informando sobre atitude suspeita do embaixador Lucílio Bueno. (GV c 1937.11.17/1). (Vol. XXVIII/40).

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 27 nov. 1937. Carta de Câmara Canto a Getúlio Vargas informando sobre a reação de Flores da Cunha à nomeação de Batista Luzardo para embaixador no Uruguai. (GV c 1937.11.27/4). (Vol. XXVIII/63).

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 1 dez. 1937. Cartas sobre a substituição do embaixador brasileiro em Montevidéu. Inclui referências sobre as atividades de Flores da Cunha no Uruguai, a atitude provocadora de Lucílio Bueno, face à sua transferência para Lima e a chegada em Montevidéu de Batista Luzardo, nomeado novo embaixador. (GV c 1937.12.01). (Vol. XXVIII/71. 74, 81, 85).

CANTO, Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 21 dez. 1942. Carta sobre eleição presidencial na Argentina, imposto do mate, comércio de café e atividades dos exilados brasileiros no Uruguai. Informa também sobre política neste



país e sugere que Getúlio Vargas não faça a viagem programada à livramento. (GV c 1942.12.21). (Vol. XXXIX/50).

CANTO, Câmara. [Correspondência]; Destinatário: Getúlio Vargas. 27 mai. 1937. Cartas de Câmara Canto a Getúlio Vargas informando sobre a propaganda do governo gaúcho pela imprensa uruguaia e a importação de armas, para o Rio Grande do Sul, pelo Paraguai. (GV c 1937.05.27/2).

CANTO, José Bernardino da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideú, 1 jul. 1939. Carta sobre as atividades dos exilados políticos no Uruguai, a palestra de Rodrigues Fabregat na inauguração do Clube Brasileiro do qual Batista Luzardo é diretor e informando que a Câmara do Comércio Uruguai-Brasil está se tornando ponto de encontro de comunistas. (GV c 1939.07.01/1). (Vol. XXXII/1).

CANTO, José Bernardino da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideú, 30 abr. 1938. Carta informando sobre o estado de saúde de Flores da Cunha, comentando a repercussão do Governo brasileiro no Uruguai e os contatos de Batista Luzardo com a imprensa. (GV c 1938.04.30). (Vol. XXIX/66).

CANTO, José Bernardino da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideú, 23 nov. 1940. Carta sobre as comemorações do decênio de seu Governo, no Sul; comunicando as atividades dos emigrados políticos, a mobilização dos comunistas em torno da condenação de Prestes e informando sobre a crise política no Uruguai. (GV c 1940.11.23). (Vol. XXXIV/73).

CANTO, José da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 17 set. 1932.. Informando sobre a aquisição de material bélico efetuada pelos paulistas na Argentina e o procedimento dos representantes diplomáticos brasileiros com relação ao assunto. (GV c 1932.09.17/2). FGV-CPDOC.

CANTO, José da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. (GV c 1932.09.24). FGV-CPDOC.

CANTO, José da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 28 set. 1932. Informando sobre as atividades, no Uruguai, dos elementos contrários ao Governo Provisório, incluindo suas ligações com o grupo de Luís Carlos Prestes, compra de material bélico em países vizinhos e providências tomadas para impedir estas atividades. (GV c 1932.09.28).

CARTA. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Roma, 25 jan. 1938. Carta, assinatura ilegível, a Luís Vergara sobre assuntos pessoais. (LV c 1938.01.25/2).

CARTA. [Correspondência]. Montevideú, 8 jun. 1937. Carta, sem assinatura, aos companheiros (?) informando sobre: propaganda e imprensa comunista em Montevideú e Buenos Aires, campanha pró presos políticos, movimentos em favor da frente popular e apoio ao trabalho de oposição desenvolvido por Flores da Cunha, Lima Cavalcanti e Juraci Magalhães. (GV c 1937.06.08)

CARTAS. Cartas sobre as conversações para cessação das hostilidades na região do Chaco, incluindo a aceitação do governo boliviano da interferência do Brasil em relação

a questão; e notícias sobre as possíveis consequências da guerra do Paraguai. (GV c 1934.12.08/1). (Vol. XVI/70, 69 e 80). Rio de Janeiro, 8 dez. 1934

CARTAS. Cartas sobre tratado comercial Brasil-Estados Unidos abordando as seguintes questões: dificuldades encontradas pelos representantes brasileiros para firmar o tratado, devido à divulgação de um acordo semelhante do Brasil com Alemanha; posição do Governo Americano em relação ao tratado Brasil-Alemanha; ponderações de Getúlio Vargas sobre as conveniências dos tratados com os EUA e com a Alemanha; andamento das conversações para concretização do tratado com os Estados Unidos e posição de Oswaldo Aranha face as vantagens a serem obtidas no tratado com os Estados Unidos. (GV c 1934.10.09/1). (Vol. XVI/29, 33, 43, 49, 51, 52, 83). Washington, Rio de Janeiro, 9 out. 1934.

CARVALHO, Ronald de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 13 dez. 1934. Carta transmitindo as impressões de Gudesten de Sá Pires sobre a política mineira e as possibilidades de acordo com sucessão estadual. (GV c 1934.12.13). (Vol. XVI/73).

CARVALHO, Ronald de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 8 dez. 1934. Carta sobre a morte de Humberto de Campo, sugerindo a transformação do Departamento Nacional de Cultura e Radiodifusão em um organismo de difusão cultural, que congregue a "inteligência brasileira", e informando sobre a questão do Chaco e a situação política da Europa. (GV c 1934.12.08/2). (Vol. XVI/71).

CARVALHO, Ronald. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Paris, 29 fev. 1932. Tratando da viagem do escritor Luc Durtain ao Brasil e enviando livros, publicados em Paris, sobre a realidade brasileira. (GV c 1932.02.29). CPDOC-FGV.

CASCARDO, Hercolino. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Londres, 24 ago. 1934. Carta parabenizando Vargas pela eleição presidencial; lamentando que a Constituição e a volta à política dos Grandes Estados tenham encerrado o ciclo das reivindicações revolucionárias; informando sobre os contatos feitos visando o reatamento das relações diplomática e comerciais com a Rússia e solicitando sua aprovação para a continuidade desta missão. (GV c 1934.08.24). (Vol. XV/82).

CASTRO, Leite de. [Correspondência]. Destinatário: Goés Monteiro. Bruxelas, 19 jul. 1934. Carta felicitando-o pelo seu empenho na assinatura dos contratos de compra de material bélico; informando sobre os estudos relativos ao sistema de artilharia a ser adquirido pelo Exército brasileiro; e comunicando que visitará os estabelecimentos da Indústria militar italiana. (GV c 1934.07.19/2). (Vol. XV/60a).

CAVALCANTI, Carlos de Lima. [Telegrama]. Cidade do México, 25 nov. 1944.. Telegrama transmitindo conversa com o Embaixador russo no México sobre interesse da Rússia em reatar relações diplomáticas com a América Latina e em particular com o Brasil. (GV c 1944.11.25). (Vol. XLV/46a)

CIFRA PARTICULAR. Cifra particular a ser usada entre Getúlio Vargas e Batista Luzardo. (GV c 1938.03.25/2). Montevideu, 25 mar. 1938.

COLLOR, Lindolfo Leopoldo Boeckel [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 16 out. 1930. Informando sobre a disposição do chefe do Estado Maior argentino em auxiliar a revolução. Arquivo de Getúlio Vargas (GV c 1930.10.16/2). CPDOC/FGV.

COLLOR, Lindolfo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 03 mar. 1932. (GV c 1932.03.03/2). CPDOC-FGV.

CONVÉM SABER. [Panfleto]. Convém saber: Panfleto integralista acusando o governo de comunista. (GV c 1937.12.25). (Vol. XXVIII/96b).

CORRESPONDÊNCIA ENTRE A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, LUÍS DE FARO JR., EMBAIXADOR NA VENEZUELA. Correspondência entre a Presidência da República, Luís de Faro Jr., Embaixador na Venezuela, e outras sobre: declaração de guerra do Brasil ao Eixo; intensificação do comércio com a Venezuela; aquisição e transporte de petróleo desse país; estabelecimento de uma linha aérea e naval entre os dois países e estudos para a navegação fluvial; viagem do Ministro do Exterior venezuelano ao Brasil e repercussão desses entendimentos nos Estados Unidos. (GV c 1942.08.17/1). (Vol. XXXVIII/38a, 38b, 49; XXXIV/3, 5b, 5a, 10a, 10b, 15 e 41). Rio de Janeiro, Caracas, Washington, 17 ago. 1942.

CORRESPONDÊNCIA. Correspondência sobre conspiração no exército, visando impedir as eleições presidenciais e a constituinte, e a favor da implantação de uma ditadura militar. Inclui notícias sobre conspiração na Bahia; pedido de armas e munições, pelo governador da Bahia, para garantir a defesa do Governo Provisório; conflito entre Góes Monteiro e Flores da Cunha; apoio das Interventorias do Paraná e Santa Catarina às forças legalistas; e convite de Flores da Cunha a Góes Monteiro para visitar o Rio Grande do Sul, a fim de desfazer intrigas. (GV c 1934.04.05). (Vol. XIV/63, 70a, 78a, 78b, 79, 80, 81a, 81b, 82, 83, 84a, 84b, 85a, 85b e Vol. XV/2, 3). Salvador, Porto Alegre, 5 abr. 1934. p. 15.

COSTA, Licurgo. [Correspondência]. Destinatário: Alzira Vargas Amaral Peixoto. Cidade México, 10 dez. 1943. Carta sobre a atuação do Embaixador russo no México, o interesse da imprensa americana nas atividades de tal Embaixador e informando sobre o interesse da Rússia em manter relações com o Brasil. Envia recorte de jornal sobre este assunto. (GV c 1943.12.10). (Vol. XLII/47).

CUNHA, Flores da. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Porto Alegre, 15 set. 1934. Carta sobre preparação de um movimento revolucionário no Uruguai e informando que políticos uruguaios estiveram em Porto Alegre, sondando a possibilidade de apoio brasileiro ao movimento. (GV c 1934.09.15/2). (Vol. XVI/13).

CUNHA, Flores da. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Porto Alegre, 26 set. 1932. Sugerindo a remoção para Rivera do Cônsul brasileiro em Bella Unión, Ulisses Balve. (GV c 1932.09.26/5). CPDOC-FGV.

CUNHA, Vitorino. [Correspondência]. Destinatário: Filinto Muller. Valparaíso, 10 nov. 1939. Carta sobre participação de elementos de esquerda na Missão Militar, participação do Brasil no Congresso Jornalístico, necessidade de substituir o atual embaixador no Chile e criticando a condecoração que o Brasil pretende dar a Edwards (?). (GV c 1939.11.10/1). (Vol. XXXII/65).

DEPARTAMENTO SECRETO PARA A SEGURANÇA PESSOAL DO CHEFE DA NAÇÃO. Documento propondo a constituição do organismo supracitado, definindo suas atribuições, composição e critérios de funcionamento e organização interna. (LV c 1938/1945.00.00/2). 1938/1945. descrevendo sua viagem à Índia. (LV c 1937.00.00/1).

DOCUMENTO. Documento sobre Ligações Ferroviárias com a Bolívia, acompanhado de mapas, historiando os vários acordos e tratados entre o Brasil e a Bolívia sobre delimitação de fronteiras e construção de ferrovias entre os dois países. Rio de Janeiro. (GV c 1931.07.22) CPDOC-FGV. 22 jul. 1931.

DOCUMENTO. Documentos relativos ao fechamento da Sociedade Amigos da América e à demissão de Oswaldo Aranha do Ministério das Relações Exteriores incluindo informações sobre: manifesto de solidariedade da UNE a Oswaldo Aranha; carta de demissão deste e nota de comunicação do fato às Embaixadas; e resposta de Getúlio Vargas; correspondência entre Getúlio Vargas e Góes Monteiro sobre pedido e recusa da demissão deste da Comissão Consultiva de Emergência para a Defesa Política do Continente em Montevideu, em função do atrito entre Oswaldo Aranha e Gaspar Dutra; cópia de correspondência entre Góes Monteiro, Oswaldo Aranha e outros comentando o getulismo e a situação dos quadros governamentais; repercussões e especulações do fato no Uruguai, Panamá e Estados Unidos; informações sobre pretensões eleitorais de Oswaldo Aranha e suas divergências com o Estado Novo, etc. (GV c 1944.08.17). Rio de Janeiro, Washington, Montevideu, 17 ago. 1944.

DOCUMENTO. Documentos sobre a Conferência de Dumbarton Oaks incluindo memorando da Embaixada americana e carta de Lourival Fontes a Getúlio Vargas relatando o andamento dos trabalhos em torno da organização da paz, a influência soviética em vários países e a nova correlação de forças a nível internacional. (GV c 1944.09.18). (Vol. XLV/12 e 9a). Nova Iorque, 18 set. 1944.

DOCUMENTO. Documentos sobre a Constituinte abordando as seguintes questões: elaboração de projetos da constituição; mensagem presidencial pedindo a colaboração da Assembleia Constituinte para promulgação de leis de caráter urgentes; emenda sobre inelegibilidades; possibilidade de surgimento da candidatura de Góes Monteiro como reação do "perrepismo" à tendência democrática liberal da Assembleia; posição de Flores contra inelegibilidade do Chefe do Governo, ministros e Interventores. (GV c 1934.04.10/1). (Vol. XIV/69, 65, 71, 74a e 74b). Rio de Janeiro, 10 abr. 1934, p. 5.

DOCUMENTO. Documentos sobre a questão da sucessão presidencial e a crise no Rio Grande do Sul, abordando as seguintes questões: apoio da família Aranha a Flores da Cunha, no caso de intervenção Federal no Rio Grande do Sul. (GV c 1937.09.01). 1 set. 1937.

DOCUMENTO. Documentos sobre o adiamento da autorização do Governo americano relativo ao arrendamento do Brasil, em virtude de protesto do Governo da Argentina. Inclui nota da Saavedra lamas justificando a objeção Argentina ao arrendamento; referência a publicação de nota conjunta dos Governo brasileiros e americanos e nota do Governo chileno opinando sobre a questão. (GV c 1937.08.13). (Vol. XXVII/4, 5a, 5b,

5c, 6a, 6b, 6c, 7a, 7b, 8, 9a, 9b, 9c, 9d, 10, 13, 14a, 14b, 14c, 17a, 17b, 17c). Rio de Janeiro. Washington, 13 ago. 1937.

DOCUMENTO. Documentos sobre o discurso de Getúlio Vargas no dia comemorativo da Marinha incluindo texto do discurso, correspondência, relatórios da Polícia e recortes de jornais sobre sua repercussão nos integralistas em Washington e na Itália, assim com congratulações e comentários do Brasil e do exterior. (GV c 1940.06.11) (Vol. XXXIII/92b, 93, 94, 95a, 95b, 95c, 96a, 96c, 97a, 98 e 106). Rio de Janeiro, Washington, Roma, 11 jun. 1940.

DOCUMENTO. Documentos sobre os levantes deflagrados no Rio Grande do Sul em apoio à revolução paulista. Contém informações sobre as atividades e a desarticulação dos grupos de Marcial Terra, Borges de Medeiros e Toribio Gomes e suas conexões na Argentina e Uruguai. (GV c 1932.09.03). FGV-CPODC. 3 set. 1932.

DOCUMENTO. Documentos sobre pedido de demissão de Oswaldo Aranha do cargo de Ministro da Fazenda incluindo declaração do ministro demissionário justificando sua atitude; apelo de Flores da Cunha ao espírito revolucionário de Oswaldo Aranha; e decisão deste último de continuar no cargo, apesar de se sentir incompatibilizado com o governo, após a solução dada ao caso mineiro. (GV c 1933.12.12). (Vol. XIII/65, 70, 71). FGV-CPDOC. Rio de Janeiro, Porto Alegre, 12 dez. 1933.

DOCUMENTO. Documentos tratando das negociações para instalação da siderurgia no Brasil incluindo informações sobre: contatos com a *U.S. Steel* e as condições impostas para banqueiros americanos, entre elas, o pagamento da dívida externa; desinteresse da *U.S. Steel* e os motivos políticos e econômicos alegados; decisão do Governo brasileiro de procurar financiamento junto a outros país. (GV c 1940.01.09). 9 jan. 1940.

DOCUMENTOS. Documentos abordando o fim da crise gaúcha e a renúncia de Flores da Cunha. Contém informações sobre: o apoio do Partido Libertador ao Governo Federal. (GV c 1937.10.01/1). 1 out. 1937.

DOCUMENTOS. Documentos relativos à FEB versando sobre preocupações de Mascarenhas de Moraes quanto ao aparelhamento, destino e base do primeiro escalão, fornecimento de víveres aos soldados, relação dos mortos em combate e operações militares na Itália. Inclui cartas de Lutero a Getúlio Vargas sobre problemas de recuperação de soldados feridos. (GV c 1944.06.00). (Vol. XLIV/22a, 22b, 50c, 55b; Vol. XLV/10b, 20a, 26b e 51). Washington, Rio de Janeiro, jun. 1944.

DORNELLAS, Ernesto. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Porto Alegre, 28 out. 1945. Telegrama comunicando irradiação clandestina da Rádio Farroupilha e a presença de Eduardo Gomes, Borges de Medeiros, Oswaldo Aranha, Raul Pilla e outros no reinício da transmissão da rádio. (GV c 1945.10.28). (Vol. XLVII/43).

DUTRA, Eurico Gaspar. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 11 jul. 1940. Carta encaminhando comunicação do Estado Maior do Exército sobre as repercussões da guerra europeia no continente americano contendo observações relativas ao Uruguai, Argentina, Chile e Estados Unidos e as relações destes países com o Brasil. (GV c 1940.07.11). (Vol. XXXIV/6a e 6b).

DUTRA, Eurico Gaspar. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 19 jul. 1941. Carta de Eurico Gaspar Dutra a Getúlio Vargas informando ser contrário à participação do Brasil na ocupação das Guianas proposta pelos Estados Unidos, o que significaria a entrada do Brasil na guerra sem a consulta aos demais países americanos. (GV c 1941.07.19). (Vol. XXXV/88).

ESTEVE, Emílio Lúcio. [Telegrama]. Destinatário: Valdir Sarmanho. 31 jan, 1937. Telegrama transmitindo indagação de Oswaldo Aranha sobre a situação de São Paulo. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas informando que Armando de Sales protela solução, mas continua mantendo contatos políticos. (GV c 1937.01.31).

ESTUDO PREPARATÓRIO. Estudo preparatório da Secretaria Geral de Segurança Nacional, para as "Instruções sobre a Mobilização Industrial", em caso de guerra (Extraído de um trabalho da Missão Militar Francesa, por um oficial do E.M.E.). (GV c 1934.00.00/1). 1934.

Exposição sobre a operação trigo-café, entre Brasil e Estados Unidos. (GV c 1931.00.00/7). CPDOC-FGV.

FONSECA, Gondim da. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. GV c 1936.09.16. Carta de Gondim da Fonseca a Getúlio Vargas expondo, com detalhes, a situação da Europa às vésperas de uma guerra e defendendo a posição de neutralidade para o Brasil. Paris (Vol. XXIII/72).

FONTECILLA, Mariano. [Correspondência]. Destinatário: Pedro Aguirre Cerda. Rio de Janeiro, 16 out. 1941. Carta sobre política de exportações do Chile, o novo Secretariado de Estado; comentando seus contatos com Oswaldo Aranha e a política externa de cooperação brasil-Estados Unidos. (GV c 1941.10.16).

FONTES, Lourival. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Andrade de Queirós. Nova Iorque, 18 jul. 1943. Cartas de Lourival Fontes a Getúlio Vargas e Andrade de Queirós sobre perspectivas econômicas e políticas dos Estados Unidos para o pós-guerra contendo também informações acerca da oposição a Roosevelt; advento do Canadá como potência mundial; reconstrução do mundo; relações entre Estados Unidos, URSS, Vaticano e Alemanha e entre a China e o mundo ocidental; atividades secretas da Falange Espanhola no exterior; espionagem alemã; planos de industrialização do Brasil, etc. (GV c 1943.07.18). (Vol. XLI/39, 44, 52, 59, 62 e Vol. XLII/13).

FONTES, Lourival. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 18 nov. 1943. Carta sobre expectativas de paz após a Conferência de Moscou, relatando aspectos da política externa e interna dos Estados Unidos e das relações deste país com o Brasil. (GV c 1943.11.18). (Vol. XLII/34).

FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, Rio de Janeiro, 7 jul. 1943. Cartas sobre política interna e externa de Portugal contendo informações relativas à orientação política imprimida por Salazar; relações com a Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e com o Brasil; reação portuguesa face à queda de Mussolini; posição do Governo acerca das colônias; possibilidades de um conflito lusonipônico; assuntos relativos à Embaixada brasileira e suas atividades diplomática naquele país. Contém também informações sobre Plínio Salgado, manifesto seu justificando o integralismo e negando vínculos com o nazismo e cartas de Marcondes Filho comentando

essa correspondência. (GV c 1943.07.07). (Vol. XLI/34, 43a, 43b, 51; Vol. XLII/7, 37a, 37b, 39, 43, 55; Vol. XLIII/4a e 4b).

FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, 10 jul. 1944. Carta historiando o caso Wolfrânio e as reações de Salazar no episódio e informando sobre aspectos da política portuguesa, as relações externas, a situação delicada do país frente à guerra, assim como a política colonial e as simpatias nazistas e franquistas do Governo português. (GV c 1944.07.10/1). (Vol. XLIV/38).

FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, 3 fev. 1945. Carta relatando palestra com Salazar na qual este expôs sua preocupação em relação à expansão soviética e ao acordo da França com os Soviets; informando sobre a crise interna do Governo português devido a divergências entre o Ministério do Interior e o Chefe de Polícia; comentando a reação de Salazar face à nota e ao projeto brasileiro para o convênio entre os governos português e brasileiro em torno da entrada e permanência de portugueses no Brasil e de brasileiros em Portugal. Em anexo, cópia da nota e do Projeto de Convenção. (GV c 1945.02.03). (Vol. XLVI/13 e 9b).

FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, 8 set. 1944. Carta informando sobre o andamento do acordo ortográfico, recomposição do Ministério português, caso da Polônia e divergências entre anglo-americanos e soviéticos. Comenta a saída Oswaldo Aranha do Ministério, o discurso do presidente e envia, em anexo, carta de Júlio Dantas. (GV c 1944.09.08/2). (Vol. XLV/7a e 7b).

FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Lisboa, 22 jan. 1945. Carta informando sobre as atividades de Plínio Salgado em Portugal, a influência do integralismo naquele país, o apoio de Salazar ao movimento e a repercussão do discurso do líder integralista. Aborda também o caráter doutrinário do integralismo e suas origens. (GV c 1945.01.22/1). (Vol. XLVI/9a).

FONTOURA, João Neves. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Lisboa, 8 mar. 1944. Carta sobre notícias de agitações políticas no Brasil, problemas diplomáticos nas zonas conflagradas e encaminhando carta de Oliveira Salazar sobre entendimentos junto ao consulado alemão. (GV c 1944.03.08/1). (Vol. XLIII/48).

FRANCO, Afrânio de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Dornelles Vargas. Informando sobre a abertura pelo Senado norte-americano, de um inquérito secreto sobre empréstimos ao governo de Minas Gerais (1920), inquérito originado possivelmente por denúncia de fora, de que este empréstimo e outro feito pelo Rio Grande do Sul, foram levados a efeito para fazer a revolução (1930). (73,1,002 n° 102). Arquivo da Biblioteca Nacional.

FRANCO, Afrânio de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 5 ago. 1932. Carta de Afrânio de Melo Franco a Getúlio Vargas encaminhando pedido de demissão de Joaquim Francisco de Assis Brasil do cargo de Ministro do Exterior. (LV c 1932.08.05).

FRANCO, Afrânio de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 26 nov. 1933. Carta colocando a sua disposição o cargo de Ministro das Relações Exteriores e chefe da delegação do Brasil na 7ª Conferência Internacional Americana em

virtude dos ataques contra sua pessoa lançados por um jornal do Rio de Janeiro. (GV c 1933.11.26/2) (Vol. XIII/43). FGV-CPDOC.

FRANCO, Afrânio de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Orlando Leite Ribeiro. Rio de Janeiro, 17 out. 1932. Informando sobre o andamento dos negócios do Brasil com a Argentina e Uruguai e sugerindo que o presidente Justo venha ao Rio de Janeiro assinar o tratado anti-bélico. (GV c 1932.10.17/2).

FRANCO, Afrânio de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Orlando Leite Ribeiro. Rio de Janeiro, 22 out. 1934. Carta comentando as eleições em Minas e São Paulo, informando sobre sua candidatura à Câmara Federal e à Constituinte Mineira, e criticando a mudança do comportamento de Getúlio Vargas em relação a Antônio Carlos. (GV c 1934.10.22/3).

FRANCO, Virgílio Alvim de Melo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 26 nov. 1933. Carta comunicando que não aceitará a Interventoria Mineira e que irá renunciar ao mandato de deputado a fim de, sem garantias especiais, responder aos ataques dirigidos contra os Melo Franco pelo "Correio da Manhã". (GV c 1933.11.26/3). (Vol. XIII/44). FGV-CPDOC.

GOMES, Eduardo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2 ago. 1934. Carta de Eduardo Gomes a Getúlio Vargas comunicando ser da máxima urgência o embarque dos oficiais aviadores escolhidos para cursarem a Escola de engenharia Aeronáutica de Paris. (GV c 1934.08.02/1). (Vol. XV/71).

GOVERNO PROVISÓRIO. [Correspondências]. Destinatário: Assis Brasil. 28 jan. 1933. Cartas sobre o convite feito pelo Governo Provisório a Assis Brasil para chefiar uma missão especial à Inglaterra a fim de tratar de assuntos econômicos, relacionados com a exportação de produtos brasileiros para este país. (GV c 1933.01.28/2.)

GRACIE, Samuel de Sousa Leão. [Telegrama]. Santiago, 6 out. 1941. Telegrama de Samuel de Sousa Leão Gracie transcrevendo comunicação da embaixada do Brasil em Santiago sobre inquietação do Chile em face dos entendimentos entre o Brasil e a Colômbia. (GV c 1941.10.06/1). (Vol. XXXVI/45).

GUIMARÃES, Adolfo Cardoso de Alencastro. [Correspondência]. Destinatário: Napoleão de A. Guimarães. Washington, 8 fev. 1941. Carta informando que Drew Pearson teve seu contrato renovado para a propaganda de café nos Estados Unidos e que teve notícias de incidente entre Oswaldo Aranha e George Marshall. (GV c 1941.02.08). (Vol. XXXV/17).

GUIMARÃES, Napoleão de Alencastro. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 28 jun. 1940. Cartas tratando da escolha do candidato republicano à presidência dos EUA, a posição deste país em relação ao Brasil e suas preocupações com a influência do nazismo na América do Sul. Informa também sobre comentários de golpe nazista na Argentina, repercussão do discurso de Getúlio, crise de material rodoviário e envia recortes do jornal *New York Times* sobre o Brasil. (GV c 1940.06.28). (Vol. XXXIII/105, XXXIV/1 e XXXIV/2b).



HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 17 ago. 1932. Comunicando que se encontra em Nova Iorque para cumprir as ordens recebidas. (GV c 1932.08.17). FGV-CPDOC.

HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 17 ago. 1932. Comunicando que se encontra em Nova Iorque para cumprir as ordens recebidas. (GV c 1932.08.17). FGV-CPDOC.

HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 1 nov. 1932. Carta informando sobre o resultado de suas investigações a respeito dos agentes de São Paulo encarregados de comprar armamentos nos Estados Unidos. (GV c 1932.11.01/3).

HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 7mar. 1933. Informando sobre as investigações feitas, a pedido da Embaixada Brasileira em Washington, em torno de aviadores americanos, que obtiveram licença para um vôo comercial à Buenos Aires, via Brasil; comentando o movimento rebelde fracassado, na fronteira com o Uruguai; relatando a crise financeira nos Estados Unidos; e analisando a difícil situação mundial, face à crise de superprodução, às dívidas de guerra, às lutas partidárias na Europa e às revoluções na América do Sul. (GV c 1933.03.07). FGV-CPDOC.

HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 18 jan. 1940. Carta sobre a fraca aproximação política entre Brasil e Inglaterra, o que vem prejudicando os interesses industriais brasileiros no exterior. Informa também sobre a influência britânica nos Estados Unidos e as relações comerciais e políticas que esse país mantém com a Argentina. (GV c 1940.01.18). (Vol. XXXIII/19).

HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 26 fev. 1940. Carta comunicando ter tomado conhecimento, através do jornalista Leon Pearson, de um golpe armado contra o presidente brasileiro e sugerindo vigilância em torno da viagem de Armando Sales à Argentina. (GV c 1940.02.26). (Vol. XXXIII/40);

HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 23 mar. 1940. Carta sobre o desempenho do representante brasileiro do Departamento Nacional do Café em Nova York e criticando as transações financeiras que vem empreendendo em seu nome pessoal. (GV c 1940.03.23/10). (Vol. XXXIII/60);

HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 26 mar. 1940. Carta informando sobre as declarações do Coronel Knox, pelo rádio, em que enfatiza a cooperação do Brasil com os Estados Unidos na defesa do continente. (GV c 1940.03.26). (Vol. XXXIII/62).

HASSLOCHER, Paulo Germano. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Panamá, 18 jul. 1945. Carta comentando as manifestações populares de apoio a seu Governo, o fracasso da candidatura Eduardo Gomes e encaminhando carta de João Neves da Fontoura sobre a campanha sucessória no Brasil e a perspectiva de vitória do General Dutra com o apoio do PSD. (GV c 1945.07.18).

INFORMAÇÃO. Informação sobre a articulação nazista no Rio Grande do Sul nos setores políticos, religiosos, intelectuais e de colonização e povoamento. Inclui também informações sobre espionagem nazista internacional e participação da Varig e da Condor nessas atividades. Em anexo, quatro documentos tratando de infiltração do nazismo na Igreja gaúcha e uruguaia e sobre as atividades do piloto Greiss. (GV c 1940.09.00/3). (Vol. XXXIV/45 e 46). Porto Alegre, set. 1940.

INFORMAÇÕES ESPECIAIS. Informações especiais sobre a preocupação dos Estados Unidos em relação ao abastecimento de matérias primas por parte do Brasil, destacando os problemas referentes à borracha. (GV c 1942.01.02). (Vol. XXXVII/1). 1 jan. 1942.

ITAMARATY. Fundação Getúlio Vargas, PEB c 1930.03.28. (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) Informações do Ministério das Relações Exteriores, para o Brasil e o exterior, sobre: o mercado italiano de carnes, importação de banha na Áustria; exportação brasileira de carne, algodão e milho; intercâmbio comercial entre Brasil e Alemanha; e exportação do Brasil em 1929. 28 mar. 1930.

KLINGER, Bertoldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Campo Grande, 26 jul. 1931. Tratando do seu (GV) projeto de viagem ao Paraguai e Mato Grosso. (GV c 1931.07.26). CPDOC-FGV.

KRUEL, Riograndino. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 8 out. 1932. Sobre as atividades conspiratórias desenvolvidas na Região do Prata por elementos gaúchos contrários ao Governo Provisório. (GV c 1932.10.08/2).

LARSON, Ralph L.. [Correspondência]. Destinatário: Anthony Anderson. Rio de Janeiro, 28 dez. 1941. Carta informando sobre as atividades políticas dos estudantes de São Paulo em oposição ao Governo, comunicando a lista de promoções do Exército, os entendimentos entre Góes Monteiro e Lehmann Miller em torno da localização de bases motorizadas no Brasil, os planos do primeiro em relação ao Governo e informando sobre atividades pró Eixo e o tipo de repressão que estão sendo efetuado. (GV c 1941.12.28).

LEGAÇÃO DO BRASIL. [Comunicado]. La Paz, 19 jul. 1932. Comunicados da Legação do Brasil (La Paz) informando sobre a situação do Chaco. (LV c 1932.07.19/1). FGV-CPDOC.

LIMA JUNIOR, Augusto de. [Correspondência]. Destinatário: General Francisco José Pinto. Lisboa, 25 jan. 1940. Carta comunicando que recebeu incumbência de um elemento alemão para consultar Getúlio Vargas sobre sua disposição para atender a um plano de Hitler visando promover a paz sob o arbitramento do Brasil. (GV c 1940.01.25/1). (Vol. XXXIII/22).

LIMA, Valdomiro Castilho de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Valder de Lima Sarmanho. São Paulo, 15 mai. 1933. Correspondência informando sobre articulações políticas visando sua deposição e a de Olegário Maciel dos governos de São Paulo e Minas Gerais e solicitando remessa de munição. (GV c 1933.05.15/2). (Vol. XI/22, 23, 24).

LIMA, Valdomiro Castilho. [Correspondência]. Destinatário: Valder de Lima Sarmanho e Getúlio Vargas. São Paulo, 15 mai. 1933. Informando sobre articulações políticas

visando sua deposição e a de Olegário Maciel dos governos de São Paulo e Minas Gerais e solicitando remessa de munição. (GV c 1933.05.15/2). (Vol. XI/22, 23, 24).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Mar. 1934. Carta manifestando-se contra a participação do Brasil na Feira de Chicago, comentando a desmoralização do Consulado brasileiro em Chicago, e solicitando entrevista para narrar planos da Argentina relacionados ao Brasil. Envia documento de *Irish Free State*, carta do diretor do *Chemical Bank an Trust Company*, documentos e consultas sobre a Feira de Chicago, e cópia do resultado do inquérito sobre as relações diplomáticas entre América do Norte e América do Sul. (GV c 1934.03.00). (Vol. XIV/43).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, Abri. 1935. Carta sobre a política do Chile e da Argentina em relação ao Brasil na "questão do chaco". (GV c 1935.04.00). (Vol. XVIII/57).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 20 out. 1937. Carta reafirmando a necessidade de continuar a política de aproximação com a Bolívia e enviando notícias sobre o comunismo nos países da América Latina. (GV c 1937.10.20).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 9 dez. 1937. Carta manifestando seu entusiasmo pelo novo regime e informando que já iniciou sua propaganda. (GV c 1937.12.09/2). (Vol. XXVIII/83).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 9 dez. 1937. Carta manifestando seu entusiasmo pelo novo regime e informando que já iniciou sua propaganda. (GV c 1937.12.09/2.). (Vol. XXVIII/83).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Santiago, 14 jan. 1939. Cartas sobre os planos imperialistas dos USA em relação ao Brasil e América Latina, enviando recortes de jornais, relatos e documentos que explicitam as intenções de Summer Welles na Conferência de Lima e da nova política americana e transmitindo sugestões políticas para a América do Sul e Brasil. (GV c 1939.01.14). (Vol. XXXI/6 e 7).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Santiago, 14 jan. 1939. Cartas sobre os planos imperialistas dos USA em relação ao Brasil e América Latina, enviando recortes de jornais, relatos e documentos que explicitam as intenções de Summer Welles na Conferência de Lima e da nova política americana e transmitindo sugestões políticas para a América do Sul e Brasil. (GV c 1939.01.14). (Vol. XXXI/6 e 7).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 12 mai. 1939. Carta de Rosalina Coelho Lisboa a Getúlio Vargas informando das notícias tendenciosas sobre o Brasil públicas na imprensa americana. (GV c 1939.05.12/2). (Vol. XXXI/74).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 12 mai. 1939. Carta de Rosalina Coelho Lisboa a Getúlio Vargas informando das notícias

tendenciosas sobre o Brasil públicas na imprensa americana. (GV c 1939.05.12/2). (Vol. XXXI/74).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, jan. 1938. Bilhete comunicando o interesse de Plínio Salgado em conversar com o presidente e solicitando que seja acertada uma forma para o encontro. (GV c 1938.01.00). (Vol. XXIX/8a).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, fev. 1938. Carta tratando de um pedido de emprego, solicitando audiência para informar sobre suas conversações com Plínio Salgado e lamentando a morte de Valdomiro Lima. (GV c 1938.02.00). (Vol. XXIX/14a).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Mai. 1939. Carta denunciando o preparo de uma conspiração comunista no Chile contra o governo brasileiro e recomendando algumas providências. (GV c 1939.05.00/1). (Vol. XXXI/78).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, Jul. 1940. Carta informando que está fazendo um estudo sobre imprensa, apresentando um jornalista norte-americano e fazendo objeções ao pedido de audiência que este está pleiteando. (GV c 1940.07.00). (Vol. XXXIX/11).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, set. 1940. Carta de Rosalina Coelho Lisboa a Getúlio Vargas sobre a crise econômica e financeira na Argentina, a entrada de capitais estrangeiros nesse país e sugerindo que sejam tomadas providências para que os judeus que emigrem para o Brasil não deixem seu capital nos Estados Unidos e Argentina. (GV c 1940.09.00/4). (Vol. XXXIV/49).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, mar. 1941. Carta enviando manifesto (de Otávio Mangabeira contra o regime), comentando a repercussão de seu artigo e solicitando audiência para o diretor do "El Imparcial". (GV c 1941.03.00/1). (Vol. XXXV/37).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, jan. 1941. Carta sobre a rede de intrigas existente na América Latina, criticando as notícias e comentários falaciosos nos Estados Unidos sobre golpes e movimentos políticos no Brasil e recomendando medidas mais severas de censura para as agências informativas estrangeiras. (GV c 1941.01.00). (Vol. XXXV/12).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 17 set. 1941. Carta informando sobre várias manobras dos americanos contra o Governo brasileiro visando indispor-lo perante a população brasileira, e enviando carta sobre a chegada de Costa Leite ao Uruguai e os contatos deste com próceres comunistas. (GV c 1941.09.17/2). (Vol. XXXVI/37).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 23 fev. 1945. Carta comentando a visita de Stettinius ao Brasil, aspectos da política interna e externa da Argentina e transmitindo teor de sua conversa com o chanceler argentino, Ibarra Garcia, sobre proposta do Brasil para o reconhecimento do novo Governo daquele país. (GV c 1945.02.23). (Vol. XLVI/22b e 22a).

LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Gregório Porto da Fonseca. Nov. 1932. Carta informando sobre entrada clandestina de armamentos em São Paulo. (GV c 1932.11.00/). FGV-CPDOC.

LOPES, Simões. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Paris, 9 out. 1934. Carta informando que foi procurado, em Paris, pelo representante da Cia. Weddel, para tratar das dificuldades surgidas no comércio de carnes brasileiras com a França e a Itália. (GV c 1934.10.09/3). (Vol. XVI/30), p. 3.

LOPES, Simões. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 22 dez. 1936. Carta agradecendo e recusando sua nomeação para membro do Conselho F.S.P. civil e manifestando seu desejo de ser aproveitado no Crédito Rural. (GV c 1936.12.22/2).

LOPES, Simões. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 22 out. 1934. Carta sobre a questão do comércio de carnes com a Itália e informando sobre a inauguração da Assembleia do Instituto Internacional de Agricultura. (GV c 1934.10.22/1). (Vol. XVI/39), p.2.

LOPES, Simões. [Correspondência]. Destinatário; Getúlio Vargas. Londres, 22 set. 1934. Carta sobre sua visita à Berlim, elogiando a organização do Governo nacional-socialista, particularmente o Ministério da Propaganda e sugerindo a criação de um órgão semelhante no Brasil. Comenta também que o cônsul Silvio Romero, não assumiu o posto de Conselheiro Comercial em Varsóvia e que se encontra em Berlim, onde goza de péssima reputação. (GV c 1934.09.22). (Vol. XVI/20).

LOPES, Simões. [Correspondência]. Destinatário; Getúlio Vargas. Paris, 9 out. 1934. Carta informando que foi procurado, em Paris, pelo representante da Cia. Weddel, para tratar das dificuldades surgidas no comércio de carnes brasileiras com a França e a Itália. (GV c 1934.10.09/3). (Vol. XVI/30), p. 5-8.

LUZARDO, Batista; LISBOA, Rosalina Coelho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, Rio de Janeiro, 10 jan. 1942. Correspondência sobre propósitos da Argentina em relação à Conferência de Chanceleres; a resistência deste país e do Chile ao rompimento de relações com o Eixo e seus respectivos votos na Conferência; comentando o andamento dos trabalhos e a possibilidade de um golpe de Estado no Uruguai. (GV c 1942.01.10). (Vol. XXXVII/6, 7, 10b e 17).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 26 fev. 1938. Carta informando que o Governo uruguaio decretou a internação de Flores da Cunha, comunicando a existência de um "comitê" nesse país composto por Costa Leite e outros com o objetivo de abalar o Governo brasileiro, solicitando verba para propaganda do Estado Novo e informando sobre dispensa de pessoal da embaixada. (GV c 1938.02.26). (Vol. XXIX/17).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 14 dez. 1937. Carta enviando documentos relativos à renovação do contrato de locação do imóvel onde funciona a embaixada brasileira em Montevidéu e solicitando um telegrama do Itamarati negando autorização para assinar o referido contrato, efetuado pelo embaixador anterior. (GV c 1937.12.14/2). (Vol. XXVIII/88).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 2 ago. 1938. Carta sobre a situação da política interna uruguaia, questões de contrabando e fiscalização na fronteira, atuação conspiratória de Flores da Cunha, embaixada argentina, etc. (GV c 1938.08.02) (Vol. XXX/24).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 19 set. 1938. Carta narrando conversa com o Coronel Pequeno Pedroso que lhe expôs os planos conspiratórios de Flores da Cunha e o atentado pessoal que está sendo planejado contra o presidente da República. (GV c 1938.09.19). (Vol. XXX/37).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 4 out. 1938. Carta enviando informações sobre as pessoas envolvidas no plano de atentado pessoal ao presidente da república, comentando as repercussões no Uruguai do encontro dos ministros da Fazenda deste país com o do Brasil e Argentina e sugerindo nomes para a representação brasileira na Conferência de Lima. (GV c 1938.10.04). (Vol. XXX/41).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 15 nov. 1938. Carta sobre atividades integralistas e nazistas, elogiando a solução da aos presos políticos, recomendando esforços para a captura de Plínio Salgado e a formação de uma corrente política nacional e outros assuntos da política latino-americana. Em anexo, carta de Teodomiro Varela de Andrade sobre o primeiro aniversário da Constituição de 1937 e respostas de Getúlio Vargas. (GV c 1938.11.15). (Vol. XXX/64, 61, 72a e 72b).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 3 jun. 1939. Carta informando sobre o andamento das conspirações em São Paulo, Bahia, Montevidéu e Porto alegre e recomendando vigilância maior na Argentina e no México. (GV c 1939.06.03). (Vol. XXXI/82).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 15 abr. 1939. Cartas sobre as atividades de Flores da Cunha, solicitando a criação de uma agência do Banco do Brasil no Uruguai e sugerindo também outras iniciativas econômicas e culturais entre os dois países. Envia, em anexo, recortes de jornais uruguaiois sobre o discurso de Vargas e a assinatura do Protocolo de Câmbio entre Brasil e Argentina. (GV c 1939.04.15). (Vol. XXXI/62 e 71).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 5 out. 1938. Carta enviando documentos sobre atividades integralistas e informando sobre seus contatos com o movimento. (GV c 1938.10.05). (Vol. XXX/42).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 26 out. 1938. Carta informando sobre a preparação de movimento armado contra o governo com a participação de integralistas e de Flores da Cunha e aconselhando que prenda todos os conspiradores. (GV c 1938.10.26). (Vol. XXX/51).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 31 jul. 1940. Carta comunicando palestras com o presidente uruguaio e com o ministro José Dahlquist do Paraguai sobre política interna e externa desses países, comentando a exposição industrial em Buenos Aires, a encampação de São Paulo-Rio Grande a criação

de novos territórios e informando sobre as atividades dos exilados políticos. Em anexo, remete carta de Roberto Sisson contendo os princípios dos nacional-libertadores. (GV c 1940.07.31). (Vol. XXXIV/18 e 14).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevidéu, 27 out. 1940. Carta sobre as atividades políticas e culturais da Embaixada e a atuação dos exilados políticos. Envia em anexo, carta a Graça Aranha sobre instalação do Lloyd Brasileiro no "Palácio Brasil" e telegrama ao Ministério das Relações Exteriores relatando conversa com o presidente Baldomir sobre substituição ministerial no Uruguai, sucessão presidencial neste país e possibilidade de prorrogação do mandato presidencial, inquietação da Argentina em relação ao armamento brasileiro e a solidariedade do Governo uruguaio à política externa de Getúlio Vargas. (GV c 1940.10.27). (Vol. XXXIV/64a, 64b e 64c).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatário: Maurício Cardoso, Valter Jobim e Oscar Fontoura. Montevidéu, 3 mar. 1938. Carta sobre a posição do governo uruguaio em relação ao exílio de Flores, comentando as atividades deste, ressaltando seu depoimento no processo Waldemar Rippol, e lamentando o prestígio e as facilidades de acesso que Flores ainda tem para interferir na política riograndese. (GV c 1938.03.03). (Vol. XXIX/20).

LUZARDO, João Batista. [Correspondência]. Destinatários: Maurício Cardoso, Valter Jobim e Oscar Fontoura. Montevidéu, 3 mar. 1938. Carta sobre a posição do governo uruguaio em relação ao exílio de Flores, comentando as atividades deste, ressaltando seu depoimento no processo Waldemar Rippol, e lamentando o prestígio e as facilidades de acesso que Flores ainda tem para interferir na política riograndese. (GV c 1938.03.03). (Vol. XXIX/20).

LUZARDO, João Batista. [Telegrama]. Destinatário: Alzira Vargas. Montevidéu, 17 out. 1938. Telegrama pedindo para informar Filinto Müller que Ondino Vieira e esposa, elementos ligados ao comunismo, embarcaram para o Brasil. (GV c 1938.10.17). (Vol. XXX/45a).

MACHADO, João Pereira. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 30 set. 1936. Carta sobre o seu discurso de 7 de setembro, ressaltando a semelhança entre as festividades do "dia da pátria" e a mística nazista, comentando a política armamentista da Argentina e a posição da Alemanha face às perspectivas de guerra e defendendo a necessidade da permanência de um adido naval brasileiro, na Europa. (GV c 1936.09.30/1). (Vol. XXIII/87).

MACHADO, João Pereira. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 29 dez. 1936. Carta informando a respeito do embarque de material bélico alemão para alguns estados do Brasil, sobretudo São Paulo e Rio Grande, e sobre a presença em Hamburgo do embaixador A. Rouças e sua esposa. (GV c 1936.12.29/2).

MACHADO, João Pereira. [Relatório]. Relatório de João Pereira Machado informando que Carlos de Lima Cavalcanti havia solicitado o visto de entrada para visitar a Rússia, três dias antes do movimento comunista irromper em Recife. (GV c 1935.12.00/1). Dez. 1935.

MAGALHÃES, Narciso Peixoto de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 3 fev. 1933. Informações relativas às atividades conspiratórias de brasileiros exilados, em Buenos Aires. (GV c 1933.02.03). (Vol. X/29). FGV-CPDOC.

MAGALHÃES, Peixoto. [Telegrama]. Destinatário: Luís Vergara. 20 jul. 1932. (LV c 1932.07.20). FGV-CPDOC.

MANIFESTO. Rascunho de manifesto a ser proclamado à Nação, no momento da tomada do poder por um grupo revolucionário-militar, visando dissolver a Constituinte e implantar um Governo forte. (GV c 1934.05.00/1). Mai. 1934.

MARTINS, Carlos Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 25 dez. 1943. Cartas fazendo o relato de suas observações colhidas na América do Sul, principalmente da Argentina, Chile e Peru, por ocasião de sua missão de inspeção no continente e enviando artigo de Summer Welles sobre a Argentina. (GV c 1943.12.25). (Vol. XLII/56 e 60).

MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Alzira Vargas. Washington, 16 jan. 1941. Carta informando que tomou providências junto ao Departamento de Estado para que seja dada prioridade ao embarque de material siderúrgico, comentando a notícia de demissão do Gal. Dutra e solicitando a promoção de Paulo Hasslocher. (GV c 1941.01.16/1). (Vol. XXXV/7a).

MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Franklin Roosevelt e outros. Washington, Rio de Janeiro, 22 jun. 1940. Correspondência sobre a reunião dos Ministros das Relações Exteriores Americanos em Havana, incluindo entendimentos para a escolha do local, escolha dos representantes do Brasil e dos EUA, considerações sobre a guerra, política argentina em relação ao Brasil e a participação do Chile no episódio. (GV c 1940.06.22/3). (Vol. XXXIII/99, 102, 104, XXXIV/2b, 20 e 26).

MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas, Summer Welles. Rio de Janeiro, Washington, 19 jan. 1942. Correspondência sobre as repercussões, nos Estados Unidos, em torno da atuação do Brasil na Conferência dos Chanceleres e da fórmula aprovada nessa ocasião para rompimento com o Eixo. (GV c 1942.01.19). (Vol. XXXVII/12a, 15, 21a, e 21b).

MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 1 set. 1939. Carta sobre questões referentes à exportação de café e algodão e comentando a reação dos USA frente ao desenrolar da guerra na Europa. (GV c 1939.09.01). (Vol. XXXII/40).

MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 24 mai. 1940.. Carta sobre os entendimentos para um contato militar mais estreito entre o Brasil e os Estados Unidos; informando que o embaixador Caffery ficou encarregado dessa tarefa sigilosa e que mandará dois oficiais ao Brasil. Transcreve telegrama sobre possível movimento revolucionário em Buenos Aires; informa que as negociações em torno da siderurgia estão chegando ao seu final e comenta o poderio militar dos Estados Unidos em relação aos países da Europa. (GV c 1940.05.24). (Vol. XXXIII/86).



MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 4 set. 1942. Carta sobre o andamento de vários assuntos econômicos e militares e informando sobre a política exterior dos países da América do Sul. (GV c 1942.09.04). (Vol. XXXVIII/33).

MARTINS, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Washington, 16 jul. 1940. Carta sobre quebra de sigilo de informações confidenciais que envolvem a posição da França frente à guerra e à Alemanha e que provocou movimentação nos meios diplomáticos americanos e franceses. (GV c 1940.07.16). (Vol. XXXIV/8).

MARTINS, Carlos; VELOSO, Pedro Leão. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Roma, Washington, 18 mar. 1940. Telegramas sobre os objetivos da viagem de Summer Welles à Europa, contatos deste com Hitler e Mussolini, conferência entre estes dois governantes em Roma, os pontos da proposta alemã e as repercussões desses entendimentos na imprensa americana. (GV c 1940.03.18). (Vol. XXXIII/55a, 56a e 56b).

MARTINS, Décio. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Montevideu, 25 fev. 1942. Carta relatando a instabilidade política no Uruguai e informando sobre a atitudes da Argentina face às agressões alemãs, à influência nazista e à crise uruguaia. (GV c 1942.02.25). (Vol. XXXVII/41).

MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 17 fev. 1941. Carta sobre a entrada dos Estados Unidos na guerra, a iminente derrota da Alemanha e o interesse dos políticos americanos pelo Brasil. (GV c 1941.02.17) (Vol. XXXV/20).

MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 15 mai. 1941. Carta enviando notícias de Alzira e Ernâni do Amaral Peixoto, informando sobre o interesse americano pelo Brasil e as repercussões da fuga de R. Hess para a Inglaterra. (GV c 1941.05.15/1). (Vol. XXXV/54).

MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 10 fev. 1944. Carta de Maria Martins a Getúlio Vargas sobre notícias de agitações em Cuba, Chile, Brasil e outros países da América Latina, influência russa no continente e sugerindo exame de correspondência para obter maiores detalhes sobre essas informações. (GV c 1944.02.10/1). (Vol. XLIII/36b).

MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 28 mar. 1944. Carta tratando das eleições presidenciais nos Estados Unidos, de conspirações contra o Brasil articuladas na Argentina, das atividades de integralistas e exilados brasileiros e de aproximações diplomáticas com a Rússia. Em anexo cópia de artigo. (GV c 1944.03.28/1). (Vol. XLIII/64).

MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 5 jul. 1944. Carta sobre: eleição presidencial nos Estados Unidos; divergências entre Cordell Hull e Summer Welles; situação internacional; planos de Adolf Hitler; viagem de De Gaulle aos Estados Unidos; entendimentos e perspectivas para o final da guerra. (GV c 1944.07.05/2). (Vol. XLIV/31).

MARTINS, Maria. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 18 nov. 1944. Cartas sobre encontro entre Roosevelt, Stalin e Churchill, expondo as razões que levaram Roosevelt a não participar do encontro e os entendimentos a nível internacional para o reconhecimento da Rússia. Aborda também as relações entre Inglaterra e Argentina, a eleição de Roosevelt e a propaganda contra o Governo brasileiro. (GV c 1944.11.18). (Vol. XLV/38b e 45).

MEMORANDO DE CARLOS MARTINS. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Memorando de Carlos Martins sobre as relações argentino-americanas; comentando os planos da Alemanha na guerra; a posição estratégica da América do Sul em relação aos Estados Unidos e a necessidade da formação da "segunda frente". (GV c 1942.07.30/1). (Vol. XXXVIII/10c). Washington, 30 jul. 1942.

MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 3 out. 1941. Cartas relatando a amizade do Almirante Harold Starck, Chefe das Operações Navais dos Estados Unidos, para com o Brasil e os contatos que estabeleceu com ele. Informa também sobre as atitudes de autoridades americanas em relação aos governantes brasileiros, a oposição nesse país ao Estado Novo na qual se inclui o trabalho da maçonaria. (GV c 1941.10.03/1). (Vol. XXXVI/41, 47a, 47b e 56).

MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 3 out. 1941. Cartas relatando a amizade do Almirante Harold Starck, Chefe das Operações Navais dos Estados Unidos, para com o Brasil e os contatos que estabeleceu com ele. (GV c 1941.10.03/1).

MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 17 nov. 1941. Carta de Pontes de Miranda a Getúlio Vargas encaminhando sugestões para os procedimentos da substituição do embaixador brasileiro em Washington. (GV c 1941.11.17). (Vol. XXXVI/66b).

MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 10 out. 1942. Carta sobre campanha da imprensa americana contra o Brasil. (GV c 1942.10.10). (Vol. XXXIX/4).

MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 10 set. 1942. Carta relatando sua palestra com o Major De Seversky e sugerindo um encontro deste com o Ministro Salgado Filho. (GV c 1942.09.10). (Vol. XXXVIII/37b).

MIRANDA, Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 17 set. 1941. Carta de Pontes de Miranda a Getúlio Vargas narrando os resultados obtidos junto à imprensa americana em relação ao Brasil, os contatos que estabeleceu nos Estados Unidos, comentando o tipo de oposição que é feita ao regime brasileiro e avisando da compra clandestina de armamento mexicano. (GV c 1941.09.17/1). (Vol. XXXVI/26).

MIRANDA, Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 8 nov. 1941. Relatório e carta de Pontes de Miranda a Getúlio Vargas sobre sua participação na Conferência Internacional do Trabalho, relatando o desenrolar dos trabalhos, os pronunciamentos feitos e as críticas que as delegações mexicana e chilena dirigiram ao Brasil. (GV c 1941.11.08/3). (Vol. XXXVI/57 e 66c).

MIRANDA, Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 10 set. 1942. Carta relatando sua palestra com o Major De Seversky e sugerindo um encontro deste com o Ministro Salgado Filho. (GV c 1942.09.10). (Vol. XXXVIII/37b).

MIRANDA, Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 31 out. 1942. Carta sobre condições de exploração do petróleo brasileiro, política dos imigrantes argentinos nos Estados Unidos e enviando documento secreto e artigo. (GV c 1942.10.31). (Vol. XXXIX/14).

MIRANDA, Pontes de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 12 abr. 1943. Carta de Pontes de Miranda a Getúlio Vargas elogiando a atuação do embaixador americano, Herbert Pell. (GV c 1943.04.12). (Vol. XL/46).

MONTEIRO, Goés. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 4 jan. 1934. Carta criticando a formação liberal da Assembleia Constituinte, o caráter regionalista da política brasileira e a necessidade de um partido centralizador. Trata da proximidade de um novo confronto mundial e envia em anexo sugestões de uma política de guerra. (GV c 1934.01.04). (Vol. XIV, /16).

MONTEIRO, Góes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Resende, 14 ago. 1932. Tratando das necessidades de material bélico das forças governistas, providências tomadas para supri-las e estado geral do conflito. (GV c 1932.08.14). FGV-CPDOC.

MONTEIRO, Góes. [Memória nº4]. 28 ago. 1932. Memória nº4 para o Governo Provisório abordando as seguintes questões: precariedade das providências oficiais tomadas para enfrentar o estado de guerra; repercussão do levante de São Paulo sobre a situação interna do país; medidas de ordem econômica, ideológica, militar e diplomáticas necessárias para vencer o conflito. (GV c 1932.08.28). FGV-CPFOC.

MONTEIRO, Góes. [Memória nº6]. Cruzeiro, 29 set. 1932. Memória nº6, de Góes Monteiro, para o Governo Provisório analisando a situação geral da luta nos terrenos militar e político e os problemas a serem enfrentados no período de pós-guerra; informando sobre as operações realizadas pelas forças governistas durante o mês de setembro e abordando questões relativas ao comando das tropas e ao poder de combate dos paulistas. (GV c 1932.09.29). FGV-CPDOC.

MUSSOLINI, Benito. [Correspondência] Destinatário: José Carlos Macedo Soares. Genebra, 10 dez. 1935. Carta solicitando transmitir a Getúlio Vargas informações sobre a presença de elementos, subvencionados pela União Soviética, na Sociedade das Nações e os ataques feitos por estes elementos ao Brasil, através do "*Journal des Nations*", órgão oficioso da Sociedade das Nações. (GV c 1935.12.10/2). (Vol. XX/56).

OFICIO. Ofício do Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires ao Ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco, informando sobre paradeiro e atividades de Luís Carlos Prestes. Informa também sobre as atividades de propaganda comunista desenvolvidas por Barreto Leite Filho em Riviera e Livramento. (LV c 1932.07.20). FGV-CPDOC. Buenos Aires, 20 jul. 1932.

OLIVEIRA, Rafael Correia de. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 4 out. 1943. Carta relatando palestra com o vice-presidente americano, H. Wallace, versando sobre relações Estados Unidos-Brasil, posição desses países em relação ao conflito mundial, planos americanos para a América Latina e participação do Brasil na guerra. (GV c 1943.10.04). (Vol. XLII/18).

PESSOA, Pantaleão da Silva. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 16 mai. 1933. (GV c 1933.05.16/1). CPDOC-FGV.

PESSOA, Pantaleão da Silva. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 16 mai. 1933. Cartão enviando trechos censurados de conversas telefônicas sobre a situação política de São Paulo e informando sobre a greve dos estivadores em Santos. (GV c 1933.05.16/1). (Vol. XI/25a, 25b, 26).

PESSOA, Pantaleão da Silva. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 23 fev. 1934. Carta sobre a disposição de Flores da Cunha a aceitar a pasta de Ministro da Justiça, as articulações de Góes Monteiro com Flores da Cunha e Juraci Magalhães para solucionar o caso das eleições presidenciais, e preparação de uma greve geral por comunistas. (GV c 1934.02.23/2). (Vol. XIV/36).

PESSOA, Pantaleão da Silva. [Memória nº4]. 11 ago. 1932. Memória nº4 para o Governo Provisório expondo a precariedade de aparelhamento do Exército brasileiro e relacionando as aquisições de material a serem feitos em regime de urgência. (GV c 1932.08.11). FGV-CPDOC.

PINTO, João. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 11 dez. 1935. Carta felicitando-o pela atitude enérgica adotada na repressão ao movimento comunista e comentando a política do Gabinete Laval, na França. (GV c 1935.12.11/1). (Vol. XX/58).

PRADO, Abelardo Bretanha Bueno do. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha. 5 fev. 1937. Correspondência informando sobre o conteúdo das conversações mantidas pelo Ministro do Exterior, Macedo Soares, com as autoridades americanas e ressaltando a importância da permanência do adido naval brasileiro nos EUA a fim de tratar da questão do arrendamento dos destróiers. (GV c 1937.02.05).

PRESTES, Luís Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Estilac Leal. 26 nov. 1935. Carta convidando-o a participar do movimento deflagrado pela Aliança Nacional Libertadora e ressaltando que o prestígio do seu nome poderá diminuir a possível violência. (GV c 1935.11.26). (Vol. XX/82).

RELATÓRIO. Distrito Federal: Polícia Civil. Relatório de investigações na embaixada alemã e em círculos germânicos sobre a atitude do Brasil frente à guerra, situação dos alemães neste país, andamento do conflito na Europa e interesse político da Alemanha na América do Sul. (GV c 1940.05.31/2). (Vol. XXXIII/89). Rio de Janeiro, 31 mai. 1940.

RIBEIRO, Orlando Leite Ribeiro. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 3 jul. 1935. Carta sobre assuntos relacionados à sua visita à Argentina e sugerindo o nome de Afrânio de Melo Franco para chefe da Delegação brasileira na Conferência da Paz, em Buenos Aires. (GV c 1935.07.03/2). (Vol. XIX/3).

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Filinto Müller. Santiago, 26 mai. 1939. Carta informando sobre as articulações dos comunistas no Chile. (GV c 1939.05.26). (Vol. XXXI/79b).

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Filinto Müller. Santiago, 26 mai. 1939. Carta informando sobre as articulações dos comunistas no Chile. (GV c 1939.05.26). (Vol. XXXI/79b).

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 18 mar. 1933. Carta confirmando o envio de cartas, tendo em vista, a violação de sua correspondência e informando sobre as dificuldades encontradas no trabalho de fiscalização das atividades dos exilados políticos em Buenos Aires. (GV c 1933.03.18). (Vol. X/66).

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 2 dez. 1933. Carta sobre o andamento das conversações relativas ao conflito entre Bolívia e Paraguai, afirmando que considera a existência de petróleo na região do Chaco, como maior obstáculo à solução do conflito; comentando o inquérito sobre o atentado em São Tomé; opinando sobre a questão dos exilados brasileiros e pedindo solução para o seu caso dentro do corpo diplomático. (GV c 1933.12.02). (Vol. XIII/53). FGV-CPDOC.

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 9 dez. 1933. Carta de Orlando Leite Ribeiro a Getúlio Vargas comentando a atual posição do Governo argentino em relação a questão do Chaco, transmitindo referências elogiosas do Embaixador Ramon Cárcano sobre o Presidente brasileiro e informando que estabeleceu vigilância direta sobre alguns exilados brasileiros. (GV c 1933.12.09/1). (Vol. XIII/61). FGV-CPDOC

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 16 jun. 1934. Carta informando que, segundo os "boatos", os exilados brasileiros aguardam apenas a adesão de Góes Monteiro para deflagrar o movimento contra o Governo Provisório. (GV c 1934.06.16). (Vol. XV/40).

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 15 set. 1934. (GV c 1934.09.15/1). CPDOC-FGV.

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 7 ago. 1935. Carta informando ter agradecido, a todas as pessoas que o obsequiaram durante sua viagem a Argentina. (GV c 1935.08.07/1). (Vol. XIX/19b)

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 24 nov. 1937. Carta informando sobre a atuação intrigante de Saavedra Lamas em relação ao Brasil. (GV c 1937.11.24/1). (Vol. XXVIII/51).

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 28 jan. 1938. Carta narrando conversa com o secretário do Gal. Justo sobre soluções para a Conferência do Chaco, consultando-o sobre a possibilidade do Gal. Justo assumir a presidência da conferência e do Brasil e Argentina empreenderem conversações com a Bolívia e o Paraguai respectivamente. (GV c 1938.01.28/2). (Vol. XXIX/7).

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Buenos Aires, 10 fev. 1938. Carta informando quais os candidatos para o Ministério do Exterior da Argentina e comentando as repercussões da mediação do Brasil e Argentina no conflito Bolívia-Paraguai. (GV c 1938.02.10). (Vol. XXXI/25).

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Santiago, 9 dez. 1939. Cartas relatando os acontecimentos relativos a sua transferência de Santiago para Lima, decorrente de medidas arbitrárias, vinculadas a interesses contrários ao regime brasileiro, com influência na imprensa chilena. Em anexo cópia telegráfica de carta de Rubem Rosa a Orlando Leite Ribeiro negando existência de manobras inimigas contra este último. (LV c 1939.12.09).

RIBEIRO, Orlando Leite. [Correspondência]. Destinatários: Getúlio Vargas e David Alvisteguil. Rio de Janeiro, Buenos Aires, 7 nov. 1933. Correspondência sobre conflito entre o Paraguai e a Bolívia na região do Chaco, em que os Governos do Brasil e da Argentina se propõem a atuar como mediadores. Inclui: proposta da Bolívia em relação aos limites da zona de arbitragem; apoio do Brasil e da Argentina à proposta do Governo argentino junto ao paraguaio visando propor forma conciliatória; notícias sobre a posição irredutível do Paraguai em relação aos limites da zona de arbitragem. Inclui ainda referências sobre o atentado de São Tomé e sobre conspiração dos exilados brasileiros. (GV c 1933.11.07). (Vol. XIII/25, 26, 32, 35, 36, 39, 40, 47, 48, 49). FGV-CPDOC.

RIBEIRO, Orlando Leite. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 12 nov. 1937. Telegramas solicitando providências no sentido de melhorar a imagem do Brasil na Argentina e informando sobre a atitude do Gal. Justo face ao novo regime. (GV c 1937.11.12/3). (Vol. XXVIII/30a e 30b).

RIBEIRO, Orlando Leite. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 16 dez. 1937. Telegrama sobre data prevista para encontro entre os presidentes do Brasil e da Argentina. (GV c 1937.12.16/3). (Vol. XXVIII/90b).

ROÇAS, Aberlado. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Madrid, 9 fev. 1943. Telegramas sobre o avanço das forças aliadas no Mediterrâneo, atitude da Espanha em relação à guerra e informando sobre as condições da Turquia para entrar no conflito ao lado dos aliados. (GV c 1943.02.09). (Vol. XL/21, 25 e Vol. XLI/4).

ROCHA, Francisco. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Bahia, 30 abr. 1939. Carta informando que, pelas investigações feitas, não tem encontrado nenhum movimento conspiratório na Bahia e criticando a atuação do Interventor (Landulfo). Envia exemplar de carta dirigida a Roosevelt por elementos oposicionistas. (GV c 1939.04.30/1). (Vol. XXXI/67).

RODRIGUES, Miguel Alberto Crispim da Costa. [Correspondência]. Destinatário: João Alberto. São Paulo, 29 jul. 1931. Carta de Miguel Alberto Crispim da Costa Rodrigues a João Alberto enviando cópias de cartas remetidas a Getúlio Vargas, Laudo de Camargo e Oswaldo Aranha solicitando exoneração do comando e reforma como oficial da Força Pública de São Paulo e narrando as razões destes pedidos. Inclui também, cópia de palestras telefônicas interceptadas pela censura policial, durante sua gestão como Secretário de Segurança Pública. (GV c 1931.07.29). (Vol. III/16, 13, 14, 15, e 2).

RODRIGUES, Miguel Alberto Crispim da Costa. [Correspondência]. Destinatário: João Alberto. São Paulo, 29 jul. 1931. Enviando cópias de cartas remetidas a Getúlio Vargas, Laudo de Camargo e Oswaldo Aranha solicitando exoneração do comando e reformais como oficial da Força Pública de São Paulo e narrando as razões destes pedidos. Inclui também, cópia de palestras telefônicas interceptadas pela censura policial, durante sua gestão como Secretário de Segurança Pública. (GV c 1931.07.29). CPDOC-FGV.

ROOSEVELT, Franklin. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 9 dez, 1941. Telegrama agradecendo a solidariedade do Brasil frente ao ataque do Japão aos Estados Unidos. (GV c 1941.12.09). (Vol. XXXVI/77).

SALGADO, Plínio. [Correspondência]. Destinatário: Félix Contreiras Rodrigues. Lisboa, 20 out. 1939. Carta agradecendo correspondência e a intenção de dedicar-lhe o livro que está escrevendo. (GV c 1939.10.20/2). (Vol. XXXII/56).

SAMPAIO, Sebastião. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Praga, 26 nov. 1937. Carta elogiando o regime instaurado com a Constituição de 10 de novembro, ressaltando alguns pontos a serem considerados na política econômica e lembrando sua promoção. (GV c 1937.11.26). (Vol. XXVIII/58).

SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Paris, 31 out. 1935. Cartas encaminhando dois trabalhos de sua autoria sobre as relações comerciais franco-brasileiras e a crise no Gabinete Laval, enviando diversas publicações francesas e agradecendo a indicação do seu nome para diretor do Escritório de Propaganda do Brasil, a ser criado em Paris. (LV c 1935.10.31).

SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Madrid, 24 jul. 1933. Carta acusando recebimento de sua carta e de alguns livros, e transmitindo as condições de seu trabalho na legação do Brasil. (LV c 1933.07.24). FGV-CPDOC.

SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Paris, 29, dez. 1934. Cartas contendo comentários acerca da propaganda do café na Europa, pedindo que seja sugerido ao Departamento Nacional do Café um fiscal para controle de contratos de propaganda e lembrando seu nome para o referido cargo. (LV c 1934.12.29).

SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Madrid, 24 jul. 1933. Carta acusando recebimento de sua carta e de alguns livros, e transmitindo as condições de seu trabalho na legação do Brasil. (LV c 1933.07.24).

SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Paris, 29 dez. 1934. Cartas contendo comentários acerca da propaganda do café na Europa, pedindo que seja sugerido ao Departamento Nacional do Café um fiscal para controle de contratos de propaganda e lembrando seu nome para o referido cargo. (LV c 1934.12.29).

SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Paris, 15 jan. 1938. Carta sobre assuntos pessoais e pedindo orientação para informar os "círculos" franceses sobre o Brasil. (LV c 1938.01.15).

SILVA, João Pinto da. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Lisboa, 7 out. 1944. Cartas sobre assuntos pessoais. (LV c 1944.10.07).

SILVEIRA, Paula Matias de Assis. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nápoles, 22 fev. 1935. lamentando a morte do seu amigo Ronald de Carvalho e elogiando sua vida e sua obra. Inclui ainda comentários sobre política expansionista de Mussolini e sobre a situação política europeia. (. LV c 1935.02.22).

SILVEIRA, Paulo da. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Paris, 9 dez. 1938. Cartas de Paulo da Silveira a Getúlio Vargas e Luís Vergara comentando o perigo que os países totalitários representam para o Brasil, enviando informações sobre a atividade dos exilados políticos brasileiros em Paris e expondo os motivos de ordem pessoal e política que o levam a solicitar sua transferência para esta cidade. Em anexo resposta de Getúlio Vargas agradecendo as informações e pedindo para aguardar instruções. (GV c 1938.12.09). (Vol. XXX/78, 85 e XXXI/3).

SILVEIRA, Paulo Matias de Assis. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berna, 29 nov. 1935. Carta de Paulo Matias de Assis Silveira a Getúlio Vargas solidarizando-se pela atitude enérgica com que reprimiu o levante comunista. (LV c 1935.11.29).

SOARES, José Carlos de Macedo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. São Paulo, 20 out. 1933. Informando sobre a reunião da bancada paulista, onde ficou comprovado o interesse dos representantes de São Paulo em colaborar com o Governo deste Estado e com o chefe do Governo Provisório. (GV c 1933.10.20). (Vol. XIII/6).

SOARES, José Carlos de Macedo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 26 jan. 1937. Correspondência sobre a questão do arrendamento dos destroyers americanos ao Brasil. (GV c 1937.01.26).

SOARES, José Eduardo de Macedo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 31 dez. 1936. Cartas transmitindo pedido de demissão do Ministro das Relações Exteriores, José Carlos de Macedo Soares, em virtude de quebra de compromisso entre o Governo de São Paulo e o Governo Federal em torno da questão sucessória e solicitando que exija de Vicente Ráo, Ministro da Justiça, uma definição em relação ao problema. (GV c 1936.12.31/2).

SOARES, Macedo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 8 jan. 1936. Carta informando que o Embaixador dos Estados Unidos se manifestou contrário à sugestão do adido naval brasileiro em relação a aquisição dos cruzadores americanos. (GV c 1936.01.08/1). (Vol. XXI/8).

SOUSA, Carlos Martins P. e. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Washington, 5 jan. 1940. Carta informando sobre a formação do Comitê de Neutralidade e sobre boatos na imprensa visando a incompatibilidade entre ambos e a sua demissão da embaixada. (GV c 1940.01.05/2). (Vol. XXXIII/5).

SOUSA, Edigio da Câmara. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Chicago, 19 jul. 1940. Carta sobre o impacto causado nos EUA como a capitulação da França, a posição americana em relação ao Brasil, a reeleição de Roosevelt, e, informando sobre a situação material e as atividades do consulado brasileiro em Chicago. (GV c 1940.07.19). (Vol. XXXIV/9).



SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 10 jul. 1937. Carta de Luís Sparano a Getúlio Vargas enviando proposta de um novo tipo de arma, cuja licença para exportação já foi obtida do Ministério da Guerra italiano comunicando que escreveu a Sousa Costa pedindo solução urgente para as negociações com a Áustria relativas ao café brasileiro e informando sobre a situação comercial ítalo-brasileira. (GV c 1937.07.10).

SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 4 jan. 1937. Correspondência sobre a situação política do Rio Grande do Sul, contendo informações a respeito do encontro de Oswaldo Aranha e Flores da Cunha, encerramento dos trabalhos da Assembleia Estadual; compra de material bélico polonês pelo Governo do Rio Grande do Sul e viagem de Góes Monteiro ao sul do país com objetivo de inspecionar as regiões militares. (GV c 1937.01.04/1).

SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 4 jan. 1937. Correspondência sobre a situação política do Rio Grande do Sul, contendo informações a respeito do encontro de Oswaldo Aranha e Flores da Cunha, encerramento dos trabalhos da Assembleia Estadual; compra de material bélico polonês pelo Governo do Rio Grande do Sul e viagem de Góes Monteiro ao sul do país com objetivo de inspecionar as regiões militares. (GV c 1937.01.04/1).

SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 23 jul. 1937. Carta informando sobre uma campanha de propaganda, na imprensa italiana, pró Getúlio Vargas - Integralismo. (GV c 1937.07.23). (Vol. XXVI/87).

SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 2 set. 1938. Carta narrando seu encontro com Mussolini no qual tratou das relações comerciais entre Brasil e Itália, posição deste país em relação à guerra e das atitudes do embaixador italiano no Brasil, Vincenzo Lojacono. (GV c 1938.09.02/1). (Vol. XXX/30).

SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 7 fev. 1939. Carta encaminhando cópia da correspondência trocada por Oswaldo Aranha sobre o conflito diplomático Brasil-Alemanha provocado pelo embaixador Ritter, repercussão do caso na Itália, situação europeia frente a guerra, preocupação do governo italiano em relação aos emigrantes desse país residentes no Brasil e conversações mantidas em torno do acordo comercial Brasil-Itália. (GV c 1939.02.07). (Vol. XXXI/19, XXX/83, XXXI/12b e 15b, XXX/65, 75, 77, XXXI/12a).

SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 10 mar. 1939. Carta enviando documentos que atestam sua nacionalidade brasileira e solicitando que interceda no sentido de desfazer os boatos que se movem contra ele. (GV c 1939.03.10/2). (Vol. XXXI/45).

SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 7 jun. 1940. Carta sobre as impressões do Governo italiano em relação ao Brasil, a entrada da Itália na guerra, o poderio militar alemão, a capitulação da França e informando sobre o plano de Mussolini de preparar um grande bloco composto por Alemanha, França e Itália, e talvez a Espanha. (GV c 1940.06.07). (Vol. XXXIII/103).

SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 23 out. 1940.

Carta enviando conferência de Roberto Cantalupo intitulada "Continentalismo Americano", tratando da guerra na Europa, dos planos do Eixo em relação à Europa, da viagem do Ministro da Guerra, da Inglaterra, ao Egito e Palestina e da situação italiana. (GV c 1940.10.23/1). (Vol. XXXIV/61).

SPARANO, Luís. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 5 nov. 1940. Cartas de Luís Sparano a Getúlio Vargas sobre o desenrolar da guerra na Europa; relatando a situação político-militar na Itália, Grécia, Turquia, Bulgária e Irlanda; comentando a paz entre o Eixo e a França, a recusa da Espanha em participar da guerra, as consequências oriundas da participação do Estados Unidos no conflito mundial; e informando sobre os países neutros na Europa. (GV c 1940.11.05). (Vol. XXXIV/70, 72 e 78).

TELEGRAMA. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, Rio de Janeiro, 22 set. 1933. Telegramas informando sobre conspirações de exilados brasileiros na região de fronteira com Argentina e Uruguai contando com a participação de elementos do Exército. Inclui providências tomadas por Flores da Cunha, no sentido de conter o movimento. (GV c 1933.09.22). (Vol. XII/62, 65, 66, 67).

VALADARES, Benedito. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Belo Horizonte, 18 mai. 1937. Telegrama indagando se concorda com o nome de José Américo para sucessão presidencial. (GV c 1937.05.18/1).

VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 27, set. 1939. Carta sobre o conflito entre Inglaterra, França e Alemanha e relatando a repercussão interna da guerra neste último país. (GV c 1939.09.27). (Vol. XXXII/46).

VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 16 fev. 1940. Carta sobre as repercussões, na Alemanha, da viagem de Summer Welles à Europa, a disposição alemã em participar da guerra e as dificuldades para obtenção da paz. (GV c 1940.02.16). (Vol. XXXIII/36).

VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 5 mar. 1940. Carta tratando das dificuldades para a obtenção de um equilíbrio a nível mundial e das possibilidades com que conta a Alemanha para transforma-se em potência hegemônica na Europa. (GV c 1940.03.05). (Vol. XXXIII/47).

VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 12 mai. 1939. Carta de Viro de Freitas Vale a Getúlio Vargas relatando contatos do embaixador brasileiro na Bolívia, Camilo de Oliveira, com o novo presidente deste país sobre reconhecimento do Brasil ao novo governo, nova constituição baseada na brasileira e construção de estrada de ferro. (GV c 1939.05.12/1). (Vol. XXXI/73).

VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 2 abr. 1940. Carta sugerindo a realização de uma conferência dos embaixadores brasileiros na Europa a fim de trocarem suas impressões sobre a crise mundial e informando sobre a situação político-militar da Alemanha frente à guerra. (GV c 1940.04.02). (Vol. XXXIII/66).

VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 23 out. 1940. Carta relatando a guerra de extermínio entre Alemanha e Inglaterra, e expansão territorial do conflito e informando sobre as pretensões alemãs na América do Sul. (GV c 1940.10.23/3). (Vol. XXXIV/62).

VALE, Ciro de Freitas. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Berlim, 25 ago. 1940. Carta de Ciro de Freitas Vale a Getúlio Vargas tratando da derrota da França, a correlação de forças militares na Europa, as chances de uma vitória da Alemanha, comentando as repercussões da guerra para o comércio e a política brasileira e enviando sugestões. (GV c 1940.08.25). (Vol. XXXIV/30).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. 4 jan. 1937. Correspondência sobre a situação política do Rio Grande do Sul, contendo informações a respeito do encontro de Oswaldo Aranha e Flores da Cunha, encerramento dos trabalhos da Assembleia Estadual; compra de material bélico polonês pelo Governo do Rio Grande do Sul e viagem de Góes Monteiro ao sul do país com objetivo de inspecionar as regiões militares. (GV c 1937.01.04/1).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Afrânio de Melo Franco. 14 dez. 1931. Recusando seu pedido de demissão do cargo de Ministro do Exterior e afirmando não haver qualquer influência da crise política mineira sobre sua gestão naquele Ministério. (GV c 1931.12.14/2). CPDOC-FGV.

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Agustin Justo. Rio de Janeiro, 30 out. 1940. Carta sobre a viagem do Ministro Frederico Pinedo ao Brasil, comunicando as conversações entre ambos e que os preparativos militares do Brasil e Argentina não devem ser preocupação para as relações entre os dois países. (GV c 1940.10.30). (Vol. XXXIV/67).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Carlos Martins P. e Sousa. Rio de Janeiro, 1 dez. 1939. Carta comunicando que o assunto siderúrgico é o que merece maior atenção no momento e informando sobre negociações com a Krupp e com a *United States Steel*. (GV c 1939.12.01/1). (Vol. XXXII/75).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Franklin Roosevelt. Rio de Janeiro, 8 jan. 1936. Carta ressaltando que o Tratado Comercial Brasil-Estados Unidos dever ser considerado como uma etapa do relacionamento político e comercial crescendo entre os dois países. (GV c 1936.01.08/2). (Vol. XXI/9).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: João Gomes Ribeiro. Rio de Janeiro, 20 mai. 1933. Carta solicitando um plano de ação para defesa da zona de fronteira do Paraná, região do Iguaçu. (GV c 1933.05.20/1). FGV-CPDOC.

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: João Neves. Rio de Janeiro, 14 nov. 1945. Cartas entre Getúlio Vargas e João Neves sobre a inconveniência do lançamento da candidatura deste à presidência da República e sobre a necessidade do apoio eleitoral do Rio Grande do Sul ao General Dutra. Inclui, como anexos, carta para Protásio Vargas acerca do assunto e carta de Gaspar Dutra ao PTB expondo os termos do seu compromisso político com este Partido que estabelecem a concessão da Pasta do Trabalho a um membro petebista (GV c 1945.11.14). (Vol. XLVII/55a, 55b, 55c, 61a e 61b).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Luís Vergara. Rio de Janeiro, 20 jul. 1935. Bilhete autorizando sua contratação para o cargo de secretário da presidência. (LV c 1935.07.20).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 16 out. 1935. Carta sobre a instalação do Bureau Comercial na Embaixada brasileira em Washington e a posição do Brasil em relação a guerra ítalo-etíope. (GV c 1935.10.16/2). (Vol. XIX/73).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 14 dez. 1935. Carta relatando o levante comunista em Recife, Natal e Rio de Janeiro e sua conversa com o Embaixador inglês sobre as relações do Brasil com a Itália, posição face a Guerra Ítalo-etíope e a Liga das nações. (GV c 1935.12.14). (Vol. XX/60).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Petrópolis, 4 fev. 1935. Cartas abordando as seguintes questões: tratado comercial com os Estados Unidos; situação do Brasil no mercado de câmbios; nomeação de adido naval; viagem de uma comissão de militares aos Estados Unidos e assuntos familiares. (LV c 1935.02.04).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 2 jan. 1936. Carta informando que Flores da Cunha está negociando um acordo com a oposição gaúcha, comunicando que vai providenciar as publicações solicitadas para a Embaixada, tratando da substituição do adido naval e de outros assuntos diplomáticos e políticos. (GV c 1936.01.02). (Vol. XXI/3).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 7 fev. 1936. Carta informando que enviará carta ao Presidente Roosevelt sobre a questão naval e sobre a possibilidade de transferência de Ciro de Freitas Vale para a Bolívia. (GV c 1936.02.07). (Vol. XXI/42).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 7 fev. 1936. Carta informando que enviará carta ao Presidente Roosevelt sobre a questão naval e sobre a possibilidade de transferência de Ciro de Freitas Vale para a Bolívia. (GV c 1936.02.07). (Vol. XXI/42).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 15 mai. 1936. Carta sobre a compra dos navios americanos, a Conferência de Paz, em Buenos Aires, e informando a respeito do projeto, em andamento, criando o Instituto de Resseguro e nacionalizando as empresas de seguro. (GV c 1936.05.12/1). (Vol. XXII/42).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 28 mai. 1936. Carta informando que recomendou, ao Ministro do Exterior, maior reserva em relação aos assuntos tratados com a Embaixada em Washington e comentando as manifestações comunistas contra o Governo brasileiro, em virtude da prisão de Prestes. (GV c 1936.05.28). (Vol. XXII/55).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 25 jun. 1936. Carta lamentando o fracasso das negociações sobre os cruzadores. (GV c 1936.06.25). (Vol. XXIII/74).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 25 jun. 1936. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha lamentando o fracasso das negociações sobre os cruzadores. (GV c 1936.06.25). (Vol. XXIII/74).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 17 ago. 1936. Carta informando que enviará Marques dos Reis, como representante especial do Brasil na conferência mundial de energia, e que aguarda notícias sobre o caso dos navios. (GV c 1936.08.17/1). (Vol. XXIII/52).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 4 set. 1936. Carta comunicando que ainda não foi informado, pelo Itamarati, sobre o projeto do Pacto de Segurança Coletiva. (GV c 1936.09.04/2). (Vol. XXIII/66).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 8 dez. 1936. Carta expondo os motivos da exoneração do Ministro da Guerra. (GV c 1936.12.08). (Vol. XXIV/84a).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 28 out. 1937. Carta manifestando interesse pela vinda do representante do *Export-Import Bank* ao Brasil, informando sobre projeto para siderúrgica e justificando a intervenção no Rio Grande do Sul. (GV c 1937.10.28/1).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 17 jun. 1937. Carta opinando sobre as questões da dívida externa, comércio com Alemanha e compra de material bélico aos EUA e informando sobre a política brasileira e a candidatura de José Américo à Presidência da República. (GV c 1937.06.17/2).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 14 mai. 1937. Carta comunicando as providências tomadas para evitar a campanha contra o Brasil desenvolvida pela imprensa estrangeira e informando sobre o andamento da campanha sucessória. (GV c 1937.05.14/2).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 17 jun. 1937. Carta opinando sobre as questões da dívida externa, comércio com Alemanha e compra de material bélico aos EUA e informando sobre a política brasileira e a candidatura de José Américo à Presidência da República. (GV c 1937.06.17/2). (Vol. XXVI/64).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 8 nov. 1937. Carta informando sobre a situação política e a necessidade de uma reforma da Constituição e afirmando contar com a sua colaboração de amigos e patriota, dissipando possíveis apreensões do Governo americano quanto à continuidade da atual política entre os dois países. (GV c 1937.11.08/1). (Vol. XXVIII/10).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 6 dez. 1937. Carta justificando as resoluções tomadas, com base na nova Constituição, em relação ao café, ao câmbio e ao pagamento das dívidas externas e afirmando que o Estado Novo resultou de necessidades internas e não de influências estrangeiras. (GV c 1937.12.06). (Vol. XXVIII/78).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário; Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 10 mai. 1935. Carta elogiando sua atuação na Embaixada; sugerindo maior reserva nas informações fornecidas aos correspondentes de jornais, sobretudo em relação a política interna brasileira e comunicando a saída de Góes Monteiro do Ministério da Guerra. (GV c 1935.05.10/1). (Vol. XVIII/62).

VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 24 out. 1930. (GV c 1930.10.24/1). CPDOC-FGV.

VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 6 jan. 1937. Telegrama de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha informando sobre a situação política de São Paulo, após demissão do Ministro da Justiça, e sobre as alternativas políticas de Flores da Cunha. (GV c 1937.01.06).

VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 6 jan. 1937. Telegrama informando sobre a situação política de São Paulo, após demissão do Ministro da Justiça, e sobre as alternativas políticas de Flores da Cunha. (GV c 1937.01.06).

VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Aranha. Telegrama informando sobre a situação política de São Paulo, após demissão do Ministro da Justiça, e sobre as alternativas políticas de Flores da Cunha.

VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Oswaldo Euclides de Sousa Aranha. (GV c 1930.10.17/2). CPDOC-FGV.

VARGAS, Lutero Carmanho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Jul. 1944. Carta de Lutero Sarmanho Vargas a Getúlio Vargas comentando a imagem do Brasil nos Estados Unidos e recomendando sua visita oficial a esse país. (GV c 1944.07.00/2). (Vol. XLIV/29c).

VARGAS, Lutero Sarmanho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Memphis, Berlim, 1939. Cartas informando sobre o andamento de suas atividades escolares, a situação político-militar na Alemanha, comentando os aspectos do regime nazista, o desenrolar da guerra na Europa, a posição da Alemanha em relação ao governo brasileiro, a imigração de judeus para o Brasil, seus contatos com diplomatas e políticos no exterior, a viagem de Cordeiro de Farias à Alemanha, etc. (GV c 1939.00.00/4).

VARGAS, Lutero Sarmanho. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova Iorque, 1942. Carta comentando as possibilidades de maiores investimentos americanos no Brasil após a guerra e os contatos políticos e sociais que tem efetuado nos Estados Unidos. (GV c 1942.00.00/2). (Vol. XXXVII/83).

VARGAS, Viriato Dornelles. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 8 mar. 1937. Carta manifestando sua descrença em uma solução política para o caso do Rio Grande e afirmando que o único objetivo de Flores da Cunha é tentar evitar a sua permanência na Presidência da República. Em anexo resposta de Getúlio reafirmando sua confiança no Gal. Esteve e no Gal. Góes Monteiro. (GV c 1937.03.08/2). (Vol. XXV/51a e 51b).

VARGAS, Getúlio. [Telegrama]. Destinatário: Benedito Valadares. 10 out. 1937. Telegramas sobre execução do estado de guerra. (GV c 1937.10.10).

VELOSO, Pedro Leão. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 8 mai. 1940. Carta narrando a estadia de Lutero Vargas em Roma, o encontro deste com Mussolini e informando sobre os preparativos da Itália para intervir na guerra ao lado da Alemanha. (GV c 1940.05.08/1). (Vol. XXXIII/77).

VELOSO, Pedro Leão. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 8 mai. 1940. Carta narrando a estadia de Lutero Vargas em Roma, o encontro deste com Mussolini e informando sobre os preparativos da Itália para intervir na guerra ao lado da Alemanha. (GV c 1940.05.08/1). (Vol. XXXIII/77).

VERGARA, Luís Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 1934. Nota analisando a situação do café brasileiro no mercado internacional. (LV c 1934.00.00). FGV-CPDOC.

VERGARA, Luís Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, set. 1934. Relatório contendo impressões colhidas durante sua estadia na Europa, sobre a situação política e econômica deste continente e oferecendo sugestões para melhor utilização das missões diplomáticas e consulados como instrumento de propaganda do Brasil. Inclui ainda sugestões para definição de critérios relativos a ajuda de custos aos representantes no exterior. (LV c 1934.09/12.00). FGV-CPDOC.

VERGARA, Luís Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nov. 1944. Carta sobre a situação de inquietação generalizada imposta pela guerra mundial e sugerindo mudanças nos quadros governamentais frente ao desgaste de alguns elementos face à opinião pública. (LV c 1944.11.00).

VERGARA, Luís Fernandes. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 24 nov. 1945. Carta sobre eleições presidenciais, recomposição do secretariado presidencial, atuação do novo governo e comentando a necessidade de uma aliança entre PSD e PTB. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas criticando a atuação dos militares e comentando as eleições. (GV c 1945.11.24/2). (Vol. XLVII/62b e 65b).

VIEIRA, Caio Júlio Cesar. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 10 nov. 1944. Cartas relatando suas palestras com o Gal. Orlando Peluffo e com Peron sobre: convocação da 4ª Reunião de Consulta dos Países Americanos; proposta para que o Brasil seja convocador de tal Reunião e os objetivos da conferência. Inclui informações relativas à recusa americana em aceitar a convocação, repercussões dessa atitude na Argentina, comentários sobre atuação de Peron e a situação política interna neste país. (GV c 1944.11.10). (Vol. XLV/36, 42 e 48).

